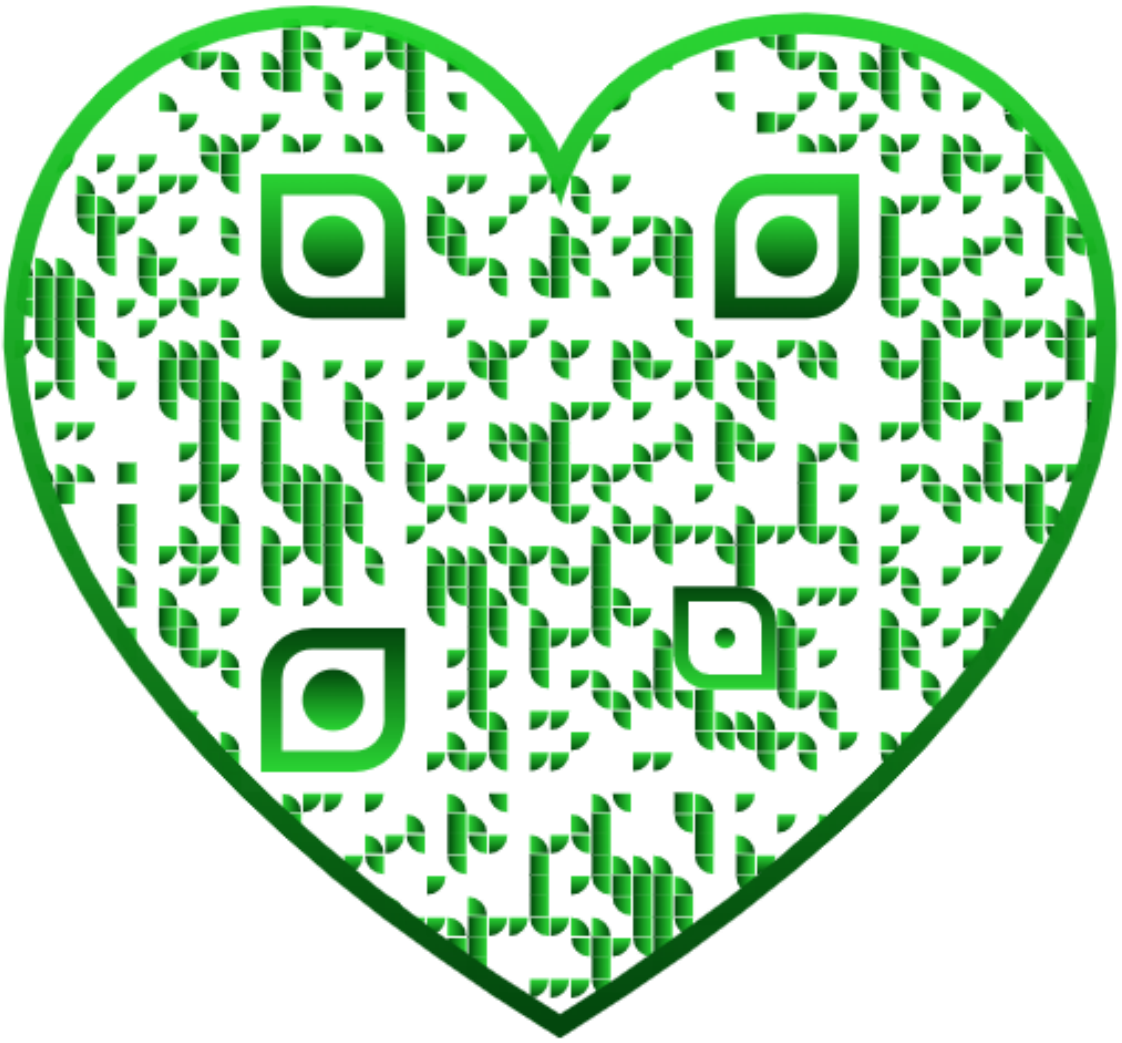
THE BEATLES

A ÚNICA BIOGRAFIA AUTORIZADA

HUNTER DAVIES

BestSeller



Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros

e-Livros.xyz

THE BEATLES

A ÚNICA BIOGRAFIA AUTORIZADA

HUNTER DAVIES

Tradução
Elisa Christophe

1ª edição

BestSeller

RIO DE JANEIRO | 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Davies, Hunter, 1936-1980
D271b The Beatles [recurso eletrônico] / Hunter Davies; tradução Elisa Christophe. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Best Seller, 2015.
recurso digital

Tradução de: The Beatles
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7684-921-6 (recurso eletrônico)

1. Beatles (Conjunto musical). 2. Grupos de rock - Inglaterra - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

15-22012

CDD: 927.8166
CDU: 929:78.067.26

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original
THE BEATLES
Copyright © 1968, 1985, 2002, 2009 by Hunter Davies
Copyright da tradução © 2015 by Editora Best Seller Ltda.

Capa adaptada do original de Gregg Kulick
Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA BEST SELLER LTDA.
Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão
Rio de Janeiro, RJ — 20921-380
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7684-921-6

Seja um leitor preferencia l Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

SUMÁRIO

Introdução

PARTE UM:
LIVERPOOL

1 John
2 John e os Quarrymen
3 Paul
4 Paul e os Quarrymen
5 George
6 George e os Quarrymen
7 John na Escola de Artes
8 De Quarrymen a Moondogs
9 Stu, a Escócia e os Silver Beatles
10 O Casbah
11 Hamburgo
12 Astrid e Klaus
13 Liverpool – Litherland e o Cavern

14 Passando o tempo – Liverpool e Hamburgo

15 Brian Epstein

16 Brian contrata os Beatles

17 Decca e Pete Best

18 Ringo

19 Ringo com os Beatles

PARTE DOIS:
LONDRES E O MUNDO

20 George Martin e Dick James

21 Em turnê

22 Beatlemania

23 EUA

24 Grã-Bretanha e de volta aos EUA

25 O fim das turnês

26 A morte de Brian Epstein

27 Os Beatles, das drogas ao Maharishi

PARTE TRÊS:
1968

28 Amigos e pais

29 O império dos Beatles

30 Os Beatles e suas músicas

31 John

32 Paul

33 George

34 Ringo

PARTE FINAL

Pós-escrito 1985

Apêndice A

Apêndice B

Créditos de imagens e agradecimentos

INTRODUÇÃO

Hoje faz quarenta anos (bem, mais ou menos) que este livro foi lançado pela primeira vez. Ele foi publicado em 1968 e nunca imaginei que ainda estaria sendo impresso tantos anos depois. A maior parte do livro está idêntica a quando foi publicado então, fresco, direto de suas bocas, sem alterações, sem polimento – um registro do que eles estavam pensando e fazendo nos anos 1960 e de como chegaram lá. Ele é agora encarado como o que é chamado de "fonte primária", o que parece querer dizer que outras pessoas se sentem livres para retirar citações e outras coisas dele – porque, é claro, muitos dos personagens que aparecem aqui não estão mais por perto para dar entrevistas. Tenho resistido à tentação de reescrever ou alterar o livro original, de aperfeiçoá-lo ou desenvolvê-lo sob o benefício da retrospectiva, que sempre nos torna mais inteligentes e perspicazes do que éramos no passado.

Mas aqui, no começo deste livro, adicionei um material novo, na tentativa de atualizar a história deles e refletir sobre os acontecimentos recentes, além de explicar como acabei escrevendo esta obra para início de conversa. Então, ao final, também adicionei algumas notas e opiniões com relação a pessoas que conheci, tanto quando estava escrevendo este livro como depois, após elas serem mencionadas no texto, e que já faleceram.

Quando comecei a preparar esta nova edição, fui olhar meus arquivos antigos, álbuns e memorabilia dos Beatles – que, claro, continuam a aumentar sempre, já que ainda sou um colecionador louco e bobo de qualquer coisa da banda – quando encontrei uma letra escrita a mão, que havia esquecido completamente que existia.

É a letra de George, que todos os verdadeiros fãs dos Beatles vão reconhecer, mas não é uma música que ele tenha gravado, ou, até onde eu saiba, para a qual tenha nem mesmo criado uma melodia.

No verso estão instruções de como chegar até a casa de campo de Brian Epstein em Sussex, escritas a mão por Brian, que ele havia provavelmente entregado a George. Então, como peça

de memorabilia dos Beatles, há um duplo interesse. As oito frases de George, como escritas por ele, são as seguintes:

Im happy to say that its only a dream
[Estou feliz em dizer que é apenas um sonho]
when I come across people like you,
[quando encontro pessoas como você,]
its only a dream and you make it obscene
[é apenas um sonho e você o torna obsceno]
with the things that you think and you do.
[com as coisas que você pensa e faz.]
your so unaware of the pain that I bear
[você não sabe da dor que eu carrego]
and jealous for what you cant do.
[e inveja daquilo que você não pode fazer.]
There's times when I feel that you haven't a hope
[Há momentos em que sinto que você não tem esperança]
But I also know that isn't true.
[Mas também sei que isso não é verdade.]

Há apenas uma rasura, um S perdido no primeiro "that", que sugere que esta não era a primeira versão. Tenho certeza de que na versão final ele teria inserido as apóstrofes esquecidas em palavras como "youre", já que ele estudou gramática na escola. A letra soa como angústia juvenil, talvez algo escrito alguns anos antes e que ele tinha por perto no dia em que pedi para ele uma amostra de sua caligrafia.

Não consigo me lembrar de quando exatamente ele me deu essa letra ou o que disse a respeito, mas, em retrospecto, deve ter sido por volta de 1967, quando o visitei na sua casa em Esher. Ele tinha 23 ou 24 anos.

Pedi para John e Paul alguma amostra de suas caligrafias, algumas de suas letras, para usar no livro, e fiz o mesmo com George, que então me deu isso. Mais tarde, no entanto, George me deu uma amostra melhor, a letra escrita a mão de "Blue Jay Way", que se tornou uma música dos Beatles (do álbum *Magical Mystery Tour*). Essa era obviamente mais adequada e interessante que o pedaço de papel que ele havia me dado antes, então nunca usei aquele trecho no livro ou nas edições seguintes, apenas coloquei-o em uma gaveta e me esqueci dele. Até

agora. É tarde demais para perguntar a George qual foi sua inspiração quando ele escreveu essa letra, de onde as estrofes vêm, ou se ele eventualmente fez um arranjo musical para ela.

Entrei em contato com a sua viúva, Olivia, já que ela precisava me dar permissão para reproduzir a letra. Ela confirmou que aquela era a letra de George e que soava como a voz dele, mas não sabia nada a respeito, já que ele a havia composto muito antes de se conhecerem. Também enviei uma carta para a primeira esposa de George, Pattie Boyd, que confirmou que aquela era sua letra, mas ela também não tinha nenhum conhecimento sobre seu conteúdo.

Agora, vou entregá-la à Biblioteca Britânica para que ela faça parte da coleção que eles têm sobre os Beatles. Eles possuem exemplos das letras de John e de Paul em exposição no salão de manuscritos, ao lado da Magna Carta, de Shakespeare, Beethoven e Wordswoth, mas até hoje não tinham nada escrito por George.

Essas letras são pedaços de papéis jogados fora, que recolhi do chão de Abbey Road e que os Beatles disseram que eu poderia guardar de presente e como referência para a seção sobre a música deles. Caso contrário, os faxineiros as teriam queimado.

Sempre guardo todos os pedaços de papel, bilhetes, cartas, documentos, ingressos ou lixo que tenham a ver com todos os livros que escrevi, mas é claro que não sabia que, muitos anos mais tarde, depois de a Sotheby's ter feito seu primeiro leilão de memorabilia pop em 1981, isso viria a valer tanto. Quando eu as ofereci para o Museu Britânico (onde elas foram expostas primeiro), achei que eles iriam recusá-las, que iriam considerá-las muito triviais e efêmeras. No meu testamento deixei escrito que gostaria que elas fossem doadas à nação.

Olivia e a Biblioteca Britânica estão felizes por agora haver uma amostra da letra de George no salão de manuscritos, ao lado das de Paul e John.

A moral dessa breve história é que, quarenta anos atrás, eu não considerei esse pedaço de papel valioso o suficiente para incluí-lo no livro. Quarenta anos depois, as coisas mudaram.

Um dos muitos especialistas em Beatles pelo mundo – e são muitos hoje em dia, todos incrivelmente inteligentes e escolados –, poderá oferecer, tenho certeza, algumas pistas sobre o conteúdo e a história dessa letra. Quem era a garota que ele estava sonhando a respeito? Seria a sua então esposa Pattie, outra pessoa, ou alguém de sua adolescência? E até mesmo: será que era sobre uma garota? Minha suspeita é que era sobre um garoto – na forma de John Lennon. George tinha apenas 14 anos quando encontrou John pela primeira vez, o líder mandão da banda, e John, como sabemos, podia ser muito cruel e obsceno. Mas, ao mesmo tempo, George era um guitarrista excelente, muito melhor que John – e talvez John estivesse com um pouco de inveja dele por esse motivo? Muitas pessoas achavam que John era um caso perdido e que nunca sossegaria e teria um emprego de verdade – algo que o próprio John temia. Mas George não acreditava nisso e tinha fé em John, o que poderia ser o significado das duas últimas frases. Acadêmicos irão analisar cada frase, ponderar se qualquer uma delas foi retirada de outro lugar. Quais foram as influências poéticas? Será que "your so unaware of the pain that I bear"

tem uma rima interna boa ou é muito desajeitada, confusa e derivativa? Deixo tudo isso para os especialistas decidirem.

Alguns podem achar bobagem, mas hoje em dia pouco me surpreende com relação ao interesse contínuo nos Beatles. De fato, parece que, quanto mais o tempo passa, maiores eles se tornam.

Houve um período em meados dos anos 1970 quando parecia que o estrelato deles poderia diminuir, que eles seriam ultrapassados por grupos e cantores mais novos, mais bem-sucedidos, mais populares, e que novos estilos, novos tipos de música eventualmente fariam dos Beatles algo velho, um tanto datado, muito anos 1960. Se olharmos para os fatos e as estatísticas, isso realmente aconteceu, com pessoas como Michael Jackson vendendo uma quantidade enorme de cópias de um álbum específico, quebrando alguns dos recordes de vendas dos Beatles. Contudo, no fim das contas, os Beatles, como força criativa, nunca desapareceram. Toda vez em que há uma pesquisa sobre músicos, fãs de música pop ou mesmo junto ao público em geral, os Beatles estão sempre no topo como um dos grupos mais importantes, mais influentes, mais amados, mais fabulosos da história do universo. Bem, pelo menos na mente e na memória das pessoas vivas. O *Sergeant Pepper* é em geral aclamado como o melhor álbum, e sua capa como a melhor de todos os tempos.

As vendas de suas velhas canções e álbuns, reembalados e reeditados como no *Anthology*, continuam a atingir a casa dos milhões. Em 2000, a compilação de seus maiores hits chegou ao topo das paradas em 34 países.

No início dos anos 1980, fui convidado a participar da banca de um estudante, que estava fazendo doutorado sobre letras dos Beatles na Universidade de Londres. Eu achei que era piada. Não podia acreditar que uma universidade tão respeitada teria concordado com algo desse tipo. Agora isso é completamente normal. Hoje existem escolas, faculdades e universidades por todo o mundo que ensinam, estudam, analisam e pesquisam os Beatles.

Mais livros são lançados todo ano sobre os Beatles do que antigamente e toda semana há uma conferência sobre eles acontecendo em algum lugar. No Japão, por exemplo, há cerca de quarenta eventos sobre os Beatles por ano, e eles possuem um museu incrível dedicado a John Lennon. Há dezenas de bandas cover dos Beatles em dezenas de países, tocando permanentemente em boates e casas de shows ao redor do mundo.

Liverpool acordou para as possibilidades turísticas criadas pelos seus rapazes locais relativamente tarde. A cidade agora tem um hotel chamado Hard Day's Night, seu aeroporto foi rebatizado de Liverpool John Lennon Airport e a cada ano centenas de milhares de pessoas participam de passeios dos Beatles. A casa de Paul, agora sob os cuidados do National Trust, está aberta para o público, assim como a casa onde John morou com sua tia Mimi.

Minha estimativa é de que cerca de 5 mil pessoas ao redor do mundo vivem hoje dos Beatles – escritores, pesquisadores, negociantes, acadêmicos, artistas, vendedores de *souvenirs*,

organizadores de eventos, pessoas da indústria do turismo, hotelaria e museus. Mesmo no seu auge, a Apple, a empresa dos Beatles, nunca empregou mais do que cinquenta pessoas.

O preço da memorabilia dos Beatles é inacreditável, especialmente se for qualquer coisa dita original. Em 2008, o manuscrito de "A Day in the Life" foi vendido pela Bonhams em Nova York por 1,3 milhões de libras. O conjunto de autógrafos dos Beatles em uma foto pode ser vendido por 5 mil libras – em comparação com as 50 libras cobradas em 1981, quando a indústria dos Beatles começou.

Em 1975, nossa casa foi assaltada e um dos itens roubados foi a cópia do álbum *Sergeant Pepper*, assinada por todos os quatro. A seguradora me pagou 3,50 libras, o custo para restituir o disco. Não havia valor real nas assinaturas, apenas sentimental. Hoje, elas valem cerca de 50 mil libras.

Algumas semanas atrás, tive uma perda de tipo diferente. Por quarenta anos, desde que este livro foi lançado, mantive as fotos originais dos Beatles, tiradas por Ringo especialmente para o livro, penduradas na parede. Nunca tinha me dado conta de que o lavabo do andar de cima estava vazando até que mofo começou a aparecer nas molduras. Infelizmente, três fotos estão destruídas.

Sempre me divirto quando escuto torcedores de futebol italianos ou de outro país europeu cantando "Yellow Submarine" – com suas próprias palavras, claro. Imagino se a Sony, que hoje detém os direitos autorais do catálogo dos Beatles, vai tentar cobrar uma taxa das redes de TV que transmitem os jogos. Provavelmente a maioria dos torcedores italianos se surpreenderia ao descobrir que se trata de uma música dos Beatles.

Daniel Levitin, um professor de música da Universidade McGill, em Montreal, previu em 2007 que as canções e letras dos Beatles são agora conhecidas por tantas pessoas ao redor do mundo que em cem anos elas se tornarão cantigas infantis. "A maioria das pessoas vai esquecer quem as escreveu. Elas se tornarão tão arraigadas na cultura popular que vai parecer que elas sempre existiram como 'O Susannah', 'This Land Is Your Land' e 'Frère Jacques'."

Em 2007, um juiz de Montana, EUA, mostrou seu conhecimento dos Beatles em sua sentença, enquanto condenou um homem por roubar cerveja. O acusado, quando questionado qual deveria ser sua sentença, aparentemente respondeu: "Como diriam os Beatles: 'Let It Be' (Deixe estar)." Isso inspirou o juiz a incluir 42 músicas diferentes dos Beatles na sua sentença final, que dizia:

"Não é preciso um 'Magical Mystery Tour' (Tour misterioso e mágico) de interpretação para saber que 'The Word' (A palavra) significa deixá-lo sozinho. Eu confio que nós podemos 'Come Together' (Nos unir) neste significado. Se eu ignorasse suas ações, eu estaria ignorando

aquele 'Day in the Life' (Dia na vida) de 21 de abril de 2006. Naquela noite você disse para si mesmo 'I Feel Fine' (Eu me sinto bem), enquanto bebia cerveja. Mais tarde, se você queria 'Money' (Dinheiro) ou se estava apenas tentando 'Act Naturally' (Agir naturalmente), você se tornou 'The Fool on the Hill' (O idiota da colina)... Espero que você possa dizer 'When I'm Sixty-Four' (Quando eu tiver 64 anos) que 'I Should Have Known Better'... (Eu deveria ter sido mais esperto)."

Arquivos antigos são revirados para produzir filmes e gravações supostamente nunca vistos antes ou encontrar fotos dos Beatles desconhecidas ou que nunca foram publicadas. Normalmente, essas imagens são as mesmas de sempre, mas a partir de um ângulo ligeiramente diferente, ou mais fora de foco, o que não impede que os fotógrafos as reciclem em livros e exposições, ou as imprimam e vendam por centenas de libras em edições limitadas assinadas pelo fotógrafo.

É claro que não posso criticá-los, tendo tirado do fundo do baú aquela velha letra do George e estando sempre à procura de uma "nova" foto. Acabei de comprar uma que nunca tinha visto, tirada em Carlisle, minha cidade natal, em 1963, quando os Beatles se apresentaram no Cinema Lonsdale. É um foto deles em um elevador com uma funcionária cheia de atitude. Me faz sorrir. O fotógrafo é Jim Turner, do *Cumberland News* – e sim, eu pedi que ele assinasse a imagem para mim.

Assim como novidades sempre aparecem, material velho é constantemente revirado e reavaliado, no caso de haver ângulos ou algo que não foi percebido de primeira. Eu achava que todo o arquivo da BBC de aparições dos Beatles tinha se esgotado, mas uns arquivos de 1962 foram revistos recentemente e revelaram que, após os Beatles terem feito um teste em Manchester para se apresentarem em um programa de rádio, o produtor fez algumas anotações. Estas incluíam: "Paul McCartney não, John Lennon sim. Um grupo incomum, não é muito rock como a maioria. Mais country e western, com uma tendência a tocar música. De modo geral – sim." Acho que é um comentário contemporâneo bastante interessante, já que as pessoas geralmente consideram que Paul sempre teve a voz mais aceitável.

Então, há os *geeks* e obsessivos, que analisam as letras dos Beatles incessantemente, na esperança de notarem algo novo, ou produzem estatísticas que ninguém tinha achado relevantes.

Ben Schott, famoso por seu *Miscellany*, produziu um "Beatles Miscellany" que apareceu no jornal *The Times* em junho de 2007, como parte de um suplemento especial para celebrar o 40º aniversário do *Sergeant Pepper* (aniversários: eles são uma ótima desculpa para mais matérias). Nele, Schott analisou todas as canções dos Beatles para descobrir as palavras mais populares,

isto é, as que aparecem mais vezes. Ele listou 114 palavras em ordem de frequência. No topo estavam You [Você] (260), I [Eu] (178), To [Para] (149), Me [Mim] (137) e Love [Amor] (125). No final estavam Yesterday [Ontem] (11), Hand [Mão] (10) e Lonely [Sozinho] (10). Fascinante, hein...

Recentemente, me mandaram um material interessante de uma pesquisa detalhada feita pelo meu amigo Rod Davis, um dos Quarrymen originais. Ele sabia, assim como todos nós, que John Lennon, seu amigo de escola, nasceu em Liverpool às 18h30 do dia 9 de outubro de 1940, durante um ataque aéreo. A parte sobre o ataque aéreo é repetida em todos os livros, mas Rod começou a questionar se era realmente verdade.

Assim, ele decidiu ir até o arquivo de jornais da Biblioteca Britânica em Colindale, norte de Londres, e ler todas as edições do *Liverpool Echo* de outubro de 1940, à procura dos ataques aéreos. Ele achou uma reportagem sobre "trinta ou quarenta aeronaves" atacando a cidade em 10 de outubro – mas nenhum ataque foi relatado em 9 de outubro. Rod concluiu que, embora seja verdade que John nascera durante um período de ataques, não houve nenhum relato desse tipo na noite em que ele de fato nasceu. Espero que isso esclareça as coisas.

Então, quem começou essa história, mostrando uma vergonhosa falta de pesquisa adequada? Eu, provavelmente. Quando você chegar ao capítulo sobre John na parte original deste livro, você lerá "Ele nasceu durante um grande ataque aéreo". Isso foi o que John me disse, assim como sua tia Mimi e seu pai, Fred. É uma lenda de família, que ainda continuava forte em 1968. Não vou mudá-la agora.

Se tivesse que me manter atualizado com relação a todas as revelações subsequentes, algumas das quais importantes, mas a maioria nem tanto, assim como no que diz respeito a todas as teorias e opiniões, eu precisaria reeditar este livro todo ano. Essa é outra razão pela qual deixei a edição de 1968 intocada. Trata-se de um registro acurado, mais ou menos, do que eles acreditavam na época.

Ao mesmo tempo, há alguns eventos que devem ser mencionados, a fim de manter a saga dos Beatles relativamente atualizada. Embora estejamos mais preocupados com o que aconteceu naquela época, quando os Beatles ainda estavam no topo, criando e se apresentando, a história continuou. A morte trágica, em novembro de 2001, de George Harrison, o mais jovem dos Beatles, significou que fomos deixados apenas com dois integrantes. George tinha 58 anos e vinha sofrendo de câncer por algum tempo. Sua morte foi notícia de primeira página e tributos chegavam de pessoas de todos os tipos, de primeiros-ministros a celebridades.

No entanto, George era considerado o introvertido da banda, aquele que evitou se expor publicamente, que não estava interessado nos meios de comunicação, em conhecer os fãs ou

acenar para as multidões. Ele virou um semirrecluso por algum tempo e, até onde o público sabia, não produziu nada entre 1982 e 1987. Então surgiu o álbum *Cloud Nine*, em 1989, que foi bem recebido. Em 1991 e 1992 ele se apresentou e fez algumas turnês, o que foi seguido por outro período de silêncio público. No começo de 2001, seu álbum clássico *All Things Must Pass* foi relançado.

Contudo, na maior parte do tempo, George estava ocupado com suas casas, seus jardins, seus pensamentos, vivendo uma vida contemplativa, criando música apenas para seus propósitos pessoais.

Foi um ironia cruel e terrível que alguém que se retirou da vida pública, que queria ser deixado quieto, tenha quase morrido quando um intruso invadiu sua casa e sua vida, e o esfaqueou. Isso aconteceu em 1999, em sua casa perto de Henley. Ele acabou se recuperando eventualmente.

George teve uma vida espiritual até o fim, mantendo seu interesse por música e religião indiana até bem depois de os outros terem seguido adiante. Mas ele também manteve seu senso de humor. O direito autoral da última música que ele compôs antes de morrer em 2001, "Horse to the Water", foi atribuído a "RIP Ltd 2001".

Minha lembrança dele é de uma profunda seriedade misturada com autoconsciência. Ele podia falar por horas sobre as teorias da encarnação até que eu estivesse prestes a bocejar ou gritar, e de repente ele parava e zombava de si mesmo, fazendo uma voz engraçada. Estava com ele uma vez em sua casa em Esher, quando ele se encontrava no meio de uma longa explicação sobre sentimentos espirituais. O telefone tocou, ele atendeu de uma vez e, em um sotaque *cockney*, disse: "Adega Esher."

Sua memória permanece viva através de sua esposa Olivia, nascida no México em 1948 e educada nos EUA, com quem ele se casou em 1978, e de seu único filho, Dhani, nascido em 1978. "Dhani" significa "riqueza" em sânscrito.

Outro acontecimento dramático recente que recebeu ampla cobertura da mídia foi o divórcio de Paul e Heather Mills, em 2008. Isso manteve os jornais e noticiários de TV ocupados por meses e meses, assim como a relação tempestuosa deles desde o início.

Linda, a primeira mulher de Paul, morreu em 1998 de câncer de mama, a mesma causa da morte da mãe de Paul, Mary. Linda havia dado muito a Paul, e o casamento deles foi longo, bem-sucedido e amoroso. Eles quase nunca ficavam longe um do outro, de modo que ele ficou chocado, destruído, perturbado, deslocado e muito solitário. "Há algo mais para mim?" – foi o que ele perguntou a si mesmo. Por dois anos, ele não foi capaz de escrever nada.

Em 1999, um ano após a morte de Linda, ele encontrou Heather Mills pela primeira vez. Foi em uma cerimônia de premiação, e ele ficou impressionado com sua personalidade, seu trabalho de caridade e sua determinação para superar a desvantagem de ter tido parte de uma perna amputada. Ela era 25 anos mais nova que ele e já havia feito alguns trabalhos como modelo, então sua beleza foi claramente parte do que o atraiu, bem como sua personalidade forte. Da parte de Paul, parece que foi amor e não apenas atração à primeira vista.

A mídia não estava tão enamorada. Paul se tornou um ícone, um tesouro público, então todos duvidavam dos motivos de Heather, sugerindo que ela era uma interesseira. Eles pesquisaram seu passado e revelaram que sua carreira de modelo não tinha sido tão bem-sucedida e respeitável quanto ela alegava, além de questionarem sua honestidade, mostrando que ela tendia a tomar liberdades com a verdade. Paul a defendeu bravamente. Ele disse que a mídia estava apenas sendo desagradável e mal-intencionada, como sempre, sem nenhum fundamento. Havia várias colunas de fofoca alegando que os filhos de Paul não gostavam muito de Heather – fato que foi negado por ambos, Heather e Paul.

Quando leio essas reportagens, sem saber nada sobre os fatos, penso que a história pode estar se repetindo. Quando Jim, pai de Paul, se casou novamente, tanto Paul como seu irmão Michael não ficaram muito felizes com a nova madrasta. Pessoalmente, eu achava que eles estavam sendo injustos. Jim parecia tão feliz e contente com a nova esposa, depois de tantos anos solitário, criando seus dois filhos sozinho após a morte de sua esposa.

Muitas das histórias sobre Heather e Paul, sobre o que acontecia ou não acontecia entre eles, se tornaram cada vez piores quando foi revelado que o casamento deles realmente estava passando por dificuldades. Assim que eles anunciaram que estavam se divorciando, vários detalhes sobre o comportamento de ambos vazaram na mídia, supostamente a partir de ambos os lados. Tudo isso poderia ter permanecido como fofoca sem fundamento e não confiável, se o juiz do caso, para surpresa da maioria das pessoas, não tivesse decidido tornar as informações públicas.

Em março de 2008, o Exmo. Sr. juiz Bennett permitiu que detalhes do acordo do divórcio, todas as 58 páginas, fossem publicadas e se tornassem disponíveis para todos. A razão dada foi que assim a imprensa pararia com as especulações. O oposto aconteceu – fornecer detalhes privados e íntimos da vida do casal, que nós não saberíamos de outra forma, levou a mais especulações e fofocas.

Em seu parecer, o juiz disse que o casal se conheceu em 1999, ficou noivo em 22 de julho de 2001, se casou em 11 de julho de 2002 e se separou em 29 de abril de 2006. O casamento, no que lhe dizia respeito, havia portanto durando apenas quatro anos, já que o casal não começou a morar junto até o casamento. Foi revelado que Paul usava métodos contraceptivos até eles se casarem, pois ele não queria ter filhos até então. A única filha deles, Beatrice, nasceu em 28 de outubro de 2003.

A maior parte das 58 páginas diz respeito a questões financeiras. Heather havia pedido originalmente 125 milhões de libras no acordo de divórcio. Paul havia oferecido originalmente 16 milhões. Heather sustentou que Paul valia 800 milhões – um número que vinha aparecendo em alguns jornais por alguns anos. Paul negava isso, e seus contadores confirmaram que ele valia apenas 400 milhões.

Heather argumentava que ela precisava de 3.250.000 libras por ano para viver, o que incluía itens como 499 mil libras por ano para férias e 39 mil libras por ano para vinhos, apesar de não beber, como foi observado pelo juiz. Ela precisava, segundo sua conta, de 627 mil libras por ano para suas contribuições para caridade, um valor que incluía 120 mil libras para voos de helicóptero e 192 mil para voos particulares. O juiz descreveu isso como "ridículo".

Ela também precisava de 542 mil libras por ano para contratar seguranças para proteger a ela e a Beatrice. Em comparação, foi revelado que Paul vivia praticamente sem seguranças – uma revelação surpreendente, quando todos sabemos o que aconteceu com John Lennon e também com George. Aparentemente, Paul não tinha nenhum guarda-costas ou seguranças na sua casa em Londres e na sua casa em Sussex. Ele contava apenas com os trabalhadores da fazenda para observar qualquer coisa suspeita.

Na declaração de Paul, ele descreve como nenhum de seus filhos enquanto jovens (ambos alunos de escola pública) tiveram guarda-costas ou seguranças, exceto, por razões óbvias, quando o acompanhavam em turnês mundiais.

Os endereços completos de sua casa em Sussex – onde ele tem o que o juiz descreveu como uma "propriedade modesta" em um terreno de 607 hectares – e de Londres estão no documento. Os fãs ávidos dos Beatles já sabiam desses detalhes, mas qualquer pessoa mau-caráter, que não sabia sobre os endereços, vai se sentir grata ao juiz.

Em uma parte interessante, quando explica que a maior parte de sua renda proveniente da música vem de material escrito bem antes de Heather entrar em sua vida, Paul admite que sua música durante os anos de seu casamento, 2002-2006, não foi muito bem: "Eu criei material novo durante o casamento, que, apesar de ter recebido boas críticas, não foi rentável."

Nós também obtivemos uma longa lista de seus bens, suas casas e obras de arte, incluindo quadros de Picasso e Renoir, assuntos de negócios, a maioria dos quais desconhecidos até mesmo pelos fãs mais fervorosos.

O juiz, embora tenha admitido que Heather fosse uma pessoa "dedicada às suas causas de caridade" e tivesse uma "personalidade forte e determinada", não a considerava uma testemunha honesta, mas imprecisa e nada impressionante. Ele a via como sua própria pior inimiga, com uma "personalidade volátil e explosiva" e que relatava fantasias. Paul, no entanto, na opinião dele, era honesto e preciso.

Antes do caso, algumas das acusações pessoais de Heather sobre Paul vazaram nos jornais, tais como o uso de drogas e bebida alcoólica e seu comportamento abusivo. Essas histórias

foram mencionadas por alto pelo juiz, que deixou claro que elas não eram relevantes, já que sua preocupação era com o acordo financeiro.

Seu parecer final foi de conceder um total de 24,3 milhões de libras para Heather – cerca de 100 milhões a menos do que ela havia solicitado. Portanto, Paul se saiu muito melhor financeiramente do que poderia ter imaginado – e também com sua boa reputação intacta, mesmo que tenha tido que revelar alguns detalhes pessoais que, tenho certeza, gostaria de ter mantido em sigilo.

A tensão, pressão e infelicidade causadas pela separação devem ter sido enormes para ambos. Grande parte dos dois anos havia sido gasta em declarações, reuniões com advogados e contadores, investigações, refutando alegações, o que acabou expondo suas vidas e seu romance para o mundo todo. Foi revelado, por exemplo, o quão generoso Paul havia sido naquele primeiro ano inebriante depois que se conheceram, esbanjando muito dinheiro com Heather e sua família, dando a eles casas, empréstimos e doações.

Muitos fatos e detalhes revelados pelo juiz serão usados pelos biógrafos de Paul por muitos anos. Mas, acima de tudo, ele proporcionou um grande dia para a imprensa.

Por que isso aconteceu? Por que Paul, normalmente tão cuidadoso e esperto, acostumado a analisar as pessoas, suas personalidades e história – ao contrário de John, por exemplo, que tinha uma tendência a acreditar em praticamente qualquer um que aparecesse na sua frente –, se colocou nessa situação? Uma mistura, provavelmente, de luxúria, amor e solidão após a morte de sua amada Linda.

Entre as revelações sobre pessoas da história dos Beatles, a mais surpreendente (aliás, a mais incrível) revelação recente tem a ver com Mimi Smith, a tia Mimi de John, a mulher que o criou. Mimi teve um papel muito importante na vida de John e, neste livro, eu mantive a visão dele e de sua família de que ela era uma figura rígida, esnobe, puritana, antiquada e autoritária. Essa também foi a minha percepção nas muitas vezes em que a entrevistei. Ela era claramente uma pessoa forte, que nadava contra a corrente. Havia muito tempo que ela estava viúva, tendo sido casada com o tedioso e nada ambicioso George, um leiteiro, apesar de Mimi dizer que ele era fazendeiro.

Mimi morreu em 1991. Então, em 2007, a meia-irmã de John, Julia Baird, em seu livro *Imagine – Crescendo com o meu irmão John Lennon*, revelou que Mimi, na época em que morava em Liverpool e criava John, teve um caso secreto por alguns anos com um de seus jovens inquilinos, um estudante vinte anos mais jovem do que ela, que mais tarde imigrou para a Nova Zelândia. Julia nunca gostou de Mimi, então, no começo, duvidei dessa revelação, suspeitando que pudesse ser invenção dela, mas esse agora está sendo aceito como um fato

verdadeiro por muitos especialistas em Beatles. Mimi, claro, não pode negar, já que não está mais viva.

Eu ainda acho difícil de acreditar. Logo Mimi? Isso mostra que não se pode julgar por aparências ou atitudes públicas. Uma pena que John nunca tenha descoberto isso, já que ele teve que aguentar tantas reprimendas de Mimi por seu comportamento e seus hábitos. Posso até imaginar sua surpresa, escutar ele dizer "Fookin' hell"* e cair na gargalhada, esfregando seus óculos enquanto as lágrimas corriam por seu rosto.

Uma revelação parecida sobre George veio à tona em um livro escrito por sua primeira esposa, Pattie Boyd. Nele, ela diz que George teve um caso com Maureen, a esposa de Ringo. Em ambos os casos, os casamentos estavam terminando. Por algum motivo, não achei essa fofoca tão surpreendente ou reveladora quanto a história de Mimi.

Em todas essas pequenas revelações sobre casos e relacionamentos, e provavelmente em muitas outras por vir, é notável que os personagens principais estejam quase sempre mortos, como Mimi, George e Maureen. Eles não podem negar, explicar, dar suas versões dos fatos. Talvez precisemos de um juiz para investigar, olhar os fatos conhecidos, decidir o que aconteceu e depois, claro, nos passar sua sabedoria.

Enquanto isso, os dois Beatles vivos estão firmes e fortes – e por muito mais tempo por vir, espera-se. Ambos se apresentaram em Liverpool em 2008 para celebrar a nomeação da cidade como Capital Europeia da Cultura naquele ano.

Cada um está mais ocupado do que nunca, mas os compromissos de Ringo têm sido principalmente no exterior, especialmente nos EUA, onde ele tem feito turnês exaustivas com sua All Starr Band. Os integrantes de sua banda têm variado bastante ao longo dos anos, e ele também faz apresentações únicas com músicos famosos. Além disso, lança álbuns regularmente. Em 2000, ele disse que, quando completasse 60 anos, aposentaria suas baquetas, mas isso não aconteceu. Ele não precisa de dinheiro, claro, precisa apenas se divertir. Ringo ainda é casado com Barbara e, aparentemente, eles vivem na maior parte do tempo entre os EUA e Mônaco.

Paul também tem lançado álbuns regularmente, que vão bem, recebem boas críticas, mas (segundo ele mesmo) não vendem tão bem quanto antigamente. *Memory Almost Full*, de 2007, foi apreciado e admirado por todos os seus fãs; a maioria das pessoas podia ver nele memórias e emoções desencadeadas por Linda – numa época em que ele tinha ainda mais razões para se lembrar dela, claro.

Ele também tem produzido poemas, pinturas, livros infantis e música clássica. Seu *Ecce Cor Meum* foi nomeado álbum clássico do ano, em 2007, no Reino Unido. Agora que o trauma de Heather ficou para trás, talvez ele passe a ser mais produtivo e criativo nos próximos anos. Ele disse que vai fazer sua última turnê mundial como cantor, espalhada ao longo de dois anos, para que ele possa passar mais tempo com sua filha Beatrice enquanto ela está crescendo.

É claro que o período clássico é a fase de que mais gosto dos Beatles e com a qual eu mais me preocupo aqui. Nunca fui fascinado pelos debates legais posteriores ou pelas brigas entre eles na época em que se separaram.

Também reviro os olhos quando os especialistas começam a falar sobre as várias versões dos álbuns, sobre os *bootlegs*, as minúcias de cada sessão de gravação, onde eles estavam em cada dia, se não em cada minuto de cada ano. Deixo isso para os novos "gênios dos Beatles". Eles sabem tanto...

No futuro, os livros sobre eles serão muito mais gordos, em volumes múltiplos, à medida que os autores seguem mais vielas paralelas, contando as vidas de personagens secundários, nos dando detalhes exaustivos de eventos pequenos.

Fico feliz e impressionado, claro, com a diligência deles, especialmente com o trabalho e pesquisa de Mark Lewisohn e o fato de pessoas que nunca conheceram os Beatles, ou os viram tocar ao vivo, continuarem a pesquisa, o interesse, a paixão, garantindo que sua bandeira continuará a ser carregada e passada para as novas gerações.

É a música o que mais importa, claro. Os Beatles nos deram cento e cinquenta canções que serão eternas desde que o mundo tenha fôlego para cantarolá-las.

Este é o período que tentei cobrir, quando eles estavam em sua fase mais produtiva. Contudo, antes, vamos voltar para como acabei escrevendo este livro em primeiro lugar...

O primeiro Beatle que conheci foi Paul, em setembro de 1966. Foi um ótimo ano, o de 1966. Em julho, a Inglaterra ganhou a Copa do Mundo em Wembley, o primeiro sucesso mundial da Inglaterra. Eu vendi os direitos de filmagem do meu primeiro romance, que havia sido lançado no ano anterior, para a United Artists, e fui contratado pelo canal de televisão BBC para escrever um programa que iria ao ar às quartas-feiras. Em outubro de 1966, aconteceu a pré-estreia de *Georgy, a feiticeira*, um filme escrito por minha esposa e baseado em seu próprio livro. Foi um *annus mirabilis* na casa dos Davies.

Meu trabalho em tempo integral era como jornalista do *The Sunday Times* de Londres, no qual escrevia a coluna "Atticus". Eu fazia parte da equipe desde 1960, embora, durante os

primeiros três anos, meu nome não tenha sido publicado no jornal nenhuma vez. É difícil de acreditar agora, mas, naquela época, não era comum assinar matérias, e *The Sunday Times* era um jornal muito tradicional. "Atticus", a coluna de fofocas do jornal, sempre foi igualmente antiquada, dedicada a notícias sobre bispos, clubes de cavalheiros e embaixadores. Como um rapaz da classe trabalhadora do norte da Inglaterra, que cresceu em um conjunto habitacional, frequentou a escola primária local e depois uma universidade provinciana, eu não tinha o perfil, o sotaque ou os interesses adequados para ser um dos colunistas da "Atticus". No passado, tais colunistas eram antigos alunos da Eton ou da universidade de Oxford, que realmente conheciam os bispos e frequentavam os melhores clubes. Alguns também eram muito notáveis – Ian Fleming havia desistido da "Atticus" recentemente (em 1959) e, antes dele, os titulares da coluna incluíam escritores como Sir Sacheverell Sitwell.

Algo engraçado aconteceu com a vida britânica em meados dos anos 1960, no entanto. Não apenas na coluna "Atticus", mas no mundo como um todo, papéis e regras tradicionais estavam sendo rompidos. Meus interesses, quando assumi a coluna, centravam-se em escritores do norte, fotógrafos *cockney*,** estilistas novos, empresários cheios de opinião. Fiz isso em parte para incomodar as pessoas, já que sabia que a velha guarda do jornal odiava essas figuras, mas o fiz principalmente porque estava fascinado com o sucesso deles.

Todos nós demos risada e fizemos piada quando a revista *Time*, de Nova York, teve a ideia do *Swinging London**** e mandou um batalhão de jornalistas e fotógrafos para retratar e analisar todas as coisas supostamente emocionantes que estavam acontecendo aqui. Em retrospecto, *havia* realmente uma explosão de coisas acontecendo em Londres nos anos 1960. Agora que podemos ver como a vida pode ser terrível e desesperadora para tantas pessoas, o que aconteceu nos anos 1960 foi emocionante e revolucionário para os jovens. Os Beatles, é claro (você achava que eu nunca chegaria neles), foram um elemento vital nessa derrubada de antigos valores e costumes.

Não dei muita atenção para "Love Me Do" quando ela foi lançada, achando que se tratava de um grupo de apenas um sucesso, que não mostrava sinais de ser capaz de se desenvolver. E, quando ouvi pela primeira vez John copiando os americanos e gritando "Twist and Shout", me deu dor de cabeça. Mas amei "I Want to Hold Your Hand", e daí em diante mal podia esperar pelo próximo disco. Fui a um dos shows – acho que no Finsbury Park, em Londres –, que foi fascinante, mas as garotas berrando me irritaram. Queria escutá-los direito, não ser ensurdecido por vendedoras e cabeleireiras adolescentes.

Eu me identifiquei completamente com as origens e a atitude da banda. Minha cidade natal é Carlisle, um pouco mais ao noroeste da costa de Liverpool, onde nos consideramos nortistas de verdade e achamos que Liverpool é praticamente no Mediterrâneo. Apesar de ser quatro anos mais velho que John, eu me sentia seu contemporâneo, já que ele, Paul e George frequentaram o mesmo tipo de escola que eu.

Até os Beatles, ninguém havia cantado músicas para *mim*, canções que tinham uma conexão com a *minha* vida, algo a partir de suas próprias experiências que se relacionasse com a minha experiência. Eu havia gostado do estilo pop americano que crescemos ouvindo, cantado por homens de meia-idade em ternos brilhantes, que diziam que éramos um público maravilhoso e que eles estavam felizes em estarem aqui, antes de cantarem outra balada desleixada de palavras banais, mas então passei a desprezar tal estilo. De todo modo, ainda me lembro de todas as palavras de pelo menos três músicas de Guy Mitchell.

Apesar da enorme popularidade dos Beatles, ainda havia, em meados dos anos 1960, muitas pessoas que diziam que seu sucesso era basicamente uma questão de moda. As roupas, o cabelo, o sotaque, a irreverência, o senso de humor, isso era o que fazia as pessoas gostarem deles, não a sua música. Era tudo publicidade e promoção. Uma nova banda iria substituí-los em breve.

Em agosto de 1966, "Eleanor Rigby" foi lançado (o lado B de "Yellow Submarine") e isso parecia *provar* que eles sabiam escrever letras de verdade. A música, mais uma vez, evoluiu, usando instrumentos e harmonias clássicas.

Fui visitar Paul na sua casa na Cavendish Avenue, no bairro de St John's Wood. Foi pura autoindulgência. Eu queria vê-lo, mas também queria escutar a origem de "Eleanor Rigby". Presumi que ele a havia escrito, já que era a sua voz cantando, embora, naquela época, essas fossem simplesmente canções de Lennon-McCartney e ninguém se preocupasse em separá-las. Nunca havia lido uma entrevista em que eles tivessem sido seriamente questionados sobre como compunham. Os jornais populares estavam obcecados com o dinheiro e a constante multidão, enquanto as revistas de fãs queriam saber suas cores e seus atores favoritos.

Meu plano era reproduzir todas as palavras de "Eleanor Rigby" para que os ignorantes vissem o quão boa ela era, admirassem as imagens criadas, sentissem sua qualidade, mas meus superiores no jornal foram contra. Eles não queriam desperdiçar tanto espaço com letras pop corriqueiras. Então, o que eu disse foi que nenhuma música pop naquele momento tinha letra ou melodia melhores.

A entrevista foi reveladora – pelo menos era o que eu achava, apesar de, ao relê-la agora, perceber que Paul parece um pouco cheio de si, ao mesmo tempo em que parece consciente de si mesmo e até autocrítico. Será que ele realmente mudou tanto assim? Na entrevista ele usou a palavra "chapado". Até então, em seu uso comum em inglês, essa expressão era usada para bebida, não drogas, e foi assim que a entendi na época.

Acho que nos demos bem. Nós conversamos sobre a origem de várias das canções deles, apesar de eu não ter espaço para escrever sobre elas no jornal. Eu me dei conta mais tarde que havia muita coisa que eu não sabia sobre eles ou seu trabalho e que todo mundo fazia as mesmas velhas perguntas sobre fama e sucesso, e se perguntava quando a bolha iria estourar.

Havia apenas dois livros sobre os Beatles, ambos insatisfatórios. Havia um livro do fã-clube, uma pequena brochura, chamado *The True Story of The Beatles* [*A verdadeira história dos Beatles*], que foi lançado em 1964, produzido pelas pessoas responsáveis pelo *Beatles Monthly*. Havia também um livro escrito por um jovem americano, Michael Braun, chamado *Love Me Do*, que era muito melhor, mas limitado, baseado em conversas com eles durante a turnê. Esse também havia sido lançado em 1964. Eles haviam evoluído tanto desde então, mas ninguém havia olhado para a carreira toda deles, ou passado algum tempo conversando direito com eles, seus amigos e familiares, ou até mesmo tentando investigar o que havia acontecido em Hamburgo e durante sua época de escola.

Parecia uma boa ideia, mas por que os Beatles concordariam em cooperar com um empreendimento desses? Eles já eram, em 1966, milionários, ricos, famosos e bem-sucedidos o suficiente para não estarem interessados em conversas monótonas sobre serem os Beatles. Então deixei isso de lado e segui trabalhando e vivendo a minha vida. Meu segundo filho, Jake, nasceu em 1966.

Eu já estava no meio do meu terceiro livro, um estudo documental sobre universidades, um olhar sobre os alunos e professores na Grã-Bretanha, que iria se chamar *Class of '66*. Até aquele momento, havia escrito cerca de metade dele, incluindo os perfis de duas jovens alunas, uma da Universidade de Manchester, chamada Anna Ford, e uma de Sussex, chamada Buzz Goodbody, e tinha escrito 10 mil palavras sobre cada uma delas.

Então, em dezembro de 1966, eu dei uma pausa no livro para começar a escrever o roteiro do romance que tinha sido comprado pela United Artists, *A arte de conquistar um broto*, uma história nortista sobre um garoto de um conjunto habitacional com a esperança de conquistar uma garota de um bairro de classe média. Fiquei surpreso quando foi comprado pelo pessoal do cinema – e ainda mais surpreso agora que eles planejavam começar a filmar. Muito mais livros são comprados do que filmados. Ia ser um filme adolescente contemporâneo, e o diretor, Clive Donner, teve a ideia de que Paul McCartney poderia escrever a trilha sonora. Ele já havia feito algumas músicas para filmes.

Nesta ocasião, fui até a Cavendish Avenue, não como jornalista, à procura de boas citações, mas como roteirista, com a esperança de que ele colaborasse com o projeto. Ele parecia interessado e nós tivemos várias reuniões e conversas por telefone, mas no final ele disse não (a trilha acabou sendo escrita por Stevie Winwood e a banda Spencer Davis – e é muito boa).

Conversando com Paul, dessa vez com um propósito ligeiramente diferente, propus para ele a ideia que havia me ocorrido originalmente. Que tal um livro *de verdade* sobre os Beatles, uma tentativa séria de contar a história toda, de escrever tudo, de uma vez por todas, para que, de agora em diante, para todo o sempre, quando as pessoas fizerem as mesmas perguntas estúpidas, você possa dizer que as respostas estão no livro? É uma boa ideia, hein?

Era difícil fazer com que qualquer um dos Beatles se concentrasse em qualquer coisa por mais de alguns minutos. Até mesmo em suas casas, havia uma fila de pessoas da gravadora, designers, artistas e assistentes, sentados e esperando para vê-los. Então eu joguei a ideia no ar, sem esperar uma reação ou uma resposta ali na hora, mas ele disse: "Sim, por que não?" e afirmou que isso seria útil. Mas havia apenas um problema. Achei por um momento que algum outro escritor já havia perguntado e recebido permissão.

"O que você vai ter que fazer antes de tudo é ir falar com o Brian", disse Paul. "É ele quem vai decidir. Mas vem cá, senta, eu te ajudo a escrever uma carta para ele."

Então, ali mesmo, naquela hora, eu sentei e escrevi um rascunho da carta. No dia seguinte, bati a carta e enviei-a para Brian Epstein. Que tragicômico que eu não tenha guardado uma cópia! A carta seguiu a linha que Paul sugeriu, vangloriando quem eu era, dizendo que eu havia "entrevistado os Beatles várias vezes". Será que inventei isso? Ou será que esqueci? Não, agora eu me lembro, eu havia entrevistado eles no set de *A Hard Day's Night*, em 1964. Eu me lembro da piada complicada que John fez naquele dia. Eles estavam prestes a gravar uma música no estúdio e a luz acendeu, dizendo "Sound On" [Som Ligado]. John começou um verso cômico sobre "Sounds on, Sound on" (algo como "Parece possível, o som ligado"). Havia uma frase em inglês "Sounds on" que queria dizer que algo parecia possível, ou correto. Eu acho que devo ter feito uma confusão tentando explicar a piada, de tal forma que o artigo, até onde eu me lembro, nunca foi publicado no jornal.

Meu encontro com Brian Epstein foi marcado para quarta-feira, 25 de janeiro de 1967. No último minuto, ele o cancelou por causa de outros compromissos de trabalho, transferindo-o para o dia seguinte. Mesmo assim, me deixou esperando por muito tempo, então fiquei andando por sua sala de estar, admirando seus quadros de Lowry. Na época, ele morava na Chapel Street, número 24, no bairro de Belgravia, um endereço muito chique, bem no meio da área diplomática.

Ele finalmente apareceu, de terno como sempre, parecendo muito descansado, bochechudo e saudável, mas um tanto quanto distraído. Ele colocou para tocar as fitas de "Penny Lane" e "Strawberry Fields", que faziam parte do novo single dos Beatles, prestes a ser lançado dentro de alguns dias. Ele sentou-se com uma espécie de orgulho paternal e ficou me olhando, sem ouvir realmente a música, apenas me observando enquanto eu as escutava. Fiquei espantado com "Strawberry Fields", era um grande salto para frente, um enorme avanço do material juvenil como "Yellow Submarine", cheia de saltos discordantes e ecos misteriosos, quase como Stockhausen. Eu me perguntei se os fãs dos Beatles iriam gostar daquilo. Perguntei para ele o que o título significava. Ele não parecia saber.

Epstein cuidadosamente guardou as fitas em um lugar com tranca, dizendo que todo cuidado era pouco. Uma fita anterior dos Beatles havia sido roubada e foi muito constrangedor. As fitas podiam ser vendidas por muito dinheiro se vazassem nas estações de rádio piratas antes da data oficial do lançamento. Naquela época, havia várias estações de rádio piratas por toda a Grã-Bretanha. Não acreditei que as pessoas realmente roubassem as fitas apenas para conseguir as músicas alguns dias antes de seus rivais.

Finalmente, consegui mudar o assunto para a minha carta, perguntando o que ele achava e se tinha pensado mais a respeito. Em um primeiro momento, ele parecia não saber muito bem do que eu estava falando, embora tenha sorrido e sido muito encantador. Continuei a falar sobre os detalhes e ele disse que sim, parecia uma boa ideia e iria falar com os quatro Beatles a respeito.

Então, eu disse o que não havia colocado na carta: eu pretendia dividir o adiantamento com eles, se eles concordassem em cooperar comigo e me dar acesso exclusivo – o que parecia justo. Ele acenou com as mãos, sua camisa branca ressaltando seus dedos bem-cuidados, como se isso fosse uma consideração trivial. Disse a ele que minha editora era a Heinemann, uma marca muito distinta, e ele disse que gostaria de encontrá-los, junto com meu agente, para que pudéssemos todos acertar os detalhes. Ele marcou outra reunião para a quarta-feira seguinte, dia 31 de janeiro. Até lá, ele disse, saberia o que os Beatles achavam.

O chefe da agência literária da qual eu fazia parte naquela época, chamada Curtis Brown, a maior agência de seu tipo no mundo, disse que gostaria de ir pessoalmente à reunião, assim como Charles Pick, diretor da Heinemann, mas pedi a eles que aguardassem minha ligação da casa de Epstein. Eu ligaria para eles caso a negociação parecesse que iria adiante. Eu me encontrei com Brian às 3 horas e ele disse que os Beatles não tinham qualquer objeção, logo eu liguei para Spencer Curtis Brown e Charles Pick, dizendo para eles virem rapidamente me encontrar.

Tenho certeza de que eles só queriam entrar na casa de Epstein e ver como o "homem do momento" vivia, uma vez que o negócio em vista não era muito grande. Já havia conversado com outras pessoas na editora sobre a possibilidade deste livro e ninguém havia ficado muito animado. "Nós já sabemos tudo que queremos saber sobre os Beatles", uma pessoa disse. "E, de todo modo, livros sobre celebridades não vendem. Veja o livro sobre Cliff Richard, ele não foi muito bem." Eu disse que este seria praticamente um livro sociológico sobre como um grupo afetou a forma como nós vivemos hoje em dia. Sociologia? Quem precisa de sociologia? Isso também não vende.

Brian explicou para nós três que eu poderia escrever o livro e ele me daria acesso total, mas não poderia forçar os Beatles a não falar com mais ninguém. Isso me preocupou bastante. Deixei Spencer discutir como nós deveríamos dividir o adiantamento e ele sugeriu que um terço fosse para os Beatles e dois terços para mim, já que eu estava fazendo todo o trabalho e

teria que viajar o mundo, entrevistando antigos amigos e parceiros. Seria um trabalho grande, uma vez que todos nós gostaríamos que este fosse o livro definitivo, não uma brochura barata ou uma revista de fãs. Brian concordou.

O contrato foi finalmente elaborado, com Brian organizando tudo pessoalmente, na qualidade de empresário deles. Heinemann concordou em pagar 3 mil libras pelo livro, o que significou 2 mil para mim, menos 10%, é claro, dos honorários do meu agente. Até mesmo naquela época não era uma soma muito grande. Hoje, é claro, parece incrivelmente insignificante, ainda mais porque sei que um autor de um livro dos Beatles dos anos 1980 conseguiu receber uma quantia cem vezes maior.

Eu, no entanto, estava muito satisfeito. Havia garantido o meu acesso às quatro pessoas que eu mais queria conhecer. Mesmo que tudo desmoronasse por algum motivo, eu teria visitado suas casas e ido ao estúdio de gravações e visto eles trabalharem. Uma preocupação era que outras pessoas pudessem ficar sabendo sobre o livro e fizessem uma versão rápida, baseada em conversas breves com eles, ou em recortes de jornais, então todos nós concordamos em manter segredo sobre o projeto.

Também me preocupava, embora odeie admitir isso agora, com a sensação de que a banda acabaria em breve, algo que muitos acreditavam em 1966. Eu gostava do som deles, mas o mundo em dois anos poderia começar a gostar de outra coisa. Isso poderia explicar por que ninguém havia escrito um bom livro sobre o grupo até então. Não queria ser um fracasso, com vendas baixas, e ficaria envergonhado de ter aceitado o pagamento. Quanto ao livro *Class of'66*, concordamos que eu o terminaria depois que escrevesse o livro dos Beatles. Nós sempre poderíamos chamá-lo de *Class of '67*.

Em 7 de janeiro de 1967, no meu aniversário de 31 anos, comecei a trabalhar no livro, entrevistando Ringo. Eu achava que ele seria o mais fácil. Com todos os livros bibliográficos, pelo menos nos de pessoas que ainda estão vivas, sempre há o medo de brigar ou não se entender antes de o projeto estar realmente nos trilhos. Ringo sempre pareceu gentil. Como fã, essa era a imagem que eu tinha. Naquele mesmo dia, recebi um telefonema no *The Sunday Times* – onde eu ainda escrevia a coluna "Atticus", já que o plano era escrever o livro dos Beatles à noite e nos fins de semana, como havia feito com meus livros anteriores. Era uma senhora que soava meio estranha, chamada Yoko Ono. Ela disse que eu era o colunista mais importante de Londres, pelo menos foi o que disseram para ela, silêncio, e que ela queria colocar a minha bunda nua num filme que ela estava produzindo. "Para de sacanagem, quem é você?", eu disse. Eu achava que era alguma jornalista bêbada do *Observer*, me zombando.

“Não, não, é realmente sério”, disse ela, e continuou a listar os filmes que havia feito, todos parecendo igualmente idiotas. Ela me deu o endereço de onde a filmagem aconteceria e me implorou para ir lá. Eu disse que talvez fosse, mas que não estava prometendo nada; de qualquer forma, se envolvia mostrar minha bunda nua, ela teria que falar com meu agente.

Acabei indo, já que parecia uma história boba que eu poderia usar para a coluna aquela semana, ainda que parte de mim esperasse que fosse uma pegadinha. De fato, havia uma longa fila de caras nesse apartamento muito chique de Park Lane, enfileirados em um palco giratório, como num carrossel de criança, enquanto Yoko os filmava à medida que eles abaixavam as calças. Conversei com um americano um tanto quanto distraído chamado Anthony Cox, que vinha a ser seu marido, e descobri que ele havia financiado o projeto, já que ela aparentemente não tinha dinheiro. Ele era tão arrumadinho, um americano educado numa universidade Ivy League, que eu achava difícil de acreditar que tinha comprado essa ideia boba. Quanto mais ele explicava, mais me convencia de que o ponto que ela estava tentando provar era sério. Me esqueço agora o que era.

Yoko tentou me convencer a me despir. Eu dei uma desculpa qualquer e fui embora, como todos os melhores jornalistas têm feito desde tempos imemoriais. “Não podia escrever objetivamente sobre o filme se eu fizesse parte dele”, disse.

Escrevi a respeito na edição do dia 12 de fevereiro de 1967. Eu achava que não tinha zombado muito dela, embora me preocupasse que o título do artigo, “Oh no, Ono”, pudesse ofendê-la, mas ela conseguiu o que queria: ótima publicidade. Ela me ligou mais tarde para agradecer.

Jamais a encontrei novamente ao vivo, até entrar no estúdio Abbey Road em uma noite de 1968 – e lá estava ela, sentada em estado transcendental com John hipnotizado por ela, a observando com adoração, e os outros três Beatles completamente desnorteados, sem saber o que havia acontecido.

Enquanto isso, tive um primeiro encontro breve com Ringo e, em seguida, com os outros três, não para entrevistá-los, mas apenas para dizer olá e me apresentar, explicar o projeto e obter deles os nomes de amigos de escola, professores, vizinhos e, acima de tudo, ser apresentado aos seus pais. Sabia que precisaria desbravar o caminho.

Eu havia decidido passar os primeiros seis meses de trabalho no livro dos Beatles falando com outras pessoas que não eles. Sabia, mesmo sem ter certeza, que eles estavam cansados das mesmas perguntas de pessoas que apenas os conheciam através de artigos de jornais. Queria voltar no tempo e então seguir adiante lentamente, passo a passo, por suas carreiras, para que cada vez que os visse de novo, eu pudesse trazer novidades, conversas e observações sobre o que havia acontecido com todas aquelas pessoas e lugares que eles haviam deixado para trás há muito tempo. Dessa forma, esperava me tornar uma visita bem-vinda. A menos, claro, que eles

tivessem se tornado tão bêbados com a fama e envoltos com seu sucesso que não tivessem mais interesse sobre *suas origens*.

Então aqueles primeiros papos foram breves, conversas rápidas, principalmente em Abbey Road, antes das sessões de gravação. Naqueles primeiros dias, eu tentava não ficar mais tempo do que o necessário, já que sabia que eles sempre recusavam ter qualquer estranho ou pessoa de fora presente no estúdio quando estavam de fato trabalhando.

John deve ter realmente escutado minha apresentação, quando disse quem eu era, de onde vinha e o que estava fazendo, pois, algum tempo depois, recebi uma carta dele, endereçada a "White Hunter Davies, c/o William Heinemann Ltd, 15 Queen Street, London,W1". Dentro havia um recorte de jornal, sem data, que parecia ser de uma publicação de Liverpool, dizendo que um grupo musical chamado The Beatles fizera sua estreia no Neston Institute.

Apenas muito recentemente consegui enfim descobrir a data do recorte, após buscas em Liverpool e na hemeroteca do Museu Britânico. Ele foi publicado em 11 de junho de 1960 (dia do meu casamento) na edição de Heswall e Neston do *Birkenhead News*. Essa foi, aparentemente, a primeira vez que a palavra "Beatles" apareceu impressa (o *Mersey Beat*, jornal de música pop local, que escreveu sobre eles constantemente, não surgiu até o ano seguinte, em junho de 1961).

É curioso que o jornal os tenha chamado de The Beatles, já que apenas duas semanas antes, em 27 de maio, no *Hoylake News and Advertiser*, eles ainda eram chamados de Silver Beetles. Eles não se referiram permanentemente a si mesmos como The Beatles até o fim daquele ano.

O recorte mostra que John manteve seu nome. Paul havia se tornado Paul Ramon, criando um personagem no estilo de Hollywood dos anos 1920. George era Carl Harrison, em homenagem ao seu ídolo, Carl Perkins. Stu Sutcliffe havia se tornado Stuart de Stijl, em referência ao movimento artístico. Thomas Moore, o baterista, um nome que soava igualmente falso, se chamava de fato Thomas Moore.

Embora parecesse que John não tinha interesse na história dos Beatles, o fato de ele ter mantido esse recorte de jornal, que obviamente deve tê-lo emocionado na época, me fez perceber que ele tinha sim algum interesse no seu passado. Na parte de trás do envelope, John escreveu as palavras "JAKE MY ARSE" [Jake uma ova].

Devo ter-lhe dado algumas informações pessoais durante a nossa conversa apressada, e lhe dito que tinha tido um filho recentemente. No entanto, por causa de seu olhar míope, que olhava fixamente através de seus óculos, pensei que ele não estava escutando.

Presumo que ele pensou que um rapaz de classe trabalhadora do norte da Inglaterra não devia dar a seus filhos nomes tão esnobes. Na época, ainda não sabia sobre Julian (sua esposa e família ainda eram mantidas fora da mídia). Mais tarde, sempre fiz questão de dizer que Julian é um nome de classe média, muito afetado, muito esnobe.

Visitar os pais foi uma das partes mais estranhas da pesquisa para o livro. Queria colocar bastante sobre eles na versão final, sobre como eles reagiram, e escrevi centenas de páginas de anotação. No final, não havia espaço o suficiente para mais do que alguns parágrafos sobre o que aconteceu com eles (veja o Capítulo 28).

A fama dos filhos deles os pegou completamente de surpresa, e a mudança então recente e repentina de suas casas de famílias trabalhadoras para o ambiente de casas luxuosas no subúrbio foi um choque ainda maior. No caso de Mimi, a tia de John que o criou, ela manteve que sempre foi de classe média. Diferentemente dos outros três casais de pais, que moraram em conjuntos habitacionais ou casas alugadas, Mimi e seu marido tinham casa própria. Era apenas uma casa modesta, em uma rua movimentada, mas nem um pouco afluente ou repleta de empresas, embora Mimi tivesse certas aspirações e odiasse John por se envolver com pessoas comuns. Mesmo para Mimi, houve alguns choques culturais, emocionais e sociais. Não era apenas o fato de os quatro garotos terem se tornado celebridades e milionários. Os pais também se tornaram celebridades, sendo tratados e vivendo como milionários de uma hora para a outra. Todos eles reagiram a esse processo de maneiras ligeiramente diferentes.

A mãe de Ringo, Elsie, e seu padrasto, Harry, foram os que ficaram mais atordoados, quase assustados, presos como coelhos no holofote da fama. Eles tinham acabado de se mudar para um novo bangalô elegante, e se sentiram completamente isolados, sem conhecer ninguém, sem saber o que fazer o dia todo. Tentei não descrever no livro a situação de maneira tão triste, mas senti muito por eles. Eventualmente, eles foram obrigados a se mudar de sua antiga casa no Dingle porque a vida havia se tornado insuportável.

Expliquei para eles ao telefone o que estava fazendo e que eu tinha permissão para isso. Sentado lá, em sua nova sala, que ainda exalava o cheiro de capas de plástico e tinta, podia sentir o nervosismo deles, com medo de dizerem algo errado, então liguei para Ringo, do telefone deles, e pedi que ele falasse com seus pais, até que eles finalmente relaxaram.

"Nós começamos a ficar realmente fartos quando eles começaram a quebrar pedaços da nossa caixa de correio, pegar lascas da porta e pedras do jardim. Chegamos em casa uma noite e eles haviam pintado 'Nós te amamos, Ringo' na porta da frente e em todas as janelas.

"A maioria deles eram bons garotos. Eles compravam os álbuns, então mereciam algo a mais. Eles pediam meias antigas, camisetas ou sapatos. Eu dava algumas coisas, até que não havia mais nada para dar.

"Quando Ritchie estava em casa, ele tinha que entrar e sair escondido no escuro. Às vezes ele ficava agachado dentro de casa e eu tinha que dizer que não estava lá. Então, nós tivemos que nos mudar para cá no fim das contas", disse Elsie.

Por outro lado, Louise Harrison, mãe de George, estava sentada orgulhosamente na sua nova casa, amando tudo aquilo. Ela acolheu os fãs e as interrupções desde o início,

aproveitando para falar com eles, abrindo festas, assinando autógrafos e fazendo pequenos discursos. Ela transformou ser a mãe de um Beatle em uma ocupação de tempo integral.

Quando fui vê-la pela primeira fez, no início de 1967, havia novamente boatos de que os Beatles estavam se separando (ou era isso ou um deles, normalmente Paul, havia morrido). Para lidar com todas as cartas que estava recebendo pessoalmente sobre esse tema importante, a Sra. Harrison tinha preparado respostas datilografadas prontas para serem enviadas aos fãs.

Através do fato de ser mãe de George, ela abriu uma nova loja em Liverpool e conheceu algumas estrelas de TV, como Ken Dodd e Jimmy Tarbuck. Ela e o marido tinham sido recentemente convidados para o velório de um cantor pop local, mesmo sem nunca tê-lo conhecido. Ela pensou ser seu dever comparecer para representar George.

A Sra. Harrison era a única dos pais que tinha ativamente encorajado a educação musical deles desde cedo, e tornou-se uma espécie de tiete, indo para muitos dos seus primeiros shows. Ela ainda amava falar a respeito, afinal, em 1967, tudo ainda estava bem fresco em sua memória.

"Eu me lembro de sua primeira gravação, 'Love Me Do', e George nos dizendo que *talvez* tocasse na Rádio Luxemburgo. Nós todos ficamos até 2 horas da manhã colados no aparelho de rádio, e nada aconteceu. Harold [seu marido] foi dormir, já que ele tinha que acordar às 5 para trabalhar no turno na manhã dos ônibus. Por fim, eu também fui me deitar. Estava no quarto quando o George subiu correndo com o rádio, gritando: 'Nós estamos tocando, nós estamos tocando'. Harold acordou e disse: 'Quem trouxe esse gramofone barulhento para cá?'."

A Sra. Harrison tinha uma memória melhor dos primeiros shows do que os próprios Beatles, o que foi uma grande ajuda no sentido de obter a sequência de eventos em ordem. Eles eram inúteis quando o assunto era datas, ou até mesmo o ano em que algo aconteceu.

"Fui a 48 shows quando eles se tornaram os Beatles. Manchester, Preston, Southport, por todo o norte. Eu sentava na primeira fileira. Numa noite, em Manchester, eles iam tocar em um show que seria gravado por um canal de TV. Comprei meus ingressos como sempre, para o primeiro e o segundo shows. George disse que eu era tola, que nunca iria sobreviver porque eles iam tocar muito alto para o pessoal filmando. Eu dei conta do primeiro show, mas, no começo do segundo, os gritos eram tão altos que quase tive um treco. Tive que pedir ajuda a um policial. Ele não acreditou em mim quando disse que eu tinha ido ao primeiro show também...

"Um dos primeiros grandes gestos que George fez por nós foi em 1963. Ele disse que ia me dar um presente de aniversário, mas que eu não podia vê-lo ou segurá-lo. Tudo que eu tinha que fazer era me preparar para ir para a Jamaica na quarta-feira. Eu disse que precisaria de roupas novas. Ele disse: 'Tudo de que você precisa é o seu cobertor.' Essas férias na Baía de Montego foram as melhores da minha vida.

“Na praia, um dia, um cara sentou-se ao meu lado e disse: ‘Olá Sra. Harrison.’ ‘Como você sabe que eu sou a Sra. Harrison?’ Ele tinha uma descrição do que eu estava vestindo quando saí do hotel de manhã. Era um repórter. Acordei o Harold e disse: ‘Tem um repórter anotando todos os seus roncos.’ Eu estava com sede demais para falar com ele. Precisava tomar algo. O repórter mandou um fotógrafo japonês ir buscar algo e ele voltou com oito garrafas de cerveja. Depois, à noite, ele nos levou para as boates. Nos divertimos muito.

“Acho que nosso momento de maior orgulho de todos foi a Recepção Cívica em Liverpool. Ver nosso povo comparecendo, do aeroporto de Speke até o centro da cidade, centenas de pessoas. Você devia ter visto todos os idosos, acenando seus lenços brancos quando eles passavam. Eles vieram para as ruas de seus asilos apenas para essa ocasião. Ah, Deus, que dia!”

George, na época, havia recentemente começado a se interessar pela música indiana, o que a Sra. Harrison, de uma forma bastante complicada, achava que tinha algo a ver com ela.

“Eu costumava mexer no nosso rádio para escutar música indiana. Tinha sintonizado numa rádio indiana uma vez por acidente e achei aquela música linda, então, depois disso, sempre tentava encontrar essa estação no rádio. Não estou dizendo que isso afetou o George. Isso foi bem antes de ele nascer...”

Jim McCartney, pai de Paul, também havia se adaptado facilmente à nova vida, embora de uma forma diferente, já que tentava se manter fora dos holofotes. Ao contrário dos outros, ele comprou uma velha vila eduardiana, um tanto chique e grande, em vez de um novo bangalô, e se transformou em uma espécie de cavalheiro, em seu blazer e calças quadriculadas, dono de um cavalo de corrida, tomando conta de suas uvas em seu próprio jardim. Ele, claro, havia sido vendedor, então estava sempre muito arrumado e apresentável.

Jim percebeu pela primeira vez que as coisas iam bem quando o telefone começou a tocar sem parar. Eles sempre tiveram um aparelho de telefone, apesar de morarem em uma casa de um conjunto habitacional, pois sua esposa era parteira. “Parecia tocar a cada segundo. Eu atendia, caso fosse importante. Garotas ligavam da Califórnia e perguntavam se Paul estava em casa. Que desperdício de dinheiro! Se elas vinham até nossa casa de muito longe, eu dizia: ‘Você quer um chá? A cozinha é por ali’. Elas entravam, berravam e gritavam porque reconheciam a cozinha de fotos. Elas sabiam mais sobre mim do que eu mesmo. Fãs são excelentes detetives.

“Costumava pensar: ‘Até onde isso pode ir?’ Todos os jornais estavam cheios de notícias sobre a polícia ter que manter os jovens afastados. Toda aquela publicidade gratuita... Brian nunca teve que pagar por nada daquilo.

“Acho que o segredo deles era que os jovens se sentiam atraídos por eles, porque eles representavam seu estado mental, a liberdade e a rebeldia. E eles gostavam muito de fazer aquilo, por isso faziam tão bem.”

Eu fiquei hospedado com Jim e sua nova esposa, Angie, várias vezes e sempre tive uma noite muito agradável. Quando ele vinha para Londres, me ligava e vinha à minha casa lanchar. Uma noite, quando estava com ele em Cheshire, Paul enviou-lhe uma cópia antecipada de "When I'm Sixty-Four", que disse ter escrito com seu pai em mente. Naquela noite, eles tocaram a música umas vinte vezes, dançando pelo escritório. Eu estava convencido de que Jim ia ter um ataque cardíaco. Angie, uma mulher bem mais jovem, o encorajou a ficar pulando.

Michael, irmão mais novo de Paul, também estava morando na mesma casa nessa época e contou uma história sobre como Paul sempre teve uma aptidão inata para a diplomacia, algo que ele havia notado logo cedo na sua juventude.

"Eu estava em Paris com eles e George Martin havia arranjado de eles cantarem 'She Loves You' em alemão. Ele esperou no estúdio por eles por duas horas e eles não apareceram. George foi até o hotel onde eles estavam, o George V e, quando eles o viram entrar, todos se esconderam debaixo da mesa. 'Vocês vão vir cantar ou não?', perguntou George. John disse que não. Então George e Ringo também disseram não. Paul não disse nada.

"Todos voltaram a comer. Então, um pouco mais tarde, Paul virou para John repentinamente e disse: 'Ah, sabe aquela estrofe assim e tal, e se a gente fizesse dessa maneira?'. John ouviu o que Paul disse, pensou um pouco, e respondeu: 'Sim, é isso.'

"Esse havia sido o real motivo de eles não terem ido para o estúdio. Mas, sem discutir, Paul, de forma inteligente, puxou o assunto de novo e o resolveu. Logo em seguida, todos se levantaram e foram para o estúdio."

Mimi foi a única que deixou a região de Liverpool, descendo para o litoral sul para um novo bangalô perto de Bournemouth. Ela também viu sua vida em Liverpool ser tomada pelos fãs, embora sempre tenha tentado ser gentil com eles, procurando algum objeto velho de John para lhes dar.

"Um dia, finalmente, não consegui achar mais nada. 'Nem mesmo um botão?', uma garota perguntou. Bem, eu sempre tive uma mania de cortar os botões de todas as roupas antes de jogá-las fora. Então, peguei minha caixa de botões, que tinha há anos, e dei um para ela. Ela me abraçou e me deu um beijo e disse que nunca esqueceria daquele momento. Mais tarde ela me escreveu dizendo que tinha colocado o botão em um cordão de ouro e que todas as garotas da fábrica estavam com inveja dela."

Isso, naturalmente, fez com que todas as garotas da fábrica escrevessem para Mimi pedindo botões de John, e depois fãs do mundo todo, à medida que a história ia se espalhando. "Enviei botões para todos os países do mundo. Estados Unidos, Tchecoslováquia, por toda a parte."

No fim, Mimi ficou muito chateada com duas fãs que invadiram sua casa quando estava doente, de cama. Ela havia deixado a porta dos fundos aberta para o médico entrar e, quando ouviu barulhos no andar de baixo, pensou que eram ladrões. Ela desceu vagarosamente, esperando ser atacada, e achou duas garotas deitadas no seu sofá novo com um monte de papel

de bala ao redor delas. Mimi mandou as garotas irem embora, furiosa com o fato de que elas haviam entrado sem pedir permissão, fazendo de sua casa propriedade pública. Elas enfim foram embora, mas roubaram a chave da porta dos fundos no caminho. Mimi, então, sentou-se e chorou.

"Eu estava desse jeito quando o padeiro chegou. Ele gentilmente ligou para o seu trabalho e um homem veio instalar uma nova fechadura na porta. Era um funcionário da padaria Scott's. Foi uma das coisas mais gentis que alguém já fez por mim." Pouco depois disso, Mimi decidiu deixar Liverpool de vez.

É interessante pensar que, tantos anos mais tarde, muitos desses souvenirs dos Beatles estão aparecendo em leilões da Sotheby's em Londres, sendo vendidos por uma fortuna para se tornarem decoração do salão de jogos de um milionário japonês.

Mimi foi muito solícita comigo durante minhas visitas, embora muitas de suas histórias sobre John ainda menino contradigam as versões contadas por ele e seus amigos de escola.

Aos olhos de Mimi, John teve uma educação perfeita de classe média. Sim, ele era travesso de vez em quando, porém mais no estilo Just William e suas brincadeiras, nada desagradável ou horrível e, certamente, nada fora da lei. Ela não sabia de onde essas lendas surgiam. Suas próprias histórias eram principalmente sobre a infância de John, quase como se tivesse colocado um véu sobre a maior parte do resto, determinada a mantê-lo jovem, doce e inocente para sempre, pelo menos em sua mente.

Mesmo quando ela assistiu a um show triunfal dos Beatles em Liverpool, no Natal de 1963, o primeiro após o sucesso de seu álbum número um nas paradas, sua mente ainda voltou à infância de John. Ela ficou em pé no fundo, se recusando a se sentar num assento da primeira fileira.

"Foi no Liverpool Empire; eu estava olhando para John no palco, mas tudo que conseguia ver era ele ainda menino. Eu sempre o levava para o Empire no Natal, era seu presente anual. Eu me lembro quando vimos *O gato de botas*. Estava nevando e John ainda estava de galochas dentro do teatro. Quando o gato apareceu com suas grandes botas, John se levantou e gritou: 'Mimi, ele está usando galochas! Eu também.' Todos na plateia escutaram sua pequena voz, olharam para ele e sorriram.

"Fiquei muito orgulhosa, é claro, de vê-lo tocar no palco do Empire. Foi a primeira vez em que percebi o efeito que eles tinham sobre as pessoas. Havia polícia montada para conter a multidão. Bessie Braddock estava comigo na parte de trás. Foi muito emocionante.

"Mas não pude deixar de pensar o tempo todo: não, ele não é realmente um Beatle, ele é o menino que um dia se sentou no balcão comigo e gritou: 'Mimi, ele está usando galochas!'."

É verdade: se você olhar as fotos de John quando ele era bem pequeno – especialmente na tira de fotos 3x4 – ele realmente é um menino muito atraente e inocente.

Um dos problemas sobre reunir as informações sobre a vida dos Beatles na primeira infância foi o fato de que havia dois pais ausentes. Julia, a mãe de John, havia morrido há muito tempo, assim como a mãe de Paul. Eu sabia que o pai biológico de Ringo, que se divorciou de sua mãe Elsie muitos anos antes, ainda estava vivo. E também suspeitava que Freddie Lennon, ou "aquele Alfred", como o lado da família de Mimi se referia a ele, estava em algum lugar. Pelo menos não havia notícias da morte de Freddie. Durante todos os anos escolares de John, Mimi teve medo de que Alfred aparecesse um dia. Entrei em contato com as empresas de transporte e hotéis onde ele poderia estar trabalhando como faxineiro e, a princípio, não obtive qualquer notícia dele.

Tive mais sorte rastreando o pai de Ringo, que também se chamava Richard, ou Ritchie. Em minha primeira carta, o aborreci ao escrever seu nome errado. Tsc, tsc... Nunca fui muito bom em ortografia. Mandei a carta para um Sr. Starkie, em vez de para o Sr. Starkey. Todos os fãs dos Beatles sabem dessa distinção. Ele me repreendeu em sua resposta, mas disse que estava disposto a falar comigo.

Ele estava morando em Crewe, trabalhando meio período como limpador de janelas. Não tinha muito a me dizer, mas eu me admirava muito com o modo como ele havia se mantido longe de Ringo após o divórcio e, mesmo agora, quando seu filho era famoso, não estava lucrando de forma alguma com isso e resolutamente se recusou a entrar em contato com sua ex-mulher ou com Ringo.

Além dos pais, também passei muito tempo na área de Liverpool, procurando amigos de escola, professores, além de pessoas que tocaram com eles no Quarrymen.

Fui ao Cavern, ainda a todo vapor em 1967, mas de novo como clube de jazz, e vi pessoas como Bob Wooler e Alan Williams. Comprei cópias antigas de *Mersey Beat* e peguei tantos programas antigos e cartazes quanto pude.

John desenterrou para mim um programa antigo de um show de que eles tinham participado, como banda de apoio, com o Little Richard. Na frente do programa, John havia conseguido um autógrafo do Little Richard, como qualquer fã comum consegue, além de seu endereço nos Estados Unidos, caso John fosse até lá um dia. Naquela época, essa parecia uma possibilidade muito remota.

A entrevista de Liverpool que se destaca na minha mente foi a de Pete Best. Ele é o baterista que foi demitido pelos Beatles em 16 de agosto de 1962 (veja o Capítulo 17). Em 1967, ele se casou, foi trabalhar em uma padaria e não conseguiu responder a todas as cartas e mensagens que eu havia lhe enviado. Enfim, consegui me encontrar com a mãe dele, Mo Best, que tanto

fez para ajudar os Beatles em sua fase inicial, permitindo que eles tocassem em seu pequeno e recém-aberto clube, o Casbah.

Encontrei-a em Hayman's Green, em uma enorme casa vitoriana, que anteriormente havia abrigado o clube Casbah no porão. Bati na porta por 15 minutos, e estava começando a pensar que a casa havia sido abandonada, até que abriram. O fato de que eu estava trabalhando em uma "biografia autorizada" não foi, neste caso, exatamente uma ajuda. Ela ainda estava furiosa com a forma como seu Pete tinha sido tratado, então penei para convencê-la de que eu estava simplesmente tentando obter a verdade e ouvindo todos os lados. Ela me disse que tinha passado minhas mensagens para o Peter, mas ele não queria se encontrar com ninguém que tivesse a ver com os Beatles. Ela finalmente relaxou e me contou sobre seus encontros com a banda e a história do Casbah – tudo isso foi usado neste livro.

Sem que eu soubesse, Peter tinha chegado em casa para visitar sua mãe enquanto nós estávamos conversando. Ele estava sentado sozinho em outra sala e se recusou a vir falar comigo. Pedi à Sra. Best que enviasse seu filho mais novo, Roag, para perguntar a ele se não falaria comigo apenas para me ajudar a conseguir as datas corretas dos anos em Hamburgo. No final, ela disse: "Vamos lá, vou levá-lo para ver o Pete, não vai ter problema." Passei muito tempo com ele, embora tenha usado apenas uma parte de sua história na versão final.

Ele se levantou e deu um sorriso sem graça, como se estivesse se rendendo, percebendo que, graças à sua mãe, fora encontrado e preso. Parecia envergonhado e cansado, estava com a cabeça inclinada para o lado, quase caindo. Seu semblante era triste e um pouco patético, e ele falava lentamente e em voz baixa. Estava cansado, tendo acabado de sair do trabalho na padaria. Enquanto falava, ficou claro que ainda havia uma grande dose de orgulho nele.

Ele falou sobre Hamburgo e as fases anteriores, se animando com as histórias engraçadas, como a ocasião em que John ficou parado na rua de ceroulas.

"Acho que superei quase tudo, mas demorou muito tempo. Tive que lidar com a imprensa e a publicidade. Recusei muitas ofertas para vender minha história, simplesmente não queria. O que de bom isso poderia gerar, além de dinheiro? Estava tudo acabado e era isso.

"Por duas vezes estive no fundo do poço, bem no fundo mesmo, e não sabia o que fazer da minha vida. Minha esposa Kitty disse para eu dar a volta por cima e tentar de novo. Mo deu duro, ela sempre quis que eu me desse bem no show business. Ela sempre ficou do meu lado, mas a luta era realmente minha.

"Quando deixei o show business, não foi tão ruim. Não conheci outros grupos que pudessem dizer que eu não era bom. No começo, foi difícil conseguir um emprego comum. Algumas pessoas diziam que eu deveria ter continuado no show business. No trabalho, eles me olham e perguntam o que eu estou fazendo lá com eles.

"Quando estou bebendo em um pub, as pessoas ainda se aproximam de mim e perguntam: 'Você não é o fulano que tocava com os Beatles?' Elas ficam me atormentando, perguntando o

que todo mundo pergunta. São intrometidas, e eu não gosto disso, nem ninguém gostaria. Tento não falar nada.

"Nunca senti ódio de ninguém, nem mesmo na época em que tudo aconteceu. No começo eu achava que eles tinham sido um pouco sorrateiros, fazendo tudo pelas minhas costas, tramando para se livrarem de mim e nunca falando na minha cara o que tinham decidido. Superei isso depois de um tempo. Acho que posso entender um pouco o motivo de eles terem sido sorrateiros.

"O que me machucava era saber que eles iam ser uma grade banda. Eu sabia disso. Todos nós sabíamos. Estávamos tocando para grandes públicos em Liverpool, em todos os lugares a que íamos. Eu sabia que ia sentir falta de toda aquela diversão.

"Tento me lembrar de brigas, mas não consigo. Recentemente, me lembrei de um pequeno incidente. Uns dois meses antes, escutei um boato de que eu seria demitido. Perguntei ao Brian, e ele disse que não sabia de nada, mas ia descobrir. Ele realmente averiguou, mas não descobriu nada. Estava tudo bem e eu não precisava me preocupar.

"Pensei que eu talvez fosse muito conformista, poderia ser isso. Ou não penteava meu cabelo direito. Esse tipo de coisa podia ser um dos motivos.

"Não consigo encarar que as pessoas achem que eu não era bom o suficiente, isso me magoa. O que é um bom baterista? É simplesmente uma questão de estilos diferentes, não uma questão de ser bom. Como você pode medir se alguém é bom? Quando voltamos para Liverpool, meu estilo estava em voga. Quando eles viram o quão bons e bem-sucedidos nós éramos, bateristas de outros grupos começaram a copiar meu estilo pesado.

"Sei que a minha mãe acha que eles tinham inveja de mim, mas não acho que era isso. Nós tínhamos um som como grupo. Não era apenas uma pessoa. Minha técnica parecia adequada para eles por um bom tempo, até que não era mais. Então foi isso. Nunca vou saber os verdadeiros motivos.

"Claro que a imagem pública deles não era exatamente real. Eles pareciam anjos em uma certa fase, com seus ternos sem colarinho, como coroinhas. Eu sabia que eles estavam longe de serem anjos. Mas tinham que manter aquela aparência para conquistar as mães e os pais.

"Sempre assisto às entrevistas deles na televisão. John parece igual. Eles amadureceram bastante, estão muito mais perspicazes. Porém, não consigo entender o interesse deles em religião. Essa era a última coisa que eu esperaria deles."

Ele não havia falado com os Beatles ou os visto desde que saiu da banda, além de haver trocado algumas poucas palavras com John pouco tempo depois, quando estava tocando com a banda do Lee Curtis no Cavern. Dos Beatles, John sempre foi o mais próximo dele.

"Eu poderia aceitar a ajuda deles, se os encontrasse de novo e eles falassem de improviso 'Aqui está', mas se me oferecessem um valor X por caridade, diria não."

Depois de entrevistar Pete Best e todos os pais e velhos amigos em Liverpool, voltei para ver os Beatles em Londres e contei algumas coisas que havia descoberto nas minhas viagens. Eles estavam muito interessados em saber o que tinha acontecido, exceto quando o assunto era Pete Best. Nesse ponto, eles pareciam se desconcentrar, como se ele nunca tivesse feito parte de suas vidas. Mostraram pouco interesse quando contei que ele agora trabalhava cortando pão por 18 libras por semana, embora Paul tenha feito uma careta. John me fez mais algumas perguntas, mas logo se esqueceu do assunto, e todos voltaram a trabalhar na música que estavam gravando.

Suponho que a conversa tenha lembrado a eles o quão sorrateiros tinham sido quando demitiram Pete Best, nunca falando com ele diretamente, e que, sem a graça de Deus ou de Brian Epstein, as circunstâncias poderiam ter sido diferentes e eles também poderiam estar cortando pão agora por 18 libras por semana.

Mais tarde, na casa de John, consegui fazê-lo admitir que eles poderiam ter tratado Peter melhor. "Nós fomos covardes", disse ele.

Fiquei impressionado com Pete por nunca ter contado a sua história. Ele podia facilmente ter exposto a realidade da vida em Hamburgo e o comportamento bastante escandaloso deles. Nessa época, ele não tinha nada a perder. Os próprios Beatles não podiam fazer isso, já que naqueles anos Brian Epstein ainda estava tentando tirar o máximo de proveito de sua imagem amável. Até que um dia, é claro, o próprio John contou a verdade, ou mais que a verdade, sobre a vida nos camarins, antecipando qualquer revelação que Pete pudesse fazer.

Mais tarde, Pete escreveu um livro. Espero que ele tenha ganhado um trocado com isso. Afinal de contas, ele *era* um Beatle, em um momento vital – ao contrário das secretárias temporárias e dos motoristas que correram para a imprensa, apesar de conhecê-los apenas por algumas semanas, muito tempo depois de os verdadeiros dias dos Beatles terem acabado.

Hamburgo foi muito difícil – pensei que nunca iria conseguir ter claro em minha mente o que havia acontecido por lá. Os Beatles se contradiziam a respeito de quantas vezes estiveram lá, em qual ordem tocaram em vários lugares e que evento aconteceu em que data.

Tive sessões muito longas com cada um dos Beatles e percebi que uma importante mudança em Hamburgo dizia respeito a como eles se tornaram mais unidos como banda, desenvolvendo suas personalidades, criando seu próprio som e, claro, seu novo visual. Ninguém tinha tentado escrever sobre esse período vital em suas vidas ou ido até lá para verificar o que havia acontecido. Não tinha me dado conta, até chegar lá, de que eles tinham tomado tantos comprimidos por tanto tempo, tentando se manter acordados durante as

apresentações de 12 horas. Não é à toa que eles tinham essas lembranças nebulosas sobre datas, lugares e pessoas.

Fui para Hamburgo em 1967, visitei todos os lugares em que eles tocaram e falei com tantas pessoas quanto pude encontrar que se lembrassem deles. Consegui até uma cópia do contrato de gravação que eles assinaram com a Bert Kaempfert Production. O contrato tinha uma data clara (12/5/1961), o que foi útil quando comecei a estabelecer a sequência de eventos em ordem cronológica. Ele mostrava, para começar, que Stu Sutcliffe já havia deixado os Beatles naquele momento (ele era o Beatle que morreu em Hamburgo em abril de 1962).

No contrato de oito páginas, eles eram dados, na cláusula 4, à oportunidade de "ouvir suas gravações imediatamente após a conclusão das mesmas e de apontar eventuais objeções na mesma hora". Essa era uma cláusula muito justa para uma banda de apoio estrangeira desconhecida, produzindo algumas músicas rápidas em 1961. Afirmou-se, na cláusula 7, que o "Sr. John W. Lennon estava autorizado, como representante da banda, a receber pagamentos".

Munido de um documento como esse, e pesquisando nos livros de registro de várias casas de show, estabeleci que os Beatles tinham feito três turnês por Hamburgo. (John disse duas, Paul disse quatro, George não tinha certeza.) Na época, achava que tinha posto tudo na ordem errada e que alguém apareceria com provas de que eu tinha colocado os Beatles no lugar errado na data errada.

Ainda estou preparado para admitir algum erro relacionado àquelas datas de Hamburgo. Mas isso importa? Bom, naquela época eu não estava *tão* preocupado, achando que ninguém além de mim se preocuparia com um pequeno detalhe como esse. Desde então, naturalmente, dezenas de pesquisadores foram para Hamburgo e reviraram o baú, incluindo o Dr. Tony Waine, da Universidade de Lancaster, que fez um estudo especial sobre os Beatles em Hamburgo e escreveu sobre eles para revistas acadêmicas na Grã-Bretanha e na Alemanha. Os estudantes de Beatles nunca deixam de me surpreender.

O destaque de minha viagem para Hamburgo foi conhecer Astrid Kirchherr. Ela ajudou muito com fatos e lembranças de seus dias em Hamburgo e foi também a primeira pessoa que conheci a ter uma visão clara das diferentes personalidades e talentos de cada um.

Astrid e seu pequeno grupo de amigos da escola de arte de Hamburgo foram os primeiros fãs intelectuais dos Beatles. Até então, e por muitos anos mais tarde, eles foram apreciados principalmente por vendedoras e cabeleireiras, ou, brevemente, por empresários de baixo escalão que tinham esperança de ganhar dinheiro rápido marcando alguns shows para eles. Durante 1960-1962, Astrid viu algo diferente neles, algo que até então ninguém tinha visto,

embora fosse claro que ela admirava Stuart Sutcliffe acima de tudo, ficando até mesmo noiva dele.

Fiquei bastante chocado com a vida que ela estava levando em 1967. Para começar, seu quarto na casa que ainda compartilhava com sua mãe era quase um santuário. Como a senhorita Havisham em *Grandes esperanças*, ela o manteve intacto, como tinha sido nos últimos meses de vida de Stu. Tudo era preto: a cama, o estofado, os móveis, e a única luz vinha de algumas velas. Era muito assustador e estranho, embora ela fosse calma e controlada, capaz de falar sobre Stu e os Beatles sem emoção ou melodrama.

Em 1963, quando a Beatlemania teve início, ela deu algumas entrevistas para a imprensa alemã e de outros lugares. "Eu estava tão feliz de eles estarem indo bem que queria ajudá-los. Fiz o melhor que pude para ver se os jornais tinham os fatos corretos. No início, os jornais falavam que eles eram quatro caras estranhos que viviam em um sótão sujo em Liverpool. Eu queria que eles soubessem o quão inteligentes e talentosos eles eram. Mas nada nunca era impresso do jeito que eu contava. Sempre, em todas as entrevistas, faziam as mesmas perguntas: 'Você realmente inventou o corte de cabelo dos Beatles?'."

Agora ela parou de dar entrevistas. Também se recusou a contar a história de sua vida, embora as revistas alemãs tenham feito ofertas a ela durante anos. Ela também recusou uma grande quantia de dinheiro por uma gravação que tem, que Stu lhe deu, de Stu, John e os outros tocando na Art College em Liverpool (feita no gravador que John convenceu a faculdade a comprar para seu uso pessoal).

"Uma gravadora me ofereceu 30 mil marcos por ela e eu disse não. Então eles ofereceram 50 mil. Eu disse não, nem por 100 mil, ou qualquer outro valor. Eles queriam colocar o nome dos Beatles [na gravação] e ganhar muito dinheiro com isso. Não traria nada de bom para eles [Beatles]. Eles estavam se divertindo, tocando de brincadeira."

Ela disse que nunca ganhou um centavo com as fotos dos Beatles que tirou, nem mesmo com a foto dos cinco juntos tirada na estação de trem de Hamburgo, que acabou dando a volta ao mundo. Ela deu essa foto e outras para eles, muito antes de ficarem famosos. Por sua vez, quando ainda não eram famosos, os Beatles deram as fotos para alguém que as enviou para uma agência. Suas fotografias não só renderam muito dinheiro para os outros, ela definiu um estilo de tirar fotos deles (metade nas sombras) que foi copiado por outros fotógrafos e outras bandas.

"O problema é que eu nunca guardei os negativos, então realmente não posso provar que elas eram minhas. Ah, recebi algum dinheiro do Brian uma vez, por uma série de fotos que dei para os meninos. Ele me pagou 30 libras."

Ela, é claro, recebeu muitas propostas de trabalho pelo fato de ter tirado fotos dos Beatles. Uma famosa revista alemã a chamou para fotografar os rapazes, quando eles recusaram todos os outros fotógrafos, mas com a condição que fosse acompanhada de um de seus fotógrafos, só

para ajudá-la. “John disse que eu devia aceitar, que deveria ganhar algum dinheiro com isso para variar. Esse outro fotógrafo tirou umas fotos horríveis deles, quando não deveria ter feito nada disso. Eles usaram todas as fotos dele.”

Em 1967, quando a encontrei, ela ainda estava em contato com os Beatles e John tinha vindo vê-la quando esteve na Alemanha filmando *Como eu ganhei a guerra*.

“John é original. Novas ideias simplesmente brotam na cabeça dele. Paul também é bastante original, mas ele é bom em fazer arranjos. Ele faz as coisas funcionarem, o que John não consegue, ou não está nem interessado em tentar fazer.

“Eles precisam e não precisam um do outro. Ambas as afirmações são verdadeiras. Paul é um compositor tão talentoso quanto John. Eles teriam se dado bem sozinhos.

“A coisa mais incrível sobre eles é que, ao se unirem, não se tornaram iguais nem foram influenciados um pelo o outro. Ainda são diferentes, ainda são eles mesmos. Paul ainda compõe músicas doces, como ‘Michelle’, esse tipo de melodia. John escreve músicas agitadas. Tanto tempo trabalhando juntos não apagou suas diferenças, o que eu acho incrível.

“Vez por outra, e ainda mais no início, me perguntava se eles se importavam com os sentimentos e a amizade das outras pessoas. Eles falavam coisas horríveis na frente delas: ‘Queria que o Kraut fosse embora’, esse tipo de coisa. Eles ainda são cruéis com as pessoas de que não gostam, mandando elas embora ou dizendo que não gostam delas. Mas não é tão ruim assim. Seria pior se eles fingissem que gostam de alguém.

“Depois que Stu morreu, eles foram muito gentis e adoráveis. Sabia que não eram cruéis. Isso me mostrou que eles sabiam quando as coisas tinham ido longe demais e quando era hora de parar.”

Embora Astrid tenha dado tanto para os Beatles, algo que todos reconhecem, de certa forma eles haviam destruído sua vida. A morte de Stu ainda era, obviamente, muito recente para ela, embora tivesse acabado de se casar com outro exilado de Liverpool quando a conheci, em 1967. A desilusão com a imprensa alemã a levou, na época, a desistir de sua carreira como fotógrafa.

Ela estava trabalhando então em um bar e, naquela noite, depois de conversarmos durante todo o dia, ela me levou lá. Hamburgo é cheia de boates e bares estranhos, mas esse foi o primeiro bar de lésbicas em que eu entrei. Ela me pôs para dentro, como um amigo dela, e o bar parecia estar cheio de prostitutas dançando juntas antes de irem para o trabalho na noite. Astrid estava trabalhando atrás do bar, e também estava de plantão para dançar com as clientes, se necessário. Para isso, trabalhando a noite toda, recebia 40 libras por semana. No entanto, estava sentada em uma pequena fortuna com todas as suas memorabilias dos Beatles.

Contei tudo sobre ela para Paul assim que voltei para Londres, e isso trouxe à tona lembranças dos bons momentos que eles tiveram em Hamburgo. Paul admitiu que eles tinham sido horríveis com Stu. Ele talvez tivesse ficado com ciúmes da admiração de John por Stu e, às vezes, se sentia um pouco excluído.

"Eu fui muito desagradável com ele no último dia. Nós estávamos indo embora de Hamburgo e ele ia ficar lá com a Astrid. Olhei nos olhos dele no palco, já que estávamos tocando juntos pela última vez. Ele estava chorando. Foi um daqueles momentos em que, de repente, você se sente muito próximo de uma pessoa."

* * *

Levei muito tempo para perceber que Brian Epstein era homossexual. Quando percebi, pensei num primeiro momento que isso de qualquer forma não importava, mas lentamente reconheci que se tratava de uma parte vital de seu caráter e de sua relação com os Beatles.

Brian Epstein os amava. Quando finalmente passei algum tempo com ele e consegui fazê-lo se sentar e pensar nos primeiros anos dos Beatles, foi difícil interrompê-lo. Ele me deu cópias de velhos memorandos, que ele mesmo havia datilografado, dizendo-lhes como se comportar no palco, que não deviam fumar ou mastigar. Ele também me deu sua velha lista datilografada de compromissos locais iniciais, para a qual não achei espaço neste livro, embora ela possa ser de interesse dos especialistas em Beatles. Livros inteiros foram escritos posteriormente sobre o que os Beatles fizeram a cada dia durante os anos da Beatlemania.

Ainda mais interessante é a nota, com o monograma BE, que ele enviou para George Martin antes da primeira sessão do grupo em estúdio, em 6 de junho de 1962, sugerindo possíveis canções a gravar. Agora, olhando para essa lista novamente, há algumas composições de que eu nunca ouvi falar, como "Pinwheel Twist". Eu me pergunto o que aconteceu com essa canção.

Ele também desenterrou para mim a primeira nota para a imprensa sobre os Beatles e os memorandos que mandou para sua equipe quando a NEMS, sua empresa, abriu seu primeiro escritório em Londres. O conteúdo era basicamente instruções de Brian sobre como se comportar e ser gentil com todo mundo. Bem típico.

Adquiri tantos documentos quanto pude durante todas as minhas entrevistas, bem como folhetos e boletins de fã-clubes, tanto da Grã-Bretanha quanto dos Estados Unidos. O próprio Brian tinha cópias sobressalentes de grande parte desse material, e me deu bastante coisa.

Ele era muito cuidadoso e organizado nos primeiros anos. Foi apenas depois de conhecê-lo melhor, durante 1967, que percebi o caos que era sua vida então. Ele estava constantemente deprimido, vivendo à base de comprimidos, dando ataques com sua equipe e amigos mais próximos por qualquer coisa irrelevante e, em seguida, sucumbindo às lagrimas e pedindo desculpas a todos. Ele havia tentado se suicidar duas vezes, embora isso tenha sido mantido em segredo na época.

Em sua vida sexual, ele não era simplesmente um homossexual, mas um masoquista, que escolhia deliberadamente rapazes não homossexuais, muitas vezes marinheiros, para trazer para sua casa, onde ele lhes dava bebidas e drogas. Geralmente, esses encontros terminavam com ele sendo espancado e tendo seus pertences roubados. Muitas vezes, eles levavam materiais dos Beatles. Em seguida, ele era chantageado e acabava ainda mais deprimido.

Passei um fim de semana com ele em sua casa de campo em Kingsley Hill, Sussex. No sábado à noite, tivemos um jantar agradável, no qual contamos com a companhia de uma personalidade da música pop famosa na época (ainda mais conhecida hoje em dia, mas é melhor eu não revelar o nome). Após o jantar, eles decidiram que gostariam que alguns rapazes os entretivessem, mas já eram 11 horas da noite.

Brian tirou do bolso algo como um cartão de crédito, que era seu cartão de uma associação de garotos de programa, discou um número e disse seu nome e número de sócio. Houve muita discussão no telefone, com a pessoa do outro lado da linha dizendo que era muito tarde e todos já estavam reservados, os melhores rapazes já haviam saído. Quando Brian disse que estava em Sussex, não em Londres, a voz disse que definitivamente não havia chances de alguém ir até sua casa. Brian informou que pagaria pelos táxis e dobraria os honorários, bastava que enviassem qualquer um que conseguissem encontrar, e então desligou.

Fiquei sentado com eles, bebendo, até meia-noite, mas depois fui dormir. Acho que eram 4 horas da manhã quando alguém finalmente chegou de Londres. Na manhã seguinte, tomei café sozinho e fui para casa mais ou menos ao meio-dia. Os outros ainda estavam dormindo.

Brian concordou que eu mencionasse sua homossexualidade no livro, embora, claro, eu não fosse entrar em detalhes.

Os Beatles tampouco sabiam toda a história deste lado de sua vida. Quando o conheci, ele já não exercia uma influência tão grande em suas vidas. Paul estava ocupado tomando as rédeas da organização, criando a Apple, assumindo o controle de coisas como a capa do *Sergeant Pepper*.

Eles sabiam que Brian era homossexual, mas isso era tudo. John foi o único com quem conversei a respeito, já que ele estava bastante interessado, mas Paul parecia ficar perturbado com o assunto. Brian sabia disso e estava sempre especialmente preocupado em agradar Paul, dando-lhe os maiores presentes. Os funcionários de Brian me disseram que ele se preocupava mais em manter boas relações com Paul e sempre atendia suas ligações primeiro.

John me disse que ele havia dormido com Brian uma vez, durante umas férias na Espanha, quando Brian o convidou para passar alguns dias com ele após o nascimento de Julian, em 1963, deixando Cyn sozinha. Mencionei essas férias breves no livro, mas não o que o John alegou ter ocorrido. Em parte, eu não acreditava nele – mesmo que John fosse doido o suficiente para tentar praticamente qualquer coisa pelo menos uma vez, ele certamente não era homossexual e essa ostentação ou mentira teria dado a impressão errada. Também não era justo com Cynthia, sua esposa na época.

Em 1967, até mesmo John parecia não ter mais muito contato com Brian. Quando comecei a me dar conta da extensão do caráter trágico de sua vida privada, achei que era tudo parcialmente culpa dos Beatles, que o empurraram para fora de suas vidas, jogaram-no fora, deixando-o sem propósito na vida, talvez ajudando a causar sua terrível depressão. Provavelmente também deixei isso transparecer bastante no livro. Agora, olhando em retrospecto, acho que a culpa era de Brian. Havia subestimado o fato de que ele havia sido dispensado do exército por razões médicas e emocionais, após ser encaminhado a um psiquiatra. Ele havia me contado isso como se fosse meio que uma piada, quase como se tivesse feito isso para sair do exército, que foi como eu relatei o episódio (ver Capítulo 15). Parece claro para mim agora que ele deveria ter tido ajuda psiquiátrica adequada desde cedo. Em Liverpool, ouvi histórias de certos incidentes, mas nunca consegui obter mais detalhes.

Pode-se argumentar que os Beatles o *salvaram* de si mesmo, prolongando sua vida, pelo menos por aqueles cerca de seis anos em que ele se jogou em sua carreira, utilizando toda sua energia, seu talento e sua emoção para o bem deles. Em 1967, ele estava novamente sozinho e achando muito difícil conviver consigo mesmo.

O relatório oficial de sua morte em setembro de 1967 aponta como causa uma overdose acidental, algo em que eu acredito, embora outros, desde então, tenham tentado provar que foi suicídio, e alguns escritores irresponsáveis tenham até insinuado que foi assassinato, já que ainda existem alguns fatos desconhecidos sobre os dias que antecederam sua morte. Emocionalmente, foi suicídio, embora não ache que ele quisesse se matar dessa forma naquele momento. Mas acho que isso teria acontecido mais cedo ou mais tarde.

Eu estava com os Beatles em Bangor, norte de Gales, quando eles receberam a notícia da morte de Brian. O fim de semana inteiro havia sido bem bizarro. Michael McCartney, irmão de Paul, havia me ligado na noite anterior para dizer que eles planejavam ir para algum lugar de Gales encontrar com alguém chamado Maharishi. Tudo havia começado com George e seu interesse por coisas indianas, e ele havia persuadido os outros a acompanhá-lo. Michael me disse para estar na plataforma em Euston numa dada hora para pegar o trem para Bangor. Estava fadado

a ser um *happening*. Você se lembra dos *happenings*? Bem anos 1960. Eu me dei conta de que seria a primeira vez que eles todos iam a algum lugar, como uma banda, desde a época das turnês. Então, pelo menos isso seria interessante de observar.

Viajei com eles no mesmo carro, na sexta, 25 de agosto de 1967 – os quatro Beatles, além de Mick Jagger e de Marianne Faithfull, todos vestidos com suas roupas *flower-power*. Foi muito revelador ver Jagger e Lennon juntos. Eles pareciam desconfiar um do outro: cuidadosos e respeitosos, mas com pouco contato.

Sabia, tendo conversado a respeito com John anteriormente, que ele tinha inveja de Jagger. Certamente não de sua música, sucesso ou fama, mas do fato de Jagger ter tido uma imagem de rebelde desde o início, algo que John achava que ele deveria ter tido também. Argumentei que foram os Beatles, quebrando tantas regras, que permitiram que os Stones viessem mais tarde e construíssem suas carreiras sobre o que os Beatles fizeram. John, nessa fase, ainda se ressentia da operação de "limpeza" que Brian tinha feito neles. Sentia vergonha, de certa maneira, de ter concordado com Brian. Suponho que tenha sido por isso que mais tarde John tenha sobrecompensado e contado tudo sobre si mesmo, passando a imagem de ter sido uma pessoa pior do que realmente tinha sido.

No trem, houve pouca conversa entre todos eles. No entanto, depois de terem sido levados para o compartimento de Maharishi, mais à frente do trem, todos riram e brincaram sobre o que ele tinha dito a cada um deles, mas ao mesmo tempo levando tudo muito a sério.

A viagem deveria ter sido secreta e foi organizada no último momento, mas a notícia vazou e, em várias estações ao longo da linha, multidões de fãs se reuniram. Era quase como nos tempos da Beatlemania de novo. Fãs corriam em direção ao trem quando parávamos e empurravam seus cadernos de autógrafos pelas janelas e portas; um acontecimento e tanto para os fãs: ter seus heróis todos no mesmo lugar ao mesmo tempo. A maioria deles dava autógrafos devidamente, exceto John, que logo disse estar farto. Então, de vez em quando, eu assinava o seu nome nos pequenos cadernos, se os fãs parecessem estar particularmente desapontados. Espero que a Sotheby's tenha encontrado uma maneira de distinguir as assinaturas reais das falsas.

Naquela noite, em Bangor, fomos todos para a cidade comer alguma coisa. Era tarde da noite, em uma pequena cidade de província, e só conseguimos encontrar um restaurante chinês aberto. Quando a conta finalmente chegou, percebi que não tinha dinheiro suficiente para pagar, nem ninguém mais tinha. Os Beatles nunca carregavam dinheiro consigo, assim como a família real, e dessa vez eles estavam sem seus assessores e assistentes habituais, que carregavam suas carteiras para eles.

O garçom chinês foi ficando muito irritado, achando que íamos todos sair sem pagar, quando George, de repente, coloca o pé descalço sobre a mesa. Ele tinha tirado as sandálias e estava examinando suas solas. Havia uma fenda na parte da frente e de lá ele retirou 20 libras,

mais do que suficiente para pagar a conta. Ele tinha colocado o dinheiro lá para emergências, meses (ou mesmo anos) antes, e esquecido disso até aquela noite.

A notícia da morte de Brian chegou no domingo, depois de eles terem tido uma longa sessão com Maharishi. Na ocasião, eles pareciam não se importar, o que magoou a família de Brian, mas, em parte, isso era o resultado de ter estado com Maharishi, que lhes havia dito que a morte significava muito pouco. Era típico deles reagir de tal maneira. Anos antes, Paul havia feito uma piada boba sobre a morte de sua mãe, por medo, e não por crueldade. John também pareceu indiferente depois da morte de sua própria mãe.

A morte de Brian Epstein foi um divisor de águas, o fim de uma era, o capítulo final dos anos da Beatlemania, embora nós não tenhamos percebido no momento o quão perto estávamos do fim dos Beatles como banda em atividade. Todos se perguntavam, porém, o que aconteceria em seguida. Lembro de George Martin me dizendo que ele achava que eles não iam dar conta no futuro sem algum tipo de figura organizadora, alguém em quem se apoiar. Eles sempre precisariam de algum tipo de ajuda.

Quanto a entrevistar os próprios Beatles, descrevi em detalhes na Parte III deste livro (ver Capítulos 28-34) o que exatamente eles estavam fazendo e pensando em 1967, por isso não há muita necessidade de dizer mais nada. Sabia também, na época, que no minuto em que escrevia qualquer coisa, ela já estava desatualizada. Eles se transformavam muito rapidamente – mudando de ideia, trocando suas roupas, seus interesses, sempre focados em algo novo.

John foi a pessoa com quem tive mais dificuldade de conversar. Passei horas em sua casa em Weybridge, em silêncio, nadando com ele na piscina, comendo, sentado em sua pequena sala de estar, muitas vezes sem nenhum outro som exceto o da televisão velha piscando longe, no canto. No final, se um diálogo parecia impossível, eu arrumava as malas e tentava outro dia, quando esperava que ele estivesse mais aberto a falar. Com Cyn, ele agia assim por semanas. Ele parecia estar permanentemente num estado de abstração mental. Não acho que tenha sido o efeito das drogas, embora ele fumasse muito, nem mesmo das meditações de Maharishi. Por longos períodos, ele simplesmente escolhia se fechar. Olhando em retrospecto, ele estava à espera de Yoko para despertá-lo para a vida novamente.

John ainda poderia ser a personalidade mais forte da banda, se ele quisesse, embora não fosse tão dominante como no passado. Ele deixou Paul assumir o controle da maioria das coisas e lhe permitiu orientar os Beatles em novos projetos, como o *Magical Mystery Tour*, assim como deixou que George os orientasse no misticismo indiano.

Até mesmo na festa particular para comemorar o *Magical Mystery Tour*, que era um assunto muito alegre, com seus amigos, parentes e funcionários pessoais, John parecia ausente.

Fomos todos fantasiados. Eu fui de escoteiro, e minha esposa de bandeirante, algo um pouco patético e nada criativo. John estava magnífico de roqueiro dos anos 1950, assim como ele havia sido dez anos antes. Ele conversou um pouco com a minha esposa sobre livros e, em seguida, sentou-se, num estado de transe.

Em sua casa e em sua cabeça, ele tinha tantas canções pela metade, pedaços incompletos de versos, que ele tocava por um tempo, antes de rapidamente se cansar delas. Eu me lembro dele às voltas com "Across the Universe" por meses, ou variações dela. Ele tocava ou cantava os mesmos pedaços antigos a cada poucas semanas, não tendo conseguido avançar com a canção desde a última vez em que o havia visto.

Era mais fácil conversar com Paul. Ele tinha tanta energia e entusiasmo e, ao contrário de John, gostava de ser querido, pelo menos na maior parte do tempo. Não vejo isso como uma crítica. O próprio John podia ser bem cruel a respeito da vontade de agradar de Paul. A ironia era, e ainda é, que a forma horrível como John se comportava com as pessoas, sua grosseria e crueldade, fazia com que elas gostassem ainda mais dele, ao passo que a gentileza genuína de Paul fazia com que as pessoas suspeitassem dele e o acusassem de ser calculista. Paul olhava para a frente, via o que podia acontecer, medindo as consequências de certas ações, mas muitas vezes acabava se enrolando, não conseguindo necessariamente o que achava que queria. Acho que há um pouco de insegurança na natureza de Paul, o que faz com que ele se esforce e trabalhe tanto. Isso também significa que ele pode facilmente se magoar com as críticas, algo que simplesmente não acontecia com John.

George, na época em que eu estava escrevendo o livro, era um obsessivo, o que podia tornar uma conversa com ele muito difícil. Ele odiava, até mesmo então, os dias dos Beatles, e queria esquecê-los completamente e seguir em frente. Todos se sentiam assim, mas George especialmente. Seu desenvolvimento, durante aqueles anos como Beatle, foi de longe o mais dramático. É fácil esquecer o quão jovem ele era, um inexperiente rapaz de 17 anos, quando entrou para a banda. Por muitos anos as pessoas o viram como uma mera criança. John era muito dominante e, naquela fase de suas carreiras, ser três anos mais velho fez uma enorme diferença, ofuscando George completamente. Presumivelmente, John e Paul notaram coisas ocultas em George, desde o início, além de sua excelente destreza com uma guitarra. Eles tinham orgulho dele, de uma forma bem fraternal, por ser tão bom guitarrista e, em 1967, esse orgulho se transformou em admiração, não só por conta das excelentes canções que havia composto, mas por ele ser tão bem-informado sobre música e cultura indianas, se dando ao trabalho de aprender sozinho a tocar cítara. Pela primeira vez em sua vida, ele se tornou um líder, liderando pelo exemplo, e não de uma forma autoritária ou dominadora.

Ir visitar Ringo foi bem estranho. Ele ia de um lado para o outro, inquieto e parecendo preocupado. Em casa, era muito mais uma figura tipo Andy Capp, assim como John, enquanto Paul tinha adquirido mais hábitos de classe média, graças à sua amizade com Jane Asher.

Acho que Ringo estava preocupado com o futuro. Os dias de turnê haviam acabado e ele sabia que no estúdio, especialmente com a entrada de todo o novo equipamento sintetizador, sua bateria não era mais tão importante quanto costumava ser. Muitas vezes Paul assumia a bateria no estúdio para explicar o que eles queriam. Enquanto George e John estavam fartos de serem Beatles e Paul queria continuar por mais um tempo, pois podia ver que havia coisas que eles ainda não tinham feito, o futuro de Ringo estava em branco. Além de ter atuado um pouco, ele não podia ver o que mais havia para fazer.

Neil Aspinall e Mal Evans, ambos gerentes de turnê desde o início e ainda naquela época companheiros constantes e assistentes dos Beatles, eram sempre questionados sobre qual era o Beatle favorito deles. Era uma pergunta impossível de se responder, mas natural. Havia tantas facetas em cada um deles... Paul e Ringo, até onde o público sabia, eram os mais "simpáticos", mas ainda assim conheci diversas pessoas que trabalharam próximas a eles e que reclamavam deles o tempo todo. Ao contrário de John e George, eles se tornavam desagradáveis em momentos privados. De repente, decidiam que estavam sendo passados para trás por um assistente ou fornecedor, especialmente quando o assunto era dinheiro. Quando se tratava de dinheiro, John e George pareciam quase não se importar.

John era o mais original, foi o que sempre pensei, mas Paul era o mais naturalmente dotado. Música flui através dele o tempo todo e ele também tem o dom de tirar o maior proveito de seus talentos. George era uma mistura de originalidade e talento, mas de forma diferente daquela dos outros dois. Ringo não tinha nenhuma pretensão e não nutria absolutamente nenhuma aspiração intelectual, ao contrário dos outros três, e nem possuía nenhuma ilusão a respeito de seu trabalho ou valor. Ele tinha uma abordagem bastante lúcida com relação a tudo e podia ser muito perspicaz e afiado.

Eu esperava ansiosamente pelas minhas conversas com cada um deles, mas talvez gostasse mais da companhia de Paul e John. Eles também tinham interesse no meu mudo, na vida como um todo, discutindo assuntos do dia, isto é, se não fosse um dos dias em que John tinha tirado para não falar com ninguém. Ambos estavam, surpreendentemente, carentes de bons papos, razão pela qual, suponho eu, algumas pessoas com ideias esquisitas conseguiam entrar em suas vidas de vez em quando.

Suas vidas nos últimos dez anos haviam sido tão extraordinárias que eu estava interessado em todas as suas observações, mesmo que ingênuas. Eles tinham pouca noção de como o mundo real funcionava, tendo estado isolados da realidade por tanto tempo. John, por exemplo, não sabia usar um telefone. As pessoas haviam feito suas ligações por ele por tanto tempo que ele havia esquecido como fazê-las ele mesmo.

Eles eram como espécimes raros, pessoas de outro planeta, que viam as coisas de forma diferente do resto de nós; sem educação, mentes incultas, ainda que tivessem visto coisas e passado por experiências, eventos e emoções que o resto de nós só pode imaginar. Eles não

tinham nenhuma presunção, o que eu achei surpreendente, nem sobre sua música nem sobre sua fama. Acreditavam honestamente que qualquer pessoa poderia alcançar o que queria se fizesse um esforço para isso. Eles conseguiram o que queriam, então não conseguiam entender por que outras pessoas não conseguiam. Toda a filosofia da Apple, idiota e louca como era, foi baseada em ajudar os outros a se ajudarem. Eles acreditavam que educação acadêmica e formação de qualquer tipo eram uma perda de tempo. Haviam quebrado todas as regras, mesmo depois de as pessoas lhes dizerem que nunca iriam chegar lá, vindos de Liverpool, cantando daquele jeito, então acreditavam que os outros pudessem fazer o mesmo.

Eles estavam todos em busca de algo, especialmente John e George, sem saber o quê, sentindo um certo buraco em suas vidas, um vazio depois de todos aqueles anos agitados dos Beatles. Toda estrela desde então sentiu a mesma coisa e, provavelmente, cada vencedor de raspadinha, milionário do bingo ou ganhador da loteria também – pelo menos aqueles com um pouco de sensibilidade.

As pessoas também costumavam me perguntar qual era o meu Beatle favorito. E eu costumava responder dizendo que meu Beatle favorito era aquele com quem eu tinha estado mais recentemente. Era assim que Neil e Mal costumavam responder e era por isso que eu queria continuar a observá-los para sempre, em vez de cuidar de tarefas mais mundanas, como colocar tudo no papel.

No início de 1968, eu ainda estava fazendo entrevistas e tinha acumulado cerca de 150 mil palavras em anotações. Aquele livro sobre universidades britânicas tinha praticamente desaparecido de minha mente. Pensei em mudar o título de novo para *Class of '68*, mas então decidi esquecer a coisa toda. Revoluções estudantis e demonstrações estavam acontecendo, e a natureza da vida universitária havia mudado.

Estava concentrado completamente nos Beatles, embora estivesse adiando a tarefa de começar a escrever o livro de fato. O *Sergeant Pepper* havia sido lançado com sucesso de crítica e isso fez com que os Beatles fossem vistos de outra forma perante aqueles que os consideravam uma moda passageira. As coisas ainda estavam mudando e eu não queria perder nenhuma etapa nova, mas sabia que em breve teria que parar e colocar tudo no papel. Todos os álbuns dos Beatles, de 1963 a 1969, continham algo novo e diferente. Será que perderia um desenvolvimento musical novo e dramático se parasse agora?

A parte mais agradável de pesquisar para este livro foi estar presente em Abbey Road. Toda a sonolência de John quando estava em casa desaparecia quando ele entrava no estúdio. Trabalhar com Paul parecia torná-lo mais vivo. Se ele não conseguisse terminar uma música, Paul o ajudava. Eles continuaram autênticos, cada um produzindo o seu tipo de som, mas a

presença dos outros parecia trazer à tona o melhor em cada um deles. E, se ficassem completamente emperrados, com dois pedaços de música que pareciam não se mesclar, como em "A Day in the Life", então George Martin estava lá para resolver o problema.

Geralmente, eles se encontravam na casa de Paul na Cavendish Avenue, em St John's Wood. À tarde, subiam para o andar de cima, onde John e Paul experimentavam qualquer ideia nova que houvessem tido enquanto estavam sozinhos. Era tudo bastante informal, com amigos próximos e parentes indo e vindo, e todos eles faziam uma pausa para comer ovos fritos com torradas e tomar chá. Quando iam à noite para o estúdio, que ficava na esquina, em Abbey Road, e George e Ringo chegavam, tudo se tornava mais sério. Pessoas estranhas não eram permitidas no estúdio enquanto eles trabalhavam.

John e Paul escreviam na parte de trás de envelopes e em pedaços de papel a letra mais recente ou versões de músicas em que estavam trabalhando; em seguida, passavam tudo para o Ringo na bateria para que ele soubesse o que estava acontecendo. Partes eram alteradas à medida que eles iam tocando, e novos trechos adicionados.

No final das sessões, nas primeiras horas da manhã, eu costumava pegar restos de papel soltos pelo estúdio, perguntando antes se podia ficar com eles, já que obviamente não os queriam. Eles sempre diziam que sim. Uma porção de coisas era simplesmente jogada fora ou deixada no estúdio para os faxineiros limparem. Eles mesmos nunca guardavam nenhuma memorabilia, recortes ou pedaços de papel. Por anos, a vida deles passou tão rápido que não tinham nenhum interesse em colecionar ou guardar nada.

Sei que Paul e George se arrependeram disso mais tarde, quando entraram na meia-idade e fizeram uma tentativa de resgatar seus próprios passados. Devolvi para George o original de "Blue Jay Way", escrito na parte de trás de uma carta de alguém, quando ele estava na Califórnia. Ele achava que havia perdido aquilo para sempre. E dei para Paul seu plano mestre para o *Magical Mystery Tour*, que ele havia escrito para mim em 1968 para este livro, a fim de explicar o que sua ideia tinha sido, mas que nunca tive espaço para incluir. Minha própria coleção, coisas que eles haviam me dado de presente, foi severamente reduzida quando nossa casa foi roubada, alguns anos atrás, e perdi meus discos dos Beatles, cópias que eles tinham autografado pessoalmente para mim. Tenho certeza de que eles não sabiam o valor daquilo. Muitas vezes me pergunto onde as minhas coisas estão agora: é por isso que acompanho as vendas da Sotheby's tão cuidadosamente. Hoje em dia gostaria de ter recolhido do chão de Abbey Road mais pedaços de papel com suas músicas.

Gostaria de ter feito anotações melhores, especialmente durante o *Sergeant Pepper*. Quando ia entrevistá-los sozinhos, em suas casas, me sentava com um caderno e anotava tudo ali, na hora. No entanto, nos estúdios, ou quando eles estavam todos juntos, ou enquanto comíamos, eu tentava ser uma mosca na parede, observando calmamente, esperando ser aceito como alguém que estava sempre por perto, em vez de um escritor curioso sobre eles. Depois, corria

direto para casa (que era, felizmente, a apenas dez minutos de Abbey Road) e rapidamente batia em forma de notas tudo o que havia acontecido naquela noite. Eu ainda tenho pilhas dessas notas e, ao lê-las agora, todas mal datilografadas e com erros ortográficos, há passagens que não consigo entender.

Também gostaria de ter usado um gravador. Jamais usei um, o que foi uma bobagem. Só usei um desses uma vez, no início dos anos 1960, um enorme Grundig, aproximadamente do tamanho de uma casa, quando entrevistei WH Auden. A entrevista foi inútil e nunca foi publicada. Sempre culpei o gravador por isso, decidindo usar apenas cadernos a partir de então. Parece-me que gravar uma entrevista duplica o trabalho, já que você tem que ouvir tudo de novo para transcrever e, como se sabe, muito do que dizemos mal vale a pena ser ouvido uma vez, imagine duas. Com um caderno, eu edito ao longo da entrevista, apenas escrevendo o que acho que vou usar. Assim, não só economizo tempo, mas também faço anotações sobre o ambiente, a aparência das pessoas, seus maneirismos, traços da fala, o que é impossível pegar com um gravador. Essa é a minha teoria, que eu mantenho. Enfim... Ah, se eu tivesse usado um gravador durante aqueles 18 meses com os Beatles, seus pais e amigos, o tesouro que isso seria hoje...

Memórias te pregam peças. Estava almoçando com Neil Aspinall um dia e relembrando a noite da sessão de fotos do *Sergeant Pepper*. Lembrei das roupas chegando na casa de Paul e tinha uma imagem clara dos Beatles as experimentando. Neil disse que não, que as fantasias foram entregues diretamente ao fotógrafo em Flood Street. Corri para as minhas anotações, mas elas não continham qualquer menção dessa informação.

As discussões sobre a capa do *Sergeant Pepper* duraram semanas. George queria que muitas figuras fossem gurus. Paul queria artistas como Stockhausen. John queria rebeldes e malvados, como Hitler, mas, como minhas anotações mostram, ele havia sido convencido a deixar Hitler de fora no último momento. A figura de papelão de Hitler chamou atenção demais durante toda a sessão de fotos.

Havia comentado com eles que sua lista de heróis deveria incluir alguns jogadores de futebol. A maioria dos garotos, especialmente aqueles vindos de Liverpool, conhece estrelas de futebol. Sempre me deixou um pouco decepcionado que nenhum dos Beatles se interessasse por esportes, muito menos futebol. No fim, John ficou com Albert Stubbins, um jogador popular de sua infância em Liverpool, mas acho que foi simplesmente porque achava o nome engraçado, e não por seu talento futebolístico.

Lembro-me de que saímos da casa de Paul com pressa e que ele me disse para pegar qualquer ornamento espalhado pela sua casa, apenas para preencher o quadro. Aquele bibelô no primeiro plano da foto da capa de *Sergeant Pepper*, uma espécie de estatueta que parece uma bala em um pequeno pedestal, foi colocado lá por mim, para preencher um vão. Contei isso aos meus filhos várias vezes, mas eles nunca acharam interessante.

Quem teve a ideia de gravar *Sergeant Pepper*? Sempre achei que a ideia básica veio de Paul, já que ele foi o primeiro a falar sobre isso comigo, embora não tenha escrito a respeito neste livro. Deveria ter prestado mais atenção, já que foi um marco para eles, o auge de sua carreira em estúdio. Foi também um pequeno momento histórico da música popular, aquele que ficou conhecido como o primeiro "álbum conceitual". Artisticamente, foi uma enorme conquista, graças, em parte, ao trabalho criativo de Peter Blake. Estudos inteiros foram produzidos desde então a respeito do que está naquela capa famosa e qual é seu significado. Mal costumava dizer que a frase "Sergeant Pepper" veio dele, quando ouviu errado "salt and pepper" (sal e pimenta). Neil me disse que ele foi o primeiro a sugerir para Paul que o álbum todo deveria ter a forma do show real do Sergeant Pepper e que Paul aproveitou a ideia. Quem pode dizer o que é verdade agora? É como a origem do nome Beatles. George achava que tinha vindo do filme de Marlon Brando, *O selvagem*. Há um grupo de motoqueiros no filme, todos vestidos de couro preto, chamados os Beetles, embora só haja uma referência passageira a eles no filme. Stu Sutcliffe assistiu ao filme e sugeriu para John que fosse esse o novo nome da banda; John disse que sim, mas que eles iriam soletrar como Beatles, já eles eram um grupo *beat*. Bem, essa é uma teoria. Sem dúvida, nos próximos anos, novas aparecerão.

No meu livro, tentei deixar de fora as teorias. Ainda gosto de pensar que era tudo verdade, mas havia coisas que não saberia discernir na época. Era simplesmente a verdade sobre o que tinha acontecido com eles até aquele momento, com base em suas próprias memórias e nas memórias das pessoas mais próximas a eles, bem como nas minhas próprias investigações e observações.

No início de 1968, finalmente decidi que era hora de parar de entrevistar, parar de pesquisar, me acalmar e dar forma ao material. Eu tinha tanta coisa que realmente não sabia por onde começar, nem o que era importante e o que viria a ser totalmente trivial.

A primeira versão chegou a dois volumes, então cortei cerca de 50%, para alcançar um tamanho razoável, deixando de fora muito material interessante, fotografias e documentos. Minha próxima tarefa, como eu tinha me apresentado com o título de biógrafo "autorizado", era chegar a um acordo com todos os principais personagens da história. Foi quando meus problemas realmente começaram.

Primeiro, tive que deixar os Beatles lerem o que havia escrito. Eu tinha cuidadosamente redigido o contrato com eles, para que pudessem alterar os erros "factuais". Isso sempre causa grande dificuldade para qualquer escritor que trabalha com a colaboração de pessoas vivas. Você nunca sabe que partes podem aborrecê-las. Normalmente, é algo pequeno, uma observação breve que dói por alguma razão, não as passagens que você espera serem as mais

problemáticas. No início, eles não costumam dizer o que causou ofensa, falando genericamente sobre o "tom" não estar certo, ou o livro não ser tão "profundo" quanto esperavam. Então, quando você consegue extrair deles precisamente do que não gostaram, é normalmente algo bastante fácil de corrigir.

Naturalmente, eu não tinha dado detalhes do que exatamente havia acontecido nos camarins das turnês, sobre as garotas na fila, implorando por favores. Acho que qualquer leitor com idade superior a 15 anos, mesmo em 1968, sabe muito bem o que realmente acontecia, mas ninguém dava detalhes nesses dias. *Groupies* são um clichê hoje, e sabemos tudo sobre seus excessos. Os Beatles não eram diferentes de qualquer outra banda. Eles só tinham mais opções. Era o trabalho dos gerentes da turnê dizer você, você e você, e você cinco minutos depois. Em 1968, três dos quatro Beatles estavam em casamentos felizes, até onde o mundo exterior sabia, e o outro tinha uma namorada fixa. As esposas, naturalmente, não queriam que essas coisas fossem mencionadas, nem os Beatles.

No entanto, eu tinha incluído algumas referências a drogas, inclusive eles usando LSD, o que era bastante ousado para 1968. Embora sempre me referisse a tudo no passado, e às vezes dissesse que é claro que eles não fumavam maconha *hoje em dia*, eu tenho certeza de que deixei a verdade transparecer.

Levei algum tempo para obter qualquer reação deles, já que eles todos tinham muita dificuldade de ler. Até que, para minha alegria, cada um deles disse não ter queixas nem objeções e concordavam com tudo que estava no livro. Acho que Paul me mostrou alguns erros factuais pequenos, nomes de pessoas que eu tinha soletrado errado, que agora não me recordo quais.

George foi o único que me ligou com quaisquer comentários sérios. Ele queria *mais* sobre a Índia e achava que eu não o havia levado a sério o suficiente, ou suas filosofias, e queria algumas passagens mais bem explicadas. Fiz o que ele pediu, tentando ao mesmo tempo não aumentar a espessura do livro.

Fiquei muito aliviado com suas reações, e meu agente começou a fazer cópias para os Estados Unidos, quando, de repente, recebi uma carta de John. Ele me pediu para retirar um comentário depreciativo sobre o homem com quem Julia, sua mãe, havia se casado mais tarde – um galês, com quem teve duas filhas, Jackie e Julia, meias-irmãs de John. Ele estava preocupado com "o mundo de mentalidade sórdida" que elas poderiam enfrentar no futuro.

Ele também pediu para eu me certificar de que Mimi lesse o livro. Ela estava MUITO preocupada, disse ele. Isso foi o que realmente me incomodou. Tinha lidado tranquilamente com as mudanças solicitadas pelo próprio John, que eram pequenas, mas não queria ter que lidar com qualquer um dos pais.

Mandei o livro para Mimi e ela teve uma crise histérica. O capítulo sobre a infância de John voltou com quase todos os parágrafos riscados ou alterados. Nas margens, ela escreveu ao lado

das próprias citações de John coisas como “mentira”, ou “nunca!”.

Ela negou muitas das memórias de infância do próprio John, especialmente se elas contradiziam as suas lembranças das mesmas pessoas ou eventos. Era contra o uso de palavrões e sustentava que John nunca havia utilizado xingamentos quando era pequeno. Também não queria histórias sobre ele roubando.

Algumas de suas observações nas margens eram bastante espirituosas. Eu havia citado John dizendo que ele tinha que praticar o violão escondido de Mimi em casa e que ela o fez tocar na varanda. Acima dessa linha, Mimi escreveu “esta mulher má”. Outra vez, ela acrescentou uma história sobre Julia e seu novo marido e o que eles realmente pensavam de John. Em seguida, me pediu para não incluir a citação, pois ninguém havia falado sobre isso com John.

Ela também acrescentou alguns comentários úteis sobre o dia em que John conheceu Paul, na Woolton Parish Fête, quando John se vestiu como um *teddy boy* de verdade pela primeira vez.

“Foi a primeira vez que o vi tocando com outras pessoas”, Mimi escreveu. “Foi uma bomba e um choque. Não tinha a menor ideia de que ele estaria lá. Me vi forçada a encarar naquele dia que eu estava lutando uma batalha perdida. Mesmo assim, não iria desistir. Que desperdício de vida e, mais importante, de saúde.”

Eu podia entender o desejo de proteger as duas filhas de Julia, já que elas eram apenas adolescentes em 1968 e John havia sido bastante cruel com relação ao seu pai, então concordei com tudo isso. Foi a sua determinação em censurar o relato de John sobre si mesmo que me parecia muito injusto.

A maioria das memórias de infância é suspeita. É o que pessoas diferentes escolhem lembrar que é interessante. Quem tinha a melhor memória de qualquer maneira, Mimi ou John? John, a essa altura, estava farto do assunto e insistiu que eu a fizesse feliz a qualquer custo, então fui para Bournemouth e reli os parágrafos que a ofendiam linha por linha. Parte da linguagem chula foi removida e algumas partes mais extravagantes das histórias também, e ela acabou por se acalmar.

Você vai notar no livro que o Capítulo 1 termina de forma suave e abrupta, com a frase “John era tão feliz quanto o céu era azul”. Isso foi por insistência de Mimi. Eu desisti e fiz uma concessão, a fim de manter a maior parte das outras histórias de John. Ela achava que isso as suavizava. Essa era a verdade sobre a infância de John, segundo ela. Eu fiquei relativamente feliz, já que as outras verdades ainda estavam lá, deixando que os leitores decidissem por si mesmos.

Quando publicado, o livro foi saudado como uma biografia “sincera” por todos os críticos em ambos os lados do Atlântico, na Europa e no Japão, e foi até descrito como “a biografia autorizada mais franca já escrita”. Vou poupá-los dos detalhes. É claro, isso já faz muito tempo e muitas coisas aconteceram desde então. Fiquei chateado, vários anos depois, quando John,

em uma entrevista, disse que meu livro era "besteira". Isso foi no tempo em que ele meteu na cabeça que toda a imagem dos Beatles era uma farsa. No que diz respeito a John e ao meu livro, apenas tive que fazer algumas pequenas mudanças, uma para agradar a John e outra para agradar a Mimi.

Então, tive um monte de problemas com alguns de seus assessores na Apple, que tomaram para si a responsabilidade de tentar alterar certas coisas em outras partes do livro, especialmente sobre temas como drogas. A essa altura, os Beatles tinham ido à Índia, após terem lido e aprovado o livro. Seus assistentes, que ficaram à frente do escritório, queriam que fossem feitas várias mudanças.

Consegui, de maneira geral, enfrentá-los, embora tivesse tido muitas semanas de angústia, recolhendo todas as aprovações necessárias, tentando manter o controle de todas as cópias que haviam sido feitas e, depois, das cópias corrigidas, que estavam passando de mão em mão. Os próprios Beatles, depois de lerem as suas cópias particulares, as deixaram em qualquer lugar em casa, ou em Abbey Road, ou no escritório da Apple, e todos estavam morrendo de vontade de descobrir se tinham sido mencionados no livro. John, na carta em que me pedia certas mudanças, também mencionara que "Dot tinha ouvido de Margaret algo sobre ela". Dot era a governanta de John naquela época, e só foi mencionada uma ou duas vezes. Quanto a Margaret, nem me lembro quem ela era.

Não gostaria de passar por aquelas semanas de novo, mas o pior ainda estava por vir. Eu tinha me esquecido de que Brian Epstein havia sido o responsável pelo contrato principal em nome da banda. Como ele havia morrido, a família Epstein pediu para ver o manuscrito. Legalmente, sua mãe herdara o seu patrimônio. Eu estava, portanto, tecnicamente à mercê da Sra. Queenie Epstein, uma velha senhora que não sabia nada sobre o mundo pop e, pior ainda, nada sobre a vida secreta de Brian, para obter a aprovação final do livro.

Você pode imaginar o que ela pensou sobre todas as insinuações de que Brian poderia ser homossexual. Ela negou. Até onde sabia, não era verdade. Eu precisava do acordo assinado por ela. Tínhamos, a essa altura, vendido os direitos do livro para os Estados Unidos e vários outros países, e os compradores naturalmente queriam ver as liberações legais.

Clive Epstein, irmão de Brian, foi útil mesmo querendo manter sua mãe feliz. Como seu filho amado havia morrido recentemente, parecia impróprio entrar em todos os detalhes sórdidos de seus últimos anos. Eu realmente não tinha escrito muito sobre isso e, por fim, fui convencido a deixar completamente de lado sua vida sexual. No entanto, acho que consegui deixar as coisas claras no final do Capítulo 15, em que digo que ele teve apenas uma namorada em sua vida – e, em seguida, continuo a falar sobre seus casos amorosos infelizes. Também o descrevi como um "solteirão gay" [em inglês, a tradução literal de "gay" é "alegre"]. A palavra não era tão comum na Inglaterra naqueles dias, mas foi o suficiente para fazer com que muitas pessoas descobrissem a verdade.

Será que isso importava, a homossexualidade de Brian? Arrependo-me de ter tido que disfarçá-la, já que ele mesmo havia me dado permissão para mencioná-la e isso tenha sido anunciado publicamente desde então. Para a maioria das pessoas, a vida sexual não é relevante no trabalho. Embora, nos dias de hoje, muitas pessoas públicas, pelo menos no mundo artístico e do espetáculo, não façam nenhum esforço para esconder que tipo de pessoas elas são. Com Brian, eu acho que era importante e que era uma pista vital a respeito de sua personalidade, de sua morte, e também para o nascimento de seu interesse nos Beatles.

Um dos episódios mais estranhos em toda a saga dos Beatles é como uma pessoa como Brian Epstein passou a se interessar por eles em primeiro lugar. O que atraiu um menino judeu, que estudou numa escola particular, bem-educado, de classe média, um empresário em ascensão que amava Sibelius e jamais tinha mostrado o menor interesse em qualquer tipo de cultura pop? O que o fez ir ver quatro pés-rapados, mal-vestidos, de classe trabalhadora em um bar de subsolo fedorento? Ele se sentia atraído por eles. Essa era uma explicação, embora eu nunca tivesse sido capaz de dizê-la com todas as letras. Acima de tudo, ele se sentia atraído por John, pulando em sua roupa de couro e grandes botas de cowboy (a fofoca, anos depois, dizia que ele gostava de Paul, já que Paul sempre foi supostamente o Beatle mais bonito – o que não poderia ser menos verdade. Ele gostava de rapazes masculinos e agressivos, mesmo quando isso não era recíproco – muitas vezes *porque* eles não tinham interesse sexual por ele).

Brian Epstein deu os Beatles para o mundo quando outros empresários mais experientes já haviam dito não para eles. Eles criavam suas próprias músicas e apresentações; porém, nas mãos erradas (mãos nojentas, firmes e de curto prazo) seu lançamento nacional teria sido bem diferente. De acordo com a teoria popular, Brian era simplesmente um empresário judeu muito inteligente. Ele viu dinheiro neles. Na verdade, ele não era um grande homem de negócios, como foi mostrado mais tarde, quando muitos de seus negócios tiveram de ser reorganizados. Também não era materialista. Brian Epstein amava os Beatles, em todos os sentidos da palavra. Só isso.

Pouco antes de o livro ser impresso, tirei a sorte grande. De repente, fiz contato com Freddie Lennon. Ele primeiro reapareceu por volta de 1964, quando ficou sabendo, através de um lava-pratos do hotel onde trabalhava, que John era um Beatle. Como todos na família Lennon se recusaram a vê-lo ou ajudá-lo, ele desapareceu de novo, depois de ter dado algumas entrevistas a várias revistas.

John achou bastante engraçado o seu reaparecimento, especialmente quando Freddie lhe mostrou um disco, embora soubesse que Mimi e o resto da família nunca o perdoariam se ele ajudasse Freddie de qualquer maneira. Freddie, afinal de contas, tinha abandonado sua esposa e seu filho.

No início de 1968, finalmente rastreei Freddie em um hotel perto de Hampton Court, não muito longe da casa de John em Weybridge, onde ele estava trabalhando como lava-pratos.

“Estou apenas vivendo a minha própria vidinha. Feliz com pouco, esse sou eu. Eu gosto de seguir adiante, não gosto que a imprensa descubra onde estou, sabe?”

Ele ainda estava muito chateado porque, uns dois anos antes, chegou sem aviso prévio na casa de John e ele bateu a porta na sua cara. Encontrei-o várias vezes, passei a gostar dele e pedi que me contasse sobre o começo de sua vida, o que se tornou a base para a primeira parte do Capítulo 1 deste livro.

Perguntei por que ele tinha abandonado John e sua esposa. O próprio Freddie parecia não saber. Ele disse que ficou muito infeliz por perder John, ah sim, contou que isso realmente o deixou muito triste, especialmente depois que eles passaram um tempo juntos em Blackpool.

“Naquela noite, depois que John foi levado embora, eu cantei no pub Cherry Tree em Blackpool. Cantei a música do Al Jolson, ‘Little Pal’. Cantei as palavras ‘little John’ com lágrimas nos olhos”, disse Freddie.

Nunca soube se devia acreditar em metade das coisas que Freddie me disse, então não coloquei tudo neste livro. Não tinha, claro, nenhum meio de verificar o seu próprio relato do começo de sua vida, embora ache que no livro seus exageros com relação a como era brilhante estejam bastante claros, especialmente quando ele se gaba de ser “o melhor garçom” e de a mãe de Julia amar “os ossos de seu corpo”. Ou seria tudo verdade?

Contei para John as histórias que Freddie havia me contado e como ele estava vivendo uma existência pobre mais uma vez, passando de hotel em hotel, geralmente na cozinha, sempre disposto a tocar algumas músicas para qualquer público de bar, na esperança de conseguir dinheiro suficiente para comprar uma bebida.

Algumas de suas histórias desencadearam outras lembranças na mente de John, trazendo de volta lembranças vagas de coisas que Julia lhe contara sobre seus dias de casada com Freddie. “Acho que eles tiveram alguns bons momentos juntos”, disse John. “Eu realmente não o odeio agora, do jeito que costumava odiá-lo. Provavelmente foi culpa da Julia, tanto quanto dele, eles terem se separado.

“Se não tivesse sido pelos Beatles, eu provavelmente teria acabado como Freddie.”

Lembro-me de rir disso naquele momento, embora houvesse alguma verdade naquilo. É difícil imaginar John em um trabalho comum, submetido à hierarquia de um escritório, ou mesmo conseguindo ganhar a vida como artista ou designer, não que ele tivesse passado em qualquer prova da Escola de Artes. Ele teria se entediado muito rapidamente. Sendo assim, poderia muito bem ter virado um vagabundo.

Uma noite, John me ligou e pediu o número da casa de Freddie. Tudo o que eu podia dar a ele era o telefone do hotel, já que Fred estava dormindo no chão de alguém e não tinha telefone. John não queria ligar para o hotel, então fiz isso por ele, e depois fui ver Freddie novamente. Disse a ele que John gostaria de vê-lo, mas que isso tinha que ser mantido em

segredo absoluto. Se tal informação saísse na imprensa ou, pior ainda, se Mimi soubesse, estava tudo acabado.

Um encontro foi marcado e eles se deram muito bem. John achou Freddie hilário, o que incentivou Freddie a contar histórias ainda mais incríveis sobre sua vida e os tempos difíceis. John começou a dar dinheiro para Freddie, enfiando maços de dinheiro em sua mão e, quando descobriu que Freddie não tinha lugar para morar, ele o chamou para morar com ele por um tempo.

Por fim, John arrumou um apartamento para o Freddie. Freddie, agora que tinha dinheiro mais uma vez, ficou encantado, e se mudou para o apartamento com sua namorada de 19 anos, com quem iria se casar, segundo me disse.

Como agradecimento por reuni-los, Freddie me mandou de presente uma bela carta e uma fotografia antiga dele. Eu tinha estado desesperado por uma fotografia do jovem Freddie para usar no livro, mas ela chegou tarde demais.

Na foto, ele está de uniforme de prisioneiro, a bordo de um navio, levantando o seu número. Freddie devia ter cerca de 40 anos na época, a mesma idade que John tinha quando morreu. A semelhança entre os dois é impressionante.

O livro já estava sendo datilografado quando fiz contato com Freddie, e é por isso que o primeiro capítulo é tão brusco e desconexo. Simplesmente despejei nele o tanto quanto pude sobre Freddie no menor tempo possível.

O livro, como um todo, é uma leitura um pouco irregular. Se fosse escrevê-lo de novo agora, iria tentar melhorar o estilo, suavizar as rugas, polir a prosa, me distanciar mais e tentar colocar as coisas, as pessoas e os acontecimentos em perspectiva. Ou não? Talvez a sua virtude seja que ele é fruto de seu tempo, um relato em primeira mão de um período incomum, um relatório de uma testemunha ocular sobre o surgimento de um fenômeno, então no auge, mas prestes a desmoronar, embora nenhum de nós soubesse disso naquele momento. Ainda bem. Uma visão retrospectiva pode nos tornar espertos além da conta.

Esta é a história simples dos Beatles, exatamente como ela foi publicada em 1968. Espero que você aproveite o show.

Hunter Davies, 2009

Notas

* “Fookin’ hell” é uma expressão de espanto, equivalente a “puta que pariu”. A grafia usada é relativa ao sotaque de Liverpool. (*N. da T.*)

** Nativos do leste de Londres. (*N. da T.*)

*** *Swinging London* é um termo usado para designar os cenários cultural e da moda que floresceram em Londres na década de 1960. (*N. da T.*)

Parte Um:

LIVERPOOL

1

John

Fred Lennon, pai de John, cresceu órfão. Ele estudou na Bluecoat School em Liverpool, que na época aceitava meninos órfãos. Puseram em Fred uma cartola e uma casaca e, ao fim, ele havia recebido uma educação muito boa, segundo o próprio.

Fred ficou órfão em 1921, aos 9 anos, quando seu pai, Jack Lennon, faleceu. Jack Lennon nasceu em Dublin, mas passou a maior parte de sua vida nos Estados Unidos, trabalhando como cantor profissional. Ele foi membro de um grupo antigo dos Kentucky Minstrels. Depois de se aposentar, voltou para Liverpool, onde Fred nasceu.

Fred deixou o orfanato com 15 anos, com uma boa educação e dois ternos novos para ajudá-lo na vida, e então se tornou auxiliar de escritório. "Você pode pensar que sou convencido, mas só estava lá há uma semana quando o chefe mandou buscar mais três meninos do orfanato. Ele disse que, se eles tivessem só metade da vitalidade que eu tinha, já estaria tudo certo. Eles me achavam incrível."

Incrível ou não, com 16 anos Fred deixou o trabalho de escritório e foi para o mar. Tornou-se mensageiro e, mais tarde, garçom. Segundo o próprio, era o melhor garçom do navio, mas não tinha nenhuma ambição. Era tão bom que navios não saíam de Liverpool a não ser que Freddy Lennon estivesse a bordo, segundo ele mesmo.

Foi pouco antes de zarpar para sua grande carreira no mar que Fred Lennon começou a sair com Julia Stanley. O primeiro encontro foi apenas uma semana depois de ter deixado o orfanato.

"Foi um encontro lindo. Eu estava vestindo um dos meus dois ternos novos, sentado no Sefton Park com um amigo, que estava me mostrando como conquistar garotas. Eu havia comprado uma piteira e um chapéu-coco. Achava que isso realmente as impressionaria.

"Tinha essa menina em quem nós estávamos de olho. Quando passei por ela, ela disse: 'Você está ridículo', e eu disse: 'Você está linda', e me sentei ao lado dela. Foi tudo inocente. Eu

não sabia de nada.

"Ela disse que, se eu fosse ficar sentado ao lado dela, tinha que tirar aquele chapéu ridículo da cabeça. Então eu o tirei e o joguei no lago. Nunca mais usei chapéu, desde aquele dia."

Fred e Julia namoraram por dez anos e se viam durante os períodos dele em terra. Diz ele que a mãe dela "amava os ossos do seu corpo", mas que o pai não gostava muito dele. Mas foi ele quem a ensinou a tocar banjo.

"Julia e eu costumávamos tocar e cantar juntos. Nós estaríamos no topo das paradas hoje. Um dia ela me disse: 'Devíamos nos casar', e eu respondi que tínhamos que colocar os proclamas e fazer as coisas corretamente. Ela falou: 'Aposto que você não vai fazer nada'. Então eu fui lá e fiz, só de brincadeira. Foi muito engraçado casar."

A família Stanley não achou tanta graça. "Sabíamos que Julia estava saindo com Alfred Lennon", diz Mimi, umas das irmãs de Julia. "Ele era bem bonito, eu admito. Mas sabíamos que não servia para nada, menos ainda para se casar com Julia."

O casamento aconteceu no cartório de Mount Pleasant, em 3 de dezembro de 1938. Nenhum dos pais estava presente. Fred chegou primeiro, às 10 da manhã, e ficou parado em frente ao Adelphi Hotel. Não havia nenhum sinal de Julia, então ele foi encontrar com seu irmão para pedir uma libra emprestada. Quando voltou, Julia ainda não tinha chegado, então ligou para o cinema Trocadero. Julia passava muito tempo lá, pois era fascinada pelo palco. Ela nunca trabalhou lá de fato, embora tenha colocado "lanterninha de cinema" como profissão no certificado de casamento, de brincadeira. "Falei com uma das amigas dela no Troc", diz Fred. "Elas me amavam lá no Troc. Costumavam falar: 'Se você um dia não for mais apaixonado por Julia, eu estarei aqui esperando.'"

Julia finalmente apareceu e eles passaram a lua de mel no cinema. Mais tarde, Julia voltou para casa e Fred para a dele. No dia seguinte, Fred embarcou e foi para as Índias Ocidentais por três meses.

Julia ficou em casa com os pais, onde Fred passou a morar quando voltou no ano seguinte. Após uma das viagens, ela descobriu que estava grávida. Era verão de 1940. Liverpool estava sob forte bombardeio. Ninguém sabia onde Fred Lennon se encontrava.

Julia deu entrada no hospital-maternidade em Oxford Street para ter seu bebê. Ele nasceu durante um ataque aéreo pesado, em 9 de outubro de 1940, às 18h30, e ela o chamou de John Winston Lennon. Winston foi o resultado de uma crise momentânea de patriotismo. Mimi, que viu o bebê vinte minutos depois de ele ter nascido, escolheu o nome John.

"Assim que vi John, meu mundo acabou. Estava perdida para sempre. Um menino! Não conseguia pensar em outra coisa. Passava horas falando nele, quase me esqueci de Julia. Ela disse: 'Tudo que fiz foi tê-lo.'", relembra Mimi.

Quando John tinha 18 meses, Julia foi até o escritório naval buscar o dinheiro enviado por Fred, que, não se sabe como, vinha chegando. Ela foi então avisada de que o dinheiro havia

parado. “Alfred abandonou o navio”, explica Mimi. “Ninguém sabia o que havia acontecido com ele.” Ele finalmente reapareceu, mas Mimi afirma que esse foi realmente o fim do casamento, embora eles não tenham se separado de fato até um ano mais tarde.

“Julia eventualmente conheceu outro homem com quem quis se casar”, conta Mimi. “Teria sido muito difícil levar John junto para morar com eles, então eu fiquei com ele. Eu o queria, claro, mas realmente parecia a melhor coisa a fazer. Tudo de que ele precisava era uma âncora firme e uma vida familiar feliz. Ele já via a minha casa como seu segundo lar de qualquer forma. Tanto Julia quanto Fred queriam que eu o adotasse. Eu tenho cartas deles me dizendo isso. Mas nunca consegui que ambos fossem até o cartório juntos para assinar os documentos.”

A versão de Fred Lennon com relação à sua “deserção” e ao que aconteceu com o seu casamento é, naturalmente, um pouco diferente. Ele estava em Nova York quando a guerra estourou e soube que seria transferido para um Classe Liberty* para ser comissário assistente, em vez de chefe dos garçons. “Isso significava que iria perder o meu posto. Não me importava em me envolver na guerra, mas não podia aceitar a perda do meu posto, podia? O capitão do navio de passageiros em que eu estava trabalhando me aconselhou quanto ao que fazer. Ele disse: ‘Freddy, fique bêbado e perca o navio.’”

Foi isso que Fred fez, e ele acabou preso em Ellis Island. Mandaram mais uma vez que ele embarcasse em um Classe Liberty e Fred disse que queria ser chefe dos garçons do *Queen Mary*. Enfim, foi obrigado a embarcar no Classe Liberty em direção à África do Norte. Chegando lá, Fred foi preso.

“Um dos cozinheiros a bordo havia me dito um dia para ir buscar uma garrafa no seu quarto. Eu estava bebendo quando a polícia chegou. Aparentemente, eu tinha roubado a mercadoria. Mentira. Tudo tinha acontecido bem antes de eu embarcar, mas toda a equipe se livrou da acusação, menos eu. Roubo em flagrante, foi o que disseram. Eu me defendi, mas não adiantou nada.”

Fred passou três meses na prisão. Naturalmente, diz ele, o dinheiro para Julia parou de ser enviado. Ele não tinha nenhum tostão para mandar, mas continuou a escrever cartas para ela. “Ela amava as minhas cartas. Eu contava que uma guerra estava acontecendo, então ela devia sair e se divertir. Esse foi o maior erro da minha vida. Ela começou a se divertir e conheceu outra pessoa. E fui eu que disse a ela para fazer isso.”

John tem vagas lembranças de seus dias vivendo com os Stanley, sendo cuidado por sua mãe, enquanto Fred estava no mar, embora ele não tivesse mais do que 4 anos na época. “Um dia, meu avô me levou para uma caminhada até o Pier Head. Eu estava usando sapatos novos e eles me machucaram por todo o caminho. Meu avô cortou os calcanhares com um canivete para que eles ficassem mais confortáveis.”

Sua mãe deu a impressão de que ela e Fred tinham tido alguns momentos felizes. “Ela me contou sobre eles sempre brincando por aí e rindo. Acho que Fred era bastante popular. Ele

costumava nos enviar as listas de concertos do navio com o nome dele cantando 'Begin the Beguine'."

Julia, de acordo com suas irmãs, estava sempre cantando também. "Ela era alegre, espirituosa e muito divertida", diz Mimi. "Ela nunca levou a vida ou qualquer coisa a sério. Tudo era engraçado, mas ela não desconfiava de verdade das pessoas até que fosse tarde demais. Pecaram mais contra ela do que ela pecou."

Fred voltou ao mar novamente, depois que Julia foi viver permanentemente com o novo homem e John foi morar com Mimi. Durante uma licença, Fred decidiu visitar John na casa de Mimi. "Telefonei de Southampton e falei com John pelo telefone. Ele devia ter uns 5 anos na época. Eu perguntei o que ele ia ser quando crescer, esse tipo de coisa. Ele falava um inglês lindo. Quando ouvi o seu sotaque de Liverpool anos mais tarde, tive certeza de que era forçado." Fred chegou a Liverpool muito preocupado com John e foi visitar Mimi, segundo conta. "Perguntei ao John se ele gostaria de ir para Blackpool, ir ao parque de diversões e brincar no mar e na areia. Ele disse que adoraria. Perguntei a Mimi se eu podia levá-lo, ela disse que não podia dizer não. Assim, fui com John para Blackpool – minha intenção era nunca mais voltar."

Fred e John, então com 5 anos, passaram algumas semanas em Blackpool, hospedados com um amigo de Fred. "Eu tinha malas de dinheiro naquela época. Nada podia dar errado naqueles tempos pós-guerra. Eu fazia parte de um monte de esquemas, principalmente trazendo meias-calças para o mercado negro. Eles devem vender até hoje em Blackpool mercadorias que eu trouxe."

O amigo que o estava hospedando em Blackpool planejava emigrar para a Nova Zelândia. Fred decidiu ir com ele. Todos os preparativos estavam certos quando, um dia, Julia apareceu em sua porta.

"Ela disse que queria John de volta. Ela agora tinha uma boa e pequena casa e havia decidido que o queria. Eu disse que agora estava tão acostumado com John que ia levá-lo para a Nova Zelândia comigo. Podia notar que ela ainda me amava, então perguntei por que ela não vinha comigo. Nós podíamos recomeçar? Ela disse que não, tudo que queria era John. Então nós discutimos e eu disse: 'Bem, deixe o John decidir.'

"Eu gritei para chamar John. Ele veio correndo e subiu no meu colo. Ele se agarrou em mim e perguntou se ela estava de volta. Isso era o que ele realmente queria. Eu disse que não, que ele tinha que decidir se queria ficar comigo ou ir embora com ela. Ele me escolheu. Julia perguntou de novo, mas John me escolheu de novo.

"Julia foi embora e estava prestes a subir a rua quando John correu atrás dela. Essa foi a última vez que o vi ou ouvi falar dele até que me disseram que ele era um Beatle."

John voltou para Liverpool com Julia, mas não para morar com ela. Era sua tia Mimi que o queria de volta. Ele foi morar com Mimi e seu marido George, em definitivo desta vez, em sua

casa na Menlove Avenue, em Woolton, Liverpool.

"Nunca falei para John sobre seu pai e sua mãe", diz Mimi. "Eu só queria protegê-lo de tudo aquilo. Talvez eu tenha exagerando. Não sei. Eu só queria que ele fosse feliz."

John é muito grato a Mimi por tudo que ela fez. "Ela foi obviamente muito boa comigo. Ela devia se preocupar com as condições em que eu estava sendo criado e deve ter dito para eles pensarem em mim, lembrando-os sempre de se certificarem de que o garoto estava seguro. Como eles confiam nela, deixaram que ela ficasse comigo no final, eu acho."

John logo se ajustou a Mimi. Ela o criou como se fosse seu próprio filho. Ela era uma disciplinadora, e não tolerava besteira, mas nunca gritou com ele ou o agrediu. Ela sempre considerou esse tipo de atitude um sinal de fraqueza dos pais. Seu pior castigo era ignorá-lo. "Ele sempre odiou isso. 'Não mim ignore, Mimi', ele dizia."

Mimi permitiu que a personalidade de John se desenvolvesse. "Nós sempre fomos uma família de indivíduos. Minha mãe nunca acreditou em ser convencional, nem eu. Por toda sua vida, ela nunca usou aliança de casamento e nem eu. Por que deveria?"

Já tio George, que gerenciava o negócio de laticínios da família, era o elo mais fraco quando John queria ser mimado. "Eu costumava achar bilhetes que John deixava debaixo do travesseiro de George. 'Querido George, você pode me dar banho esta noite, e não a Mimi?' Ou: 'Querido George, você pode me levar para o Woolton Pictures?**'"

Mimi só permitia que John saísse para esse tipo de passeio duas vezes ao ano – uma vez para a Pantomima de Natal no Liverpool Empire e a outra para assistir a um filme de animação de Walt Disney no verão. Mas havia mimos menores, como o Strawberry Fields, um abrigo local para crianças do Exército da Salvação, que a cada verão dava uma grande festa ao ar livre. "Assim que ouvíamos a banda do Exército da Salvação começando a tocar, John começava a pular e a gritar: 'Mimi, vamos logo. Nós vamos nos atrasar!'"

A primeira escola de John foi a Dovedale Primary. "O diretor, Sr. Evans, me disse que o menino era tão afiado quanto um alfinete. Ele podia fazer qualquer coisa, desde que estivesse decidido. Ele não faria nada estereotípico."

John já sabia ler e escrever depois de apenas cinco meses na escola, com a ajuda de seu tio George, embora soletrasse as palavras de forma engraçada até mesmo naquela época. Catapora era sempre cata poeira. "Ele foi passar as férias com a minha irmã em Edimburgo uma vez e me mandou um cartão postal dizendo 'As diversões estão diminuindo'. Eu ainda tenho esse cartão guardado."

Mimi queria levar e buscar John na escola Dovedale, mas ele não deixava. Depois de apenas três dias, ele disse que ela o estava envergonhando, e não deveria mais ir. Então ela tinha que se contentar em andar atrás dele discretamente depois das aulas, deixando uns 15 metros de distância entre eles, seguindo-o para ter certeza de que ele estava bem.

“Suas músicas favoritas eram ‘Let Him Go, Let Him Tarry’ e ‘Wee Willy Winkie’. Ele tinha uma boa voz e cantava no coro da igreja de St Peter’s em Woolton. Ele sempre foi para a catequese, e fez a sua confirmação quando tinha 15 anos por vontade própria. Nunca ninguém o forçou a seguir uma religião, mas a inclinação estava lá até a adolescência.”

Até os 14 anos, Mimi dava apenas cinco xelins de mesada por semana para ele. “Tentei ensiná-lo o valor do dinheiro, mas nunca consegui.” Para conseguir dinheiro extra, John tinha que ajudar a cuidar do jardim. “Ele sempre se recusava até estar realmente desesperado. Podíamos ouvir a porta do galpão se abrir furiosamente, então ele tirava o cortador de grama de dentro e corria com ele pelo gramado a cerca de cem quilômetros por hora. No final, entrava de supetão em casa para pegar seu dinheiro. Mas dinheiro não significava realmente nada para ele – ele não se importava com isso. John sempre foi muito generoso quando tinha algum dinheiro.”

John começou a escrever seus pequenos livros quando tinha cerca de 7 anos. Mimi ainda tem uma porção deles. Sua primeira série se chamava *Sport Speed and Illustrated*,*** *editado e ilustrado por J. W. Lennon*. Tinha piadas, caricaturas, desenhos, fotografias coladas de estrelas do cinema e jogadores de futebol. Havia uma história em série, que acabava a cada semana com: “Se você gostou disso, volte semana que vem, vai ser ainda melhor.”

“Eu adorava *Alice no país das maravilhas*, e desenhava todos os personagens. Escrevia poemas no estilo do “Jabberwocky”. Eu costumava *viver* como se fosse *Alice* e *Just William*. Escrevia minhas próprias histórias sobre William, comigo fazendo tudo.

“Quando escrevia um poema sério mais tarde, do tipo mais emocional, eu escrevia com uma caligrafia secreta, toda de rabisco, para que Mimi não pudesse ler.” Sim, devia haver uma alma suave sob o exterior duro.

“Amava *O vento nos salgueiros*. Depois que lia um livro, eu o vivenciava de novo. Esse era um dos motivos para eu querer ser o líder do grupo na escola: queria que todos brincassem das brincadeiras que eu queria brincar, baseadas nos livros que tinha acabado de ler.”

Quando menino, ele tinha cabelos dourados e se parecia muito com sua família materna. As pessoas sempre achavam que ele era filho de verdade de Mimi, e ela gostava disso. Se eram desconhecidos, ela nunca os corrigia.

Mimi era muito protetora, cuidando dele o tempo todo, tentando não deixá-lo se misturar com o que ela chamava de meninos comuns.

“Estava descendo a Penny Lane um dia e vi aquela multidão de meninos em círculo, vendo dois garotos lutando. ‘Típico desses vagabundos comuns’, eu disse. Eles eram de outra escola, não da de John. Em seguida, eles se separaram e de lá sai um menino horrível com seu casaco rasgado. Para o meu horror, era o Lennon.

“John sempre gostou que eu contasse para ele essa história. ‘Típico de você, Mimi. Todo mundo é sempre comum’, ele costumava dizer.”

Quando brincava com as crianças da vizinhança, Mimi conta que ele sempre tinha que ser o líder, mas na escola era muito mais sério. Ele tinha sua própria gangue, o que levava a lutas e brigas com todo mundo apenas para provar que ele era o melhor. Ivan Vaughan e Pete Shotton, seus dois melhores amigos de escola, dizem que ele parecia estar perpetuamente brigando.

Mimi aprovava esses dois amigos, já que ambos moravam por perto, no mesmo tipo de casa, mas não gostava de alguns dos outros.

"Estava sempre brigando durante todo meu tempo em Dovedale, vencendo por meios psicológicos quando alguém era maior do que eu. Eu os ameaçava de uma maneira forte o suficiente, dando a entender que ia acabar com eles, então eles pensavam que eu realmente iria vencer.

"Costumava ir roubar com um garoto, passar a mão em maçãs. Costumávamos andar sem pagar por quilômetros nos para-choques dos bondes em Penny Lane. Estava me borrando o tempo todo, tinha tanto medo.

"Eu era o rei do grupo da minha faixa etária. Aprendi bem cedo com uma garota que morava perto de casa umas piadas sujas.

"O tipo de gangue que eu liderava gostava de coisas como praticar pequenos furtos em lojas e baixar as calcinhas das meninas. Quando a bomba estourava e todo mundo era pego, eu era o único que saía ileso. Na época eu tinha medo, mas Mimi era a única mãe que nunca descobriu.

"Os pais dos outros garotos me odiavam. Eles sempre alertavam seus filhos para não brincar comigo. Eu sempre tinha respostas sabe-tudo se encontrasse com eles. A maioria dos professores me odiava muito.

"Quando fui ficando mais velho, nós passamos de apenas encher nossos bolsos de doces nas lojas a roubar o suficiente para vender para os outros coisas como cigarros."

Na superfície, seu ambiente familiar com a carinhosa, gentil, porém firme Mimi era bom o suficiente. No entanto, embora ela nunca tenha lhe contado sobre sua história, ele tinha vagas lembranças do passado em sua mente e, à medida que foi ficando mais velho, mais e mais perguntas sem respostas o preocupavam.

"Durante as visitas de Julia, uma ou duas vezes ele me perguntou algumas coisas", diz Mimi. "Mas eu não queria contar para ele nenhum detalhe. Como poderia? Ele era feliz, seria errado dizer para ele que seu pai não prestava e que sua mãe conheceu outra pessoa. John era tão feliz, cantando sempre."

John se lembra de começar a perguntar coisas para Mimi e sempre receber as mesmas respostas. "Mimi me disse que meus pais pararam de se amar. Ela nunca disse nada diretamente contra o meu pai ou a minha mãe.

"Rapidamente esqueci do meu pai, era como se ele estivesse morto. Mas eu via minha mãe de tempos em tempos e meus sentimentos por ela nunca morreram. Sempre pensei nela,

embora por muito tempo não tenha me dado conta de que ela morava a não mais que dez ou 15 quilômetros de distância de nós.

"Minha mãe veio nos ver um dia vestindo um casaco preto, e seu rosto estava sangrando. Ela tinha tido algum tipo de acidente. Eu não podia aguentar. Pensava que era a minha mãe ali, sangrando, e fui para o jardim. Eu a amava, mas não queria me envolver. Acho que era um covarde moral. Queria esconder todos os sentimentos."

John pode ter pensado que ele estava sufocando todas as suas preocupações e sentimentos, mas Mimi e suas outras três tias (Anne, Elizabeth e Harriet) dizem que para elas John era completamente aberto e alegre. Elas afirmam que John era tão feliz quanto o céu é azul.

Notas

* Navio cargueiro de guerra. (*N. da T.*)

** Uma sala de cinema. (*N. da T.*)

*** *Esporte de velocidade e ilustrado.* (*N. da T.*)

2

John e os Quarrymen

A Quarry Bank High School, quando John começou a estudar lá, em 1952, era uma pequena escola secundária de subúrbio em Allerton, Liverpool, perto da casa de Mimi. Ela foi fundada em 1922. Não é grande ou tão conhecida quanto o Liverpool Institute, que fica no meio da cidade, mas ainda assim tem uma boa reputação. Dois de seus ex-alunos se tornaram ministros do governo trabalhista – Peter Shore e William Rodgers.

Mimi estava satisfeita por ele estar estudando em uma escola secundária local, em vez de frequentar uma na cidade. Ela achava que assim poderia ficar de olho nele. Pete Shotton também foi estudar na Quarry, mas seu outro amigo próximo, Ivan Vaughan, foi para o Institute, o que foi um alívio para ele, já que era o único estudioso do grupo e sabia que, se frequentasse a mesma escola que John, seria impossível estudar. Mas ele ainda fazia parte da gangue depois da escola. Ivan começou a trazer garotos de sua escola para conhecer John. "O primeiro que trouxe foi Len Garry. Mas não trouxe muitos. Eu era sempre muito seletivo na escolha de pessoas que trazia para conhecer o John."

John se lembra claramente do primeiro dia na Quarry. "Olhei para todas aquelas centenas de novas crianças e pensei: 'Jesus, vou ter que brigar com todos aqui, tendo acabado de conseguir me resolver em Dovedale.'

"Tinham uns valentões lá, e perdi a minha primeira briga. Perdi a cabeça quando realmente me machuquei. Não que houvesse luta de verdade. Eu gritava e xingava muito, depois dava um soco rápido. Se tivesse um pouco de sangue, então estava tudo acabado. Depois disso, se achava que alguém podia bater muito mais forte do que eu, dizia logo: 'Ok, vamos lutar estilo luta greco-romana.'

"Eu era agressivo porque queria ser popular. Queria ser o líder. Era mais atraente do que ser apenas uma das ovelhas. Queria que todo mundo fizesse aquilo que eu mandava, risse das minhas piadas e me deixasse ser o líder."

Ele foi pego com um desenho obsceno em seu primeiro ano. “Isso realmente definiu minha reputação com os professores.” Em seguida, Mimi achou um poema obsceno que ele tinha escrito. “Ela o achou debaixo do meu travesseiro. Eu disse que me fizeram escrever para um outro cara que não sabia escrever muito bem. Tinha escrito por conta própria, claro. Já tinha visto esses poemas por aí, do tipo que você lê para ficar de pau duro. Sempre me perguntei quem escrevia aquilo e resolvi tentar escrever um.

“Acho que tentei fazer um pouco de dever no começo, como sempre fiz em Dovedale. Sempre fui honesto em Dovedale, sempre admitindo tudo que fazia. Mas comecei a me dar conta de que isso era uma tolice. Eles sempre te pegavam. Então, comecei a mentir sobre tudo.”

A partir de então, após o primeiro ano, eram Lennon e Shotton contra o resto da escola, recusando toda disciplina ou ideias impostas. Pete acha que sem John como seu aliado permanente, ele poderia ter desistido e sido forçado a seguir a linha, embora o contrário provavelmente não teria acontecido com John. “Mas quando vocês são dois, é muito mais fácil seguir o que você acredita. Quando você passa por algo ruim, há sempre alguém com quem rir a respeito. Era risada o tempo todo. Nunca paramos de rir durante toda a escola. Era ótimo”, diz Peter.

Pete diz que a maioria de suas aventuras não soa tão engraçada em retrospecto, mas que ainda o fazem rir quando ele pensa a respeito delas.

“Devíamos ser bem novos na primeira vez em que fomos mandados para a sala do coordenador por ter feito algo errado. Ele estava sentado em sua mesa escrevendo, quando nós entramos, e fez com que John e eu ficássemos de pé, cada um de um lado dele. Enquanto ele estava sentado lá, nos dando uma bronca, John começou a mexer nos cabelos no topo da cabeça dele. Ele era praticamente careca, mas com algumas mechas na parte superior. Ele não conseguia entender o que estava fazendo cócegas nele e continuou a esfregar a cabeça careca com a mão, enquanto nos dava bronca. Foi terrível. Eu quase não me aguentei. John estava literalmente mijando nas calças. Sério. Começou a descer pelas calças dele. Ele estava de calças curtas, por isso acho que nós devíamos ser bem jovens na época. O xixi estava pingando no chão e o coordenador olhava e perguntava: ‘O que é isso? O que é isso?’.”

John tinha talento para arte e sempre conseguiu se sair bem apesar de todo o resto. Pete, por sua vez, era bom em matemática. John tinha inveja do interesse de Pete em matemática, matéria em que ele nunca foi bem, e sempre tentava fazer com que Pete fosse mal.

“Ele tentava me desconcentrar colocando desenhos na minha frente. Alguns eram obscenos, mas a maioria era engraçada e eu começava a rir. ‘Olha o Shotton, senhor’, o resto da turma gritava enquanto eu tinha um ataque de riso.

“Se tivesse que ficar na frente da classe por alguma razão, quando o mestre estava de costas para todos, John se levantava e segurava um desenho sem que ele visse. Eu não tinha a menor chance. Não conseguia parar de rir dele.”

Até mesmo quando eles foram mandados para a sala do diretor para sua primeira surra, John ainda assim não se intimidou, ou pelo menos não pareceu ter se intimidado.

"John teve que entrar primeiro, enquanto eu esperava do lado de fora da sala do diretor. Estava agoniado, todo tenso, preocupado com o que ia acontecer comigo. Parece que esperei horas, mas provavelmente foram alguns minutos. Então, a porta se abriu e John saiu – engatinhando, gemendo exageradamente. Comecei a rir imediatamente. Não tinha percebido de primeira que a sala do diretor tinha duas portas. John estava engatinhando para fora do átrio, onde ninguém do lado de dentro conseguiria vê-lo. Tive que entrar em seguida, ainda com um sorriso no rosto, o que, claro, nunca é do agrado deles."

John foi piorando a cada ano. No terceiro ano, tendo começado na melhor turma do colegial, ele foi rebaixado para o grupo B. Seu boletim tinha anotações como: "Incorrigível. O palhaço da turma. Um relatório horrível. Ele simplesmente está fazendo os outros alunos perderem tempo." Havia espaço para os pais escreverem seus comentários. Neste, Mimi escreveu "Seis dos melhores".

Mimi continuou em cima dele o tempo todo em casa, mas ela não sabia o quão mal ele estava indo na escola e o quanto ele não cooperava.

"Eu só levei uma surra de Mimi. E foi por ter pegado dinheiro da bolsa dela. Sempre pegava um pouco, para coisas bobas tipo Dinkies*, mas nesse dia devo ter pegado muito."

Ele estava ficando mais próximo de seu tio George. "Nós nos dávamos bem. Ele era simpático e gentil." Contudo, em junho 1953, quando John tinha quase 13 anos, tio George teve uma hemorragia e morreu. "Aconteceu de repente, num domingo", diz Mimi. "Ele nunca havia ficado doente em toda a sua vida. John era muito próximo dele. Em qualquer pequena discussão que John e eu tínhamos, George sempre ficava do lado de John. Eles saíam juntos muitas vezes. Sempre tive ciúmes de quando eles se divertiam. Acho que John ficou muito chocado com a morte de George, mas nunca demonstrou isso."

"Eu não sabia como ficar triste em público, o que você devia fazer ou dizer, então eu fui para o meu quarto. Depois minha prima chegou e foi para lá também. Nós dois caímos na gargalhada. Nós rimos e rimos. Me senti muito culpado depois", diz John.

Na época da morte de tio George, outra pessoa estava se tornando mais e mais importante na vida de John – sua mãe, Julia. Ela sempre mantivera contato com Mimi, embora Mimi dissesse muito pouco sobre ela para John. Ela estava obviamente fascinada ao vê-lo crescer, se desenvolver e se tornar uma personalidade. E, agora que John era adolescente, ele estava mais fascinado por ela. Ela tinha então duas filhas com o homem com quem tinha ido viver.

"Julia me deu minha primeira camisa colorida", diz John. "Comecei a ir visitá-la em sua casa. Conheci seu novo cara e fiquei muito impressionado com ele. Eu o chamava de Twitchy.** Mas ele era gente fina de verdade.

“Julia se tornou para mim tipo uma tia jovem ou uma irmã mais velha. Quando fui crescendo, passei a discutir mais com Mimi e costumava ir morar com Julia no fim de semana.”

Tanto Pete Shotton quanto Ivan Vaughan, os dois amigos constantes de John, têm memórias muito vívidas de Julia se tornando importante na vida de John e do efeito que ela tinha sobre todos eles.

Pete se lembra de começar a ouvir a respeito de Julia quando eles ainda estavam no segundo ou terceiro ano na Quarry Bank. Até então os dois estavam constantemente sendo avisados sobre as coisas terríveis que estavam por vir. Os pais de Pete e a tia Mimi de John estavam sempre os alertando. Mas eles riam desses avisos quando estavam sozinhos. Então Julia surgiu, e ria abertamente com eles dos mestres, das mães e de todos.

“Ela era ótima”, diz Pete. “Um barato. Ela simplesmente nos dizia para esquecer disso quando contávamos a ela o que ia acontecer conosco. Nós a amávamos. Ela era a única que era como nós. Ela nos falava as coisas que queríamos escutar. E fazia de tudo para ser engraçada, como nós.”

Julia estava morando em Allerton e eles iam visitá-la frequentemente depois da escola. Algumas vezes, ela vinha visitá-los. “Nós a encontramos uma vez com uma calçola na cabeça, como se fosse um véu. As pernas da calçola pendendo sobre a parte de trás dos seus ombros. Ela fingia não perceber quando as pessoas olhavam para ela. Nós simplesmente morremos de rir.

“Outra vez, estávamos andando pela rua com ela e ela estava usando óculos de grau sem lentes. Ela cruzava com as pessoas e elas não percebiam. Enquanto falava com elas, ela colocava o dedo através da armação e coçava o olho. As pessoas olhavam com espanto.”

Ivan acha que foi Julia quem ajudou a fazer de John um rebelde. Ela encorajou o que já existia: ria de tudo que ele fazia, enquanto Mimi era bastante severa com ele, embora não mais que qualquer mãe tentando se certificar de que ele não fumasse ou bebesse. Mimi teve que ceder um pouco, mas John naturalmente preferia Julia, e era por isso que sempre ia passar um tempo na casa dela. Ela tinha sido a ovelha negra, ou pelo menos a rebelde da família dela. Ela queria que John, que era como ela em todos os sentidos, fosse igual.

A essa altura, John estava na turma 4C, a turma mais fraca, pela primeira vez. “Nessa época, eu realmente tinha vergonha de estudar com os caras burros. A turma B não era tão ruim, porque a turma A tinha todos os CDFs. Comecei a colar nas provas também. Mas não era bom competir com todos os mongóis, e fui tão mal quanto antes.”

Pete Shotton também baixou de turma a cada ano com ele. “Eu arruinei a vida dele também.”

No fim do período de quatro anos, ele havia descido para a vigésima posição da sua classe: estava entre os últimos da turma inferior. “Certamente a caminho do fracasso”, escreveu um professor em seu boletim.

No quinto ano de John, um novo diretor chegou, Sr. Pobjoy. Ele logo descobriu que Lennon e Shotton eram os principais causadores de problemas da escola. Mas parece que ele realmente teve algum contato com John, algo que a maioria dos professores dessa época não tinha. Eles sabiam muito bem como ele era.

"Mas ele era um incômodo profundo, sempre pregando peças nos outros. Eu realmente não o entendia. Bati nele uma vez, sinto muito em dizer. Sinto, porque sou contra castigos físicos. Eu herdei o sistema, mas logo acabei com ele."

O Sr. Pobjoy ficou bastante surpreso quando John foi reprovado em todos os seus exames. "Achei que ele fosse capaz de passar. Ele foi reprovado por apenas um ponto, o que foi, provavelmente, uma das razões que me fizeram ajudá-lo a entrar na Escola de Artes. Eu sabia que ele era bom em artes e achava que ele merecia uma chance."

Mimi foi se encontrar com o diretor quando o futuro de John estava em risco. "Ele me perguntou o que eu ia fazer com ele. Eu disse: o que *você* vai fazer com ele? Você o teve por cinco anos..."

Mimi gostava da ideia de ele ir para a Escola de Artes, embora não soubesse o quão sortudo ele era de conseguir sequer ser aceito. "Queria que ele tivesse uma qualificação para ganhar a vida de forma adequada. Queria que ele *fosse* alguma coisa.

"Lá no fundo, estava pensando em seu pai e no que ele tinha se tornado, mas é claro que nunca poderia dizer isso para o John."

Em retrospecto, John não se arrepende de absolutamente nada de seu tempo de escola.

"Provei que estava certo. Eles estavam errados e eu estava certo. Eles ainda estão todos lá, eu não estou, então *eles* que falharam.

"Eles eram todos professores idiotas, exceto um ou outro. Nunca prestei atenção neles. Só queria me divertir. Só tinha um que gostava dos meus desenhos. Ele costumava levá-los para casa com ele.

"Eles deviam te dar tempo para se desenvolver, te encorajar naquilo que te interessa. Eu sempre me interessei por artes e fui um dos melhores alunos da minha turma por muitos anos, no entanto, ninguém se interessava por isso.

"Fiquei decepcionado de não ter obtido um diploma de artes no GCE, mas eu tinha desistido. A única coisa que lhes interessava era nitidez. Eu nunca fui nítido. Eu misturava todas as cores. Uma das perguntas na prova dizia para fazermos uma imagem de viagem. Fiz um desenho de um corcunda, cheio de verrugas. Eles, obviamente, não acharam aquilo bacana.

"Mas eu diria que tive uma infância feliz. Era agressivo, mas nunca fui infeliz. Estava sempre me divertindo. Tudo isso porque eu imaginava ser o *Just William* de verdade."

Nos últimos anos da sua vida escolar, John começou a se interessar por música pop, embora a música pop fosse algo que Mimi tivesse sempre desencorajado. Ela nunca gostou dele cantando canções desse tipo, as quais ele aprendia a cantar quando as escutava no rádio.

John não tinha nenhuma educação ou formação musical, mas ele aprendeu sozinho a tocar gaita, depois que isso virou moda. Tio George havia comprado uma gaita barata para ele.

"Eu teria mandado ele para aulas de música, de piano ou violino, quando era muito novo, mas ele não queria isso. Ele não gostava de nada que estivesse relacionado a aulas. Ele queria fazer tudo imediatamente, não perder tempo aprendendo.

"O único estímulo musical que ele recebeu foi de um trocador de ônibus no trajeto de Liverpool para Edimburgo. Nós o mandávamos com seus primos para Edimburgo todo ano para passar as férias com minha irmã. Ele tinha ganhado uma gaita velha e surrada de George e tocou o caminho todo até lá, deixando todo mundo louco, sem dúvida.

"Mas o trocador ficou muito encantado com ele. Quando chegaram a Edimburgo, ele disse para John ir até a estação de ônibus na manhã seguinte que ele lhe daria uma boa gaita. John não conseguiu dormir naquela noite, e estava lá na primeira hora da manhã. Era uma gaita muito boa de verdade. John devia ter 10 anos na época. Foi o primeiro estímulo que ele teve. Aquele trocador não sabia o que ele estava iniciando", diz Mimi.

O tipo de música pop que John escutava, quando ele escutava, era de músicos como Johnnie Ray e Frankie Laine. "Mas eu não prestava muita atenção neles."

Ninguém prestava muita atenção, pelo menos não garotos britânicos da idade de John Lennon. Música pop, até meados dos anos 1950, era de certa forma escassa e não tinha qualquer ligação com a vida real. Tudo vinha dos Estados Unidos e era produzido por profissionais do mundo dos espetáculos, em seus ternos lindos com seus sorrisos lindos, que cantavam baladas lindas, em sua maioria escritas para garotas e jovens mães.

Então, três coisas aconteceram. Em 12 de abril de 1954, Bill Haley & His Comets gravaram "Rock Around the Clock". Demorou um ano para essa música chegar à Grã-Bretanha e repercutir por lá. Porém, quando chegou, como música-tema do filme *Sementes de violência*, o rock atingiu com força total a região, e as cadeiras de cinema começaram as ser destruídas.

O segundo evento aconteceu em janeiro de 1956, quando Lonnie Donegan produziu "Rock Island Line". Essa música tinha pouca conexão com o rock rebelde, apesar do título. O que era novo e interessante era o fato de que ela foi tocada com instrumentos que qualquer um poderia tocar. Lonnie Donegan popularizou, assim, o *skiffle*. Pela primeira vez, qualquer um podia tentar tocar um instrumento, sem nenhum conhecimento musical ou mesmo talento.

Mesmo o violão, o instrumento mais difícil em um grupo de *skiffle*, poderia ser tocado por qualquer pessoa que dominasse alguns acordes simples. Os outros instrumentos, como uma tábua de lavar ou um baixo improvisado (*tea chest bass*), podiam ser tocados por qualquer idiota.

O terceiro, e de certa forma o mais emocionante evento da música pop na década de 1950 – e pessoa mais influente da música pop de todos os tempos, até o surgimento dos próprios

Beatles –, foi Elvis Presley. Ele também surgiu no início de 1956. Em maio, "Heartbreak Hotel" estava no topo das paradas de 14 países diferentes.

Em parte, era óbvio que alguém como Elvis iria surgir. Bastava olhar para Bill Haley, um cara meio gordinho, de meia-idade, definitivamente nem um pouco sexy, para notar que essa nova música empolgante, o rock'n'roll, eventualmente teria que ter um cantor igualmente empolgante para acompanhá-la.

O rock era o som que empolgava a garotada. Elvis era um cantor empolgante cantando músicas empolgantes. "Nada havia causado qualquer efeito em mim até Elvis", diz John.

Todos os Beatles, assim como milhões de garotos da mesma idade, foram afetados. Eles todos têm a mesma memória de bandas surgindo em todas as turmas da escola e em todas as ruas perto de suas casas. Da noite para o dia, surgiram cerca de cem clubes em Liverpool com bandas de *skiffle* fazendo fila para tocar. Foi a primeira vez em várias gerações que a música não era mais propriedade de músicos – qualquer um podia levantar e ir tocar. Era como dar kits de pintura para macacos: algum deles estaria fadado a produzir algo bom em dado momento.

John Lennon não tinha um violão ou qualquer instrumento quando a loucura começou. Ele pegou o violão de um garoto da escola um dia, mas descobriu que não sabia tocar e o devolveu. Ele sabia, contudo, que sua mãe sabia tocar banjo, então foi visitá-la. Julia comprou para ele um violão de segunda mão por 10 libras. Gravado nele vinha o aviso "garantido contra quebra". Ele teve umas duas aulas, mas nunca aprendeu nada. Julia então o ensinou alguns acordes no banjo. A primeira música que ele aprendeu foi "That'll Be the Day".

Ele tinha que praticar em casa escondido de Mimi. Ela fazia com que ele ficasse na varanda, tocando e cantando sozinho. "O violão é um bom hobby, John", Mimi dizia para ele dez vezes por dia. "Mas você nunca vai ganhar dinheiro com isso".

"Nós finalmente formamos uma banda na escola. Acho que o cara que teve a ideia não entrou para a banda. Nós nos encontramos na casa dele pela primeira vez. Éramos Eric Griffiths no violão, Pete Shotton na tábua de lavar roupa (*washboard*), Len Garry, Colin Hanton na bateria e Rod no banjo.

"Nosso primeiro show foi na Rose Street – era a festa do dia do Império. Todos compareciam a esse tipo de festa de rua. Nós tocamos na parte de trás de um caminhão. Ninguém nos pagou nada.

"Depois disso, tocamos nas festas de uns caras e em uns casamentos por alguns trocados. Mas, na maioria das vezes, a gente tocava porque era divertido."

Eles se chamavam de The Quarrymen, claro. Todos vestiam roupas de *teddy boy*, com o cabelo penteado para trás e topetes altos como o de Elvis. John era o maior *ted* de todos, o que se tornou mais um motivo para as mães advertirem seus filhos a seu respeito quando o viam, ou mesmo quando não o tinham visto ainda, mas haviam escutado histórias a seu respeito.

Nos primeiros meses dos Quarrymen, no fim de 1956, quando John supostamente estava dando duro na escola, tudo era muito tímido e irregular. Eles ficavam sem tocar durante semanas. As pessoas estavam sempre indo e vindo, dependendo de quem aparecesse na festa, ou de quem queria tocar.

"Era tudo apenas uma brincadeira", diz Pete Shotton. "O *skiffle* estava na moda, então todo mundo estava tentando ter uma banda. Eu tocava tábua de lavar roupa porque não fazia a menor ideia de como tocar um instrumento. Eu era amigo de John, então *tinha* que fazer parte da banda."

Com John como líder, havia discussões constantes, o que também levava as pessoas a saírem do grupo. "Eu costumava discutir com as pessoas porque as queria fora da banda. Quando você brigava comigo, esse era o fim da linha e você tinha que sair do grupo." Um membro frequente era Nigel Whalley, que tocava de vez em quando, mas em geral tinha a tarefa de marcar shows para eles, atuando como empresário.

No Liverpool Institute, a mesma coisa estava acontecendo, grupos nascendo como cogumelos, embora Ivan Vaughan tivesse trazido Len Garry para se juntar à banda de John, o que pareceu ter ido bem.

Em 6 de julho de 1957, ele trouxe outro amigo de escola para conhecer John.

"Sabia que ele era um ótimo rapaz", diz Ivan. "Eu só trazia ótimos rapazes para conhecer John." A ocasião para o encontro foi a festa da igreja paroquial de Woolton, perto da casa de John. Ele conhecia as pessoas de lá e conseguiu que deixassem seu grupo tocar.

Ivan havia falado bastante na escola sobre John e sua banda. Ele sabia que seu amigo tinha interesse nesse tipo de coisa, embora o próprio Ivan não tivesse.

"Mimi disse naquele dia que finalmente cheguei lá", diz John. "Eu era agora um verdadeiro *teddy boy*. Parece que deixei todo mundo enojado naquele dia, menos Mimi.

"Outro dia, estava olhando uma foto minha tirada naquele dia em Woolton. Eu era um cara tão jovem e jovial." O que aconteceu naquele dia não é muito claro para John. Ele ficou bêbado, embora estivesse longe da idade legal para beber. Outras pessoas lembram muito bem da ocasião, especialmente o amigo que Ivan havia trazido para a festa – Paul McCartney.

"Esse foi o dia", diz John. "O dia em que conheci Paul, em que tudo começou a acontecer."

Notas

* Um bolinho recheado, tipo sonho de padaria. (*N. da T.*)

** Alguém que vive tremendo. (*N. da T.*)

3

Paul

Paul nasceu James Paul McCartney, em 18 de junho de 1942, numa ala particular do Hospital Walton, em Liverpool – o único Beatle a nascer em tal luxo. Sua família era comum, de classe trabalhadora, e era o auge da guerra. Mas Paul veio ao mundo com luxo, pois sua mãe havia sido no passado a enfermeira encarregada da maternidade. Dessa forma, recebeu tratamento de estrela quando voltou para ter Paul, seu primeiro filho.

Sua mãe, Mary Patricia, havia deixado o trabalho hospitalar pouco mais de um ano antes, quando se casou com o pai de Paul, e tornou-se uma enfermeira domiciliar. Seu nome de solteira era Mohin e, assim como seu marido, ela era de origem irlandesa.

Jim McCartney, pai de Paul, começou sua vida profissional aos 14 anos como distribuidor de amostras na A. Hannay and Co., corretores e comerciantes de algodão em Chapel Street, Liverpool. Ao contrário de sua esposa, Jim McCartney não era católico. Ele sempre se classificou como agnóstico. Nasceu em 1902, um de três meninos e quatro meninas.

As pessoas o consideravam muito sortudo, pois, quando terminou a escola, logo conseguiu um emprego trabalhando com algodão. A indústria do algodão estava em seu auge e Liverpool era o centro de importação para as fábricas de Lancashire. Estar envolvido com algodão era o mesmo que se dar bem para o resto da vida.

Como distribuidor de amostras, Jim McCartney ganhava seis xelins por semana. Ele tinha que correr atrás de potenciais compradores e deixá-los ver pedaços de algodão que pudessem se interessar em comprar. Hannay importava, atribuía notas e classificava algodão, que depois vendia para as fábricas.

Jim se saiu bem no trabalho e, com 28 anos, foi promovido a vendedor de algodão. Isso era considerado um grande sucesso para um rapaz comum. Vendedores de algodão geralmente vinham de famílias mais de classe média. Jim estava sempre limpo e elegante, com um rosto aberto e gentil.

Quando o promoveram, eles aumentaram seu salário para 250 libras ao ano. Não era um ótimo salário, mas razoável.

Jim era muito jovem para a Primeira Guerra Mundial e velho demais para a Segunda, embora, sendo surdo de um ouvido – ele rompeu o tímpano ao cair de um muro aos 10 anos –, não pudesse servir de qualquer maneira. Mas ele era elegível para outro tipo de trabalho durante a guerra. Quando o Cotton Exchange fechou por causa da guerra, ele foi enviado para Napiers, para trabalhar como mecânico.

Em 1941, aos 39 anos, ele se casou. Eles se mudaram para um quarto mobiliado em Anfield. Jim estava trabalhando em Napiers durante o dia e como bombeiro à noite quando Paul nasceu. Ele podia entrar e sair do hospital quando quisesse, sem ter que se preocupar com as horas normais de visita, já que sua esposa havia trabalhado lá.

"Ele era horrível, eu não podia acreditar. Muito feio. Ele tinha um olho aberto e só gritava o tempo todo. Eles o seguraram e ele parecia um pedaço de carne vermelha horrível. Quando cheguei em casa, chorei pela primeira vez em muitos anos."

Apesar de sua esposa ser enfermeira, ele nunca tinha sido capaz de suportar qualquer tipo de doença. O cheiro de hospital o deixava nervoso, uma fobia que ele passou para Paul.

"No dia seguinte, porém, ele estava com um aspecto mais humano. Daí em diante, ele foi ficando cada vez melhor. Ele acabou se tornando um bebê lindo no fim das contas."

Um dia, quando Paul tinha passado o dia no jardim de casa, sua mãe viu algumas partículas de poeira em seu rosto e disse que eles deviam se mudar. O trabalho em Napiers nos motores Sabre foi computado como um trabalho para a Força Aérea, então, por causa disso, Jim pôde obter uma casa no Knowlsely Estate, em Wallasey. Eram casas populares, mas algumas eram reservadas para os trabalhadores do Ministério da Aeronáutica. "Nós costumávamos chamá-las de meias casas – elas eram muito pequenas, minúsculas, com tijolos expostos na parte de dentro. Mas era melhor do que um quarto mobiliado com um bebê recém-nascido."

Seu trabalho em Napiers chegou ao fim antes do final da guerra e ele foi transferido para um emprego no departamento de limpeza da Liverpool Corporation. Seu cargo era de inspetor temporário e sua tarefa era fazer rondas para se certificar de que os garis tinham feito o trabalho corretamente.

Jim ganhava pouco na prefeitura e sua esposa voltou a trabalhar como enfermeira domiciliar por um tempo, até o nascimento do segundo filho do casal, Michael, em 1944.

Contudo, ela nunca gostou realmente de ser enfermeira domiciliar tanto quanto gostava de enfermagem hospitalar. O expediente era muito longo, das 9 às 17 horas, como um trabalho de escritório. Então, enfim, ela voltou a trabalhar como parteira. Ela aceitou dois empregos como parteira domiciliar, o que significava morar em grandes conjuntos habitacionais e cuidar de todas as futuras mães daquela área. O emprego vinha com uma casa popular. O primeiro posto

foi em Western Avenue, em Speke, e o segundo em Ardwick Road. Ligavam para ela toda noite.

Jim diz que ela trabalhava demais, mais do que deveria, mas que sempre foi uma pessoa muito preocupada.

A lembrança mais antiga de Paul, provavelmente em torno da idade de 3 ou 4 anos, é de sua mãe. Ele se lembra de alguém vir até a porta e dar um cão de gesso para ela. "Foi por gratidão por algum parto que ela tinha feito. As pessoas estavam sempre dando presentes desse tipo para ela.

"Eu tenho outra lembrança, de me esconder de alguém e depois bater na cabeça dele com uma barra de ferro. Mas eu acho que a do cão de gesso é mais antiga."

Uma de suas outras memórias antigas de sua mãe é de quando ela estava tentando corrigir seu sotaque. "Eu falava com bastante sotaque do norte, como todas as crianças ao nosso redor. Quando ela me deu bronca, eu comecei a imitar seu sotaque e ela ficou magoada, o que me fez ficar muito tenso."

Paul começou a escola primária (a Stockton Wood Road Primary) quando eles estavam morando em Speke. Sua mãe decidiu contra colocá-lo em uma escola católica, pois ela havia visitado várias como enfermeira domiciliar e não gostava delas. Em seguida, Michael foi para o mesmo colégio. "Eu me lembro da diretora dizendo como os dois rapazes eram bons com as crianças mais novas, sempre os defendendo. Ela disse que Michael ia ser um líder. Acho que era porque ele estava sempre discutindo com alguém. Paul fazia tudo mais silenciosamente. Ele tinha maior bom senso. Mike se metia em tudo. Paul sempre evitava confusão", diz Jim.

Quando a escola ficou superlotada, eles foram transferidos para outra escola primária na região, a Joseph Williams Primary, em Gateacre.

Paul aperfeiçoou sua discreta diplomacia ainda mais quando foi crescendo, sempre fazendo tudo silenciosamente (como sua mãe), em vez de ruidosamente como Michael.

"Uma fez eu estava batendo no Michael por alguma coisa, e Paul ficou parado do lado gritando para o Mike: 'Diz para ele que não foi você que fez isso e ele vai parar de te bater'. Mike admitiu que ele tinha feito o que quer que fosse. Mas Paul sempre conseguia se livrar da maioria das coisas", diz Jim.

"Eu era bem sorrateiro", diz Paul. "Se levasse uma surra por ter feito algo errado, eu ia para o quarto deles, quando eles estavam fora, e rasgava as cortinas de renda na parte de baixo, só um pouco, e achava assim que tinha conseguido me vingar deles."

Paul passou facilmente o Eleven Plus* e foi para o Liverpool Institute. Esse é o mais conhecido dos liceus de Liverpool. Foi fundado em 1825, como Mechanics' Institute, que é de onde vem seu nome. A Liverpool Art College, que compartilha o mesmo edifício, fazia parte do Institute até os anos 1890. A Universidade de Liverpool também tem as mesmas origens. O Institute se tornou uma escola comum para garotos, eliminando as aulas para adultos por volta

da virada do século XX. Seus antigos alunos hoje incluem Arthur Askey, James Laver, Lord Justice Morris e o falecido Sydney Silverman.

Michael também passou para o Institute, mas acabou indo para a turma mais baixa. Paul se saiu muito bem e estava sempre no topo da classe.

"Paul era capaz de fazer sua lição de casa enquanto assistia à TV", diz Jim. "Eu costumava dizer que ele não devia fazer isso, que não era possível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Mas uma vez perguntei a ele o que estava passando na TV, e ele me respondeu, e também tinha feito a sua redação. Ele era inteligente o suficiente para ir para a universidade. Esse foi sempre o meu plano para ele. Obter um BA ou BSc antes do seu nome, para ficar bem. Mas, quando descobriu o que eu tinha na cabeça, Paul tentou parar de ir tão bem. Ele sempre foi bom em latim, mas quando eu disse que ia precisar do latim para a universidade, ele começou a fazer corpo mole."

No Institute, Paul se tornou o menino mais sexualmente precoce do seu ano, sabendo tudo a esse respeito, ou quase tudo, mesmo quando ainda era bem jovem.

"Uma vez fiz um desenho obsceno para a turma. Eu era o cara que fazia os desenhos. O papel ficava dobrado, de modo que você via apenas a cabeça e os pés da mulher, mas, quando você abria, ela estava nua. O tipo de desenho feito por um garoto no colégio, com pelos pubianos e tudo – não que eu fizesse ideia de como era realmente. Por engano, eu deixei o desenho no bolso da minha camisa. Esse era o bolso em que eu guardava meus tíquetes para a merenda e minha mãe sempre esvaziava os bolsos antes colocar as roupas para lavar, já que eu esquecia alguns dentro.

"Cheguei em casa um dia e ela estava com ele nas mãos. 'Você desenhou isso?' Eu disse que não, não, honestamente, não. Disse que foi Kenny Alpin, um garoto da minha turma. Ele deve ter colocado lá. 'Eu te diria se eu tivesse desenhado.' Mantive a história por dois dias. E, então, acabei admitindo. A minha vergonha foi terrível."

Após o primeiro ano, quando conseguiu 90% em latim, ele se cansou do trabalho escolar. "Foi legal e fácil naquele primeiro ano. Eu me mantinha organizado e estudioso, porque essa parecia ser a coisa certa a fazer. Então tudo se tornou nebuloso. Nunca, nem uma vez, em meus tempos de escola, alguém me disse claramente por que eu estava sendo educado, qual a finalidade daquilo. Eu sei que meu pai ficava falando da necessidade de certificados e todas essas coisas, mas nunca dei ouvidos a isso. Você ouvia esse tipo de coisa o tempo todo. Nós tínhamos professores que só nos batiam com réguas ou nos diziam um monte de merda sobre suas férias em Gales ou o que eles fizeram no exército.

"Dever de casa era um saco. Simplesmente não conseguia ficar em casa durante uma noite de verão inteira, quando todas as outras crianças estavam brincando. Tinha um campo do outro lado da rua da nossa casa, em Ardwick, e eu podia olhar pela janela e ver todas elas se divertindo.

"Não havia tantas outras crianças do Institute morando perto da gente e, por isso, elas me chamavam de 'babaca do colégio'. 'Maldito babaca do colégio', era o que eles diziam.

"Tudo o que eu queria eram mulheres, dinheiro e roupas. Eu costumava praticar pequenos furtos, como cigarros. Íamos em lojas vazias, quando o sujeito estava na parte da casa, na parte de trás da loja, e pegávamos alguns antes que ele voltasse. Por anos, o que eu queria da vida eram 100 libras. Achava que com isso eu conseguiria uma casa, uma guitarra e um carro. Então, se dinheiro estivesse na jogada, eu teria pirado."

Paul, no entanto, não era tão inútil na escola. Em 1953, ele ganhou um prêmio por uma redação – um prêmio especial em comemoração à coroação da rainha, um livro chamado *Seven Queens of England*, de autoria de Geoffrey Trease, publicado pela Heinemann, que ele tem até hoje. Ele sempre tirou boas notas em suas redações. "Eu me lembro de um inspetor da escola uma vez me perguntando como eu consegui escrever uma redação tão técnica sobre espeleologia. Eu tinha ouvido tudo a esse respeito com fones de ouvido na cama. Era maravilhoso poder ficar na cama ouvindo o rádio. Isso fazia coisas incríveis com a imaginação."

Jim havia instalado fones de ouvido do lado da cama para cada um deles em uma tentativa de mandá-los para a cama cedo, mantê-los lá e fazer com que eles parassem de brigar. Eles brigavam muito, mas não mais do que a maioria dos irmãos. Michael costumava chamar Paul de gordo para irritá-lo. "Ele tinha sido um bebê lindo, com grandes olhos e cílios compridos", diz Jim. "As pessoas costumavam dizer: 'Oh, ele vai partir o coração de todas as garotas um dia', mas, no começo da adolescência, ele passou por uma fase gordinha."

Os McCartney se mudaram de Ardwick quando Paul tinha por volta de 13 anos. Sua mãe havia desistido de ser parteira, embora, mais tarde, tivesse voltado a ser enfermeira domiciliar.

Eles conseguiram uma casa popular no número 20 da rua Forthlin Road, em Allerton, onde Paul passou sua juventude dali em diante. Ficava no meio de uma série de casas baixas e era um pouco pequena e insignificante, mas arrumada e limpa. Menlove Avenue ficava a apenas três quilômetros de distância.

Fazia pouco tempo que eles moravam em Forthlin Road – Paul tinha apenas 14 anos – quando sua mãe de repente começou a sentir dores no peito. Elas continuaram por três ou quatro semanas, indo e vindo, mas ela culpava a menopausa. Ela tinha 45 anos na época. "Deve ser a mudança", dizia ela para Jim. Ela falou com vários médicos, mas eles concordaram que devia ser isso mesmo e falaram para ela esquecer o assunto. Contudo, ela continuou a sentir dores, cada vez mais fortes.

Um dia, Michael entrou em casa de repente e a encontrou chorando. Ele achou que era porque ele e Paul haviam feito algo que não deviam. "Nós podíamos ser terríveis..." Mas ele nunca perguntou o motivo, e ela também nunca lhes contou. Mas, dessa vez, ela decidiu ir

consultar um especialista, que diagnosticou um câncer. Eles a operaram e ela morreu. Tudo aconteceu em cerca de um mês a partir do momento em que ela sentiu a primeira dor forte.

"Isso me derrubou", diz Jim. "Eu não conseguia entender. Foi terrível para os meninos, especialmente para o Michael, que tinha apenas 12 anos e era muito apegado a ela. Eles não ficaram arrasados imediatamente ou algo do tipo, a morte dela os atingiu bem devagar."

"Não me lembro dos detalhes do dia em que nos deram a notícia", diz Michael. "Tudo de que me lembro é que um de nós, não me lembro quem, fez uma piada idiota. Por meses nós dois nos arrependemos disso."

Paul se lembra quem foi. "Fui eu. A primeira coisa que eu disse foi: 'O que nós vamos fazer sem o dinheiro dela?'."

Mas ambos choraram sozinhos em suas camas naquela noite. Por dias, Paul rezou para que ela voltasse. "Orações bobas, sabe, daquele tipo 'Se você trouxer ela de volta, eu vou ser muito, muito bom para sempre'. Eu achava que mostrava como religião é uma coisa estúpida. 'Viu, as orações não funcionaram quando eu precisei delas.'"

Os dois garotos foram passar alguns dias com sua tia Jinny durante o velório. "Acho que meu pai não queria que nós o víssemos arrasado", diz Paul. "Foi um pouco sacal na casa da tia Jinny. Nós dois tivemos que dormir na mesma cama."

Jim foi deixado com um grande problema: ele nunca tinha feito muita coisa em casa, já que sua esposa era tão organizada, e agora tinha que, aos 53 anos, criar dois meninos, um de 14 e outro de 12 anos, durante aqueles que poderiam ser seus anos mais difíceis. Ele também tinha problemas financeiros. Sua esposa ganhava mais do que ele como parteira, como Paul havia cruelmente mencionado. Em 1956, o salário de Jim era de apenas 8 libras por semana. Alguns trabalhadores de outras áreas estavam começando a sentir os efeitos de um período próspero, mas o comércio de algodão, que deveria dar-lhe estabilidade para o resto da vida, estava passando por um momento muito difícil.

Duas de suas irmãs o ajudaram bastante – tia Milly e tia Jinny. Uma delas vinha uma vez por semana para Forthlin Road para limpar a casa e, quando os garotos eram novos, elas vinham no fim da tarde para abrir as portas da casa para eles depois da escola.

"Os invernos eram difíceis", diz Jim. "Os meninos tinham que acender a lareira sozinhos quando chegavam da escola. Eu fazia toda a comida.

"A maior dor de cabeça era decidir que tipo de pai eu seria. Quando minha esposa era viva, eu era aquele que os castigava, que era duro com eles quando necessário. Minha mulher fazia as coisas boas. Se nós os mandávamos para a cama sem jantar, era ela quem levava algo para eles comerem no quarto mais tarde, embora a ideia fosse minha.

"Agora eu tinha que decidir se ia ser o pai, a mãe ou os dois, ou se ia confiar neles e sermos todos amigos e nos ajudar uns aos outros.

“Eu tinha que confiar muito neles. Eu dizia: ‘Não entrem em casa quando vocês chegarem da escola a não ser que uma das tias de vocês esteja aqui.’ Se não, eles iam convidar os amigos e fazer uma bagunça.

“Chegava em casa e cinco ovos tinham sumido. Eles não deixavam nada transparecer no início, diziam que não sabiam o que tinha acontecido. Então falavam: ‘Ah, é, a gente fez ovo frito para os nossos amigos’.

“No geral, eles eram bons meninos. Mas eu sentia falta da minha mulher. Fiquei muito abatido quando ela morreu.”

Michael particularmente não sabe como seu pai deu conta de tudo. “Nós éramos terríveis e cruéis. Ele era absolutamente maravilhoso. E todo aquele tempo sem uma mulher. Não consigo imaginar. Paul deve muito ao seu pai. Nós dois devemos.”

Ambos zombavam dele e de sua filosofia provinciana. “Lá vem ele com suas duas ‘virtudes’”, eles costumavam dizer. Jim falava para eles que as duas coisas mais importantes na vida eram tolerância e moderação.

“Tolerância *é* muito importante”, diz Jim. “Eles riam das pessoas com enfermidades, como as crianças fazem. Eu explicava que *eles* não iam gostar se fosse ao contrário. E moderação, vários problemas são causados sem isso. Você sempre escuta as pessoas falaram ‘Eu enforcaria o vagabundo’, sem pensarem com cuidado o que é melhor para cada um.”

Jim sempre se preocupava com as pessoas. Ele tinha um charme natural e era cordial com todos, mas não se tratava apenas do toque acolhedor de vendedor, era algo muito mais profundo e genuíno do que isso. Nas mãos de um pai menos atencioso e delicado, eles podiam facilmente ter se perdido quando a mãe morreu.

De sua mãe, Paul parece ter herdado a dedicação e a capacidade de trabalhar duro. Ele é o tipo de pessoa que sempre consegue fazer qualquer coisa quando quer.

De certa forma, Paul detestava a escola e todo o sistema de transmissão de regras tanto quanto John, mas tinha um lado dele que não queria decepcionar a si próprio. Ele podia estudar bastante, mesmo que em curtos intervalos, mas só o suficiente para passar. John era completamente combativo e não cooperativo. Paul nunca poderia ser assim.

Seu irmão Michael acha que a morte de sua mãe causou um impacto direto na vida de Paul.

“Foi apenas depois da morte de nossa mãe que tudo começou e virou uma obsessão. Tomou conta de toda a vida dele. Se você perde a sua mãe – e acha um violão? Não sei. Talvez isso tenha surgido na vida dele naquele momento para se tornar uma forma de escape. Mas escape de quê?”

Nota

* Prova que as crianças no Reino Unido faziam para determinar para que tipo de escola secundária iriam. (*N. da T.*)

4

Paul e os Quarrymen

Quando criança, Paul não tinha mostrado nenhum interesse particular em música. Tanto ele quanto seu irmão Michael fizeram umas duas aulas de piano, mas não levaram adiante. "Nosso erro foi tê-los feito começar no verão", diz Jim. "O professor costumava vir em casa e todas as crianças ficavam batendo à nossa porta o tempo todo, querendo que eles saíssem para brincar. Então os mandei à casa do professor, mas isso não durou muito tempo."

Jim também queria que Paul entrasse para o coro da catedral de Liverpool. "Eu o mandei ir, mas ele deliberadamente desafinou no teste de admissão. Mais tarde, ele fez parte do coro de St Barnabas, perto de Penny Lane."

Ainda mais tarde, Paul ganhou um trompete velho de um tio, com o qual ele conseguiu tirar algumas músicas, ensinando-as a si mesmo. Esse talento de tirar música de ouvido veio de seu pai. Ainda garoto, Jim aprendeu a tocar piano sozinho. De todos os pais dos Beatles, o de Paul era o único com alguma experiência musical.

"Eu nunca fiz uma única aula. Simplesmente tirava os acordes num piano de segunda mão que alguém tinha nos dado quando eu tinha uns 14 anos e morava em Everton. O piano vinha da North End Music Stores (NEMS), eu me lembro do nome gravado nele. Eu tinha bom ritmo e conseguia tirar a maioria das músicas. Nunca passei vergonha."

Pouco depois de ter começado a trabalhar, Jim McCartney começou uma pequena banda de *ragtime* para tocar em bailes do trabalho. Isso aconteceu por volta de 1919, quando ele tinha 17 anos.

A primeira apresentação pública deles foi num baile em St Catherine's Hall, em Vine Street, Liverpool. "Nós achamos que deveríamos ter algum tipo de característica marcante, então colocamos máscaras negras sobre nossos rostos e nos demos o nome The Masked Melody Makers. Mas, antes do intervalo, estávamos suando tanto que a tinta das máscaras escorria pelos nossos rostos. Esse foi o início e o fim dos Masked Melody Makers."

Então, eles passaram a se chamar Jim Mac's Band. Todos vestiam smokings com peitilhos e punhos de papel. "Eles eram muito bons. Você conseguia comprar 12 punhos de papel por um centavo. Ninguém notava a diferença.

"Fiquei naquela banda por uns quatro ou cinco anos, em meio período. Diziam que eu era o líder, mas não havia diferença entre nós.

"Nós tocamos uma vez na primeira exibição do filme *A rainha do sabá*. Não sabíamos o que tocar. Quando a corrida de bigas começou, tocamos uma música famosa da época, chamada 'Thanks for the Buggy Ride', e quando a rainha do sabá estava morrendo, tocamos 'Horsy Keep Your Tail Up'."

Quando a Segunda Guerra Mundial começou e ele virou um homem de família, Jim largou sua carreira de músico, embora frequentemente tocasse um pouco de piano em casa. "Paul nunca se interessava quando eu tocava piano, mas ele adorava escutar música com os fones de ouvido na cama. Então, de repente, aos 14 anos, ele queria um violão. Não sei o que fez com que ele quisesse um."

Seu violão custou 15 libras, e Paul não conseguia tocar nada no começo. Parecia haver algo de errado com o violão. Então, ele se deu conta de que tinha problemas ao tocar porque é canhoto. Assim, levou o violão de volta para que o modificassem. "Nunca gostei muito do trompete. Mas gostava do violão porque consegui tocar depois de aprender apenas alguns acordes. Também podia cantar ao mesmo tempo."

Ele era fã de música pop desde os 12 anos, assim como a maioria de seus amigos. O primeiro show a que ele foi, da Eric Delaney's Band, no Liverpool Empire, foi quando ele tinha 12 anos. Aos 14, entrou na fila durante a hora do almoço da escola para ver Lonnie Donegan. "Eu me lembro de que ele chegou atrasado e no fim do show escreveu bilhetes para as meninas que trabalhavam em fábricas dizendo que era culpa dele elas voltarem tarde, pois as havia feito esperar.

"Nós costumávamos ir para a porta do palco, à espera de qualquer pessoa, e pedir autógrafos. Uma vez fiz fila pelo autógrafo de Wee Willie Harris."

Ele também foi ao Pavilion. "Era lá que aconteciam os shows com mulheres nuas. Elas tiravam a roupa toda. Algumas eram bonitinhas até. Foi engraçado eles terem nos deixado entrar com aquela idade. Foi diversão imprópria, mas sem maldade."

Assim como John e os outros, ele foi bastante influenciado pela fase *skiffle* e os primeiros números de rock de Bill Haley. Mas, assim como John, foi apenas com o surgimento de Elvis Presley que ele foi completamente fisgado. "Ele foi a minha maior influência. Toda vez que me sentia para baixo, eu colocava Elvis para tocar e me sentia ótimo, lindo. Não fazia a menor ideia de como os discos eram feitos, e era pura mágica. 'All Shook Up'! Ah... era lindo!"

Quando ele ganhou seu violão, tentou tocar as músicas de Elvis ou qualquer outra coisa que fosse popular. Sua melhor imitação era de Little Richard.

“Achava aquilo horrível”, diz seu pai. “Absolutamente terrível. Não podia acreditar que alguém realmente gostasse daquilo. Só anos mais tarde, quando vi Little Richard em cartaz com os Beatles, percebi quão boa a imitação de Paul era.”

“Assim que ele ganhou o violão, foi o fim de tudo”, diz Michael. “Ele se perdeu, não tinha tempo para comer ou pensar sobre qualquer outra coisa. Ele tocava no lavabo, na banheira, em todo lugar.”

Outro amigo de turma dele, Ian James, dos Dingle, também ganhou um violão por volta da mesma época. Ele e Paul costumavam passear por aí com seus violões. Eles tocavam um para o outro, ensinando um ao outro coisas que tinham aprendido. “Nós íamos para os parques de diversão para escutar as últimas músicas no Waltzer e tentar tirá-las. A gente também tentava conquistar uns brotos. Nunca funcionava. Não tenho dom para conquistá-las assim”, diz Paul.

Paul e Ian James vestiam o mesmo tipo de jaqueta esportiva branca – por causa da música pop “A White Sports Coat”. “Elas tinham manchas e bolsos com abas. Vestíamos também calças pretas bem justas. Costumávamos ir vestidos da mesma forma para todos os lugares e nos achávamos o máximo. Nós dois tínhamos o cabelo cortado estilo Tony Curtis. Demorávamos horas fazendo o penteado direito.”

Jim McCartney tentou fazer com que Paul parasse de se vestir daquele jeito, mas foi em vão. “Paul era muito esperto”, diz Michael. “Quando ele comprava uma calça nova, trazia-a para casa para mostrar para o papai o quanto ela era larga, e ele dizia ok. Então, Paul a levava de volta para a loja e pedia para que a alterassem. Se o papai notasse depois, ele jurava de pés juntos que era exatamente a mesma calça que ele tinha aprovado.”

“Estava muito preocupado, achando que ele se tornaria um *teddy boy*”, diz Jim. “Tinha pavor disso. Disse-lhe várias vezes que não poderia usar calças apertadas. Mas ele as usava mesmo assim. Seu cabelo estava sempre comprido, mesmo naquela época. Ele voltava do barbeiro e o cabelo estava igual, e então eu dizia: ‘Estava fechado, por acaso?’.”

Paul estava tão interessado em garotas quanto no violão. “A minha primeira vez foi com 15 anos. Acho que foi meio cedo, fui um dos primeiros da minha turma. Ela era mais velha e maior do que eu; foi na casa dela. Ela deveria estar tomando conta das crianças enquanto sua mãe estava fora de casa. Contei para todo mundo na escola no dia seguinte, claro. Eu não sabia guardar segredo.”

Paul lembra vividamente daquele dia, no verão de 1957, quando Ivan mencionou que estava indo para a igreja paroquial de Woolton para ver um grupo com quem tocava de vez em quando, embora não fosse tocar com eles naquele dia. Paul disse que sim, que iria ver o grupo. Talvez desse para pegar umas garotas.

“Eles não eram ruins”, diz Paul. “John tocava o violão principal. Mas ele tocava como se fosse um banjo, com acordes de banjo, já que era só isso que sabia tocar.

“Nenhum dos outros sabia tocar nem isso. Eles basicamente arranhavam um acompanhamento.

“Eles tocavam coisas como ‘Maggie May’, mas a letra era um pouco diferente. John tinha feito alterações, já que não sabia muito bem a original.

“Eles tocaram ao ar livre, num grande campo. John olhava em volta enquanto tocava, observando todo mundo. Ele me disse mais tarde que foi a primeira vez em que tentou ler o público. Você sabe, avaliá-los, ver se era melhor virar de ombros para eles, ou não se mexer.

“Eu estava vestindo minha jaqueta esportiva branca e minha calça preta justa, como sempre. Tinha acabado de ir apertar a calça de novo durante a hora da merenda na escola. Ela era tão apertada que chamava a atenção de todo mundo.

“Fui encontrá-los depois do show num lugar do salão da igreja. Conversei com eles, papo furado, me exibindo. Ensinei a letra e mostrei para eles como tocar ‘Twenty Flight Rock’, que eles não sabiam. Depois toquei ‘Be Bop A Lula’, que eles também não sabiam tocar direito. Então fiz minha imitação de Little Richard; toquei o repertório inteiro, aliás. Lembro de um homem velho chegando mais perto e respirando no meu pescoço enquanto eu estava tocando. ‘O que esse velho bêbado está fazendo?’, pensei. Então ele disse que ‘Twenty Flight Rock’ era uma de suas músicas favoritas. Aí eu soube que ele sabia das coisas.

“Era John. Ele tinha acabado de beber umas cervejas. Ele tinha 16 anos, e eu apenas 14, então ele era um homem grande. Mostrei para ele alguns outros acordes que ele não sabia. Ian James tinha me ensinado aquilo, na verdade. Depois fui embora. Achei que tinha causado uma boa impressão e mostrado o quão bom eu era.”

Pete Shotton, no entanto, não se lembra de Paul ter causado qualquer impressão. Pete, por não ser nada musical, não se impressionava fácil com “Twenty Flight Rock”, mesmo quando tocada muito bem.

“Não prestei muita atenção ao Paul naquele primeiro encontro”, diz Pete. “Ele parecia ser bem quieto, mas é assim que você é quando conhece um grupo novo de caras pela primeira vez. Não tive muita inveja dele, não no começo. Ele era muito mais novo do que nós. Não achei que fosse virar um rival. John e eu ainda éramos melhores amigos. Sempre fui amigo do John. Eu o amava, é isso.”

John se recorda de ficar pensando sobre o encontro com Paul mais tarde, antes de decidir qualquer coisa. Isso era incomum para ele, pensar a respeito das coisas em vez de fazer o que queria por impulso.

“É porque eu estava bêbado”, diz John. “Deve ter me desacelerado.

“Fiquei muito impressionado com Paul tocando ‘Twenty Flight Rock’. Ele claramente sabia tocar violão. Meio que pensei comigo mesmo: ele é tão bom quanto eu. Eu era o rei do pedaço até então. Agora, pensei, se eu chamar ele para se juntar a nós, o que vai acontecer? Me dei

conta de que teria que mantê-lo na linha se ele fosse entrar para a banda. Mas ele era bom, então valia a pena tê-lo conosco. Ele também se parecia com o Elvis. Eu curti ele."

Cerca de uma semana depois, Paul foi de bicicleta para a Menlove Avenue visitar Ivan. Ele pedalou pelo campo de golfe de Allerton e, no caminho de volta, encontrou por acaso com Pete Shotton. "Pete disse que eles estavam falando de mim, perguntou se eu gostaria de entrar para a banda. Eu disse sim, ok."

A primeira apresentação pública de Paul, como membro dos Quarrymen, foi num baile do Conservative Club, na rua Broadway. Paul ia ter seu próprio solo naquela noite, provavelmente 'Twenty Flight Rock', mas algo aconteceu e ele não tocou.

Mais tarde, depois do baile, ele tocou para John algumas músicas que tinha escrito. Desde que começou a tocar violão, tentava escrever algumas de suas próprias músicas. A primeira canção que tocou para John naquela noite se chamava 'I Lost My Little Girl'. Para não ficar para trás, John imediatamente começou a escrever suas próprias músicas. Há algum tempo ele alterava e adaptava as letras das músicas de outras pessoas, para deixá-las compatíveis com suas habilidades, mas não havia escrito uma música de verdade até que Paul surgiu com as dele. Não que as músicas de Paul significassem muito – não para John. Elas eram muito simples e derivativas. Foi só quando eles se uniram, cada um incitando o outro, que, de repente, se inspiraram a escrever canções que pudessem tocar. Daquele dia em diante, nunca pararam.

"Segui uma direção completamente nova a partir de então", diz Paul. "Quando conheci John, tudo mudou. Foi bom conhecê-lo. Mesmo que ele fosse dois anos mais velho que eu, e eu fosse apenas um bebê, nós éramos muito parecidos."

O que aconteceu nos meses seguintes foi que John e Paul passaram a se conhecer melhor. Eles estavam sempre juntos. Ambos não iam para a escola; iam para a casa de Paul, enquanto seu pai trabalhava, comiam ovo frito e praticavam acordes ao violão. Paul mostrou para John todos que ele conhecia. Os acordes de banjo de John, ensinados por Julia, eram obviamente inúteis. Como Paul é canhoto, depois de ter mostrado para John o que fazer, John ia para casa e treinava sozinho, na frente do espelho, para entender como tirar os acordes do lado inverso.

Pete Shotton começou a se sentir excluído. "Meus dias no grupo logo chegaram ao fim", diz Pete. "Nós estávamos tocando na festa de alguém na Smithdown Lane. Era uma festa realmente regada. John e eu começamos a rir como loucos, contando piada um para o outro e, então, ele quebrou a tábua de lavar roupa que eu tocava na minha cabeça. Fiquei ali, chorando, com aquilo emoldurando a minha cabeça. Aquela vida de tocar em um grupo não era mais para mim. Além de não me sentir bem, eu não gostava de ficar na frente dos outros, tinha muita vergonha."

Ivan Vaughan havia deixado o grupo há muito tempo, embora ainda fosse amigo de John no tempo livre e de Paul na escola.

Paul começou a pensar cada vez mais na possibilidade de seu grande amigo de escola se juntar ao grupo. Esse amigo tinha começado a tocar *skiffle*, rock e Elvis mais ou menos na mesma época, mas era bem melhor do que a maioria das pessoas. Paul decidiu que iria apresentá-lo a John. Ele era ainda mais novo que Paul, mas isso não parecia relevante, já que ele era tão bom.

Ivan Vaughan ficou irritado quando ele o apresentou. Ivan tinha trazido da escola primeiro Len Garry para apresentar a John, e depois Paul McCartney. Ele via tal tarefa como sua prerrogativa, e não gostava da ideia de Paul introduzir outra pessoa ao grupo.

Esse novo amigo não era apenas muito mais novo, ele nem sequer tinha qualquer pretensão de ser um intelectual, diferentemente de Paul. George Harrison, como o amigo era chamado, era um completo *teddy boy*. Ivan não conseguia entender por que os Quarrymen se interessariam por ele.

5

George

George Harrison é o único Beatle que vem de uma família grande e é o único cuja vida familiar foi normal e nada dramática. Ele é o mais jovem dos quatro Beatles e o mais novo dos quatro filhos de Harold e Louise Harrison. Ele nasceu em 25 de fevereiro de 1943, no número 12 da rua Arnold Grove, em Wavertree, Liverpool.

A Sra. Harrison é atarracada, alegre, muito simpática e extrovertida. O Sr. Harrison é magro, atencioso, preciso e cauteloso. Ele deixou a escola aos 14 anos e trabalhou para uma empresa que fazia máquinas de rolo para espremer roupas, daquele tipo usado por donas de casa antigamente. Ele ganhava sete xelins e seis centavos por semana para levá-las em um carrinho de mão e colocá-las nas casas das pessoas.

Ele queria entrar para a marinha, mas sua mãe não deixou. Seu pai havia morrido em Mons durante a Primeira Guerra Mundial, e ele acha que isso fez com que ela rejeitasse todo tipo de serviço militar. Contudo, ela permitiu que ele se alistasse na Marinha Mercante. Ele trabalhou como comissário na White Star Line de 1926 a 1936.

O Sr. Harrison conheceu sua esposa, Louise, em 1929. "Não, deixe-me contar a história", diz ela. "É a coisa mais engraçada que você já ouviu. Eu o conheci na rua junto com outros garotos, um dia. Um dos outros garotos disse: 'Nos dê seu endereço, estou indo para a África amanhã e te mando um frasco de perfume.' Bem, pensei, é um frasco de perfume, mas Harold tomou meu endereço e foi embora com ele.

"Que pandemônio foi quando a primeira carta chegou! Tinha uma bandeira da White Star, então sabia que devia ser dele. No dia em que a carta chegou, havia um homem surdo-mudo na cozinha pegando um jarro de água. Minha mãe era sempre muito gentil com todos.

"Cartas eram uma raridade naquela época, pelo menos nós nunca recebíamos nenhuma. Esse homem surdo-mudo se abaixou e pegou a minha carta, apesar de ele não saber ler. Eu podia ver que dizia 'Srta. Louise French' e tentei pegar a carta dele. Mas outra pessoa pegou.

Todo mundo leu antes de mim, e todos assobiavam por causa de todos os beijos. Tive que passar a carta a ferro antes de ler."

Harold e Louise se casaram em 20 de maio de 1930. Não em uma igreja, mas no cartório de Brownlow Hill. Ela era católica, mas ele não.

Seu pai era originalmente de Wexford, na Irlanda, e inicialmente soletrava seu nome da forma irlandesa, com dois Fs. Ele tinha 1,87m e durante uma época foi o encarregado da New Brighton Tower (uma torre de observação no norte da Inglaterra), e depois trabalhou como acendedor de luzes municipal.

"Quando ele estava ausente durante a Primeira Guerra Mundial, minha mãe virou a acendedora de luzes. Ela estava em cima de um poste de luz um dia e alguém acidentalmente levou a escada embora. Ela ficou pendurada com as mãos na barra e acabou tendo que se jogar no chão. Ela estava grávida de oito meses. Mas o bebê era lindo, nasceu com quatro quilos."

Harold e Louise se mudaram para o número 12 da rua Arnold Grove, em Waverstree, após se casarem, e moraram lá por 18 anos. Era uma casa simples, no meio de outras iguais, que custava dez xelins por semana. Ficava a apenas alguns quilômetros de distância de onde John Lennon e Paul McCartney moravam.

Harold ainda trabalhava no navio e Louise era assistente em uma mercearia, um trabalho que manteve até pouco antes do nascimento de sua primeira filha, também chamada Louise, em 1931. Seu segundo filho, Harold, nasceu em 1934. Pouco tempo depois, Harold pai decidiu deixar a Marinha Mercante. De todo modo, ele já estava cansado daquilo, mas, acima de tudo, queria passar mais tempo com seus filhos.

"Eu era então um comissário de primeira classe e ganhava 7 libras e 7 xelins por mês. Vinte e cinco xelins eram enviados para minha esposa. Nunca tinha dinheiro o suficiente, mesmo quando havia alguns 'sangues azuis' a bordo. Trabalhei em muitos cruzeiros e era assim que chamávamos as pessoas com dinheiro, que davam boas gorjetas. No meu tempo livre, costumava cortar o cabelo das pessoas. Estava tentando economizar para voltar à terra firme e procurar um emprego."

"Ele escrevia para casa e me contava como a vida era difícil", diz a Sra. Harrison. "Ele tirava a calça durante a noite e a pendurava numa corda, mas, antes que parasse de balançar, ele já estava vestindo-a de novo."

Harold voltou à terra firme em 1936. Foi um momento de crise. Ele ficou desempregado durante 15 meses. "Com dois filhos, eu recebia 23 xelins por semana. Disso, eu tinha que pagar 10 xelins de aluguel, mais carvão e comida para todos nós."

Em 1937, ele conseguiu um emprego como trocador de ônibus e, em 1938, se tornou motorista. Em 1940, seu terceiro filho, Peter, nasceu, e em 1944 veio George, seu quarto filho e terceiro menino.

“Subi para vê-lo naquele primeiro dia”, diz o Sr. Harrison. “Não conseguia pensar em outra coisa. Ali estava ele, uma versão minha em miniatura. Ah não, pensei, nós não podíamos ser tão parecidos.”

“George sempre foi muito independente”, diz a Sra. Harrison. “Ele nunca queria nenhum tipo de ajuda. Nós o mandávamos para o açougue da Sra. Quirk e entregávamos a ele uma lista, mas ele a jogava fora no instante em que saía de casa. A Sra. Quirk via seu pequeno rosto vindo em sua direção através do balcão e sabia quem ele era. ‘Você não trouxe uma lista?’, perguntava ela. ‘Não preciso de uma’, respondia George. ‘Dois quilos da sua melhor linguiça de porco, por favor.’ Ele não devia ter muito mais que 2 anos e meio quando fazia isso. Todos os vizinhos o conheciam.”

Eles tiveram muitos problemas para matricular George na escola primária. Os piores anos de superlotação escolar estavam começando – todas as escolas estavam cheias. “Tentei uma escola católica. Ele havia sido batizado na Igreja, mas disseram que ele teria que ficar em casa até completar 6 anos, e só então talvez pudessem recebê-lo. Ele era muito inteligente e precoce, então o matriculei em uma escola pública primária comum.”

A escola em questão era a Dovedale Primary. A mesma escola na qual John Lennon estudava. Ele era dois anos e meio mais velho, e esteve três turmas acima de George. Eles nunca se conheceram. Contudo, Peter Harrison, um dos irmãos de George, era do mesmo ano que John Lennon e Jimmy Tarbuck, o comediante de Liverpool.

“Eu o levei à escola naquele primeiro dia, cruzando a Penny Lane”, diz a Sra. Harrison. “Desde o início, ele queria ficar até a hora da merenda da tarde. No dia seguinte, quando fui pegar meu casaco, ele disse: ‘Ah não, eu não quero que você me leve!’ Eu perguntei ‘Por que não?’, e ele respondeu: ‘Não quero que você seja uma daquelas mães enxeridas, que ficam paradas no portão conversando.’ Ele sempre foi contra mães enxeridas. Ele odiava todas as vizinhas que ficavam por aí fazendo fofoca.”

A memória mais antiga de George é de comprar, com seus irmãos Harold e Peter, três galinhas vivas por seis centavos e trazê-las para casa. “A minha e a do Harold morreram, mas a do Peter nós deixamos no jardim e ela cresceu bastante. Era enorme e selvagem. As pessoas tinham tanto medo dela que davam a volta e entravam pela porta da frente, em vez de pelo jardim. Nós a comemos no Natal. Um cara veio e a estrangulou. Eu me lembro dela pendurada na corda depois disso.”

George tinha 6 anos quando eles se mudaram de Wavertree para uma casa popular em Speke. “Era muito boa e moderna. Você podia ir do corredor para a sala, de lá para a cozinha, da cozinha de volta para ao corredor e então para a sala de novo. Corri de um lado para o outro no primeiro dia.”

A casa era no número 25 da rua Upton Green, em Speke. Eles haviam dado entrada no pedido para uma casa popular 18 anos antes, em 1930, quando Lou ainda era um bebê.

“Era uma casa nova em folha”, diz o Sr. Harrison. “Mas eu a odiei desde o minuto em que nos mudamos. Tentamos manter o jardim arrumado, mas as crianças o destruíam. Elas roubavam nossas plantas no meio da noite. Era tipo uma área de remoção de favelas, mas eles misturaram as famílias boas e as ruins, na esperança de que as boas melhorassem o resto.”

George foi relativamente bem na escola primária. “Depois que terminamos a prova para a bolsa escolar, o professor perguntou quem achava que tinha ido bem. Apenas uma criança levantou a mão. Ele era um menino gordo que fedia. Na verdade, foi muito triste. Acabou que praticamente só ele não passou.

“Crianças fedorentas assim eram usadas pelos professores como castigo, eles faziam você se sentar ao lado delas. Então as coitadas das crianças fedorentas realmente se tornavam problemáticas. Todos os professores são assim. E quanto mais problemáticos *eles* são, mais tornam as crianças problemáticas. Eles são todos ignorantes. Sempre pensei isso. No entanto, porque eram velhos e acabados, você tinha que acreditar que não eram ignorantes”, diz George.

George foi estudar no Liverpool Institute em 1954. Paul McCartney já estava lá, na turma acima. John Lennon estava em seu quarto ano na Quarry Bank High School.

“Foi triste deixar Dovedale. O diretor, Pop Evans, disse que nós podíamos achar que éramos garotos grandes e espertos, mas que na próxima escola seríamos novamente os garotos pequenos. Parecia um desperdício. Depois de tanto esforço para ser um dos caras grandes...

“No primeiro dia no Institute, Tony Workman pulou nas minhas costas ao sair de trás de uma porta e disse: ‘Você quer brigar, cara?’.”

Depois de um curto período se sentindo perdido e desligado, durante o qual ele tentou fazer um pouco de lição de casa e se encaixar, George desistiu de se interessar pelo trabalho escolar. “Odiava ditados. Um babaca esquizofrênico, que tinha acabado de sair da faculdade, lia textos em voz alta e você tinha que anotá-los. Nunca conseguia ler o que escrevia depois de qualquer maneira. Eles nunca me enganaram. Inúteis, todos eles.

“É aí que as coisas dão errado: quando você está crescendo tranquilamente e eles começam a tentar te forçar a fazer parte da sociedade. Eles estão todos tentando transfigurar a forma pura de pensar que você tem quando criança, forçando as ilusões deles em cima de você. Todas essas coisas me irritavam. Eu só queria ser eu mesmo. Eles estavam tentando transformar todo mundo em um monte de bunda-moles.”

No Instituto, George era conhecido desde o início pelo seu visual extravagante. Michael McCartney, irmão de Paul, estava um ano abaixo dele. Ele se lembra de George sempre ter tido cabelo comprido, anos antes de qualquer outra pessoa.

A rebeldia de John Lennon era extravasada com brigas e causando confusão. George extravasava a sua através de suas roupas, o que irritava os professores tanto quanto.

Mas um dos motivos de George ter cabelo comprido era o fato de odiar que cortassem seu cabelo. Para economizar dinheiro, seu pai continuou a cortar o cabelo de todos na família,

como havia feito na marinha. A essa altura, as tesouras já estavam velhas e cegas. “Ele machucava as crianças”, diz a Sra. Harrison. “E elas odiavam isso.” “Sim, talvez as tesouras estivessem um pouco cegas”, diz o Sr. Harrison. “Um pouco? Você está brincando”, arremata sua esposa.

“George ia para a escola com o chapéu do uniforme bem no alto do seu cabelo”, diz a Sra. Harrison. “E calças muito apertadas. Sem que eu soubesse, ele as passava na máquina para fazer com que ficassem ainda mais apertadas. Comprei uma calça nova para ele uma vez e a primeira coisa que ele fez foi apertá-la. Quando seu pai descobriu, mandou George desfazer a costura imediatamente. ‘Não posso, pai’, disse ele. ‘Eu cortei alguns pedaços.’ George sempre tinha uma resposta. Uma vez ele foi para a escola de colete amarelo-canário debaixo do paletó do uniforme. O colete pertencia ao seu irmão, Harry, mas George achava que ficava ótimo nele.”

“Vestir roupas chamativas, ou pelo menos tentar ser um pouco diferente, como eu não tinha nenhum dinheiro, era parte da minha rebeldia. Nunca gostei de autoridade. Eles não podem te ensinar experiência, você tem que passar pelas coisas: tentativa e erro. Você tem que descobrir por si mesmo que não deve fazer certas coisas. Sempre consegui manter um pouco de individualidade. Não sei por que eu fazia isso, mas funcionou. Eles não me pegaram. Em retrospecto, fico feliz que eles não tenham conseguido me pegar.”

Durante os primeiros três anos, ele estava continuamente metido em problemas. “‘Harrison, Kelly e Workman, levantem-se e saiam’, era tudo o que eu ouvia. Se não fosse isso, eu era mandado para o canto da sala por ter sido pego mastigando.”

Quando as *winkle-pickers** foram lançadas, George comprou um par chamativo, de camurça azul. “Um dos professores, Cissy Smith, me deu uma bronca por causa delas. Nós o chamávamos de Cissy** porque estava sempre bem-vestido. Ele disse: ‘Esses não são sapatos escolares, Harrison.’ Eu queria perguntar o que *eram* sapatos escolares, mas não perguntei.”

O nome verdadeiro de Cissy Smith era Alfred Smith, e ele era irmão do tio George de John Lennon. “Só descobri isso muitos anos mais tarde. Caí na gargalhada quando John me contou.”

Em seu quarto ano no Institute, George começou a se acalmar. “Aprendi que era melhor ficar na minha e calar a boca. Tinha essa coisa recíproca com alguns professores: eles me deixavam dormir no fundo da sala e eu não causava nenhum problema. Se estivesse um dia bonito e ensolarado, era difícil ficar acordado com um cara velho falando sem parar. Frequentemente, eu acordava às 16h45 e via que todos já tinham ido para casa.”

Harry, o irmão mais velho de George, a essa altura já tinha terminado a escola e se tornado aprendiz de serralheiro. Lou, sua irmã, estava fazendo um curso técnico e Peter estava prestes a começar a trabalhar como chapista.

Harold, pai de George, ainda era motorista de ônibus, mas também tinha se tornado um bem-sucedido sindicalista. Ele começou a passar muito tempo em Finch Lane, onde ficava o centro social dos trocadores e motoristas de ônibus da Liverpool Corporation. Na década de

1950, ele foi o mestre de cerimônias da maioria dos eventos sociais de sábado à noite, apresentando os convidados.

"Um dos primeiros comediantes que lançamos foi Ken Dodd. Tínhamos visto ele no clube, tomando um drinque, e sabíamos que era muito engraçado, mas ele ficava nervoso com a ideia de subir no palco. Mas finalmente subiu. Ele fez uma paródia de 'The Road to Mandalay' usando short e um capacete de safári. Foi hilário. Acho que ele não é mais tão engraçado assim hoje em dia."

Harold Harrison estava satisfeito com o fato de George pelo menos aparentar ir à escola. Ele foi o único de seus três filhos homens que entrou em um liceu, então queria que George fosse bem. Como era um sindicalista meticuloso e que trabalhava duro, ele gostaria de ter tido as mesmas oportunidades de George.

Assim como tia Mimi, de John, e Jim, pai de Paul, uma boa educação para ele era não apenas a única forma de autopromoção, mas também a maneira de se alcançar sucesso e ser respeitado no mundo.

Um bom trabalho estável é o que todos os pais desejam para seus filhos, mas para as pessoas da geração de Harold Harrison isso era particularmente muito importante. Ele havia passado pelo pior da depressão nos anos 1930, quando ficou desempregado por muito tempo e foi forçado a criar sua família com o escasso dinheiro dado pelo governo.

O lado individualista e antiautoritário de George parece não ter vindo de seu pai. As dificuldades que Harold teve no início da vida fizeram com que precisasse buscar mais estabilidade. Sua mãe, contudo, sempre foi uma aliada. Ela queria que todos os seus filhos fossem felizes. Não importavam quais eram seus interesses, desde que gostassem do que estavam fazendo.

Mesmo quando George se interessou por algo evidentemente inútil, um hobby no qual ninguém via futuro algum, que claramente não levaria à segurança ou traria respeito, sua mãe ainda assim o encorajou.

A Sra. Harrison não é apenas alegre e extrovertida. À sua maneira, e ao contrário de todos os outros pais dos Beatles, ela é uma entusiasta inata.

Notas

* Botas de bico fino e cano baixo. (*N. da T.*)

** Cissy é uma gíria em inglês para designar um homem efeminado. (*N. da T.*)

6

George e os Quarrymen

A Sra. Harrison sempre se interessou por música e dança. Junto com seu marido, ela deu aulas de dança para iniciantes (quase sempre de dança de salão) em Finch Lane, no clube para trocadores e motoristas de ônibus, por quase dez anos.

George não havia demonstrado nenhum interesse por música quando criança, até onde seus pais se lembrem. "Mas ele sempre te entreteria se você pedisse", diz a Sra. Harrison. "Ele se escondia atrás de uma cadeira e fazia um show de marionetes."

Foi por volta dos 14 anos de idade que George, de repente, começou a chegar em casa e a desenhar violões em pedaços de papel. "Um dia ele me disse: 'Um menino na escola tem um violão que comprou por 5 libras, mas ele me venderia por 3, você poderia comprar para mim?' Eu disse: 'Tudo bem, filho, se você realmente quer...' Eu estava trabalhando um pouco naquela época, tinha voltado a trabalhar em uma mercearia, algo que eu tinha feito antes de casar."

A primeira pessoa a causar algum efeito em George, musicalmente falando, foi Lonnie Donegan. "Sabia que existiam outros cantores pop antes dele, como Frankie Laine e Johnnie Ray, mas nunca tinha realmente me interessado muito por eles. Acho que não me considerava velho o suficiente para gostar deles. Mas Lonnie Donegan e o *skiffle* pareciam terem sido criados especialmente para mim."

Seu primeiro violão, aquele que sua mãe havia comprado para ele por 3 libras, ficou jogado em um armário por quase três meses, esquecido. "Um parafuso prendia o braço na caixa", diz George. "Quando fui tentar tocar, tirei o parafuso e não conseguia colocá-lo de volta. Então, coloquei o violão no armário. Aí, um dia, lembrei que ele existia e pedi para o Pete consertá-lo para mim."

"George tentou aprender sozinho", diz a Sr. Harrison. "Mas ele não estava progredindo muito. 'Eu nunca vou aprender isso', dizia ele.

“Eu respondia: ‘Você vai, filho, você vai. Seja persistente.’ Ele treinava até seus dedos sangrarem. ‘Você vai conseguir filho, você vai’, eu dizia para ele.

“Ficava acordada até duas ou três da manhã. Toda vez que ele dizia ‘Nunca vou conseguir tocar’, eu retrucava: ‘Você vai, você vai.’

“Não sei ao certo por que o encorajei tanto. Ele queria tocar, então para mim isso era o suficiente. Acho que, no fundo, me lembrava de todas as coisas que eu queria ter feito quando era garota, mas que ninguém me encorajou a fazer.

“Então, quando foi a vez de George, eu o ajudei como pude. Finalmente, ele tinha evoluído muito além do que eu era capaz de compreender. ‘Você não sabe nada sobre violões e guitarras, sabe, mãe?’, ele me falou uma vez. Eu disse: ‘Não, mas se você persistir, tenho certeza de que você vai saber. Persista.’ Ele disse que não, que não era isso o que ele quis dizer. Ele precisava de um novo violão, um violão melhor. Ele explicou que era como tocar uma gaita: certas notas você não consegue tocar porque a gaita não é boa o suficiente. Bem, ele logo chegou nesse estágio com o violão de 3 libras.

“Então eu falei que é claro que iria ajudá-lo a comprar um novo. E lá fui eu, custou 30 libras. Era uma guitarra elétrica ou algo do tipo.

“Peter também começou a tocar. Ele tinha um violão antes de George ter o dele, na verdade, pensando bem. Um violão quebrado que ele comprou por 5 xelins. Ele o consertou e colocou cordas, era ótimo.”

“Minha mãe realmente me encorajou”, diz George. “Ou melhor, ela nunca me desencorajou de fazer nada que eu quisesse. Essa era uma das melhores qualidades dela e do meu pai. Se você diz para uma criança não fazer algo, ela vai fazer de qualquer jeito, então é melhor você deixar que ela faça. Eles me deixavam ficar fora até tarde da noite e beber quando quisesse. Parei de ficar até tarde fora de casa quando todo mundo começou a sair. Provavelmente é por isso que eu não tomo bebida alcoólica hoje em dia também. Quando completei 10 anos, já tinha feito de tudo.”

“Um dia, George chegou em casa e disse que tinha sido chamado para um teste para o Clube da Legião Britânica, em Speke”, diz a Sra. Harrison. “Eu disse que ele era um tolo, já que nem tinha uma banda. Ele disse para eu não me preocupar, que ele ia arrumar uma.”

George realmente conseguiu uma banda para sua grande noite na Legião Britânica de Speke. Ele pôs seu irmão Peter e seu amigo Arthur Kelly tocando violão e chamou outros dois amigos para tocarem *tea chest base** e gaita. Ele também tocou violão. Eles saíram de casa um a um, se curvando atrás da cerca viva, pois George não queria que todos os vizinhos enxeridos soubessem o que estavam fazendo.

Eles chegaram ao clube e ficaram sabendo que os músicos de verdade não tinham aparecido. Eles tiveram que subir no palco imediatamente e tocar a noite inteira, já que não havia mais ninguém lá.

“Eles estavam tão animados quando chegaram em casa, gritando um com o outro”, diz a Sra. Harrison. “No começo, não conseguia entender o que tinha acontecido. Então, eles me mostraram os 10 xelins que cada um recebeu, seu primeiro compromisso profissional. O pobre do garoto do baixo estava com uma aparência horrível, seus dedos sangrando de tanto tocar, o baixo coberto de sangue. O grupo foi batizado de The Rebels naquela noite. Eles tinham pintado o nome em vermelho em uma faixa.”

Embora ele tocasse com outros grupos de vez em quando, George não tocou mais com uma banda propriamente dita até Paul chamá-lo para se juntar aos Quarrymen.

Ele começou a falar com Paul logo após entrar no Institute. Eles costumavam pegar o mesmo ônibus; George se lembra de um dia sua mãe pagar a passagem dele e a de Paul. Quando a moda do *skiffle* começou e ambos ganharam violões, tornaram-se então amigos mais próximos.

“Paul vinha para a minha casa à noite para ler o manual do meu violão, que eu nunca tinha conseguido entender e ainda estava no meu armário. Nós aprendemos alguns acordes com o manual e conseguimos tocar ‘Don’t You Rock Me Daddy O’ com dois acordes. Costumávamos tocar sozinhos, não em uma banda, apenas ouvindo um ao outro e pegando qualquer coisa de outros caras que sabiam tocar melhor.”

Eles começaram a passar a maior parte de seu tempo livre juntos, até mesmo durante as férias. Isso começou bem antes de Paul ter conhecido John e entrado para os Quarrymen.

Paul já fazia parte dos Quarrymen há pelo menos um ano antes de George se juntar a eles, o que provavelmente aconteceu no início de 1958. Ninguém se lembra da data exata, mas ele provavelmente não entrou para a banda imediatamente. George, afinal, era muito novo, embora estivesse tocando violão cada vez melhor e sendo convidado a tocar em vários lugares.

“A primeira vez em que vi os Quarrymen foi quando eles tocaram no Wilson Hall, em Garston. Paul estava tocando com eles e disse que eu deveria ir vê-los. Provavelmente eu teria ido de qualquer forma, apenas para fazer algo à noite e ver se conseguia entrar para alguma banda. Por conhecer o Paul, acabei sendo apresentado ao John.

“Eles tinham esse outro cara tocando violão na banda naquela noite, Eddie Clayton. Ele era ótimo. John me disse que, se eu soubesse tocar daquele jeito, poderia me juntar a eles. Toquei ‘Raunchy’ e John disse que eu podia entrar para a banda. Sempre tocava ‘Raunchy’ para eles. Nós estávamos no segundo andar do ônibus, indo para algum lugar com nossos violões, e o John gritava: ‘Toca “Raunchy”, George’.”

“Mas George nunca achou que tocava bem”, diz a Sra. Harrison. “Ele sempre dizia isso, enumerando para mim todas as pessoas que eram muito melhores do que ele. Eu dizia que ele poderia ser bom, se persistisse naquilo.”

John se lembra de que foi a idade de George que fez com que ele demorasse a chamá-lo para entrar na banda.

“Ele era novo demais, demais. George era muito jovem. Não estava interessado nele no começo. Ele estava fazendo umas entregas na vizinhança e parecia uma criança. Ele veio até a minha casa uma vez e perguntou se eu queria ir ao cinema com ele, mas fingi estar ocupado. Não o curti à primeira vista, até que passei a conhecê-lo melhor.

“Mimi sempre dizia que ele tinha um sotaque forte de Liverpool e que era um verdadeiro idiota. Ela dizia: ‘Você sempre parece gostar desses tipos de classe baixa, não é, John?’

“Convidamos George para entrar na banda porque ele sabia muitos acordes, muito mais do que nós. Então nós aprendemos muito com ele. Toda vez que ele nos ensinava um novo acorde, escrevíamos uma música nova.

“Matávamos aula e íamos para a casa de George à tarde. George parecia ainda mais novo do que Paul, e Paul parecia ter 10 anos com aquele rosto de bebê.”

George diz que provavelmente vivia em volta de John de propósito. Nessa época, John estava prestes a começar a estudar na Escola de Artes, porém, mais do que nunca, ele tinha modos de classe trabalhadora e era deliberadamente agressivo, apesar da educação dada por Mimi.

“Estava muito impressionado com John”, diz George. “Provavelmente mais do que Paul, ou pelo menos eu demonstrava mais. Adorava seus jeans azuis, sua camisa lilás e suas costeletas. Mas acho que estava impressionado com todo o pessoal que frequentava a Escola de Artes. John era muito sarcástico, sempre tentando te detonar, mas ou eu não notava ou respondia à altura, e isso funcionou.”

“Quando conheci Paul, foi como conhecer qualquer outra pessoa”, diz John. “Não foi uma paixão retumbante ou algo do tipo. Éramos só nós dois. E continuou. E funcionou. Agora éramos três pessoas que pensavam da mesma forma.”

Havia ainda outros membros dos Quarrymen que iam e vinham, ou porque não podiam aguentar a boca grande de John ou porque ficavam entediados. Eles precisavam de outras pessoas para tocarem em seus shows ocasionais, já que três violões não fazem uma banda – até mesmo naqueles dias. Precisavam desesperadamente de um baterista, mas ninguém que eles convidavam, não importa o quão inútil fosse, parecia querer permanecer com eles.

Eles também estavam deixando o *skiffle* para trás. Baixos improvisados e tábuas de lavar roupa eram um pouco amadores demais. Todos eles preferiam o rock’n’roll (e, especialmente, Elvis) e era esse o estilo que estavam tentando copiar, ouvindo as novas músicas no rádio e tentando reproduzir os mesmos acordes e sons em casa.

John, por ser o líder, tentava marcar alguns shows em todos os lugares pequenos que estavam ganhando dinheiro com a moda das bandas. Mas ele estava achando muito difícil conseguir apresentações regulares. Havia tantas bandas, e a maioria era bem melhor do que os Quarrymen.

Mas agora eles tinham duas casas para ir (a de George praticamente sempre que eles quisessem, e a de Paul especialmente quando seu pai estava fora), onde poderiam ensaiar, escrever músicas ou apenas desenhar e fazer bagunça. Mimi, no entanto, certamente não iria receber nenhum *teddy boy* de uma banda de rock em sua casa.

"Paul vinha até a minha porta da frente", diz Mimi. "Ele encostava a bicicleta na cerca, olhava para mim com aqueles olhos de ovelha e dizia: 'Olá, Mimi. Posso entrar?'. 'Não, claro que você não pode', eu dizia."

Mimi também não gostou muito de George quando ouviu falar dele pela primeira vez.

"John costumava falar sem parar sobre George, que ele era um bom rapaz e como eu ia gostar dele. Ele realmente se esforçou para que eu gostasse de George. 'Ele te daria qualquer coisa, o George', dizia.

"Um dia, finalmente, eu disse que ele podia vir. Ele chegou com o cabelo comprido e com uma camisa rosa. Bem, foi isso, eu posso ser meio antiquada, mas garotos em idade escolar vestidos daquela maneira são inaceitáveis. Até John fazer 16 anos, sempre me certifiquei de que ele estivesse vestido com o paletó e a camisa do uniforme da escola."

Assim, muitos dos ensaios eram na casa de George, em Upton Green. Um dia, os Harrison chegaram em casa e encontraram George vestindo a calça jeans mais justa que já haviam visto na vida.

"Harold perdeu a cabeça", diz a Sra. Harrison. "Quando ele o viu, explodiu. George disse que John tinha dado a calça para ele, enquanto pulava e saltitava pela sala. 'Como posso dançar meu balé sem jeans justos?', disse ele. Nós acabamos rindo dele no final. George nunca foi atrevido, mas ele sempre nos dobrou."

A Sra. Harrison estava na cozinha quando foi apresentada a John Lennon pela primeira vez. George o trouxe para casa e gritou "Este é o John!". "'Olá, Sra. Harrison', disse John, vindo em minha direção para apertar minha mão. Bem, não me lembro o que aconteceu depois. De alguma forma ele escorregou, caiu em cima de mim e acabamos os dois caídos no sofá. Harold entrou naquele momento. Você devia ter visto a expressão dele quando viu John em cima de mim! 'Que diabos está acontecendo aqui?', disse ele. George então falou: 'Está tudo bem, pai. É apenas o John'."

"John sempre foi meio bobo. Ele nunca estava triste, assim como eu."

Nota

* Baixo improvisado feito com uma grande lata de chá. (*N. da T.*)

7

John na Escola de Artes

O primeiro dia de John na Escola de Artes foi no outono de 1957 e ele foi vestido com seu jeans mais justo e seu casaco preto mais longo. Seu jeito de passar despercebido aos olhos de Mimi era vestir uma calça convencional velha sobre seus jeans. Após escapar ileso de casa, já no ponto de ônibus, ele tirava a calça larga.

"Todos achavam que eu era um *ted* na Escola de Artes, quando comecei a estudar lá. Com o tempo, fui adotando um estilo mais artístico, como todos os outros, mas eu ainda me vestia como um *ted*, com minhas calças pretas justas. Arthur Ballard, um dos professores, disse que eu devia mudar um pouco, não vestir calças tão justas. Ele era bacana, Arthur Ballard, e me ajudou quando os outros queriam me expulsar da escola.

"Mas eu não era um *ted* de verdade, era só um roqueiro que fingia ser um. Se eu encontrasse com um *ted* verdadeiro, com correntes e membro de uma gangue de verdade, ficaria bastante assustado.

"Fui ficando mais confiante e só ignorava Mimi. Ficava fora de casa por mais tempo e vestia as roupas que quisesse. Sempre falava para o Paul que ele devia ignorar o pai dele e vestir o que quisesse.

"Não gostava das tarefas. Eu devia ter virado um ilustrador ou ido para a escola de pintura, porque parecia legal. Mas acabei no curso de *lettering*. Faltei alguma coisa, então eles me colocaram nisso. Eles eram todos certinhos nessa área. Era melhor que tivessem me colocado em paraquedismo, eu era tão inútil em *lettering*. Fui reprovado em todas as minhas matérias.

"Continuei na faculdade, porque era melhor do que trabalhar. Estava lá para não trabalhar.

"Sempre achei que seria bem-sucedido mesmo assim. Tive alguns momentos de dúvida, mas sabia que algo aconteceria um dia. Quando Mimi jogava fora coisas que eu tinha escrito ou desenhado, eu dizia: 'Você vai se arrepender disso quando eu for famoso', e realmente

acreditava no que dizia. Não sabia ao certo o que queria ser além de um milionário excêntrico. Gostava da ideia de me casar com uma milionária e ficar rico dessa maneira.

"Eu tinha que ser milionário. Se não conseguisse chegar lá sem passar os outros para trás, então teria que ser um vigarista. Estava preparado para isso – obviamente, ninguém ia comprar as minhas pinturas, mas eu era muito covarde para ser um vigarista também. Nunca iria conseguir ser um. Planejei assaltar uma loja com outro cara, roubar de verdade, não só aquela coisa de pequenos furtos. Nós costumávamos observar lojas à noite, mas acabamos nunca fazendo nada."

Julia, sua mãe, com quem andava passando mais tempo, ainda aprovava a vida que ele estava levando. Ela agora havia praticamente substituído Mimi em sua vida. Ele contava com ela, pois falavam a mesma língua, gostavam das mesmas coisas e odiavam o mesmo tipo de pessoa.

"Estava na casa de Julia e Twitchy naquele fim de semana", diz John. "O cana veio até a porta e nos contou do acidente. Foi como deve ser, do jeito que é nos filmes. Perguntou se eu era filho dela e essas coisas. Então, nos contou. Nós dois ficamos pálidos.

"Era o tipo de coisa que sempre acontecia comigo. Tínhamos nos aproximado tanto, Julia e eu, em apenas alguns anos. Nós nos entendíamos, nos dávamos bem. Ela era ótima.

"Pensei: 'Merda, merda, merda. Isso realmente fudeu com tudo. Não tenho mais responsabilidades com ninguém agora.'

"Twitchy ficou pior do que eu. Então ele disse: 'Quem vai cuidar das crianças?' Eu odiei isso. Egoísta pra caramba.

"Pegamos um táxi para o hospital Sefton General, onde seu corpo estava. Não quis vê-la. Falei sem parar com o motorista por todo o caminho, histericamente, como as pessoas fazem. O motorista só grunhia de vez em quando. Eu me recusei a vê-la. Mas Twitchy a viu. Ele desabou."

Julia morreu em 15 de julho de 1958. O acidente aconteceu bem perto da casa de Mimi.

"Eu sempre ia com ela até o ponto de ônibus", diz Mimi. "Mas naquela noite ela foi embora cedo, às 21h40. Ela foi sozinha. Um minuto depois ouvi um guincho terrível. Corri para fora e ela estava morta, atropelada por um carro do lado da minha casa. Nunca contei para o resto da família onde aconteceu exatamente. Todos passavam por lá frequentemente, isso iria deixá-los muito tristes.

"Mas Julia não está morta para mim, ela está mais viva do que nunca. Nunca cheguei nem perto de seu túmulo, nem do de minha mãe. Ambas estão vivas para mim. Eu as amava tanto. Julia era uma pessoa linda."

Quando Julia morreu, isso obviamente deve ter sido uma tragédia horrível para John. "Mas ele nunca demonstrou nada", diz Pete Shotton. "Era como quando os professores davam uma surra nele. Ele nunca deixava nada transparecer, nunca deixava seus sentimentos serem vistos."

Todos os amigos de John ficaram sabendo sobre o acidente imediatamente. Um outro amigo, Nigel Whalley, foi a última pessoa a falar com Julia depois que ela saiu da casa de Mimi e atravessou a rua para pegar o ônibus para casa.

"John nunca falou sobre Julia ou como ele se sentiu", diz Pete. "Mas ele descontava nas namoradas. Ele as atormentava. Eu me lembro de uma delas gritar para ele: 'Não desconte em mim só porque sua mãe está morta!'"

A Sra. Harrison, mãe de George, lembra do impacto que o ocorrido teve em John. Eles ainda ensaiavam bastante na casa de George, a casa em que eram sempre bem-vindos e encorajados.

"Eu tinha feito um lanche para eles numa noite. Isso foi meses antes de a mãe de John falecer, e eles estavam ficando mais próximos. Ouvi ele dizer para Paul: 'Não sei como você consegue agir normalmente com a sua mãe estando morta. Se uma coisa dessas acontecesse comigo, eu ficaria louco.

"Quando a mãe de John morreu, ele não parecia ter ficado louco, mas não saía mais. Forcei George a ir vê-lo, para ter certeza de que ele ainda estava tocando com a banda e não estava preso dentro de casa, deprimido.

"Eles todos passaram por muitas coisas juntos, até mesmo naqueles primeiros anos, e ajudaram uns aos outros. George tinha pavor de que eu viesse a ser a próxima a morrer. Ele sempre me observava cuidadosamente. Disse para ele deixar de ser bobo, que eu não ia morrer."

A morte da mãe de John fez com que ele se aproximasse ainda mais de Paul. Era algo a mais que eles tinham em comum agora. Contudo, alguns alunos da Escola de Artes dizem que a morte de Julia fez com ele se tornasse uma pessoa ainda pior, menos interessado nos sentimentos dos outros, com um senso de humor mais cruel.

Thelma Pickles era uma de suas namoradas nessa época – nada sério, apenas uma das pessoas que faziam parte de sua patota. Ela diz que a maioria o admirava: ficavam espantados com sua atitude perante a vida, pois nunca haviam conhecido alguém com uma personalidade como aquela antes.

"John nunca teve dinheiro. Ele era um verdadeiro malandro, pegando dinheiro emprestado de todo mundo o tempo todo, fazendo as pessoas comprarem batata frita ou bebidas para ele, mendigando cigarros. Ele provavelmente ainda deve dinheiro para as pessoas, mas tem um tipo de personalidade magnética e sempre consegue o que quer dos outros. Ele era ultrajante e dizia coisas que as pessoas tinham medo de dizer. Ele podia ser muito cruel. Quando andava pela rua, ele gritava 'Bú' na frente de pessoas idosas para assustá-las e, se visse uma pessoa aleijada ou deformada, fazia comentários em voz alta, como: 'Algumas pessoas fazem qualquer coisa para se livrar do exército.'

"Ele também fazia muitos desenhos cruéis. Eu os achava maravilhosos. Um de seus desenhos mostrava algumas mulheres murmurando carinhosamente sobre bebês, dizendo como eles eram lindos. Todos os bebês eram deformados, com rostos horrorosos. Era realmente muito cruel. No dia em que o Papa morreu, ele fez várias caricaturas dele com uma aparência horrível. Ele desenhou uma figura do Papa parado na frente de umas colunas, do lado de fora do paraíso, sacudindo os portões para o deixarem entrar. Embaixo dizia: 'Mas eu sou o Papa, juro.'

"John não respeitava nada nem ninguém, mas sempre havia uma plateia em volta dele. Tinha uma garota que era louca por ele, que chorava por ele.

"Ele tinha muita vergonha dos seus óculos e nunca os usava quando ia ao cinema. Nós fomos ver *Balada sangrenta*, um filme do Elvis, mas mesmo assim ele não os colocou. Passamos por um grande anúncio sensual de meias-calças e ele não conseguia ver nem aquilo, de modo que tive que dizer para ele o que era.

"Nunca levei a música dele a sério. Ele dizia ter escrito uma música nova e eu achava fantástico alguém conseguir compor, mas não conseguia ver o benefício daquilo. Sabia que era necessário um milagre para conseguir se dar bem escrevendo músicas, então qual era o propósito?

"Sabia que ele *poderia* ficar famoso fazendo alguma coisa, mas não sabia o que seria. Ele era diferente e original. Mas não conseguia ver com o que ficaria famoso. Talvez como comediante, eu pensava."

John concorda com quase todas as memórias de Thelma sobre ele na Escola de Artes. Mas se lembra de tudo sem rodeios, com pouca nostalgia ou alegria. Era apenas assim. "Eu tinha que pegar emprestado ou roubar, já que não tinha dinheiro algum na faculdade", diz ele. Mimi diz que dava 30 xelins de mesada por semana para ele e não consegue entender como ele gastava essa soma. "Eu costumava mendigar o tempo todo para pessoas boazinhas como a Thelma.

"Acho que eu tinha mesmo um humor cruel. Isso começou na escola – nós estávamos indo para casa depois do dia de premiação e tínhamos tomado algumas. Liverpool é cheia de pessoas deformadas, assim como Glasgow tem homens de um metro vendendo jornais. Nunca tinha realmente notado isso antes, mas, ao longo do caminho até chegar em casa, parecia haver várias, por toda parte. Foi ficando cada vez mais engraçado e nós não conseguíamos parar de rir. Acho que deve ter sido uma forma de esconder nossos sentimentos ou disfarçá-los. Nunca machucaria um aleijado. Era apenas parte das nossas piadas, do nosso jeito de encarar a vida."

Duas novas pessoas entraram na vida de John durante a Escola de Artes. A primeira foi Stuart Sutcliffe. Ele estava no mesmo ano que John, mas mostrava ter verdadeiro potencial e entusiasmo como artista. Era pequeno e magro, artístico e volátil, mas feroz e individualista em suas opiniões. Ele e John se tornaram amigos imediatamente. Stu admirava as roupas e a

presença de John, a forma como ele criava um clima em volta dele com sua personalidade dominadora e forte. John, por sua vez, admirava o talento de Stu para artes plásticas, que era maior do que o seu, e também seu conhecimento e sentimento artístico, que eram mais vastos.

Stu não sabia tocar nenhum instrumento e sabia muito pouco sobre música pop, mas ficou completamente admirado quando ouviu John e sua banda tocarem durante a hora do almoço na Escola de Artes. Estava sempre dizendo o quão bons eles eram, quando ninguém mais parecia estar muito impressionado.

Parece que George e Paul tinham um pouco de ciúmes de Stu e de sua influência sobre John – não que as pessoas de fora pudessem notar o quanto John admirava Stu. John implicava com Stu o tempo todo e o magoava quando podia. Paul, seguindo a deixa de John, também começou a implicar com Stu, embora (assim como John) também estivesse interessado em arte e pegando várias novas ideias e tendências de Stu.

A outra amizade importante que John fez na Escola de Artes foi com Cynthia Powell, atualmente sua esposa.

"Cynthia era tão quieta", diz Thelma. "Um tipo completamente diferente da gente. Ela era do outro lado do rio, da parte elegante, da área de classe média. Ela usava um conjuntinho de blusa e cardigã. Era muito simpática, mas não conseguia imaginar ela e John juntos. Ele falava dela sem parar, nos dizendo o quão maravilhosa ela era. Eu simplesmente não conseguia vê-los como casal.

"Deixei a faculdade por um ano e, enquanto estive fora, ouvi falar que eles estavam firmes. Achei que isso ia acomodá-lo, acalmá-lo um pouco, mas não foi o que aconteceu."

Cynthia Powell estava no mesmo ano que John desde o início, e nas mesmas aulas de *lettering*. Mas, por muito mais de um ano, eles não notaram a existência um do outro e faziam parte de círculos completamente diferentes. Ela era bem tímida e uma garota fina vinda do outro lado do rio; ele era um *teddy boy* barulhento de Liverpool.

"Achava ele horrível. Eu me lembro de olhar para ele pela primeira vez de verdade quando estávamos num auditório e ver Helen Anderson sentada atrás dele acariciando seu cabelo. Isso acendeu algo em mim. No início achei que era antipatia, depois me dei conta de que eram ciúmes. Mas nunca tinha tido nenhum contato com ele, além de quando ele roubava as minhas coisas, tipo réguas e pincéis.

"Ele era horroroso naquela época. Ele usava um sobretudo de *tweed* que tinha pertencido ao seu tio George e o cabelo todo oleoso penteado para trás. Não me sentia atraída por ele nem um pouco, ele estava sempre malvestido. Mas não tinha oportunidade de conhecê-lo também, pois não fazia parte da sua patota. Eu era muito respeitável – pelo menos achava que era."

"Ela era mesmo uma chata de Hoylake", diz John. "Muito esnobe. Costumávamos zombar dela e fazer piada, eu e meu amigo Jeff Mohamed. 'Silêncio, por favor', nós gritávamos. 'Sem piadas sujas, sou a Cynthia.'

Eles conversaram direito pela primeira vez durante uma aula de *lettering*. "Descobrimos que éramos os dois míopes e conversamos um pouco a respeito. John não se lembra disso – muito triste, mas eu lembro. Depois disso, me peguei chegando mais cedo na aula para poder sentar ao lado dele. Ficava fazendo hora do lado de fora na esperança de encontrar com ele.

"Não me insinuei para ele, era apenas algo que eu sentia e que John não sabia. Não queria que parecesse forçado, não sabia o que fazer. Acho que ele nem sabe quantas vezes eu fiquei fazendo hora para tentar encontrá-lo."

Eles se conheceram, propriamente, durante o Natal de seu segundo ano, em 1958.

"Nós tínhamos um baile de turma", diz John. "Eu estava bêbado e pedi para dançar com ela. Jeff Mohamed estava me provocando, dizendo: 'A Cynthia gosta de você, sabia?'

"Quando estávamos dançando, eu a chamei para uma festa no dia seguinte. Ela me disse que não podia ir porque estava noiva."

"Eu estava", diz Cynthia. "Bom, quase. Eu estava namorando o mesmo rapaz há três anos e nós estávamos prestes a ficar noivos. John ficou irritado quando disse não, então me chamou para tomar algo depois do baile, no Crack. Primeiro eu disse não, depois acabei indo. O tempo todo eu queria ir."

"Eu me senti triunfante quando a conquistei. Tomamos um drink, depois fomos para o apartamento do Stu e compramos algo para comer no caminho", diz John.

Eles saíram juntos todas as noites depois disso e, à tarde, geralmente iam ao cinema em vez de para a aula.

"Tinha medo dele. Ele era tão insolente, ele não cedia. Brigávamos o tempo todo. Pensava que, se eu cedesse naquele momento, estaria tudo acabado. Ele realmente só estava me testando. Não quero dizer sexualmente, mas sim para ver se eu era confiável, para que eu provasse a ele que eu era."

"Só estava nervoso", diz John. "Esse era o problema. Tinha ciúmes de qualquer pessoa com quem ela se relacionava. Exigi absoluta confiança dela, só porque eu mesmo não era digno de confiança. Estava neurótico, descontando nela todas as minhas frustrações.

"Ela me deixou uma vez. Foi terrível."

"Eu não aguentava mais", diz Cynthia. "Ele estava me irritando. Ele até beijou outra garota."

"Mas eu não suportava ficar sem ela, então liguei para ela."

"Estava sentada ao lado do telefone, esperando por ele."

Cynthia não estava com pressa de apresentar John para sua mãe. Ela queria prepará-la para o choque. "Ele nunca era bem-educado e sempre estava desarrumado. Minha mãe reagiu bem. Ela estava numa boa de verdade. Acho que tinha esperanças de que acabasse naturalmente, mas nunca tentou nos impedir.

“Os professores me alertaram sobre sair com ele, que meu trabalho estava começando a sofrer. Realmente meu trabalho foi para as cucuias e eles ficavam sempre em cima de mim. Molly, a faxineira, uma vez flagrou John batendo em mim, realmente me espancando. Ela disse que eu era uma tola por me meter com alguém como ele.”

“Estava com uma espécie de raiva cega por dois anos”, diz John. “Estava ou bêbado ou brigando. Tinha sido igual com outras namoradas que tive antes. Havia algo de errado comigo.”

“Eu tinha esperanças de que ele fosse superar aquilo, mas me perguntava se conseguiria aguentar tempo o suficiente para descobrir. Eu culpava seu passado, sua família, Mimi e a faculdade. A escola não era o lugar para ele, instituições não foram feitas para John.”

8

De Quarrymen a Moondogs

O nome Quarrymen foi deixado para trás em 1959. Paul e George estudavam no Institute e não tinham nada a ver com a Quarry Bank High School. Além disso, John estava agora na Escola de Artes. Eles tiverem vários nomes depois disso, muitas vezes inventados na hora. Em uma noite, eles se chamaram The Rainbows, porque cada um estava com uma camisa de cor diferente.

A banda não tinha feito nenhum progresso durante o ano após a entrada de George, até onde ele se lembra. No entanto, ele estava tocando violão cada vez melhor.

"Não me lembro nem de ter sido pago naquele primeiro ano com eles. Em geral, nós tocávamos nas festas de conhecidos. Chegávamos com nossos violões e eles nos convidavam para tocar. Ganhávamos coca de graça ou um prato de comida, e era só isso.

"As únicas vezes em que ganhamos dinheiro de verdade foi quando participávamos de competições de *skiffle*. Nós passávamos das primeiras fases e continuávamos até ganhar alguma coisa, mas nunca recebíamos nada por participar, apenas quando ganhávamos, e as primeiras rodadas pareciam eternas. Era claramente meio idiota não ter nenhum baterista e umas 18 pessoas tocarem violão."

A Sra. Harrison estava entusiasmada com George e sua banda, mas o Sr. Harrison estava muito preocupado. Ele tinha lutado uma batalha perdida com relação às roupas de George e ao seu cabelo comprido, principalmente porque a Sra. Harrison ficava do lado do George. "'O cabelo é dele!', eu dizia. 'Por que alguém deveria ter o direito de te dizer o que fazer com seu próprio cabelo?'"

"Mas eu queria que ele continuasse na escola e conseguisse um bom emprego", diz o Sr. Harrison. "Fiquei muito chateado quando vi que ele estava louco pela banda. Notei que você tinha que ser muito bom na indústria do entretenimento para chegar ao topo, e mais ainda para se manter lá. Não conseguia enxergar como eles iam chegar a algum lugar. Meus outros

dois meninos estavam bem arranjados, Harry como serralheiro e Peter como chapista. Queria que George se desse tão bem quanto eles.

"Mas George disse que queria sair da escola. Que não queria ser escrevente. Ele queria trabalhar com as mãos e decidiu com sua mãe que queria abandonar a escola, sem que eu soubesse. Ele nunca fez as provas para obter o certificado escolar, simplesmente abandonou a escola."

George começou a trabalhar no verão de 1959, quando tinha 16 anos.

"Era óbvio que eu não ia obter qualquer qualificação. O máximo que conseguiria, forçando a barra, seria um *O Level**. Mas você precisa de dois *O Levels* antes mesmo de te deixaram limpar merda. Então, qual teria sido a vantagem?

"Fiquei até o fim do período, matando aula a maior parte do tempo para ir encontrar com John na Escola de Artes. Paul e eu costumávamos passar muito tempo por lá.

"Fiquei desempregado por um bom tempo depois que saí da escola. Não sabia o que fazer. Meu pai estava entusiasmado com essa coisa de ser aprendiz, então fiz a prova para aprendiz da Liverpool Corporation, mas não passei. Finalmente, a agência de empregos para jovens surgiu com uma vaga de vitrinista na Blacklers, uma grande loja de departamento. Fui até lá, mas a vaga já tinha sido preenchida. Eles me ofereceram uma vaga de aprendiz de eletricista em vez disso.

"Gostei daquilo. Era melhor do que a escola. E, com a chegada do inverno, era bom estar dentro de uma grande loja aquecida. Costumávamos jogar dardos na maior parte do tempo.

"Mas comecei a pensar em emigrar para a Austrália. Pelo menos tentei fazer com que meu pai se interessasse por isso para que todos nós fôssemos juntos, já que eu era muito novo e não podia ir sozinho. Depois considerei ir para Malta, pois tinha visto uns folhetos de viagem. Depois pensei em ir para o Canadá. Peguei os papéis para preencher, mas, quando descobri que meus pais teriam que assinar por mim, desisti. Sentia que algo ia acontecer."

Já na casa dos McCartney, Jim estava tendo dificuldades para manter os dois garotos adolescentes no caminho certo. Pelo menos Paul ainda estava na escola, para a satisfação do pai. Mas, como ele passava a maior parte de seu tempo livre com John e George, tocando na banda, não tinha muito tempo para os trabalhos escolares.

Paul ainda assim conseguiu se manter no 5B, que era considerado o nível necessário para seguir inglês e línguas estrangeiras, mas não foi muito bem nos seus testes de *O Level*. Ele só conseguiu passar em um, Artes.

Ele então considerou sair da escola, mas não conseguia pensar em nada para fazer. Seu pai ainda o incentivava a continuar estudando, logo parecia mais fácil *não* sair. A escola ainda deixava bastante tempo livre para ele tocar na banda. Assim, ele ficou na escola e foi para o ano de recuperação, já que ele não tinha *O Levels* suficientes para entrar imediatamente no ginásio.

Ele fez as provas para *O Level* de novo e dessa vez conseguiu passar em mais quatro disciplinas, e então entrou para o ginásio.

"A escola ainda era um saco, mas tinha um professor de inglês chamado Dusty Durband de quem eu gostava – era o único, ele era ótimo. Ele gostava de poesia moderna e costumava nos contar sobre *Lady Chatterley*, bem antes de nós ouvirmos a respeito, e sobre *Os contos de Miller*. Ele disse que eles eram considerados livros sujos, embora não fossem."

Essa centelha de interesse o manteve no ginásio, embora ele não fizesse nenhum trabalho. Oficialmente, estava se preparando para fazer os exames de *A Level* em duas matérias: Inglês e Artes. Esperava-se que ele fosse para uma faculdade para se tornar professor. Todos sabiam que ele era mais do que capaz e, de qualquer forma, isso mantinha Jim feliz.

"Nunca gostei muito da música pela qual Paul estava interessado", diz Jim. "Aquele Bill Haley, nunca gostei dele. Não havia melodia nenhuma.

"Mas uma vez cheguei do trabalho às 17h30 e os ouvi tocando em casa. Percebi, então, que eles estavam ficando bons, não só fazendo barulho. Estavam tocando uns acordes agradáveis."

Jim começou a querer sentar-se com eles, oferecendo conselhos e dicas sobre como *ele* costumava tocar nos bons e velhos tempos da Jim Mac's Band. Por que é que eles não tocavam umas músicas realmente *boas*? Tipo "Stairway to Paradise"? Ele sempre achou essa música realmente linda. Ele contou como costumava gerenciar sua banda e explicou como eles deviam se apresentar.

Eles disseram: "Não, muito obrigado, apenas faça um chá pra a gente, hein, pai?!" Ele disse que tudo bem, mas, se eles não gostavam de "Stairway to Paradise", que tal uns números mais jazz, tipo "When the Saints"? Ele podia mostrar-lhes um jeito bacana de fazer isso. Eles disseram não com mais firmeza dessa vez.

Por fim, Jim se limitou a cozinhar para eles. Ele teve que aprender a cozinhar, até certo ponto, quando sua mulher morreu. E descobriu que, para a sua alegria, apesar de seus dois filhos, Paul e Michael, serem muito chatos com comida e comerem mal – quando Paul estava ocupado, ele não comia nada –, John e George eram dois glutões que comiam qualquer coisa a qualquer momento. "Eu costumava me livrar de tudo aquilo que Paul e Michael tinham deixado no prato com eles. Depois de um tempo, não tinha nem que esconder que eram sobras, simplesmente falava que alguma coisa tinha restado e que eles podiam comer se quisessem. Até hoje tenho que fazer creme inglês para George quando ele vem visitar – ele diz que meu creme inglês é o melhor do mundo."

A banda estava melhorando: eles haviam arrumado uns amplificadores primitivos e estavam criando um som mais alto, comparado com as batidas suaves do *skiffle*. "Mas cada ano pareciam cinco", diz Paul. Eles agora estavam tocando principalmente em clubes sociais de associações profissionais e haviam desistido de tocar em festas. Tocavam em lugares como o Wilson Hall e o Finch Lane Bus Depot.

Eles se inscreviam em cada vez mais competições, como todas as bandas novas. “Tinha uma mulher que tocava colheres que sempre ganhava de nós”, diz Paul. “E tinha também os Sunny Siders. Essa banda tinha uma característica marcante: eles tinham um anão.”

Os integrantes da banda ainda estavam mudando constantemente. Como ninguém os conhecia, eles podiam ir para os shows com qualquer um que conseguissem arrumar. “Tivemos um cara chamado Duff como tecladista por um tempo, mas o pai dele não o deixava ficar na rua até tarde. Num minuto ele estava tocando conosco e no outro tinha desaparecido, ido para casa no meio do show.”

Para as suas apresentações públicas, eles geralmente iam vestidos como *teddy boys cowboys*, com camisas estilo *cowboy* pretas e brancas com bolsos com franja e gravatas pretas de cordão.

Mas eles passavam mais tempo na casa de George ou Paul do que no palco. “A gente vinha para a minha casa fumar chá no cachimbo do meu pai”, diz Paul. “Às vezes trazíamos uma garota para casa ou ficávamos sentados desenhando um ao outro. Mas, na maioria das vezes, a gente ficava tocando violão e escrevendo músicas.”

John e Paul escreveram cerca de cinquenta músicas nos seus primeiros dois anos juntos. Apenas uma foi lançada mais tarde – “Love Me Do”.

A primeira coisa que eles faziam quando começavam uma música nova era escrever “Mais uma original de John Lennon e Paul McCartney”.

Ambos estavam ficando cada vez mais aptos a tocar violão, graças, em parte, a assistirem as grandes estrelas da época na TV. “Vi a Shadows acompanhando o Cliff Richard numa noite. Eles tinham gravado uma introdução muito inteligente para ‘Move It’ no disco, mas nunca conseguia descobrir como eles tinham feito isso. Então, os vi tocando na TV. Saí correndo de casa na mesma hora, subi na minha bicicleta e corri para a casa de John com meu violão. ‘Descobri!’, gritei. E todos nós aprendemos como tocar aquilo imediatamente. Passamos a ter mais brilho quando começávamos as nossas músicas. Também consegui bons acordes escutando ‘Blue Moon’.”

Como eles estavam sempre dispostos a entrar em qualquer competição, mesmo que fosse meio ralé, ficaram muito animados quando o maior organizador de competições da época chegou a Liverpool. O anúncio no jornal *Liverpool Echo* dizia que “O Sr. Criador de Estrelas, Carroll Levis’, iria fazer uma visita em breve como parte de seu programa de televisão, *Carroll Levis Discoveries*. O programa seria gravado em Manchester, mas ele realizaria testes locais em Liverpool, no Empire Theatre, para ver quais talentos locais eram bons o suficiente para o programa em Manchester.

John, Paul e George, assim como metade da população de adolescentes de Liverpool, foram fazer o teste. Eles passaram e foram convidados a ir para Manchester para participar do programa de verdade.

A Sra. Harrison se lembra de como ficaram animados. “George ficou muito entusiasmado com uma carta que tinha chegado pelo correio um dia. Não conseguia entender por que tanto alvoroço. A carta estava endereçada a um grupo chamado The Moondogs.”

The Moondogs era quem eles tinham se tornado, um nome escolhido no calor do momento para o *Carroll Levis Show*. Eles foram listados como Johnny e os Moondogs no programa. Todos os grupos naquela época tinham um líder, como Cliff Richard e os Shadows, e colocaram o nome de John primeiro. Afinal, se alguém era o líder, era ele.

Eles fizeram seu papel em Manchester e receberam uma quantidade razoável de aplausos depois. A premissa do *Carroll Levis Show* era que, ao final, todas as bandas retornavam, tocavam mais um pouco, e a plateia batia muitas palmas ou não. Era esse aplauso final que era registrado, com o vencedor sendo escolhido assim.

Mas a Johnny e os Moondogs, sendo composta por rapazes pobres de Liverpool, sem meio de transporte de qualquer tipo para levá-los de volta para casa, não podia esperar. O programa estava atrasado e eles iam perder o último trem de volta para Liverpool. Eles não tinham dinheiro o suficiente para passar a noite em um hotel em Manchester, então, quando finalmente chegou a hora do aplauso final, tinham ido embora.

É claro que eles não ganharam. Eles nem sequer foram vistos ou notados, nem receberam qualquer incentivo dos olheiros que estavam por lá.

Para John, Paul e George, foi uma grande decepção. Sua primeira vez perto de profissionais de grande porte tinha chegado e ido embora.

Nota

* O GCE (General Certificate of Education) é uma qualificação acadêmica conferida aos estudantes do Reino Unido e é tradicionalmente composto por dois níveis: o *Ordinary Level* (ou *O Level*) e o *Advanced Level* (*A Level*). (*N. da E.*)

9

Stu, a Escócia e os Silver Beatles

Na Escola de Artes, John e Stuart estavam se tornando cada vez mais amigos. Stu passava a maior parte do tempo seguindo a banda e assistindo aos ensaios. Ele e John conseguiram convencer uma comissão da escola a comprar um gravador, supostamente para ser utilizado por todos os alunos. John pegou o gravador para si, para gravar a banda tocando, a fim de que eles pudessem se ouvir. Eles também pegaram um sistema de P.A. que havia sido comprado para os bailes da escola. Ele também passou a fazer parte do equipamento de som da banda.

Stu ainda estava interessado em arte, mesmo passando a maior parte do seu tempo com John e a banda. Ele inscreveu algumas de suas pinturas na exposição John Moores, uma das melhores exposições do tipo, não apenas no condado de Merseyside, mas da Grã-Bretanha. Ela recebe o nome de John Moores, um membro de uma família rica de Liverpool que tem conexões com as associações de apostas de futebol de Littlewoods e a empresa de encomendas por correio. Stuart Sutcliffe, embora ainda fosse um estudante, ganhou um prêmio no valor de 60 libras, uma quantia enorme e um grande feito para alguém tão jovem.

John, seu melhor amigo e maior influência, imediatamente encontrou uma forma de usar o dinheiro da melhor maneira possível. Stu estava sempre dizendo que gostaria de saber tocar um instrumento e realmente fazer parte da banda, em vez de só ficar em volta deles. John disse que essa era a sua chance: com as 60 libras ele podia comprar um baixo. Não importava que não soubesse tocar, eles o ensinariam.

Paul e George estavam igualmente entusiasmados com a ideia, já que precisavam de mais um integrante para a banda. Até onde George se lembra, Stu tinha outra opção – ele podia comprar um baixo ou uma bateria. Eles precisavam de ambos, pois tinham três estrelas no violão e nenhum tipo de apoio. “Stu não fazia a mínima ideia de como tocar nada”, diz George. “Nós todos ensinamos para ele o que sabíamos, mas ele realmente aprendeu a tocar no palco.”

Naquele começo, como pode ser observado em fotografias, Stu geralmente estava de costas para o público, de modo que ninguém pudesse ver que ele tocava poucos acordes. Eles estavam se apresentando em cada vez mais eventos, ganhando apenas alguns trocados, fazendo shows em clubes e associações de trabalhadores. Contudo, à medida que os grupos *beat* tomaram conta de Liverpool, pequenos bares para adolescentes começaram a surgir. Eram basicamente cafeterias, iguais a centenas de cafés que serviam café espresso entre potes de plantas de plástico e bambu, que surgiram em todo o país. As de Liverpool às vezes organizavam shows para adolescentes, o que criou um lugar para tocar para centenas de bandas *beat*.

As bandas *beat* nunca conseguiriam tocar em bares tradicionais como o Cavern. Eles eram só para fãs de jazz e bandas do gênero, algo que era considerado uma forma de arte muito maior. As bandas *beat* eram todas bagunçadas, amadoras e com um estilo meio *teddy boy*. Eram uma forma de arte da classe trabalhadora, cheia de eletricistas e operários. Havia uma tendência a se desprezar todas as bandas *beat* e as pessoas que tocavam nelas.

"Sempre fomos antijazz", diz John. "Acho um tipo de música de merda, ainda mais idiota do que rock and roll, apreciada por estudantes que vestem pulôveres da Marks and Spencer. Jazz nunca chega a lugar nenhum, nunca faz nada, é sempre igual e tudo que eles fazem é beber cerveja. Nós odiávamos jazz porque no começo eles não nos deixavam tocar nesse tipo de bar. Nunca conseguíamos nem testes por causa das bandas de jazz."

As bandas *beat* agora estavam tentando se tornar elétricas, com guitarras e amplificadores, algo que as bandas de *skiffle* nunca tinham feito. Havia outros cantores de rock que vieram junto na esteira de Elvis, como Little Richard e Jerry Lee Lewis, gerando muitas cópias britânicas.

Mas ainda era em Londres que tudo acontecia na Grã-Bretanha. O primeiro cantor de rock britânico que teve algum sucesso nacional, a par com as estrelas americanas, foi um *cockney* que se tornou famoso tocando nas cafeterias locais – seu nome era Tommy Steele. Em seguida veio Cliff Richard, que se espelhou completamente em Elvis. John, George e Paul parecem não ter tomado conhecimento da existência de Tommy Steele – pelo menos não conseguem se lembrar de ele ter causado qualquer impacto sobre eles. Mas odiavam ativamente Cliff Richard e os Shadows. John diz que era a imagem meio cristã de Cliff, já naquela época, que o ofendia. Mas também odiavam as baladas pop tradicionais que ele passou a cantar.

Paul, como aquele que sempre tentava fazer as coisas acontecerem, estava preparado para deixar de lado seus gostos e desgostos e conversar com qualquer um que parecia poder ajudá-los. Estava sempre tentando conseguir um pouco de publicidade nos jornais locais para eles.

Ele escreveu uma carta mais ou menos nessa época para um jornalista chamado Sr. Low, que eles conheceram em um pub.

"Prezado Sr. Low,

Sinto muito que eu tenha levado tanto tempo para lhe escrever, mas espero que não seja tarde demais. Aqui estão alguns detalhes sobre a banda.

Ela é composta por quatro rapazes: Paul McCartney (violão), John Lennon (violão), Stuart Sutcliffe (baixo) e George Harrison (outro violão) e se chama...

Essa formação pode parecer, à primeira vista, sem graça, mas deve ser considerado que, como os meninos têm habilidade instrumental acima da média, eles conseguem efeitos variados e surpreendentes. Sua batida base é fora de ritmo, mas, recentemente, isso tem sido acompanhado por um som levemente rítmico, de forma que o som geral é bastante reminiscente daquele do jazz tradicional. Pode-se dizer que isso se deve à influência do Sr. McCartney, que liderou uma das principais bandas de jazz locais (Jim Mac's Jazz Band) na década de 1920.

A música moderna, no entanto, é a paixão da banda, e, como prova disso, John e Paul escreveram mais de cinquenta canções, baladas e números mais rápidos, durante os últimos três anos. Algumas dessas músicas são puramente instrumentais (como "Looking Glass", "Catswalk" e "Winston´s Walk") e outras foram compostas com o público moderno em mente (músicas como "Thinking of Linking", "The One After 909", "Years Roll Along" e "Keep Looking That Way").

A banda também tem grande prazer de recriar velhas favoritas ("Ain't She Sweet", "You Were Meant For Me", "Home", "Moonglow", "You Are My Sunshine" e outras).

Agora alguns detalhes sobre os próprios meninos. John, que lidera o grupo, frequenta a Escola de Artes e, além de ser um excelente violonista e tocador de banjo, é um cartunista experiente. Dentre seus muitos interesses estão a pintura, o teatro, a poesia e, claro, a música. Ele tem 19 anos e é membro fundador do grupo.

Paul tem 18 anos e está cursando Literatura Inglesa na Universidade de Liverpool. Ele, como os outros garotos, toca mais de um instrumento – suas especialidades sendo o piano e bateria, além, é claro..."

O resto da mistura de fato e ficção altamente colorida de Paul, infelizmente, está faltando. Obviamente, ele não tinha 18 anos ou estava estudando na Universidade de Liverpool, mas era verdade, como havia indicado pelas reticências, que a banda não tinha nome. Mais tarde, em 1959, eles começaram a pensar seriamente em como iriam se chamar, como haviam feito à época do teste para o programa de Carroll Levis, já que parecia que estavam prestes a conseguir outro teste importante.

Foi então que a ideia do nome Beatles surgiu. Ninguém sabe com certeza como aconteceu. Paul e George só se lembram de John chegar um dia com esse nome. Eles sempre foram fãs de

Buddy Holly e os Crickets. Gostavam da música e do nome da banda. Tinha um duplo sentido legal, um que só podia ser entendido pelos ingleses, que os americanos não conseguiam entender. Eles gostariam de ter pensado em se chamar os Crickets.

Ao pensar no nome Crickets*, John começou a imaginar outros insetos com nomes com os quais pudesse brincar. Quando criança, ele tinha enchido cadernos com jogos de palavras semelhantes. "O nome Beetles** me veio à cabeça. Decidi soletrar BEAtles para fazer parecer com música *beat*, como piada."

Essa foi a origem verdadeira e simples do nome, embora durante anos eles tenham dado diferentes razões bobas cada vez que alguém perguntava. Normalmente, diziam que um homem com um tapete mágico havia aparecido em uma janela e dito o nome para eles. Apesar de finalmente terem encontrado um nome de que gostavam, por muito tempo não o adotaram permanentemente.

Eles haviam encontrado um amigo que perguntou qual era o nome da banda deles, ao que responderam Beatles. Tal amigo disse-lhes que bandas tinham que ter nomes longos, sugerindo que eles se chamassem Long John e os Silver Beatles. Eles não gostaram muito da ideia, mas, quando o teste importante aconteceu e perguntaram como se chamavam, eles disseram Silver Beatles, que passou a ser o nome da banda pelo resto daquele ano, 1959.

A pessoa importante por trás do teste era ninguém menos que o famoso Larry Parnes, então o rei do rock britânico, que tinha em seu celeiro de estrelas Tommy Steele, Billy Fury, Marty Wilde, Duffy Power e Johnny Gentle. Eles tinham ouvido falar que Parnes estava vindo a Liverpool quando estavam no Jackaranda, um bar onde muitas bandas *beat* costumavam tocar. O dono do lugar era um liverpooliano/galês chamado Allan Williams. Ele também era dono do Blue Angel, o bar onde os testes para o Larry Parnes iriam acontecer.

Eles chegaram para o teste sem nome definido – foi apenas quando um dos assistentes perguntou o nome da banda que disseram Silver Beatles. Também chegaram lá sem um baterista. O baterista que vinha tocando com eles havia prometido aparecer, mas não apareceu. Mais uma vez, estavam sem baterista.

Um baterista que estava na Blue Angel para o teste com outra banda fez o favor de tocar com eles. Seu nome era Johnny Hutch, e ele era considerado um dos três melhores bateristas de Liverpool na época. Existe uma foto dos Silver Beatles tirada naquele teste. Johnny Hutch está sentado ao fundo parecendo estar entediado e se sentindo superior. Como sempre, você não consegue ver Stu muito bem. Ele está de costas para Larry Parnes, tentando esconder sua questionável habilidade no baixo.

O teste era para achar uma banda de apoio para Billy Fury. Larry Parnes não achou nenhuma banda boa o suficiente, mas ofereceu para os Silver Beatles uma turnê de duas semanas pela Escócia, como banda de apoio de um de seus novos talentos, Johnny Gentle. Não era de forma alguma uma turnê deles. Os Silver Beatles teriam uma participação bem pequena.

Mas foi o primeiro compromisso profissional propriamente dito e a primeira turnê de verdade deles, mesmo que curta e de segunda classe.

George, que estava prestes a fazer 16 anos, tirou duas semanas de férias do trabalho para poder ir. Paul na época estava prestes a fazer as provas para *O Level*, mas não tinha nenhuma intenção de perder a chance de sair em turnê por algo tão trivial como estudar para o seu GCE. Ivan Vaughan, seu amigo do Institute, se lembra de discutir com ele e dizer que ele era um idiota de ir e não estudar para as provas. Paul, de alguma forma, conseguiu convencer seu pai de que havia conseguido duas semanas de férias da escola, que haviam dito para os alunos relaxarem. Ele disse que estaria de volta a tempo de fazer as provas e que a turnê seria boa para ele descansar o cérebro. Não é à toa que passou em apenas uma matéria.

Eles tiveram que arrumar um novo baterista para essa turnê pela Escócia. Seu nome era Thomas Moore. Eles não se lembram de mais nada a respeito dele, exceto que eles foram buscá-lo em seu apartamento e que ele estava desempregado. Thomas Moore aparentemente era seu nome real. Nessa primeira experiência como profissionais, os Silver Beatles todos queriam mudar de nome. Essa era a moda então.

"Era divertido mudar de nome", diz Paul. "Fazia com que tudo parecesse real e profissional. Era como se você provasse que era um artista de verdade se tivesse um nome artístico."

Paul virou Paul Ramon. Ele não se lembra de onde tirou o Ramon. "Devo ter ouvido em algum lugar. Achava que soava bem glamoroso, tipo Valentino." George se tornou Carl Harrison, em homenagem ao seu ídolo, Carl Perkins. Stu se tornou Stu de Stijl, por causa do movimento de arte. John não se lembra qual nome escolheu, nem se escolheu algum, mas os outros se lembram dele como Johnny Silver.

A turnê pela Escócia seria pelo extremo norte, em pequenos salões da costa noroeste. Paul só consegue se lembrar de Inverness e Nairn, mas não cita outros lugares. Ele mandava cartões postais para seu pai dizendo: "Está ótimo, pediram meu autógrafo."

Todos tinham um pouco de inveja do fato de George estar se dando particularmente bem com a estrela da turnê, Johnny Gentle. Ele prometeu dar a George um presente depois da turnê, uma das camisas velhas de Eddie Cochrane. Eles brigavam entre si, como sempre, mas, acima de tudo, implicavam com Stu, o mais novo integrante da banda. John, George e Paul estavam juntos há tempo o suficiente para saber que as brigas, discussões e críticas não queriam dizer muita coisa. Se quisessem, você só tinha que discutir de volta.

"Nós éramos terríveis", diz John. "Falávamos para Stu que ele não podia se sentar ou comer conosco. Falávamos para ele ir embora e ele ia." Em um dos hotéis em que ficaram hospedados, um show de variedades tinha acabado de ir embora. Havia um anão no show. Eles descobriram em qual cama ele havia dormido e determinaram que aquela seria a cama de Stu, já que eles certamente não iriam dormir ali. Então, Stu não teve outra opção. "Foi assim que ele aprendeu a ficar com a gente", diz John. "Era tudo muito idiota, mas nós éramos assim."

Depois de toda a animação na Escócia, nada mais aconteceu. Larry Parnes não os ofereceu mais nenhum trabalho. Ele admite agora que perdeu uma grande chance, mas na época tinha estrelas solo o suficiente e não se interessava por bandas. Os Beatles voltaram a tocar em bailes cheios de *teds* bêbados e trabalhadores em suas noites de folga, ou então em bares sujos.

Eles conseguiram algumas datas, pouco depois da Escócia, em um clube de *striptease* em Upper Parliament Street. Eles tinham que tocar para Janice, a *stripper*, enquanto ela tirava a roupa. "Ela nos deu as músicas que queria", diz George. "Eram coisas do tipo 'Gypsy Fire Dance'. Como não sabíamos ler partituras, aquilo não era muito útil para nós. Então tocamos 'Ramrod', e depois 'Moonglow', já que eu tinha acabado de aprender as duas."

Eles também conseguiram algumas apresentações no Cavern Club, em Mathew Street, mais ou menos na mesma época, embora esse ainda fosse um forte reduto de jazz. Eles costumavam receber bilhetes dizendo para não tocarem rock, então introduziam a próxima música como se fosse realmente jazz. "E agora uma favorita antiga dos Fats Duke Ellington Leadbelly chamada 'Long Tall Sally'", e então começavam a tocar alguma música *beat*. A gerência não gostou muito disso, claro, o que não os ajudou a conseguirem outras apresentações.

Contudo, na maior parte do tempo, eles não faziam muita coisa fora ir para a casa um do outro ou, quando tinham dinheiro, ir a bares. "A Escócia tinha nos dado uma tênue esperança, nosso primeiro vislumbre do show business", diz George. "Estar de volta a Liverpool era um certo retrocesso. Tínhamos sorte de conseguir tocar mais de duas noites por semana. Tudo que a gente ganhava eram cerca de 15 xelins por noite, mais o quanto de ovos com torrada e coca nós fôssemos capazes de ingerir."

Notas

* Grilo. (*N. da T.*)

** Besouros. (*N. da T.*)

10

O Casbah

Um dos lugares a que eles começaram a ir, por falta de algo melhor, era o Casbah Club. Eles haviam tocado lá no começo do ano, antes de irem para a Escócia.

A Sra. Best, fundadora do Casbah, é pequena, com cabelos pretos, e muito volátil. Originalmente de Déli, na Índia, ela conheceu seu marido, Johnny Best, um ex-promotor de boxe, também na Índia, durante a guerra. Ela então se mudou para Liverpool com ele e eles compraram uma grande casa vitoriana de 14 quartos no número 8 da rua Hayman's Green, em um bom bairro residencial de West Derby.

Pete Best, seu filho mais velho, nasceu em 1941. Ele estudou no Liverpool Collegiate, outro bom liceu de Liverpool. Ele passou em cinco matérias no *O Level* e foi para o ginásio. Seu plano era se tornar professor.

Ele era bonito e tinha bom porte, mas um pouco tímido, com aspecto um pouco rabugento, e não muito comunicativo, especialmente em comparação com sua mãe, dinâmica e energética. Quando começou a trazer amigos do colégio para casa, ela fez um grande esforço para encorajá-lo.

Durante as férias de 1959, quando Pete estava prestes a começar seu segundo ano do ginásio, ele e um grupo de amigos perguntaram à sua mãe se, em vez de ocuparem os quartos ouvindo discos, poderiam limpar o enorme porão e usá-lo. "A ideia original era que aquele seria o covil deles", diz ela. "Isso evoluiu para a ideia de transformá-lo em uma cafeteria apenas para adolescentes, como as da cidade. Nós decidimos torná-lo um clube privado, cobrando uma taxa de adesão de 1 xelim, para manter os *teds* e agitadores longe."

Eles decidiram ter algumas bandas *beat*, que foram surgindo por toda Liverpool, tocando lá. Sabiam que haveria muitas que adorariam ter essa chance. A Sra. Best, com seu talento para gerenciar coisas e pessoas, foi favorável à ideia.

A banda que eles encontraram foram os Quarrymen, como ainda eram chamados. Isso aconteceu pelo intermédio de uma garota que conhecia um dos integrantes dos Quarrymen e informou o quão bons eles eram. Não era John, Paul ou George que ela conhecia, mas alguém que estava tocando violão com eles na época, Ken Brown. Ele era um dos muitos integrantes dos Quarrymen que estavam sempre indo e vindo por esses dias.

Quando John, Paul e George ouviram que eles estavam à procura de uma banda, correram até lá de uma só vez. Eles imediatamente receberam pincéis e ajudaram durante a última semana de limpeza e decoração do porão. John trouxe sua namorada, Cynthia Powell, para ajudar.

"Eu me lembro de dizer para John passar uma primeira demão em uma parede. Quando voltei, ele tinha terminado a pintura, mas tinha feito tudo com tinta com brilho. Ele era tão míope que não tinha sido capaz de notar a diferença. Fiquei em pânico de que não fosse secar a tempo", diz a Sra. Best.

Até o dia de abertura, eles ainda não tinham escolhido um nome. "Desci uma noite para ver como estavam indo. Era tão misterioso, com pequenos cantos escuros por toda parte. Parecia oriental. Lembrei de um filme que tinha acabado de assistir com Hedy Lamarr e Charles Boyer, acho que se chamava *Argélia*, em que eles vão para o Casbá. Então, esse foi o nome que escolhi, Casbah Club. Eu também sou da Índia, então parecia bem apropriado."

A inauguração foi no final de agosto de 1959. Havia quase trezentas pessoas lá naquela primeira noite. Os Quarrymen tiveram uma ótima recepção. O Casbah parecia ter potencial para existir por muito tempo.

"Estava muito feliz", diz a Sra. Best. "Não por mim, claro, mas pelo Peter. Ele tinha um pouco de vontade de entrar para o show business e pensei que ajudar com o clube poderia ser uma boa experiência para ele. Achei que ele se tornaria menos tímido, que lhe daria mais confiança."

O clube prosperou. Café e doces estavam à venda e havia os Quarrymen tocando. Nos fins de semana, havia uma multidão à noite de até quatrocentas pessoas. Rapidamente, houve uma adesão de 3 mil pessoas. Um segurança foi contratado, Frank Garner, para cuidar da porta e impedir a entrada de *teds*.

Tudo correu bem por uns dois meses, até que houve um desentendimento com os Quarrymen. Seu salário por noite era de 15 xelins. Numa determinada noite, apenas John, Paul e George tocaram. Ken Brown não apareceu. "Eu paguei 15 xelins para cada um dos três e depois paguei 15 xelins para Ken Brown quando o vi. Eles acharam que eu não deveria ter feito aquilo, já que ele não tinha tocado. Eles disseram que o salário do grupo era, na verdade, 3 libras por noite. Os três que haviam tocado deveriam ter dividido as 3 libras, e não recebido 15 xelins cada."

Esse foi o motivo para o desentendimento, conforme se lembram a Sra. Best e Pete Best, algo que os outros não lembram. De qualquer forma, após a polêmica sobre o dinheiro, Ken Brown deixou os Quarrymen e, não muito tempo depois, a banda passou a tocar em outros lugares.

Pete Best, a essa altura, começou a tocar uma bateria velha não só por ter notado o quão bem os Quarrymen estavam indo, mas principalmente para se divertir em momentos de ócio no trabalho. Quando Ken Brown saiu da banda, ficou decidido que ele e Pete formariam uma nova banda. Eles conseguiram outros dois garotos e se deram o nome de Blackjacks, com a ajuda e o estímulo da Sra. Best.

"Eles eram muito bons", diz a Sra. Best. "Eu me lembro de Rory Storm, que era muito famoso naquela época, lançando um desafio para ver quem conseguia o maior público. Rory conseguiu 390 pessoas, mas os Blackjacks conseguiram 450, o maior público que eles já tiveram.

Os Quarrymen foram para a Escócia e se tornaram os Silver Beatles, mas de vez em quando voltavam para tocar no Casbah, quando não tinham nenhum outro lugar para ir. Os Blackjacks, com Pete Best na bateria, tinham se tornado a banda residente do Casbah. Eles melhoraram durante o ano seguinte, e Pete Best decidiu que queria entrar para o show business.

"Até então eu pensava em ir para a faculdade e estudar para ser professor. Meus cinco *O Levels* me permitiriam, mas fiquei farto e saí da escola antes de fazer as provas do *A Level*."

Ele abandonou a escola no verão de 1960. O Casbah ainda era um grande sucesso e havia o suficiente para ele fazer ali, mas então sua banda começou a se desintegrar. Ken Brown se mudou para o sul e os outros dois foram fazer cursos relacionados aos seus trabalhos de tempo integral. Pete havia saído da escola para trabalhar no show business, mas agora não tinha mais nada o que fazer.

Contudo, em agosto de 1960, cinco semanas após ter abandonado a escola, Paul McCartney ligou para ele.

"Paul me perguntou se eu ainda tinha a minha bateria", diz Pete. "Disse-lhe que tinha acabado de comprar uma nova – estava muito orgulhoso disso. Ele então me disse que eles tinham um trabalho em Hamburgo e perguntou se eu estava interessado em ser o baterista deles. Falei que sim, que sempre gostei muito deles. Eles disseram que eu receberia 15 libras por semana, o que era bom, muito melhor do que ir para a faculdade.

"Fui para o bar do Allan Williams, o Jackaranda. Encontrei o Stu pela primeira vez e fiz um teste. Toquei algumas músicas e eles todos disseram: 'Tudo bem, você pode vir para Hamburgo conosco.'"

Assim como a Sra. Best tinha entrado para a cena das bandas *beat* com um clube-cafeteria para adolescentes, Allan Willians, um homem com experiência em bares, tinha partido para

um público um pouco mais alto. Ele não só estava chamando as bandas para tocarem nos seus bares, mas também descobrindo bandas para outras pessoas e agindo como uma espécie de agente-empresário para as bandas à procura de trabalho. Tinha sido ele quem havia ajudado os Beatles a conseguirem o teste com Larry Parnes. O dinheiro que os Beatles receberam pela turnê escocesa, embora pago por Larry Parnes, tinha vindo através de Allan Williams, que havia conseguido a turnê para eles.

As razões pelas quais Allan Williams, dono de um pequeno bar de Liverpool, havia passado a ser exportador de bandas para Hamburgo são bastante complicadas. O primeiro contato foi estabelecido quando um marinheiro alemão ouviu uma banda de tambores de aço das Índias Ocidentais no Jackaranda Club e contou para as pessoas em Hamburgo o quão boa ela era. Isso fez com que eles fossem contratados por um bar dessa cidade. Allan Williams foi atrás deles, na esperança de que os proprietários dos bares de Hamburgo se interessassem em outros grupos de Liverpool. Ele foi para a Kaiserkeller, que parecia ser o único bar de rock na cidade, e conheceu Bruno Koschmeider. "Brinquei com ele que todos os melhores grupos de rock britânicos vinham de Liverpool."

Koschmeider foi para a Inglaterra para checar essa história, mas foi a Londres, onde logo descobriu que ninguém tinha ouvido falar dos grupos de Liverpool. Ele foi para o Two I's, no Soho, então o epicentro do rock britânico (Tommy Steele havia tocado lá), e contratou Tony Sheridan e sua banda. Eles fizeram um grande sucesso em Hamburgo e Koschmeider voltou a Londres para procurar mais bandas. Por coincidência, Allan Williams estava no Two I's na mesma noite em que Koschmeider estava à procura de outra banda. Williams estava com uma banda de Liverpool chamada Derry e os Seniors, tentando conseguir trabalho para eles. Ele fez um acordo para a banda ir para Hamburgo, a primeira banda *beat* de Liverpool a ir.

Derry e os Seniors fizeram sucesso e os alemães pediram a Allan Williams que mandasse outra banda. Ele pensou em Rory Storm, mas ele estava indo para o acampamento de férias Butlins. Então, chamou os Beatles. No entanto, o contrato com Hamburgo era para uma banda formada por cinco elementos, e os Beatles não tinham um baterista. Eles tinham um baterista ocasional, um homem de meia-idade com família, que recusou a chance de ir para Hamburgo porque sua mulher era contra. Foi então que eles pensaram em chamar Pete Best. Quando ele concordou, estava tudo pronto.

Na casa dos Harrison ninguém estava muito animado – além, é claro, de George. Mas sua mãe pelo menos nunca tentou impedi-lo de ir. Ela estava preocupada com o fato de ele viajar para fora do país pela primeira vez com apenas 17 anos, especialmente para Hamburgo. Ela tinha ouvido falar certas coisas sobre Hamburgo. "Mas era o que ele queria fazer. Eles seriam pagos de verdade pela primeira vez. Sabia que eles eram bons e que iriam se sair bem. Tudo que escutava até então era 'Mãe, a gente tem um show, me empresta a passagem do ônibus e eu te pago quando for famoso'."

Então, a Sra. Harrison preparou George. Ela o fez prometer que iria escrever e lhe deu uma lata com bolinhos feitos em casa.

George, apesar de tão jovem, era pelo menos um homem trabalhador. Mas Paul e John ainda estavam supostamente estudando. A viagem para Hamburgo iria arruinar suas grandes carreiras de uma vez por todas.

Jim McCartney, claro, era contra Paul ir para Hamburgo. Paul havia acabado de fazer as provas do *A Level* (Artes e Inglês) e eles estavam esperando o resultado para saber definitivamente se ele iria para a faculdade se tornar professor.

Michael McCartney, seu irmão, diz que Paul como sempre fez tudo de forma esperta. "Lembro de chegar em casa da escola com Paul um dia e ele me contar que tinha sido convidado a ir para Hamburgo. Ele deixou escapar assim, casualmente. Eu disse: 'UAU!' Mas Paul disse que não sabia se deveria ir, fingindo estar indeciso. Eu falei que achava aquilo fantástico. Ele ia se tornar um grande astro, uau! Ele disse: 'Você acha que o papai vai me deixar ir?' Isso foi muito esperto. Fiquei, então, do seu lado para convencer o papai. Ele me deixou ficar todo animado, de modo que eu *quisesse* desesperadamente que ele fosse."

Paul diz que é claro que estava muito animado. "Parecia que a gente não fazia nada há semanas, só estávamos passando o tempo. Eram as férias longas de verão, e eu não queria voltar para a escola ou ir para a faculdade. Mas não havia muita alternativa, até que, de repente, Hamburgo surgiu. Isso significava que eu definitivamente não tinha que voltar para a escola. Agora havia outra coisa para fazer."

Jim, no entanto, ainda precisava ser persuadido. Paul trouxe Allan Williams à sua casa para ajudá-lo a amolecer Jim. "Allan Williams nunca acertava o nosso nome", diz Paul. "Ele me chamava de John." No entanto, Williams conseguiu explicar para Jim o quão bem organizado tudo seria e que Hamburgo era um lugar lindo e respeitado.

"Acho que, na verdade, papai ficou bem contente, mesmo que ele tenha dito na época que não ficou", diz Michael.

"Sabia que as pessoas gostavam do que eles faziam", diz Jim. "Era o primeiro grande compromisso deles e eles estavam determinados a ir. Paul tinha apenas 18 anos e tinha acabado de ter quatro semanas de férias da escola. Ele foi com seu passaporte de estudante. Bati um papo com ele, sabe, sobre ser um bom rapaz. O que mais eu podia fazer?

"Estava muito preocupado de que ele não fosse se alimentar o suficiente na Alemanha. Ele me mandava cartões postais dizendo: 'Estou comendo bastante. Nós comemos isso, aquilo e aquilo outro essa noite.' Isso me deixava feliz, eu acho."

Jim ficou um pouco satisfeito quando, depois de Paul ter ido, os resultados do GCE *A Level* chegaram. Paul havia sido reprovado em Artes, mas havia passado em Inglês. Àquela altura, no entanto, até Jim sabia que isso não importava mais.

Contudo, a briga entre John e sua tia Mimi foi um pouco mais intensa. Naquela época, ela havia desencorajado Paul e George a virem até sua casa, assim como reprovava que John tocasse violão em casa. Ela também tentou proibir que John tocasse na banda. Desde que os Quarrymen haviam surgido, quase cinco anos antes, John tivera que mentir para ela quase o tempo todo sobre o que estava fazendo. Ela sabia que ele ainda estava de brincadeira, escrevendo músicas bobas e coisas do tipo, mas não sabia a extensão de seu interesse.

Ela realmente achava que ele estava frequentando a Escola de Artes, até o dia em que alguém contou para ela o que ele fazia na hora do almoço: tocava em uma banda. Ela decidiu ir e investigar por si mesma para ver exatamente até que grau de depravação John havia afundado.

A hora do almoço que ela escolheu para investigar acabou sendo um dos dias em que eles estavam tocando no Cavern. Eles não eram a banda residente, já que aquele ainda era basicamente um clube de jazz, mas foram conseguindo mais dias para tocar, à medida que os frequentadores do Cavern ficavam mais interessados neles.

"Nunca tinha ouvido falar desse lugar horrível, o Cavern", diz Mimi. "Demorei muito tempo para achar. No final, tive que seguir a multidão. Desci alguns degraus e vi esse indivíduo, Ray McFall, recolhendo dinheiro. 'Eu quero o John Lennon!'

"Empurrei as pessoas para conseguir entrar, mas o barulho era ensurdecedor. O lugar tinha um teto baixo, que fazia o barulho ainda pior. As garotas estavam todas espremidas juntas, com seus braços para baixo. Por mais que tentasse, não conseguia chegar perto do palco. Se tivesse conseguido, o teria puxado para fora. No final, fui sentar em um dos camarins. Camarins! Era apenas um cubículo sujo. Quando ele saiu do palco, com todas as garotas berrando, não conseguiu me ver de primeira. Ele é cego sem seus óculos. Depois, ele os colocou e me viu: 'O que você está fazendo aqui, Mimi?' 'Muito bem, John', eu disse, 'isso é muito bom'."

Mimi fez com que ele voltasse para a escola naquela tarde. Ela falava o tempo todo para ele continuar estudando, parar com essa besteira de tocar em uma banda e obter algum tipo de qualificação. Mas não conseguia impedi-lo de tocar.

"O que você quer dizer com isso?", John costumava dizer. "Eu não sou um homem trabalhador e nunca vou ser. Não importa o que você faça ou diga, nunca vou ter um emprego convencional."

Então, Hamburgo surgiu. Isso ia significar uma separação de verdade, por um longo tempo, em um país estrangeiro. Mimi se lembra de John tentando fazê-la ficar tão animada quanto ele. "'Mimi, não é maravilhoso?", ele falou para ela. "Vou ganhar 100 libras por semana, não é maravilhoso?!'"

Um leve exagero na quantia, mas ainda assim maravilhoso para cinco rapazes adolescentes. John, é claro, agarrou a chance de ter uma boa desculpa para abandonar os estudos. Ele havia sobrevivido três anos, e mesmo assim por um fio. Arthur Ballard, o professor que tinha mais

contato com ele, o salvou de ser expulso várias vezes. John havia sido reprovado em todas as matérias e iria largar a faculdade sem nenhuma qualificação, embora achasse que o receberiam de volta se tudo desse errado em Hamburgo. Ele também estava deixando Cyn.

"A banda estava começando a ter seus próprios fãs", diz Cynthia. "Sabia que eles tinham muitas garotas em torno deles, mas nunca me preocupei ou tive ciúmes. Eu parecia ser tão mais velha que todas essas garotas, então me sentia segura.

"Mas fiquei muito mais preocupada com Hamburgo. Isso parecia ser tão longe, e por um período de tempo tão longo. Eu conhecia as garotas de Liverpool, mas não sabia nada sobre a situação em Hamburgo. Qualquer coisa poderia acontecer com eles lá."

11

Hamburgo

Hamburgo é a Liverpool da Alemanha. É um grande porto no norte do país. Seus habitantes parecem grosseiros e travados, mas por dentro são suaves e sentimentais; além disso, chove e venta muito. Hamburgo tem também o mesmo tipo de sotaque nasal, facilmente reconhecível em seu país, e fica até na mesma latitude, 53 graus ao norte.

Mas Hamburgo tem o dobro do tamanho de Liverpool e, tradicionalmente, é uma cidade muito mais perversa. A violência e a vida sexual de Hamburgo são famosas em toda a Europa. A Reeperbahn, a rua principal, no Soho de Hamburgo, deve ter mais clubes de *striptease* do que qualquer outra rua do mundo.

Quando os Beatles chegaram lá em 1960, com o doce George de apenas 17 anos, que nunca havia sido beijado (ou quase nunca), Hamburgo estava no auge de sua perversidade. A cidade, sendo um porto livre, tornou-se um centro de contrabando de armas da FLN durante a crise argelina. Isso trouxe gângsteres e dinheiro estrangeiros e, quando o muro de Berlim subiu, em agosto de 1960, diversos bandidos e imigrantes ilegais da Alemanha Oriental foram para Hamburgo, em vez de para Berlim. A guerra de gangues que se seguiu se deu em torno das boates e dos bares. Os garçons eram contratados por sua força física, e não por suas habilidades, e deviam estar prontos para combater as gangues da boate ao lado.

Allan Williams trouxe pessoalmente os cinco Beatles para Hamburgo. Ele os levou em uma minivan, passando por Harwich e Hoek van Holland. A única coisa de que John se lembra da viagem é ter parado na Holanda para cometer alguns furtos.

Estavam todos muito satisfeitos com o figurino que estavam trazendo com eles – seu primeiro, afinal eles agora eram profissionais. O figurino consistia em jaquetas de veludo curtas, as quais Paul tinha conseguido que o homem que morava ao lado dele costurasse. Eles tinham a intenção de usá-las com seus trajes de *teddy boys* habituais: jeans pretos apertados,

camisas brancas com gravatas-laço e botas de bico fino. Obviamente, todos eles ainda tinham topete alto, oleoso e penteado para trás, como Tony Curtis.

"Bruno Koschmeider nos encontrou quando chegamos", diz Pete Best. "Ele nos levou para o Kaiserkeller, onde acreditávamos que iríamos tocar. Nós conhecemos Howie Casey, de um grupo de Liverpool que já estava lá.

"Gostamos da aparência do lugar e perguntamos quando começaríamos. Ele disse que não começaríamos. Então fomos levados para essa outra boate, a Indra, que era muito menor. Eram 23h30 e só tinham duas pessoas no lugar.

"Nos mostraram nosso camarim, que também era o banheiro masculino. Achamos que íamos morar em um hotel, mas, em vez disso, fomos levados para um cinema, o Bambi, onde ele nos mostrou nossos aposentos. Era como o buraco negro de Calcutá. Mas, como éramos jovens e idiotas, não reclamamos. Apenas fomos dormir."

Allan Williams, que ficou com eles por algumas semanas depois de trazê-los, diz que algumas das bandas mais experientes ficaram irritadas ao ver os Beatles. "Me disseram que eu estava estragando a cena, trazendo muitos grupos xexelentos."

A Indra, onde os Beatles começaram a tocar na noite seguinte, tinha esse nome por causa da palavra Índia em alemão. Uma placa com um grande elefante ficava pendurada sobre a rua, a Grosse Freiheit, como seu símbolo. Dentro, no entanto, ela era pequena e apertada. Nenhum deles gostava de lá, muito menos de dormir no Bambi.

"Íamos para a cama tarde e éramos acordados no dia seguinte pelo barulho da sessão de cinema", diz John. "Tentávamos entrar primeiro no banheiro feminino, que era o mais limpo dos lavatórios do cinema, mas as alemãs gordas nos empurravam e passavam na nossa frente.

"No começo, fomos recebidos muito bem. Depois, o gerente disse que deveríamos 'Mak Show' (do inglês 'make it a show, boys'*, dito por Allan Williams e adaptado pelos alemães), como a banda no fim da rua estava fazendo. Então nós tentamos. Estávamos com um pouco de medo de tudo no começo, estando no meio de uma cena de boates barra-pesada. Mas, como éramos de Liverpool, éramos arrogantes, ou no mínimo acreditávamos no mito sobre Liverpool produzir pessoas arrogantes.

"O primeiro Mak Show que fiz foi ficar pulando durante uma música, como Gene Vincent. Cada número durava vinte minutos, e ficava apenas girando fora de controle. Fizemos *mak showing* sempre a partir de então.

"Só uma vez tocamos para o público uma música alemã. Paul aprendeu 'Wooden Heart', que era muito popular.

"Nós melhoramos e ficamos mais confiantes. Não tínhamos como evitar, com toda a experiência, tocando a noite toda. Era útil o público ser estrangeiro, tínhamos que nos esforçar ainda mais, colocar nosso coração e alma naquilo, para nos superarmos.

“Em Liverpool, havíamos tocado apenas sessões de uma hora, e costumávamos tocar apenas nossas melhores músicas, as mesmas, em todos os shows. Em Hamburgo, tínhamos que tocar por oito horas, então realmente tivemos que achar um novo jeito de tocar. Tocávamos bem alto, muito barulho o tempo todo. Os alemães amavam.”

“Quando a notícia de que estávamos fazendo um show se espalhou, a boate começou a encher. Tocávamos sete noites por semana”, diz Pete. “No começo, tocávamos sem parar até meia-noite e meia, quando a boate fechava, mas, quando fomos ficando melhores, as pessoas ficavam até as 2 horas da manhã.

“Vimos várias brigas. Umas bem grandes, com pessoas penduradas nas luminárias e pulando de cima das mesas, como brigas de filme.”

Todos eles costumavam bater no palco com os pés, quando não estavam pulando no ar, para criar mais barulho e aumentar a batida. Pete Best não se encaixava com eles no começo, então todos tinham que marcar o ritmo também. Mas Pete logo melhorou, assim como todos.

O *making show*, como os alemães chamavam, era uma coisa vital. Apesar de eles serem uma banda de rock, tinham sido bem calmos em Liverpool. Agora eram ativamente encorajados a se soltarem e fazer o maior espetáculo possível no palco, o que naturalmente foi fácil para John. Ele dava um show sempre, pulando em êxtase ou rolando no chão, para o deleite dos roqueiros locais, que logo viraram seus fãs. Histórias sobre John ainda são contadas em Hamburgo, muitas delas sendo aprimoradas com o tempo.

“Era trabalho duro, mas nós éramos cinco caras se divertindo. Fazíamos coisas idiotas o tempo todo. John tinha uma ceroula, já que estava ficando muito frio à medida que o inverno ia chegando. George apostou com ele 10 marcos que ele não sairia vestido só com ela, sem mais nada. Ele foi para a rua, apenas de ceroulas, com óculos escuros, e leu o *Daily Express* por cinco minutos. Ficamos olhando, morrendo de rir”, diz Pete.

Contudo, dois meses depois, a Indra fechou. Os vizinhos reclamaram do barulho. Os Beatles então se mudaram para a Kaiserkeller. O palco da Kaiserkeller era muito velho, feito do que pareciam ser tábuas de caixas de feira. Eles decidiram fazer uma passagem nele para ver se conseguiam um novo. Eles fizeram uma passagem no palco no final, pulando e fazendo show, mas nunca conseguiram um palco novo – simplesmente tiveram que tocar no chão.

“Eu bebia muito”, diz Pete Best. “Não conseguia evitar. Eles nos mandavam bebidas o tempo todo, então é claro que nós bebíamos muito. Tínhamos várias garotas. Logo percebemos que elas eram fáceis de conseguir. Garotas são garotas, garotos são garotos. Tudo melhorou cem por cento. No começo, éramos músicos mansos e meigos, mas agora nós éramos poderosos.”

A Kaiserkeller os fazia trabalhar ainda mais duro do que antes. A banda que estava lá no início havia voltado para Liverpool e sido substituída por uma outra banda de Liverpool, Rory Storm e os Hurricanes. Eles estavam oficialmente contratados para tocar seis horas por noite,

mas, como agora havia duas bandas na mesma boate, eles tocavam em horas alternadas durante a noite. Mas o intervalo era muito curto para fazer qualquer coisa ou ir para qualquer lugar, então eles tocavam de fato por períodos de 12 horas.

"Minha garganta começou a doer de tanto cantar", diz John. "Aprendemos com os alemães que você conseguia ficar acordado se tomasse comprimidos para emagrecer, então fizemos isso." No começo, os comprimidos eram inofensivos, mas eles passaram a tomar outros, como Black Bombers** e Purple Hearts***, embora pareça que nunca tenham ficado dependentes deles ou os consumido em excesso. Mas foi o início de um interesse e um gosto por drogas, mesmo que pequeno. Todos eles experimentaram certas drogas em algum momento, exceto Pete Best, que não tinha nenhum desejo de estar ligado a essas práticas.

Eles nunca deixaram os comprimidos saírem de controle porque realmente os usavam para se manterem acordados, não por diversão. Eles queriam ficar acordados porque estavam amando tudo aquilo, tocando o que quisessem, para adolescentes rebeldes de Hamburgo, por quanto tempo quisessem. Eles não se importavam nem um pouco com as longas horas.

Os momentos em que ficaram fartos, normalmente com as condições de moradia, foram bem poucos. Se não fosse tão longe de casa, claro, e em um país estrangeiro, talvez eles tivessem pegado suas coisas e ido para casa em Liverpool muitas vezes. Mas não podiam, estavam presos em Hamburgo. Eles também estavam gastando todo seu dinheiro tão rapidamente quanto o ganhavam.

É surpreendente que a saúde deles não tenha sofrido mais. Eles nunca comiam direito e mal dormiam. "Quem consegue achar tempo para dormir quando se está tocando, bebendo e conhecendo garotas?", diz John.

George e Paul sabiam um pouco de alemão. Pete sabia ainda mais, já que havia passado na sua prova de alemão do *O Level*. John e Stu não falavam nada de alemão e não estavam interessados em aprender. "Costumávamos gritar em inglês para os alemães", diz John. "Chamá-los de nazistas e mandá-los se foder." O público ficava ainda mais animado.

O público estava encantado com eles, devotado a eles, e os Beatles passaram a ter menos medo da boate, dos garçons e das brigas. Eles viam os garçons tirando dinheiro dos bolsos dos bêbados e, como estavam duros, John resolveu tentar fazer o mesmo numa noite.

"Escolhemos um marinheiro britânico para passar a perna. Achava que poderia conversar com ele em inglês, brincar que poderíamos arrumar uns brotos. Fizemos ele beber e beber, e ele ficava perguntando: 'Cadê as garotas?' Continuamos batendo um papo com ele, tentando descobrir onde guardava o dinheiro. Batemos nele umas duas vezes no final das contas, depois desistimos. Nunca íamos conseguir nada. Não queríamos machucá-lo."

Os Beatles tinham várias discussões entre eles, mas nada sério. Elas envolviam, na maioria das vezes, Stu e Pete, os relativamente novos integrantes, sendo provocados pelo restante da banda. Stu levava a sério, mas Pete parecia nem perceber. Tudo entrava por um ouvido e saía

pelo outro. Ele não se lembra de se envolver em nenhuma discussão ou de ninguém criticar ou zombar dele, embora os outros se lembrem disso.

Stu e Pete, no entanto, estavam provando ser populares com o público, ainda que não tanto quanto Paul, que era sempre o mais popular em todos os lugares. Stu usava seus óculos escuros no palco e parecia muito desafiador. Pete nunca sorria ou pulava, da forma como John fazia, e parecia simplesmente rabugento e ameaçador. Ambos eram vistos como figuras tipo James Dean pelo público, mal-humorados e magníficos. Os outros, particularmente John, eram os rebeldes extrovertidos.

"Paul me disse outro dia que ele e eu costumávamos brigar para decidir quem era o líder, mas não me lembro disso", diz John. "Tinha parado de me importar com isso naquela época, não estava mais determinado a ser o líder a todo custo. Se eu discutia a respeito, era só por conta do meu orgulho.

"Todas as discussões eram triviais, principalmente porque estávamos fodidos e irritáveis por trabalhar tanto. Éramos apenas crianças. George jogou comida em mim no palco uma vez. Normalmente, comíamos no palco, já que tocávamos por tanto tempo. A briga com George foi por alguma coisa estúpida. Eu disse que ia quebrar a cara dele, gritamos um com o outro no palco, mas foi só isso. Nunca fiz nada."

Eles eram geralmente muito amigos uns dos outros e também simpáticos com Rory Storm e sua banda, com quem dividiam o palco durante a noite na Kaiserkeller.

Os Beatles já conheciam a banda de Rory muito bem. Ele era muito popular em Liverpool na época, mais do que eles. A viagem para Hamburgo tinha sido oferecida a Rory antes de ser sugerida a eles. Por ele ter recusado, já que tinha outro compromisso, eles foram chamados em seu lugar. Além de Rory, havia outras bandas de Liverpool fazendo mais sucesso do que os Beatles naquela época, como Cas e os Casanovas. Os Beatles, no momento em que deixaram Liverpool para ir a Hamburgo, eram provavelmente o terceiro ou o quarto grupo na hierarquia das bandas *beat* de Liverpool.

"Todos nós conhecíamos o Rory", diz George. "Ele era a grande estrela de Liverpool, muito chamativo e ousado no palco." George conhecia bem a banda porque, em um dado momento, antes de se juntar aos Beatles, havia pensado em se juntar a eles. "Conheci o Rory porque estava tentando sair com sua irmã mais nova."

O baterista da banda de Rory Storm passou muitos de seus intervalos vendo os Beatles e pedindo músicas para eles.

"Não gostava da aparência do baterista do Rory", diz George. "Ele parecia ser antipático, com sua mecha grisalha no cabelo. Mas o antipático acabou sendo Ringo, o mais legal de todos eles."

Pete diz que se lembra de Ringo dos tempos em que ele tocava no Casbah com Rory Storm, mas os outros não o conheciam nessa época. Demorou muito tempo para que eles o

conhecessem bem, mas esse foi seu primeiro encontro com Ringo Starr.

Fora essa amizade com Ringo e o resto da banda de Rory, eles não fizeram nenhum outro amigo. Quase nunca saíam da boate e não fizeram nenhuma tentativa de se tornarem amigos dos alemães. "Eles eram todos imbecis", diz John.

Eles tentavam menos ainda conhecer qualquer britânico que ia à boate. "Quando sentíamos o cheiro de serviço militar na plateia, sabíamos que a noite não ia acabar bem", diz John. "Depois de alguns drinques, eles começavam a gritar: 'Vai Liverpool!', ou 'Vai Pompeia!'. Gangues de militares britânicos, tentando causar problemas. Antes que a noite terminasse, estavam todos ali, meio mortos, depois de tentarem arrumar briga com os garçons por causa da conta, ou sem nenhum motivo. Os garçons tiravam do bolso seus canivetes ou apareciam com cassetetes. E era isso. Nunca vi assassinos como aqueles..."

Notas

* Façam um show, rapazes. (*N. da T.*)

** Espécie de anfetamina. (*N. da T.*)

*** Espécie de barbitúrico. (*N. da T.*)

12

Astrid e Klaus

Não é de se surpreender que eles tenham feito tão poucos amigos alemães em Hamburgo. A maioria dos cidadãos respeitáveis de Hamburgo raramente ia a qualquer lugar perto do bairro de St Pauli, muito menos à rua Reeperbahn.

Mas Klaus Voormann e Astrid Kirchherr iam. Muito por acaso eles descobriram os Beatles e se tornaram fãs, os primeiros fãs intelectuais que eles tiveram. Eles viram nos Beatles qualidades que ninguém tinha visto antes.

Klaus nasceu em Berlim, filho de um proeminente médico. Ele se mudou para Hamburgo em 1956, para estudar na Escola de Artes. Ele estava estudando para se tornar um artista comercial, mas resolveu cursar fotografia como matéria eletiva e, assim, conheceu Astrid, que se tornou sua namorada.

Astrid vem de uma boa e sólida família de classe média de Hamburgo e estava se especializando em fotografia. Em 1960, ambos tinham terminado a Escola de Artes. Klaus estava trabalhando para revistas locais (Hamburgo é um grande centro de imprensa), fazendo cartazes publicitários. Astrid trabalhava como assistente de um fotógrafo.

Eles estavam namorando há cerca de dois anos e Klaus havia se mudado para um apartamento em cima da casa de Astrid. Certa noite, tiveram uma pequena briga. Klaus, então, decidiu ir ao cinema sozinho.

"Eu saí e estava andando por aí, estava na Grosse Freiheit quando ouvi muito barulho vindo de um porão. Desci para ver o que estava acontecendo. Nunca tinha estado em uma boate como aquela antes.

"Era uma cena muito barra-pesada lá embaixo. Havia alguns roqueiros valentões, todos usando couro. Mas eu fiquei abismado com o grupo no palco e o barulho que eles estavam fazendo, então, com muito cuidado, me sentei para ouvir."

O clube era o Kaiserkeller, mas não eram os Beatles no palco. Era a banda de Rory Storm, com Ringo na bateria. Sem perceber, Klaus havia se sentado ao lado da outra banda residente. "Estava olhando fixamente para eles, porque eles tinham uma aparência tão engraçada... Eles estavam vestidos com paletós quadriculados em preto e branco. O mais ridículo de todos (Stu, como descobri mais tarde) tinha o cabelo penteado muito alto e usava botas de bico fino e óculos escuros. Não eram realmente óculos escuros, era aquela coisa que você coloca sobre os óculos comuns.

"Eles subiram ao palco e percebi que eles eram a outra banda. Então tocaram 'Sweet Little Sixteen', com John cantando. Me deixaram ainda mais abismado do que Rory. Não conseguia tirar os olhos deles.

"Queria falar com eles, chegar perto deles, mas não sabia como. Tinha medo de todos os roqueiros. Estava envergonhado e me sentindo deslocado, mas fiquei lá a noite toda. Não conseguia processar como eles tocavam tão bem juntos, sendo tão poderosos e tão engraçados. Ficavam pulando o tempo todo. Percebi que conseguiam fazer aquilo por oito horas sem parar."

Ele chegou em casa nas primeiras horas da manhã e contou para Astrid onde tinha estado. Ela ficou um tanto enojada por ele ter passado a noite em uma boate em St Pauli. Ele disse a ela o quão maravilhosa a banda era, mas ela não se interessou e se recusou a ir com ele na noite seguinte. Então ele foi sozinho.

Dessa vez, ele pensou em uma maneira de se apresentar a eles, de conhecê-los, ou ao menos dizer olá. Ele levou consigo uma capa de disco pop que havia desenhado para um single chamado 'Walk Don't Run'. Ele tinha feito uma ou duas capas como artista comercial, embora a maior parte de seu trabalho fosse para revistas. Assim, pensou que os Beatles pudessem se interessar em vê-la.

Ele foi mudando de lugar, tentando chegar cada vez mais perto. Quando os Beatles finalmente se sentaram para seu primeiro intervalo, ele se aproximou de John, que parecia ser o líder. Em um inglês escolar e muito hesitante, Klaus mostrou-lhe o disco.

Isso teve pouco efeito em John. "Só me lembro desse cara enfiando uma capa na minha mão, não sabia o porquê", diz ele. John murmurou algo sobre Stu ser o artista, e que era melhor mostrar a capa para ele. Klaus começou a se mover em direção a Stu, mas algo aconteceu e Klaus não conseguiu chegar até ele. Então teve que se sentar novamente, sentindo-se mais assustado e envergonhado. Assim, ele se limitou a ouvir música a noite toda novamente.

Na noite seguinte, sua terceira visita, Klaus finalmente convenceu Astrid a ir com ele, contra sua vontade, junto com outro amigo, Jurgen Vollmer.

"Estava assustada quando cheguei", diz Astrid. "Mas logo esqueci tudo isso quando vi essas cinco pessoas. Não consigo explicar como me senti, algo me fisgou. Simplesmente não podia acreditar no que estava vendo.

"De alguma forma, sempre fui fascinada por *teddy boys*. Gostava da aparência deles em fotografias e filmes. De repente, havia cinco deles na minha frente, com topetes altos e costeletas longas. Fiquei lá boquiaberta, sem conseguir me mexer.

"O ambiente ao redor era muito assustador. Eles eram a galera típica de Reeperbahn. Com narizes quebrados, *teddy boys*, esse tipo de coisa. *Schlagers*, nós os chamávamos em alemão. Brigões, realmente barra-pesada."

Mais e mais amigos seus surgiam para assistir aos shows, à medida que Klaus e Astrid começaram a falar maravilhas sobre os Beatles. Eles ocupavam as mesas e parte do porão. Os estudantes, com seu estilo mais suave e suas roupas mais *mod*, logo começaram a afetar, e depois a ditar o clima do Kaiserkeller.

Os roqueiros ainda estavam lá, embora não tão predominantemente. "Aquela se tornou a nossa cena", diz Klaus. "Não havia rivalidade entre nós e os roqueiros. Na verdade, eu me tornei amigo de alguns, embora não conhecesse nenhum deles antes e nunca fosse conhecer, se não fosse por aquele lugar.

"Havia umas meninas roqueiras engraçadas que nunca tinha visto antes. Quando elas dançavam eram como pequenos cogumelos. Elas vestiam saias curtas rodadas com anáguas volumosas para torná-las salientes."

Os Beatles começaram a passar a maior parte de seu tempo livre sentados conversando e bebendo com Klaus, Astrid e seus amigos. Eles não sabiam falar alemão, mas alguns dos alemães conseguiam entender um pouco de inglês.

"De repente, estávamos recebendo atenção de umas pessoas meio artistas", diz George. "Uns tipos existencialistas, eles eram ótimos", diz Paul. "Uma variação dos alemães habituais. Eles ficaram abismados com Stu e sua paródia de James Dean." "Exis, era assim que eu os chamava", diz John. "Eles foram os primeiros alemães com os quais quis falar na vida."

"Não conseguia entender o sotaque de John", diz Klaus. "Mas George costumava falar muito lentamente, e conseguíamos entendê-lo. Ele tinha uma aparência muito engraçada. Suas orelhas grandes salientes, com seu cabelo curto na parte de trás e o grande topete no topo."

Após cerca de uma semana indo lá todas as noites, Astrid finalmente teve coragem de perguntar se poderia tirar fotos deles. "Estávamos nos dando tão bem com eles que me senti mais protegida. Percebi que todos os roqueiros de Reeperbahn os amavam, os idolatravam, que matariam por eles." Ela conseguiu deixar escapar algumas palavras, indicando que queria tirar fotos deles. "Eles estavam todos de acordo. Pude notar isso, embora John tenha feito uns comentários esquisitos. Ele estava sempre falando coisas horríveis sobre os *Krauts* na frente das pessoas. Não para mim. Mas não acredito que ele fosse mesmo daquele jeito."

Mas ela não estava realmente interessada na reação de John. Ela queria conhecer Stu. "Eu me apaixonei por ele à primeira vista, é verdade. Não foi um romance piegas e tudo o mais. Simplesmente me apaixonei."

Eles todos marcaram de se encontrar no dia seguinte em Reeperbahn. Ela os levou para um parque de diversões próximo e os fotografou. Em seguida, os convidou para sua casa para tomar chá. Pete Best recusou o convite. "Não é porque eu estivesse sendo antissocial, mas simplesmente tinha que comprar peles para minha bateria, já que tinha furado as antigas na noite anterior." Mas os outros quatro foram com ela. Ela lhes serviu chá e eles ficaram encantados. Foi a primeira casa alemã em que entraram.

A sala onde Astrid serviu o chá era muito escura e misteriosa. Após a primeira impressão de escuridão, tudo que dava para ver eram duas cores, preto e branco. Tudo: as paredes, móveis e tapetes eram de uma dessas duas cores. Ela tinha árvores crescendo pelas paredes, no teto e ao redor da sala. A janela estava coberta e a única luz vinha de velas. Havia um pano preto pendurado em uma parede. Um deles puxou-o para o lado para ver o que havia por trás e se viu olhando em um espelho. "Foi minha fase de Jean Cocteau", diz Astrid.

O chá era um pouco mais prosaico – sanduíches de presunto. "Heh, olha isso", disse George. "Sanduíches de presunto! Não sabia que os alemães tinham sanduíches de presunto." O que mostra o quanto George tinha visto da vida alemã, preso por 12 horas por dia no Kaiserkeller. Depois, ela os levou de carro de volta à boate para o turno da noite.

Astrid começou a levar sua câmera consigo o tempo todo, e tirou muitas fotografias deles. Foram as primeiras fotos profissionais tiradas deles e, por muitos anos, as mais artísticas. Com uma iluminação inteligente, ela conseguia que eles ficassem com a metade de suas figuras às sombras. Esse truque de colocar os rostos metade nas sombras, embora não fosse original, foi usado e copiado por outros fotógrafos por um longo tempo. Astrid foi a primeira a ver o potencial fotogênico deles, algo que mais tarde mostrou-se inestimável.

Ela os levou para outras partes de Hamburgo para fotografá-los. Numa vez, os enfileirando nas docas; em outra ocasião, sobre a lateral de um trem abandonado, sempre tentando obter fotografias incomuns. É necessário uma impressão de boa qualidade e bom papel para tirar o melhor proveito das fotografias de Astrid, para ver como elas são excelentes, mas mesmo em papel de jornal barato, elas parecem dramáticas e incomuns. "Elas eram ótimas", diz Paul. "Ninguém conseguia tirar fotos nossas tão bem quanto Astrid."

Naquelas primeiras sessões, ela tentava sempre falar com Stu, tentando dizer a ele que gostaria de tirar fotos suas sozinho. Mas não conseguia fazê-lo entender, já que ele não falava alemão e ela não falava inglês. Então ela conseguiu que Klaus começasse a ensinar inglês a ela. "Ele quase enlouqueceu tentando me explicar as coisas. Eu simplesmente não conseguia aprender."

Todos eles iam comer na casa dela praticamente todas as noites, depois daquele primeiro chá, e o relacionamento entre ela e Stu foi progredindo lentamente. Então Stu começou a ir sozinho, em outros momentos, e eles se sentavam juntos em sua cama preta, conversando com a ajuda de um dicionário alemão-inglês.

“Depois de Stu, gostava de John e George. Depois de Pete Best. Gostava bastante dele, mas ele era muito, muito tímido. Ele podia ser engraçado, mas não tive muito contato com ele. Até mesmo naquela época, as pessoas tendiam a esquecê-lo. A verdade é que ele estava nessa sozinho.

“Tinha dificuldade de me aproximar de Paul. Ele sempre foi simpático e era de longe o mais popular com os fãs. Sempre fazia o papel de falar com os fãs, anunciar as músicas e dar autógrafos. A maioria dos fãs o via como o líder. John, é claro, era o líder de verdade – era de muito longe o mais forte. Não quero dizer fisicamente, mas como personalidade.

“Stu era o mais inteligente. Acho que todos concordavam com isso. John concordava.

“George – nunca falamos a respeito da inteligência de George de uma maneira ou de outra, quando estávamos conversando sobre eles. Sabíamos que ele não era burro, mas ele era só um jovem menino lindo. Era tão doce e aberto a tudo, como quando ficou admirado com os sanduíches de presunto. Ele tinha muitos fãs. Jurgen tinha um cartaz que dizia ‘Eu amo o George’. Ele foi um dos primeiros a fazer esse tipo de coisa.

“Eu me dei muito bem com George. Ele nunca tinha conhecido alguém como eu antes e demonstrava isso de forma muito aberta e doce. Afinal, ele tinha apenas 17 anos. Lá estava eu, o tipo de garota inteligente que ele nunca tinha visto antes, com o meu próprio carro, trabalhando como fotógrafa e vestindo jaquetas de couro. Era natural que ele estivesse muito interessado em mim. Nunca me senti atraída por ele ou qualquer coisa do tipo. Não era esse tipo de relacionamento. Eu era cinco anos mais velha, por isso não importava ele ser tão aberto. Nos dávamos muito bem.”

Em novembro de 1960, apenas dois meses depois de terem se encontrado pela primeira vez, Stu e Astrid ficaram noivos. Eles juntaram dinheiro e compraram as alianças. Depois dirigiram seu carro ao longo do Elba. “A partir do momento em que começamos a ser capazes de nos comunicar, pretendíamos nos casar.”

Stu tinha 19 anos, não muito mais do que George, mas tinha uma cabeça muito mais desenvolvida e madura. Ele era tão apaixonado por arte então quanto sempre fora, ao contrário de John, que tinha deixado tudo para trás, mas também era muito apaixonado pela banda. Uma noite, ele teve uma briga com Paul no palco. Apesar de ser muito menor e mais fraco que Paul, a ira de Stu era tão intensa que lhe dava força extra. “Ele podia se tornar realmente histérico quando estava com raiva”, diz Astrid. A briga tinha algo a ver com Astrid, algo que Paul tinha dito sobre ela, mas ninguém se lembra dos detalhes.

O relacionamento entre Paul e Stu, os ciúmes e as brigas, não é muito difícil de explicar. De certa forma, os dois estavam competindo pela atenção de John. Paul tinha tido John para si por mais ou menos dois anos, até que Stu surgiu. Stu era obviamente muito talentoso, mais maduro, mais ligado. Mesmo Michael McCartney, irmão mais novo de Paul, se lembra como, em Liverpool, Paul tivera certo ciúme de Stu.

O relacionamento entre cinco *teds* de Liverpool e um grupo de estudantes intelectuais de Hamburgo é mais difícil de explicar. Suas roupas, bem como seus pensamentos, estavam bem na moda. Klaus e Jurgen tinham o cabelo escovado para a frente no estilo francês, como era então chamado. Mas os Beatles tinham uma vitalidade natural, grosseira, indisciplinada, que os atraía.

Os *exis* tinham apelidos para todos eles – John era o Homem Sidie; George, o Bonito; e Paul, o Bebê. O nome Beatles, na Alemanha, divertia a todos desde o minuto em que chegaram. "Os Peedles", era como o pronunciavam. Em alemão, essa palavra é também uma vulgaridade infantil, significando pênis.

Os Beatles tinham agora dois grupos devotos de seguidores, os roqueiros e os *exis*. Seu contrato inicial de seis semanas foi estendido várias vezes por demanda popular. O Natal estava se aproximando e eles estavam em Hamburgo há quase cinco meses. Estavam então tramando tocar em uma boate ainda maior e melhor, a Top Ten. Quando perceberam que eram um sucesso no Kaiserkeller, quiseram ir para uma boate maior.

Eles pediram ao gerente da Top Ten, Peter Eckhorn, um teste. "Gostei deles e os ofereci um contrato." Então disseram a George que ele teria que deixar o país.

"Em todas as boates, eles costumavam ler um aviso todas as noites dizendo que todas as pessoas menores de 18 anos tinham que ir embora", diz George. "Alguém finalmente percebeu que eu tinha apenas 17 anos, sem visto de trabalho ou residência. Então, tive que ir embora. Tive que ir para casa sozinho. Me senti horrível."

Astrid e Stu o levaram à estação, compraram sua passagem e o colocaram no trem. "Ele estava lá parado", diz Astrid. "O pequeno George, todo perdido. Dei para ele uma sacola de doces e umas maçãs. Ele abraçou a mim e ao Stu, o tipo de demonstração de afeto que eles nunca faziam."

Os outros quatro haviam se mudado para a Top Ten, mas haviam tocado apenas uma noite quando mais problemas apareceram.

"Paul e eu estávamos tirando as nossas coisas do Bambi", diz Pete Best. "John e Stu já tinham levado suas coisas para a Top Ten. Acendemos uma lâmpada para enxergar o que estávamos fazendo e acho que começamos um incêndio. Não foi nada grave, mas a polícia nos manteve na cadeia por três horas, e depois disseram que seríamos deportados também." Restavam apenas John e Stu.

"John apareceu mais ou menos um dia depois na minha casa", diz Astrid. "Ele disse que também estava indo para casa, pois tinham revogado o visto de trabalho dele. Falou que tinha vendido algumas de suas roupas para comprar a passagem."

"Foi horrível", diz John. "Ir para casa sozinho. Coloquei meu amplificador nas costas, morrendo de medo de que alguém fosse roubá-lo. Não tinha pago por ele."

Finalmente, disseram a Stu que ele também teria que ir embora. As verdadeiras razões para todas as deportações, fora a de George, por ele ser obviamente menor de idade, nunca foram esclarecidas. Talvez houvesse um pouco de rivalidade entre as boates.

Stu foi o único que voltou para casa com algum estilo. Ele pegou um avião de volta para Liverpool. Ele estava com uma leve amigdalite e Astrid não queria que ele piorasse durante a longa viagem de volta por terra e mar, então comprou a passagem de avião para ele.

Os outros se arrastaram de volta a Liverpool, cada um no seu próprio passo. O que fora a melhor experiência de suas carreiras até então, havia terminado em tristeza e miséria.

Eles chegaram em casa, um a um ou em pares, sem dinheiro e em farrapos, abatidos e desanimados. Não se viram ou fizeram contato uns com os outros por um tempo. Eles até se perguntaram se os Beatles iriam um dia voltar a existir.

13

Liverpool – Litherland e o Cavern

John chegou em casa de Hamburgo no meio da noite. Ele teve que atirar pedras na janela do quarto de Mimi para que ela se levantasse e o deixasse entrar.

"Ele estava usando umas botas de cowboy terríveis que iam até os joelhos, em dourado e prateado. Ele apenas passou por mim e disse: 'Pague o táxi, Mimi.' Gritei enquanto ele subia a escada: 'Onde estão as suas 100 libras por semana, John?'. 'Típico de você, Mimi, ficar buzinando sobre as 100 libras por semana quando sabe que eu estou cansado', gritou John. 'E você pode se livrar dessas botas. Você não vai sair desta casa com esse tipo de bota.'"

John foi para a cama e ficou em casa por mais de uma semana, não por causa das botas horríveis, mas porque parecia não ter outra alternativa. Cyn, é claro, estava feliz em vê-lo. Ele havia escrito para ela o tempo todo enquanto esteve fora. "As cartas mais sensuais desde Henry Miller", diz John. "Algumas delas tinham quarenta páginas. Você não as jogou fora, jogou?"

George, que havia voltado para casa primeiro, ficou sem saber por um tempo que os outros tinham, eventualmente, o seguido. "Estava com vergonha, depois de nos vangloriarmos tanto quando partimos para Hamburgo. Meu pai me deu uma carona para a cidade numa noite e tive que pedir 10 libras emprestadas para ele."

Paul também estava ficando em casa, e logo teve que enfrentar seu pai. Jim não queria que ele tivesse abandonado a escola e ido para Hamburgo em primeiro lugar, então disse que Paul agora deveria arrumar um emprego, e não ficar por aí sem fazer nada.

"Satanás encontra coisas para mãos ociosas fazerem", Jim dizia a Paul, com grande originalidade, várias vezes ao dia. Paul, que nunca havia sido rebelde por princípio e sempre queria agradar, finalmente cedeu.

"Fui até a agência de empregos. Parecia ser o lugar certo. Eles me arrumaram um emprego como segundo homem em um caminhão. Eu tinha trabalhado nos correios após a escola no Natal anterior, então pensei que devia tentar algo diferente.

"A empresa se chamava Speedy Prompt Delivery – SPD. Eles faziam entregas nos arredores das docas. Pegava o ônibus cedo até as docas e comprava o *Daily Mirror*, tentando ser um rapaz trabalhador de verdade, embora fosse apenas um almofadinha.

"Costumava me sentar na parte de trás do caminhão e ajudar a carregar os pacotes. Ficava tão entediado às vezes que dormia no caminhão quando íamos para lugares como Chester. Trabalhei para eles por umas duas semanas e me senti muito sábio por ter um trabalho e alguns trocados no bolso, mas fui demitido. O período de Natal chegara ao fim e não havia muito o que fazer.

"Meu pai começou a reclamar de novo, as coisas de sempre de que tudo bem eu ser de uma banda, mas que eu nunca iria conseguir construir uma vida com isso. Meio que concordei com ele, mas sempre tinha alguém que dizia que nós tínhamos potencial. Alguns fãs gostavam da gente e nos faziam sentir bem.

"Consegui um outro emprego na Massey e Coggins, enrolando bobinas elétricas. Tinha que usar uma jaqueta protetora para isso. Um camarada me chamava de Mantovani por causa do meu cabelo comprido. Eu tinha que ficar montado nesse guincho e enrolar as bobinas. Sempre me borrava de medo. Enrolava uma bobina e meia por dia, alguns dos outros conseguiam enrolar oito, e até 14. Não era muito bom naquilo.

"No entanto, os intervalos eram ótimos, com sanduíches de geleia e todos os rapazes jogando futebol no que parecia um pátio de exercícios de prisão.

"Na verdade, estou lembrando de tudo agora: eu tinha ido lá para a vaga de varredor do pátio, que eu achava que ia ser suportável. Quando o cara notou que eu tinha alguns GCEs, ele ficou desconfiado, como se eu tivesse uma ficha criminal também. Depois ele decidiu que eu era OK e me deu um emprego melhor, que era o de enrolar as bobinas. Ele disse que, se eu persistisse, me daria bem. Me imaginei fazendo carreira, me tornando um executivo um dia, se realmente me empenhasse.

"Ganhava 7 libras por semana para enrolar bobinas e fazer chá. A banda tinha voltado a tocar, mas não sabia se queria voltar a tocar em tempo integral. Continuei trabalhando, pulando o muro para sessões na hora do almoço, ou não indo trabalhar, dizendo que estava doente. Mas acabei deixando o emprego, no final das contas. Trabalhei lá dois meses ao todo. Até que gostei bastante de ser um homem trabalhador. Conheci um cara, o Albert, e bati bons papos com ele."

"Uma coisa é verdade sobre Paul", diz seu pai, Jim. "Ele sempre deu uma chance a tudo. Não estava interessado de verdade em nenhum dos dois empregos, foi só para me agradar."

Eles voltaram de Hamburgo no início de dezembro de 1960. Ao todo, ficaram provavelmente umas duas ou três semanas sem tocar. Com um pouco de sorte, eles poderiam ter voltado a tocar em uma boate imediatamente, o que teria amenizado a sua volta patética para casa. Enquanto estiveram fora, Allan Williams decidiu construir uma grande boate *beat*,

parecida com as de Hamburgo. Ele já tinha enviado tantas bandas para lá, incluindo Gerry and the Pacemakers, que achou que deveria haver um lugar para elas em Liverpool. Pouco antes de os Beatles chegarem em casa, ele abriu uma nova boate em Liverpool, batizada de Top Ten, como a de Hamburgo, e contratou um gerente chamado Bob Wooler. Contudo, seis dias depois de aberta, ela pegou fogo. Aquele que teria sido o local ideal para os Beatles desapareceu antes mesmo de eles o verem.

O primeiro show pós-Hamburgo acabou sendo no Casbah, o bar da mãe de Pete Best. Eles foram muito bem recebidos por lá, especialmente por um amigo de Pete, Neil Aspinall.

Neil era amigo de Pete há mais ou menos dois anos. Ele estava efetivamente morando no Casbah: tinha saído de casa e ocupado um quarto na casa da Sra. Best. Ele não tinha frequentado a escola com Pete, mas tinha estudado no Institute, começando no mesmo ano que Paul. Ele também conhecia George, ambos haviam tido problemas por serem pegos fumando. Mas ele não tinha sido afetado pela mania de *skiffle*, embora tivesse apoiado as bandas locais. Com um grupo de colegas seus, ele tinha ido dar apoio aos Beatles (ou Moondogs) no Empire, no teste para o Carroll Levis Show, anos antes.

Neil havia deixado o Institute com oito *O Levels* e estava estudando para ser contador. Ele ganhava 2 libras e 10 xelins por semana, além de vale alimentação, e parecia pronto para uma carreira profissional. No começo, muitas de suas noites eram tomadas por cursos por correspondência. "Odiava levar desaforo de um camarada a 500 quilômetros de distância. Era como enviar algo para a lua só para receber merda de volta." Quando ele começou a passar mais tempo no Casbah, seus cursos começaram a desandar, especialmente quando se mudou e passou a viver lá em tempo integral.

"Pete tinha escrito para mim o tempo todo em que esteve em Hamburgo", diz Neil. "Ele disse que estava indo muito bem e que tinha sido convidado a ficar mais um mês, depois outro mês, e então outro.

"Derry e os Seniors tinham voltado de Hamburgo primeiro. Pete tinha mandado eles irem encontrar com sua mãe e ela lhes deu uma noite no Casbah. Eles tinham melhorado muito. E disseram para que as pessoas esperassem até ouvirem os Beatles.

"Quando soube que os Beatles iam definitivamente voltar para casa, escrevi um monte de cartazes dizendo 'A volta dos fabulosos Beatles' e coloquei-os em paredes e portas pela cidade inteira. Nunca os tinha visto tocar com Pete como parte da banda. Não sabia o quanto eles tinham mudado em Hamburgo. Eles podiam ser horríveis agora..."

Contudo, apesar do entusiasmo de Neil, era impossível colocar os Beatles para tocar no Casbah imediatamente. Ninguém parecia saber o que os outros estavam fazendo, ou mesmo se estavam todos de volta. "Demorou uma semana, depois de John ter voltado, para eu descobrir que ele tinha tido que deixar Hamburgo também", diz Pete Best. "Ficamos semanas sem saber o que tinha acontecido com Stu, até meados de janeiro."

Mas a primeira apresentação pós-Hamburgo foi de fato no Casbah, e eles foram muito bem.

"Eles eram ótimos", diz Neil. "Eles tinham melhorado incrivelmente. Começaram a ser chamados para tocar em outros lugares e tinham muitos seguidores. Frank Garner, o camarada que ficava na porta do Casbah, começou a levá-los para os lugares em sua van. Os vi bastante a partir de então, já que o Casbah era a base para os seus amplificadores e equipamento. Rory Storm também voltou de Hamburgo e tocou no Casbah. Era uma grande cena."

Mas o compromisso mais importante depois de Hamburgo aconteceu em 27 de dezembro de 1960, no Litherland Town Hall. Se é possível dizer que qualquer apresentação foi um divisor de águas, foi essa. Todo o seu desenvolvimento, todos os seus novos sons e canções, tudo isso de repente atingiu Liverpool naquela noite. Seus fãs do Casbah foram para Litherland e ajudaram a fazer daquela noite um sucesso. A partir de então, no que diz respeito a ter fãs devotos e fanáticos os seguindo, aquilo nunca parou.

Eles devem aquela apresentação a Bob Wooler, que estava prestes a se tornar DJ do Litherland Town Hall. Ele havia trabalhado como balconista da British Railways até a era *skiffle* começar – não estava envolvido naquilo pessoalmente, tendo naquela época quase 30 anos, mas ficou fascinado com o desenvolvimento da cena. "Era incrível ver adolescentes fazendo sua própria música pela primeira vez, se tornando artistas."

A ideia de ter uma boate Top Ten em Liverpool, o que teria significado uma grande chance para ele, assim como para os Beatles, havia morrido. "Eles estavam com muita pena de si mesmos. Sabia da capacidade deles, mas eles estavam realmente para baixo na época. George ficou muito amargurado com a forma como a viagem para Hamburgo tinha acabado."

Ele conseguiu marcar para eles uma apresentação no Litherland Town Hall. Era um grande salão, usado regularmente, duas vezes por semana, para bailes de adolescentes. Foi o maior salão em que eles haviam tocado até então. Sua música alta, barulhenta e impactante de Hamburgo causou literalmente um motim, o primeiro que provocaram. Eles também receberam 6 libras pela noite, seu melhor salário até então.

"A garotada enlouqueceu", diz Pete Best. "Depois, descobrimos que eles tinham rabiscado a nossa van. Foi a primeira vez que aquilo aconteceu."

Eles foram listados no programa, naquela noite, como "Os Beatles, direto de Hamburgo". Muitas das crianças que causaram o motim naquela noite, e em muitas outras noites, acharam que eles eram alemães. Quando um deles assinava cadernos de autógrafos ou conversava com os fãs, todos diziam com surpresa: "Você fala bem inglês."

"Devíamos parecer alemães também", diz George. "Nós éramos muito diferentes das outras bandas, com nossas calças de couro e botas de *cowboy*. Tínhamos uma aparência engraçada e tocávamos de forma diferente. Fomos um estouro."

“Foi naquela noite que nós realmente desabrochamos e nos deixamos levar”, diz John. “Descobrimos que éramos bem famosos. Essa foi a primeira vez em que começamos a pensar que éramos bons. Até Hamburgo, achávamos que éramos ok, mas não bons o suficiente.”

Não foram apenas os Beatles que mudaram nessa época. Também ocorreram mudanças importantes na Grã-Bretanha enquanto eles estiveram fora. Todas as bandas estavam tentando enlouquecidamente ser como o grupo Shadows.

O sucesso de Cliff Richard tinha levado a Shadows, sua banda de acompanhamento com Jet Harris, Tony Meehan, Bruce Welch e Hank Marvin, a ser bem-sucedida por mérito próprio. Seu álbum instrumental, *Apache*, tinha tomado o país. Todas as bandas estavam copiando seu visual sombrio, terrivelmente arrumado de ternos cinza, gravatas combinando e sapatos polidos. Eles faziam pequenos passos de dança, três para um lado e três para o outro. Em sua aparência, bem como em sua música, era tudo arrumado, polido e contido.

Os Beatles, por outro lado, tocavam alto e de forma selvagem, e pareciam sujos e desorganizados, com um quê de primitivo. Eles continuaram com seu estilo rock, que estava na moda quando deixaram Liverpool, mas que agora estava morrendo. De fato, eles se tornaram ainda mais rock, acrescentando batidas extras, volume e selvageria no *mak showing* no palco. Tinham efetivamente criado seu próprio som. Um som que estava a anos-luz de distância dos discretos Shadows. Um som do qual você tinha que fugir, tapando os ouvidos, ou que fazia você ficar tão selvagem e em êxtase quanto as pessoas o produziam.

“Foi Hamburgo que causou isso”, diz John. “Foi lá que realmente nos desenvolvemos. Para fazer com que os alemães se entusiasmassem e manter aquilo por 12 horas por dia, nós realmente tínhamos que dar porrada. Nunca teríamos nos desenvolvido tanto se tivéssemos ficado em casa. Tivemos que tentar qualquer coisa que vinha nas nossas cabeças em Hamburgo. Não havia ninguém para copiar. Tocávamos aquilo de que mais gostávamos. Os alemães gostavam de qualquer coisa, desde que tocássemos bem alto.

“Mas foi só de volta a Liverpool que percebemos a diferença e vimos o que tinha acontecido conosco enquanto todo mundo estava tocando as merdas do Cliff Richard.”

Sua paixão e suas personalidades marcantes, que eram contagiantes e impactavam a plateia, também ajudaram. Eles tinham um som novo, que estava sendo produzido por pessoas que eram como o público de Liverpool: naturais, sem afetação, ásperos, sem firulas, nem um pouco show business.

Bob Wooler, que logo deixou de ser o DJ do Litherland e passou a ser o DJ do Cavern, foi um dos primeiros a correr e publicar sua análise dos Beatles. Isso apareceu apenas seis meses depois, no verão de 1961, no jornal *beat* local de Merseyside. Ele resume aquele período inicial de 1961, quando eles atingiram Liverpool pela primeira vez, depois do show no Litherland Town Hall, e bem antes de eles terem qualquer tipo de publicidade ou promoção na mídia:

"Por que você acha que os Beatles são tão populares? Eles ressuscitaram a música rock'n'roll original, cujas origens encontram-se em cantores negros americanos. Eles atingiram a cena quando ela tinha sido castrada por figuras como Cliff Richard. A energia que inflamava as emoções havia sumido. Os Beatles explodiram numa cena já cansada. Os Beatles eram aquilo de que eram feitos os gritos. Aqui estava a emoção, tanto física quanto auditiva, que simbolizava a rebelião da juventude.

"Essencialmente um grupo vocal, quase nunca instrumental, eles eram independentes, tocando aquilo de que gostavam apenas por diversão, elogios e dinheiro. Privilegiados por terem ganhado prestígio e experiência em Hamburgo. Musicalmente autoritários e fisicamente magnéticos, a exemplo de seu baterista mau, mal-humorado e magnífico, Pete Best – uma espécie de Jeff Chandler adolescente. Eles têm uma notável variedade de vozes talentosas, mas, quando falam, possuem a mesma ingenuidade no tom. Revolucionários rítmicos. Uma apresentação que, do princípio ao fim, é uma sucessão de momentos de clímax. Um culto de personalidades. Aparentemente sem ambição, ainda oscilando entre autoconfiantes e vulneráveis. Verdadeiramente um fenômeno – e também uma situação difícil para os promotores de eventos! Assim são os fantásticos Beatles. Não acho que nada parecido acontecerá novamente."

No Ano-Novo de 1961, outras apresentações em grandes salões de baile sucederam seu sucesso no Litherland Town Hall. Na maioria dos lugares, os shows terminavam em tumulto, especialmente quando Paul cantava "Long Tall Sally", número de rock padrão, mas tocado com batida e emoção tremendas. Eles estavam começando a perceber o efeito que podiam ter sobre o público e, muitas vezes, tiravam o máximo de proveito até que as coisas saíssem do controle. Paul diz que alguns dos primeiros salões eram aterrorizantes. "No Grosvenor Ballroom, em Wallasey, às vezes havia uns cem rapazes de Wallasey prontos para brigar com outros cem rapazes, esses de Seacombe, quando as coisas começavam a esquentar. Uma noite, eles começaram a brigar antes de eu me dar conta do que estava acontecendo, e tentei salvar o meu amplificador. Era um El Pico, meu bem mais precioso na época. Um *ted* me agarrou e disse: 'Não se mexa, cara, ou você está morto.' O Hambledon Hall era outro lugar onde sempre ocorriam brigas. Eles usaram os extintores de incêndio uns nos outros numa noite lá. Quando tocávamos 'Hully Gully' normalmente as brigas acabavam."

A maioria dos salões de baile contratava inúmeros seguranças para acabar com qualquer tipo de problema. Tais seguranças também começaram a ser usados para outros propósitos.

"Eu me lembro de um salão em que tocamos com tanta gente que achamos que deveria ter outros promotores de eventos por lá, de modo que conseguiríamos mais trabalho", diz John. "O que não sabíamos era que a gerência tinha dito para vários seguranças barrarem qualquer

promotor que estivesse tentando chegar perto de nós. Então, ninguém veio falar conosco, exceto um cara que disse ter gostado de nós e que nos daria uma longa série de shows por 8 libras por noite. Eram uns dois contos a mais do que nós estávamos ganhando, então ficamos satisfeitos."

Eles podiam ter ganhado muito mais dinheiro a partir de 1961, porque eles estavam sendo muito procurados e, muito gradualmente, foram se equiparando a Rory Storm (o Sr. ShowMaker, como o chamavam) como principal grupo de Liverpool. Mas eles não tinham um empresário e realmente não tinham noção do que estava acontecendo com eles. "Demorou um tempo para percebermos o quão melhores que os outros grupos havíamos nos tornado", diz George. "Então, começamos a ver que estávamos recebendo grandes multidões em todos os lugares. As pessoas estavam nos seguindo, vindo nos ver, não apenas vindo dançar."

Eles ainda implicavam com Stu e Pete Best, mas não havia brigas sérias como em Hamburgo. Em vez disso, costumavam discutir sobre o melhor lugar da van depois de um show, ou brigar por comida. Frequentemente, discutiam sobre quem ia dirigir, porque achavam que o motorista sempre tinha o melhor lugar, em vez de ficar espremido com todo o equipamento.

"Esse tipo de bate-boca era geralmente entre George e eu, já que tínhamos mais ou menos a mesma idade", diz Paul. John era mais velho e o líder nato. George e eu ficávamos cheios de picuinha, discutindo sobre quem iria dirigir. Mais tarde, quando tínhamos nossa própria van, eu corria para pegar as chaves e sentar no banco do motorista primeiro. George entrava na van e dizia: 'Ei, achei que eu ia dirigir. Você dirigiu ontem à noite.' Eu dizia: 'Bom, achou errado, né não?'"

O sucesso deles nos vários salões de baile de Merseyside naturalmente levou a que lhes fosse oferecido um lugar próprio, onde eles poderiam ser a banda residente, onde seus fãs saberiam que poderiam vê-los sempre. Esse lugar, graças a Bob Wooler, era o Cavern Club. Eles tinham superado o Casbah, que ficava longe do centro principal de Liverpool e era realmente um bar local pequeno.

O Cavern foi durante muito tempo o principal bar de música ao vivo no centro de Liverpool, mas era então basicamente um reduto do jazz. Mesmo na época em que o artigo de Bob Wooler, citado anteriormente e escrito no verão de 1961 veio a público, o Cavern ainda era anunciado, em outra página da mesma edição, como um clube de jazz, embora naquele momento estivesse sendo dominado por grupos *beat*, particularmente pelos Beatles.

O Cavern fica no número 8 da Mathew Street. Trata-se de uma alameda estreita no centro de Liverpool, na esquina de Whitechapel, onde a NEMS, a principal loja de discos da cidade, está situada. Fica a alguns quarteirões do prédio do *Liverpool Echo* e não muito longe do Pier Head.

Muitos dos edifícios em Mathew Street são armazéns de frutas. A rua está sempre cheia de lixo, bagunçada e com cheiro de frutas e legumes apodrecendo. Ao longo do dia e cedo pela manhã, há caminhões parados descarregando. Você tem que descer 17 degraus para entrar no Cavern. É o porão do que um dia foi uma adega. Ainda se parece muito com uma adega: escuro, estreito, com colunas abobadadas altas. Não parece haver nenhuma ventilação de qualquer espécie, até mesmo hoje, depois de ter sido reformado e transformado num bar-restaurante.

Ray McFall, um ex-contador, havia assumido o Cavern em 1959, e o operava como bar de jazz. Johnny Dankworth, Humphrey Lyttleton, Acker Bilk, Chris Barber, todos tocaram lá. No entanto, as sessões passaram a ser oferecidas cada vez mais às crescentes bandas *beat*.

A partir de janeiro de 1961, depois que os Beatles retornaram de Hamburgo, eles tocaram regularmente no Cavern, alternando a princípio com a Swinging Bluejeans, que tinha sido antes a banda de semijazz residente deles.

"De janeiro de 1961 a fevereiro 1962, eu introduzi os Beatles no Cavern Club 292 vezes", diz Bob Wooler. "Pela primeira sessão na hora almoço, eles ganharam 5 libras. Pela última, receberam 300."

Isso não só mostra o quanto Bob Wooler deve ter ficado impressionado com eles, para se dar o trabalho de contar quantas vezes exatamente eles tocaram, mas também o quanto eles estavam trabalhando.

"Provavelmente amávamos o Cavern mais do que qualquer coisa", diz George. "Era fantástico. Nunca perdíamos nossa identificação com o público em nenhum momento. Nunca ensaiávamos nada, não éramos como as outras bandas, que ficavam copiando os Shadows. Estávamos tocando para os nossos fãs, que eram como nós. Eles vinham na hora do almoço nos ouvir tocar e traziam seus sanduíches para comer. Fazíamos o mesmo, comíamos o nosso almoço enquanto tocávamos. Era simplesmente espontâneo. Tudo aquilo apenas acontecia."

"Era, na verdade, uma pocilga", diz a Sra. Harrison. "Não tinha ventilação nenhuma. O suor escorria deles e das paredes sobre os amplificadores, que entravam em curto. Eles continuavam tocando mesmo assim, cantando sozinhos. John costumava gritar certas coisas para a plateia. Todos gritavam. Eles os mandavam calarem a boca. Mas George nunca falava nada, nem sorria. As garotas estavam sempre me perguntando por que ele parecia tão sério. Ele costuma dizer: 'Eu sou o guitarrista principal. Se os outros cometerem um erro por ficarem fazendo palhaçada, ninguém nota, mas eu não posso errar.' Ele era muito sério com a sua música e seu dinheiro. Sempre queria saber quanto eles iam receber."

A Sra. Harrison, como sempre, era uma de suas fãs mais devotas. Não apenas os seguindo, mas levando consigo parentes e amigos. Ela estava no Cavern naquele dia, antes de eles irem para Hamburgo, quando a tia Mimi de John entrou, determinada a puxar John pela orelha para fora.

“Eu a vi saindo”, diz a Sra. Harrison. “‘Eles não são ótimos?!’, gritei para ela. Ela se virou para mim e disse que estava feliz por alguém achar isso.

“Encontrei Mimi algumas vezes depois disso. Ela sempre dizia que teríamos todos levado vidas lindas e calmas se eu não os tivesse encorajado.”

Todos que os viram tocar no Cavern se lembram principalmente de suas performances improvisadas. Os Shadows não tinham apenas influenciado a forma como as outras bandas tocavam, mas como entravam e saíam do palco, assim como o modo de introduzir cada número. Os Beatles simplesmente faziam o que queriam. Quando algo dava errado, outras bandas iam correndo para os bastidores, fazendo aquela coisa bem show business, até que alguém consertasse o fusível. O que os Beatles faziam era fazer com que todos cantassem “Coming Round the Mountains” ou alguma música brega desse tipo.

A Sra. Harrison aprovava tudo aquilo. Mimi, não. Já Jim McCartney estava começando a aprender a tolerar a situação.

Ele costumava passar seu horário de almoço em lugares como o Cavern, nos pubs e cafés do Cotton Exchange, conversando com potenciais compradores. Isso pode fazer com que seu trabalho pareça melhor do que era. Ele ainda era um vendedor de algodão comum, ganhando menos de 10 libras por semana e tendo dificuldade em fazer as contas fecharem. Michael, irmão de Paul, também trabalhava a essa altura, mas não estava indo muito bem. Ele não tinha conseguido entrar para a Escola de Artes e, depois de uma série de trabalhos sem futuro, estava treinando para ser cabeleireiro.

“Frequentemente ia para o Cavern na hora do almoço”, diz Jim. “Eles deviam te pagar pelo risco que era entrar lá. Fedia a suor. Quando Paul voltava para casa do Cavern, eu torcia sua camisa em cima da pia e suor escorria dela.

“Os jovens também eram terríveis, brigando uns com os outros para chegar mais para frente, ou desmaiando com a emoção e o calor. Eu via Paul e os outros no palco, parecendo que um caminhão tinha passado em cima deles. Tentava passar pelos jovens, mas nunca conseguia. Então, costumava ir para o pequeno camarim deles e esperar até que saíssem do palco.”

Ele não estava esperando para pegar um autógrafo, mas queria ver Paul. Como pai viúvo, cozinheiro, faxineiro e lava-pratos de Paul e Michael, ele tinha que fazer compras para o jantar na hora do almoço.

“Eu tinha que ir no Cavern para dar a Paul as linguiças e costeletas, ou o que quer que fosse. Estava sempre com muita pressa e só tinha tempo para empurrar os fãs para o lado e entregar a carne para ele.

“‘Agora não se esqueça, filho’, eu dizia. ‘Põe isso no forno elétrico, a 220º, quando você chegar em casa.’”

14

Passando o tempo – Liverpool e Hamburgo

O sucesso deles como fenômeno local estava garantido quando os dias no Cavern começaram. Depois de quase cinco anos de palhaçada, eles tinham finalmente criado um show original e adquirido seguidores devotos em Liverpool.

Contudo, durante o ano seguinte, na maior parte de 1961, nada realmente dramático aconteceu. Eles melhoravam o tempo todo e seus seguidores locais aumentavam de número e se tornavam mais fanáticos. Eles visitaram Hamburgo novamente, a primeira de várias visitas, e seu sucesso por lá continuava. Mas agora eles haviam entrado em uma viela de sucesso local e pareciam destinados a tocar para sempre em Liverpool ou Hamburgo. Ninguém mais estava interessado neles.

Sua segunda viagem para Hamburgo começou em abril de 1961, época em que George completou 18 anos. Peter Eckhorn, gerente da Top Ten Club, e Astrid os ajudaram a obter todas as autorizações de trabalho adequadas. Peter Eckhorn ainda tem o contrato. Nele consta que eles iriam tocar todas as noites de sete às duas da manhã, exceto sábados, quando tocariam até as três. "Depois de cada hora tocada, haverá um intervalo de não menos que 15 minutos."

A Top Ten era maior e não tão barra-pesada como as duas outras boates em que eles tinham tocado antes. Tinha acomodações, decoração e públicos melhores. Havia ainda mais *exis* na plateia gritando por eles agora, muitos deles fotógrafos que se deitavam no chão na frente do palco, tentando obter ângulos inusitados dos Beatles, e gritando: "Mais suor, por favor, mais suor!"

Astrid encontrou com eles na estação de trem – estavam viajando com um pouco mais de estilo dessa vez – vestida com um terno de calça todo de couro. Anteriormente, ela usara uma jaqueta de couro, que eles tinham copiado, embora a usassem com seus jeans e botas de *cowboy*. Stu ficou muito impressionado e pediu que ela fizesse um terno de couro igual para

ele. Os outros queriam um também, mas os que eles mandaram fazer eram tão baratos que se rasgaram praticamente na mesma hora em que os vestiram.

Foi nessa época que Astrid conseguiu dizer para Stu que ela não gostava de seu penteado oleoso de *teddy boy*. Ela lhe disse que ficaria bem com o estilo de corte que Klaus e Jurgen tinham. Depois de muita persuasão, Stu a deixou cortar o cabelo dele num estilo especialmente criado para ele. Ela escovou tudo para baixo, cortou uns pedaços e então arrumou tudo.

Stu apareceu na Top Ten naquela noite com seu cabelo no estilo novo, e os outros caíram no chão, gargalhando. No meio do show, ele desistiu e penteou o cabelo para cima. No entanto, graças a Astrid, ele tentou novamente na noite seguinte. Foi ridicularizado de novo, mas, na outra noite, George apareceu com o mesmo estilo. Em seguida, Paul mudou seu penteado, ainda que por muito tempo sempre voltasse para o velho estilo, já que John ainda não tinha decidido o que fazer. Pete Best ignorou toda aquela mania. Mas o penteado dos Beatles havia nascido.

Astrid continuou a influenciá-los de outras maneiras, como com os ternos sem lapela. Ela tinha feito um para si mesma, que Stu admirava, e por isso fez um para ele, apesar das piadas do resto do grupo. "O que você está fazendo com esse terno de mãe, Stu?"

Durante essa segunda viagem a Hamburgo, todos estavam um pouco mais selvagens, tomando pílulas estimulantes (todos exceto Pete Best) para conseguirem tocar nas sessões noturnas. "Mas nunca saiu do controle", diz Astrid. "Nem a bebida. Eles quase não bebiam, só de vez em quando."

John ainda praticava pequenos furtos, quando o impulso tomava conta dele. Astrid diz que era ótimo, mesma frase que Pete Shotton, amigo de John de escola, havia usado.

"É como o John era", diz Astrid. "Todo mundo sente vontade de fazer certas coisas às vezes, mas é claro que não faz. John de repente esfregava as mãos e dizia: 'Já sei, vamos roubar agora.' Era divertido. Você não podia ficar chocado. A ideia entrava na cabeça dele de repente, então ele fazia algo com ela. Então não fazia aquilo de novo durante semanas. John não fica com as coisas na cabeça por muito tempo, como Paul fica."

John ainda desenhava suas charges antirreligião – desenhando Cristo na cruz usando pantufas – e se envolvia em outras artimanhas adolescentes. Certa vez, colocou um colarinho de padre de papel, cortou uma cruz de papel e foi para uma janela da boate pregar, com um sotaque indiano tipo Peter Sellers, para a multidão embaixo.

Eles gravaram seu primeiro disco durante essa viagem, embora Allan Williams os tivesse feito gravar um disco demo na sua primeira viagem a Hamburgo. Aquilo não tinha dado em nada e apenas cinco cópias foram feitas. Dessa vez, eles foram convidados a fazer o apoio de Tony Sheridan, o cantor da Top Ten. "Quando recebemos a proposta, pensamos que seria fácil. Os alemães tinham discos de merda. O nosso estava fadado a ser melhor. Tocamos cinco de

nossos próprios números, mas eles não gostaram. Eles preferiam coisas como 'My Bonnie Lies Over the Ocean'."

Bert Kaempfert, líder da orquestra alemã e gerente de A&R*, fez a gravação. Nos registros, como banda de apoio de Tony Sheridan, eles foram chamados de The Beat Boys. Achavam que o nome Beatles era muito confuso.

Apenas quatro deles se envolveram nesse disco. Pete Best ainda estava lá. Ele diz que achava que estava indo bem. Ele tinha tido uma briga com Tony Sheridan, mas foi só isso.

Stu Sutcliffe, no entanto, tinha deixado a banda. "Nós éramos horríveis com ele às vezes", diz John. "Especialmente Paul, sempre implicando com ele. Costumava explicar para ele depois que nós não desgostávamos dele de verdade."

Eles se sentiam um pouco culpados pela forma como tinham tratado Stu, mas esse não era o motivo pelo qual ele estava saindo da banda. Ele tinha decidido ficar em Hamburgo, se casar com Astrid e voltar a estudar artes. Ele se matriculou na Escola de Artes, graças a um professor visitante proeminente, Eduardo Paolozzi, o escultor escocês. Ele ainda conseguiu para Stu uma bolsa oficial da cidade de Hamburgo.

Stu ainda gostava da música dos Beatles, mas sentia que era melhor nas artes plásticas do que no baixo. Paul claramente sabia tocar muito melhor. Seria melhor que ele assumisse o baixo, o que ele fez. Depois que saiu da banda, Stu ficou mais amigo deles do que jamais tinha sido. Todos perceberam como suas pequenas querelas tinham sido sem sentido.

Em julho de 1961, os quatro Beatles voltaram para Liverpool, deixando Stu em Hamburgo. Ele foi bem na Escola de Artes. "Ele tinha bastante energia e era muito inventivo", diz Paolozzi. "Ele emanava potencial. Tinha o tipo certo de sensibilidade e arrogância para ter sucesso."

Os Beatles fizeram um show de boas-vindas especial quando chegaram a Liverpool com outra banda proeminente que conheciam há muito tempo, Gerry and the Pacemakers. Eles tocaram os instrumentos uns dos outros ou objetos bobos, como um papel e um pente. Eles se anunciaram como os Beatmakers, uma piada interna que todos os fãs podiam apreciar.

Os Beatles ainda tinham sorte de estar ganhando 10 libras por semana cada um, mas o culto *beat* tinha chegado a Liverpool. O sinal mais evidente de sua existência foi o nascimento de um jornal totalmente dedicado às bandas *beat*. Esse era o *Mersey Beat*, no qual Bob Wooler escreveu o artigo sobre os Beatles, citado anteriormente. Sua primeira edição saiu no dia 6 de julho de 1961. Continha fofocas sobre as bandas principais, como Gerry and the Pacemakers e Rory Storm e os Hurricanes, banda da qual Ringo Starr era baterista. Essas pareciam ser as duas bandas principais. Os Beatles vinham depois deles em popularidade, a julgar pelas primeiras edições. Mas forneceram a única matéria com um pouco de humor da primeira edição, quando John foi convidado a falar um pouco sobre sua história:

Mersey Beat, *6 de julho, 1961*
SENDO UM CURTO DESVIO
NA ORIGEM DUVIDOSA DOS BEATLES
Traduzido do John Lennon

Era uma vez três meninos chamados John, George e Paul, ou assim haviam sido batizados... Eles decidiram se juntar, porque eram do tipo que se junta. Quando estavam juntos, eles se perguntaram para que afinal de contas, para quê? Então, de repente, todos eles cresceram guitarras e formaram um barulho. Curiosamente, ninguém estava interessado, muito menos os três homens pequenos. E-e-e-então, ao descobrirem um quarto homenzinho ainda menor chamado Stuart Sutcliffe correndo ao redor deles, eles disseram, citação: 'Filho, pega um baixo e você vai ficar bem' e ele pegou – mas ele não estava bem, porque ele não conseguia tocá-lo. Então eles se sentaram sobre ele com conforto até que ele conseguisse tocar... Ainda assim não havia nenhuma batida, e um homem de meia-idade gentil, disse, citação: 'Tu não tens bateria!' Nós não tínhamos bateria!, eles exaltaram. Então uma série de baterias veio e se foi e veio.

De repente, na Escócia, em turnê com Johnny Gentle, o grupo (chamado Beatles chamado) descobriu que não tinha um som muito bom – porque não tinham amplificadores. Eles conseguiram alguns. Muitas pessoas perguntaram o que são Beatles? Por que Beatles? Uh... Beatles, como esse nome surgiu? Então, vamos te contar... Ele veio em uma visão – um homem apareceu numa torta flamejante e disse para eles: 'De hoje em diante vocês são os Beatles com um A no meio'. Obrigado, Senhor Homem, eles disseram, agradecendo a ele.

E, em seguida, um homem com uma barba cortada disse: 'Vocês querem ir para a Alemanha (Hamburgo) e tocar rock poderoso para os camponeses por dinheiro?' E dissemos que iríamos tocar poderoso qualquer coisa por dinheiro.

Mas, antes que pudéssemos ir, tivemos que crescer um baterista, então nós crescemos um em West Derby em um clube chamado Alguns Casbah, e seu problema era Pete Best. Falamos 'Olá, Pete, venha para a Alemanha!' 'Sim!' Zoooooom. Depois de alguns meses, Peter e Paul (que é chamado McArtrey, filho de Jim McArtrey, seu pai) incendiaram um Kino (cinema) e a polícia alemã disse que 'Maus Beatles, vocês têm que ir para casa e incendiar seus cinemas ingleses'. Zooooooom, metade da banda. Mas, mesmo antes disso, a Gestapo tinha levado embora o meu amiguinho George Harrison (de Speke) porque ele tinha apenas 12 anos e era jovem demais para votar na Alemanha, mas, depois de dois meses na Inglaterra, ele fez 18 anos, e os Gestapos disseram: 'Você pode vir.' Então, de repente, todos de volta à aldeia de Liverpool, que tinha muitos grupos tocando em ternos

cinza, e Jim disse: 'Por que vocês não têm ternos cinza?' 'Nós não gostamos deles, Jim', dissemos falando com Jim. Depois de tocar nos clubes por pouco tempo, todo mundo disse: 'Vão para a Alemanha!' Então nós fomos Zoooooom. Stuart foi. Zoom zoom John (de Woolton) George (de Speke) Peter e Paul zoom zoom. Todos se foram.

Obrigado, membros do clube, de John e George (o que são amigos).

As piadas e os erros deliberados no artigo de John foram reproduzidos muitas vezes nos anos seguintes. A capa inteira da segunda edição do *Mersey Beat* era sobre seu contrato de gravação alemão. Eles usaram uma das fotografias de Astrid, uma deles cinco, tirada na lateral do trilho do trem em Hamburgo. Na legenda, Paul ainda é chamado de 'Paul MacArthy'. Na mesma edição, havia algumas notas de moda escritas por uma mulher chamada Priscilla, em que ela dizia que 'o cinza era agora a cor para se usar à noite'. Essa era Cilla Black, então datilógrafa, menina do vestiário por meio período e cantora ocasional no Cavern.

Os Beatles eram agora o principal grupo do Cavern, mas ainda estavam usando o Casbah Club, casa de Pete Best, como sua sede. A Sra. Best tinha expandido como promotora de eventos de dança, embora o Casbah ainda fosse seu principal interesse. "A maioria das pessoas se referia a eles como Pete Best e os Beatles", segundo ela. Pete tomou para si a responsabilidade de agendar shows, com a ajuda de sua mãe, e tentou organizá-los.

O Casbah se tornou ainda mais sua base quando Neil Aspinall, amigo de Pete, que ainda estava morando lá, comprou uma van velha por 80 libras e começou a levar os Beatles para seus compromissos em Merseyside. Ele ganhava cinco centavos de cada um deles por cada sessão. "As noites se tornaram uma chatice. Eu os levava para algum lugar, voltava para casa, estudava um pouco, e então ia buscá-los. Comecei a pensar: o que estou fazendo? Ainda estava ganhando apenas 2 libras e 10 xelins por semana como contador, mas podia ganhar 3 libras por três sessões na hora do almoço no Cavern. Então, em julho, deixei o trabalho definitivamente."

Neil tornou-se seu *road manager* [organizador e supervisor de turnê de um músico ou banda], o que ele ainda é, embora odeie o termo. Era sua tarefa buscar Pete e todo o equipamento no Casbah, e, em seguida, levá-los para onde iam tocar.

"Eles estavam começando a causar tumultos em todos os lugares", diz Neil. "A garotada começava a se entusiasmar e, em seguida, os *teds* tentavam destruir o lugar. John uma vez quebrou o dedo numa briga no banheiro."

Contudo, apesar de seus muitos fãs e do fato de que em algumas semanas eles estavam ganhando até 15 libras, dos quais eles agora tiravam o salário de Neil, nada estava realmente

acontecendo. Londres parecia ser o único lugar de onde cantores pop vinham, ou pelo menos o único lugar onde eles poderiam fazer seu nome.

O *Mersey Beat* os estava honrando e vendendo muitas cópias, e Pete Best estava se esforçando para organizá-los, mas, por estarem na estrada sempre, eles perdiam muitas possíveis apresentações. Eles não pareciam se preocupar em marcar shows de qualquer maneira, zombando de qualquer promotor que estivesse interessado neles. A essa altura, eles tinham rompido com Allan Williams, que havia conseguido seus primeiros shows em Hamburgo. Ele diz que, durante a segunda viagem deles para Hamburgo, parou de receber a comissão que lhe era de direito. Eles dizem que conseguiram a Top Ten por conta própria e, portanto, não achavam que deviam lhe pagar uma porcentagem de seus ganhos. Houve uma briga, embora eles tenham voltado a ser amigos mais tarde. "Senti que eles haviam me decepcionado, depois de tudo o que tinha feito por eles. Sei o que perdi. Acho que poderia ter tentando segurá-los, mas não sou um homem de negócios de verdade. Só estava fazendo aquilo por diversão." Nenhum outro empresário ou agente estava interessado. Eles não estavam ganhando o suficiente para atrair empresários comuns e, também, não eram o tipo de caras limpos, arrumados, bem-educados que os empresários procuravam.

Eles passavam a maior parte de seu tempo, entre as sessões vespertinas e noturnas, andando por Liverpool, sentados em cafés ou em lojas de discos, ouvindo música de graça. Estavam sempre duros. Danny English, gerente do Old Dive, um pub (que não existe mais) perto do Cavern, se lembra deles enrolando com um copo de cerveja escura por horas. Ele lhes disse um dia que já era hora de pagarem uma bebida para a garçonete.

"Depois de muita discussão, eles me perguntaram o que ela estava bebendo. Eu disse *stout*. Eles perguntaram quanto custava. Depois de mais discussão, compraram uma Guinness para ela."

Danny English tentou que outro freguês seu os ajudasse. Esse era George Harrison, nenhuma ligação com o nosso George Harrison, que escrevia uma coluna no *Liverpool Echo* há tanto tempo que parecia estar lá há séculos. Mas ele não fez nada. Havia tantas bandas competindo por sua atenção, e os Beatles pareciam os mais desarrumados de todos.

Eles foram ficando cada vez mais deprimidos com a falta de progresso. Todos os pais, exceto a Sra. Harrison e a Sra. Best, continuavam em cima de seus filhos para que eles desistissem da banda e encontrassem empregos de verdade.

"Sabia que John sempre seria um boêmio", diz Mimi. "Mas queria que ele tivesse algum tipo de emprego. Aqui estava ele com quase 21 anos, depois de ter jogado fora sua chance na Escola de Artes, se apresentando em lugares idiotas por 3 libras por noite. Qual era o sentido disso?"

Quando John estava prestes a completar 21 anos, em setembro de 1961, ele ganhou de presente de sua tia de Edimburgo algum dinheiro e decidiu, no calor do momento, ir para Paris

com Paul. George e Pete Best ficaram naturalmente muito magoados por terem sido excluídos. "Ficamos de saco cheio", diz John. "Tínhamos apresentações marcadas, mas quebramos o contrato e fomos viajar."

Em Paris, eles encontraram com Jurgen Vollner, um de seus amigos de Hamburgo. Foi durante essa visita a Paris, em que eles passaram a maior parte do tempo nas boates até não terem mais dinheiro, que John finalmente escovou o cabelo para frente.

"Jurgen também vestia calças boca de sino", diz John. "Mas achamos que isso seria considerado muito bicha em Liverpool. Não queríamos parecer femininos ou qualquer coisa do tipo, porque o nosso público em Liverpool ainda tinha um monte de caras. Tocávamos rock, vestidos com couro, embora as baladas de Paul estivessem trazendo mais e mais meninas."

John ficou sabendo através de Stu que Jurgen estava em Paris. Apesar de Stu tê-los deixado para estudar arte em Hamburgo, ele e John enviavam longas cartas um para o outro.

No começo as cartas eram cheias de piadas e histórias idiotas, do tipo que John tinha escrito quando criança, quando tinha feito aqueles pequenos cadernos. "Tio Norman acabou de dirigir por seu bigode." "P.S.: Maria da Escócia era negra."

Ele mandava para Stu qualquer boa notícia sobre o progresso da banda, como um fã-clube dos Beatles ter finalmente sido criado em Liverpool (Rory Storm já tinha um). Mas as cartas logo ficaram cheias de decepções e reclamações. "É tudo uma merda. Alguma coisa vai acontecer, mas quando?"

John passou a incluir mais de seus poemas sérios, do tipo que ele nunca tinha mostrado a Mimi. Eles geralmente terminavam com obscenidades ou dúvidas sobre si mesmo. Ele enchia suas cartas para Stu com eles, quando não conseguia pensar em mais nada para escrever.

I remember a time when
Everyone I loved hated me
Because I hated them.
So what, so what, so
Fucking what.

I remember a time when
Belly buttons were knee high
When only shitting was
Dirty and everything else
Clean and beautiful.

I can't remember anything
without a sadness
So deep that it hardly
becomes known to me.
So deep that its tears
leave me a spectator
of my own stupidity.
And so I go rambling on
With a hey nonny nonny no.

[Me lembro de um tempo quando
Todo mundo que eu amava me odiava
Porque eu os odiava.
E daí, e daí, e
daí.

Me lembro de um tempo quando
Umbigos eram da altura do joelho
Quando só cagar era
Sujo e todo o resto era
Limpo e lindo.

Não consigo lembrar de nada
sem uma tristeza
Tão profunda que dificilmente
a compreendo.
Tão profunda que se rasga,
me deixando como espectador
da minha própria estupidez.
E então eu sigo divagando
Com um ei nan nan ni nan não.]

Stu, em Hamburgo, enchia suas cartas com o mesmo tipo de lamentos e angústias, só que as suas começaram a ser muito piores do que as de John. Stu escrevia suas cartas como se fosse

Jesus. John, pensando no início que era tudo uma brincadeira, fingiu ser João Batista.

Um dia, no final de 1961, Stu desmaiou na Escola de Artes em Hamburgo e foi levado para casa. "Ele vinha tendo muitas dores de cabeça, mas achamos que era por estar trabalhando muito na escola", diz Astrid.

Stu voltou no dia seguinte para a escola, mas, em fevereiro de 1962, aconteceu de novo. Ele desmaiou, foi trazido de volta para a casa de Astrid e levado para o seu quarto. Desta vez, ele ficou lá. Ele escrevia longas cartas de trinta páginas para John, fazia desenhos e pinturas intermináveis ou apenas ficava andando em círculos no seu quarto. Tinha dores de cabeça violentas e ataques de mau humor que tornavam difícil para Astrid e sua mãe cuidarem dele. Ele estava sendo tratado por um médico, mas nada parecia ajudar. "Ele voltou de um especialista um dia e disse que não queria um caixão preto como todo mundo. Ele tinha acabado de ver um caixão branco em uma vitrine e queria um igual."

Stu morreu em abril de 1962, depois de uma hemorragia cerebral. "Ele viveu tanto em tão pouco tempo", diz Klaus. "A cada segundo de seu pouco tempo de vida ele estava fazendo alguma coisa. Ele viu dez vezes mais do que as outras pessoas. Sua imaginação era fantástica. Sua morte foi uma tragédia. Ele teria feito tanta coisa..."

Não há dúvida sobre o talento artístico de Stu. Professor Paolozzi acha que ele estava, obviamente, destinado ao sucesso. Ele tinha ganhado prêmios em Liverpool em uma idade precoce. Desde sua morte, suas pinturas apareceram em inúmeras exposições em Liverpool e Londres. Ele exerceu uma grande influência sobre John e o resto dos Beatles, sendo o líder quando se tratava de cabelo, roupas e opiniões.

"Admirava o Stu", diz John. "Dependia dele para me dizer a verdade, da maneira que faço com Paul hoje. Stu me dizia se algo era bom e eu acreditava nele."

Ainda hoje, eles sentem saudades de Stu. É estranho pensar que, em 1962, aquele que era encarado como o Beatle mais inteligente havia morrido.

A morte de Stu foi de certa forma um clímax macabro para um ano de aparente inércia e depressão. Contudo, de volta a Liverpool, pouco antes de Stu morrer, o algo que John estava procurando parecia finalmente prestes a acontecer.

Aconteceu, só para ser mais preciso, às 3 horas na tarde de 28 de outubro de 1961. Um jovem em uma jaqueta de couro preta, chamado Raymond Jones, entrou na loja de discos NEMS em Whitechapel, Liverpool, e pediu um disco chamado *My Bonnie*, de uma banda chamada The Beatles. Brian Epstein, que estava atrás do balcão, disse que sentia muitíssimo, mas nunca ouvira falar daquele disco nem de tal banda.

Nota

* Artists and Repertoire (A&R), em português Artistas e Repertório, é a divisão de uma gravadora responsável pela pesquisa de talentos e desenvolvimento artístico dos músicos. (*N. da T.*)

15

Brian Epstein

A fortuna da família Epstein foi construída pelo avô de Brian, Isaac, um refugiado judeu da Polônia que chegou a Liverpool na virada do século XX. Ele abriu uma loja de móveis, mais tarde chamada de I. Epstein and Sons, em Walton Road, Liverpool. Ela, por sua vez, foi herdada por seu filho mais velho, Harry, pai de Brian.

Muitas pessoas em Liverpool acreditam que os Epstein sempre foram donos da NEMS, North End Music Stores, nome que Brian mais tarde fez ficar famoso localmente como a melhor loja de discos da região. Mas a NEMS existia bem antes dos Epstein. Jim McCartney, pai de Paul, se lembra de ter um piano que veio da NEMS durante a Primeira Guerra Mundial.

Os Epstein não assumiram a NEMS até os anos 1930. A loja ficava no último quarteirão de Walton Road, o mesmo da I. Epstein and Sons, e eles estavam sempre de olho nela para uma possível expansão. Harry notou que o comércio de discos e música se encaixava bem com sua empresa de móveis, mas queria o ponto, mais do que qualquer outra coisa, quando finalmente comprou a loja.

Harry se casou com uma garota de outra família judia extremamente bem-sucedida no comércio de móveis, os Hyman, de Sheffield. Ele se casou com sua esposa, Queenie, em 1933, quando ela tinha 18 anos, e ele 29.

Brian, seu filho mais velho, nasceu em 19 de setembro de 1934, em uma clínica particular em Rodney Street, a Harley Street de Liverpool. Seu segundo filho, Clive, nasceu 23 meses depois.

Com dois filhos, a fortuna da empresa Epstein de móveis parecia assegurada por muitas décadas. Harry e Queenie moravam em uma grande casa de cinco quartos em Childwall, uma das áreas residenciais mais elegantes de Liverpool. Os Epstein moraram nessa casa, no número 197 de Queen's Drive, pelos trinta anos seguintes, até que Clive se mudou depois de se casar. Hoje ela é habitada pelo cardeal decano de Liverpool.

Os Epstein viviam em grande estilo até a eclosão da guerra. Eles tinham duas funcionárias que moravam na propriedade – uma babá para os meninos e uma empregada doméstica.

Tudo o que a Sra. Epstein consegue se lembrar de Brian bebê é que ele era a criança mais linda que ela já tinha visto. "Quando ele começou a andar e falar, desenvolveu uma mente muito curiosa. Ele sempre queria saber sobre tudo." Uma das memórias mais antigas de Brian é da grande emoção de ser levado para visitar seus parentes em Sheffield.

A primeira escola que frequentou foi a Beechanhurst Kindergarten, em Liverpool, onde martelou peças de madeira de diferentes formatos em uma placa de madeira compensada. Em 1940, quando tinha 6 anos, Liverpool estava sob forte bombardeio e sua família foi levada para Prestatyn, no norte de Gales, e depois para Southport, onde havia uma grande comunidade judaica. Brian foi matriculado no Southport College, onde começou sua educação formal, o início de um processo muito longo e infeliz.

"Eu era um daqueles meninos estranhos que nunca se encaixam muito bem", assim ele se descreveu em sua autobiografia, de 1964 (*A Cellarful of Noise*, Souvenir Press). "Tanto os outros garotos quanto os professores faziam graça de mim, me atormentavam e implicavam comigo. Meus pais devem ter perdido a esperança para comigo muitas vezes."

Em 1943, a família retornou a Liverpool e Brian entrou na Liverpool College, uma escola particular. No ano seguinte, aos 10 anos, foi expulso da instituição.

"A razão oficial foi a minha desatenção e o fato de estar abaixo da média. Fui pego em uma aula de matemática fazendo desenhos de meninas. Havia outros crimes que eu supostamente tinha cometido. Tenho certeza de que meus fracassos foram muitos."

Ele se lembra de chegar em casa, sentar-se em um sofá e ouvir seu pai dizer: "Só não sei o que diabos vamos fazer com você."

Sua mãe acha que, nos últimos anos, ele tinha a tendência de superestimar seus próprios fracassos na escola. Ela concorda que ele não era feliz ou bem-sucedido em qualquer uma dessas instituições, mas acredita que as falhas estavam no sistema escolar tanto quanto em qualquer outro lugar. "Foi logo depois da guerra, era difícil entrar para qualquer escola. Não havia a liberdade que eles têm hoje. Se eles não gostassem de você, te expulsavam."

O próprio Brian achava que, além de sua incapacidade de se ajustar, também podia ter havido um pouco de antissemitismo. "Eu me lembro de ser chamado de judeu, ou *yid*. Mas isso não parecia ter um significado maior do que quando um menino de cabelos vermelhos é chamado de ruivo."

Depois de ser expulso da Liverpool College, seus pais o matricularam em outra escola particular local, mas o mantiveram lá por apenas algumas semanas. Eles perceberam que aquela era o tipo de escola pseudochique que se aproveitava dos pais, pouco se importando com a educação proporcionada, e que só queria tirar dinheiro de pais ricos que não conseguiram matricular seus filhos em outro lugar.

Finalmente, acharam uma boa escola preparatória judia, chamada Beaconsfield, que ficava perto de Tunbridge Wells. Nela, Brian começou a fazer hipismo, algo que amava, e a estudar artes, o que ele também amava e foi incentivado a fazer pela primeira vez.

Aos 13 anos, ele fez as provas normais para entrar no ginásio. Trata-se das provas necessárias para entrar em qualquer uma das boas escolas particulares que fazem parte da associação Headmasters' Conference. Ele foi terrivelmente mal nelas, mas isso não impediu que seus pais tentassem matriculá-lo em uma das boas escolas. Rugby, Repton e Clifton o rejeitaram. Ele acabou indo para o tipo de estabelecimento que aceita qualquer um. Era uma escola muito simpática, ao ar livre, no sudoeste da Inglaterra. Ele foi forçado a jogar rugby e ficou muito infeliz.

Mas seu pai não desistiu e, no outono de 1948, no dia do aniversário de 14 anos de Brian, ele o matriculou na Wrekin College, uma escola particular bem conhecida e consagrada em Shropshire.

Ele não estava animado para ir para Wrekin, já que finalmente tinha começado a se ajustar na escola no sudoeste da Inglaterra. Continuou a estudar artes e finalmente estava fazendo alguns amigos. Ele escreveu em um diário da época: "Agora vou para Wrekin, que eu odeio. Vou para lá só porque meus pais querem que eu vá... é uma pena, porque tem sido um ótimo ano para mim. O nascimento de novas ideias, um pouco mais de popularidade."

Ele finalmente se ajustou a Wrekin, ou pelo menos encontrou maneiras de passar o tempo lá. Seu interesse em artes continuou. Ele era o melhor da sua turma nessa matéria, e decidiu que queria ser estilista um dia.

"Escrevi para o meu pai dizendo que queria ser estilista, mas ele foi contra. Ele disse que não era o tipo de coisa que um garoto deveria ser."

Ao mesmo tempo, ele desenvolveu um interesse em ser ator. Em Liverpool, sua mãe o levava para muitas produções teatrais. "No começo, o levava para umas peças bobas. Mais tarde, para desenvolver sua mente, o levei para ver as peças de Peter Glenville. Também o levei para escutar a Filarmônica de Liverpool."

Brian conseguiu o papel principal na produção escolar de *Cristóvão Colombo*. "Seu pai e eu fomos vê-lo", diz sua mãe. "Assistimos à peça toda e, depois, o diretor veio nos perguntar se tínhamos gostado de Brian. Ele tinha ido tão bem que nem o reconhecemos."

Ele deixou a Wrekin aos 16 anos sem ter feito as provas de conclusão de grau. Ninguém achava que ele iria passar. Seu pai ainda era contra ele se tornar estilista, mas Brian decidiu que queria deixar a escola e arrumar um emprego de qualquer forma.

"Sete anos na escola, todos horríveis, foram o suficiente para mim. Tinha sido impedido de fazer a única coisa que eu queria, então aceitei qualquer outra coisa. Em 10 de setembro de 1950, muito magro, com bochechas rosadas, cabelo encaracolado e semieducado, comecei a trabalhar na loja da nossa família, em Walton."

Ele começou como vendedor de móveis, ganhando 5 libras por semana. Em seu segundo dia, vendeu uma mesa de jantar de 12 libras para uma mulher que tinha entrado na loja para comprar um espelho.

Assim, descobriu que era um bom vendedor e que gostava daquilo. Também passou a se interessar pelo design e pela arrumação da loja. Seu pai, é claro, ficou muito feliz que seu filho mais velho tivesse decidido trabalhar no negócio da família. Brian também descobriu, para sua surpresa, que estava feliz com aquilo.

"Brian sempre teve muito bom gosto", diz sua mãe. "E sempre apreciou bons móveis."

Mas Brian não achava que a vitrine da loja era muito atraente. Ele começou a experimentar com a arrumação da vitrine, fazendo coisas que eram consideradas ousadas na época, como colocar as cadeiras de costas para a rua. Seu pai achava que talvez ele estivesse mudando as coisas um pouco mais rápido do que era necessário, mas não reclamou, pois estava muito satisfeito com o fato de seu filho e herdeiro estar se ajustando tão bem à carreira que tinha sido escolhida para ele. Como mais um teste, ele decidiu enviar Brian para uma outra loja, que não era ligada a eles, para fazer um estágio de seis meses.

Brian passou seis meses na loja de móveis The Times, em Lord Street, Liverpool, ainda ganhando 5 libras por semana. Ele parece ter ido bem também por lá. Quando deixou a loja, ganhou um conjunto de caneta e lapiseira Parker (a caneta que ele emprestou para Paul McCartney, anos mais tarde, para que assinasse seu primeiro contrato).

Após seis meses, voltou para Walton. Ele começou então a assumir a arrumação de toda a loja. "Gostava daquilo, especialmente de tentar coisas novas. Também gostava de vender, de observar as pessoas relaxarem e confiarem em mim. Era legal ver o olhar de preocupação das pessoas se dissolver enquanto elas começavam a pensar que havia coisas boas pela frente, e que eu faria essas coisas acontecerem para elas."

Ele teve algumas discussões a respeito de seus planos para a vitrine. "Eles queriam todas as vitrines amontoadas de coisas. Eu preferia ter poucas coisas na vitrine, talvez apenas uma cadeira. Também era louco por móveis contemporâneos. Eles estavam começando a ser lançados e queria que todo mundo soubesse disso. Acho que, se você mostra para o público algo atraente, ele aceita aquilo."

Em 9 de dezembro de 1952, no meio de seus grandes novos planos para a I. Epstein and Sons, ele foi convocado a servir. Se ir para a escola já o horrorizava, a ideia de servir no exército era ainda mais aterrorizante. "Tinha sido um estudante ruim e tinha certeza de que seria um soldado pior ainda."

Ele se alistou na RAF* e se tornou auxiliar de escritório da Royal Army Service Corps. Fez seu treinamento básico em Aldershot.

"Era como uma prisão, e eu fazia tudo errado. Virava para a direita quando era para virar para a esquerda e, quando me falavam para ficar em pé parado, eu caía."

Ele conseguiu passar pelo treinamento militar, aos trancos e barrancos, e ainda assim achava que poderia ser escolhido para fazer parte do desfile da Coroação. O ano era 1953. Ele achava que a Coroação soava como algo glamoroso e emocionante, e que seria legal participar daquilo. Mas ele não foi escolhido. Em vez disso, foi para uns pubs e boates ficar bêbado.

Ele foi praticamente o único ex-aluno de escola particular do seu ano de convocação que não se tornou um oficial do exército. Mas, durante suas folgas, sempre vestido de forma impecável, frequentando boates chiques do West End, poderia facilmente fingir ser um.

Depois de Aldershot, ele conseguiu um posto no Regent's Park Barracks, em Londres, um dos quartéis da cidade mais desejados por jovens oficiais. Ele tinha vários conhecidos em Londres e conseguia sair e se divertir. Ele voltou numa noite em um carro grande, vestindo chapéu-coco, terno listrado e carregando um guarda-chuva no braço.

Quando entrou no quartel, o guarda bateu continência, dois soldados dentro da guarita também fizeram uma saudação militar e um funcionário gritou: "Boa noite, senhor!" Mas um oficial dentro do quartel não foi tão facilmente enganado. "Soldado Epstein, você irá se apresentar ao escritório do batalhão às 10 horas amanhã para receber a acusação de se passar por oficial."

Ele foi confinado ao quartel por algum tempo. Não era sua primeira transgressão. Era culpado de outras insubordinações menores, ou pelo menos de certa incapacidade de fazer a coisa certa. "O exército como um todo estava me dando nos nervos. Fiquei realmente aborrecido. Aquilo estava me deixando tão para baixo que me apresentei ao médico do quartel, que me encaminhou para um psiquiatra."

Outros psiquiatras foram consultados e todos concordaram que o soldado raso Epstein não era um soldado nato. Eles concordaram que ele era mental e emocionalmente inadequado para o serviço militar. Depois de 12 meses, tendo servido apenas metade do tempo obrigatório, ele foi dispensado por razões médicas. Como é do feitio do exército, eles ainda assim lhe deram as mais impressionantes referências militares. Estas o descreviam em termos elogiosos, como um "soldado sóbrio, sólido e totalmente confiável".

Brian contou a história de sua derrocada no exército de forma muito alegre, quase insinuando que ele talvez tivesse orquestrado sua exoneração. Mas não há dúvidas de que ficou seriamente perturbado com tudo aquilo.

Ele foi correndo até Euston e pegou o primeiro trem de volta a Liverpool. Ele voltou para a loja da família e trabalhou muito duro. Começou a ter um interesse cada vez maior pela loja de discos. Ele sempre se interessou por música, música clássica principalmente, mas a música popular também o agradava. Edmundo Ros era um de seus cantores favoritos naquele momento.

Mas ele começou a ficar ainda mais interessado em um novo hobby, de que ele gostava muito nos tempos de escola: atuação. Ele estava começando a perceber que talvez estivesse mais

interessado em coisas artísticas do que em ser vendedor de móveis. Assim, foi a todas as produções no Liverpool Playhouse e começou a passar cada vez mais seu tempo livre em produções amadoras ou com atores profissionais do Playhouse. Ficou particularmente chegado a duas pessoas: Brian Bedford e Helen Lindsay.

Eles sugeriram que ele também poderia ser ator. Ele tinha o interesse, os sentimentos certos e, eles tinham certeza, o talento. Por que ele não se candidatava à RADA? Eles o ajudariam. Então, ele se candidatou à Royal Academy of Dramatic Art e foi aceito.

"Li duas passagens para o diretor, John Fernald. Uma de *Confidential Clerk*, de T.S. Eliot, e a outra de *Macbeth*. Fui aceito sem fazer um teste completo, por algum motivo. Talvez o fato de eu ter dinheiro tenha ajudado."

Seu pai, é claro, não ficou particularmente feliz com aquilo. Ser ator estava atrás apenas de estilista na sua lista de empregos não masculinos. Mas, aos 22 anos, seu filho e herdeiro novamente interrompeu sua nova carreira. Desta vez, por vontade própria, ao contrário do exército. E talvez até para sempre.

Na RADA ele era do mesmo ano que Susannah York e Joanna Dunham. Albert Finney e Peter O'Toole tinham acabado de se formar. Enquanto estudava na RADA, ele conseguiu um emprego em meio período em numa loja de discos em Charing Cross Road.

"Estava indo razoavelmente bem. John Fernald tinha muita fé em mim. Mas comecei a odiar atores e sua vida social. Não tinha gostado da escola e aqui estava, sete anos mais tarde, em outra vida em comunidade. Eu simplesmente não gostava de lá ou de qualquer uma das pessoas. Comecei a pensar que era tarde demais, eu era realmente mais um homem de negócios, afinal."

Desde o dia em que começou a frequentar a RADA, seu pai estava sempre perguntando quando ele iria voltar para o negócio da família. Em todas as férias, quando ele estava prestes a voltar para a RADA, ele lhe pedia para ficar. Durante o verão de 1957, antes de começar seu quarto período, durante um jantar no Adelphi Hotel, ele pediu novamente para Brian ficar. Desta vez, Brian concordou.

Seu pai tinha decidido abrir uma nova filial em Liverpool, desta vez no centro da cidade, na Great Charlotte Street. Esperava-se que ela fizesse com que Brian se interessasse pela empresa. Clive, irmão mais novo de Brian, a essa altura também trabalhava nos negócios da família.

Brian ficaria encarregado do departamento de discos, com um assistente. Anne Shelton, a cantora, inaugurou a nova loja. Em sua primeira manhã, o departamento de discos faturou 20 libras. Em Walton, o departamento de discos conseguia 70 libras em uma boa semana.

"A maioria das lojas de discos a que eu já tinha ido era ruim. No minuto em que um disco se tornava popular, ele se esgotava. Minha meta era ter tudo em estoque, até mesmo os discos mais estranhos.

“Fazia isso triplicando a encomenda de qualquer disco que alguém pudesse querer. Acreditava que, se uma pessoa queria algo, deveria haver outras que queriam aquilo também. Pedi três cópias do LP ‘The Birth of a Baby’, só porque uma pessoa queria uma.”

Todo cliente era incentivado a preencher um pedido, se por acaso o disco que queria não estivesse em estoque. Uma entrega imediata era prometida. Brian elaborou um registro de estoque engenhoso, através do qual podia ver imediatamente qual disco tinha esgotado. Este consistia de cordas dentro de cada seção. Quando alguma corda estava solta, ele podia ver imediatamente que precisava encomendar mais discos. Isso era verificado constantemente ao longo do dia, e reposições encomendadas imediatamente.

Ele também criou a lista dos Top Vinte discos pop vendidos na NEMS, que era verificada duas vezes ao dia. Além de ser um bom artifício para atiçar o interesse dos clientes e um incentivo para que comprassem certos discos, também deixava claro quais discos exatamente ele deveria encomendar em grande quantidade.

“Nunca vi ninguém trabalhar tanto antes”, diz sua mãe. “Pela primeira vez na vida, parecia que ele tinha encontrado algo que o agradava completamente.”

Brian concordava. “Eu realmente dei duro. Nunca trabalhei tanto fisicamente na minha vida antes ou depois. Chegava na loja às oito da manhã todo dia e não ia embora até tarde da noite. Aos domingos, ficava na loja o dia inteiro fazendo encomendas.”

Em 1959, dois anos depois de ter aberto, a NEMS de Great Charlotte Street tinha um extenso catálogo de música pop e clássica, que tomava dois andares da loja. O número de funcionários havia crescido de dois para trinta. O negócio ia tão bem que eles decidiram abrir uma filial da NEMS em Whitechapel, o coração do centro comercial de Liverpool.

A nova loja foi inaugurada por Anthony Newley. Brian tinha entrado em contato com ele através de um funcionário de vendas da Decca Records. A multidão no centro de Liverpool no dia da inauguração da loja foi comparada com a multidão que foi às ruas receber o time de futebol de Liverpool depois da vitória em um campeonato. Ninguém em Liverpool tinha visto tanta gente comparecer para ver um cantor pop até então.

Ambas as lojas prosperaram e se expandiram. Em agosto de 1961, Brian se vangloriava de que as duas NEMS no centro de Liverpool, em Whitechapel e Great Charlotte Street, tinham “o melhor catálogo de discos do norte da Inglaterra”. Essa ostentação apareceu em um anúncio em 31 de agosto de 1961, no *Mersey Beat*, aquele jornal de música pop de Merseyside que tinha sido lançado no mês anterior. Pessoalmente, Brian não era fã de música pop. Seu compositor preferido era então Sibelius. Mas, como um homem de negócios inteligente, ele viu que o *Mersey Beat* estava prosperando e era um bom veículo publicitário.

Nessa mesma edição, ele começou uma coluna, chamada “Novos Discos”. Ela era assinada por “Brian Epstein da NEMS”. Lá, ele analisava os próximos lançamentos de música

instrumental, jazz e pop. Em sua primeira coluna, afirmou que "a popularidade dos Shadows parece aumentar continuamente". Isso deve ter feito os Beatles vomitarem.

A coluna proporcionava publicidade gratuita para suas lojas e ajudava a empurrar certos discos. Mas também era vantajoso para o *Mersey Beat* tê-lo como colaborador. Nos quatro anos desde que ele tinha deixado a RADA, farto e desiludido, ele havia se tornado a personalidade mais influente da indústria fonográfica de varejo em Merseyside. Seu nome e negócio sólido davam credibilidade ao *Mersey Beat*.

Mas ele logo começou a sentir que havia expandido os negócios o quanto podia. Não havia mais o que conquistar em Merseyside, pelo menos não na sua linha. No outono de 1961, o sentimento de tédio e insatisfação estava vindo à tona novamente. Sua mãe se lembra de notar isso.

"Ele começou a tentar aprender sozinho línguas estrangeiras. Ficou muito interessado pela Espanha e pelo espanhol. Também voltou para o teatro amador."

Seu pai, claro, ficou preocupado que ele fosse deixar os negócios de novo, tendo construído duas lojas de discos prósperas. O próprio Brian relatou mais tarde essa vontade de algo novo, a sensação de estar entediado e frustrado com os negócios. Mas seus três amigos mais próximos naquela época não se lembram de ele reclamar de nada, embora se recordem dos aborrecimentos de Brian com outras coisas.

Quando a loja de Whitechapel se estabeleceu, ele começou a ter uma vida social mais ativa. Costumava encontrar bastante com Geoffrey Ellis, um amigo de infância que morava próximo a ele. Geoffrey também tinha estudado em uma escola particular, Ellesmere College, e depois em Oxford, onde cursou Direito. Geoffrey diz que Brian era terrivelmente tímido e inseguro nos tempos de escola. Mas, depois de Oxford, Geoffrey foi para Nova York para trabalhar em uma empresa de seguros e eles perderam contato por alguns anos.

Havia também um amigo chamado Terry Doran, que vinha de uma classe completamente diferente. Ele era ex-aluno de uma escola pública, agora vendedor de carros, fluente na sagacidade e no mimetismo de Liverpool. "Conheci Brian por acaso um dia em um pub em Liverpool, em 1959. Me apaixonei por ele imediatamente."

Geoffrey e Terry eram apenas amigos sociais, sem nenhuma ligação profissional, pelo menos naquela época. Mas seu terceiro amigo, Peter Brown, era um amigo da indústria. Ele acabaria se tornando o amigo mais próximo de Brian.

Peter nasceu em Bebington, estudou numa escola católica romana, trabalhou na Henderson, uma loja de Liverpool, e depois na Lewis, onde ele se tornou gerente do departamento de discos.

Quando Brian decidiu abrir a nova NEMS em Whitechapel, ele pediu que Peter assumisse a loja de Charlotte Street como gerente. Peter ganhava 12 libras por semana como gerente da Lewis. Brian ofereceu-lhe 16 libras mais comissão, o que ele achou excelente.

“Logo aprendi tudo sobre o sistema de encomendas altamente eficiente de Brian. Depois de fechar a loja às seis, tínhamos que fazer todo tipo de encomendas. Podia levar de quarenta minutos a duas horas.”

Terry se lembra de ficar esperando enquanto eles dois faziam as encomendas. Brian dizia para Terry vir encontrá-lo depois que a loja fechasse. “Ia lá beber algo e acabava ficando até a hora do fechamento, ainda esperando por ele.”

Houve um pequeno atraso na abertura da loja em Whitechapel e Peter acabou trabalhando com Brian em Charlotte Street por alguns meses. “Foi muito difícil ser oficialmente o gerente, mas ter o chefe lá ainda tomando conta das coisas. Foi uma longa briga. Ainda éramos amigos socialmente, mas acho que ele ficou decepcionado comigo no âmbito profissional.

“Ele gostava bastante de mandar bilhetes para todos os funcionários, embora não houvesse muitos de nós. Seu sistema de controle de estoque era realmente maravilhoso. Garantia que nunca ficávamos sem estoque dos discos mais vendidos. As pessoas da EMI diziam que éramos os maiores varejistas do norte.”

Brian sempre acreditou, erroneamente, que as garotas não se sentiam atraídas por ele. Mas foi mais ou menos nessa época que ele começou a sair com uma garota da sua loja, Rita Harris.

“Demorou muito tempo para que ele percebesse que ela estava apaixonada por ele”, diz Peter Brown. “Todos nós costumávamos ir para Cheshire comer: Rita, Brian, eu e talvez um ou dois outros.” Esse foi o romance mais sério que Brian teve com uma garota, mas no final não deu em nada.

Sua vida amorosa sempre parecia acabar de maneira infeliz. Ele tinha casos violentos com outras pessoas, mas eles raramente duravam, algo que o preocupava bastante. Ele nunca realmente se aceitou do ponto de vista sexual. Mas decidiu abraçar sua forma de ser, e nunca tentou ir contra sua natureza. Às vezes, no entanto, ele mostrava uma vertente autodestrutiva.

“Ele era realmente muito solitário em Liverpool”, diz Peter. “Ele achava que havia poucos lugares aos quais podia ir e se divertir de verdade. Nossas melhores noites foram em Manchester. Brian, Terry e eu íamos para lá na maioria dos sábados à noite.

“Ele tinha pavor de seus casos infelizes e, um pouco, do fato de ser judeu. Acho que ele às vezes via antissemitismo onde não existia. Talvez não fosse fobia de ser judeu. Talvez fosse apenas desgosto de se ver parte de um ambiente do qual ele não gostava – ser um tipo bem-sucedido, provinciano, um judeu proprietário de uma loja de móveis, quando sua natureza estava realmente voltada para o artístico e o estético.

“Mas é claro que ele podia ser um bom homem de negócios, quando queria, economizando tostões e sendo mau quando de repente sentia que devia agir assim. Tivemos várias discussões por causa de dinheiro. Mas isso só acontecia vez por outra. Em geral, ele era muito generoso.”

É fácil exagerar as complexidades da personalidade e dos interesses de Brian nessa fase da sua carreira. Seus pais sabiam pouco de suas preocupações. Eles certamente não viam

quaisquer de seus efeitos, embora sua mãe se lembre de ele se tornar inquieto quando as duas NEMS estavam prosperando, e começar a procurar por algo novo.

No outono de 1961, ele tirou cinco semanas de férias e foi para a Espanha, a folga mais longa que teve. Ele levou consigo uma ligeira sensação de frustração, tanto em relação à sua vida pessoal, bem como no que dizia respeito à sua vida profissional. Nada sério, apenas uma sensação de insatisfação. Ele tinha estado realmente muito ocupado, construindo a NEMS nos últimos quatro anos, para se preocupar seriamente com tudo isso, como ocorrera no exército. Um ou outro o considerava um pobre menino rico e mimado. Mas, até onde as pessoas podiam ver, ele era trabalhador, charmoso e alegre, com uma família que o amava.

Obviamente, ele sentia que precisava de algo novo para preencher sua vida, de preferência algo que fosse artístico de alguma forma. A RADA tinha sido uma forma de escape e o fracasso tinha feito com que seus anseios artísticos desaparecessem por um tempo. Não há nada mais frustrante, no entanto, do que ter uma tendência artística quando seus gostos artísticos são maiores do que os seus talentos, ou assim parece.

Esse era Brian Epstein em 28 de outubro de 1961. Ele tinha 27 anos. Até agora, havia sido um estudante fracassado, um vendedor de móveis bem-sucedido, um soldado fracassado, um vendedor de discos bem-sucedido, um ator fracassado, um executivo de loja de discos bem-sucedido. Foi quando um cliente entrou na loja e pediu um disco dos Beatles.

Nota

* Força aérea real. (*N. da T.*)

16

Brian contrata os Beatles

O famoso sistema de indexação Epstein tinha sido derrotado. Todos aqueles pedacinhos de corda balançando não podiam ajudá-lo. Brian Epstein tinha que admitir que nunca tinha ouvido falar nem do disco chamado "My Bonnie" nem da banda chamada The Beatles.

De certa forma, é estranho que ele nunca tivesse ouvido falar dos Beatles. Afinal, ele anunciava e escrevia uma coluna no *Mersey Beat* há vários meses. Seus olhos devem ter passado pelo nome deles várias vezes em alguns artigos. Mas, naquela época, é claro que seu interesse no *Mersey Beat* era puramente comercial, de um comerciante ocupando um espaço para vender discos.

Ele só se interessava pelas bandas que tinham gravado discos, porque era isso o que ele vendia. Nenhuma das bandas de Liverpool citadas no *Mersey Beat* tinham gravado discos. Então, não havia motivo para prestar atenção nelas.

Ele estava ciente que bandas e boates *beat* estavam surgindo em Liverpool, mas não estava interessado nisso pessoalmente. Aos 27 anos, estava bem fora da faixa etária alvo dos bares e bandas *beat*. Ele também foi, na maior parte dos últimos cinco anos, um homem de negócios em tempo integral, com pouco tempo para qualquer tipo de atividade de lazer além do teatro.

Mas ele ficou irritado com sua falta de conhecimento sobre o novo álbum que estava sendo pedido. Era óbvio que, se essa banda, seja lá de onde fosse, tinha produzido um disco, ele deveria saber sobre ela. Então, quando Raymond Jones fez sua solicitação, ele prometeu que iria obter uma cópia, e escreveu num bloco: "My Bonnie. The Beatles. Verificar na segunda."

Raymond Jones também mencionou que o disco dos Beatles vinha da Alemanha. Esse era um bom começo. Ele ligou para alguns agentes que importavam discos estrangeiros, mas nenhum deles tinha aquele disco em estoque, ou nem sequer o havia importado.

"Podia ter parado por aí, mas, por causa da regra rígida que eu havia imposto, nenhum cliente jamais deveria ser mandado embora de mãos vazias.

"Também fiquei intrigado para descobrir por que um disco completamente desconhecido tinha sido solicitado três vezes em dois dias. Porque, na segunda-feira de manhã, antes de começar a investigar a respeito, duas meninas entraram na loja e pediram o mesmo disco."

Ele então conversou com vários contatos de Liverpool e descobriu, para seu espanto, que os Beatles não só eram uma banda britânica, e não alemã, mas que eram de Liverpool.

Ele perguntou às vendedoras de sua loja sobre os Beatles e elas disseram que eles eram fabulosos. Em seguida, descobriu, para sua surpresa, que eles mesmos haviam estado lá. Ele devia tê-los visto muitas vezes sem saber quem eram.

"Uma das meninas me disse que eles eram os meninos de quem eu tinha reclamado uma vez, que ficavam andando pela loja o dia todo, ouvindo discos, mas não compravam nada. Eles eram um grupo desgrenhado vestido com roupas de couro. Mas aparentemente eles eram de fato muito simpáticos, foi o que todas as meninas me disseram, então nunca pedi para eles irem embora. De qualquer forma, eles faziam com que a loja parecesse cheia no período da tarde."

Brian decidiu ir ao Cavern para obter mais detalhes sobre os Beatles e seu disco. Se havia interesse por eles, especialmente sendo um grupo local, talvez valesse a pena importar algumas cópias ele mesmo, já que ele era um bom homem de negócios.

"Eu não era membro do Cavern e era muito tímido para ir a um bar de adolescentes. Tinha medo que eles não me deixassem entrar. Então perguntei ao *Mersey Beat* se eles podiam me ajudar. Eles ligaram para o Cavern e disseram quem eu era e que iria até lá."

Sua primeira visita foi durante uma sessão na hora do almoço em 9 de novembro de 1961. "Era escuro, úmido, fedido, e me arrependi imediatamente de ter ido. O barulho era ensurdecedor, as caixas de som emanando principalmente músicas de sucesso americanas. Eu me lembro de pensar, enquanto escutava os discos que eles estavam tocando, que talvez pudesse haver algum tipo de ligação entre o Cavern e a minha lista dos Top Vinte.

"Então os Beatles subiram no palco e os vi pela primeira vez. Eles não eram muito arrumados nem muito limpos. Fumavam enquanto estavam tocando. Também comiam, conversavam e fingiam bater uns nos outros. Eles ficavam de costas para a plateia, gritavam com as pessoas e riam de suas piadas internas.

"Mas havia claramente um enorme entusiasmo por eles. Eles pareciam emanar um tipo de magnetismo pessoal. Fiquei fascinado por eles."

Foi John, o que fazia mais barulho e pulava mais, que particularmente o fascinou. Isso não ficou claro naquele momento, como ele não sabia quem era quem, mas ele percebeu isso mais tarde. Ele não conseguia tirar os olhos de John.

Mas ele não tinha ido assistir ao show, havia ido até lá simplesmente para fazer negócios. O DJ do Cavern, Bob Wooler, anunciou pelo microfone que o Sr. Epstein, da NEMS, estava na plateia, e então solicitou uma salva de palmas para ele.

Isso ajudou quando ele finalmente conseguiu chegar a uma distância razoável dos Beatles. “O que traz o Sr. Epstein aqui?”, disse George, um pouco sarcástico. Ele explicou que tinha recebido encomendas do disco alemão dos Beatles, mas informou que não sabia qual empresa o havia produzido. Será que eles podiam ajudá-lo? George disse que a empresa se chamava Polydor. George se lembra vagamente de falar com Brian naquela hora do almoço. Os outros Beatles (John, Paul e Pete Best) não se recordam dele nessa primeira visita.

Só para ter companhia e esconder sua timidez por estar entre aquela garotada, Brian começou a levar um de seus assistentes da loja com ele quando ia ao Cavern. O escolhido foi Alistair Taylor, que trabalhava como balconista na NEMS, mas também era seu assistente pessoal. Assim como gostava de enviar memorandos para seus funcionários, quando podia juntar com todos eles em uma cabine telefônica, Brian gostava de tudo que contribuísse com sua imagem de executivo.

Levou algum tempo para que Brian organizasse seus pensamentos. “Tudo o que me interessava era vender discos. Mas, em poucas semanas, me peguei indo ao Cavern cada vez mais, apenas para ouvi-los e assistir aos seus shows. Também me peguei perguntando para meus contatos da indústria o que significava ser empresário de uma banda. Como é que alguém fazia isso? Que tipo de contrato essa pessoa deveria ter com a banda, supondo, apenas supondo, que ela queira se tornar seu empresário?”

Seus contatos não eram exatamente especialistas em questões de gestão de bandas. Eles trabalhavam, claro, principalmente com o varejo de discos, e não na esfera da produção. Mas, durante uma viagem a Londres, essa puramente sobre negócios de varejo, ele falou mais do que o habitual com pessoas como o gerente-geral da HMV em Oxford Street e com o gerente da loja de Keith Prowse, pegando todas as dicas que podia.

Também entrou em contato com a gravadora alemã e encomendou duzentas cópias de “My Bonnie”. “Estava tão fascinado pelos Beatles que pensei que valia a pena dar uma chance a eles e ver se conseguia vender todas as cópias.

“Acho que tudo tem a ver com ter ficado entediado com vender discos. Estava à procura de um novo hobby. Ao mesmo tempo, os Beatles, embora Brian não soubesse disso, também estavam ficando um pouco entediados com Liverpool. Eles queriam expandir e começar algo novo.

“Comecei a conversar com eles durante as sessões na hora do almoço. ‘Você devia ter estado aqui ontem à noite’, Paul me disse um dia. ‘Nós demos autógrafos. Assinei um no braço de uma garota.’ Eu sempre parecia perder seus melhores momentos.”

Ele também descobriu qual era a situação atual da banda no que dizia respeito a um empresário. Ele descobriu que Allan Williams tinha se associado a eles por um tempo e sido responsável por sua primeira viagem a Hamburgo. “Fui encontrá-lo e ele me disse: ‘Eles são bons garotos, mas vão te decepcionar sempre’.”

Em 3 de dezembro de 1961, ele os convidou para uma longa conversa em seu escritório na loja de Whitechapel. Ele disse que era apenas uma conversa, pois ainda não havia organizado todas as suas ideias.

Ele os tinha visto muitas vezes antes daquela primeira reunião em seu escritório, mas os próprios Beatles não o tinham visto muito bem até então. Ele era apenas uma figura nebulosa. Eles têm poucas memórias de Brian antes daquela reunião.

"Ele parecia eficiente e rico, é tudo que lembro", diz John. George diz que ele parecia aqueles tipos executivos. Paul ficou impressionado com seu carro, um Zodiac. Eles decidiram dar uma chance a ele.

Para a primeira reunião oficial, os Beatles decidiram trazer Bob Wooler com eles, apenas para mostrar que não estavam completamente sozinhos no mundo. John apresentou Bob Wooler como seu pai. Demorou muitos meses para que Brian percebesse que Bob Wooler não era pai de John. Demorou mais ainda para que ele percebesse que John não sabia quem seu pai era ou onde ele estava.

John, com Bob Wooler, chegou às 16h30 para a reunião. Assim como George e Pete Best. Mas não havia sinal de Paul. Depois de meia hora, durante a qual Brian foi ficando muito irritado, ele pediu que George ligasse para Paul. George voltou do telefone dizendo que Paul estava tomando banho. "Isso é vergonhoso", disse Brian. "Ele vai chegar muito atrasado." "Atrasado, porém muito limpo", retrucou George.

Paul finalmente chegou e eles discutiram o futuro dos Beatles – o que eles queriam fazer, que tipo de termos eles gostariam de ter no contrato. Ninguém sabia que tipo de contrato era necessário naquela circunstância, pois ninguém nunca tinha visto um.

Eles combinaram de se encontrar novamente na quarta-feira seguinte. Até lá, Brian havia encontrado com seu amigo advogado, Rex Makin. Brian estava à procura de entusiasmo, bem como de conselhos. "Ah, sim, mais uma ideia do Epstein. Quanto tempo até você perder interesse nessa?", lhe disseram.

Eles se encontraram novamente na quarta-feira e Brian dessa vez lhes disse que definitivamente queria ser seu empresário. Informou então que, para isso, queria 25% dos ganhos. Eles disseram que ele poderia ficar com vinte. Ele respondeu que precisava daqueles 5% extras, uma vez que teria muitas despesas promovendo-os e trabalhando para eles. Ele esperava perder dinheiro por muitos meses.

O contrato foi assinado no domingo seguinte, no Casbah Club, casa de Pete Best e sede dos Beatles. Cada assinatura dos Beatles foi firmada na presença de Alistair Taylor. Brian não assinou.

"Aquilo foi uma grande besteira", diz Alistair. "Assinei meu nome como testemunha da assinatura do Brian. Isso me fez parecer um verdadeiro idiota."

Brian nunca assinou o contrato. “Tinha dado a minha palavra sobre o que eu pretendia fazer e isso era o suficiente. Respeitei os termos e ninguém nunca se preocupou com o fato de eu não ter assinado.”

Ele concorda que os Beatles gostaram da ideia de ele ser seu empresário porque gostavam da aparência dele. “Eu tinha dinheiro, um carro, uma loja de discos. Acho que isso ajudou. Mas eles também gostaram de mim.

“Gostava deles por causa dessa qualidade que eles tinham, uma espécie de presença. Eles eram extremamente simpáticos.”

Os pais de Brian notaram que algo estava acontecendo. Eles voltaram de uma semana em Londres e o encontraram esperando por eles.

“Brian disse que queria que nós escutássemos um disco”, diz sua mãe. “Se chamava ‘My Bonnie’. Ele disse para não prestarmos atenção na voz, apenas nos instrumentos. Ele disse que eles iam ser um grande sucesso e que iria gerenciá-los.”

Antes que seu pai pudesse interrompê-lo, Brian acrescentou que, claro, seria apenas um interesse de meio período, mas ele não se importaria se seu filho tirasse uma dispensa do trabalho por pouco tempo, certo?

Seu pai não estava muito entusiasmado. Ele percebeu que Brian mais uma vez tinha achado algo novo, mas pelo menos dessa vez era em Liverpool.

Brian decidiu abrir uma nova empresa para gerenciar os Beatles e a chamou de NEMS Enterprises, como suas lojas de discos. “Essa foi uma sábia decisão. Eu poderia facilmente tê-los gerenciado sob a mesma empresa, NEMS, sem o Enterprises. Quando vendemos a NEMS, a loja de discos, anos depois, isso poderia ter sido muito complicado.”

Clive, seu irmão, o ajudou na criação da NEMS Enterprises. “Isso aconteceu, em parte, porque precisava de mais dinheiro, mas também porque queria que Clive se interessasse em me ajudar.”

A próxima e terceira viagem a Hamburgo havia sido acordada muito antes de Brian Epstein surgir. Pouco depois de terem deixado Hamburgo, Peter Eckhorn, da Top Ten, e vários outros gerentes de boates foram para Liverpool à caça de novos talentos.

Os Beatles tinham prometido a Peter Eckhorn que voltariam para tocar na sua boate, mas, quando Peter chegou em Liverpool para discutir os detalhes com eles e ver outras bandas, descobriu que agora tinham Brian Epstein como empresário.

“Brian queria muito mais dinheiro do que eu estava oferecendo”, diz Peter Eckhorn. “Tentei contratar Gerry and the Pacemakers, mas também não consegui levá-los.”

No final, Peter Eckhorn voltou para Hamburgo com um baterista, que era tudo o que ele havia conseguido. Este baterista, Ringo Starr, iria tocar com Tony Sheridan.

Enfim, outros proprietários de boates de Hamburgo apareceram e ofereceram termos melhores. Brian, afinal, aceitou uma proposta de Manfred Weislieder, que estava abrindo uma

nova boate em Hamburgo, o Star Club. Este seria maior e melhor do que qualquer uma das outras. Sua proposta para os Beatles era de quatrocentos marcos por semana para cada, cerca de 40 libras. A proposta da Top Ten tinha sido de cerca de trezentos marcos por semana.

Esses eram termos muito bons, mas, meses antes disso ser acordado, Brian já estava à procura de propostas melhores para shows locais, em Liverpool. Ele criou a regra, no minuto em que assumiu a banda, de que eles nunca tocariam por menos de 15 libras por noite.

Mas a maior e mais imediata tarefa enfrentada por Brian Epstein foi arrumar os Beatles – sua organização, sua aparência e sua forma de apresentação.

Brian imediatamente tirou de Pete Best a tarefa de marcar shows e fez com que eles se organizassem devidamente. Ele também se certificou de que cada um deles sabia exatamente onde e quando tocaria.

"Brian colocou todas as nossas instruções ordenadamente em um papel e fez tudo parecer real", diz John. "Estávamos em um devaneio, até que ele apareceu. Não tínhamos a menor ideia do que estávamos fazendo ou de onde tínhamos concordado em tocar. Ver nossas obrigações no papel tornou tudo oficial."

As instruções de Brian eram todas muito bem datilografadas, geralmente em papel timbrado, com uma marca tipográfica muito elegante, feita com suas iniciais, BE. Ele também acrescentou pequenas homilias sobre ter uma aparência arrumada, vestir as roupas certas e não fumar, comer ou mastigar durante as apresentações.

"Brian estava tentando limpar a nossa imagem", diz John. "Ele disse que nossa aparência não era boa, que nunca passaríamos pela porta de um bom lugar. Costumávamos vestir o que queríamos, no palco e fora dele. Ele nos convenceu a usar ternos."

Brian também arrumou sua apresentação no palco, que até então era toda improvisada. "Ele disse que devíamos elaborar um programa, tocar nossas melhores músicas em todas as apresentações e não apenas aquelas que tínhamos vontade de tocar", diz Pete Best. "Não adiantava apenas rir e brincar com os fãs em frente ao palco, quando podia haver setecentas ou oitocentas pessoas na parte de trás que não tinham ideia do que estava acontecendo. Ele nos fez elaborar um programa rigoroso, sem palhaçada."

As coisas tinham mudado muito desde então, caminhando para o lado inteiramente oposto. Mais tarde, John ressentiu um pouco essa organização toda, porque sabia que aquilo não os representava de fato, ou pelo menos não representava quem John era. Mas ele se deixou levar. Ele sabia que naquele momento aquela era a única maneira de ter sucesso: abraçar a moda dos grupos de terno.

"Era normal que tivéssemos que fingir sermos bonzinhos", diz John. "Tínhamos que parecer agradáveis para pessoas como os jornalistas, mesmo para aqueles que eram arrogantes, que gostavam de deixar claro que estavam nos fazendo um favor. Mas ainda continuávamos a

fingir, concordando com eles sobre como eram gentis em falar conosco. Éramos muito dissimulados com tudo aquilo.

"Tentar conseguir publicidade era apenas um jogo. Costumávamos ir aos escritórios dos jornais locais e tabloides de música para pedir que escrevessem sobre nossa banda, porque era isso que tinha que ser feito."

Embora, quando estivessem sozinhos, eles rissem das pessoas que não queriam conhecê-los, que os ridicularizavam discretamente, ou até mesmo abertamente, ficavam magoados com todo o preconceito contra eles.

"Tudo que escutávamos nesses dias era: 'De onde vocês vêm? Liverpool? Vocês nunca vão conseguir nada sendo de lá. É muito longe. Vocês têm que tocar em Londres antes de conseguirem qualquer coisa. Ninguém nunca conseguiu chegar a lugar nenhum vindo de Liverpool.' Foi isso que escutamos por anos", diz Paul.

Mas Brian estava trilhando o caminho certo, fazendo com que eles fossem aceitos pelas pessoas com a mentalidade de Londres. "Mas não fiz com que eles *mudassem*. Apenas trouxe à tona o que já estava lá. O que estava lá era a presença deles. No palco eles emanavam esse sentimento indescritível. Mas ele estava escondido atrás dos cigarros, da comida e das conversas com as pessoas nas primeiras filas."

Brian, é claro, tinha ido encontrar com os pais dos Beatles quando decidiu ser seu empresário. Eles ficaram bem impressionados com seus modos e sua riqueza aparente, diferentemente de todos os amigos anteriores que seus filhos tiveram até então.

Só Mimi, tia de John, pareceu um pouco hesitante, quando deveria ter ficado mais impressionada do que os outros com Brian – exceto pelo fato de que ela não se impressionava com nada que tivesse a ver com bandas *beat*.

"Fiquei desconfiada quando ouvi falar de Brian Epstein pela primeira vez. Não dele pessoalmente. Mas ele era tão rico, parecia que eles eram apenas uma novidade para ele e que não importava se fossem bem ou mal. Ele não dependia disso, da forma como eles dependiam.

"Achei o Brian muito encantador. Sempre achei. Mas essa era a minha preocupação quando ele apareceu. Achei que era isso: que ele se cansaria deles em dois meses e partiria para outra coisa. Enquanto John e os outros não teriam nem começado a progredir."

17

Decca e Pete Best

Praticamente desde o início, Brian Epstein usou seus contatos da indústria fonográfica e exerceu qualquer pressão que pôde como proprietário da autointitulada "melhor loja de discos do norte". E, praticamente desde o início, essa estratégia deu certo. A gravadora Decca disse que estava interessada.

Seus contatos na Decca sempre foram os melhores, embora eles fossem apenas do departamento de vendas. Mas, por ter suas credenciais passadas de um departamento para outro, ele conseguiu a promessa de que uma pessoa do A&R iria até Liverpool para ver o que todo esse alarde queria dizer.

Mike Smith, da Decca, apareceu no fim de dezembro de 1961. Sucesso na sua primeira tentativa. Brian estava em êxtase. "Que ocasião! Um gerente de A&R no Cavern."

Mike Smith ficou bem impressionado. Ele gostou do som dos Beatles e prometeu conseguir que eles fossem para Londres para fazer um teste nos estúdios da Decca. Esse tipo de teste, apenas para ouvir seu som e ver como eles se comportavam em uma gravação, não queria dizer muita coisa. Mas significava muito para Brian Epstein, para os Beatles e para Liverpool.

O teste foi marcado para o dia 1º de janeiro de 1962. Brian foi para Londres de trem. Os Beatles (John, Paul, George e Pete Best) foram de carro com seu *road manager*, Neil Aspinall, na véspera de Ano-Novo.

"Aluguei uma van maior especialmente para a ocasião. Nunca tinha ido nem para perto de Londres antes. Levou dez horas e nos perdemos na neve em algum lugar perto de Wolverhampton.

"Chegamos em Londres por volta das 10 horas da noite e achamos um hotel, o Royal, perto da Russell Square. Depois fomos beber. Tentamos comer algo em algum lugar perto de Charing Cross Road. Nós entramos, aquele bando de desgrenhados, e nos sentamos. O cardápio dizia

que a sopa custava seis contos, o que só podia ser brincadeira. O cara disse que a gente tinha que ir embora. Então nós fomos.

"Fomos para Trafalgar Square e vimos todos os bêbados do Ano-Novo caindo no chafariz. Em seguida, conhecemos dois caras na Shaftesbury Avenue que estavam chapados, embora não soubéssemos o que era isso na época. Eles tinham um pouco de maconha, mas nunca tinha visto aquilo. Éramos muito verdes. Quando eles ficaram sabendo que tínhamos uma van, perguntaram se podiam fumar lá. Nós dissemos: não, não, não! Estávamos morrendo de medo."

Brian chegou primeiro nos estúdios da Decca na manhã seguinte, pontualmente. "O pessoal da Decca estava atrasado e eu fiquei bem irritado. Não porque estávamos ansiosos para gravar nossas músicas, mas porque achamos que estávamos sendo tratados como pessoas irrelevantes."

Enfim, falaram que era a vez deles. Eles pegaram seus amplificadores velhos e surrados, e imediatamente mandaram que eles guardassem aquilo. "Eles não queriam o nosso equipamento", diz Neil. "Tínhamos que usar o deles. Não precisávamos ter trazido nossos amplificadores de Liverpool."

Eles começaram a tocar e George cantou, com uma voz bem fraca, "The Sheik of Araby". Paul cantou, bem nervoso, "Red Sails in the Sunset". Eles não tocaram nenhuma de suas composições próprias, embora tivessem algumas que poderiam ser tocadas. Brian os aconselhou a se limitarem ao básico.

"Eles estavam bem assustados", diz Neil. "Paul não conseguiu cantar uma música. Ele estava muito nervoso e sua voz começou a falhar. Eles estavam todos preocupados com a luz vermelha. Perguntei se eles podiam apagá-la, mas nos disseram que alguém podia entrar se ela estivesse desligada. 'Alguém pode o quê?', nós perguntamos. Não sabíamos o que nada daquilo queria dizer."

Eles terminaram a gravação por volta das 2 horas da tarde e todos pareciam muito satisfeitos.

"Mike Smith disse que a gravação tinha ficado ótima", diz Pete Best. "Achamos que estávamos contratados. Brian nos levou para jantar naquela noite em um lugar em Swiss Cottage. Ele pediu um vinho, que por algum motivo nunca foi servido."

As semanas se passaram e nada aconteceu. Eles continuaram tocando por Merseyside, mas sempre na expectativa de serem fisgados pela Decca. Então, em março, depois muita importunação, Brian recebeu uma ligação de Dick Rowe, chefe de Mike Smith na Decca, que disse que eles tinham decidido não contratar os Beatles. "Eles me disseram que não tinham gostado do som deles. Bandas de guitarras não estavam mais na moda. Eu disse a ele que estava completamente confiante de que os meninos iam ser maiores que Elvis Presley."

Foi-lhe sugerido, como ele tinha um bom negócio de varejo de discos em Liverpool, que se ativesse àquilo. Também deram-lhe a entender que havia outras maneiras de se gravar um disco – por um pagamento de 100 libras, por exemplo, ele poderia contratar um estúdio e um gerente de A&R. Ele contemplou essa possibilidade por um ou dois dias. Mas ainda achava que estava sendo tratado de uma maneira tão negligente que aquilo seria um completo desperdício de dinheiro.

"Acho que a Decca esperava que fôssemos todos polidos", diz John. "Estávamos apenas gravando uma demo. Eles deviam ter notado o nosso potencial." Depois disso, eles seguiram uma longa e deprimente trilha por todas as outras grandes gravadoras. Em ordem: Pye, Columbia, HMV e EMI os rejeitaram. Outras empresas menores também lhes disseram não.

"Fui o último a ficar sabendo que fomos rejeitados pela Decca", diz Pete Best. "John, Paul e George ficaram sabendo muito antes de mim. Eles simplesmente deixaram escapar um dia que tinham ficado sabendo semanas antes. 'Por que vocês não me contaram?' Eles disseram que não queriam me desanimar."

Os outros oscilavam entre o desânimo e um otimismo ilógico de que algo iria dar certo no final das contas.

"Tivemos algumas pequenas brigas com Brian", diz John. "Dizíamos que ele não estava fazendo nada e que nós é que estávamos fazendo todo o trabalho. Era só da boca para fora, de verdade. Sabíamos o quanto ele estava trabalhando. Éramos Nós contra Eles."

"Esperávamos pelo Brian na Lime Street para ouvir as notícias", diz Paul. "Ele nos ligava e achávamos que talvez tivesse alguma coisa boa para contar. Ele saía do trem com sua maleta cheia de papéis, íamos tomar um café no Punch and Judy e ouvíamos como Pye ou Philips, ou quem quer que fosse, tinha nos rejeitado."

"Mas ainda acreditávamos na ideia de que íamos chegar ao topo das paradas", diz George. "Quando as coisas ficavam realmente ruins e nada estava acontecendo, nós tínhamos esse número: John gritava 'Para onde nós vamos, rapazes?' e nós gritávamos de volta: 'Para o topo, Johnny!'. Então ele gritava: 'Que topo?'. 'O topo mais alto de todos os topos mais altos, Johnny!'."

Alistair Taylor, assistente de Brian na NEMS, diz que seu chefe ficava muitas vezes à beira das lágrimas com essa ronda pelas gravadoras. "Ele estava fazendo tudo que podia, mas havia sempre 10 mil bandas fazendo tudo o que podiam. Ele não estava chegando a lugar nenhum."

Em dezembro de 1961, o *Mersey Beat* anunciou uma pesquisa de popularidade. John e Paul ainda têm cópias dessa edição em suas casas, todas com os formulários de votação recortados. Eles preencheram dezenas de formulários com nomes falsos, sempre colocando os Beatles em primeiro lugar e Gerry and the Pacemakers em último. Estavam realmente preocupados com a possibilidade de Gerry ganhar. Todas as bandas estavam votando em si mesmas, claro, então as trapaças cancelavam umas às outras. Na ocasião, os Beatles foram os vencedores absolutos.

Brian tirou o maior proveito possível do prêmio. Para uma apresentação em 24 de março de 1962, eles foram listados no cartaz em letras garrafais: "OS VENCEDORES DA PESQUISA DO *MERSEY BEAT*!"; "ARTISTAS DA POLYDOR!"; "ANTES DA TURNÊ EUROPEIA!". O show aconteceu no Barnston Women's Institute, que era um peixe pequeno depois de tanto alarde.

A "turnê europeia" a que a propaganda se referia era, é claro, sua terceira visita a Hamburgo, que aconteceu uma semana depois, em abril de 1962.

Eles chegaram a Hamburgo de avião. Essa era a primeira vez que qualquer um deles viajava de avião. "Brian nos obrigou", diz Pete Best. "Ficamos mortos de felicidade."

Eles iam tocar dessa vez na Star Club, a maior boate do tipo em Hamburgo. "Tinha até cortinas de verdade no palco", diz George. Astrid, que ainda estava de luto por Stu, não foi vê-los no começo, mas os Beatles fizeram tudo que podiam para ir até ela, dar-lhe presentes e animá-la. Ela disse que, desse modo, qualquer remota sensação de que eles eram cruéis desapareceu para sempre. "Nunca tinha percebido que podiam ser tão gentis."

Enquanto isso, na Grã-Bretanha, Brian estava trabalhando em seu mais recente plano para conseguir que alguém se interessasse pelos Beatles. Ele decidiu que ia desembolsar mais dinheiro.

Ele levava fitas para todas as gravadoras, algumas das quais cópias daquelas que eles tinham originalmente gravado no teste para a Decca em janeiro. Ele decidiu que impressionaria muito mais as pessoas (e que seria muito mais prático) se ele transformasse as fitas em discos.

Seu pai estava cada vez mais irritado com todos os seus gastos com os Beatles. "Falei para o meu pai que queria levar as fitas para Londres em uma manobra de ou tudo ou nada. Ele concordou, desde que fosse apenas por um ou dois dias."

Brian foi então à sede da HMV, na Oxford Street. Essa é apenas uma loja comum de varejo, embora muito grande e parte do vasto império da EMI. Brian conversou com um contato dele por lá e perguntou como podia passar as fitas para disco.

"O técnico que tinha passado as fitas para disco disse que eles não eram nada ruins. Ele disse que ia falar com um editor de música no andar de cima, Syd Coleman. Coleman ficou muito animado e disse que gostaria de trabalhar com as músicas deles e que ia falar com um amigo seu na Parlophone, George Martin."

Uma reunião foi marcada com George Martin para o dia seguinte na EMI. A Parlophone era parte da EMI, sua empresa-mãe, que já tinha rejeitado os Beatles.

"George Martin escutou o disco e disse que gostava da voz de Paul e da guitarra de George. Essas foram as duas coisas que ele disse especificamente. John tinha cantando 'Hello Little Girl', de que ele gostou bastante, e Paul cantou 'Till There Was You'."

Martin discutiu tudo isso com Brian muito lentamente e com calma, e por fim disse que achava-os muito "interessantes". Sim, e ele achava que eles eram interessantes o suficiente para

convidá-los para um teste.

Era então maio de 1962. Os Beatles ainda estavam em Hamburgo. Brian saiu correndo da EMI e mandou um telegrama para eles com a boa notícia.

"Ainda estávamos na cama", diz Pete Best "Quem acordasse primeiro ia pegar a correspondência. George foi o primeiro a se levantar nesse dia e abriu o telegrama: 'Parabéns, meninos. EMI solicita sessão de gravação. Por favor ensaiem material novo.'

"Ficamos em êxtase. John e Paul começaram a compor imediatamente. Brian veio nos encontrar e negociar um novo contrato – acho que o que ele conseguiu foram 85 libras por semana para cada um. Ele achou que 'Love Me Do' seria uma boa escolha para a sessão de gravação."

Klaus diz que ficou decepcionado com Brian Eptein quando ele chegou a Hamburgo. "Não gostei da cara dele. Ele era muito tímido, nada poderoso como eu esperava que fosse. Fiquei um pouco deprimido. Tinha na minha cabeça uma ideia do empresário que eles estavam destinados a ter. Ele seria o homem mais importante da indústria, bem dinâmico, não um noviço tímido."

Mas os Beatles estavam muito satisfeitos consigo mesmos. Klaus se lembra da alegria deles com a notícia sobre a EMI, como eles foram mostrar seu novo contrato para o pessoal da Polydor, que os tinha contratado apenas como grupo de apoio, não como estrelas.

"Fui para o litoral um dia com Paul e George, e George estava falando sobre dinheiro. Ele disse que achava que ia ganhar muito dinheiro. Ele ia comprar uma casa com piscina, depois ia comprar um ônibus para o seu pai, já que ele era motorista de ônibus."

Eles voltaram de Hamburgo no início de junho de 1962. Em 6 de junho, fizeram o teste para o George Martin nos estúdios da EMI em St John's Wood.

Brian, eficiente como sempre, tinha enviado antecipadamente para George Martin uma lista, cuidadosamente datilografada, em seu papel timbrado, com sugestões de músicas que eles poderiam tocar para o Sr. Martin, caso, claro, ele concordasse. A lista incluía composições originais – "Love Me Do", "PS I Love You", "Ask Me Why" e "Hello Little Girl". Mas a maioria das sugestões era de músicas padrão, como "Besame Mucho".

George Martin escutou tudo cuidadosamente e disse-lhes que eram muito bons. Ele gostava deles. Era bom enfim conhecê-los pessoalmente, tendo ouvido falar tanto deles através de Brian. Muito bom. Ele mandaria notícias.

Era só isso. Eles não ficaram abatidos ou nada parecido, mas esperavam uma reação mais definitiva. Eles voltaram para Liverpool no dia seguinte e continuaram a se apresentar por lá, honrando compromissos que Brian tinha marcado enquanto estavam em Hamburgo. Seu primeiro compromisso foi um show de boas-vindas no Cavern no sábado, 9 de junho, e depois, na segunda-feira, um show na rádio BBC que Brian tinha conseguido arranjar. Depois disso,

eles tinham shows todos os dias até julho e algumas apresentações marcadas até o fim de setembro.

Esses compromissos incluíam apresentações no Cavern, além de eventos em lugares como Casbah, New Brighton Tower, Northwich Memorial Hall, Majestic Ballroom, Birkenhead, Plaza Ballroom, St Helens, Hulme Hall Golf Club e o barco Royal Iris River Cruise, da Automatic Telephone Company.

Brian, como de costume, mandou para cada um deles um memorando com todos os detalhes de cada apresentação. Ele incluiu lembretes, normalmente em letras maiúsculas, sobre como deveriam se comportar:

Sexta, 29 de junho de 1962
TOWER BALLROOM, NEW BRIGHTON

Neil vai chegar para lhes buscar entre 18h45 e 19h para que vocês cheguem na Tower às 19h30. Essa é uma noite do Leach pela qual ele lhes deu excelente publicidade como estrelas da noite. Com isso em mente, e pelo fato de ele ter cooperado bastante conosco em várias outras ocasiões recentemente, gostaria que vocês dessem a ele o melhor de si. E também por ser a noite antes do casamento de Sam! Deve haver bastante público, em sua maioria pagando para ver os Beatles. Programa, continuidade, ternos, camisas brancas, gravatas etc. etc. Show de uma hora.

N.B.: Anexada está a cópia do Mersey Beat onde o nome THE BEATLES foi citado por cerca de 15 vezes. Das dez páginas do Mersey Beat, THE BEATLES aparece em seis. Tem havido uma grande quantidade de publicidade e haverá mais e, neste contexto, é de vital importância fazer jus à publicidade. Notem que durante TODOS os compromissos acima é ESTRITAMENTE PROIBIDO, proibido: fumar, comer, mastigar e beber durante as apresentações.

Brian estava sempre tentando levá-los para tocar em lugares mais distantes de Merseyside, mas com pouca sorte. Durante o verão ele conseguiu levá-los para tocar em Peterborough, mas

foi um fracasso total. Ninguém os conhecia e ninguém gostou deles. "O público não aplaudia", diz Arthur Howes, o promotor que os contratou.

Durante esse tempo todo eles estavam aguardando ansiosamente por notícias de George Martin. Ele disse que avisaria quando eles poderiam voltar e ter uma sessão de gravação de verdade.

Brian finalmente falou com George Martin no fim de julho. Ele queria que eles assinassem um contrato com a Parlophone Records. Agora estava tentando pensar em quais músicas eles poderiam gravar. Brian, John, Paul e George estavam em êxtase.

Eles não contaram nada a Pete Best.

"Estávamos tocando numa quarta-feira à noite, 15 de agosto, no Cavern", diz Pete Best. "Deveríamos ir tocar na noite seguinte em Chester e eu supostamente iria levar John. Quando estávamos saindo do Cavern, perguntei para ele que horas queria que eu fosse buscá-lo para irmos para Chester. Ele disse que iria por conta própria. Perguntei: 'O que está acontecendo?' Mas ele tinha ido embora. Ele parecia assustado. Então, Brian me ligou, pedindo para encontrar comigo e com Neil em seu escritório na manhã seguinte.

"Neil me levou de carro no dia seguinte. Brian parecia agitado, não estava feliz como de costume. Ele sempre demonstrava as suas emoções e notava-se claramente que alguma coisa estava acontecendo. Ele estava inquieto o tempo todo.

"Ele disse: 'Tenho uma má notícia para você. Os meninos querem você fora da banda e Ringo em seu lugar.' Foi uma bomba. Fiquei atordoado. Não consegui falar por uns dois minutos.

"Comecei a perguntar o porquê daquilo e não consegui obter nenhum motivo concreto. Ele disse que George Martin não estava muito satisfeito com a forma como eu tocava. Falou ainda que os meninos achavam que eu não me encaixava bem na banda. Mas não parecia ser nada realmente concreto.

"Enfim eu disse que, se era assim, então que fosse. Saí do escritório e contei para o Neil, que estava esperando do lado de fora. Devia estar pálido. Contei para ele que tinha sido demitido depois de dois anos com eles. Não sabia por quê. Disse que não consegui obter uma resposta direta.

"Brian saiu do escritório e veio falar com nós dois. Ele perguntou se eu podia ficar até o fim da semana, tocando na quinta e na sexta até que o Ringo pudesse vir. Eu disse que sim.

"Fiquei andando por aí, bebi umas cervejas. Não contei a ninguém o que tinha acontecido. Não sei como a notícia se espalhou. Eu não contei a ninguém."

A notícia realmente se espalhou quase que imediatamente e houve um pandemônio em Liverpool. *Mersey Beat* deu a notícia na sua edição de 23 de agosto: "Exclusivo no *Mersey Beat*: Beatles mudam de baterista". Eles não deram nenhum motivo e disseram que foi amigável, mas

terminaram a história dizendo que os Beatles estavam voando para Londres dia 4 de setembro para uma sessão de gravação na EMI.

Os fãs de Pete Best, embora não fossem tão numerosos quanto os de Paul McCartney, ficaram furiosos. Seu ídolo tinha sido expulso bem no momento de glória dos Beatles. Eles protestaram nas ruas, foram para a NEMS com cartazes, se manifestaram do lado de fora do Cavern e gritaram palavras de ordem durante as apresentações.

John, Paul e George foram atacados pelos fãs de Pete Best, mas Brian Epstein se tornou seu inimigo número um.

"A demissão de Pete Best me deixou em uma posição terrível. Esse foi o primeiro problema com o qual realmente tive que lidar com eles. Da noite para o dia, me tornei o homem mais odiado da cena *beat*. Por duas noites não ousei chegar perto do Cavern, porque a multidão gritava: 'Pete para sempre, Ringo nunca' ou 'Pete é melhor'. Não podia ficar afastado por muito tempo, então Ray McFall arrumou um guarda-costas para mim."

Os fãs de Pete Best tentavam bater ou arranhar os Beatles, enquanto os fãs de John, Paul e George tentavam afastá-los. Ringo se manteve fora da confusão. Em todas as brigas, algumas garotas se machucavam, mas, dos Beatles, apenas George se machucou. Ele ganhou um olho roxo.

Havia dezenas de boatos circulando por Liverpool. Mal Evans, então segurança do Cavern, diz ter escutado pessoas falando que era porque Pete não sorria. Outros diziam que era porque ele não queria mudar seu corte de cabelo. Parecia haver pouca dúvida de que Brian não queria ter feito aquilo.

"Sabia o quão popular Pete era. Ele era incrivelmente bonito e tinha muitas fãs. Eu me dava bem com ele. Na verdade, ele foi o primeiro deles que passei a conhecer melhor. Achei que a forma de me enturmar seria através de Pete, porque ele era o mais fácil de conhecer, o mais simples.

"Então fiquei muito triste quando os três vieram me dizer numa noite que não o queriam mais na banda. Eles queriam Ringo. Isso já estava para acontecer há muito tempo, mas tinha esperanças de que não fosse acontecer."

Por Brian ser tão contra a ideia, ele inventou outras desculpas, como George Martin não gostar da forma como ele tocava, o que era uma meia verdade, mas não foi a principal razão para a demissão.

"Não me ofereci para manter Pete em outra banda, fiquei irritado quando ele não apareceu em Chester naquela noite, já que disse que iria. Estava contando com ele. Não me dei conta de que talvez fosse difícil para ele encarar os outros novamente."

"Como poderia?", diz Pete. "Por que iria, se eles não me queriam mais? Fiquei sentado em casa por duas semanas. Sem saber o que fazer. Garotas batiam na porta o tempo todo. Elas acamparam no jardim e ficavam gritando o meu nome."

Neil acha que o maior culpado foi George. Ele acredita que John era relativamente próximo de Pete e Paul nunca teria feito nada parecido com aquilo sozinho. Neil diz que eles todos estavam de acordo, mas foi George quem deu o empurrão final em Brian, já que era ele quem mais admirava Ringo. O soco no olho de George, diz Neil, prova essa teoria.

A Sra. Best tem a teoria mais simples de todas. "A batida do Pete tinha feito deles quem eles eram. Eles tinham inveja de Pete e o queriam fora da banda. Pete não tinha se dado conta da quantidade de fãs que tinha até ser demitido. Ele sempre foi tão tímido e quieto, nunca ficou tagarelando por aí, como algumas outras pessoas.

"Ele tinha sido o empresário deles antes de Brian, marcava os shows e recebia o dinheiro. Eu os considerava amigos. Os ajudei tanto, marquei shows, emprestei dinheiro. Eu os alimentei quando eles estavam com fome. Estava muito mais interessada neles do que seus próprios pais."

Há um pouco de razão por trás da raiva da Sra. Best. A demissão de Pete Best é um dos poucos incidentes obscuros na história dos Beatles. Há algo de furtivo sobre a forma como ela ocorreu. É verdade que a maioria das pessoas teria feito o mesmo, mandado o empresário fazer o trabalho sujo. Mas todos eles, especialmente John, sempre tinham sido tão honestos e verdadeiros com todo mundo. Também é verdade o que a Sra. Best disse sobre ele ter servido os Beatles tão bem por tanto tempo. Mas não é verdade, longe disso, que eles estivessem simplesmente produzindo o som de Pete Best, embora a bateria de Pete fosse parte de seu sucesso.

"Quando voltamos da Alemanha, estava tocando o meu bumbo muito alto e estabelecendo uma batida muito sólida", diz Pete. "Isso era inédito na época em Liverpool, já que todos os grupos estavam tocando no estilo dos Shadows. Até o Ringo copiou nosso ritmo na banda do Rory Storm e não demorou muito para que a maioria dos bateristas de Liverpool estivesse tocando no mesmo estilo. Essa forma de tocar bateria tinha muito a ver com o som alto que estávamos produzindo."

Outros dizem que o principal motivo de Pete ter permanecido na banda por tanto tempo não era o seu som, mas o trauma deles de não terem conseguido arrumar um baterista por um bom tempo. Eles queriam qualquer bom baterista, porque a falta de um havia impedido seu progresso. Quando um razoável apareceu, ficaram com ele. Não necessariamente porque ele era ótimo, mas porque eles sabiam como era não ter um.

"Mas, se eu não era tão bom, por que continuei com eles por dois anos e meio? Quando voltamos para Liverpool pela primeira vez, por que não arrumaram outro baterista, então? Havia muitos. Por que não chamaram o Ringo naquela época, em vez de dois anos depois, na véspera do sucesso?"

O que faz ou não um bom baterista é difícil de definir, mas havia alguma evidência de que a personalidade de Pete não se encaixava com a dos outros, como Astrid e Klaus haviam notado

em Hamburgo, embora o próprio Pete parecesse não notar. Stu, ao contrário de Pete, percebia logo de início quando estava sendo criticado. Pete se julgava realmente um integrante da banda depois de tanto tempo, e ficou naturalmente muito surpreso quando o fim chegou.

Mas, pelo bem da carreira de Pete, o que quer que fosse acontecer com os Beatles depois, a forma como ele foi tratado e, especialmente, o modo como a demissão foi anunciada poderiam ter sido pautados por mais bom gosto e clareza. Podiam tê-lo ajudado a conseguir trabalho em outra banda antes de anunciarem a notícia, por exemplo.

É fácil falar isso agora, é claro. Ninguém sabia o quão bem os Beatles iriam se dar e o que Pete iria perder. Os próprios Beatles se sentiram culpados, mas dizem que foi uma decisão conjunta, não só de George. Eles nunca sentiram que Pete fosse um deles e era só uma questão de tempo até que isso acontecesse.

"Fomos muito covardes quando o demitimos", diz John. "Fizemos Brian falar com ele. Mas, se tivéssemos falado na cara de Pete, teria sido muito pior do que ter vindo de Brian. Teria provavelmente terminado em briga se nós tivéssemos dado a notícia a ele."

Pete foi embora e perdeu a chance de ser famoso. Mas o caso teve um desfecho feliz para os Beatles: Ringo Starr.

18

Ringo

Richard Starkey, ou Ringo, é o Beatle mais velho. Ele se chamaria Parkin hoje se seu avô não tivesse decidido mudar de sobrenome. Quando a mãe de seu avô se casou de novo e mudou de sobrenome, de Parkin para Starkey, o avô de Ringo decidiu mudar seu nome para Starkey também. Isso causou uma grande confusão quando Ringo tentou rastrear o passado de sua família. O nome Starkey supostamente tem sua origem nas ilhas Shetland.

A mãe de Ringo, Elsie Gleave, se casou com seu pai, Richard Starkey, em 1936. Eles se conheceram quando ambos trabalhavam na mesma padaria de Liverpool. Ela é baixa, encorpada e loira e, hoje em dia, se parece bastante com a Sra. Harrison.

Quando eles se casaram, foram morar com os Starkey, os avós paternos de Ringo, em Dingle. Depois de Scotland Road, Dingle é conhecida por ser uma das áreas mais barras-pesadas de Liverpool. Fica no centro, perto das docas, e é muito menos salubre do que os subúrbios um pouco mais arejados em que John, Paul e George cresceram.

"Há um monte de cortiços em Dingle", diz Ringo. "Um monte de gente em pequenos caixotes tentando sair de lá. Quando você dizia que morava em Dingle, as outras pessoas de Liverpool diziam: 'Oh, ele deve ser um caso perdido', o que é claro que não era verdade na maioria dos casos."

Elsie e Richard Starkey conseguiram uma pequena casa só para eles um pouco antes de Ringo nascer. Ela não ficava em um cortiço, mas em Madryn Street, uma rua terrível com casas baixas enfileiradas. A casa deles era maior do que a maioria, três cômodos no andar de cima e três no de baixo, em vez do padrão, dois em cima e dois embaixo.

"Sempre fomos pessoas comuns de classe trabalhadora em ambos os lados da família, embora haja um boato na família de que minha bisavó era razoavelmente bem de vida", diz Ringo. "Ela tinha grades de crômio em volta da casa. Bem, elas eram muito brilhantes. Talvez

eu tenha inventado isso. Você sabe como é, você imagina certas coisas, sua mãe te diz coisas, então você passa a acreditar que realmente viu algo que não existe.

"Mas a mãe da minha mãe era realmente muito pobre. Ela tinha 14 filhos."

Ringo nasceu um pouco depois da meia-noite, na manhã de 7 de julho de 1940, no número 9 de Madryn Street. Ele nasceu com uma semana de atraso. Seu parto foi com o auxílio de fórceps e ele pesava quatro quilos e meio. Nasceu de olhos abertos, olhando de um lado para o outro. Sua mãe disse para os vizinhos que tinha certeza de que ele já tinha estado aqui antes.

Sua mãe, Elsie, tinha 26 anos na época e seu pai, Richard, 28. Eles batizaram seu primeiro e único filho de Richard. É uma tradição da classe trabalhadora sempre batizar seu primeiro filho homem com o nome do pai. Eles também o chamavam pelo apelido Ritchie, assim como seu pai era chamado, e como ambos são chamados por suas famílias até hoje.

A Sra. Starkey, mãe de Ringo, se lembra de estar deitada na cama, se recuperando do parto, quando ouviu as primeiras sirenes da guerra. O bombardeio a Liverpool tinha começado.

Eles ainda não haviam construído abrigos em Dingle. Os primeiros bombardeios realmente sérios ocorreram algumas semanas depois. Os Starkey, junto com dois vizinhos com quem estavam conversando dentro de casa, correram para se abrigar no alçapão para escoamento de carvão debaixo da escada. Ritchie começou a gritar. Sua mãe reparou que, na correria, ela o colocou sobre o ombro de cabeça para baixo. Então, ela o virou e ele dormiu durante todo o bombardeio. Essa é outra história que ela logo contou para os vizinhos – e ainda conta até hoje.

Quando Ritchie tinha pouco mais de 3 anos, seus pais se separaram. Exceto em três ocasiões posteriores, Ritchie não viu mais seu pai.

Não houve drama ou histeria, como com os pais de John, quando eles se separaram. Tudo parece ter sido resolvido tranquilamente. Elsie ficou com o bebê e eles acabaram se divorciando.

Ringo e sua mãe ficaram sozinhos em Madryn Street por algum tempo, mas o aluguel logo se tornou muito caro e eles se mudaram para a casa na esquina, o nº 10 de Admiral Grove. Essa casa tinha apenas quatro cômodos, sendo dois em cima e dois embaixo. O aluguel em 1940 era de 10 xelins por semana.

A lembrança mais antiga de Ringo é dessa mudança. Ele acha que devia ter mais ou menos 5 anos nessa época. "Eu me lembro de estar sentado na traseira do caminhão de mudança levando as nossas coisas para Admiral Grove."

Ele não tem nenhuma lembrança de seus pais se separando. Apenas se lembra de ter encontrado seu pai duas vezes quando era muito novo e uma terceira vez no início da adolescência.

"Uma vez ele veio me ver no hospital com um pequeno caderno e me perguntou o que eu queria.

“Depois o vi mais uma vez na casa da vovó Starkey. Ele me ofereceu dinheiro, mas ainda assim não falei com ele. Acho que minha mãe encheu minha cabeça com coisas sobre ele. Mas acho que, se tivesse sido ao contrário, se tivesse ido morar com o meu pai, eu teria pensado o oposto.”

É provável que Ringo tenha visto seu pai quando criança, após a separação, mais vezes do que se lembra, pois ele passou muito tempo na casa da vovó Starkey. Levou algum tempo até que seu pai, que permaneceu trabalhando como padeiro, se mudasse de Liverpool e se casasse de novo.

Sua mãe não se lembra de Ringo ficar triste com a separação ou mesmo fazer perguntas sobre o que havia acontecido.

“Às vezes ele desejava que fôssemos mais do que só nós dois. Quando estava chovendo, ele olhava pela janela e dizia: ‘Queria ter irmãos e irmãs. Não tenho ninguém para conversar quando está chovendo.’”

Ritchie frequentou a catequese aos 4 anos e começou a escola primária aos 5. A escola era a St Silas’s Primary School, a apenas 250 metros de sua casa. Ficava em um prédio vitoriano vermelho, uma das escolas nacionais construídas em 1870.

Elsie recebia de seu ex-marido trinta contos por semana de pensão alimentícia, mas não era o suficiente para viver, então ela precisou arrumar um emprego. Havia tido vários empregos antes de se casar, incluindo o posto de garçonete, então voltou a fazer isso. Ela sempre gostou daquilo, já que era alegre, sociável e gostava de companhia, e as horas lhe convinham.

Ela voltou a trabalhar em um bar antes de Ringo começar a escola, trabalhando de manhã e na hora do almoço por 18 xelins por semana, deixando Ringo na casa da vovó Starkey ou com vizinhos.

“Nunca pensei em mandar Ritchie para um orfanato. Ele era meu filho. Com o trabalho no bar, eu ganhava o suficiente. Havia muito trabalho nos bares por causa da guerra.”

Ao 6 anos, depois de menos de um ano na escola, Ritchie teve apendicite. O apêndice estourou e o quadro virou uma peritonite. Ele foi levado para o Myrtle Street Children’s Hospital e passou por duas cirurgias.

“Eu me lembro de estar muito mal e sair de casa em uma maca para a ambulância. No hospital, a enfermeira começou a esmagar meu estômago. Pelo menos era isso que eu sentia. Ela provavelmente só me tocou.

“Fui levado para a cirurgia e pedi um chá. Eles disseram que eu não poderia tomar nada antes da operação, mas que quando saísse me dariam um. Entrei em coma e não acordei por dez semanas.”

Ele ficou hospitalizado por pouco mais de 12 meses. Em certo momento, ele estava se recuperando bem, mas caiu de sua cama quando foi mostrar um presente para o menino na cama ao lado, durante uma festa de aniversário.

Não era permitido que pais visitassem seus filhos, pois acreditava-se que poderiam perturbá-los demais. Mas, durante uma fase, Ritchie estava tão gravemente doente que eles deixaram que sua mãe o espiasse no berço, tarde da noite, depois que ela terminara o expediente no bar.

Ele recebeu alta quando tinha 7 anos e voltou a estudar em St Silas's. Ele nunca foi muito bem nas aulas, mas, depois de passar um ano no hospital, ele tinha ficado completamente para trás e era incapaz de ler ou escrever. Sem a ajuda de Marie Maguire, ele acha que talvez nunca tivesse aprendido. A mãe de Ritchie e a dela eram amigas de longa data. Elas saíam juntas e deixavam Marie tomando conta de Ritchie.

"Eu era muito mandona com ele, já que era quatro anos mais velha. Ele passava tanto tempo na nossa casa que as pessoas batiam na nossa porta e diziam: 'O seu Ritchie está fazendo isso e aquilo.' Quando ele fazia as refeições com a gente e estávamos comendo ensopado, eu tinha que catar as cebolas para ele. Ele odeia cebolas. Eu sempre o xingava.

"Minha lembrança mais antiga dele é de quando ele tinha uns 3 anos. Houve uma terrível tempestade e, quando olhei para o outro lado da rua, para a casa dele, o vi com sua mãe, agarrados no corredor.

"Comecei a ensiná-lo a ler e a escrever quando ele saiu do hospital. Ele não era burro, só tinha perdido muita coisa. Tivemos que nos organizar direito. Eu dava aula para ele duas vezes por semana e, em troca, sua mãe me dava uma mesada. Comprei o livro *Primary Readers*, publicado pela Chambers, e ficávamos na mesa da cozinha lendo.

"Tomava conta dele aos sábados à noite na nossa casa, quando nossas mães saíam. Elas deixavam garrafas de limonada e doces para a gente. Uma vez ele tirou a camisa e eu pintei suas costas com tinta. Parece muito primitivo, agora que me lembro. Outra vez ele trouxe sua namorada para me conhecer. Ele insistiu que o nome dela era Jellatine.

"Sempre gostei dele. Ele era muito alegre e fácil de conviver, assim como sua mãe. Ele tinha lindos e grandes olhos azuis. Nunca notei que ele tinha um nariz grande. Só quando a imprensa começou a falar disso, anos mais tarde, foi que notei."

Marie foi sua amiga mais próxima por muitos anos, mas ele também passava muito tempo com suas duas avós, enquanto sua mãe trabalhava.

"Minha avó Gleave, mãe de minha mãe, morava sozinha, mas ela tinha um amigo chamado Sr. Lester, que costumava vir tocar gaita para ela. Ambos tinham uns 60 anos. 'Ah, sim, sabemos o que você está aprontando, tocando gaita para ela no escuro', costumávamos dizer. Mas ela não queria se casar com ele. Enfim, o Sr. Lester foi embora e se casou com outra pessoa.

"Adorava ir para a casa de meu avô Starkey quando ele perdia muito dinheiro apostando em cavalos, porque ele perdia a cabeça. Eles eram um ótimo casal. Costumavam brigar de verdade. Ele trabalhava nas caldeiras nas docas, um estivador forte de verdade, mas fazia coisas

lindas para mim. Uma vez ele me deu um trem de brinquedo enorme com fogo de verdade dentro. Causava o maior tumulto quando eu descia a rua com ele. Eu costumava cozinhar maçãs dentro."

Ringo tem poucas memórias de St Silas's Primary School, a não ser quando estava matando aula ou segurando as crianças no pátio e roubando suas moedas. "Costumávamos roubar pequenas coisas da Woolworths. Coisas bobas de plástico que você podia colocar no bolso." Em certa ocasião, sua tia Nancy descobriu que seu colar de pérolas havia sumido. Ritchie apareceu do lado de fora de um pub em Park Street vendendo o colar por seis xelins.

Aos 11 anos, Ringo começou a estudar na Dingle Vale Secondary Modern School. Ele não fez as provas do Eleven Plus, já que não passou nas avaliações que determinavam se você era bom o suficiente para fazer tais exames.

"Ele gostava de ir à escola em pequenas doses", diz sua mãe. "Ele sempre matava aula. Ele e alguns outros ficavam do lado de fora do colégio até o último sinal tocar e não entravam. Eles diziam que tinham ficado presos do lado de fora e iam passar a tarde brincando no Sefton Park."

Quando Ritchie tinha um pouco mais de 11 anos, sua mãe começou a sair com um pintor e decorador da Liverpool Corporation, chamado Harry Graves. Ele era um londrino de Romford que havia adoecido e se mudado depois que seu médico sugeriu uma mudança de ares. Por alguma razão inexplicável, decidiu experimentar o ar de Liverpool. Ele ainda não se lembra o porquê. Conheceu Elsie através de amigos em comum, os Maguire. Ele se deu bem com Ritchie desde o início. Os dois iam juntos ao cinema duas ou três vezes por semana.

"Contei para Ritchie que Harry queria se casar comigo. Se ele tivesse dito não, não teria me casado. Mas ele disse: 'Vai lá e se casa, mãe. Eu não vou ser pequeno para sempre e você não quer acabar que nem a vovó.'" Ela era aquela que não tinha se casado com o Sr. Lester e sua gaita.

Harry Graves e Elsie Starkey se casaram no dia 17 de abril de 1953, quando Ritchie estava prestes a completar 13 anos. Ela parou de trabalhar pouco depois disso. Harry diz que ele e Ritchie nunca trocaram uma palavra atravessada. Elsie diz que ele era horrível. Quando ela falava para o seu marido que Ritchie estava sendo petulante, ele apenas sorria e não fazia nada.

Aos 13 anos, Ritchie ficou seriamente doente mais uma vez. Ele pegou um resfriado, que virou pleurisia, o que por sua vez afetou seu pulmão. Ele voltou para o hospital de Myrtle Street e, depois, foi para o Heswall Children's Hospital.

Só para animá-lo e dar-lhe algo pelo qual se interessar, Harry o inscreveu como sócio torcedor do Arsenal. Mais uma vez, ele não se lembra do porquê. O próprio Harry não gostava muito do Arsenal. Ele era, e ainda é, um torcedor fanático do West Ham. "Mas o Arsenal tinha um tipo de glamour naquela época. Achei que o menino ia gostar."

Enquanto Ritchie estava no hospital, Tom Whittaker, técnico do Arsenal, estava por acaso em Liverpool. Harry o escreveu, dizendo que seria um gesto simpático se ele pudesse visitar um de seus mais ávidos jovens torcedores, que estava doente no hospital. O Sr. Whittaker não pôde ir, mas escreveu uma carta muito simpática de volta, à qual Ritchie deu muito valor, segundo Harry. O próprio Ritchie não se lembra nem um pouco sobre a tal carta e nem mesmo de fazer parte da torcida do Arsenal.

Mas Ritchie tem boas memórias de Harry, desde o começo. "Ele costumava me dar várias revistas de histórias em quadrinho americanas. Ele era ótimo. Costumava ficar do lado dele se ele e minha mãe brigavam. Achava que ela estava sendo muito mandona e sentia pena de Harry. Aprendi a ser gentil com ele. Nunca há qualquer necessidade para ser violento."

Ritchie ficou internado no hospital por quase dois anos desta vez, dos 13 aos 15. "Deram para mim muitas coisas que mantinham minha mente ocupada, como tricô. Fiz uma grande ilha de papel machê e uma fazenda cheia de animais. Tive uma briga no hospital com um outro cara. Ele ficou furioso e bateu com uma bandeja enorme em mim. Por pouco não quebrou meus dedos."

Ele saiu do hospital com 15 anos, o que significava que tinha oficialmente terminado a escola, embora mal tivesse ido. Ele precisou voltar para a Dingle Vale Secondary Modern para uma avaliação, para que pudesse usar como referência profissional. Ele diz que ninguém se lembrava dele, já que havia se passado muito tempo.

Ele precisou ficar em casa, se recuperando, até que estivesse bem o suficiente para começar a pensar em trabalhar. Sua mãe estava muito preocupada com o tipo de emprego que ele iria conseguir. Ela sabia que ele não era forte o suficiente para carregar coisas pesadas e não havia estudado o suficiente para fazer qualquer coisa inteligente.

Através da agência de empregos para jovens, ele finalmente conseguiu um trabalho de mensageiro na British Railways por cinquenta contos por semana.

"Eu aceitei por causa do uniforme, mas tudo que eles me deram foi um chapéu. Achava aquele emprego horrível. Você tem que trabalhar por vinte anos até que eles te deem o uniforme completo. Deixei o emprego depois de seis semanas. Não foi só por não terem me dado o uniforme. Você tinha que passar por uma avaliação de saúde e eu fui reprovado. Em seguida, passei seis semanas a bordo de um navio, indo e voltando do norte de Gales, como barman. Fui para uma festa que durou a noite toda, fiquei bêbado e fui trabalhar direto. Fui petulante com o meu chefe e ele disse: 'Recolha as suas coisas, filho.'"

Depois disso, ele conseguiu um emprego na H. Hunt and Sons através de um amigo de Harry. "Era para eu ser marceneiro. Mas tudo que fiz por dois meses foi ir de bicicleta receber os pedidos. A essa altura, eu tinha completado 17 anos e estava farto de não ter começado meu treinamento como aprendiz. Então fui vê-los e eles disseram que não havia vagas para

marceneiro, e perguntaram se eu gostaria de ser serralheiro. Eu disse ok, era uma profissão. Todo mundo sempre disse: 'Se você tiver uma profissão, você vai ficar bem'."

Ninguém mais pensava que ele necessariamente ficaria bem. Ele era pequeno, fraco, com aparência de desnutrido e pouca educação.

"Ele teve uma infância difícil", diz Marie Maguire, a menina que o ensinou a ler. "Com um lar desfeito e duas longas doenças. Eu só queria que ele fosse feliz. Não bem-sucedido ou qualquer coisa do tipo. Apenas feliz."

As duas longas doenças devem ter tido um grande impacto em sua vida, fazendo com que fosse muito difícil se ajustar à escola e à vida comum. Hoje em dia ele não se lembra do nome de nenhum de seus colegas de escola, mas se lembra do nome de duas enfermeiras que tomaram conta dele – irmã Clark e enfermeira Edgington.

Mas ele mesmo não se lembra de ter sido infeliz em algum momento. Acha que teve uma boa infância.

É irônico o fato de ele ter voltado, naquela época, para Dingle Vale Secondary Modern para pegar referências profissionais e ninguém ter se lembrado dele. Alguns anos depois, em um dia de visitação, apresentaram uma mesa que Ringo Starr supostamente havia usado, cobrando seis centavos para cada pessoa que quisesse tirar sua foto sentada nela.

19

Ringo com os Beatles

Ringo não demonstrou nenhum interesse por música e não aprendeu a tocar nenhum instrumento quando era criança. "Tínhamos uma banda na enfermaria do hospital. Havia quatro crianças nos pratos e duas nos triângulos. Eu nunca tocava, a não ser que tivesse um tambor."

Foi quando ele começou a trabalhar, como aprendiz de serralheiro, que a mania do *skiffle* surgiu. Ele então ajudou a formar uma banda, chamada Eddie Clayton Skiffle, que tocava para os outros aprendizes na hora do jantar.

Sua primeira bateria foi uma de segunda mão, comprada por seu padrasto quando ele foi para Romford. Custou dez libras. "Trouxe de Londres na van dos guardas", diz Harry. "Estava esperando por um táxi na Lime Street quando vi Joe Loss andando na minha direção. Pensei que, se ele me perguntasse se sabia tocar, teria que dizer não. Mas ele passou reto por mim."

Sua primeira bateria nova custou cem libras. Ele pediu para seu avô o depósito de cinquenta.

"Se seu avô recusasse dar a ele um xelim que fosse, ele dava um ataque", diz sua mãe. "Um dia seu avô veio me ver. 'Ei, você sabe o que o seu maldito rebento quer?' Ele sempre o chamava de rebento, mas lhe deu o dinheiro. Ritchie pagou-lhe de volta devidamente, uma libra por semana retirada de seu salário."

Sua mãe estava um pouco preocupada com a ideia de que a banda estivesse tomando muito de seu tempo, já que ele deveria estar indo para as aulas na Riverdale Technical College, recuperando um pouco do que havia perdido na escola.

Mas Harry, seu padrasto, estava bastante interessado no grupo de *skiffle*. Era um interesse para o menino, afinal. Certa noite, Harry conheceu um cara em um bar que disse ter uma banda. O homem concordou em dar uma chance a Ritchie e Harry marcou um encontro entre eles. Ritchie foi ao encontro do sujeito e voltou furioso. A banda era, na verdade, uma fanfarra.

Queriam que ele tocasse um enorme bumbo, o pendurasse na sua frente, e em seguida marchasse pela rua tocando *bang*, *bang*, na batida de uma marcha militar.

Não que ele estivesse indo muito melhor na banda de Eddie Clayton. Ou que até mesmo houvesse um Eddie Clayton. Eddie Miles, que era realmente o líder do grupo, tinha mudado seu nome (para fins profissionais) para Eddie Clayton, no minuto em que a banda havia sido formada. Assim como Paul, George e John mudaram seus nomes quando foram para a Escócia.

Mas, finalmente, depois de passar pelos mesmos tipos de competições de *skiffle*, festas e pequenos salões de dança pelos quais os Beatles passaram, Ritchie se juntou à banda de Rory Storm. Quando lhes ofereceram uma temporada em Butlins, Ringo teve que decidir se largaria o trabalho ou não. Ele tinha, na época, 20 anos, e faltava apenas um ano para completar seu treinamento como aprendiz de serralheiro. "Todo mundo dizia que eu não devia ir e acho que eles tinham razão. Mas eu queria ir. Nessa época, ganhava seis libras por semana na Hunt e cerca de oito libras tocando à noite. Butlins estava me oferecendo vinte no total, 16 depois de descontarem o dinheiro do chalé."

Rory era então a principal banda de Liverpool, mas a proposta de tocar em Butlins por 13 semanas foi sua grande chance de fazer sucesso. "As pessoas iriam saber nossos nomes, então era melhor que eles fossem bons. Rory Storm já tinha mudado seu nome duas vezes. Ele era, na verdade, Alan Caldwell, depois se tornou Jet Storme e então Rory Storm."

Foi em Butlins que Richard Starkey finalmente se tornou Ringo. Ele era, até então, chamado ocasionalmente de Rings. Ganhou seu primeiro anel em seu aniversário de 16 anos, como presente de sua mãe. Quando seu avô Starkey morreu, ganhou outro, um largo anel de ouro que ele ainda usa. Aos 20 anos, usava quatro anéis. Seu sobrenome foi abreviado para Starr em Butlins, para que eles pudessem anunciar seu solo de bateria como "A Hora da Estrela" [Star Time]. Rings naturalmente se tornou Ringo, pois soava melhor com um sobrenome de uma sílaba.

De volta a Liverpool, Ringo deu uma festa em sua casa em Admiral Grove para comemorar seu 21º aniversário. Todas as principais bandas estavam lá, inclusive Gerry and the Pacemakers, Big Three e Cilla Black. Os Beatles não foram. Ringo não os conhecia. Eles eram de outra parte de Liverpool e eram uma banda ainda em começo de carreira.

A sala de estar em Admiral Grove era mínima, medindo apenas 3 metros por 3,5, mas de alguma forma eles conseguiram fazer com que sessenta pessoas participassem da festa. Eles sabem o número exato porque Ringo os enfileirou contra os escombros de tijolos em frente à sua casa para tirar uma foto.

Elsie, mãe de Ringo, conhecia Cilla Black há muito tempo, como uma moça local chamada Cilla White. Há quase um ano, ela vinha visitar a Sra. Starkey, com uma amiga, toda quarta-feira depois do trabalho. Cilla tomava chá com Elsie e depois fazia o seu cabelo.

O sucesso de sua temporada de 13 semanas em Butlins levou a outros compromissos. Eles fizeram uma turnê pelas bases da força aérea dos Estados Unidos na França, mas Ringo diz que foi horrível. “Os franceses não gostam dos britânicos; pelo menos eu não gostava deles.”

A banda de Rory ia tão bem que, quando receberam a primeira proposta para irem a Hamburgo, recusaram. Mas eles foram mais tarde, se juntando aos Beatles na Kaiserkeller, onde eles se conheceram pela primeira vez. Ringo tem uma vaga lembrança de tê-los visto uma vez antes, em Liverpool. Ele foi no Jackaranda Club um dia e os viu ensinando Stu a tocar baixo.

Em Hamburgo, Ringo costumava se sentar na plateia durante os intervalos e pedir que eles tocassem certas músicas. Ele voltou para Liverpool com Rory, depois foi para Hamburgo sozinho, para tocar com Tony Sheridan. Durante sua passagem por Hamburgo, pensou seriamente em ficar para sempre por lá. Ofereceram-lhe seu próprio apartamento, um carro e trinta libras por semana para ficar durante um ano. No entanto, ele decidiu voltar para Liverpool e tocar com Rory Storm de novo por mais uma temporada em Butlins. Foi então que o convidaram para se juntar aos Beatles. John falou para ele pelo telefone que teria que pentear o cabelo para baixo, mas disse-lhe que podia manter suas costeletas.

Ringo teve que aguentar muitos gritos e cartas ameaçadoras das fãs de Pete Best. “As garotas amavam o Pete. Eu... bom, eu era apenas um magricela desgrenhado. Brian também não me queria. Ele achava que eu não tinha personalidade. E por que arrumar um cara feio, quando você pode ficar com um bonito?”

Foi o dinheiro que fez Ringo decidir. “Recebi uma outra proposta ao mesmo tempo, da King Size Taylor e os Dominoes. Eles me ofereceram vinte libras por semana. Os Beatles me ofereceram 25, então os escolhi.”

Assim como com todos eles, e assim como com todo mundo na vida, seu caminhos podiam não ter se cruzado. Anos antes, Ringo se viu prestes a emigrar para os Estados Unidos. Ele e um amigo estavam olhando uns discos e viram que o “Lightning Hopkins vinha de Houston, Texas”. Eles foram até o consulado dos Estados Unidos em Liverpool e disseram para o cônsul que gostariam de ir para Houston, Texas. Ele disse que eles teriam que arrumar um emprego antes. Ringo escolheu um emprego em uma fábrica. “Então os incrivelmente longos formulários chegaram, perguntando se meu avô era um nobre ou um comunista. Não conseguia entender aquilo. Se tivesse entendido, com certeza teria ido.”

Com Ringo se encaixando tanto musical quanto pessoalmente, os Beatles eram agora, sem dúvida, a principal banda de Liverpool. Eles tinham um empresário sério e finalmente haviam feito contatos em Londres. Mas seu sucesso, embora fosse local, estava começando a prejudicar algumas das velhas amizades de Ringo, especialmente com algumas pessoas de quem ele gostava muito.

“Havia tantas bandas em Liverpool em um dado momento que nós costumávamos tocar apenas uns para os outros. Era uma comunidade única, feita de bandas. Todos indo para os mesmos lugares e tocando uns para os outros. Estava tudo bem. Então, quando as gravadoras começaram a aparecer e assinar contratos com algumas bandas, a cena deixou de ser amistosa. Alguns se deram bem, outros não.

“Você encontrava com algum conhecido e ele dizia: ‘Tudo bem, cara, uma loucura. Acabei de sair de uma gravação, mas eles não vão lançar. Eles dizem que pareço muito com Ray Charles.’

“Acabou com a comunidade. As pessoas começaram a se odiar. Parei de ir aos lugares antigos. Mas foi um dos melhores momentos de minha vida, aquela fase inicial em Liverpool. Tipo no meu aniversário de 21 anos, com todos eles lá.”

Os Beatles, agora completos com Ringo, estavam esperando notícias de George Martin sobre a data em que iriam fazer sua primeira gravação. Enquanto isso, outras coisas estavam se ajeitando em Liverpool. Brian havia finalmente decidido que gerenciar duas lojas de discos e uma banda *beat* era demais, algo que seu pai vinha dizendo há muito tempo. Ele decidiu abrir mão do dia a dia na loja de Whitechapel e trouxe Peter Brown da loja de Charlotte Street para tomar seu lugar como gerente. Assim sendo, se concentrou na NEMS Enterprises, aparecendo na loja apenas de vez em quando para ver como Peter estava se saindo. Isso resultava em brigas, pois Brian não aguentava ninguém mudando seu maravilhoso sistema. Peter foi demitido depois de uma briga intensa, mas foi contratado de volta logo em seguida.

Brian, no entanto, nunca brigava com nenhum dos Beatles. O mais próximo disso foi um incidente com Paul. Eles todos foram buscá-lo certa noite, mas Paul estava na banheira e se recusou a sair. “Gritei para que eles esperassem, só ia demorar mais alguns minutos. Mas, quando saí, eles tinham ido embora com Brian. Então disse ‘fodam-se eles’, o idiota temperamental que eu era. Se eles não podem se dar ao trabalho de esperar por mim, eu não posso me dar ao trabalho de ir atrás deles. Então, sentei e assisti à televisão.”

O verdadeiro motivo disso tudo era que Paul tinha enfiado na cabeça que devia se rebelar. “Eu sempre fui muito entusiasmado, o mais ansioso, conversando com os empresários e fazendo os anúncios. Talvez eu fosse um pouco convencido no começo, ou talvez fosse melhor naquilo do que os outros. Enfim, sempre parecia que eu estava fazendo tudo.”

Isso gerou uma discussão entre Paul e Brian, mas nada sério. Paul logo voltou a ser muito entusiasmado. “Percebi que estava sendo mais falso ao *não* me esforçar.”

Ele e John estavam mais entusiasmados do que nunca com suas composições, escrevendo mais uma “original Lennon-McCartney” o tempo todo. Mimi, no entanto, ainda não acreditava que aquilo fosse sério. “Ficava esperando que John voltasse para casa um dia e me dissesse que não ia mais fazer parte da banda. Aquilo me deixava muito entediada.

“Fui a última a notar que eles estavam indo bem. Garotas começaram a aparecer na minha porta perguntando se John estava em casa. Eu perguntava por quê? Elas diziam que só queriam ver o John. Não conseguia entender. Elas eram tão novas. Sabia que sua única namorada séria era Cyn.”

No verão de 1962, Cyn descobriu que estava grávida. “Não sabia se John ia querer se casar. Não queria prendê-lo.”

“Foi um susto quando ela me contou”, diz John. “Mas disse que sim, nós teríamos que nos casar. Não relutei.”

Eles se casaram em 23 de agosto de 1962, no cartório de Mount Pleasant, em Liverpool. “Contei para Mimi um dia antes. Disse que Cyn ia ter um bebê, que nós íamos nos casar no dia seguinte e perguntei se ela gostaria de ir. Ela só grunhiu.”

Nenhum dos pais estava presente no casamento. De acordo com todos, o casamento foi muito parecido com o dos pais de John, celebrado no mesmo cartório 24 anos antes. John, Paul e George estavam vestidos de preto. “Podíamos escutar uma broca sendo usada durante toda a cerimônia”, diz John. “Não conseguia ouvir uma palavra do que o cara estava dizendo. Depois cruzamos a rua e fomos comer frango. Não me lembro de ter ganhado nenhum presente. Nunca fomos buscá-los. Foi engraçado.”

Eles tentaram esconder o casamento das fãs dos Beatles, mas uma das garçonetes do Cavern os viu saindo do cartório e a notícia vazou, embora eles tenham tentado negar. “Achava que casar seria o fim da minha carreira na banda, todo mundo estava dizendo isso. Nenhum de nós nunca tinha levado uma garota para o Cavern, pois achávamos que perderíamos nossas fãs, o que acabou sendo besteira. Mas tinha vergonha de ser casado. Andar por aí, casado. Era como andar por aí com meias diferentes ou com a braguilha aberta.”

Cynthia concordou em manter o casamento em segredo. “Já era ruim o suficiente as pessoas reconhecerem John e o seguirem por todos os lugares. Não queria que isso acontecesse comigo.”

O número de fãs meninas havia crescido exponencialmente a essa altura, seguindo os Beatles fanaticamente por todo lugar e gritando por qualquer motivo. Ainda assim, ninguém fora de Liverpool tinha ouvido falar dos Beatles. Eles ainda estavam esperando o telefonema de George Martin, o grande gerente de A&R de Londres, dizendo quando iriam gravar seu disco.

Até mesmo em Liverpool, as coisas aconteceram sem publicidade ou promoção. As fãs descobriram os Beatles sozinhas.

Maureen Cox era uma dessas fãs. Ela e uma amiga correram atrás de Ringo pela rua um dia, logo após ele se juntar aos Beatles. Ele estava saindo do carro e sua mecha grisalha no cabelo o denunciou. Ela conseguiu seu autógrafo e escreveu o número da placa do carro dele em um caderno de exercícios. Estava a caminho de um curso noturno de cabeleireira, tendo acabado de sair da escola. “Eu me lembro da placa do carro até hoje: NWM 466.”

Hoje, Maureen Cox é esposa de Ringo. Mas foi Paul quem ela beijou primeiro, para constrangimento dela agora.

Ela estava no Cavern com uma amiga certa noite, e sua amiga apostou que ela não teria coragem de beijar Paul. "Eu disse que era *ela* que estava com medo. Ela disse que eu estava com medo. Então, por conta de uma aposta, eu empurrei as pessoas para o lado, fui até o camarim da banda e beijei Paul quando ele saiu. Minha amiga ficou tão irritada e com tanta inveja que começou a chorar. Mas eu gostava realmente de Ritchie. Só beijei Paul por causa do desafio. Então, esperei pelo Ritchie e o beijei também."

Ringo não se lembra de ter sido beijado por Maureen, nem de ter dado seu autógrafo para ela. "Essa era a cena naquela época, ser beijado por garotas. Tinha evoluído de conseguir um autógrafo dos Beatles para tocar em um e, então, para beijar um. Você estava tentando chegar no camarim e de repente uma garota se jogava em cima de você. Provavelmente achei que Maureen era uma abelha me picando."

No entanto, três semanas depois, no Cavern, ele chamou Maureen para dançar. Depois, ele a levou até sua casa, mas teve que levar a amiga que a acompanhava também. Isso continuou a acontecer durante várias semanas. Maureen disse que não queria falar para sua amiga que ela estava atrapalhando. "Estava um pouco assustada."

Daí em diante, Maureen não perdeu praticamente nenhuma apresentação no Cavern, mas logo percebeu que havia fãs ainda mais fanáticas do que ela jamais poderia ser. "Elas costumavam passar o dia inteiro em volta do Cavern, na esperança de vê-los. Elas saíam da sessão na hora do almoço e ficavam lá paradas na porta a tarde inteira, fazendo fila para entrar à noite. Ritchie e os meninos passaram na frente do Cavern depois de meia-noite e viram que as fãs já estavam fazendo fila para o dia seguinte. Eles compraram umas tortas para elas. Ficaram pasmos.

"O objetivo era conseguir ficar o mais perto do palco possível, para que elas pudessem ver os Beatles e eles pudessem vê-las. Nunca entrava na fila até umas duas ou três horas antes de o Cavern abrir. Eu me assustava. Havia brigas e discussões entre as garotas.

"Quando a porta se abria, as que estavam mais na frente se empurravam e derrubavam umas às outras.

"Elas deixavam os rolos no cabelo e vestiam calça jeans durante as primeiras bandas. Depois, quando a hora da apresentação dos Beatles ia chegando, se elas estivessem em grupos de quatro, digamos, elas iam em turnos para o banheiro com suas valises para se trocarem e se maquiarem. Quando os Beatles subiam no palco, elas estavam lindas, como se tivessem acabado de chegar.

"Acho que era parcialmente sexo e parcialmente música. Essa era a atração. Elas estavam obviamente morrendo de vontade de serem notadas e de conhecerem um deles, mas era

simplesmente tudo o que dizia respeito a estar ali. Era terrível, os gritos ensandecidos quando eles apareciam. Elas ficavam loucas."

Quando Maureen realmente começou a namorar Ringo, ela tinha que ficar bem atrás.

"Teriam me matado se não fosse assim. As outras meninas não eram nada simpáticas. Elas queriam me apunhalar pelas costas. Fazia parte da imagem deles, não serem comprometidos, para que todas as garotas achassem que tinham alguma chance. Nenhum deles devia ter namorada.

"Eventualmente, algumas descobriam, é claro. Elas vinham até o salão onde eu trabalhava. Não podia fazer nada a respeito. Tinha que fazer o cabelo delas. Depois, elas me ameaçavam: 'Se você sair com Ringo Starr de novo, você está acabada.' Quando eu estava do lado de fora, elas me empurravam. Costumava receber ligações me ameaçando: 'Meu irmão vai te pegar', elas diziam.

"Certa vez, quando eles estavam tocando no Locarno, um pouco antes de terminarem o show, Ritchie me disse para ir esperá-lo no carro, para que ninguém me visse. Estava sentada no carro quando uma garota veio em minha direção, deve ter me seguido. Ela disse: 'Você está namorando o Ringo?'. Eu disse: 'Não, oh não, não eu. Ele é apenas um amigo de meu irmão.' 'Mentirosa, eu vi você falando com ele', disse ela. Esqueci de subir o vidro da janela. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ela tinha colocado a mão pela janela e arranhado o meu rosto. Ela começou a berrar e a gritar uma escolha interessante de palavras para mim. Pensei que já era, ia ser esfaqueada. Mas consegui subir o vidro da janela a tempo. Se não tivesse, ela teria aberto a porta e me matado."

Parte Dois:

LONDRES E O MUNDO

20

George Martin e Dick James

George Martin sempre pareceu estar a anos-luz de distância dos Beatles no que diz respeito a classe, gostos e origem. Ele é alto e bonito, como um ídolo de matinê, com maneirismos de aluno de escola particular e um sotaque limpo típico da BBC. Mas sua origem, pelo menos, é tão humilde e proletária quanto a dos Beatles.

Ele nasceu em 1926, em Holloway, norte de Londres, filho de carpinteiro. Estudou primeiro na Escola Jesuíta, em Stamford Hill; depois sua família se mudou para Kent e ele foi para a Bromley County School. Não havia nenhuma tradição musical em sua família e ele não teve nenhuma aula de música quando garoto, mas aprendeu sozinho a tocar piano e, aos 16 anos, liderava sua própria banda de baile na escola.

Durante a guerra, ele serviu na Fleet Air Arm, chegando ao posto de tenente. Ele foi desmobilizado em 1947 e se viu sem ter o que fazer. Graças a alguém que o havia ouvido tocar piano nos concertos durante a guerra, ele se candidatou à Guildhall School of Music. Passou então três anos lá, estudando o oboé como segundo instrumento. Depois de se formar, tocou como oboísta independente, mas nunca foi além das orquestras de teatro ou concertos ao ar livre nos domingos à tarde nos parques de Londres. Por fim, foi demitido por não ser bom o suficiente naquilo.

No fim de 1950, um emprego de verdade apareceu, como assistente do gerente de A&R na Parlophone, uma das empresas menores da EMI. Na época, ele não sabia o que EMI significava. Quer dizer Electrical Musical Industries, hoje uma das maiores gravadoras do mundo.

Embora tivesse conseguido o emprego devido a seu treinamento em música clássica em Guildhall, esperava-se que ele ajudasse com jazz e músicas instrumentais. Havia uma grande variedade de gêneros na Parlophone, mas em geral nada muito empolgante. “Parlophone era o

primo pobre naquela época, se comparada às meninas dos olhos da EMI: HMV e Columbia. Ainda estávamos gravando em cera quando entrei, em 1950."

A Parlophone tinha sido comprada da Alemanha um pouco antes da guerra. Pouco tinha sido feito desde que foi adquirida, e muitas pessoas que trabalhavam lá, segundo George Martin, pensavam que a empresa não fosse durar por muito mais tempo.

Seu famoso símbolo (£), o sinal da libra esterlina, não tem nenhuma ligação com os milhões de libras que fez desde então. Ele vem da inicial do sobrenome de seu fundador, Carl Lindberg.

O salário de George na EMI era modesto. Para aumentá-lo, ele ainda tocava ocasionalmente em concertos nos parques, nos domingos à tarde, quando conseguia um, e organizava recitais de orquestras escolares.

George Martin se viu produzindo cada vez mais discos populares. Duas de suas primeiras estrelas eram Bob e Alf Pearson, que cantavam canções como "My Brother and I". Ele também gravou The Five Smith Brothers e "Bluebell Polka", do grupo de música country escocesa Jimmy Shand and his Band, um sucesso de vendas até hoje. Mais tarde, passou a trabalhar com jazz, gravando Johnny Dankworth e Humphrey Lyttleton.

Os LPs foram uma grande inovação no começo dos anos 1950, embora hoje pareça que eles sempre existiram. "A EMI demorou muito para adotá-los, isso só aconteceu em 1954. Não sei por que demoraram tanto. A Decca os produzia desde 1952. Isso queria dizer que precisávamos tirar o atraso."

No início de 1950, produzir discos na Grã-Bretanha era um negócio muito tradicional e rotineiro. Era como publicar uma revista mensal. Todo mês, empresas como a Parlophone lançavam cerca de dez discos, todos planejados com cerca de dois meses de antecedência, os quais eles chamavam de seus suplementos mensais. A mistura de gêneros era rigorosamente elaborada e balanceada. De dez novos discos, dois eram de música clássica, dois de jazz, dois de música dançante (tipo Victor Silvester), dois de vocalistas masculinos e dois de vocalistas femininas. Não havia uma categoria pop. "Nunca falávamos sobre pop. Tudo que tínhamos era música clássica, jazz, música dançante e cantores solo."

Em todas essas categorias, a Parlophone tinha poucas estrelas. Victor Silvester, por exemplo, era da Columbia, um dos braços mais bem-sucedidos da EMI. Os cantores que faziam mais dinheiro vinham dos Estados Unidos. A Parlophone não tinha nenhum deles.

Entretanto, pouco a pouco, George Martin conseguiu criar um nicho para si, produzindo uma linha de discos de comédia, apesar de todos na indústria acharem que ninguém nunca compraria aquilo.

Um de seus primeiros discos de comédia foi *Mock Mozart and Phoney Folklore*,* com Peter Ustinov. Ele também gravou Peter Sellers, Flanders e Swann e, mais tarde, *Beyond the Fringe*, em Cambridge, antes que a peça viesse para o West End.

Então, o *skiffle* e o rock surgiram, transformando a face da música pop adolescente. Bandas britânicas começaram a lançar discos de sucesso, embora nada ainda na escala das estrelas americanas. A pobre e velha Parlophone ficou ainda mais para trás, apesar dos discos de comédia de George Martin.

"Todos pareciam ter encontrado uma banda ou um cantor, exceto a Parlophone. Eu ia a todos os bares de Londres à procura de talentos." Ele recusou a oportunidade de assinar com Tommy Hicks, ou Tommy Steele (como ele veio a ser conhecido), porque achava que ele era apenas mais uma cópia do Elvis.

"Eu tinha muita inveja da HMV e da Columbia com suas estrelas americanas, assim como de outras empresas com estrelas britânicas como Cliff Richard. De certa forma, é muito fácil: uma vez que você tem um cantor ou uma banda queridos pelo público, tudo o que você tem que fazer é achar outra música para eles. Com a comédia, por outro lado, você começa completamente do zero a cada disco."

À medida que o rock revelava um novo mercado para adolescentes e à medida que as paradas de sucesso e as vendas de discos se tornaram cada vez mais importantes, a Parlophone, empresa que muitas pessoas achavam que não teria mais muito tempo de vida, ficou ainda mais para trás.

Em maio de 1962, sem que Brian Epstein ou os Beatles soubessem, a Parlophone estava procurando desesperadamente por algo como os Beatles. O incrível George Martin, que eles tentavam analisar minuciosamente, a cada tosse ou comentário, estava longe de ser incrível.

Judy Lockhart-Smith, então secretária de George Martin e atualmente sua esposa, se lembra de ter ficado muito impressionada com Brian Epstein em sua primeira reunião. "Ele vestia um casaco muito bom, tinha bons modos e falava bem, não era nem um pouco parecido com os gerentes de produção de Charing Cross."

George também ficou bem impressionado. "Mas não fiquei particularmente impressionado com o que ele tocou para mim. Não gostei tanto das músicas ou dos vocalistas. Mas achei de fato que eles tinham um som interessante. Disse que daria a eles um teste de gravação."

Brian foi embora, em êxtase, mas para George eles eram apenas mais uma banda tentando fazer sucesso. Ele estava tão ansioso para encontrar uma boa banda nova que convidava várias delas para fazerem testes.

"Originalmente, minha ideia era usá-los como grupo de apoio para algum cantor, tipo Cliff Richard and the Shadows. Queria desesperadamente meu próprio Cliff. Era nisso que estava pensando a princípio, procurando entre eles alguém que pudesse ser um cantor solo. Quando os conheci, percebi que isso nunca daria certo."

George os conheceu em 6 de junho de 1962, quando eles vieram fazer o teste de gravação no estúdio número três da EMI, em St John's Wood. Essa foi a ocasião em que Brian mandou a nova lista com sugestões de músicas.

"Achei todos eles pessoas muito atraentes. Gostava de estar com eles, o que era engraçado, eu acho, já que eles eram tão insignificantes e eu era alguém importante. Não devia me importar se eles gostavam de mim ou não, mas estava feliz com o fato de parecerem gostar. Descobri que John era fã do Peter Sellers e dos álbuns do Goon que eu produzi."

George escolheu apenas três ou quatro músicas da lista de Brian, incluindo "Love Me Do" e "PS I Love You". Ele acha que devia ser uma versão antiga de "Love Me Do", porque a canção não o agradou muito. No entanto, mais uma vez ele gostou do som e da personalidade deles. "Pensei: não tenho nada a perder se contratá-los, embora não fizesse ideia do que fazer com eles ou de que músicas eles poderiam gravar."

Ele ainda estava ocupado com outros discos muito mais importantes para ele naquele momento, como um LP do The Establishment, a primeira casa noturna de comédia de Londres. Foi então que a longa espera dos Beatles começou e que Pete Best foi demitido. George Martin estava demorando a marcar uma data para os Beatles porque ainda não tinha certeza do que eles gravariam, se ele se arriscaria a deixá-los tocar algo de sua própria autoria ou se contrataria um compositor para escrever para eles.

Finalmente, em 11 de setembro de 1962, ele os trouxe para Londres para gravarem seu primeiro disco britânico, *Love Me Do*, com "PS I Love You" no lado B.

"Escolhi 'Love Me Do' porque era a melhor que eles haviam tocado antes. Era a gaita de John que a tornava atraente."

George Martin havia ouvido falar que Pete Best saíra da banda e que eles tinham um novo baterista. Mas ele não queria arriscar e decidiu contratar um baterista de estúdio muito experiente, chamado Andy White, e tê-lo à disposição, caso precisasse dele. Ele avisou isso a Brian, mas Ringo não ficou sabendo.

Antes de eles começarem a sessão, George Martin explicou-lhes o que ele estava tentando fazer. "Me avisem se vocês não gostarem de alguma coisa", disse ele.

"Bem, para começar, não gosto de sua gravata", disse George Harrison. Essa foi uma brincadeira mais ou menos séria, recordada muitas vezes desde então, mas não caiu tão bem com George Martin. Aquela era, na verdade, uma gravata nova, da qual tinha bastante orgulho. Era preta com rosas vermelhas e havia sido comprada na Liberty's, mas todos riram e a sessão então começou.

Foi a primeira gravação de Ringo e ele não estava nada confiante. Estaria ainda mais nervoso se soubesse desde o início que outro baterista estava por perto, esperando, caso ele não se saísse bem.

Eles começaram tocando "Love Me Do", e levou cerca de 17 tomadas até que George Martin ficasse satisfeito. "Não achei Ringo muito bom. Ele não conseguia fazer uma virada – e ainda não consegue, embora tenha melhorado muito desde então. Andy era o tipo de baterista

de que eu precisava. Ringo estava acostumado apenas com salões de baile. Obviamente, era melhor usar alguém com experiência."

"Estava nervoso e com pavor do estúdio", diz Ringo. "Quando voltamos mais tarde para gravar o lado B, descobri que George Martin havia colocado esse outro baterista no meu lugar. Foi terrível. Fui convidado a me juntar aos Beatles, mas agora parecia que só era bom o suficiente para tocar ao vivo com eles, não para os discos.

"Eles começaram a tocar 'PS I Love You'. O outro cara tocando bateria e eu nas maracas. Achei que aquele era o fim. Eles vão fazer comigo o mesmo que fizeram com Pete Best. Eles então decidiram gravar o outro lado de novo, aquele em que eu havia tocado bateria originalmente. Me deram um tamborim dessa vez.

"Estava arrasado. Que droga. Quanta falsidade é essa indústria da música, pensei. Exatamente o que eu havia ouvido falar. Contratando outros músicos para tocarem em seu lugar no estúdio. Se não era útil o suficiente para tocar nos discos, então era melhor que eu fosse embora.

"Mas ninguém disse nada. O que os outros poderiam falar? Ou eu? Éramos apenas rapazes sendo empurrados de um lado para o outro. Você sabe o que quero dizer. Eles eram tão grandes, a gravadora de Londres e tudo o mais. Apenas fazíamos o que nos mandavam.

"Quando o disco foi lançado como single, meu nome estava em 'PS I Love You', mas só toquei as maracas, o outro cara que tocou bateria. Mas, para a minha sorte, eles decidiram manter a primeira versão de 'Love Me Do', aquela na qual toquei bateria, então tudo bem."

Love Me Do, o primeiro disco dos Beatles, foi lançado em 4 de outubro de 1962. Àquela altura, eles estavam de volta a Liverpool, tocando em salões e bares locais de novo, esperando que seu álbum surpreendesse o mundo. Nada aconteceu.

Os fãs dos Beatles de Liverpool compraram o disco fielmente, em grandes números, mas é claro que as vendas regionais não fizeram efeito nenhum nas paradas de sucesso. Eles também escreveram em hordas para todos os programas de rádio. A primeira a tocar foi a Rádio Luxembourg.

A Sra. Harrison, mãe de George, ficou acordada por horas na noite em que George lhe disse que eles estariam no ar. Então se cansou de esperar e foi dormir, apenas para acordar com George gritando que estavam tocando a música deles. Com sua gritaria, ele também acordou o Sr. Harrison, que ficou muito irritado, já que precisava acordar muito cedo para o primeiro turno dos ônibus.

"Na primeira vez que ouvi 'Love Me Do' no rádio, fiquei com o corpo todo tremendo. Escutei o som da guitarra principal e não podia acreditar. Mas a coisa mais importante de nossas vidas foi chegar ao Top Vinte", diz George.

Eles finalmente entraram nas paradas do jornal *New Record Mirror*, em 49º lugar. Na semana seguinte, apareceram em outro jornal de música, o *New Musical Express*, em 27º lugar,

e lá ficaram por algum tempo.

Por terem gravado um disco, Brian conseguiu que eles aparecessem em seu primeiro programa de TV, embora ele fosse transmitido apenas no norte da Inglaterra. O programa era o *People and Places*, do canal Granada, de Manchester.

Depois, eles deveriam voltar para Hamburgo para mais uma apresentação na Star Club. Haviam sido contratados para tocar lá novamente antes de gravarem o álbum. Eles acharam que, se estivessem fora do país, incapazes de tocar ao vivo no rádio ou na TV, o disco iria descer nas paradas. Mas, mesmo assim, foram para sua quarta visita a Hamburgo. O disco foi lentamente subindo nas paradas, enquanto eles estavam fora, o que os dava uma boa desculpa para grandes comemorações. O mais alto que *Love Me Do* chegou foi ao 17º lugar.

Enquanto isso, George Martin estava feliz, mas não tão entusiasmado com *Love Me Do*. "Não achava que era tão bom assim, mas fiquei contente com a reação que os Beatles e seu som receberam. O problema agora era achar o disco seguinte deles."

Ele encontrou uma música que tinha certeza de que seria um sucesso. Ela se chamava "How Do You Do It". Ele mandou-a para os Beatles, que não gostaram dela. George Martin insistiu: ele era o chefe e queria que eles a gravassem. Eles, então, tiveram que cumprir o pedido. Ainda assim, disseram que não gostavam dela e que não queriam que ela fosse gravada.

Foi corajoso (ou talvez apenas uma demonstração de teimosia ingênua) uma banda de jovens inexperientes e provincianos, que não sabiam ler ou escrever música, falar para o bem-informado e poderoso George Martin que eles sabiam mais do que ele.

"Falei que eles estavam rejeitando um sucesso. Que era o fim deles, mas que, se eles quisessem ser teimosos, então teriam que produzir algo melhor por conta própria. Eles eram muito cheios de opinião naquela época. Não mudaram nem um pouco.

"Eles de fato produziram algo melhor, 'Please Please Me', que me deixou embasbacado."

Mas George Martin tinha razão sobre 'How Do You Do It'. Ele eventualmente entregou-a para outra banda de Brian Epstein, Gerry and the Pacemakers, que a fez chegar ao topo das paradas.

O segundo disco dos Beatles, *Please Please Me*, foi gravado em 26 de novembro de 1962, mas não foi lançado até janeiro de 1963. Eles voltaram de Hamburgo para a gravação, depois foram embora, desta vez apenas por duas semanas, para sua quinta e última turnê pelas boates de Hamburgo.

No fim do ano, o *New Musical Express* lançou sua pesquisa de popularidade. Os Springfields foram escolhidos o grupo vocal britânico número um, com 21.843 votos. Os Beatles estavam bem abaixo, com 3.906 votos, provavelmente todos enviados de Liverpool. Mas eles estavam lá. Eles existiam, embora ainda não houvesse nenhum sinal de que eles eram a banda que George Martin e a Parlophone buscavam desesperadamente.

Dick James é o único homem do *show business* tradicional que já entrou no círculo dos Beatles, seja profissionalmente ou como amigo. Ele entrou logo depois de George Martin e, como ele, estava procurando desesperadamente pelos Beatles.

Dick James sempre fez parte da indústria. Ele vem do tipo de comunidade judaica londrina na qual você cresce com todos os empresários líderes de bandas do futuro, que sempre vão te ajudar. Dick James tem bastante sentimentalismo, mas é tudo genuíno. Ele é meio fofinho, como um homem de revista em quadrinhos. Todos eles amavam Dick James. Zombavam dele por gostar de baladas e sabiam que uma boa música brega, como "When I'm Sixty-Four", iria deixá-lo muito feliz. Dick James era muito feliz de qualquer maneira. Ele é provavelmente o homem mais sortudo do círculo deles. Quando os Beatles o conheceram, ele trabalhava sozinho em sua gravadora, e hoje dirige uma das maiores do mundo. Ele é um milionário, não apenas graças aos Beatles, mas também graças ao seu próprio trabalho árduo.

Ele nasceu Richard Leon Vapnick, em 1920, no leste de Londres. Seu pai, um açougueiro, veio da Polônia em 1910, mais ou menos na mesma época em que a família Epstein chegava desse mesmo país.

Aos 17 anos, ele era cantor profissional, se apresentando com Al Berlin (hoje um agente) e sua banda no Cricklewood Palais. Durante a guerra, ele serviu no corpo médico, sem exercer medicina, apenas tocando com a banda dos médicos. Foi então que aprendeu a ler partituras. Depois da guerra, ele se juntou a Geraldo, que imediatamente mudou o nome de Dick Vapnick para Dick James. Por muitos anos, ele se apresentou com as maiores bandas do momento, e depois se tornou cantor solo.

"Nunca cheguei ao ápice. Ninguém nunca teve um ataque histérico quando eu começava a cantar, como tinham quando Donald Peers e David Whitfield cantavam."

Mas ele ganhava bem. Gravou muitos discos, embora nada sensacional. Seu primeiro lançamento foi em 1942, durante uma licença do exército, quando cantou com a Primo Scala's Accordion Band. Ele foi contratado da Decca por um tempo, mas não ganhou muito dinheiro com eles. Em 1952, acabou na Parlophone. Eles tinham um gerente de A&R jovem e inteligente, chamado George Martin, que estava disposto a trabalhar arduamente com qualquer cantor popular. Em 1955, com George Martin, Dick James gravou seu melhor disco e o único pelo qual ele é lembrado hoje em dia. Era *Robin Hood*, a trilha sonora da série de TV. Chegou ao nono lugar das paradas, o mais alto que ele havia chegado. Isso fez com que Dick James ganhasse seu próprio programa de 15 minutos na Rádio Luxembourg, produzido por outro jovem brilhante, chamado Philip Jones.

Entretanto, apesar do sucesso de *Robin Hood*, James sabia que não havia um futuro para ele como cantor, não do jeito que a indústria estava indo, com o rock, o *skiffle* e todos aqueles jovens rapazes aparecendo. "Sentia que uma revolução estava prestes a acontecer e eu estava no lugar errado e na hora errada." Ele ainda tinha 30 e poucos anos, mas já usava peruca há algum

tempo. “Apenas quando estava no palco, é claro. Não na minha vida particular, isso seria trapacear.”

Ele continuou cantando até 1959, mas, àquela altura, apenas em meio período e só nos arredores de Londres, pois queria estar perto de sua esposa e de seu filho. Em paralelo, começou a trabalhar com edição de música. Ele se tornou assistente não remunerado de Sid Bron, pai da atriz Eleanor Bron (ela apareceu no segundo filme dos Beatles, *Help*).

Em setembro de 1961, ele abriu sua própria editora musical em duas salas em Charing Cross Road. Conseguiu fazer a empresa prosperar no verão de 1962, mas não havia descoberto nenhum grande sucesso.

Através de contatos, o filho de um amigo veio vê-lo um dia com uma música que não havia conseguido vender para nenhuma outra editora. A música se chamava “How Do You Do It”. Ele foi correndo falar com George Martin, seu velho amigo da Parlophone. O motivo pelo qual Martin queria tanto que os Beatles gravassem essa música agora está mais claro.

“Disse para George que a música era incrível e ele disse que podia servir para uma banda que havia arranjado em Liverpool. ‘Liverpool?’, perguntei. ‘Você está brincando. O que há de bom vindo de Liverpool?’.”

George Martin sabia que era uma boa música comercial, mas convenceu Dick James a deixá-la com ele por um tempo. James estava muito animado, convencido de que finalmente havia achado o grande sucesso que estava procurando. Entretanto, em novembro de 1962, Martin ligou para James para dizer que os Beatles haviam escrito uma música própria, “Please Please Me”, que ele disse ser excelente.

Então era isso, nada ia acontecer, até onde Dick James sabia. Mas George Martin disse que estava com Brian Epstein em seu escritório e que ele não conhecia ninguém em Londres, e perguntou se James poderia ajudá-lo. Ao telefone, Dick James concordou. Ele também perguntou se podia lançar “Please Please Me”, já que Martin tinha dito que era tão excelente.

Brian já havia marcado um encontro com outro editor musical logo cedo na manhã seguinte, mas disse a Dick James que iria encontrá-lo depois disso para ver o que ele achava. “Eram 10h30 da manhã, e eu estava em meu escritório quando Brian entrou, meia hora antes do que havíamos combinado. Ele disse que havia ido à outra editora musical, mas que esperou 25 minutos e ninguém além do auxiliar de escritório apareceu. Assim, disse que eu podia ficar como primeira opção.

“Ele tocou para mim e eu disse que era a música mais incrível que havia ouvido em anos. Perguntei: posso ficar com ela?”

Brian Epstein havia acabado de sair de Liverpool, mas não era tão verde. Ele disse que, se Dick James conseguisse algum tipo de promoção para eles, podia ficar com a música. James, então, pegou o telefone e ligou para um de seus antigos contatos – Philip Jones, que havia

produzido seu antigo programa na Rádio Luxembourg. Ele havia acabado de assumir o controle de um novo programa de TV, *Thank Your Lucky Stars*.

"Pelo telefone, ali mesmo, consegui fazer com que eles pudessem participar do programa. Toquei 'Please Please Me' para Philip e ele gostou. Ele os encaixou no programa."

Em cinco minutos, James havia organizado a primeira aparição dos Beatles na TV de Londres – aquela da Granada, em Manchester, havia sido transmitida apenas no norte da Inglaterra. Brian Epstein ficou, naturalmente, muito impressionado. Durante o almoço, Dick James se tornou o editor musical dos Beatles. Um editor musical pode se dar muito bem se tiver os compositores certos escrevendo para ele. Toda a receita proveniente dos direitos autorais é dividida 50-50 entre o editor e o compositor.

Dick James tinha feito a escolha errada, lá atrás, na década de 1950, quando decidiu tentar abrir uma editora de música em vez de ser cantor. Ele poderia ter se dado melhor como agente, algo que considerou na época. Editoras de músicas existiam, há décadas, vendendo partituras. Quando os discos estouraram, e as pessoas pararam de tocar piano em casa, as partituras foram desaparecendo. Mas, tendo acabado de conhecer os Beatles, a era de Dick James estava prestes a começar.

Nota

* Algo como “Imitação de Mozart e Folclore de Mentira”. (*N. da T.*)

21

Em turnê

Os Beatles começaram o ano de 1963 com um disco lançado e outro prestes a sair. Eles tinham conhecido George Martin e Dick James e estavam em vias de aparecer em seu primeiro programa de TV londrino, mas ainda eram completamente desconhecidos. Brian Epstein estava achando muito difícil conseguir qualquer tipo de publicidade para eles, nacional ou local.

Ele ainda estava tentando fazer com que George Harrison (do *Liverpool Echo*) escrevesse sobre eles, mas sem sucesso. Então, ele escreveu para Disker, o crítico de música do mesmo jornal. Ele havia escrito para Disker pela primeira vez em 1962 e ficou surpreso ao receber uma carta de volta da Decca de Londres assinada por alguém chamado Tony Barrow.

Tony Barrow havia se tornado Disker em 1953, quando tinha 17 anos e estava na escola em Crosby, perto de Liverpool. Ele manteve o apelido enquanto estudava na Universidade de Durham e, mais tarde, quando foi trabalhar na Decca escrevendo encartes para eles. Ele ainda atende pelo nome de Disker hoje em dia, embora seja o assessor de imprensa sênior dos Beatles.

Quando Brian escreveu para ele pela primeira vez, parecia que a Decca havia gostado do teste deles e ia contratá-los. Tony Barrow escreveu um pequeno parágrafo a respeito disso – a primeira vez que o nome dos Beatles era mencionado na imprensa. Quando tudo desandou, Barrow não quis escrever sobre eles novamente. Mas quando *Love Me Do*, seu primeiro álbum, foi lançado, ele escreveu sobre os Beatles em sua coluna.

Brian começou a ir a Londres mais frequentemente, uma vez que sua banda havia lançado um disco. Ele se encontrou com Tony Barrow e pediu conselhos sobre como conseguir publicidade.

"Brian não sabia como promover um disco, então eu o coloquei em contato com a imprensa especializada. Ele disse que não tinha um assessor de imprensa, apenas mandava ele

mesmo cópias de encartes. Ele perguntou se eu poderia ajudá-lo. Então, sentado no meu escritório na Decca, escrevi o primeiro comunicado de imprensa oficial dos Beatles."

Ele não os tinha conhecido pessoalmente e não podia usar seu nome verdadeiro ou telefone, pois trabalhava para a Decca. Ele também não tinha uma lista de contatos. "Saí com um cara que conhecia e que trabalhava com publicidade. Foi um almoço de uma libra e noventa centavos no refeitório da BBC. Ele concordou em compartilhar sua lista de contatos e endereços." Esse agente publicitário era Andrew Oldham, que mais tarde trabalhou brevemente com Brian Epstein e se tornou empresário dos Rolling Stones.

Ao mesmo tempo, em outubro de 1962, a EMI fez um folheto para ser distribuído junto com o primeiro disco da banda, mas era basicamente o folheto de Brian duplicado, que por sua vez era baseado em algo publicado por um fã-clube. Dizia que a cor favorita de John era preto, que ele gostava de *curry* e Carl Perkins, que odiava idiotas e jazz tradicional. Embaixo do cabeçalho "Tipo de carro", ele escreveu "ônibus". Todos eles, de acordo com esse folheto, tinham a mesma ambição: ganhar muito dinheiro e se aposentar. Essa não era a ambição em voga nos outros folhetos sendo distribuídos na época. A ambição deles devia ter sido "ser artistas versáteis".

Tony Barrow deixou seu emprego na Decca e começou a trabalhar em tempo integral na NEMS Enterprises em 1º de maio de 1963, em um escritório de uma sala só em Monmouth Street, o primeiro escritório em Londres de Brian. Por seis meses, ele enviou inúmeros comunicados de imprensa, ainda que a maior parte deles tivesse sido ignorada.

Os jornais de música de fato escreveram sobre os discos quando eles foram lançados, especialmente *Please Please Me*, que foi finalmente lançado em 12 de janeiro. O disco chegou ao primeiro lugar das paradas em 16 de fevereiro, e eles escreveram sobre isso também, mas os jornais nacionais ainda os ignoravam.

A primeira (e, por seis meses, a única) reportagem sobre os Beatles em qualquer tipo de jornal de circulação nacional foi publicada no *Evening Standard*, em fevereiro, escrita por Maureen Cleave. *Please Please Me* ainda não havia chegado ao número um e eles ainda eram desconhecidos, até mesmo na indústria fonográfica. Entretanto, a Srta. Cleave havia ouvido falar de seus fãs em Liverpool. Em sua matéria, ela conta como os fãs de Liverpool haviam forçado a TV Granada a filmá-los, mas informa que eles agora estavam preocupados, uma vez que os Beatles iriam deixar Liverpool. Também descreveu como eles eram engraçados e naturais.

Ela ainda chamou atenção, pela primeira vez em qualquer jornal, para os seus cabelos. Ela descreveu o corte como um "penteado francês", com a franja escovada para a frente.

"Apesar de os jornais de música os mencionarem um pouco, nunca conseguia fazer com que qualquer colunista nacional ou repórter se interessasse pelos Beatles", diz Tony Barrow. "Foi apenas em outubro de 1963 que tudo começou a acontecer.

“Adoraria poder dizer que foi meu encarte maravilhoso que projetou os Beatles, mas não foi. A imprensa nacional demorou muito, muito mesmo, a prestar atenção neles. Jovens por toda parte estavam começando a ficar loucos por eles, não apenas em Liverpool, e ainda assim ninguém parecia notá-los. Eles chegaram ao topo das paradas de sucesso com seu segundo disco, mas a imprensa, ainda assim, não os via como um assunto interessante.”

A explicação mais simples é que, como nada parecido havia acontecido na Grã-Bretanha antes, a imprensa britânica não sabia reconhecer o que estava acontecendo. Eles tiveram que esperar até que caísse no colo deles.

Apesar de serem ignorados no âmbito nacional, os Beatles estavam conseguindo boas matérias em Liverpool. Em 5 de janeiro de 1963, Disker escreveu uma longa crítica sobre seu último disco, *Please Please Me* – sem mencionar que ele também trabalhava meio período como assessor de imprensa da banda.

O famoso George Harrison também estava finalmente entrando na onda. Em sua coluna “Over the Mersey Wall” de 21 de fevereiro, ele mencionou a apresentação que os Beatles estavam prestes a fazer no programa de TV *Thank Your Lucky Stars.* Ele informou que o programa havia sido gravado antes de *Please Please Me* chegar ao primeiro lugar. Também questionou, em sua coluna, se eles seriam uma banda de apenas um sucesso ou não.

Poucos meses depois, porém, ele não conseguiu mais se segurar. Era a sua vez de se vangloriar de que seu nome era o mesmo que o do muito famoso George Harrison. Ele disse que vinha recebendo uma enxurrada de cartões de aniversário endereçados a “George Harrison, Liverpool”. Ele estava até mesmo recebendo pedidos de mechas de seu cabelo, o primeiro sinal da mania dos fãs de quererem um pedaço dos Beatles. Ele não tinha cabelo nem para si mesmo, quanto mais para dar aos outros...

As pessoas de Liverpool cujo sobrenome era Lennon, McCartney, Harrison ou Starkey também estavam começando a ser importunadas por meninas estranhas ligando para suas casas durante a noite inteira.

O grande resultado de entrar no Top Vinte, no entanto, não foi o *Liverpool Echo* escrever sobre eles, mas terem conseguido uma turnê nacional. Isso não significava muito sucesso, já que todas as turnês tinham estrelas grandes e pequenas. Mas entrar para esse circuito era vital para eles nessa fase. Eles precisavam sair de Merseyside e se expor ao grande público para saber se tinham o mesmo tipo de impacto em pessoas desconhecidas que observaram junto aos fãs de Liverpool, que cresceram com eles. Esse tipo de turnê era também a forma mais estável de se alavancar um disco, tocando suas músicas ao vivo ao redor do país.

A primeira turnê de que os Beatles fizeram parte foi a de Helen Shapiro, em fevereiro de 1963. Ela era a estrela do show, tinha sido a sensação do momento uns dois anos antes, tornando-se a primeira das estrelas adolescentes extremamente jovens.

Arthur Howes, o promotor, já era bem-sucedido em sua área. Ele havia promovido as turnês de Cliff Richard. Mas, por ter notado os Beatles bem cedo, antes de eles chegarem ao topo das paradas, ele se tornou o promotor de todas as suas turnês britânicas, exceto uma.

Brian estava tentando entrar em contato com Arthur Howes há muito tempo, quando descobriu que ele era o promotor de Cliff Richard. Ele ficou surpreso quando finalmente conseguiu seu número residencial e descobriu que ele morava em Peterborough. Isso foi em 1962, quando ele ainda estava correndo atrás de gravadoras.

"Em um sábado à tarde, recebi uma ligação em casa, em Peterborough. Era alguém dizendo que se chamava Brian Epstein, ligando de Liverpool. Ele disse que tinha uma ótima banda e perguntou se eu tinha algo em que pudesse encaixá-la. Disse que a banda se chamava Beatles, e eu ri. Pensei: 'Ah, meu Deus, lá vamos nós de novo, outra banda com nome engraçado.'

"Mas nunca rejeitei uma banda sem antes escutá-la tocar. Disse que havia um show em Peterborough onde eles poderiam tocar. Seriam apenas duas músicas antes do show de Frank Ifield no Embassy Theatre." Ele não lhes pagou cachê, apenas suas despesas de transporte.

A noite no Embassy, em Peterborough, foi a primeira vez que eles tocaram fora de Merseyside. Foi um fracasso total. Essa foi a noite em que "o público não aplaudia", como Arthur Howes descreveu anteriormente. "Era um show de Frank Ifield, então acho que não era de se surpreender. Eles o amavam tanto que aguentariam dez minutos de uma banda ruim."

Mas Arthur Howes gostou dos Beatles e os colocou para tocar em outro teatro perto de Peterborough. Mais uma vez foi um fracasso. Mesmo assim, Howes assinou um contrato com eles. Isso não significava muita coisa, mas prendia os Beatles a ele, caso ele os quisesse. "Eu ainda gostava deles como pessoas e via que Brian era um ótimo homem de negócios. Estava muito impressionado com ele."

Em janeiro de 1963, quando eles finalmente tinham um disco lançado, Howes resolveu fazer valer o contrato e decidiu chamá-los para fazer parte da turnê de Helen Shapiro. Quando a turnê começou, em fevereiro de 1963, seu segundo disco havia sido lançado, mas não existia nenhum sinal de que chegaria a número um. Eles eram apenas mais uma banda, preenchendo espaço no programa. "Da parte que me toca, demorou seis meses para eles deslancharem. Minha preocupação é estritamente com a bilheteria. Se eles não dão certo, não há renda. Não há nenhum romantismo na vida de um promotor, apenas trabalho árduo."

"Sair em turnê foi um alívio, apenas por sair de Liverpool e abrir novos caminhos", diz John. "Estávamos começando a nos sentir rançosos e claustrofóbicos.

"Estávamos sempre prontos para seguir em frente. Ficávamos cansados de um palco e começávamos a pensar que era hora de mudar, quando outro palco aparecia. Havíamos superado os palcos de Hamburgo e queríamos ir em frente. Odiamos voltar para Hamburgo naquelas duas últimas vezes, já havíamos tocado naquela cena."

“Foi uma grande emoção sair em turnê com Helen Shapiro e tocar naqueles teatros de verdade”, diz Ringo. “Havíamos tocado no Empire uma vez, em Liverpool, quando Brian organizou um show só para que a gente tocasse em algum lugar. Éramos os terceiros a tocar. Um empresário londrino de uma das ditas estrelas tinha algum problema com a gente. Ele não queria que nós fizéssemos parte do show de forma alguma.

“Mas tocar em teatros de verdade era ótimo. Não sabíamos nada sobre coisas como maquiagem porque nós nunca tivemos que nos apresentar em palcos de show de verdade. Levou muito tempo até que a gente usasse esse tipo de coisa. Acho que estava observando Frank Ifield, seus olhos estavam lindos. Resolvemos tentar também. Ficamos parecendo índios, cobertos de coisas.”

Os Beatles não causaram nenhuma comoção no início da turnê de Helen Shapiro. Eles passaram a ser bem-recebidos somente depois de seu segundo disco chegar ao topo das paradas.

“Helen era a estrela”, diz Ringo. “Ela tinha uma televisão em seu camarim e nós não tínhamos nada. Tivemos que perguntar se podíamos assistir à dela. Não estávamos enchendo os lugares, mas estávamos no cartaz, cara.”

John se lembra de alguns gritos em Glasgow. Ele diz que eles sempre gritaram por lá. Eles gostavam de rock por muito tempo depois de as pessoas terem passado a gostar de bandas como os Shadows. “Sempre éramos recebidos com gritos na Escócia. Acho que eles não têm muito o que fazer por lá.” Os Beatles ainda eram basicamente uma banda de rock. “Twist and Shout”, que eles começaram a tocar a essa altura, é talvez a música mais rock que já cantaram.

Embora fizesse parte dos cartazes, Ringo, por muito tempo, continuou um pouco preocupado em se encaixar com os outros. “Quando chegávamos nos hotéis, eu me perguntava com quem iria dividir o quarto. Eles se conheciam tão bem. O que normalmente acontecia era que John dividia quarto com George e eu com Paul. O que não tinha problema, é claro.”

John tem memórias genéricas da turnê, mas não se lembra de coisas como nomes de cidades ou lugares de nenhuma turnê de que participou. “Nunca sabíamos onde estávamos, era tudo igual.”

A única lembrança específica de Ringo daquela primeira turnê com Helen Shapiro é de ter sido expulso de um baile. “Acho que foi em Carlisle. Havia um baile acontecendo no hotel onde estávamos hospedados e achei que podíamos entrar. Estava cheio de grã-finos, todos chapados. Eles nos expulsaram porque estávamos muito desarrumados, como sempre.”

Quando *Please Please Me* chegou ao número um, eles se tornaram mais conhecidos entre os fãs de música pop. Ao fim da turnê, eram tão aplaudidos quanto Helen Shapiro, a estrela do show.

Depois da primeira turnê, com uma música no topo das paradas, Arthur Howes imediatamente os mandou para outra. Essa começou em março de 1963. Os Beatles eram a

terceira banda do programa.

A recepção durante essa turnê ficou cada vez mais calorosa. Eles estavam ficando bem conhecidos no mundo pop. Sua participação no *Thank Your Lucky Stars* ajudou nas vendas do disco. Outras pessoas começaram a pedir que eles escrevessem músicas para elas. Eles escreveram uma para Helen Shapiro.

A nova música de Cliff Richard, "Summer Holiday", logo ultrapassou "Please Please Me". Mas Gerry and the Pacemakers, com a música que os Beatles rejeitaram, "How Do You Do It", logo chegaram ao primeiro lugar. Em março de 1963, "o som de Liverpool" passou a ser uma expressão que as pessoas na indústria da música começaram a usar.

O sucesso de "Please Please Me" levou, em abril de 1963, ao lançamento do LP homônimo, o primeiro da banda. Ele incluía os dois lados de seus dois primeiros discos, além de "Twist and Shout", "A Taste of Honey" e outras. Esse álbum ficou na lista de LPs mais vendidos por seis meses.

Em abril de 1963, eles lançaram seu terceiro single, "From Me To You". Esse também chegou ao topo das paradas, assim como "Please Please Me", e recebeu um disco de prata.

Brian ainda estava assinando contrato com outros artistas de Liverpool. Ele passou a gerenciar Billy Kramer, colocou um J no meio de seu nome e lhe deu uma nova banda de apoio, The Dakotas, de Manchester. John e Paul escreveram uma música para ele, "Do You Want To Know a Secret". Ela chegou ao topo das paradas.

Já naquela época, no começo de abril de 1963, quando seu terceiro disco, *From Me To You*, foi lançado, as pessoas começaram a comparar um álbum com o outro e a dizer que eles não eram mais tão bons. O DJ Keith Fordyce escreveu que "a voz e a harmonização são boas e há bastante brilho. A letra é comercial, mas não classifico esta música como sendo tão boa quanto as dos últimos dois discos dessa banda".

John e Paul compuseram essa música dentro de um ônibus durante a turnê de Helen Shapiro. Eles estavam escrevendo letras simples e descomplicadas, assim como sempre haviam feito, usando palavras de fácil identificação para o público, como "me" e "you", presentes no título da música.

Eles foram mandados para mais uma turnê nacional em maio, desta vez com Roy Orbison. Essa foi a única turnê britânica que Arthur Howes não organizou. Ele não tinha ninguém em turnê na época, mas Brian achava que eles deveriam continuar fazendo shows e promovendo seus discos.

Antes que a turnê começasse, eles foram passar férias em Tenerife, nas ilhas Canárias. Eles ficaram hospedados na casa de veraneio do pai de Klaus, seu amigo de Hamburgo, com quem ainda mantinham contato. Paul quase morreu nessas férias, quando nadou para muito longe e quase foi levado pelo mar.

Sempre que podiam, durante essas turnês ou em qualquer intervalo, eles voltavam para casa, em Liverpool. "Saíamos por aí nos vangloriando", diz Ringo. "Banda profissional, sabe? A maioria dos integrantes das outras bandas ainda tinha empregos comuns."

John se sentia um pouco envergonhado e um tanto constrangido por estar de volta a Liverpool, apesar de seu sucesso.

"Não podíamos dizer isso, mas não gostávamos de voltar para Liverpool. Ser heróis locais nos deixava nervosos. Quando tocávamos lá, os shows estavam cheios de pessoas que nós conhecíamos. Ficávamos envergonhados por estarmos arrumados e de terno. Tínhamos medo de que nossos amigos achassem que havíamos nos vendido. O que era verdade, de certa forma."

Durante a terceira turnê com Roy Orbison, em maio de 1963, eles começaram a causar tumulto, embora não fosse nada do tipo que é notícia nos jornais, que ainda os ignoravam. Essa era a primeira turnê em que eles eram a estrela do show, e estavam começando a ter o mesmo tipo de recepção que tinham no Cavern, em Liverpool.

Embora Brian os tivesse transformado em uma banda mais show business e polida, ou assim pensava John, eles ainda faziam palhaçadas no palco, cantavam músicas bregas se qualquer coisa desse errado e apresentavam as músicas de maneira engraçada. "E agora, uma música do super cantor gospel do momento, Victor Silvester." Durante as entrevistas a jornalistas de música, também agiam assim. Maureen Cleave disse, em um artigo no *Evening Standard*, que era como estar presente em uma apresentação dos Irmãos Marx.

Foi nessa turnê com Roy Orbison que um mercado negro de ingressos surgiu, que jujubas começaram a ser jogadas no palco (depois que George tolamente disse que gostava delas) e que eles passaram a ser atacados no teatro, em seu hotel e em todos os lugares a que iam.

Roy Orbison foi listado ao lado dos Beatles no cartaz, mas ele era o penúltimo a tocar, com os Beatles tocando depois dele, como a principal atração do show.

"Era horrível vir depois dele", diz Ringo. "Ele os esgotava e eles pediam mais. Em Glasgow, ficamos nos bastidores escutando o tremendo aplauso que ele estava recebendo. Ele só estava lá, cantando, sem se mexer nem nada. Quando ia chegando a nossa vez, nós nos escondíamos atrás das cortinas e sussurrávamos uns para os outros: 'Adivinha quem vem depois, pessoal? É a sua banda favorita...'. Mas quando subíamos no palco ficava tudo bem."

Não ficou tudo bem para Neil Aspinall, seu gerente de produção, quando eles começaram a rodar o país. Não era tão difícil em Liverpool, indo para os mesmos lugares sempre, mas agora era uma nova estrada, um novo hotel, um novo teatro e novos problemas todos os dias.

"Sempre havia problemas com os microfones em todos os shows", diz John. "Nenhum teatro entendia como queríamos que eles fossem ajustados. Mesmo quando ensaiávamos à tarde e explicávamos como queríamos os microfones, ainda assim dava errado. Ou eles eram colocados na posição errada, ou o volume estava muito baixo. Eles simplesmente os ajustavam

como o fariam para um show de talentos amador. Talvez fôssemos um pouco defensivos por acharmos que eles não levavam nossa música a sério. Isso nos deixava loucos. Brian ia para a sala de controle e nós gritávamos com ele. Ele então fazia sinal de que aquilo era tudo o que eles podiam fazer."

Eles costumavam gritar ainda mais com Neil. Era parte de seu trabalho levá-los e carregar seu equipamento para todos os lugares na hora certa, assim como ajudar na montagem. À medida que os fãs começaram a atacá-los, pondo em perigo sua integridade física e tentando roubar pedaços do equipamento, tornou-se cada vez mais difícil para Neil fazer tudo sozinho.

"Em cinco semanas de turnê, perdi vinte quilos. Ninguém vai acreditar, mas é verdade. Fui de setenta quilos para cinquenta. Simplesmente não comi ou dormi por cinco semanas. Não tinha tempo."

Então, Malcolm Evans, o segurança do Cavern, foi contratado para ajudá-lo. Ele se juntou a Neil como gerente de produção e continuou com eles durante toda a época de turnês. Ambos estão com eles até hoje, como seus companheiros e amigos mais próximos.

Neil é magro, muito inteligente e discretamente eficiente, mas com opiniões fortes e de forma alguma um homem que concorda com tudo. Ele se parece um pouco com George. Mal é grande e robusto, tem o coração aberto, boa índole e é de fácil convivência. Neil desistiu de sua carreira como contador para se juntar aos Beatles. O trabalho de Mal era menos imponente, mas ele estava bem estabelecido.

Mal trabalhava há 11 anos como engenheiro de telecomunicações quando os Beatles surgiram e mudaram sua vida. Ele tinha 27 anos, era casado e tinha um filho. À época, vinha pagando o financiamento de sua casa em Allerton Road, em Liverpool, possuía seu primeiro carro e ganhava um bom salário, de 15 libras por semana. Ele tinha uma vida absolutamente segura, férias pagas e pensão quando se aposentasse. Parecia não ter com o que se preocupar para o resto da vida.

Um dia, em 1962, ele saiu do trabalho nos correios e decidiu ir caminhar no Pier Head, onde ele normalmente ia caminhar durante sua hora de almoço. "Vi uma ruela chamada Mathew Street, que nunca havia notado antes. Fui andando por ela e notei um lugar chamado Cavern Club. Nunca havia entrado em um bar como aquele antes. Ouvi uma música que vinha de dentro dele e soava como rock de verdade, um pouco como Elvis. Então paguei um xelim e entrei." Ele voltou tantas vezes que sugeriram que ele virasse segurança da casa, pois, tomando conta da porta, ele poderia entrar de graça.

Ele estava trabalhando como segurança em meio período há três meses, quando, no verão de 1963, Brian perguntou se ele queria largar seu trabalho nos correios e se tornar o segundo gerente de produção dos Beatles. O trabalho de Mal, durante todos os anos de turnê, era dirigir a van com o equipamento para o próximo teatro, montar e testar tudo antes que a banda

chegasse. Depois do show, ele empacotava e tomava conta de tudo até a próxima parada. Já Neil cuidava dos Beatles pessoalmente.

Durante as primeiras semanas com os Beatles, Mal estima que foi demitido seis vezes. "Nunca havia visto uma bateria antes. Não entendia nada sobre aquilo. Neil me ajudou nos primeiros dois dias, mas, no primeiro dia em que tive que fazer tudo sozinho, foi terrível. Era um palco enorme e me deu um branco. Não sabia onde colocar nada. Pedi para o baterista de outra banda me ajudar. Não sabia que cada baterista gostava de seus pratos em uma altura diferente. Ele ajustou à sua maneira, mas não do jeito que Ringo queria.

"O pior momento de todos foi no Finsbury Empire, em Londres, quando perdi a guitarra de John. Era uma guitarra que ele tinha há anos e simplesmente desapareceu. 'Onde está a minha Jumbo?', ele perguntou. Eu não sabia. É um mistério até hoje. A bronca foi justa naquele dia.

"Foi ótimo conhecer todas as pessoas que eu tinha visto na televisão. Estava completamente abobalhado. Ainda estou. Logo percebi, é claro, que as pessoas eram simpáticas comigo, tentando me conhecer, porque queriam chegar perto dos Beatles. Logo passei a reconhecê-las a quilômetros de distância."

"Era bom para ele", diz Neil. "Indo na frente, preparando os instrumentos. Ele era muito popular. Os fãs o aplaudiam e gritavam o seu nome, ele conversava com eles e fazia piadas. Ele não tinha que enfrentá-los fisicamente quando tudo começou."

"Minha percepção sobre eles logo mudou", diz Mal. "Até então, eles eram quatro pessoas lindas, eu os admirava como se fossem deuses. Logo descobri que eram caras comuns, que não eram feitos de platina. Eu tinha algumas lamúrias e não podia responder de volta. Simplesmente tinha que aguentar."

A pior parte de todas as turnês, ambos disseram, era o camarim antes e depois dos shows. Ficava cheio de jornalistas, policiais, funcionários do teatro, enquanto do lado de fora, os fãs ficavam tentando invadir. "Tinha que tomar conta de tudo aquilo, até que contratamos um assessor de imprensa", diz Neil. "E eu também tinha que ir buscar a comida.

"Quando as coisas saíam um pouco do controle, se alguém estivesse se alongando muito, John ou um dos outros gritava: 'Aleijados, Neil.' Isso significava livre-se de alguém. Originalmente queria simplesmente dizer aleijados, mas passou a significar alguém que estava no caminho.

"Hordas de aleijados vinham nos ver nas primeiras turnês. Eles estavam no nosso camarim quando chegávamos no teatro. A gerência os deixava entrarem, achando que nós adoraríamos vê-los, já que, aparentemente, éramos caras tão bacanas. Era terrível. Você não podia mandar eles saírem da frente. O que você podia fazer? Eles não conseguiam se mexer, então Mal ou eu normalmente os carregávamos para fora. Uma noite, Mal ficou com um gancho preso no pescoço.

"À medida que os Beatles foram ficando maiores, cada vez mais aleijados foram aparecendo. A imagem dos Beatles era tão simpática que eles achavam que nós *queríamos* vê-los, ou ficaríamos desapontados."

Alguns até mesmo acreditavam que a presença dos Beatles poderia milagrosamente curá-los. Esse era um aspecto de sua adulação que nunca chegou aos jornais. Fotos de aleijados sendo carregados para fora de seu camarim não teriam sido muito adequadas.

Tumultos estavam começando a acontecer nessas primeiras turnês, à medida que eles viajavam pelo país, mas eles ainda eram inteiramente uma banda de Liverpool, tocando em casa, nos lugares habituais, entre as turnês. Sua última apresentação no Cavern só aconteceu em 23 de agosto de 1963.

John estava em casa para o nascimento de seu filho Julian – batizado em homenagem a sua mãe, Julia. Quando foi visitar Cyn no Sefton General Hospital, ele teve que usar um disfarce para que ninguém o reconhecesse. Ainda era abril de 1963: eles eram nomes conhecidos em Liverpool, mas desconhecidos nos outros lugares. "Algumas pessoas me reconheceram. 'Ali um deles', escutei alguém gritar, e tive que sair correndo." Alguns dias depois do nascimento de Julian, John foi passar férias na Espanha com Brian.

Cyn se mudou do pequeno apartamento no qual eles viviam, no centro de Liverpool, e foi morar com Mimi em Menlove Avenue. "Quando estava empurrando o carrinho de Julian por Woolton, as pessoas vinham me perguntar: 'Você é a Cynthia Lennon?' Eu dizia que não."

Eles ainda estavam todos centrados em Liverpool em junho de 1963, quando Paul fez 21 anos. Todos os fãs sabiam disso, é claro, então ele não podia dar uma festa em sua casa em Forthlin Avenue. Em vez disso, comemorou na casa de sua tia Jinny, uma das duas tias que haviam ajudado seu pai quando sua mãe morreu.

A festa foi uma grande orgia barulhenta, com muita bebida e com todas as outras bandas tocando, como a festa de Ringo e como em todos os shows de boas-vindas quando voltavam de Hamburgo. A Fourmost, que também havia assinado contrato com Brian, tocou, assim como a Scaffold, uma banda de Liverpool que tinha começado a ficar famosa. Era composta por Roger McGough, o poeta de Liverpool, John Gorman, um ator cômico e dono de boutique, e Michael McGear, anteriormente conhecido como Michael McCartney, irmão de Paul.

Michael ainda estava trabalhando como cabeleireiro, mas tinha começado a se apresentar com a Scaffold em seu tempo livre. Quando Paul ficou famoso em Liverpool, Michael decidiu mudar seu sobrenome para que ninguém achasse que ele estava tentando se aproveitar da fama do irmão. Ele também se recusava a cantar.

Durante a festa, John puxou briga com um DJ local, que os havia ajudado muito, antes de Brian, marcando shows para eles.

"Acabei com ele", diz John. "Destruí suas costelas. Estava bêbado naquela hora. Acho que ele me chamou de bicha.

“Depois, ele me processou por ter batido nele. Paguei duzentas libras como parte de um acordo. Essa foi provavelmente a última briga física que tive com alguém.”

O fim de uma era, de muitas maneiras. Foi o início do fim da atitude agressiva, violenta e defensiva que John tinha perante a vida e as pessoas. E foi o início do fim da fase de Liverpool, já que o país estava finalmente prestando atenção neles.

De volta a Londres, em agosto de 1963, eles produziram um quarto single, “She Loves You”. Esse foi o início do “Iê Iê Iê” e o começo da fama nacional. Liverpool, agora, era apenas o lugar de onde eles vieram.

Retrato da família de George (ao centro) aos 8 anos, com seus pais, Harold e Louise, e seus irmãos, Harold (à esquerda) e Peter, atrás.

George, aos 5 anos.

John, aos 8 anos, e sua mãe, Julia — retrato de 1949. Tenho a foto original, que John me deu, mas foi só recentemente que descobri quem a tirou. Foi o primo de John, Stanley Parkes. Obrigado, Stanley.

Fotos de John aos 5 anos, com cara de menino muito doce e inocente — do jeito que sua tia Mimi sempre preferia se lembrar dele.

Fred Lennon, pai de John.

A tia Mimi de John, que o criou desde os 3 anos.

Paul, aos 9 anos.

A família McCartney em uma corrida de cavalos, 1968: Michael, Angela (madrasta de Paul), Paul e Jim McCartney (pai de Paul e dono de cavalos de corrida).

Paul (à esquerda) aos 7 anos de idade com a mãe e o irmão, Michael.

Richard Starkey, pai de Ringo.

Ringo, aos 10 anos, e sua mãe, Elsie.

Ringo, por volta dos 8 anos de idade.

Ringo, por volta dos 8 anos de idade.

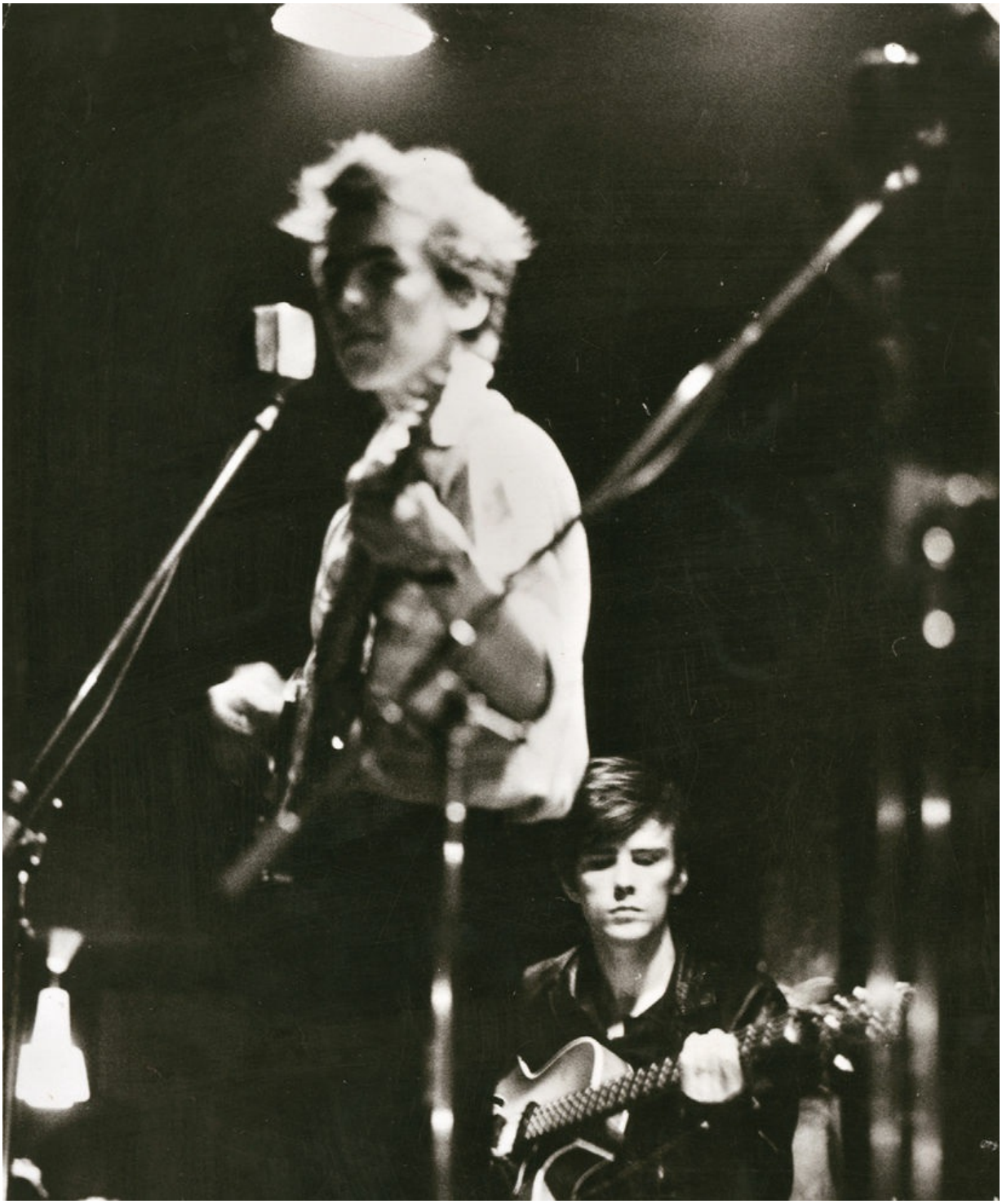
George (à direita), aos 15 anos, com o cabelo penteado para cima em seu primeiro baile.

Ringo (à direita), aos 16 anos, trabalhando como barman em um barco.

Uma foto recentemente descoberta dos Quarrymen tocando na parte de trás de um caminhão no dia em que John conheceu Paul, na igreja de St. Peter, em Woolton, em 6 de julho de 1957.
Da esquerda para a direita: Pete Shotton, Eric Griffiths, Len Garry (de costas para a câmera), John Lennon, Colin Hanton na bateria e Rod Davis em pé. Foi o pai de Rod Davis que tirou a foto — parte de um rolo antigo de negativos que não foi revelado na época, e sim guardado em uma gaveta e esquecido. Em 2009, Rod descobriu a foto usando um moderno scanner de negativos e foi capaz de vê-la, 52 anos depois.

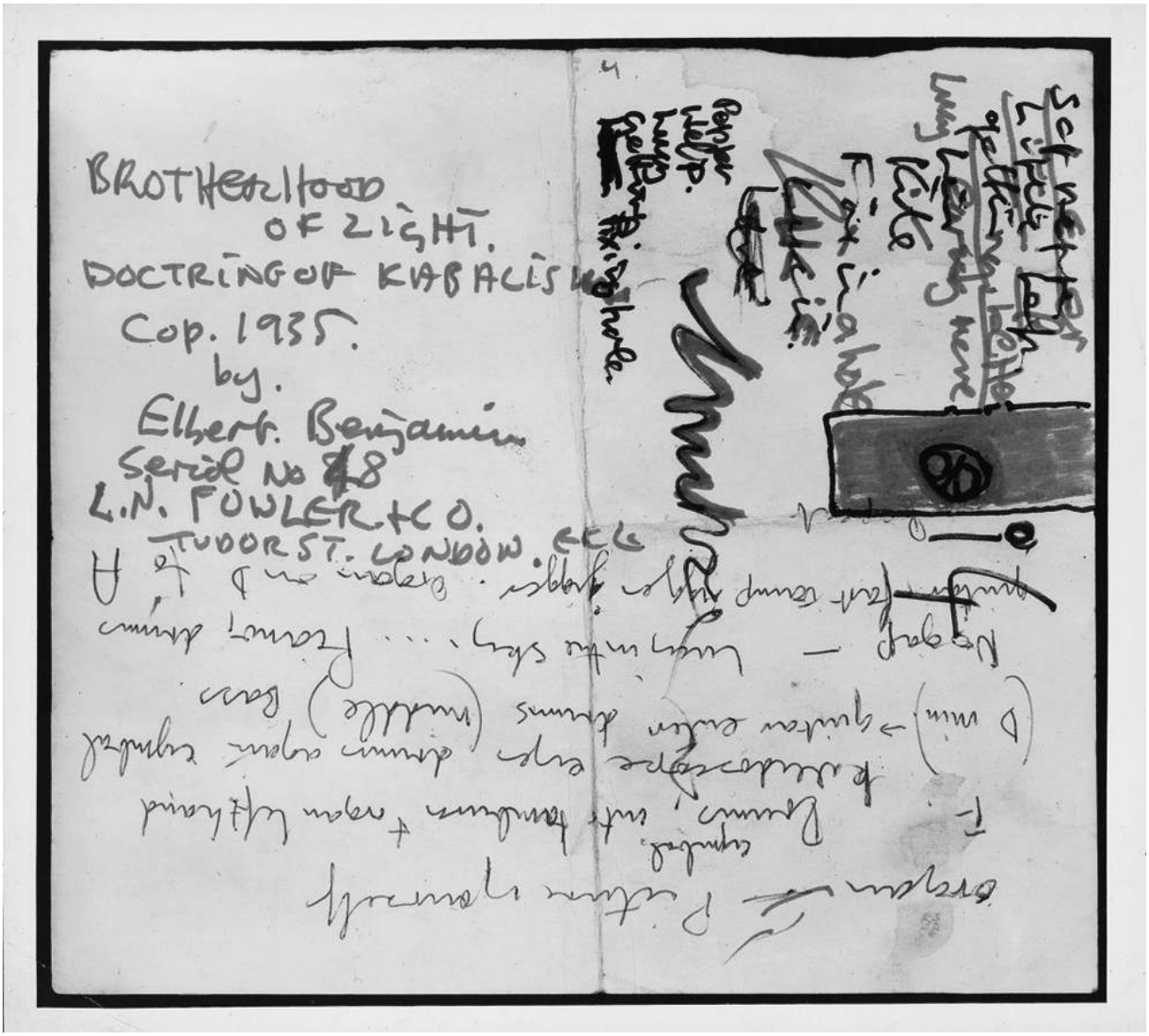
John à frente dos Quarrymen — foto tirada por volta de 1957.

Ringo, com aproximadamente 15 anos, se divertindo com amigos.



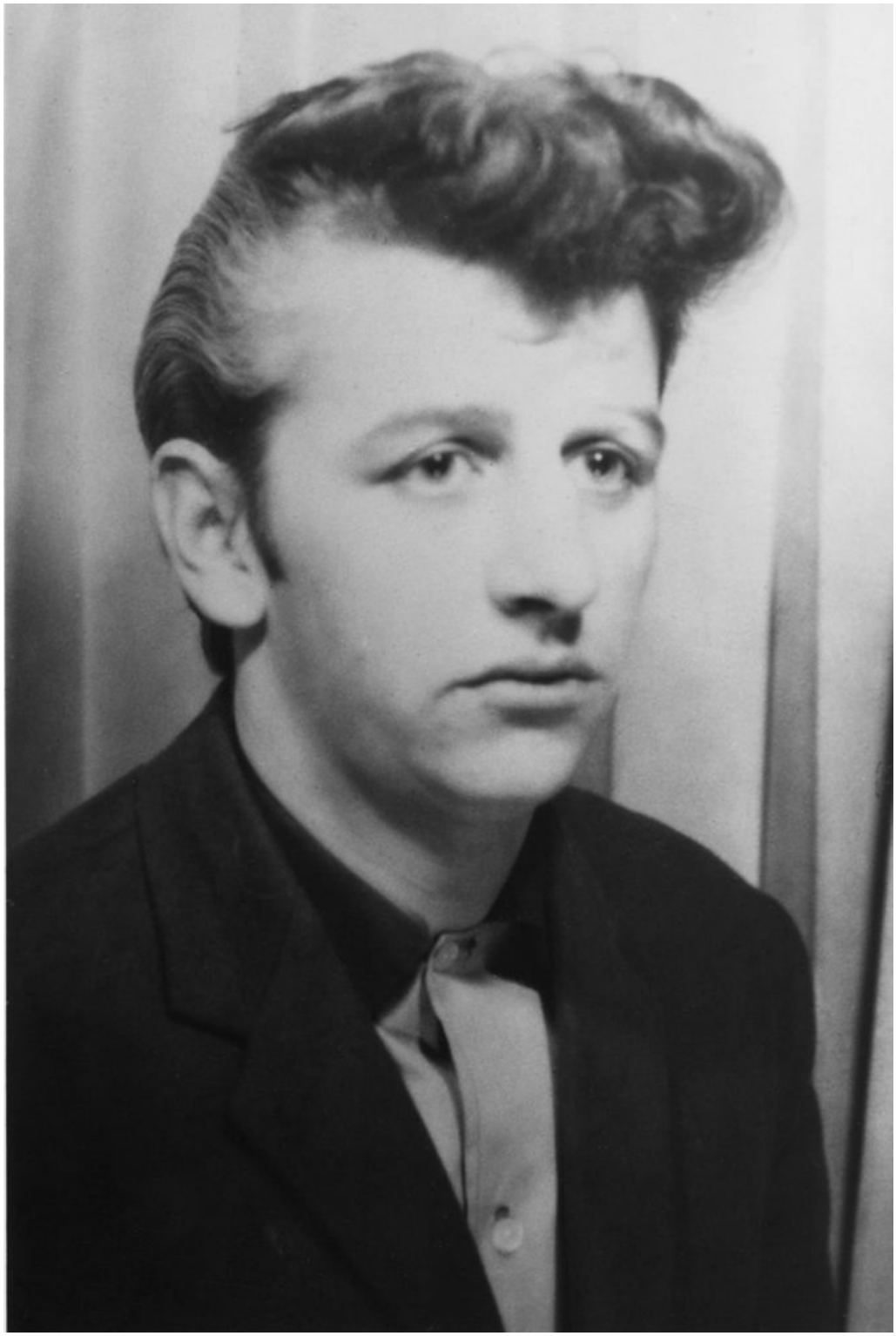
George em Hamburgo, com Stu ao fundo.

Os Beatles com parte da equipe da EMI — fotografia nunca publicada, tirada em janeiro de 1964.



Anotações de John sobre “Lucy in the Sky”.

John ao microfone.



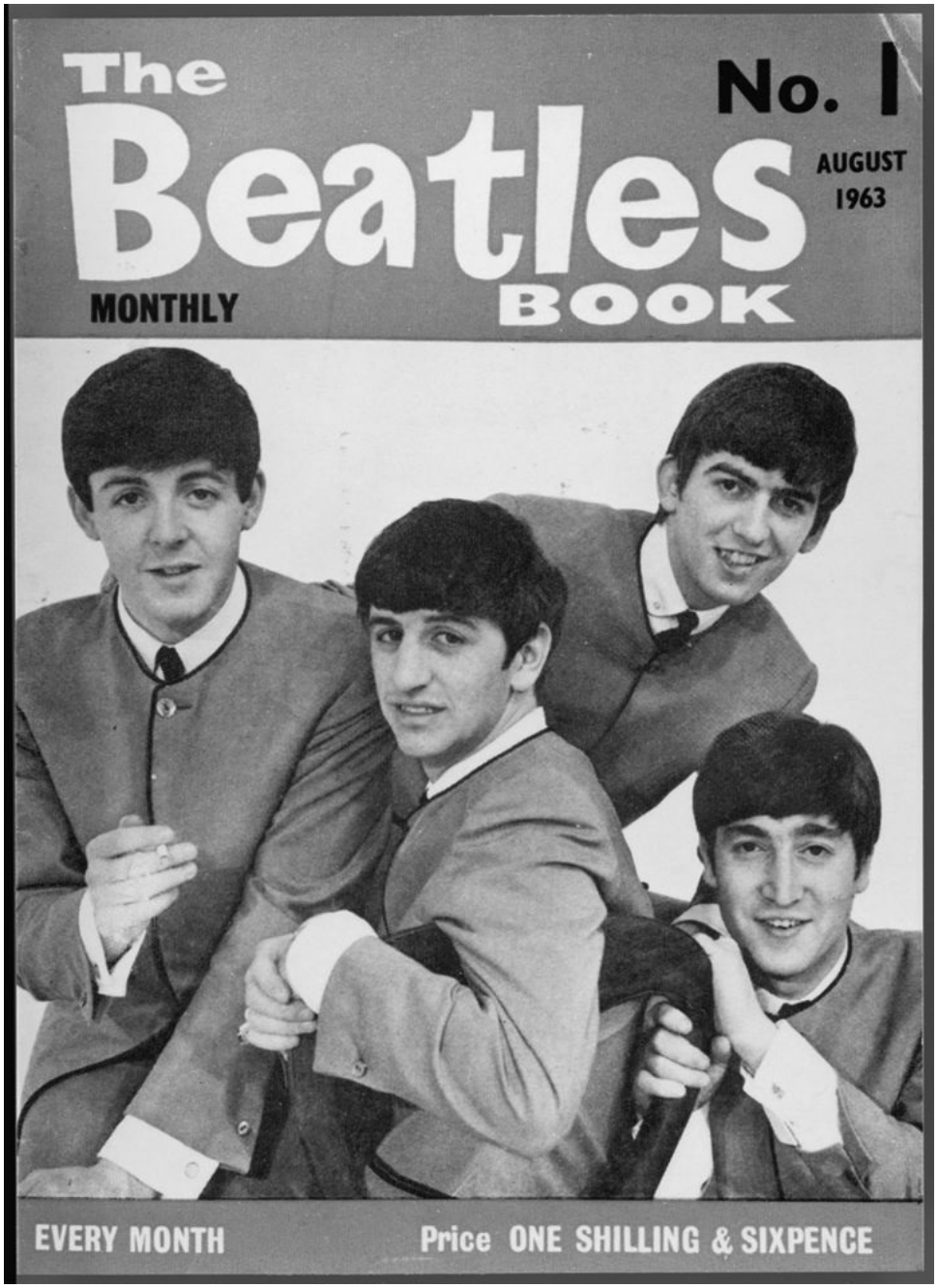
Ringo, o *teddy boy* adolescente. Sua mecha grisalha já estava começando a aparecer.

Paul, John e George, com roupas de couro e botas de cowboy, em um telhado de Hamburgo, 1961.

Paul, John e George, com roupas de couro e botas de cowboy, em um telhado de Hamburgo, 1961.

Paul e John com roupas de baixo.

Os Beatles subindo o mundo — em um elevador no Cinema Lonsdale em Carlisle, 21 de novembro de 1963, antes de se apresentarem. Eles foram levados para uma porta nos fundos do local e seguiram em um elevador de carga para escapar das adolescentes que gritavam na rua. Uma funcionária do cinema, de aparência agressiva, estava de guarda. Foto de Jim Turner, do *Cumberland News* — reproduzida em um livro pela primeira vez.

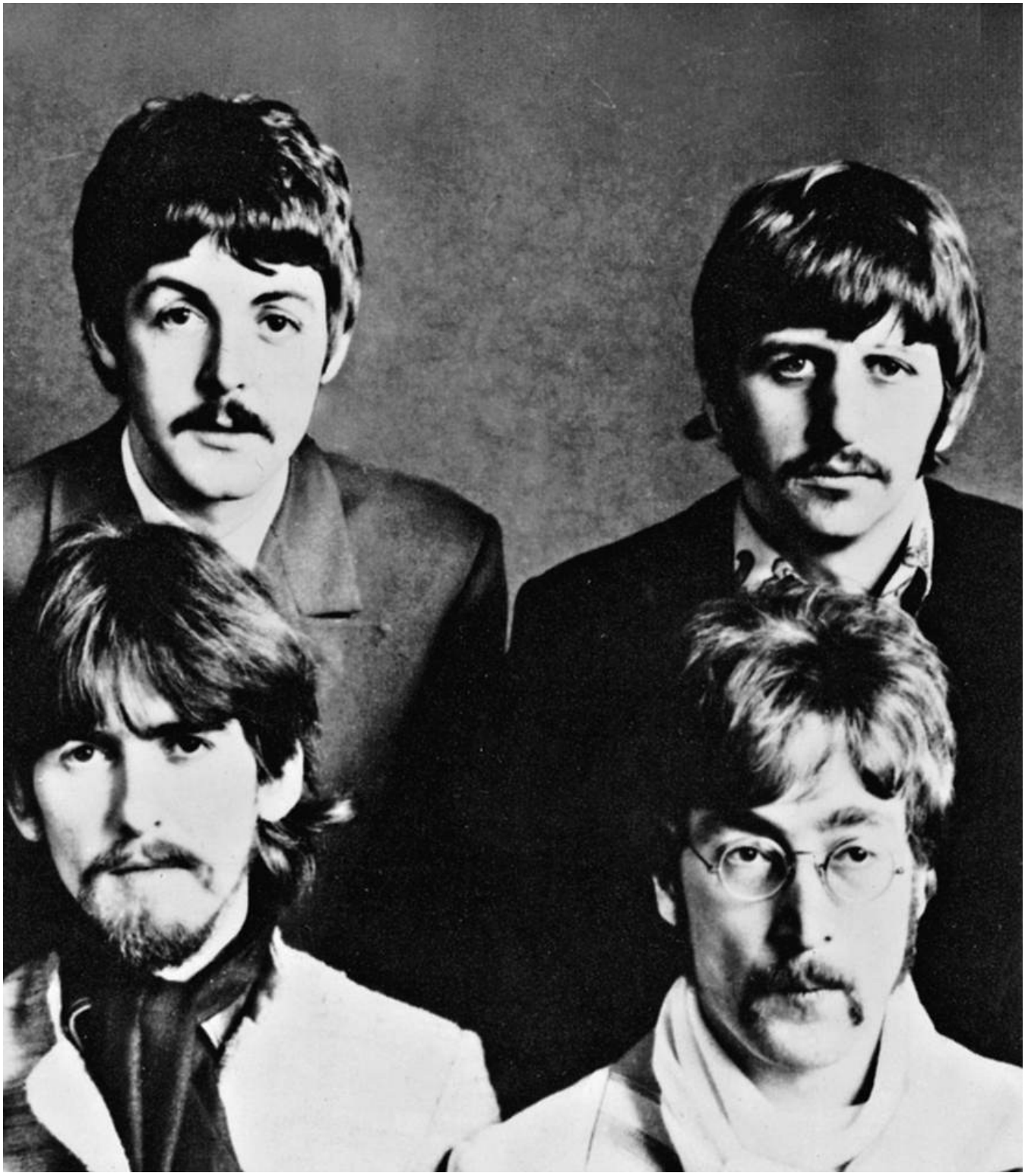


Beatles Monthly: a revista do fã-clube britânico foi lançada em agosto de 1963 e teve 77 edições, até dezembro de 1969.

A capa da edição com partituras de *Please Please Me*, lançado em janeiro de 1963, que se tornou o primeiro álbum número um dos Beatles.

Foto oficial do folheto, 1963.

The Beatles, 1965.

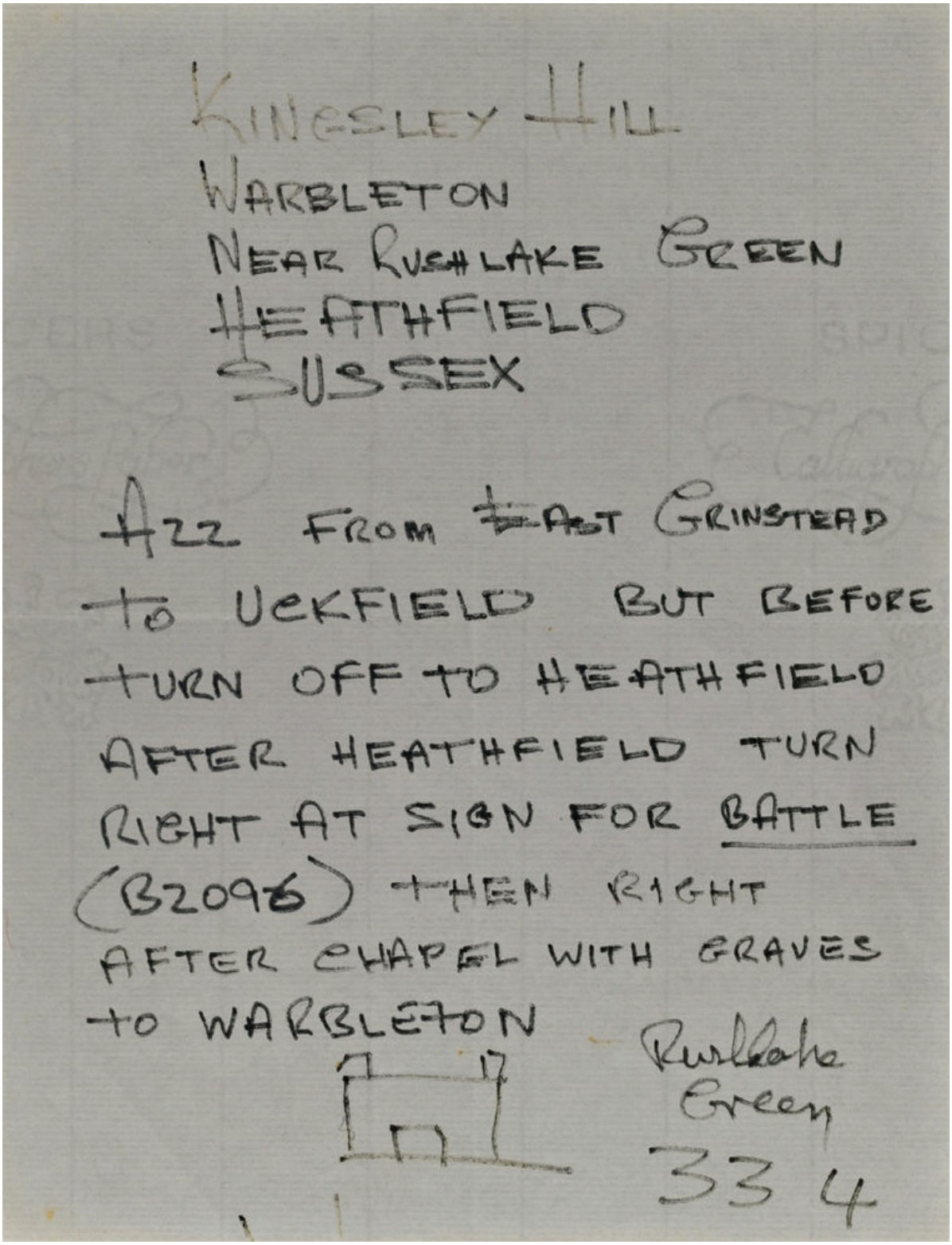


The Beatles, 1967.

The Beatles, 1968.

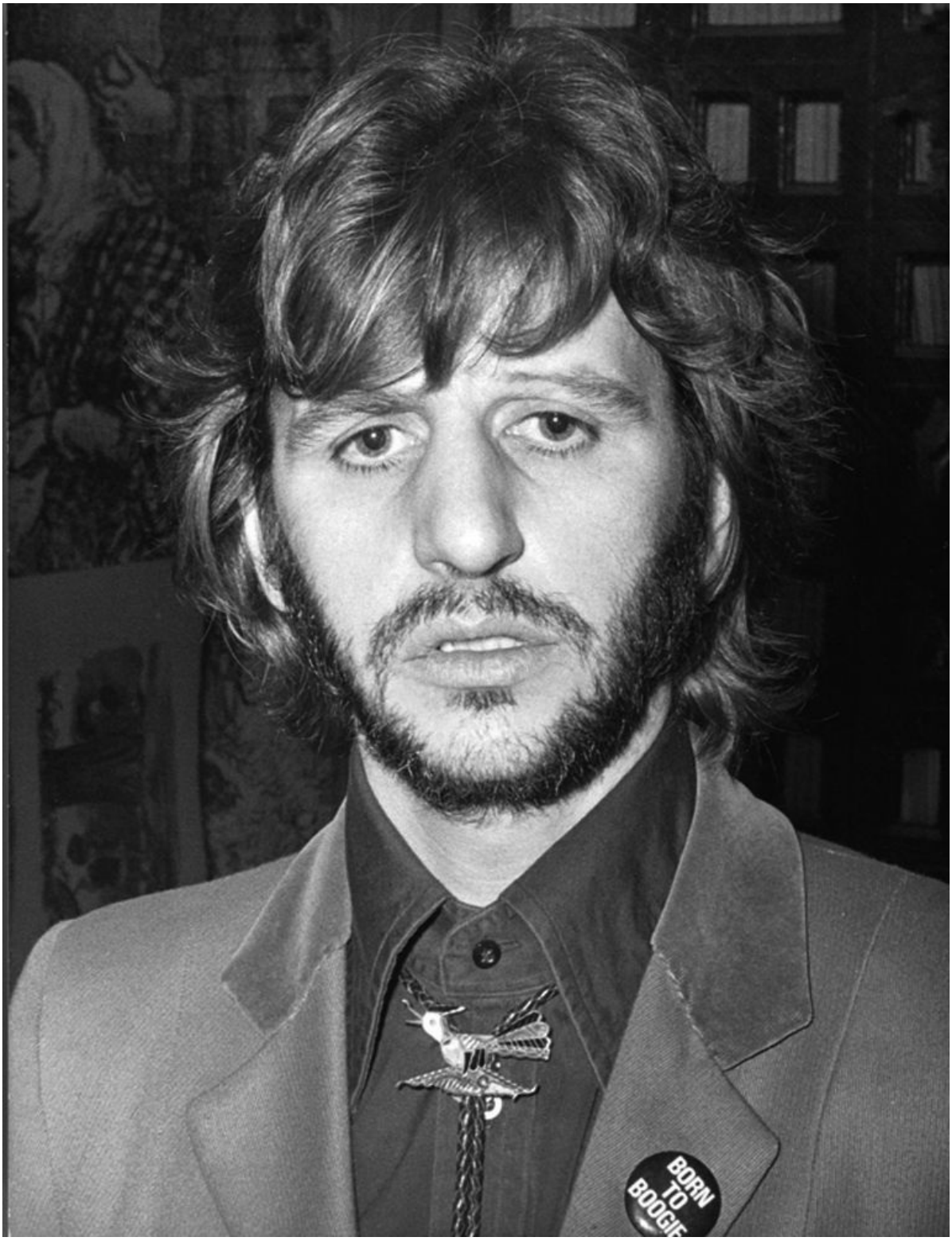
Brian Epstein. Ele se tornou empresário dos Beatles em dezembro de 1961.

Jantar de celebração no hotel George V em Paris, em janeiro de 1963, para comemorar a notícia de que “I Want to Hold Your Hand” havia se tornado número um nos Estados Unidos. Da esquerda para a direita: Judy Martin, Ringo, George, Paul, John e George Martin. Brian Epstein está com um penico na cabeça.



Instruções de como chegar à casa de campo de Brian Epstein, escritas a mão por ele. No verso, George escreveu uma letra de música recentemente descoberta.

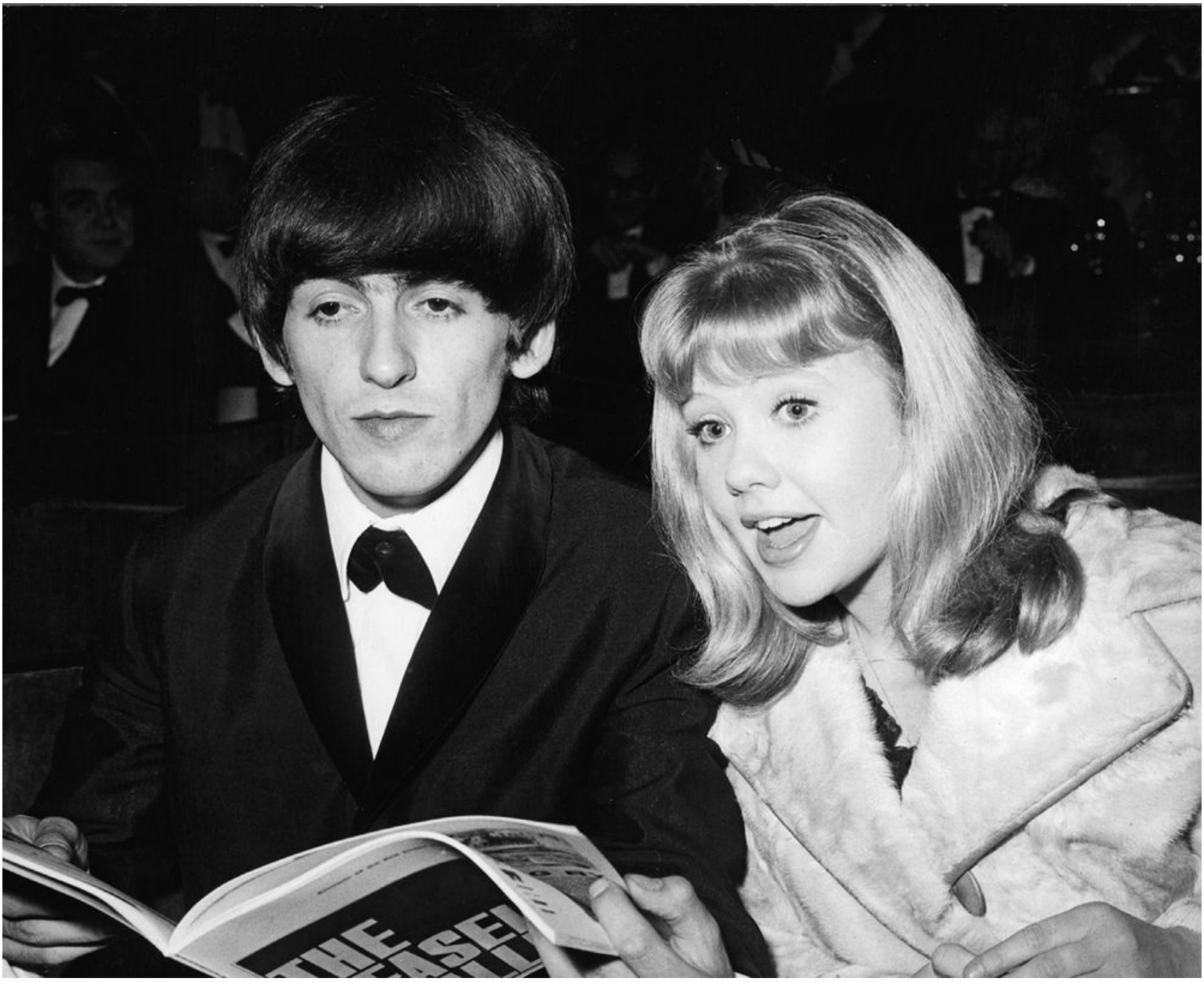
John Lennon em casa, 1971.



Ringo na première de *Born to Boogie.*

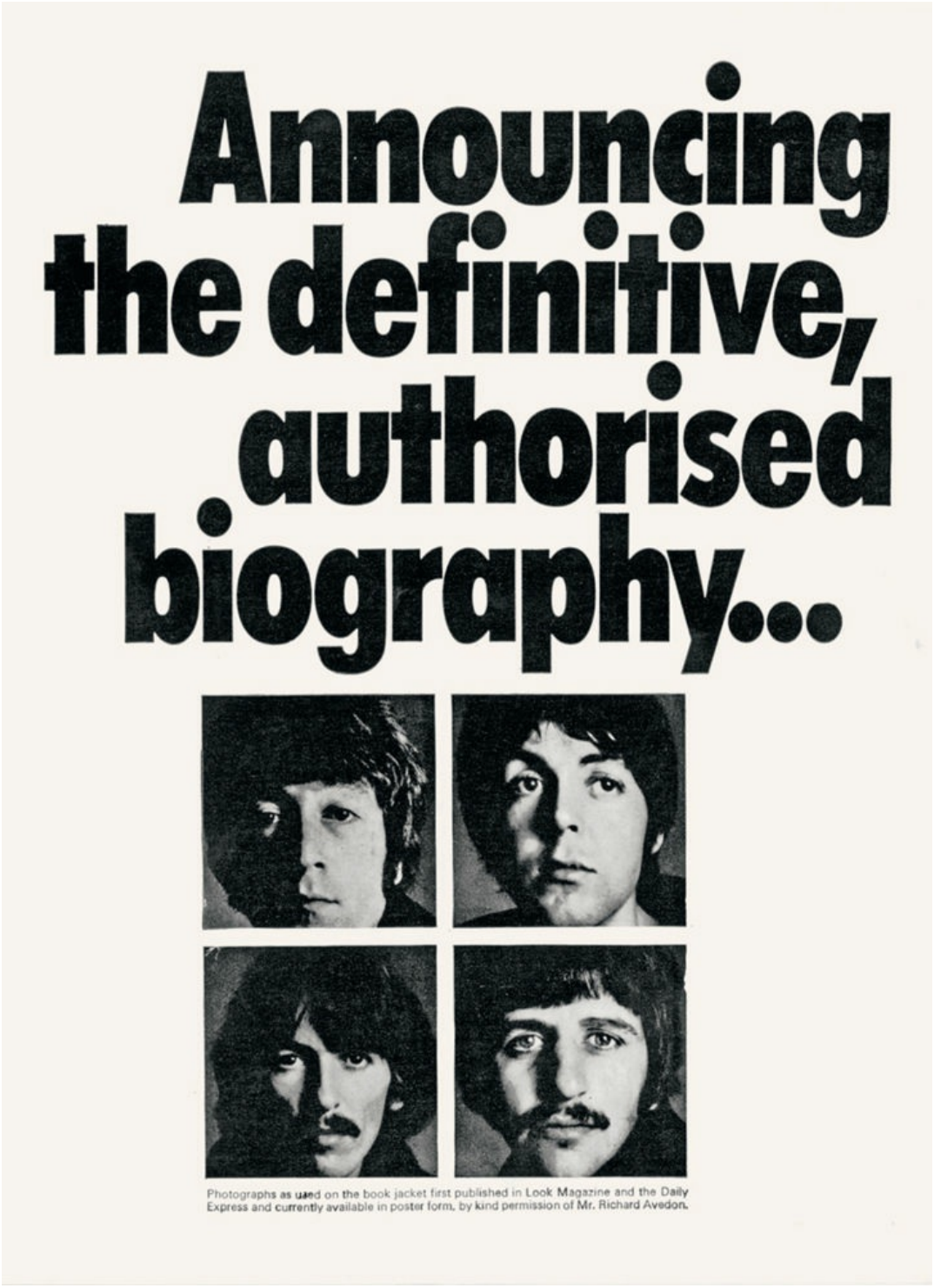
Ringo Starr, agosto de 1969.

John em 1969, prestes a viajar para Genebra.



George Harrison acompanha Hayley Mills até o cinema, 1964.

Ringo e sua esposa, Maureen Cox, em lua de mel, 1965.


Announcing
the definitive,
authorised
biography...
Photographs as used on the book jacket first published in Look Magazine and the Daily Express and currently available in poster form, by kind permission of Mr. Richard Avedon.

Foi há mais de quarenta anos que minha biografia dos Beatles foi publicada pela primeira vez, em 30 de setembro de 1968. Em um anúncio, Heinemann, a editora original, estava fazendo o seu melhor para que o livro parecesse absurdamente empolgante.

The Beatles

by Hunter Davies

This is the only authorised biography of the four working class Liverpool lads who, in four years, became millionaires and the best known people in the world.

Hunter Davies has had the full collaboration of the Beatles themselves, their families, business associates and friends.

Throughout, the Beatles are talking about themselves, then and now.

This is their story, mainly in their own words, warts and all.

There are 32 pages of photographs, the majority of them unpublished.

There is a contemporary picture of each of the Beatles, showing them at home with their family, children and pets, taken especially for the book by ace-photographer Ringo Starr.

In short, this is the BIG book for the autumn.

September 30/Demy 8vo/30s.

HEINEMANN

Fotos dos Beatles em casa com suas famílias em 1968, tiradas pelo excelente fotógrafo Ringo Starr, especialmente para a primeira edição deste livro:

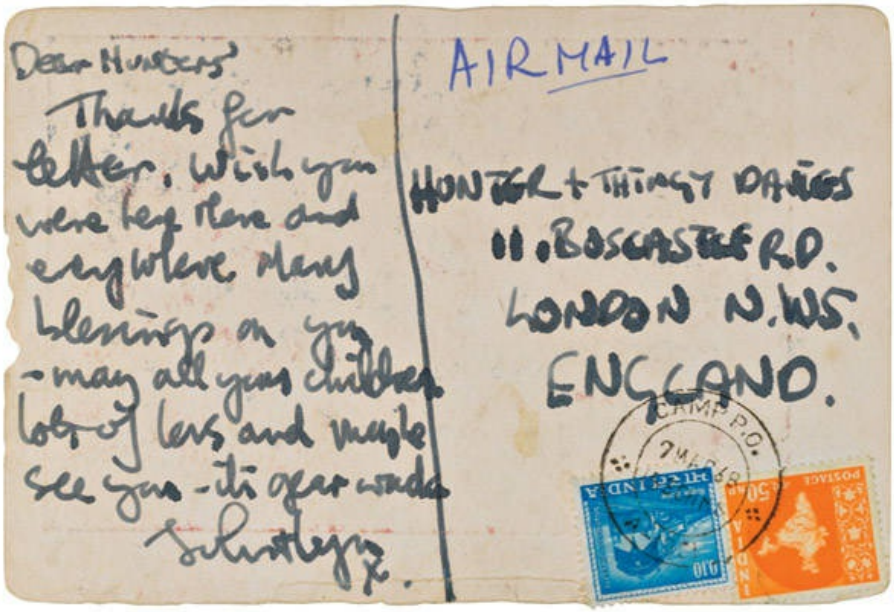
Paul McCartney e Jane Asher.

Os Lennon: Julian, Cynthia e John.

Os Starr: Jason, Maureen, Zak e Ringo. Imagem um pouco granulada, já que Ringo precisou ajustar o timer da câmera e correr de volta para sua posição.

Pattie e George Harrison.

Eu, à direita, com Neil Aspinall em Abbey Road, 1967, escutando os Beatles trabalharem no álbum *Sergeant Pepper*.



Cartão-postal que John enviou da Índia, em 1968, quando estava lá com o Maharishi.

DURRANT'S PRESS CUTTINGS
29-39, Mount Pleasant, London, W.C.1.
Telephone: CENTRAL 3140 (Two Lines).

Cheshire Observer
Chester. - 1 SEP 1967

Sept 1 1967

BEATLES AT THE STATION

Right: George Harrison pauses during a conversation with his fellow Beatles at Chester General Station last Friday.

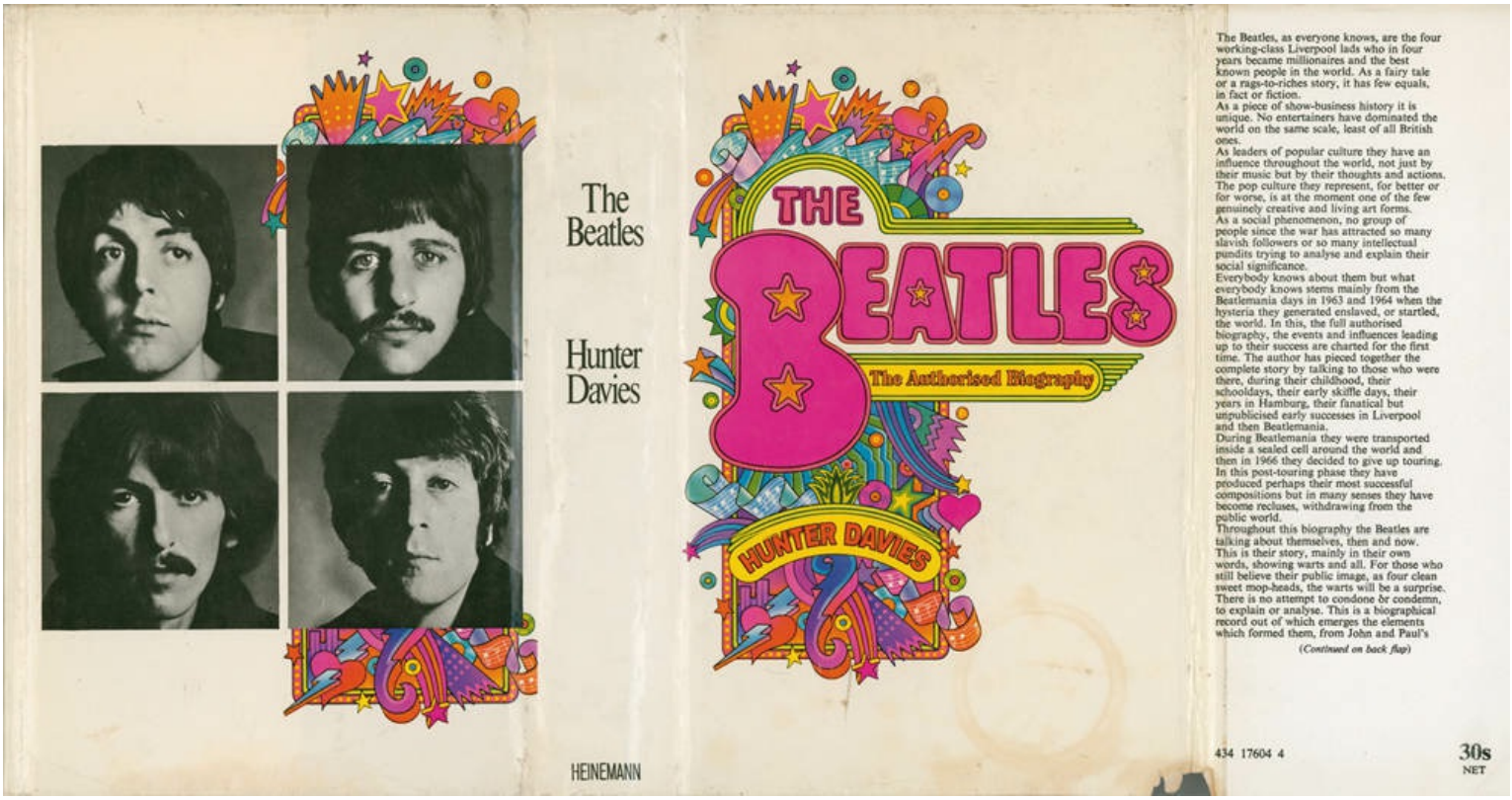
Below: Paul McCartney, Ringo Starr, John Lennon and George Harrison (back to camera) enjoy tea, watched by hundreds of fans at Chester General Station last Friday.

Beatles John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr and George Harrison, dashed back to London on Sunday from a "think-in" at Bangor, on hearing news of their manager, Brian Epstein.

The four Beatles, who travelled up to Bangor last Friday, were welcomed by fans at Chester General Station, where their train stopped before continuing its journey to North Wales.

Lamentavelmente, estas são as únicas fotos minhas com os Beatles que consegui encontrar, durante meus 18 meses de trabalho neste livro — e, mesmo assim, é apenas uma fotocópia. De todo modo, agradeço ao *Cheshire Observer* de 1º de setembro de 1967 por ter fotografado os Beatles através da janela do trem durante uma parada em Chester, a caminho do encontro deles com o Maharishi em Bangor. Na imagem de cima, estou sentado ao lado de George. Abaixo, estou de costas para a foto enquanto olho para Paul, Ringo e John.

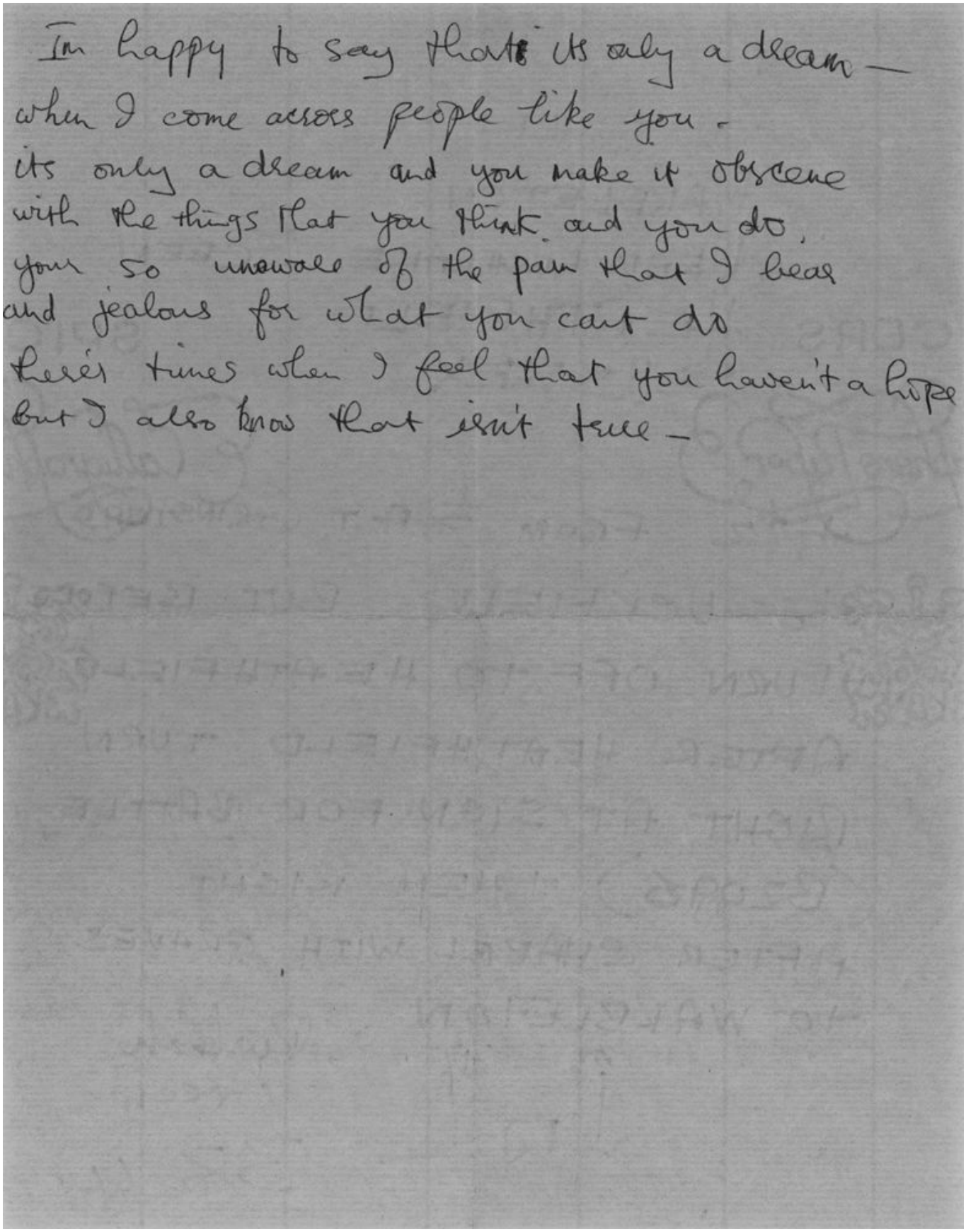
Fred Lennon segurando um papel com seu número de prisioneiro a bordo de um navio. Ele tinha 40 anos na época, mesma idade de John quando foi assassinado. A semelhança entre os dois é impressionante. Fred me deu esta foto, mas não foi possível incluí-la na primeira edição do livro.


The Beatles
Hunter Davies
HEINEMANN
THE BEATLES
The Authorised Biography
HUNTER DAVIES
The Beatles, as everyone knows, are the four working-class Liverpool lads who in four years became millionaires and the best known people in the world. As a fairy tale or a rags-to-riches story, it has few equals, in fact or fiction.
As a piece of show-business history it is unique. No entertainers have dominated the world on the same scale, least of all British ones.
As leaders of popular culture they have an influence throughout the world, not just by their music but by their thoughts and actions. The pop culture they represent, for better or for worse, is at the moment one of the few genuinely creative and living art forms.
As a social phenomenon, no group of people since the war has attracted so many slavish followers or so many intellectual pundits trying to analyse and explain their social significance.
Everybody knows about them but what everybody knows stems mainly from the Beatlemania days in 1963 and 1964 when the hysteria they generated enslaved, or startled, the world. In this, the full authorised biography, the events and influences leading up to their success are charted for the first time. The author has pieced together the complete story by talking to those who were there, during their childhood, their schooldays, their early skiffle days, their years in Hamburg, their fanatical but unpublicised early successes in Liverpool and then Beatlemania.
During Beatlemania they were transported inside a sealed cell around the world and then in 1966 they decided to give up touring. In this post-touring phase they have produced perhaps their most successful compositions but in many senses they have become recluses, withdrawing from the public world.
Throughout this biography the Beatles are talking about themselves, then and now. This is their story, mainly in their own words, showing warts and all. For those who still believe their public image, as four clean sweet mop-heads, the warts will be a surprise. There is no attempt to condone or condemn, to explain or analyse. This is a biographical record out of which emerges the elements which formed them, from John and Paul's
(Continued on back flap)
434 17604 4
30s
NET

Tentei comprar a arte original da primeira edição britânica do livro em 1968, feita pelo inimitável Alan Aldridge — que, na época, morava na rua ao lado da minha e jogava no mesmo time de futebol que eu. Quando lhe fiz uma oferta quase decente, ele já a havia vendido para um colecionador japonês. Atualmente, as primeiras edições do livro são muito valorizadas.

De férias em Portugal em 1968. Da esquerda para a direita: eu, segurando meu filho, Jake, Linda, Paul, a filha de Linda, Heather, minha esposa, Margaret, e nossa filha, Caitlin.

Cartões-postais de Paul, enviados para mim em Portugal.


I'm happy to say that it's only a dream —
when I come across people like you.
its only a dream and you make it obscene
with the things that you think and you do.
your so unaware of the pain that I bear
and jealous for what you can't do
there's times when I feel that you haven't a hope
but I also know that isn't true —

Letra de música escrita por George recentemente descoberta.

T H E B E A T L E S

Britain's most exciting new vocal and instrumental quartet.

DIRECTION & PERSONAL MANAGEMENT:	BRIAN EPSTEIN, Nems Enterprises Limited, 12/14 Whitechapel, LIVERPOOL 1. Phone: ROYal 7895
RECORD COMPANY:	PARLOPHONE RECORDS, EMI House, 20 Manchester Square, LONDON W.1.
RECORDING MANAGER:	GEORGE MARTIN, EMI House, Phone: HUNter 4488
PRESS REPRESENTATIVES:	TONY CALDER ENTERPRISES, 15 Poland Street, LONDON W.1. Phone: GERrard 6202
THE BEATLES' FAN CLUB:	Miss R. Brown, 90 Buchanan Road, WALLASEY, Cheshire.
THE BEATLES' FIRST PARLOPHONE RECORD:	"LOVE ME DO" C/W "P.S. I Love You" Release: Friday 5th October 1962. PARLOPHONE 45-R 4949

-o-o-o

George, Paul e John em um telhado em Hamburgo, 1961.

Dear Mr. Low,

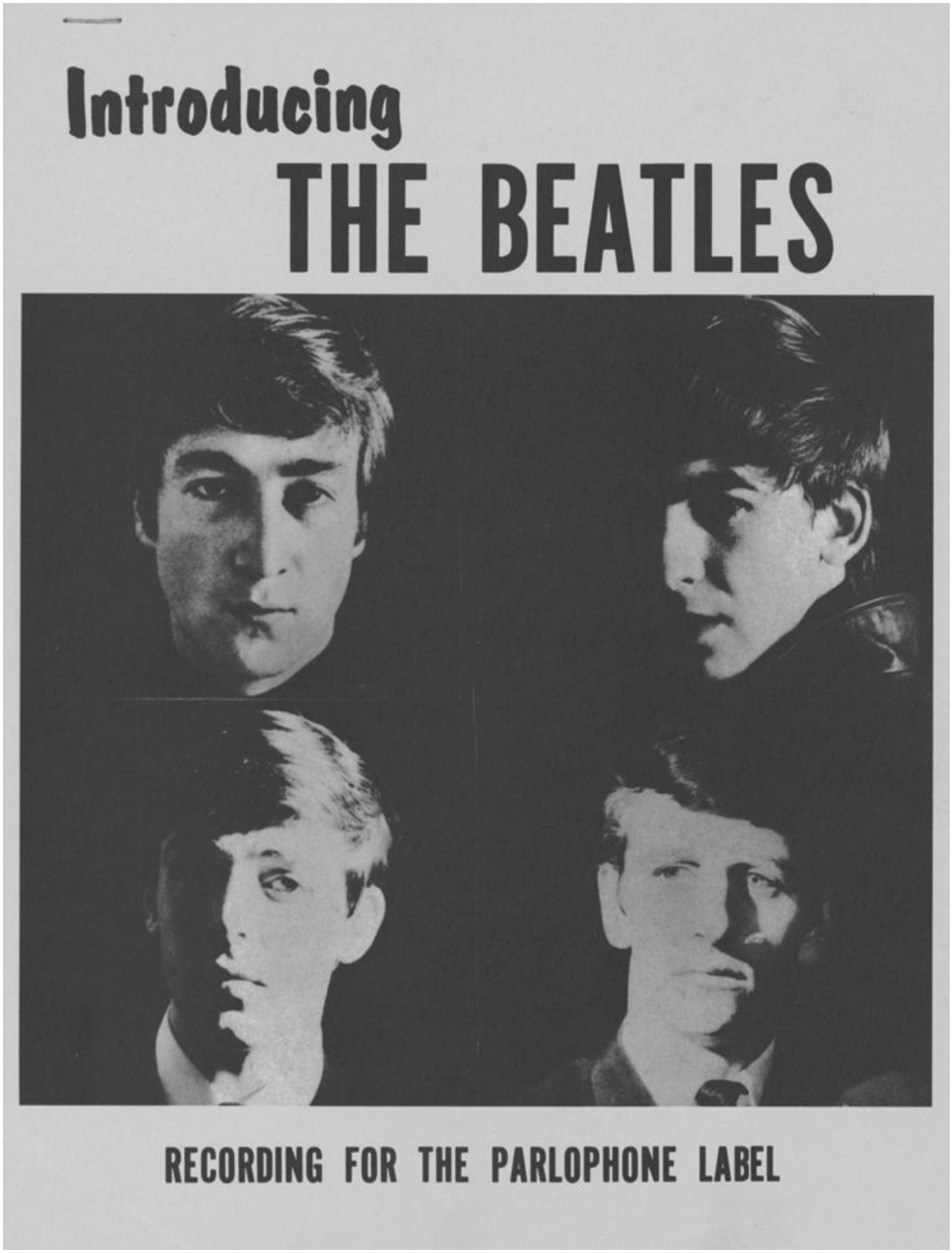
I am sorry about the time I have taken to write to you, but I ~~shall~~ hope I have not left it ~~too~~ late. Here are some details about the group.

It ~~is made up~~ consists of ~~four~~ four boys:- Paul McCartney (guitar) John Lennon (guitar) ~~and~~ Stuart Sutcliffe (bass) and George Harrison (another guitarist.) ~~and~~ is called the ..... This line-up may at first seem rather dull, but it must be appreciated that as the boys all have above-average ~~playing~~ instrumental ability, they achieve a surprisingly varied effects. Their basic beat is the off beat, but this has recently ~~been~~ tended to be accompanied by a faint on-beat; thus the overall sound is ~~rather~~ reminiscent of the 4 in the bar beat of traditional Jazz. This could possibly be put down to the influence on the group of Mr. McCartney, who

---

Beat
Mr. Mac.
50 times
Billy Fury
Places
Competitions
Records.

Carta de Paul escrita a mão para um jornalista desconhecido chamado Sr. Low, à procura de publicidade para o grupo.



As primeiras fotos promocionais dos Beatles divulgadas pela Parlophone para sua primeira gravação, “Love Me Do”, em outubro de 1962.

22

Beatlemania

A Beatlemania atingiu as ilhas britânicas em outubro de 1963, assim que o escândalo Christine Keeler-Profumo começou a se dissipar.

A onda durou três anos, tempo o suficiente para que atingisse praticamente o mundo todo. Havia uma gritaria perpétua e iê-iês de adolescentes histéricas de todas as classes e cores, algumas das quais não conseguiam nem ouvir o que estava acontecendo por causa do barulho que faziam. Elas ficavam emocionalmente, mentalmente ou sexualmente excitadas. Elas espumavam pelas bocas, se debulhavam em lágrimas, se atiravam como lemingues em direção aos Beatles, ou simplesmente desmaiavam.

Ao longo dos três anos, isso tudo continuou acontecendo em algum lugar do mundo. Cada país testemunhou as mesmas cenas de emoção em massa, cenas que ninguém nunca imaginou que fossem possíveis, e que provavelmente nunca irão se repetir. Hoje, tudo isso soa como ficção, mas foi outro dia que tudo estava acontecendo.

É impossível exagerar a Beatlemania, porque a Beatlemania era, em si, um exagero. Para aqueles que não acreditam, todos os grandes jornais do mundo têm milhões de palavras e imagens em seus arquivos, contando tim-tim por tim-tim o que aconteceu quando os Beatles visitaram sua parte do mundo.

Depois que acabou, em 1967, e todo o mundo foi tomado por exaustão ou tédio, era difícil de acreditar que tudo havia mesmo acontecido. Será que todo mundo estivera louco? Pessoas de todas as idades e todos os meios culturais acabaram sucumbindo àquilo, embora talvez não tão histericamente quanto os adolescentes.

Líderes mundiais e personagens famosos, que muitas vezes inicialmente alertaram contra eles ou os criticaram, caíram uns sobre os outros fazendo referências aos Beatles, para mostrar que eles estavam em contato com o público, para que as pessoas vissem que eles também sabiam que um fenômeno de comunicação de massa havia ocorrido.

Ocorreu de repente e dramaticamente na Grã-Bretanha, em outubro de 1963, e Brian Epstein afirmou que não estava preparado para isso. Ele estava preparado para o sucesso, porque eles já eram bem-sucedidos. O que ele não estava preparado era para a histeria.

"She Loves You", que havia sido lançada no final de agosto, também foi número um, seguindo a trilha de seus dois singles anteriores. Já em junho, mesmo antes de saberem o nome da música, milhares de fãs já haviam encomendado o próximo single dos Beatles. No dia anterior a ele ser colocado à venda, 500 mil encomendas antecipadas haviam sido recebidas.

Em setembro, os Beatles haviam alcançado uma posição única na Grã-Bretanha. Eles tinham o LP mais vendido, *Please Please Me*, o EP mais vendido, *Twist and Shout*, e o single mais vendido, "She Loves You".

Mas não foi até a noite de 13 de outubro de 1963 que os Beatles deixaram de ser simplesmente uma história interessante da música pop e se tornaram notícia de primeira página em todos os jornais nacionais. Esta foi a noite em que foram a atração principal no London Palladium, em um show que foi televisionado como *Sunday Night at the London Palladium*. Um público estimado de 15 milhões de telespectadores assistiu a eles naquela noite.

A Argyll Street, onde o Palladium está situado, ficou cercada de fãs durante todo o dia. Os repórteres dos jornais começaram a ir até lá quando ouviram falar da multidão. A porta do palco foi bloqueada por fãs, montanhas de presentes e pilhas de telegramas. Dentro, era quase impossível ensaiar por conta dos gritos contínuos dos milhares de fãs que cantavam do lado de fora, nas ruas.

Outros canais de TV apareceram com suas equipes de notícias para gravar as cenas de multidão, embora o show estivesse sendo transmitido por uma rede rival. A polícia, completamente tomada de surpresa, não foi capaz de controlar a maior parte da multidão. Foi decidido que o carro de fuga dos Beatles deveria ser estacionado em frente às portas dianteiras, já que todos esperavam que eles saíssem pela porta do palco. Seu carro, a essa altura, era um Austin Princess conduzido por um motorista. A velha van de Neil havia sido aposentada há muito tempo, depois que os discos começaram a fazer sucesso.

A polícia, se achando muito inteligente, estacionou o carro um pouco mais adiante, longe da porta da frente, tentando escondê-lo. Isso fez com que os Beatles, protegidos por Neil, tivessem que procurar o carro loucamente quando saíram do teatro e, em seguida, correr 45 metros, quase sendo mortos pela multidão no caminho.

A primeira página de todos os jornais no dia seguinte tinha longas notícias e grandes fotos das cenas de multidão histérica. As histórias não eram sobre o quão bem ou mal a banda havia tocado suas músicas, mas simplesmente sobre o caos que causaram.

"Daquele dia em diante, tudo mudou", diz Tony Barrow, seu assessor de imprensa. "Meu trabalho nunca mais foi o mesmo. Depois de passar seis meses ligando para os jornais e recebendo não de todos eles, agora tinha todos os repórteres e editores *me* perseguindo." Seu

trabalho passou a envolver simplesmente selecionar, junto com Brian e outros assessores de imprensa, os jornalistas que seriam autorizados a entrevistar os Beatles.

"Antes disso, nunca havia sido um assessor de imprensa do tipo que a maioria das bandas tem, orquestrando certas situações para gerar publicidade. Não sabia sobre nada disso, pois nunca havia feito aquilo antes. De todo modo, Brian teria sido contra situações arranjadas. Nunca fizemos isso e nunca tivemos que fazer."

Na quarta-feira seguinte, Bernard Delfont anunciou os nomes para o que é encarado pela maioria das pessoas do show business britânico como o maior show do ano: o Royal Variety Performance. Marlene Dietrich também foi convidada a se apresentar.

Os Beatles estavam de volta em turnê quando a notícia saiu. Eles estavam, na verdade, em Liverpool, prestes a se apresentarem no Southport Ballroom, quando a lista foi anunciada. Todos os jornais nacionais enviaram repórteres e fotógrafos de suas sucursais em Manchester para obter a reação dos Beatles com a notícia. Estavam obviamente esperando alguns comentários sarcásticos sobre a família real, mas, para alívio de Brian, eles não fizeram nenhum.

O Royal Variety Show foi marcado para o dia 4 de novembro. Até lá, eles continuaram em turnê pela Grã-Bretanha e, pela primeira vez, foram para o exterior, para a Suécia.

Na Grã-Bretanha, as mesmas cenas de multidões histéricas estavam acontecendo em cada show em que eles tocavam. Todos os dias os jornais tinham, quase palavra por palavra, as mesmas notícias de primeira página do dia anterior – apenas o nome da cidade era diferente.

Até mesmo em cidades pequenas, como Carlisle, onde no início do ano eles haviam sido expulsos de um baile em um hotel local, as multidões eram enormes. Na noite de 24 de outubro, mais de seiscentos adolescentes passaram a noite inteira fazendo fila para comprar ingresso. A maioria deles trouxe sacos de dormir e dormiu na fila. Alguns haviam passado até 36 horas lá. Quando a bilheteria abriu e a fila avançou, vitrines foram quebradas e nove pessoas foram levadas para o hospital. Em cidades maiores, o número de vítimas chegava a centenas de pessoas.

A turnê sueca, sua primeira viagem ao exterior desde Hamburgo, foi resultado direto das vendas de discos. "She Loves You" logo alcançou a cifra de um milhão de discos vendidos na Grã-Bretanha, feito pelo qual eles receberam um disco de ouro, e também estava vendendo bem na Europa, algo que raramente acontecia com estrelas pop britânicas.

Eles passaram cinco dias na Suécia, de 24 a 29 de outubro. Dia após dia, eram notícia nos jornais britânicos, assim como na imprensa e na TV suecas. Em um show em Estocolmo, a polícia, com o auxílio de cães, tentou controlar os fãs que não tinham conseguido ingressos. Dentro, quarenta policiais, com cassetetes, estavam fazendo a guarda do palco para evitar que os fãs subissem nele. Mas os fãs acabaram furando a barreira policial e subindo ao palco.

George foi derrubado, mas a polícia conseguiu restabelecer a ordem antes que ele fosse pisoteado.

Fãs suecos já estavam usando os penteados e as roupas dos Beatles, assim como os fãs britânicos haviam começado a fazer. Na Suécia, o penteado era conhecido como "corte estilo Hamlet".

Os próprios Beatles dão como início da Beatlemania uma data um pouco depois do show no Palladium, quando Brian e Tony Barrow perceberam pela primeira vez o fenômeno. Eles não estavam cientes de sua enorme popularidade até dia 31 de outubro, quando voltaram da Suécia e desembarcaram no aeroporto de Londres.

Eles, naturalmente, tinham conhecimento do caos no Palladium duas semanas antes e de todos os outros tumultos por todo o país. Mas isso vinha acontecendo pouco a pouco, desde seus dias no Cavern, apesar de não ter sido noticiado antes. Durante as turnês, eles começaram a ter que entrar e sair escondidos dos teatros. Estavam tentando escapar dos fãs, em vez de enfrentá-los e correr o risco de serem mortos.

Mas, quando chegaram ao aeroporto de Londres, a escala de sua popularidade, de repente, os atingiu. Foi sua primeira chegada triunfal de qualquer lugar, desde os shows de boas-vindas no Cavern. Milhares de fãs histéricos haviam tomado o aeroporto de Londres há horas. No caos gerado por sua chegada, o carro com o primeiro-ministro, Sir Alec Douglas-Home, ficou detido. A Miss Mundo, que estava passando pelo aeroporto de Londres, foi completamente ignorada. Cenas em aeroportos como essa se tornaram fatos comuns durante os três anos seguintes.

A Royal Variety Performance, sua segunda grande apresentação em Londres, aconteceu no Prince of Wales Theatre, em 4 de novembro. O público não era tão grande quanto o do show no Palladium, mas, em teoria, era muito mais seleto, uma vez que o preço do ingresso era quatro vezes maior do que o normal. Era um show de caridade, cheio de personalidades da indústria do entretenimento, magnatas da sociedade e ricos empresários, todos com a esperança de ver rapidamente a realeza. Nessa ocasião, compareceram a rainha-mãe, a princesa Margaret e lorde Snowdon. Dizem que se trata de um público difícil de agradar. Existe a tradição nauseante de o público esticar o pescoço, para ver a reação do camarote real, antes de bater palmas ou dar risadas.

Paul arrancou gargalhadas logo no começo. Os Beatles tocaram imediatamente depois de Sophie Tucker. Paul declarou que eles estavam felizes de tocarem logo após sua banda americana favorita.

Eles tocaram suas músicas habituais – causando rebuliço quando anunciaram que iam cantar "She Loves You". Depois tocaram "Till There Was You" e "Twist and Shout".

John apresentou uma música: "Agora o pessoal dos assentos baratos pode bater palmas", disse ele. Balançando a cabeça em direção ao camarote real, acrescentou: "Quanto ao resto de

vocês, apenas chacoalhem as suas joias."

Esse comentário apareceu na capa de todos os jornais no dia seguinte, todos amando a piada, mesmo que boba, à custa dos membros da realeza. Tudo completamente inofensivo, é claro. A declaração foi encarada como um pouco atrevida, porém adorável, pois os Beatles haviam se tornado completamente adoráveis.

A rainha-mãe, ao falar com eles depois, mostrou que estava bem ciente do que tinham feito. Ela ainda fez sua própria piada, embora provavelmente não de forma intencional. Ela perguntou onde eles se apresentariam em seguida, e eles disseram Slough. "Oh", disse a rainha-mãe. "Fica perto de nossa casa."

O show foi televisionado no domingo seguinte e teve uma audiência de 26 milhões de pessoas.

As histórias de primeira página sobre seus shows tornaram-se monotonamente iguais. Até mesmo jornais como o *Daily Telegraph*, que até então se considerava sério demais para cobrir histórias pop (embora agora publicasse religiosamente o Top Dez de cada semana), noticiavam cada tumulto. Durante muito tempo, no entanto, eles ainda sentiam a necessidade de explicar quem os Beatles eram, se referindo a eles como "a banda pop Beatles", como em uma matéria sobre um show em Newcastle em 28 de outubro, que noticia a briga de adolescentes para conseguirem ingressos para o show.

O Parlamento estava sendo questionado sobre os milhares de policiais extras por todo o país que estavam tendo que desempenhar tarefas diferentes e perigosas por causa dos Beatles. Um membro do Parlamento sugeriu que a polícia deveria se retirar e ver o que aconteceria. Felizmente, ninguém levou a sugestão a sério.

No dia 1º de novembro, eles começaram uma nova turnê, dessa vez anunciada simplesmente como uma série de shows dos Beatles. Não havia nenhuma outra estrela dividindo as apresentações com eles, como havia sido com Roy Orbison, porque não era necessário ter mais ninguém.

No programa dessa turnê, que se estendeu até 13 de dezembro, havia vários anúncios de produtos dos Beatles. Uma empresa em Peckham oferecia suéteres dos Beatles, anunciando-os como "desenhados especialmente para fãs dos Beatles por um proeminente fabricante britânico, com um broche de duas cores dos Beatles grátis". Tudo isso por 35 xelins cada.

Fabricantes de todo o país, a essa altura, estavam competindo para obter a concessão para usar a palavra Beatle em seus produtos. Paletós dos Beatles (aqueles sem lapela, geralmente em veludo cotelê, usados primeiro por Stu em Hamburgo) estavam à venda em todos os lugares já em setembro de 1963.

Perucas dos Beatles começaram a aparecer. Uma fábrica em Bethnal Green trabalhava dia e noite para suprir a demanda. Ela anunciou que tinha encomendas de Eton College e do palácio de Buckingham. Não da própria rainha, apenas de um dos funcionários.

A maioria dos garotos adolescentes estava deixando o cabelo crescer como o dos Beatles. A partir de novembro, houve um fluxo contínuo de histórias nos jornais sobre estudantes sendo mandados de volta para casa por conta de seus cabelos longos, ou de aprendizes sendo impedidos de entrar em fábricas pelo mesmo motivo.

O *Daily Telegraph* do dia 2 de novembro publicou o primeiro editorial criticando a histeria provocada pelos Beatles. Afirmava-se que a histeria em massa estava simplesmente enchendo cabeças vazias, assim como Hitler havia feito. O *Daily Mirror* correu em defesa dos Beatles: "Você tem que ser um cara muito quadrado e amargo para não amar os maluquinhos, barulhentos, alegres e lindos Beatles." Eles elogiaram os Beatles por não dependerem "de piadas de mau gosto sobre gays para fazer as pessoas se divertirem".

Eles foram atacados e, em seguida, defendidos na Assembleia da Igreja, a reunião anual dos líderes da Igreja Anglicana. Um bispo declarou que eles eram um "grupo psicopatético" e que uma semana do salário deles poderia construir uma catedral na África. No entanto, outro orador disse que era fã deles e que se tratava apenas de uma diversão saudável.

O *Daily Mirror* parece ter sido o primeiro jornal a procurar um psicólogo comportamental para tentar explicar o que estava acontecendo. Essa se tornou uma prática comum, que proporcionou aos psicólogos comportamentais, especialmente aos americanos, dinheiro fácil durante os três anos seguintes. Esse psicólogo disse que os Beatles estavam "libertando um desejo sexual". Mais tarde, médicos anunciaram que algumas meninas tinham orgasmos durante os shows dos Beatles.

A turnê chegou a Cheltenham, uma cidade muito refinada do interior da Inglaterra, em Gloucestershire. As manchetes do dia seguinte anunciavam: "Vila quadrada se rende", o que provavelmente era uma manchete que os subeditores haviam preparado no dia anterior. Um policial local foi citado, dizendo que tinha sido "a noite mais maluca desde Mafeking".

Em Plymouth, no dia 14 de novembro, a polícia teve que usar canhões de água para controlar os fãs histéricos. Houve grande pânico em Portsmouth porque Paul estava levemente gripado e eles tiveram que desmarcar um show. Todos os jornais deram boletins de hora em hora sobre seu estado de saúde.

Em Birmingham, no dia 11 de novembro, eles conseguiram escapar da multidão disfarçados de policiais. Em 18 de novembro, um vigário da Igreja Anglicana conseguiu bastante espaço nos jornais quando pediu aos Beatles que gravassem "Oh Come All Ye Faithful, Yeh, Yeh" para o Natal.

As vendas da EMI estavam disparando. Quando a história sobre a Decca e todas as outras empresas que os rejeitaram vazou, isso foi comparado à rejeição de *E o vento levou* pela 20th Century.

No final de novembro, eles lançaram seu quinto single, "I Want to Hold Your Hand", que foi direto para o topo das paradas. Um milhão de pessoas o haviam encomendado

antecipadamente na Grã-Bretanha.

Seu segundo LP, *With The Beatles*, foi lançado alguns dias antes. A foto usada na capa era forte e artística: eles estavam vestidos com suéteres pretos de gola rolê, mostrando apenas suas cabeças e ombros. Seus rostos foram habilmente iluminados, de modo que um lado ficasse na sombra, como Astrid os havia fotografado em Hamburgo. Quando o LP foi anunciado, no início de novembro, foram recebidas 250 mil encomendas antecipadas imediatamente. Foi noticiado que aquela era a maior pré-venda de um LP em qualquer lugar do mundo até então. O melhor que Elvis Presley havia feito era de 200 mil para seu álbum *Blue Hawaii*.

Todos os grandes jornalistas da Grã-Bretanha competiam por uma entrevista, esperando por horas e horas do lado de fora do camarim, na esperança de conseguir pelo menos uma palavra. Donald Zec, do *Daily Mirror*, foi um dos primeiros a fazerem uma grande entrevista com eles, logo no início de sua fama nacional, em 10 de setembro. Descrevendo seu penteado, algo que os jornalistas ainda sentiam necessidade de fazer, ele disse que se tratava de um corte da Idade da Pedra.

Enfim, em dezembro de 1963, os jornais intelectuais de domingo finalmente entraram na onda, publicando longas e solenes investigações sobre o fenômeno, citando seus próprios psicólogos, porém usando palavras ainda mais longas. O *Observer* publicou uma foto de uma das Cíclades, deusas da fertilidade de Amorgos, em forma de guitarra, que dizia ser um "registro da potência da guitarra como símbolo sexual desde 4.800 anos antes da era Beatle". O *Sunday Times* comentou sobre como eles haviam ampliado a língua inglesa, trazendo palavras típicas de Liverpool, como *gear* (que significa bom ou ótimo), para uso geral. Isso colocou, de certa forma, o político conservador Edward Heath em seu lugar. Anteriormente, ele os havia criticado, dizendo que sua linguagem "não podia ser reconhecida como o inglês da rainha". Mas o Sr. Heath se redimiu um pouco mais tarde, quando teria dito: "Quem poderia ter previsto há apenas um ano que os Beatles viriam a ser a salvação da indústria do veludo cotelê?"

Até mesmo o *Daily Worker*, jornal do Partido Comunista britânico, estava publicando comentários a respeito deles: "O som de Mersey é a voz de 80 mil casas em ruínas e 30 mil pessoas desempregadas".

No início de dezembro, eles tinham sete de seus discos – singles, assim como EPs – no Top Vinte. Em 11 de dezembro, participaram do programa de TV *Juke Box Jury*, os quatro como jurados, o que levou à maior audiência que o programa já teve.

Um acordo para um filme foi então anunciado. Walter Shenson e George Ornstein, em associação com a United Artists, informaram que os Beatles iriam estrelar seu primeiro filme, escrito pelo dramaturgo de Liverpool Alun Owen. Brian Epstein fez parte deste acordo e se certificou de que os Beatles receberiam uma grande porcentagem da bilheteria. Ele estava, a essa altura, fazendo o mesmo com suas turnês, uma vez que ficou claro que o nome deles era

suficiente para garantir a casa cheia em todos os lugares. A turnê dos Beatles, que começou em novembro, era "apresentada por Arthur Howes em associação com Brian Epstein".

Em outubro, Brian transferiu seu próprio escritório para Londres, juntando-se a Tony Barrow e ao crescente número de secretárias e assistentes.

O fã-clube também estava crescendo a proporções gigantescas, e logo se tornou completamente incapaz de lidar com os milhares de formulários de inscrição. Havia muitas histórias nos jornais sobre as pobres fãs que esperavam meses para receber uma resposta para suas cartas, mas a enxurrada de cartas era demais. Até o fim de 1963, o fã-clube oficial tinha quase 80 mil membros pagantes, em comparação com os 2 mil do início do mesmo ano.

O canal de televisão da BBC fez um show de meia hora sobre a Convenção da Região Norte do fã-clube dos Beatles, diretamente do Liverpool Empire.

Na época do Natal, os Beatles fizeram um show natalino junto com outros artistas gerenciados por Brian Epstein – Cilla Black, Billy J. Kramer, Tommy Quickly e o Fourmost. A primeira apresentação foi em Bradford, em seguida deu-se um show em Liverpool e, depois, eles tocaram em Londres, no Finsbury Park Empire, onde Mal infelizmente perdeu a guitarra favorita de John.

O séquito intelectual continuava a crescer a todo vapor. Os jornais sérios estavam dando tanto espaço para eles quanto os populares. Eles estavam na boca de todos, em todos os jornais; piadas sobre eles estavam sendo criadas, as charges estavam cheias de imagens deles. O *Daily Mail* parou de usar a palavra Beatle nas manchetes e colocou um pequeno desenho do corte de cabelo dos quatro Beatles, quatro *mop tops*, como eram chamados, para ilustrar cada história.

Brian ficou preocupado, no início, com seu nome e personalidade se tornarem famosos, mas finalmente entendeu que não podia fazer nada a respeito. Ele percebeu, ainda, que isso facilitava as coisas para ele. "Estava preocupado com a superexposição de todos. À primeira vista, a discussão interminável nos jornais sobre os hábitos, roupas e opiniões dos Beatles foi emocionante. Os meninos gostaram disso a princípio, e eu também, pois era bom para os negócios. Mas, enfim, tornou-se um motivo de ansiedade. Quanto tempo eles poderiam manter o interesse do público? Calculando cuidadosamente as datas e lugares de seus shows e os contatos com a imprensa, conseguimos evitar a saturação. Mas foi por muito pouco. Outros artistas foram destruídos por esse tipo de coisa."

Na época, a julgar pelas matérias de jornal e televisão, parecia que não havia absolutamente nenhum controle. Todos os jornais, todos os dias, tinham algo sobre eles. Em uma semana, cinco jornais nacionais estavam publicando uma série que eles chamavam de "A história dos Beatles", a maior parte das informações tiradas de velhos comunicados para a imprensa. Praticamente qualquer pessoa com qualquer opinião sobre eles, a favor ou contra, tinha espaço garantido na imprensa. Eles eram tão novos em uma cena cansada, tão diferentes do estilo habitual do show business, e ainda eram britânicos.

Várias pessoas disseram que Brian Epstein era o Svengali, que ele tinha habilmente criado e promovido a banda. Brian sempre negou isso. "Em todos os nossos comunicados e em todas as nossas relações com a imprensa, Brian apenas salientava o que eles tinham de bom", diz Tony Barrow. "Ele nunca inventou algo que não existia. Os Beatles eram quatro rapazes locais comuns, do tipo que você poderia ter visto no salão da igreja local. Essa era a essência de sua comunicação pessoal com o público. As pessoas se identificavam com eles desde o início. Brian percebeu isso e nunca tentou esconder."

Mas Brian criou, é claro, um sistema eficiente, organizando suas vidas meticulosamente, para nunca decepcionar as pessoas, o que eles haviam feito quando estavam sozinhos.

De 1963 em diante, milhões de palavras foram escritas por pessoas tentando analisar o sucesso dos Beatles. Seria necessário um livro à parte apenas para cobrir todas as teorias que surgiram. A primeira fase das análises foi baseada na atração sexual instigada por eles. Em seguida, os especialistas decidiram que os Beatles eram de importância social, simbolizando todas as frustrações e ambições dos adolescentes autênticos, novos emergentes, nascidos sob as bombas da guerra, sem classe social e não materialistas. Então os intelectuais entraram na discussão, estudando suas palavras e sua música, com grande intensidade, e elaborando algumas interpretações astutas. Tudo isso era verdade – e ainda é. Qualquer motivo que alguém tenha para gostar de algo é verdadeiro.

Para os repórteres de jornais comuns, em 1963 a grande atração era conseguir trocar uma palavra, qualquer palavra, com os Beatles. Todos eles sabiam que toda entrevista seria diferente e engraçada. Eles não contavam as mesmas piadas e não faziam os mesmos comentários em todas as entrevistas, como supostamente a maioria das pessoas famosas faz. Ringo acabou por ser tão engraçado quanto os outros. Perguntaram-lhe por que ele tinha tantos anéis nos dedos e ele respondeu que era porque não conseguia colocar todos eles no nariz.

"Éramos engraçados em coletivas de imprensa porque tudo era uma piada", diz John. "Eles faziam perguntas engraçadas, então dávamos respostas engraçadas. Mas não éramos tão engraçados assim. Tínhamos um humor de quinta série, do tipo que você ri na escola. Eles eram horríveis. Se fizessem uma boa pergunta sobre a nossa música, nós respondíamos seriamente. Estávamos nervosos, embora eu ache que ninguém notava isso. Estávamos nervosos na maioria dos eventos.

"Nossa imagem representava apenas um pequeno pedaço de nós. Foi criada pela imprensa e por nós mesmos. Tinha que ser falsa porque você não consegue expor quem você é de verdade. Os jornais sempre entendem tudo errado. Até quando certas coisas eram verdade, já eram notícia velha. Novas ideias sobre quem éramos surgiam quando já estávamos em outra."

Em apenas 12 meses, a partir do lançamento de seu primeiro disco, eles haviam se tornado parte integrante do modo de vida britânico. Dora Bryan gravou um single sobre eles no Natal

de 1963, “All I Want For Christmas Is A Beatle”. Até essa música entrou nas paradas de sucesso.

A essa altura, não havia mais ninguém nas paradas de sucesso, a não ser que você considere as outras bandas de Liverpool, todas gerenciadas por Brian Epstein e produzidas por George Martin.

Em 1963, em 37 das 52 semanas do ano pelo menos um disco produzido por George Martin estava no topo das paradas de sucesso britânicas. Essa é uma conquista que ninguém nunca igualou, nem provavelmente irá igualar.

O *New Musical Express*, em sua pesquisa de fim de ano, consagrou os Beatles como a banda mais importante do mundo. Eles receberam 14.666 votos. Uma banda americana, os Everly Brothers, ficou em segundo lugar, com 3.232 votos.

Na seção vocalistas britânicos, a mesma na qual eles tinham ficado quase em último um ano antes, eles receberam 18.623 votos. O segundo grupo colocado, os Searchers, recebeu um número bem menor de votos, apenas 2.169.

O single mais vendido do ano foi “She Loves You”, com 1.300.000 cópias vendidas, seguido por “I Want To Hold Your Hand”, com 1.250.000. Cliff Richard, com “Bachelor Boy”, ficou em um distante terceiro lugar.

O crítico de música do *The Times*, William Mann, escreveu uma longa e séria análise sobre música dos Beatles, na qual ele fala sobre aglomeração de acordes pandiatônicos e escalas submediantes. Ele disse que John Lennon e Paul McCartney eram “os notáveis compositores ingleses de 1963”.

“Acho que vou convidá-los para passarem o fim de semana comigo só para ver que tipo de caras eles são”, disse o visconde Montgomery.

Em 29 de dezembro, no *Sunday Times*, Richard Buckle escreveu uma crítica sobre a música de John e Paul utilizada no balé *Mods and Rockers*, e disse que eles eram “os maiores compositores desde Beethoven”.

23

EUA

Sandi Stewart é uma fã americana comum dos Beatles. Não é boba, não é imbecil, apenas agradável e sensata. No início de 1964, ela morava com seus pais em uma pequena cidade de classe média alta em New Hampshire. Tinha 15 anos e estava no primeiro ano do Ensino Médio.

"Estava indo de carro para o supermercado com minha mãe um dia, no nosso Rolls Royce, que era o nosso carro na época, apesar de isso não ser importante. Então, começou a tocar no rádio 'I Want To Hold Your Hand'. Era a primeira vez que ouvia os Beatles. Pensei: 'Uau! Esse som é estranho.' Não consegui pensar em mais nada. Nenhuma música havia causado tanto impacto em mim.

"Descobri que várias meninas da escola também tinham escutado e sentido a mesma coisa. Eu me lembro de descer a rua com duas amigas conversando a respeito deles. Nós todas falamos que eles eram muito feios nas fotos, especialmente com aqueles paletós sem lapela. A música era ótima, mas os achávamos feios.

"Então, lentamente, fomos mudando de ideia. Comecei a me interessar bastante por música pop, o que não me interessava antes. Sabia tudo que eles estavam fazendo. Lia tudo sobre eles. Deixei meu cabelo crescer, porque li que eles gostavam de garotas com cabelo comprido.

"No começo, amava o Paul mais do que os outros. Ele era tão lindo... Não sei dizer exatamente o porquê. Ele era simplesmente muito bonito.

"Por alguma razão, não gostava de George. Desenhava presas de lobisomem na cara dele, porque não gostava dele. Acho que os Beatles eram uma válvula de escape tanto para o amor quanto para o ódio. Mais tarde, passei a gostar um pouco mais de George.

"Depois, passei a gostar mais de John, em vez de Paul. Ele parecia tão inteligente e espirituoso. Seu corpo era muito sensual. Era ele quem eu amava de paixão.

"Fiquei obcecada pelo John. Sonhava com ele o tempo todo. Costumávamos comparar nossos sonhos na escola, contar umas para as outras o que fizemos com nosso Beatle favorito. Sabia, quando estava deprimida, que podia começar a sonhar com John: só precisava deitar, pensar nele e adormecer. Esses sonhos eram absolutamente lindos. Nós fazíamos muitas coisas juntos, John e eu. Ele fazia amor comigo e eu contava para as minhas amigas no dia seguinte. Os sonhos não eram todos sexuais, mas muitos eram. Eles eram tão reais...

"Falava e pensava neles sem parar. Meu pai sempre dizia que uma hora eu ia esquecer deles. Eu gritava: 'Nunca, nunca, nunca!'

"É engraçado, embora eu amasse John tanto assim, isso não me impedia de correr atrás de outros garotos na escola. Isso era diferente. Mas John era a pessoa mais importante da minha vida.

"Lia todas as revistas de fãs e escutava o programa do Murray the K o tempo todo. Ele era o DJ que era quase um especialista em Beatles. Fiquei tão desesperada pelo John que escrevi uma carta para a Cynthia. Foi uma carta bem simpática, apenas disse que sentia muito, mas que amava o marido dela. Nunca recebi uma resposta.

"Comprava todos os discos e tinha fotos deles espalhadas por todo o meu quarto. Quando vi uma foto deles à meia luz, minhas amigas e eu fomos para o centro da cidade e tiramos uma foto igual.

"Quando absolutamente nada mais na minha vida ia bem, eu ia para o meu quarto e tinha os Beatles, especialmente meu querido John, para me fazer sentir melhor. Eles todos representavam algo de que eu precisava desesperadamente. O tipo de comunidade rica na qual eu morava em New Hampshire não servia para nada. Não gostava da escola, não gostava de casa. Eles me deram um motivo pelo qual viver quando tudo era obscuro e deprimente.

"Quando ouvi que eles estavam vindo tocar no Carnegie Hall, em Nova York, combinei com duas amigas de escola de irmos vê-los. Imploramos e imploramos para os nossos pais, mas eles não nos deixaram ir para Nova York sozinhas. Nenhuma menina adolescente de nossa classe social podia ir para lá sozinha. Falamos que podia ser nosso presente especial de aniversário, ou iríamos fugir..."

O show no Carnegie Hall estava sendo promovido por Sid Bernstein, um antigo promotor de eventos, ex-aluno da Universidade de Columbia, baixo, gordinho e ex-gerente de um salão de bailes, que havia se tornado agente da General Artists Corporation, uma das maiores agências do ramo nos Estados Unidos. Enquanto tentava fazer sucesso no show business, ele manteve seus interesses acadêmicos.

Por dez anos ele frequentou aulas noturnas, se especializando no governo inglês. "Eu me lembro de ouvir Harold Laski dar uma palestra. Ele é um dos melhores oradores que já ouvi. Depois de Churchill, é claro."

Seu interesse pelo governo inglês o levou a ler os jornais britânicos. Em meados de 1963, algo chamou a sua atenção. "Comecei a ler sobre esses Beatles. Eu supostamente devia estar me especializando em música adolescente na GAC, no entanto, nunca tinha ouvido falar deles. Ninguém da indústria se preocupava com a cena inglesa."

Ele, então, assinou todos os jornais de música pop ingleses e decidiu ligar para Brian Epstein. Depois de muitas tentativas, conseguiu seu telefone residencial em Liverpool. Ele se apresentou e Brian disse que nunca havia ouvido falar dele. Bernstein perguntou se ele gostaria que os Beatles se apresentassem no Carnegie Hall, embora ele não tivesse de fato conseguido o Carnegie Hall ainda. "Brian perguntou quando e eu disse: 'Que tal no dia 12 de fevereiro?' Escolhi essa data porque era aniversário de Lincoln e sabia que conseguiria reservar o lugar para esse dia. Ofereci 6.500 dólares para ele por dois shows."

Brian não disse sim imediatamente. Levou algum tempo para finalizar o acordo, embora a data proposta parecesse boa, já que ele havia marcado duas participações no programa de Ed Sullivan para os dias 9 e 16 de fevereiro.

Sid Bernstein ficou rico só por ter conseguido ser o primeiro promotor de Nova York a entrar em contato com eles. Ele logo saiu da agência e abriu, com um sócio, um escritório próprio. Ele acabou promovendo todos os shows dos Beatles em Nova York, com a exceção de um. Sua história de ter sido o primeiro a chegar é igual a tantas outras nos Estados Unidos e no mundo.

Entretanto, não foi tudo graças a Sid Bernstein, pelo menos não no que diz respeito a Nova York. Brian vinha trabalhando no lançamento dos Beatles nos Estados Unidos desde o verão de 1963, embora não estivesse muito confiante de que estava tudo pronto. No início, os Beatles foram um fracasso nos Estados Unidos. Na primeira metade de 1963, eles já tinham quatro discos lançados lá, por duas gravadoras diferentes, e não haviam chegado a lugar nenhum.

Uma vez que o sucesso dos Beatles na Grã-Bretanha estava consolidado, Brian foi para Nova York com Billy J. Kramer, em novembro de 1963, mês em que o presidente Kennedy foi assassinado.

"Queria descobrir por que o maior grupo da história do pop britânico não estava chegando a lugar nenhum nos Estados Unidos. Era como nos primeiros dias em Londres. Comecei a ir às gravadoras e aos canais de televisão."

Durante essa viagem, ele reencontrou Geoffrey Ellis, seu antigo vizinho de Liverpool que havia ido estudar em Oxford e depois se mudara para Nova York para trabalhar em uma seguradora.

"Havia escutado falar que Brian estava envolvido com alguma banda, mas não podia acreditar que era verdade. Só podia ser mentira, não era algo com o qual o pequeno e tímido Brian se envolveria.

"Estava andando pela Broadway com Brian e Billy J. Kramer. Chegamos na Times Square e Billy queria comprar uma camiseta horrorosa, daquelas que são vendidas em lojas horríveis por lá. Brian disse que não, que ele não podia comprar a camiseta. Ele disse: 'Não é seu estilo, Billy.' Essa foi a primeira vez que me dei conta de que Brian estava realmente levando isso a sério. Percebi ali que ele havia mudado."

Durante essa visita, Brian conseguiu que a Capitol Records passasse a lançar os discos dos Beatles. A Capitol, embora fosse uma subsidiária da EMI, não ficara muito entusiasmada com os Beatles no início, motivo pelo qual as outras duas gravadoras americanas haviam lançado os primeiros discos, embora com pouco sucesso.

Brian também conseguiu uma reunião com Ed Sullivan, cujo programa de TV era o maior de seu tipo nos Estados Unidos e cujos olheiros haviam lhe contado sobre o sucesso dos Beatles na Grã-Bretanha. Depois de muita conversa, Ed Sullivan concordou em receber os Beatles em duas edições do programa.

Brian insistiu que eles deveriam ser a atração principal em ambos os dias. "Isso foi vagamente contestado por Ed Sullivan. Ele via o potencial dos Beatles, mas rejeitava a minha visão de que eles seriam a maior banda do mundo. Ele enfim concordou, mas seu produtor me disse mais tarde que Sullivan tinha comentado que era ridículo ter uma banda britânica como atração principal, uma vez que nenhuma outra banda britânica havia feito sucesso nos Estados Unidos antes."

Os próprios Beatles estavam muito nervosos com a ideia de ir para a América. George esteve lá por um curto período de férias no início de 1963. Ele disse que os nativos eram bastante simpáticos e achou que eles pudessem se dar bem por ali. Ele havia ido visitar sua irmã Louise, que se casou com um americano e emigrou de Liverpool para St Louis. Assim como sua mãe, a Sra. Harrison, ela era uma fã devota dos Beatles e ligava para sua estação de rádio local pedindo as músicas deles.

John, no entanto, estava preocupado, porque nenhum cantor ou banda britânica jamais havia se dado bem nos Estados Unidos antes. "Cliff foi para lá e morreu. Ele era a 14ª atração no show de Frankie Avalon." George disse que havia visto o filme de Cliff, *Tudo começou em Paris*, ser reduzido ao segundo filme no *drive-in* de St Louis.

Em janeiro de 1964, "I Want To Hold Your Hand" entrou nas paradas americanas em 83º lugar. Na Grã-Bretanha, ela foi finalmente derrubada do topo, depois de dois meses, pelo que muitas pessoas acreditavam que seria a próxima sensação: Dave Clark Five com "Glad All Over".

Os jornais londrinos ficaram loucos com a história, felizes com uma notícia pop local para variar, depois de tantos sucessos de Liverpool. O *Daily Express* publicou a seguinte chamada de capa: "Som de Tottenham esmaga os Beatles."

Os cartunistas, depois de seis meses tendo que pensar em piadas sobre Liverpool, agarraram a ideia de os Beatles estarem acabados. Vicky, do *Evening Standard*, de Londres, desenhou os ministros com o corte de cabelo dos Beatles, enquanto o primeiro-ministro dizia a eles: "Como posso dizer que vocês estão atualizados com cortes de cabelo fora de moda como esses?"

Por um tempo, os próprios Beatles ficaram preocupados. "Não tínhamos como evitar", diz John. "Todo mundo estava nos dizendo: 'Dave Clark está vindo, vocês já eram.' Nos deixou preocupados, mas por um minuto apenas, da mesma forma que ficamos preocupados em Liverpool quando Gerry nos ultrapassou na pesquisa do *Mersey Beat*."

Antes da visita aos Estados Unidos, Brian havia organizado uma segunda turnê europeia. Seriam três semanas na França, tocando no Olympia, em Paris, a partir de 15 de janeiro.

Vários milhares de fãs foram até o aeroporto de Londres ver os três Beatles embarcarem. Ringo havia se atrasado por causa da neblina em Liverpool e iria mais tarde. No aeroporto, ele segurou um cartaz que dizia TLES ao lado das iniciais BEA na lateral do avião. Osbert Lancaster havia desenhado, em sua charge no *Daily Express*, Napoleão com o corte de cabelo dos Beatles.

O primeiro show no Olympia não foi um sucesso. Foi a primeira recepção ruim, nos termos dos Beatles, que eles tiveram em quase um ano. Houve uma briga envolvendo fotógrafos, policiais franceses e Brian Sommerville, novo assessor de imprensa dos Beatles, que era agora responsável por lidar com a imprensa durante as turnês. Eles receberam algumas poucas palmas e John respondeu "Mersey beaucoup".

Entrevistador da BBC em Paris: O quão importante é para vocês fazer sucesso aqui?
PAUL: É importante fazer sucesso em qualquer lugar.
BBC: Os franceses ainda não se decidiram se gostam dos Beatles. O que vocês acham deles?
JOHN: Ah, nós gostamos dos Beatles. Eles são ótimos.

Nos Estados Unidos, em sua segunda semana, "I Want To Hold Your Hand" chegou à 42ª posição. Norman Weiss, da GAC de Nova York, foi encontrar com Brian, finalizou o acordo para o show no Carnegie Hall e se tornou o agente americano dos Beatles a partir de então.

Em Londres, o *Daily Mail*, em uma reportagem escrita por Vicent Mulchrone, que esteve com os Beatles, disse: "Se Paris e os Beatles vão ter um caso, começou devagar. Ou o Champs-

Elysées não estava com vontade de fazer tumulto hoje, ou a Beatlemania é também, assim como a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum, uma questão que os franceses preferem adiar por um tempo."

Eles estavam em sua suíte no hotel George V, em Paris, quando receberam a notícia de que "I Want To Hold Your Hand" havia chegado ao 1º lugar nas paradas americanas. Eles começaram a escrever essa música no porão da casa de Jane Asher em Londres, com o objetivo de fazer uma paródia do gospel americano, por isso parecia adequado que ela tivesse se tornado seu primeiro sucesso americano. Eles todos saíram para um grande jantar de celebração. Na ocasião, Brian foi fotografado jantando com um penico na cabeça.

Repórteres de jornal e TV americanos imediatamente começaram a chegar, em hordas. Fãs americanos dos Beatles, como Sandi Stewart, cercaram o Carnegie Hall e Ed Sullivan para conseguir ingressos. "She Loves You", que não havia chegado a lugar nenhum nas paradas de sucesso americanas, de repente começou a ganhar posições, subindo ao encontro de "I Want To Hold Your Hand". Nas paradas de LPs, *Please Please Me* estava prestes a chegar ao topo.

A imprensa americana, assim como a imprensa inglesa no ano anterior, estava chegando atrasada, mas sendo incrivelmente diligente.

"Como vocês fazem esse penteado?", perguntou um repórter americano. "Você quer dizer como não fazemos", respondeu John. "Saímos de uma piscina em Liverpool", contou George. "E gostamos do jeito que o cabelo ficou."

Sheilah Graham, uma colunista, chegou e perguntou quem era quem. A revista *Life* publicou uma história de seis páginas sobre os Beatles.

Para capitalizar sobre toda a publicidade grátis na imprensa e o sucesso de seus discos, Brian convenceu a Capitol Records a gastar 50 mil dólares no que chamaram de "campanha publicitária relâmpago". Cinco milhões de cartazes com "Os Beatles estão chegando" foram espalhados por todo o país; todos os DJs receberam uma cópia de todos os discos lançados na Grã-Bretanha; distribuíram um milhão de cópias de um jornal de quatro páginas sobre os Beatles; e, por fim, tiraram fotos dos principais executivos da empresa usando perucas dos Beatles.

"Fizemos uma campanha muito grande", diz Voyle Gilmore, vice-presidente da Capitol Records. "Mas nenhuma campanha no mundo faz com que um produto ruim seja comprado."

O Ed Sullivan Show não estava conseguindo lidar com a demanda por ingressos – 50 mil pessoas se inscreveram para apenas 728 lugares. Sid Bernstein podia ter vendido os ingressos para o Carnegie Hall pelo dobro do preço. "Nem mesmo a Sra. Nelson Rockefeller conseguiu comprar um ingresso. Tive que dar o meu para ela."

Brian recebeu mais uma proposta para um show em Nova York, dessa vez no Madison Square Garden, pelo dobro do cachê oferecido pelo Carnegie Hall, mas era tarde demais para encaixar mais um show.

Assim que os Beatles deixaram o aeroporto de Londres no voo 101 da Pan Am, no dia 7 de fevereiro de 1964, a rádio WMCA, de Nova York, fez o primeiro de uma série de anúncios. "São 6h30 no horário dos Beatles. Eles deixaram Londres há trinta minutos. Estão sobre o Oceano Atlântico, indo em direção a Nova York. A temperatura é de 32 graus Beatles."

No avião, os Beatles estavam nervosos. Eles tinham ouvido falar de toda a publicidade que havia sido feita, mas tinham lido também reportagens em que pessoas os criticavam e diziam que eles eram feios.

Cyn estava no avião com John, a primeira e única vez que ela saiu em turnê com eles. O nada famoso George Harrison (do *Liverpool Echo*) também estava lá. Ele achou que havia se aposentado do noticiário nacional para sempre, quando, aos 54 anos (em 1954), trocou Fleet Street, em Londres, por Liverpool. Agora, lá estava ele indo para a sua primeira viagem de costa a costa com uma banda sobre a qual havia se recusado a escrever. Ele diz que todos estavam incertos sobre como seriam recebidos. "Eles todos me disseram: 'Os Estados Unidos têm tudo, George, por que eles iriam nos querer?'" As pessoas sempre o chamam pelo primeiro nome em suas histórias.

George Harrison, o famoso, disse que estava se sentindo mal. "Também estava preocupado com o meu cabelo. Eu o lavei, mas depois, quando o sequei, ele levantou um pouco."

"Nós todos nos sentimos um pouco enjoados naquela primeira viagem", diz Ringo. "Sempre ficávamos nervosos, apesar de nunca demonstrarmos, antes de qualquer coisa grande. Ficamos nervosos antes do show no Palladium. Ir para os Estados Unidos era um grande passo. As pessoas diziam que sermos famosos na Grã-Bretanha não significava que faríamos sucesso por lá."

Neil e Mal estavam ocupados durante o voo, falsificando a assinatura dos Beatles nas fotos que seriam distribuídas aos fãs. Brian também estava ocupado. Vários empresários britânicos, não tendo conseguido obter um segundo de conversa com ele em Londres, haviam decidido que nove quilômetros acima do Atlântico era o melhor lugar para o encontrarem. Mandavam bilhetes para ele, perguntando se endossaria seus produtos. Todos os pedidos foram educadamente rejeitados.

Mas toda a insegurança foi esquecida no momento em que eles viram o aeroporto Kennedy, quando desembarcaram, às 13h35. Mais de 10 mil adolescentes histéricos haviam tomado o aeroporto. Eles estavam cantando: "Nós te amamos, Beatles, oh sim, nós amamos", uma canção (ou pelo menos um verso) peculiar dos fãs americanos dos Beatles.

A Capitol ainda estava colocando em prática sua publicidade-relâmpago, entregando a cada pessoa que saía do avião um "kit Beatles" completo, com peruca, foto autografada e um broche que dizia "Eu gosto dos Beatles".

Quando conseguiram finalmente chegar à sala de imprensa do aeroporto, eles se depararam com a maior coletiva de imprensa que já deram. John gritou para que todos calassem a boca.

Todo mundo o aplaudiu.

"Você vai cantar algo para a gente?"

"Precisamos que nos paguem antes", disse John.

"Como você explica o sucesso de vocês?"

"Nós temos um assessor de imprensa."

"Qual é a ambição de vocês?"

"Ir aos Estados Unidos."

"Vocês querem cortar o cabelo aqui?"

"Cortamos ontem."

"Vocês querem levar algo para casa com vocês?"

"O Rockefeller Center."

"Vocês fazem parte de uma revolução social contra a geração mais velha?"

"Que mentira feia."

"E o movimento em Detroit para acabar com os Beatles?"

"Nós temos uma campanha para acabar com Detroit."

"O que vocês acham de Beethoven?"

"Eu adoro ele", disse Ringo. "Especialmente seus poemas."

Foi um caos no Plaza Hotel, um estabelecimento que se orgulha de sua exclusividade e discrição e que não tinha verificado as profissões dos cinco empresários ingleses que fizeram reserva há alguns meses. Quando um executivo do Plaza viu seu hotel cercado por milhares de adolescentes gritando, ele foi para uma rádio e ofereceu os Beatles para qualquer hotel de Nova York que os quisesse.

Não que os Beatles tenham ficado gratos. "O que fez você escolher o Plaza?", um repórter perguntou a George. "Não escolhi, nosso empresário escolheu. Tudo que posso dizer é que não gostei da comida."

A essa altura, George estava doente, de cama, e parecia que ia perder o Ed Sullivan Show. Neil ficou em seu lugar durante o ensaio, mas George conseguiu ir ao show, coberto de remédios. Os gritos ecoaram por toda a América. O show teve um público recorde de 73 milhões de espectadores.

Em Nova York, durante o show, nem uma calota de carro foi roubada. Por todos os Estados Unidos, assim foi relatado: nenhum crime grave foi cometido por adolescentes nesse período de tempo.

Elvis Presley lhes enviou um telegrama de congratulações. Na manhã seguinte, o *Herald Tribune* disse que eles eram "75% publicidade, 20% corte de cabelo e 5% lamento melódico". O *Daily News* disse: "As oscilações e miados presleyanos eram apenas chá de dente-de-leão morno em comparação com o elixir de teor 100% servido pelos Beatles."

Todos os jornais lhes deram uma grande cobertura. As análises eram longas e complicadas. Houve outra grande coletiva de imprensa. “Vocês já têm uma protagonista para seu filme?” “Estamos tentando conseguir a rainha”, disse George. “Ela é muito popular.”

Billy Graham disse que quebrou sua regra estrita e assistiu à televisão durante o Sabá apenas para vê-los. “Eles são uma fase passageira”, disse ele. “São apenas um sintoma da incerteza dos tempos atuais e de nossa confusão.” Em seguida, eles partiram de trem para Washington.

“O que aconteceu nos Estados Unidos foi como na Grã-Bretanha, só que dez vezes maior”, diz Ringo. “Então acho que não foi nada parecido com a Grã-Bretanha. Aquele primeiro público em Washington era de 20 mil pessoas. Costumávamos tocar para 2 mil pessoas em casa.”

O Coliseum, onde o show em Washington foi realizado, o primeiro em solo americano, é normalmente usado como ringue de boxe ou campo de baseball. Os Beatles foram colocados em um palco giratório, para que todos na plateia pudessem vê-los. Isso significa que eles foram atingidos de todos os ângulos por jujubas.

“Foi horrível”, diz George. “Elas machucam. Eles não têm jujubas macias nos Estados Unidos, elas são duras como balas de revólver. Algum jornal havia ressuscitado uma velha piada, que nós havíamos esquecido, quando John disse uma vez que eu havia comido todas as balas dele. Em todo lugar que ia, jogavam balas em mim.”

Sir Alec Douglas-Home, primeiro-ministro Britânico, estava para chegar em Washington no mesmo dia. Ele mudou a data da viagem para o dia seguinte a fim de evitar o caos provocado pelos Beatles.

Naquela noite, eles aceitaram seu primeiro (e último) convite da Embaixada. Eles já haviam recusado um jantar com lady Dixon, esposa do embaixador britânico em Paris.

“Sempre tentávamos sair dessas coisas chatas”, disse George. “Mas, daquela vez, não conseguimos. Essas festas estavam sempre cheias de pessoas esnobes que no fundo detestam o nosso tipo, mas querem nos conhecer porque somos ricos e famosos. É tudo hipocrisia. Eles estavam apenas tentando conseguir publicidade para a Embaixada.”

Relatos sobre o que exatamente aconteceu na festa da Embaixada em Washington variam em detalhes, mas Michael Braun, em seu livro de bolso sobre as primeiras turnês dos Beatles (*Love Me Do*, Penguin, 1964), diz que o evento começou de forma bastante amigável.

“Olá, John”, disse Sir David Ormsby-Gore (agora lorde Harlech), quando eles chegaram.

“Não sou John”, respondeu John. “Sou Charlie. Aquele é o John.”

“Olá, John”, disse o embaixador para George.

“Não sou John”, retrucou George. “Meu nome é Frank. Aquele é o John.”

“Oh, céus!”, exclamou o embaixador.

Várias senhoras idosas, com taças de bebida em suas mãos, abordaram os Beatles e demandaram seus autógrafos. Funcionários intrometidos da Embaixada começaram a empurrá-los, insistindo para que eles falassem com todos e dessem autógrafos. “Assine isto”, um disse para John, que se recusou. “Você vai assinar isto e ficar satisfeito.” Uma jovem convidada foi até Ringo, retirou uma tesoura de cortar unhas da bolsa e começou a cortar mechas de seu cabelo. John foi embora cedo, mas os outros ficaram lá para ver o que mais aconteceria. O embaixador e sua esposa disseram que sentiam muito.

Até o charme de Brian não conseguiu acalmar as coisas. “Ambos, o embaixador e sua esposa, foram extremamente simpáticos”, disse ele mais tarde. “Mas os Beatles odiaram aquela recepção. Desde então, eles recusam qualquer convite do tipo.”

Sir Alec Douglas-Home havia chegado para se encontrar com o presidente Johnson. “Gostei de sua comitiva de reconhecimento”, disse o presidente. “Mas você não acha que eles precisam cortar o cabelo?”

Os Beatles voltaram para Nova York para seus shows no Carnegie Hall, sob a enxurrada habitual de jornais, televisão e fãs. Os negociantes americanos vinham agora com força total, tentando conseguir contratos para produtos dos Beatles, a qualquer preço. Estima-se que, em 1964, 50 milhões de dólares em produtos dos Beatles foram vendidos nos Estados Unidos. Além disso, várias entrevistas gravadas sem autorização, que ninguém percebeu que haviam sido feitas, foram lançadas em discos de vinil, faturando alto com o nome dos Beatles, para grande irritação de Brian.

Mais de 6 mil pessoas estavam na plateia em cada um dos dois shows no Carnegie Hall. Sid Bernstein teve que rejeitar David Niven e Shirley MacLaine. Gritos histéricos recebiam e acompanhavam os Beatles nas duas apresentações, cada uma com apenas 25 minutos de duração, como noticiaram os jornais no dia seguinte.

Sandi Stewart, a fã de 15 anos de New Hampshire, conseguiu ir a Nova York, mas não acha que os gritos eram tão altos. “Aquela primeira apresentação não foi tão histérica, quero dizer que não havia muitos gritos, nada como os shows posteriores, quando as pessoas ficaram completamente histéricas. Eu me lembro de ficar irritada com George na primeira vez, talvez porque não gostasse dele. Ele parecia ficar parado na frente de Ringo, e eu não conseguia vê-lo. Todas nós gritamos para ele sair da frente para que pudéssemos ver o Ringo.

“Você realmente acredita que eles podem te ver, você sozinha, quando eles estão no palco. É por isso que você grita, para que eles te notem. Sempre achei que John podia me ver. Era como um sonho, só John e eu juntos, e ninguém mais.

“Até quando você está gritando, você consegue escutar. Todos os repórteres sempre disseram nos jornais que você não conseguia escutar nada por causa do barulho, mas você podia, mesmo quando estava gritando. Os movimentos sensuais deles faziam com que você gritasse ainda mais alto.

“Eles estavam sendo sensuais com você, pessoalmente. Era um escape. Mas não acho que muitas garotas ficavam excitadas sexualmente, não durante os shows. Eu não fiquei.”

Os Beatles então pegaram um avião de Nova York para Miami para sua segunda participação no Ed Sullivan Show. O piloto estava usando uma peruca dos Beatles. Eles conheceram Cassius Clay, que lhes disse que era o melhor de todos, mas que eles eram os mais bonitos.

O dia 25 de fevereiro, aniversário de 21 anos de George, estava chegando. Embora Sandi Stewart não gostasse muito dele, ela decidiu lhe enviar um presente. “Descobrimos que ele estava hospedado no Deauville Hotel, em Miami. Enviamos um pacote registrado, imaginando que era mais inteligente, já que ele teria que assinar pela entrega e, assim, conseguiríamos um autógrafo. Mas não conseguimos.

“Não importava, era por John que eu estava apaixonada. Eu dediquei a ele três anos inteiros de minha vida a partir de então.”

24

Grã-Bretanha e de volta aos EUA

Em Liverpool, as antigas escolas dos Beatles estavam recebendo alguns pedidos estranhos. Adolescentes do mundo todo escreviam cartas pedindo qualquer mesa que os Beatles tenham usado, ou seus bonés e cadernos antigos. Logo apareceram em circulação vários cadernos assinados, muito mais do que eles poderiam ter tido.

"Estávamos recebendo umas cartas bem engraçadas de garotas, a maioria delas americanas", diz o Sr. Popjoy, da Quarry Bank. "Perguntavam se os nossos meninos podiam escrever para elas. Eu as achava incrivelmente engraçadas. Para o entretenimento dos meninos, assim como o meu, costumava lê-las no corredor, depois das orações da manhã.

"Os meninos achavam tanta graça das cartas que por muito tempo acreditaram que eu estava inventando aquilo, mas soube que, afinal, alguns deles escreveram para essas meninas infelizes."

Os pais dos Beatles também estavam sendo contatados por um monte de fãs americanos, alguns dos quais apareciam em frente às suas portas, depois de terem forçado seus pais a encaixarem Dingle e Woolton nas suas grandes viagens pela Europa.

"Geralmente convidava aquelas que vinham de muito longe para entrar e perguntava se elas gostariam de tomar um chá", diz Jim McCartney. "Quando elas diziam sim, eu dizia: 'A cozinha é por ali.' Elas entravam, berravam e gritavam porque reconheciam a cozinha de fotos. Elas sabiam mais sobre mim do que eu mesmo. Fãs são excelentes detetives."

No aniversário de 21 anos de George, a Sra. Harrison não conseguiu encontrar espaço em sua casa para todos os cartões e presentes recebidos. Eles foram transportados em vans para entregas especiais dos correios.

Elsie e Harry, pais de Ringo, assim como os outros, começaram a se ver cercados e entrincheirados em sua própria casa, enquanto os fãs acampavam do lado de fora e roubavam pedaços da porta ou riscavam as paredes.

"A primeira vez que realmente percebi o quão famosos eles eram foi quando acordei numa manhã e me deparei com um ônibus cheio de fãs batendo na porta da frente", diz Elsie. "Eram sete horas da manhã de um domingo. Eles viajaram a noite inteira de Londres. Bem, o que eu poderia fazer? Deixei-os entrar e lhes ofereci chá e biscoito. Achei aquilo maravilhoso. Terem viajado tanto só por causa de Ritchie. Eles nem comeram nada. Embrulharam tudo para levar de volta como *souvenir*.

"Eles pulavam o muro do jardim ou dormiam na rua por dias. Estavam fisicamente acabados, a maioria deles, mas excitados demais para descansar ou comer. Eles perguntavam: 'Qual é a cadeira dele?' Eu dizia: 'Sentem-se em todas, queridos, ele já se sentou em todas elas.' Eles sempre queriam subir e ver a cama dele também. Eles se deitavam nela e ficavam gemendo."

Cyn e Julian, a essa altura, haviam se mudado da casa de Mimi para uma casa própria. Ela ainda estava evitando a imprensa o máximo possível. "Um grupo de repórteres me seguiu por dias quando eles descobriram quem eu era. Eles me encurralaram um dia, quando estava visitando minha mãe em Hoylake. Um repórter me perseguiu por todo o lugar e me cercou em uma loja. Consegui dar o fora pela saída dos fundos e entrar em uma loja de frutas que ficava ao lado, onde me escondi por meia hora, até que ele fosse embora."

Os Beatles voltaram dos Estados Unidos para as cenas de histeria habituais. O primeiro-ministro, Sir Alec Douglas-Home, os chamou de "nossas melhores exportações" e "uma contribuição útil para a balança comercial". O Sr. Wilson, líder do Partido dos Trabalhadores e um membro do Parlamento de Liverpool, não gostou da inferência de que o 14º conde deveria tentar lucrar com os Beatles. "Os *tories* estão tentando fazer dos Beatles sua arma secreta", disse ele.

Eles foram convidados para jantar pelo comandante de Brasenose College, Oxford, onde pediram sanduíches de geleia. Um bispo católico romano disse que eles eram uma ameaça, mas o príncipe Philip os conheceu e achou que eles eram bons rapazes. Ele conversou com John sobre livros. Finalmente, eles conheceram o Sr. Wilson, em uma apresentação do Variety Club, e o chamaram de Sr. Dobson.

O primeiro livro de John foi lançado em março. O título era *In His Own Write* [publicado no Brasil como *Um atrapalho no trabalho*], seguindo a sugestão de Paul. Eles descartaram outra ideia, *In His Own Write and Draw*, já que o trocadilho (*right-hand drawer*) era muito complicado. A maioria dos especialistas literários e dos editores disse que era uma jogada que iria fracassar – como um músico de uma banda *beat* poderia escrever qualquer coisa boa? Ele foi para o topo da lista de best-sellers, superando James Bond. O *Times Literary Supplement* disse: "Vale a atenção de qualquer um que teme pelo empobrecimento da língua inglesa e da imaginação britânica." John foi chamado para ser convidado de honra em um almoço literário

da Foyles. Ele não falou nada, exceto para murmurar: "Obrigado, vocês têm cara de sorte", e recebeu algumas vaias por isso. Mas Brian Epstein fez um discurso muito simpático.

Em 24 de março, o sexto single da banda, "Can't Buy Me Love", foi lançado, indo direto para o primeiro lugar das paradas. Também chegou imediatamente ao primeiro lugar nos Estados Unidos. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, as vendas antecipadas foram de três milhões de cópias, um recorde mundial. Pouco tempo depois, eles ocupavam os seis primeiros lugares das paradas de sucesso americanas.

Ringo foi eleito vice-presidente da Universidade de Leeds, em detrimento de um ex-presidente da Suprema Corte. O museu Madame Tussauds colocou em exposição efígies de cera dos quatro Beatles. Paul Johnson escreveu um artigo intitulado "A ameaça do Beatlismo" na revista *New Statesman*. Um jornalista do *Sunday Telegraph* disse que a banda ia se separar, porque um dia eles iriam todos se casar e a "chance de quatro mulheres aleatórias gostarem umas das outras, ou até mesmo serem capazes de aturar umas às outras, era realmente muito pequena".

Em março, eles começaram a rodar seu primeiro filme. O nome, *A Hard Day's Night* [no Brasil, lançado como *Os reis do Iê Iê Iê*], não foi escolhido até que as filmagens estavam quase terminando e Ringo usou a frase em uma conversa, apesar de John já tê-la usado antes em um poema.

Paul estava então namorando Jane Asher, filha de um médico de Wimpole Street. No primeiro dia de filmagens, George conheceu Pattie Boyd. Assim como Jane Asher, ela vem do sul da Inglaterra, uma origem completamente diferente das garotas nas vidas dos outros dois Beatles.

Pattie trabalhava como modelo, principalmente de revistas, e gravou um comercial de TV para a Smiths Crisps que fez bastante sucesso. O comercial foi dirigido por Dick Lester, e foi assim que ela conseguiu um teste para um papel no filme dos Beatles.

"Fui apresentada a eles e eles disseram olá. Não podia acreditar. Eles eram exatamente como eu imaginava que fossem. Eram como fotos deles mesmos ganhando vida. George mal disse olá, mas os outros vieram conversar com a gente.

"Quando começamos a filmar, podia sentir George me olhando e fiquei um pouco sem graça. Ringo parecia ser o mais simpático e o mais fácil de conversar, assim como Paul. Mas tinha pavor de John. Depois do primeiro dia de filmagens, pedi para todos um autógrafo, exceto para John. Estava com tanto medo...

"Quando estava pedindo para George o dele, perguntei se ele poderia assinar para as minhas duas irmãs também. Embaixo dos autógrafos delas, ele colocou dois beijos, mas no meu ele colocou sete. Pensei que ele devia gostar um pouco de mim."

Ele gostava, sim, e os dois começaram a namorar. "Levei ele para a casa de minha mãe, depois ele me levou para ver uma casa que estava interessado em comprar em Esher. Achei

linda. No fim de semana seguinte era Páscoa e fui com George, John e Cynthia para a Irlanda, em um avião particular, passar o fim de semana. Era um segredo secretíssimo, mas de alguma forma a informação vazou e hordas de jornalistas apareceram no hotel.

"Essa foi minha primeira experiência com esse tipo de coisa. O gerente grampeou o telefone deles e podíamos escutar as coisas horríveis que eles estavam mandando para Fleet Street. Quando saímos, eles todos nos seguiram com suas câmeras.

"Era impossível sair. No final, Cyn e eu tivemos que nos vestir de camareiras. Eles nos levaram para uma porta de fundos, nos colocaram em uma cesta de roupa suja e nos levaram para o aeroporto em uma van da lavanderia."

É claro que, com toda a publicidade e interesse em fofocas sobre ela, Pattie recebeu ainda mais propostas de trabalhos como modelo. "Aceitei muitos, os que eu queria, mas George disse que eu não deveria, que ele não gostava daquilo e que eles estavam me chamando pelos motivos errados."

Ela ficou muito preocupada com as cartas ameaçadoras e até mesmo com os ataques físicos que todas as namoradas e esposas estavam recebendo das fãs. "As cartas me deixavam muito chateada. Elas eram muito desagradáveis e diziam coisas horríveis, especialmente as escritas pelas fãs norte-americanas. Me perguntava se eu era de alguma forma desagradável. Elas sempre diziam que eram a verdadeira namorada de George e que era melhor eu deixá-lo ou elas iriam me pegar."

Eles se mudaram para a nova casa de George, em Esher. "Moramos juntos por cerca de um ano antes de nos casarmos. Minha mãe sabia, mas nunca mencionava o fato."

No verão de 1964, as turnês recomeçaram. Eles foram primeiro para a Europa, começando pela Dinamarca. Em Amsterdã, um público de 100 mil pessoas apareceu nas ruas para vê-los. Garotas se jogavam nos canais para chegar perto deles. Em seguida, eles foram para Hong Kong, Austrália e Nova Zelândia.

As turnês americanas tinham, e sempre vão ter, uma quantidade enorme de publicidade associada a elas, simplesmente porque eles estavam superando os americanos no campo em que eles sempre tinham sido os líderes mundiais. Mas, surpreendentemente, o maior número de pessoas a aparecer para ver os Beatles foi em Adelaide. Isso foi simplesmente para vê-los chegar à cidade. Todos os jornais daquele dia falaram em números de mais de 300 mil pessoas. Essa quantidade de gente nunca apareceu para vê-los em Nova York, ou nem mesmo em Liverpool.

De volta a Londres, em 6 de julho, *Os reis do Iê Iê Iê* teve sua estreia, com a presença da princesa Margaret e de lorde Snowdon. O LP da trilha do filme foi lançado no mês seguinte.

Em 19 de agosto de 1964, eles embarcaram para sua primeira grande turnê americana. A viagem em fevereiro havia sido curta, de apenas duas semanas, com só alguns shows e aparições em programas de TV.

Essa turnê, de agosto a setembro, durou um total de 32 dias. Essa foi a maior, mais longa e mais cansativa turnê que já fizeram. Eles viajaram um total de 36.115 quilômetros, passando um total de 60 horas e 25 minutos voando. Visitaram 24 cidades nos Estados Unidos e no Canadá. Ao todo, eles se apresentaram trinta vezes, além de um show beneficente. "Durante aquela turnê americana, cada um de nós perdeu dez quilos de suor", diz Mal, o gerente de produção.

Norman Weiss, da GAC, o agente americano da banda, passou seis meses planejando a turnê. "Precisou de tanto planejamento quanto a invasão da Normandia. Milhões e milhões de dólares trocaram de mãos. Seria impossível descobrir quanto tudo custou, do cachê dos Beatles até todos os cachorros-quentes vendidos e filmes usados.

"Podíamos facilmente ter cobrado três vezes mais e, ainda assim, os ingressos teriam se esgotado, mas Brian disse que não seria justo com os fãs. Escrevemos em todos os contratos quanto os ingressos deveriam custar. Ditávamos todos os contratos e definíamos os termos nós mesmos. Todos os promotores concordavam com tudo, gratos por termos encaixado suas casas de show na turnê.

"Os Beatles e Elvis estão no show business. Depois deles, qualquer comparação é uma piada. Ninguém, antes ou depois, teve um público do tamanho daquele que os Beatles tiveram."

Em todos os lugares eles quebravam recordes, mas os próprios Beatles não se importavam com aquilo. Era como havia sido no dia anterior. Até as perguntas eram sempre as mesmas – o que eles achavam que tinha proporcionado o sucesso deles e quando achavam que a bolha iria estourar. Eles quase enlouqueceram com essa repetição infinita.

Eles fugiram para uma remota cidade do interior para um dia de descanso e os residentes locais, muito gentilmente, mantiveram distância. Mas, quando estavam embarcando no avião para decolar novamente, o xerife e outros dignitários da cidade foram vistos atravessando a pista em direção a eles. Derek Taylor, o assessor de imprensa dos Beatles, foi enviado para ver o que eles queriam. Eles disseram que queriam autógrafos e fotos com os Beatles, que era o mínimo que eles podiam fazer, já que os haviam deixado em paz.

"Voltei para o avião para perguntar para os meninos", diz Derek. "Paul estava sentado do lado da janela, olhando para eles. Ele estava sorrindo como um louco para eles, balançando a cabeça para cima e para baixo, mas dizendo para mim: 'Vai lá para fora rápido. Diga-lhes que *nós* queremos sair e conhecê-los, mas que *você* não nos deixou sair porque estamos muito cansados. Vai'."

Até mesmo George Harrison, o do *Liverpool Echo*, ficou entediado com tudo aquilo. "Mas nunca vou me esquecer de um manda-chuva de Kansas City que veio ver Brian quando estávamos em São Francisco. Kansas City não estava na turnê. Ele era um milionário, dono do

time de futebol americano local ou algo do tipo. Ele disse que havia prometido para Kansas City que conseguiria os Beatles para eles.

"Brian disse que não. Eles não tinham como encaixar mais uma cidade. O cara perguntou se 100 mil dólares fariam com que eles mudassem de ideia. Brian disse que iria perguntar para os meninos. Eles estavam todos jogando baralho e mal olharam para cima. Brian contou para eles sobre a proposta de 100 mil dólares, que equivalem a cerca de 30 mil libras. Eles disseram: 'Você que sabe, Brian', e continuaram jogando.

"Brian voltou para falar com o homem e disse que sentia muito, mas que eles não podiam abrir mão de um dia de folga. O homem disse que havia prometido a Kansas City e que não podia voltar sem eles. Ele rasgou o cheque de 100 mil dólares, depois escreveu um de 150 mil. Esse era o cachê mais alto que já havia sido oferecido a qualquer artista nos Estados Unidos. Ele estava oferecendo a eles 50 mil libras por 35 minutos. Brian podia ver o grande prestígio que seria superar todos os outros artistas americanos – seria fantástico. Ele disse, então, que tudo bem. Os Beatles não levantaram os olhos quando Brian contou-lhes a notícia.

"Então o cara foi para casa feliz e contente. Mas ele sabia que não ia ganhar um tostão com aquilo. O campo não era grande o suficiente para que ele recebesse de volta tudo que havia pago, mas pelo menos ele manteve sua promessa a Kansas City."

As fronhas em que eles dormiram em seu hotel de Kansas City foram mais tarde vendidas para dois empresários de Chicago por 375 libras. Eles as cortaram em 160 mil quadrados de uma polegada, as emolduraram com um certificado dizendo de onde elas vinham e venderam cada pedaço por um dólar. Um sindicato de Nova York ofereceu a Brian 3.715.000 libras para empresariarem os Beatles, mas ele recusou.

Durante toda a gritaria e ostentação sobre os recordes quebrados durante as turnês, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, os Beatles estavam agachados em algum lugar dentro da grande máquina que os levava de um lado para o outro ao redor do mundo. Eles haviam recuado do mundo exterior em 1963, forçados pela pressão de todos sobre eles, e lá se mantiveram, hermeticamente fechados.

Eles ficavam presos em seus camarins antes das apresentações. Depois, mais tarde, iam correndo para o hotel, escoltados por hordas de policiais e guarda-costas. Lá eles permaneciam, com o mundo exterior bloqueado do lado de fora, até que era hora de ir para outro lugar. Eles nunca saíam para a rua, para ir a um restaurante ou para fazer uma caminhada. Neil e Mal faziam tudo por eles: traziam sanduíches, cigarros e bebidas. Por inveja, e algumas vezes por medo de ficarem desprotegidos, eles não deixavam Mal ou Neil saírem também. Então, eles todos ficavam sentados em seus quartos de hotel, fumando, jogando cartas, tocando guitarra e esperando a hora passar. Ganhar mil, ou 10 mil, ou 100 mil libras por um show não significavam nada. Serem ricos, poderosos e famosos para entrarem em qualquer lugar era inútil. Eles estavam presos.

Por muito tempo, claro, era tudo muito excitante. Eles haviam esperado tanto tempo por isso. Eles estavam tocando juntos havia sete anos, sem chegar a lugar nenhum, o que pelo menos significava que estavam física e emocionalmente preparados para as terríveis condições dos shows. Até mesmo os shows não eram tão extenuantes quanto as boates de Hamburgo, onde eles realmente aprenderam a tocar indefinidamente.

Após o primeiro disco, tantas etapas vieram, uma após a outra, tão rapidamente que eles nunca ficaram entediados ou reclamaram da lentidão, pelo menos por algum tempo. Todos eles se lembram da emoção de atingir uma meta depois da outra, de conseguir um disco nas paradas, depois de chegar ao primeiro lugar, depois de novo com um novo disco, depois participar de programas de TV, se apresentar no Palladium, no Royal Variety Show, e depois ir para os Estados Unidos.

Embora John, Paul e George não tenham assimilado ou sido afetados por toda a publicidade, eles se consideravam bons. Eles sabiam que sua música era boa e ficavam irritados quando alguém não a levava a sério. Eles não consideraram por um minuto sequer que fossem desaparecer, ao contrário de muitas pessoas. Eles finalmente tinham chegado lá e não podiam ver nenhuma razão que os faria ir embora. Isso talvez explique em parte sua atitude com a imprensa. Eles não se sentiam gratos, nem eram de forma alguma humildes. Assim, não se importavam em ser engraçados ou grosseiros porque achavam que não deviam nada a ninguém.

Apenas Ringo estava de alguma forma esfregando os olhos. Tudo tinha acontecido tão de repente para ele. Ele entrou para a banda e imediatamente eles começaram a fazer sucesso.

“Nenhum de nós se preocupava com coisas como o futuro. Eu mesmo sempre me arrisquei e tive sorte. Tive sorte de conseguir uma vaga de aprendiz quando consegui. Sempre tinha um trocado no bolso. Mas sempre achava que um dia iria acabar.

“Havia noites boas e noite ruins nas turnês. Mas elas eram, na verdade, todas iguais. A única parte divertida eram os hotéis à noite: fumar maconha e coisas do tipo.”

25

O fim das turnês

Ao longo dos dois anos seguintes, 1965 e 1966, a vida dos Beatles foi dominada pelas turnês, o que realmente significava não ter vida nenhuma. Eles faziam em média três longas turnês por ano – uma britânica, uma norte-americana e outras turnês internacionais passando por vários países. Eles produziram cerca de um LP e três singles por ano. Também tinham como objetivo fazer um filme ao ano, mas, depois de seu segundo filme, *Help!*, de 1965, eles desistiram. Não foi até o final desses dois anos de trabalho árduo que suas vidas e seu trabalho começaram a tomar novos rumos.

Os detalhes de todas as turnês estão em arquivos de jornais em algum lugar, se alguém for louco o suficiente para querer procurá-los. Os Beatles certamente não se lembram de muita coisa. Como sempre, eles só conseguem se lembrar das risadas, como quando receberam seu MBE.

Em 12 de junho de 1965, foi anunciado que os Beatles iriam se tornar membros da Ordem do Império Britânico (MBE, na sigla em inglês). Imediatamente houve protestos, de membros da Câmara dos Lordes a antigos oficiais de guerra, que consideraram que seu MBE havia sido banalizado. Um coronel aposentado disse que não daria mais ao Partido Trabalhista sua herança de 11 mil libras nem suas 12 medalhas militares. Medalhas de MBE foram devolvidas, chegando de várias partes do mundo.

Brian ficou muito feliz com a honra. Ele disse mais tarde que nunca duvidou de que os Beatles iriam aceitá-la, mas John diz que pensou seriamente em recusar. Hoje em dia, sua medalha está sobre a televisão do bangalô de Mimi.

"Achamos que recebermos um MBE era tão engraçado quanto todo mundo pensava que era. Por quê? Para quê? Não acreditamos. Era um papel que não queríamos.

"Nós nos encontramos e concordamos que era uma tolice. 'O que você acha?', nós todos perguntamos. 'Melhor não aceitarmos.' Então tudo parecia parte do jogo que nós havíamos

concordado em jogar, como ganhar um Ivor Novello. Não tínhamos nada a perder, a não ser aquele pedaço de você mesmo que dizia que não acreditava naquilo. Aceitamos, a fim de irritar ainda mais as pessoas que estavam incomodadas, como John Gordon. Estávamos apenas provocando as pessoas que acreditavam nesse tipo de coisa.

"Tudo o que fizemos enquanto estávamos esperando no palácio foi dar risada. Tivemos um ataque de riso – a coisa toda era tão engraçada. Havia um guarda nos dizendo como marchar, quantos passos, e como fazer reverência quando conhecêssemos a rainha. Sabíamos em nossos corações que ela era apenas uma mulher qualquer, mas estávamos indo adiante com aquilo. Havíamos aceitado a condecoração.

"Realmente acho que a rainha acredita naquilo tudo. Ela tem que acreditar. Não acredito que John Lennon, dos Beatles, seja diferente de qualquer outra pessoa, porque ele não é. Sou apenas um sujeito. Mas tenho certeza de que a rainha não pensa da mesma forma.

"Sempre odiei todas essas coisas sociais. Todos os eventos horríveis e apresentações a que tínhamos que ir. Tudo falso. Você podia ver o que estava por trás de todas as pessoas lá. Eu os desprezava. Talvez fosse em parte por causa de minha classe social. Não, não era. Era porque eles *eram* realmente todos falsos."

Algumas das turnês de 1965 e 1966 devem ser mencionadas, mesmo que apenas como um breve registro, especialmente as duas turnês norte-americanas. A terceira turnê norte-americana deles começou em 13 de agosto de 1965. Decidiu-se que ela duraria a metade do tempo da anterior, que havia sido muito desgastante. Essa turnê durou 17 dias, e eles foram segurados em um milhão de libras, o equivalente à receita da última turnê. Ela gerou ainda mais receita do que a anterior, embora tenha durado metade do tempo, porque eles se concentraram em campos de beisebol, algo que haviam começado a fazer na turnê anterior.

O maior evento dessa turnê norte-americana ocorreu em 15 de agosto de 1965, quando eles tocaram no Shea Stadium, em Nova York. "Mais de 55 mil pessoas viram aquele show", diz Sid Bernstein. "Ganhamos 304 mil dólares, a maior receita bruta da história do show business."

Esse ainda é um recorde mundial, não tendo sido superado durante sua turnê norte-americana posterior. Dos 304 mil dólares, os Beatles ficaram com 160 mil. Mais de 30 mil dólares foram usados para pagar o aluguel do estádio naquela noite. Havia 1.300 policiais de plantão, o que custou 14 mil dólares. O seguro custou um total de 11 mil dólares. Depois de contabilizados os gastos com propaganda, publicidade e outras despesas, o lucro de Sid Bernstein naquela noite foi de 7 mil dólares.

"Podia fazer tudo de novo hoje. Os Beatles ainda são tão populares nos Estados Unidos quanto sempre foram. Eu ofereci a eles um milhão de dólares por dois shows no Shea Stadium. Essa oferta ainda está de pé. Teria que ser exclusivo para os Estados Unidos. Um milhão de dólares. Essa é a minha oferta."

Exatamente um ano mais tarde, em agosto de 1966, eles fizeram sua última turnê norte-americana. Foi novamente uma turnê curta, mas fez mais dinheiro do que todas as outras. Nat Weiss, que havia sido nomeado chefe da Nemperor Artists, em Nova York, ajudou a organizá-la. Ele vinha trabalhando na cidade como advogado especializado em divórcios há 15 anos, quando conheceu Brian Epstein socialmente e, através dele, se interessou por música pop. Em junho de 1966, Brian decidiu juntar todos os pedaços da NEMS nos Estados Unidos sob o mesmo escritório.

Foi um pouco antes dessa turnê que a observação de John sobre Jesus Cristo chegou aos Estados Unidos. Ele havia originalmente dito que os Beatles agora eram "mais populares do que Cristo" vários meses antes em uma entrevista para Maureen Cleave, do *Evening Standard*, de Londres. Ninguém se opôs ou comentou sobre ela publicamente. Mas, quando a citação foi reproduzida e chegou aos Estados Unidos, fora de contexto, ela causou furor.

"Um amigo me ligou para dizer que eles estavam queimando discos dos Beatles em Nashville, no Tennessee", diz Nat Weiss. "Liguei para Brian e disse que achava que aquilo era grave o suficiente para justificar sua vinda a Nova York."

Brian ficou muito preocupado, pois a Ku Klux Klan veio atrás deles, e efígies dos Beatles foram queimadas por todo o Cinturão Bíblico. Ele pensou em cancelar várias aparições, ainda que isso significasse ter que devolver um milhão de dólares. "Não queria correr o risco de os meninos se ferirem, não importava o custo." Mas os promotores, prefeitos e autoridades locais disseram que haveria problemas muito maiores com os fãs se algum show fosse cancelado. Um sucinto pedido de desculpas público de John foi divulgado, dizendo que ele não quis dizer nada de mau com aquilo, e a turnê seguiu conforme planejado. Os concertos no Cinturão Bíblico foram os melhores de todos.

Suas outras turnês internacionais durante esses dois anos incluíram França, Itália, Espanha e Alemanha (com uma grande recepção de boas-vindas em Hamburgo). Da Alemanha, em junho de 1966, eles voaram para Tóquio para sua primeira e única série japonesa de shows. Os fãs japoneses dos Beatles acabaram sendo os mais sábios de todos, a julgar pelo programa que foi produzido para os shows. Foi o programa mais extenso e detalhista já produzido para seus shows em qualquer lugar. Ele continha, entre outras informações, o nome de todas as músicas que já haviam sido cantadas por eles até aquele momento e sua posição nas paradas. Ninguém em Londres tinha feito esse levantamento em tantos detalhes. Brian guardou uma cópia dele em sua mesa de trabalho para usar como referência.

Do Japão, eles voltaram para casa, passando por Manila, nas Filipinas, e se arrependeram. Essa visita resultou na primeira e única cena de violência real durante toda a carreira da banda em turnês. Todas as vezes em que quase haviam sido mortos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos foram demonstrações de excesso de carinho. Em Manila, eles foram espancados por oficiais do governo e policiais, devido a um suposto ato de descortesia para com a esposa do

presidente. Ela esperava que eles fossem ao palácio depois que os convidou. Eles disseram que nunca foram convidados. A esposa do presidente ficou muito magoada.

Na Grã-Bretanha, a Beatlemania quase não havia diminuído. A central telefônica do University College Hospital ficou sobrecarregada quando Ringo teve suas amígdalas removidas. Boletins médicos eram divulgados de hora em hora. Milhares de fãs o escreveram pedindo suas amígdalas. Ringo anunciou que ninguém ficaria com elas – elas seriam incineradas.

Em outubro de 1965, a rainha e príncipe Philip estavam em turnê pelo Canadá. Uma das maiores histórias da turnê na imprensa britânica surgiu quando o príncipe Philip foi citado dizendo que os Beatles estavam "por fora". Isso foi manchete em todo o mundo. O *Evening Standard* de Londres fez uma pesquisa de opinião para descobrir se era verdade – cinco de sete entrevistados disseram que não era. Alguns dias mais tarde, Brian Epstein recebeu um telegrama pessoal do príncipe Philip, no qual ele explicava o que realmente havia dito: "Eu acho que os Beatles estão fora [do país]."

Isso mostra que pessoas famosas ainda estavam falando sobre os Beatles e ficavam preocupadas quando eram mal entendidas. Mas, mais do que isso, esse incidente mostra que agora havia um certo tipo de expectativa rondando-os. Todo mundo tinha certeza de que os Beatles tinham que estar em declínio. Eles não podiam continuar no mesmo ritmo.

Mas eles continuavam gravando discos como sempre. Depois de esclarecer cada boato, eles lançavam um disco novo, que ia direto para o primeiro lugar das paradas. Em dezembro de 1965, quando "Day Tripper" foi lançado e foi direto para o primeiro lugar, aquele era seu décimo disco número um consecutivo nas paradas britânicas.

Naquele mesmo mês, eles começaram a que viria a ser, embora ninguém houvesse anunciado isso na época, sua última turnê britânica. Eles fizeram um show depois disso, em 1º de maio de 1966, em Wembley, que é o último show ao vivo dos Beatles na Grã-Bretanha.

Finalmente, um de seus singles não alcançou imediatamente o primeiro lugar, embora, depois de uma semana, tenha chegado lá. Foi "Paperback Writer", em junho de 1966. Ainda mais surpreendente, por ser muito melhor, o single de "Penny Lane" e "Strawberry Fields", lançado em fevereiro de 1967, nunca chegou ao primeiro lugar das paradas. Talvez, a essa altura, os fãs soubessem que nunca mais iriam ver os Beatles cantando pessoalmente. A última aparição deles ao vivo em qualquer lugar do mundo foi no final de sua turnê norte-americana, em 29 de agosto de 1966.

"Durante o último show em São Francisco, Brian estava muito triste e quase desiludido", diz Nat Weiss. "Foi a primeira vez que o vi desiludido. Ele, de repente, disse: 'O que eu faço agora? O que vai acontecer com a minha vida? Está tudo acabado. Eu devia voltar para a escola e aprender alguma outra coisa?'

"Ele estava obviamente muito triste. Então, se controlou e disse não. Ele *iria* continuar e fazer algo."

Eles não negaram nem confirmaram que não sairiam mais em turnê quando voltassem para a Inglaterra. Isso gerou um pouco de confusão, e boatos de que eles estavam se separando começaram a se espalhar.

O fã-clube e o boletim *Beatles Monthly* foram inundados por cartas de fãs. A Sra. Harrison, mãe de George, ficou tão farta de responder à mesma pergunta que fez centenas de cópias de uma carta dizendo que eles *não* estavam se separando. Ela falava que eles estavam muito ocupados gravando um LP, o que os manteria juntos até bem depois do Natal. "Então eu acho que isso prova que eles não têm plano algum de se separarem. Meus sinceros votos de felicidade. Louise Harrison (Mrs)."

Eles haviam decidido há bastante tempo que iriam parar de sair em turnê, mas era muito difícil, devido às obrigações contratuais, anunciar isso imediatamente. Arthur Howes, por exemplo, estava esperando outra turnê britânica. Os fãs britânicos já não estavam mais tão empolgados há muito tempo. Desde a época de seus primeiros números um, eles haviam sido vistos ao vivo por muito mais pessoas nos Estados Unidos, em suas quatro turnês tocando ao ar livre para grandes públicos, do que em suas sete turnês menores por salões e teatros britânicos.

Não havia um acordo específico com Arthur Howes que eles tivessem que quebrar, apenas a expectativa natural de que eles continuassem tocando ao vivo por mais tempo.

"Nesse meio, eu sei que a vida útil de um artista é de cinco anos", diz ele. "Eu sei que é só isso, porque é sempre igual. Depois de cinco anos, a geração deles cresce e há novos artistas, com um público novo. Os Beatles são diferentes. Os Beatles vão durar para sempre. Eles não tinham com o que se preocupar. Mas eu tinha, quando eles pararam de fazer shows, em 1965. Eles não ficaram em turnê nem três anos."

Na Grã-Bretanha, uma casa cheia nos maiores teatros em Manchester, Birmingham ou Glasgow comporta apenas cerca de 2.500 pessoas. O maior teatro da Grã-Bretanha, do tipo usado para shows com várias atrações, é o Hammersmith Odeon, com capacidade para 4 mil pessoas.

Mesmo dez casas cheias em Hammersmith ainda não equivaleriam a uma casa cheia no Shea Stadium, que, como vimos, atraiu 55 mil para o primeiro show dos Beatles lá.

Por conta da alta porcentagem que os Beatles retinham (50% da bilheteria final) e também porque eles saíram em turnê por relativamente pouco tempo, o Sr. Howes ganhou mais dinheiro com as turnês de Cliff Richard do que com as dos Beatles. Entre outubro de 1958 e fevereiro de 1963, Cliff Richard fez 11 turnês com Arthur Howes. Entre fevereiro de 1963 e dezembro de 1965, os Beatles fizeram sete turnês, seis delas com Howes.

"A maior coisa que os Beatles fizeram foi abrir o mercado americano para todos os artistas britânicos. Ninguém nunca tinha sido capaz de entrar lá antes dos Beatles. Eles fizeram isso

sozinhos. Eu havia trazido muitas estrelas americanas, mas ninguém havia ido lá. Eles simplesmente não estavam interessados. Ao abrirem os Estados Unidos, os Beatles ganharam uma enorme quantidade de dinheiro para o país."

Uma vez que ficou claro para Arthur Howes e para várias outras pessoas que os dias de turnê haviam terminado, os Beatles anunciaram o fato publicamente. Um dos motivos dados foi que sua música havia se desenvolvido tanto, utilizando orquestras completas e dispositivos eletrônicos, que não era mais possível tocá-la no palco.

Isso é verdade, mas o motivo mais importante era que, há muito, muito tempo, eles odiavam o que estavam fazendo. Eles odiavam se arrastar pelo mundo, fazendo aparições públicas em uma redoma de vidro, como em um *peep show*. Eles não gostavam de se apresentar no palco à maneira antiga. Achavam que aquilo era uma farsa, um fingimento.

Neil e Mal, seus gerentes de produção, não gostavam da tensão, do pânico e do caos envolvidos em tudo aquilo.

"Os shows ao ar livre nos Estados Unidos eram horríveis", diz Mal. "Estávamos em um campo de beisebol uma vez, eles estavam lá, presos, sozinhos, no meio de um campo, com 30 mil jovens berrando em volta deles, querendo ouvi-los tocar. Perguntei para o promotor: 'Cadê as tomadas, chefe?' Ele disse: 'O quê? Eles tocam violão, não tocam?' Ele não se deu conta de que eles tocavam guitarras *elétricas*. Ele entrou em pânico para conseguir que os eletricistas cabeassem tudo a tempo.

"Quando parecia que ia chover e os shows eram ao ar livre, eu ficava apavorado. Se chovesse nos fios, haveria uma grande explosão, mas, se eles parassem de tocar, o público faria um motim."

"Aprendemos a sempre chegar em cima da hora ou atrasados", diz Neil. "Se chegássemos muito sedo, eles eram atacados quando saíam do camarim. Mas, se eles tivessem que correr como loucos por estarem atrasados, as pessoas saíam da frente e os deixavam passar. Fizemos isso no nosso primeiro show no programa do Ed Sullivan, em Nova York. Ele estava suando como um porco, convencido de que estávamos atrasados. Era um programa ao vivo. Ele colocou a culpa em mim por eles terem chegado em cima da hora."

"As turnês eram perigosas às vezes, mas nunca pensávamos nisso", diz Ringo. Um avião pegou fogo no Texas e deixou todo mundo apavorado. Certa vez, voamos de Liverpool para Londres com uma janela aberta. Ficamos um pouco preocupados quando previram a nossa morte em um avião nos Estados Unidos. Não foi legal."

A previsão foi feita por uma mulher que havia previsto o assassinato do presidente Kennedy. Alguns dos outros artistas se recusaram a viajar no avião dos Beatles. Mal escreveu uma última carta para sua esposa, Lil, convencido de que ia morrer.

"Escapamos por pouco no Cow Palace, nos Estados Unidos", diz Ringo. "A multidão avançou e subiu na limusine em que devíamos estar. Eles amassaram o teto do carro. Podíamos

ter morrido, mas estávamos a salvo em uma ambulância com sete marinheiros. Era assim que estávamos sendo transportados na época.

"Foi uma longa confusão. Era confusão com a polícia, com o pessoal do teatro, depois com o pessoal do hotel. Sempre achávamos que estávamos a salvo quando chegávamos nos nossos quartos de hotel, mas tínhamos que lidar com os funcionários do hotel que queriam autógrafos. Podíamos ver eles pensando: 'Por que não, qual é o seu problema, você só trabalhou meia hora hoje.' Mas nós provavelmente tínhamos viajado 3 mil quilômetros desde o último show de meia hora e não havíamos comido ou dormido direito por duas semanas.

"Os policiais americanos podiam ser tão ruins quanto qualquer outra pessoa, exigindo autógrafos. Uma vez peguei um deles revirando nossos bolsos."

George diz que, logo na primeira grande turnê norte-americana, em agosto de 1964, eles já estavam todos começando a não gostar daquilo. Nem mesmo tornar as turnês mais curtas fez com que elas fossem mais agradáveis.

"Era como o fim de um ciclo. Em Hamburgo, havíamos tocado por até oito horas seguidas, amando tudo, conhecendo uns aos outros e descobrindo o que poderíamos fazer. Aqueles dias eram realmente uma loucura – as coisas que fazíamos eram realmente alucinantes.

"Quando voltamos a Liverpool, estávamos tocando menos horas, mas ainda era tão agradável quanto antes. Éramos parte do público, vivíamos nossas vidas com eles. Nunca ensaiávamos os shows. Tínhamos que ficar mais polidos um dia, mas o Cavern foi fantástico. Era tão espontâneo, todas as piadas e risadas. Era tão íntimo...

"Então, começamos a sair em turnê, o que foi ótimo no início, fazendo um show ainda mais curto, mais polido, e criando novas músicas. Mas aquilo se desgastou. Entramos em uma rotina, viajando ao redor do mundo. Era um público diferente a cada dia, mas estávamos fazendo as mesmas coisas. Não tínhamos nenhuma satisfação ao fazer aquilo. Ninguém conseguia escutar nada. Era apenas uma longa batalha. Nós nos tornamos músicos piores, tocando as mesmas porcarias velhas todos os dias. Não tínhamos mesmo satisfação nenhuma em fazer aquilo."

"Estava destruindo nosso talento", diz Ringo. "O barulho das pessoas afogava qualquer coisa. Até que passei a tocar fora de ritmo, em vez de num ritmo constante. Não conseguia ouvir o que estava tocando na maior parte do tempo, mesmo com amplificadores, por causa do barulho.

"Éramos colocados em posições idiotas nos palcos dos lugares e ficávamos muito distantes uns dos outros. No palco, tocávamos as músicas mais rápido do que nos discos, principalmente porque não conseguíamos ouvir o que estávamos fazendo. Às vezes costumava entrar na hora errada, porque não sabia em que parte da música nós estávamos. Costumávamos dublar metade das músicas, especialmente se nossas gargantas estivessem doendo.

“Por fim, ninguém gostava de sair em turnê. Não tem como gostar de verdade. Quando a coisa passa a ser uma linha de montagem, aquilo não funciona. Você tem que dar para receber. Em algumas noites achávamos que tínhamos sido horríveis. Não tínhamos nos esforçado nada. Foi então que decidimos que deveríamos parar antes que outras pessoas passassem a não gostar daquilo também.”

“Quando ficávamos afastados por um tempo daquilo, era como se estivéssemos em férias escolares”, diz John. “Você não havia estudado há um tempo, então só se lembra das coisas engraçadas. Você fica até ansioso para voltar a estudar. Mas, depois, você volta e fica farto.

“É como o exército, seja lá como o exército for. Uma grande mesmice pela qual você tem que passar. Uma grande missa. Não me lembro das turnês.

“Ficamos irremediavelmente fartos dos shows. Não consigo imaginar um motivo que nos faria voltar a fazer esse tipo de turnê novamente.”

Paul diz que eles deveriam fazer um show ao vivo, se conseguissem pensar em uma forma completamente nova de fazê-lo. Mas ninguém consegue pensar em nada assim. Parece que Sid Bernstein vai ficar com seu um milhão de dólares.

Foi uma decisão corajosa, de certa forma, desistir de fazer aquilo que os havia tornado famosos. Muito poucas pessoas, especialmente do show business, deram as costas para aquilo que as tornou famosas no auge da adulação. As pessoas sempre dizem que vão desistir do público antes que o público desista delas, mas normalmente fazem isso tarde demais.

Os Beatles não hesitaram. Eles viram isso como o fim do Capítulo 1. Por serem ingênuos e simples, eles o fizeram sem saber o que aconteceria no Capítulo 2. Tudo que eles sabiam era que essa nova fase não incluía a chatice de sair em turnê e o desconforto da Beatlemania.

26

A morte de Brian Epstein

Foi o fim de um capítulo quando os Beatles pararam de fazer shows ao vivo, como Brian Epstein já havia notado na época, em São Francisco. Mas Brian estava decidido, como disse para Nat Weiss, a seguir em frente e achar outra coisa para fazer. E assim fez, por um tempo.

A NEMS Enterprises havia se transformado em uma enorme organização, gerenciando muitos artistas além dos Beatles – como Cilla Black, Gerry and the Pacemakers e muitos outros. Eles entraram no ramo das agências, assumiram um teatro (o Saville) e continuaram a expandir o gerenciamento de artistas.

Embora o número de funcionários tivesse aumentado muito desde os dias em Liverpool, os empregados mais importantes ainda eram velhos amigos e contatos de Liverpool. Alistair Taylor, assistente e balconista da NEMS, que havia assinado o contrato dos Beatles originalmente, se juntou à firma em 1963, depois de uma temporada na gravadora Pye Records.

Mais importante: Geoffrey Ellis e Peter Brown, seus dois amigos mais antigos de Liverpool, também se juntaram à NEMS Enterprises em Londres.

Geoffrey Ellis, o ex-aluno de Oxford que trabalhava numa seguradora em Nova York, se encontrou muito com Brian em suas viagens aos Estados Unidos e acabou por ser persuadido a trabalhar na NEMS em Londres. O seu conhecimento legal foi inestimável para lidar com todos os contratos. Ele se juntou à NEMS em outubro de 1964, como executivo sênior, tornando-se diretor no ano seguinte.

Peter Brown não deixou a NEMS em Liverpool até meados de 1965. Ele não tinha nada a ver com o negócio dos Beatles até então, continuando a ser simplesmente o gerente das lojas de discos em Liverpool, que Brian havia deixado para trás. Mas, em junho de 1964, Harry Epstein, o pai de Brian, decidiu vender a maioria de suas lojas, apesar de seu outro filho, Clive, ter permanecido nesse campo, como diretor administrativo.

Peter Brown também permaneceu lá por um tempo, mas não se entendia com os novos proprietários. Brian então ofereceu-lhe um emprego na NEMS Enterprises em Londres. "Estava um pouco preocupado no início de que trabalhar tão perto de Brian de novo pudesse resultar em brigas, como antes. Mas acabou funcionando muito bem." Ele se tornou assistente pessoal de Brian, assumindo o lugar de Wendy Hanson.

No início de 1967, Brian comprou uma casa de campo em Sussex, que Peter encontrou para ele. Essa era uma grande mansão histórica em Kingsley Hill, perto de Heathfield, e custou 25 mil libras.

Ele também contratou uma secretária pessoal, Joanne Newfield, sobrinha de Joe Loss. Ela trabalhava em um escritório em cima de sua casa em Londres, na Chapel Street, em Belgravia. Isso era necessário, já que ele trabalhava muito de casa.

Esse era o cenário da vida de Brian Epstein no verão de 1967. Ele tinha 32 anos, era rico, bonito, charmoso, popular e alegre. Era também um nome familiar, que ficou conhecido por descobrir novos talentos, associado por todos com o sucesso dos Beatles. Ele tinha muitos outros artistas e muitos outros interesses, particularmente o Saville. Seus empreendimentos estavam recebendo muita atenção da imprensa.

Ele estava completamente feliz e realizado, até onde o público podia ver. De acordo com o *Financial Times*, no verão de 1967 ele tinha uma fortuna estimada em 7 milhões de libras. O número real acabou por ser muito menor, mas Brian Epstein era rico o suficiente para não ter qualquer preocupação com dinheiro para o resto de sua vida.

A Sra. Queenie Epstein, mãe de Brian, chegou a Londres em 14 de agosto de 1967 para passar dez dias com seu filho mais velho em sua casa em Belgravia. Ela voltou para Liverpool na quinta-feira, 24 de agosto.

Ela estava em um estado bastante angustiado quando chegou a Londres. Seu marido, Harry, havia morrido no mês anterior, o que havia deixado Brian muito atordoado também. Brian fez de tudo para que sua estadia fosse o mais alegre e agradável possível. Ele estava organizando um apartamento para ela em Knightsbridge, pois havia sido decidido que ela agora deveria deixar Liverpool e se mudar para Londres. Ele queria que ela estivesse o mais próximo possível dele.

Brian alterou seus hábitos diários normais para atender e agradar a sua mãe. Em vez de se levantar e ir para a cama muito tarde, o que havia se tornado um hábito, ele conseguiu acordar e se arrumar, todas as manhãs, antes que sua mãe entrasse em seu quarto para abrir as cortinas. Por volta das dez horas, eles tomavam café da manhã juntos em seu quarto. Em seguida, ele se

despedia dela e ia bem cedo para o seu escritório em Mayfair, outra coisa que não fazia mais parte de sua rotina habitual há muito tempo.

Durante os dez dias de estadia de sua mãe, ele foi para seu escritório todas as manhãs e trabalhou lá durante todo o dia. Ele voltava para casa na hora normal de volta do trabalho e jantava com sua mãe. Então, eles assistiam à televisão em cores juntos, tomavam uma xícara de chocolate quente e iam para a cama, sempre bem antes da meia-noite.

Joanne e Peter Brown dizem que ele não desgostava de fazer tudo isso. Ele obviamente preferia seus hábitos de costume, mas sabia que dava prazer à sua mãe que ele seguisse aquela rotina nova. Ele a amava e sabia que ela o amava, então queria que ela desfrutasse sua estadia.

Fui visitá-la depois de ela estar lá há cinco dias, na sexta-feira, 18 de agosto. Nós tomamos chá e ela falou sobre a infância de Brian. Eles eram, claramente, muito próximos e afetuosos um com o outro.

Brian me levou até a porta. Ele falou sobre a sua próxima ida aos Estados Unidos e ao Canadá. Ele estava indo para participar de um grande programa de TV, como o mestre de cerimônias, algo que ele estava ansioso para fazer. Nós combinamos de eu passar o fim de semana com ele em Sussex quando retornasse.

Sua mãe voltou para Liverpool na quinta-feira seguinte. Na quinta-feira à noite, ele saiu pela primeira vez em quase duas semanas, mas foi apenas um jantar calmo com Simon Napier-Bell no restaurante Carrier, em Islington. O que ele realmente estava ansioso por fazer era ir passar o fim de semana em sua casa de campo, durante o feriado de agosto. Ele convidou Simon Napier-Bell para acompanhá-lo, mas ele recusou, pois tinha que ir à Irlanda.

"Brian saiu de casa sexta-feira por volta das 15h30", diz Joanne. "Ele estava sorridente e feliz. Me desejou um ótimo fim de semana e disse que me veria na terça. Eu o vi partir em seu Bentley com a capota abaixada, acenando para mim."

Ela sabia que seus dois amigos mais próximos e antigos, Peter Brown e Geoffrey Ellis, também iam para Sussex passar o fim de semana com Brian. Peter ligou para ela no final da tarde para dizer que só iria conseguir chegar lá bem mais tarde do que havia planejado. Ela se deu conta de que Brian ficaria, portanto, sozinho por algumas horas. Ela esperava que Peter não chegasse tarde demais para jantar.

"Eu cheguei lá a tempo do jantar", diz Peter Brown. "Fizemos uma ótima refeição, apenas nós três com uma garrafa de vinho e algumas taças de vinho do Porto mais tarde.

"Era para eu trazer algumas outras pessoas comigo, mas em cima da hora elas não apareceram. Brian ficou muito decepcionado com isso. Era o primeiro fim de semana que ele passava no campo há algum tempo e ele estava ansioso para se divertir e conhecer pessoas novas. Ele não queria passar o fim de semana só com seus dois amigos mais antigos e bem conhecidos."

Brian ligou para alguns números em Londres, tentando entrar em contato com as pessoas, mas era sexta à noite antes do fim de semana prolongado por causa do feriado de verão e ninguém estava disponível. Por volta das dez horas, Brian decidiu voltar para Londres.

Essa não era uma decisão tão estranha quanto pode parecer. Era típico dele mudar de ideia de repente. Ele frequentemente ia embora no meio de suas próprias festas, festas essas que havia passado semanas preparando. No que dizia respeito a Brian, esse fim de semana em Sussex ia ser chato, depois de ele ter passado tanto tempo ansioso por ele. Londres parecia ser o único lugar onde ele iria achar algo empolgante para fazer.

"Fui com ele até o carro", diz Peter Brown. "Eu disse que ele era um tolo de voltar para Londres àquela hora. Ele disse para eu não me preocupar. Que ele ia ficar bem. Ele estava um pouco bêbado, mas havíamos comido bastante, então não era nada de mais. Ele disse para eu não me preocupar, que ele estaria de volta pela manhã antes de eu acordar."

Pouco depois de Brian ir embora, um grupo de convidados chegou de táxi de Londres, atendendo a uma de suas ligações. Contudo, era tarde demais. Ele havia saído, embora Peter Brown estivesse quase certo de que Brian ia dirigir um pouco pelas redondezas e voltaria logo para casa. No entanto, à meia-noite e meia, quando ele não voltou, Geoffrey começou a ligar para Chapel Street para ver se ele havia chegado. Antonio atendeu o telefone. Ele e sua esposa Maria eram o mordomo e a governanta espanhóis de Brian em Chapel Street. Antonio disse que Brian havia chegado. Ele chamou Brian pelo interfone em seu quarto para dizer que o Sr. Ellis estava ao telefone, mas ninguém respondeu. Geoffrey e Peter não estavam preocupados. Eles ficaram satisfeitos com o fato de que Brian havia chegado a salvo e estava agora, provavelmente, dormindo.

Peter Brown e Geoffrey Ellis acordaram tarde na manhã seguinte, um sábado, em Sussex. Brian não havia reaparecido, mas eles realmente não esperavam por isso. Eles não se preocuparam em ligar para ele, achando que ele ainda deveria estar dormindo. Mas o próprio Brian ligou para Peter por volta das cinco horas da tarde de sábado.

"Ele pediu muitas desculpas por não ter voltado de manhã, como disse que faria. Disse que havia dormido o dia inteiro e ainda estava se sentindo um pouco sonolento. Eu falei que era melhor ele não dirigir. Se ele pegasse o trem até Lewes, eu o buscaria lá. Ele concordou que isso era o melhor a se fazer, mas ainda estava muito sonolento para fazer qualquer coisa. Ele sempre ficava assim quando acordava depois de tomar comprimidos para dormir. Ele disse que me ligaria mais tarde, quando estivesse mais acordado, para que eu soubesse que horas ele chegaria. E foi só isso." Mas Brian não ligou de volta.

Na hora do almoço, no domingo, em Chapel Street, como Brian ainda não havia acordado, Antonio e sua esposa Maria começaram a ficar preocupados. Não era incomum ele dormir até a hora do almoço, mas ele não havia saído do quarto, até onde eles sabiam, desde que retornara de Sussex na sexta-feira à noite. Seu Bentley ficou parado na mesma posição o fim de semana

inteiro – fato que eles notaram especialmente. Eles também não o ouviram se mexer entre a hora do café da manhã e o fim da tarde de sábado, quando ele ligou para Peter. Eles dizem que teriam ouvido algo, se ele tivesse se levantado ou saído depois disso.

Às 12h30, eles tentaram ligar para Peter Brown em Sussex para dizer que estavam preocupados, mas ele estava no pub. Então, ligaram para a casa de Joanne, em Edgware.

"Maria falou comigo e parecia muito preocupada. Ela disse que Brian estava em seu quarto há muito tempo, o que era bastante incomum. Fiquei muito preocupada. Liguei para Peter, mas não consegui falar com ele. Então liguei para Alistair Taylor e contei para ele o que estava acontecendo. Disse que estava indo para a casa de Brian e que o encontraria lá. Tentei ligar para o médico de Brian, mas ele estava na Espanha, então entrei no carro."

Peter e Geoffrey voltaram do pub um pouco antes das duas horas e encontraram várias mensagens da governanta para eles.

"Liguei para Chapel Street e falei com Antonio, que me disse que eles estavam todos muito preocupados com Brian", diz Peter. "Ele disse que Joanne e Alistair estavam a caminho. Eu falei que ele não tinha com o que se preocupar, que Brian devia ter saído sábado à noite e estava dormindo até tarde. Falei que eles estavam em pânico por nada. Disse também para ele avisar ao Alistair para não ir para lá, se conseguisse fazer isso."

Joanne chegou a Chapel Street. Ela encontrou Antonio e Maria ainda muito agitados, apesar das garantias de Peter. Ela ligou para Peter. Ele disse para ela que ainda não havia necessidade de pânico, mas que talvez ela devesse ligar para o seu médico e pedir que ele fosse até lá, só por via das dúvidas.

Quando o médico chegou, ela ligou para Peter para dizer que eles estavam arrombando a porta. Peter ficou ao telefone, esperando para ouvir o que acontecera.

"O médico e eu entramos", diz Joanne. "O quarto estava escuro e vi Brian deitado na cama. Ele estava de lado, de costas para nós. O médico me empurrou para fora do quarto. Saí e disse para Maria e Antonio que estava tudo bem, que Brian estava apenas dormindo.

"Então o médico saiu do quarto, pálido e abalado, e disse que Brian estava morto. Ele pegou o telefone para dar a notícia a Peter."

"Ele não conseguia falar nada", diz Peter. "Então eu sabia o que havia acontecido."

Peter e Geoffrey entraram em contato imediatamente com os Beatles em Bangor, onde eles estavam hospedados com o Maharishi. Uma hora depois de o corpo ser encontrado, o *Daily Express* estava ligando para perguntar se era verdade que Brian Epstein havia morrido. Eles foram informados de que não era verdade.

No dia seguinte, estava na primeira página de todos os jornais. O obituário do *The Times* tinha três colunas, e foi publicado na parte superior da página. As pessoas nas ruas pareciam achar que fora suicídio. É sempre reconfortante para aqueles que nunca tiveram riqueza, fama ou poder acreditar que aqueles que têm não são, é claro, *realmente* felizes.

Brian Epstein podia ser muito feliz e podia ser muito infeliz. Sua infelicidade não havia sido causada pelos Beatles e nem pelo sucesso. Sua infelicidade era parte de uma doença, uma doença muito antiga.

"Em Liverpool, ele sempre ficava deprimido", diz Peter Brown. "Não era tão ruim ou por tanto tempo quanto mais tarde, mas aquilo existia bem antes de os Beatles aparecerem."

As causas e as origens do seu estado mental no momento da sua morte tinham estado com ele ao longo de sua vida. Mas foi no ano que antecedeu a sua morte, em agosto de 1967, que muitas coisas vieram à tona.

"Quando ele estava em depressão, precisava de só uma coisinha para finalmente nocauteá-lo", diz Joanne. "Uma vez, quando ele estava tentando entrar em contato com Nat Weiss, que tinha vindo de Nova York para Londres, ele foi até o Grosvenor House Hotel para encontrá-lo, mas não conseguiu. Ele voltou furioso e começou a ligar para o hotel. Por algum motivo eu dei a ele o número errado – eu lhe dei MAY 6363, em vez de GRO 6363. Então, ele não conseguia falar com ninguém. Quando ele descobriu meu erro, ficou extremamente irritado."

Peter Brown diz que um dos problemas era que Brian era um perfeccionista. Se alguma coisa desse errado, ou as pessoas interferissem ou estragassem seus planos perfeitos, ele ficava completamente atordoado. Ele era bastante meticuloso, exato e organizado. Aqueles primeiros memorandos para os Beatles, dizendo-lhes em qual salão de bailes deveriam estar e para não falarem palavrão no palco, eram modelos de eficiência.

À medida que a NEMS foi ficando maior e Brian teve que delegar algumas funções, mais coisas estavam fadadas a serem feitas de maneiras que não lhe agradavam – especialmente porque ele tinha o hábito de nomear as pessoas por ímpeto, e não por seu conhecimento e experiência. Mas ele sempre tentou manter seus principais artistas para si mesmo. Ele era completamente possessivo com os Beatles e não gostava nem mesmo que suas secretárias criassem qualquer intimidade com eles. Foi apenas nos últimos meses antes de sua morte que ele deixou que Peter Brown, seu assistente pessoal, tivesse qualquer ligação direta com eles.

Desde o início de 1967, ele havia deixado de lado a maior parte das responsabilidades diárias de administração da NEMS, exceto às relacionadas aos Beatles. Ele contratou Robert Stigwood, um australiano, para ser codiretor executivo. Era ele que administrava o dia a dia da NEMS, junto com os demais diretores: Vic Lewis, Bernard Lee, Geoffrey Ellis e seu irmão, Clive Epstein.

O afastamento da NEMS aconteceu pouco depois de os Beatles pararem de fazer shows ao vivo. Fora o teatro Saville, que nunca foi um sucesso financeiro, nada tomou o lugar de seu afeto pelos Beatles. Mas ele ainda estava à procura de algo, como havia estado quando se juntou à RADA e, mais tarde, quando largou tudo para gerenciar os Beatles. Era o velho impulso criativo vindo à tona novamente. Ele estava sendo atormentado, mais uma vez, por um desejo

criativo não realizado, mas ansioso com as poucas possibilidades de satisfação. Isso é o que muitas vezes acontecia com Brian, com seus casos amorosos e com a maioria de seus prazeres.

Uma oportunidade de ser criativo de fato surgiu, quando John Fernald, ex-chefe da RADA, que tinha aceitado Brian como aluno e que Brian convidou para trabalhar com ele mais tarde, adoeceu durante os ensaios da peça *A Smashing Day*, cuja direção Brian assumiu.

"Ele estava doente na época, se recuperando de icterícia, mas se jogou completamente nos ensaios", diz Joanne. "Acho que nunca o vi tão feliz nos três anos em que trabalhei com ele. Ele ficava acordado a noite toda com o elenco, esperando as críticas, e adorado cada minuto daquilo." Mas a peça logo saiu de cartaz.

O desejo de ser criativo nunca encontrou outra válvula de escape. Ele não sabia o que estava procurando e nada surgiu da forma como os Beatles haviam aparecido. Dessa forma, essa situação o fez se voltar cada vez mais contra a vida puramente empresarial. Essa foi uma das razões pelas quais ele se afastou tanto da NEMS.

"Ele realmente não gostava de ser um homem de negócios", diz Joanne. "Não gostava de reuniões de negócios. Ele queria tanto ser uma pessoa criativa. Ele costumava cancelar até mesmo as reuniões mais importantes. Às vezes eu tinha que dizer que ele estava doente, ou tinha uma coletiva urgente. O verdadeiro motivo era que ele ainda estava na cama, depois de ter ficado a noite toda acordado, com insônia. Era horrível. Ele me deixava bilhetes dizendo quais reuniões eu tinha que cancelar. Eu tive que cancelar uma reunião com Bernard Delfont quatro vezes em uma semana. Não sei o que ele deve ter pensado."

Mas havia várias coisas que lhe davam muito prazer. Ele amava Kingsley Hill, sua casa em Sussex. Também amava as touradas. Ele bancava um toureiro e estava financiando um filme sobre touradas na época de sua morte.

Outras coisas que ele adotou eram extravagâncias ocasionais, como drogas e apostas. Ele tomou LSD várias vezes, quando ouviu dos Beatles o efeito que a substância tivera sobre eles. Mas não mais que em um punhado de ocasiões. Ele parece ter parado de tomar mais ou menos ao mesmo tempo em que os Beatles pararam – bem antes de sua morte.

Ele passava por fases em que apostava muito. Gostava daquilo e se dava bem. Joanne frequentemente encontrava bilhetes esperando por ela, quando chegava pela manhã, com uma pilha de dinheiro, talvez umas 300 libras, que ele havia ganho na noite anterior. "No bilhete, ele dizia que eu tinha que ir depositar a felicidade dele."

Peter Brown, que geralmente ia com ele, diz que ele era um bom jogador porque sabia quando parar. "Era porque ele não se deixava levar por aquilo de verdade. Ele só gostava de cassinos porque eram lugares aos quais ele podia ir bem tarde da noite e conhecer pessoas novas."

Fora os Beatles e Cilla Black, nenhum de seus artistas se manteve por muito tempo no estrelato, e muitos deles logo desapareceram completamente. Vários deles, naturalmente, se

ressentiam da atenção que ele dava aos Beatles e depois, à medida que ele se afastou da NEMS, da sua completa falta de atenção a eles. Brian lamentava isso mais do que qualquer pessoa. Ele se sentia muito culpado. “Ele acreditava de verdade no talento de muitos deles”, diz Joanne. “Ele realmente acreditava. Prometia coisas incríveis para eles com absoluta sinceridade. Então eles iam embora esperançosos novamente. Em alguns meses, voltavam e o acusavam de tê-los decepcionado.”

Mas a única discussão realmente importante que ele teve com qualquer um de seus artistas foi, ironicamente, não com um daqueles aos quais não dava atenção, mas com Cilla Black, sua estrela solo de maior sucesso.

Ela sentia há muito tempo que ela não estava recebendo a atenção pessoal que havia recebido de Brian no passado e que achava que merecia. No início do verão de 1967, ela decidiu que já havia aguentado o suficiente. Brian havia ido para algum lugar novo e a abandonado. Então era isso: ela estava o abandonando.

Como Brian estava fora, Peter Brown foi o primeiro a ficar sabendo da decisão. Ele sabia o quanto isso afetaria Brian e estava preocupado em contar para ele. Ele consultou o médico de Brian, que lhe disse para fazê-lo lentamente e com cuidado. Quando Brian ouviu a notícia, ele cometeu o erro de permitir que outras pessoas fossem tentar acalmá-la primeiro, mas finalmente se encontrou com Cilla em Chapel Street. Após várias horas de discussão, eles entraram em acordo e tudo foi retificado. Eles se tornaram mais amigos do que jamais haviam sido e continuaram assim até sua morte. Cilla percebeu que nunca teria deixado Brian de verdade.

Nunca houve nenhuma briga com nenhum dos Beatles. Ele amava a todos tanto quanto antes e eles também o amavam. Mas, com o fim das turnês, o principal ponto de contato entre eles deixou de existir.

Eles ainda se viam bastante. Qualquer decisão de negócios passava por ele. Mas, no fim de 1966, quando as turnês se encerraram, as preocupações dos Beatles se voltaram para eles mesmos, para descobrir que tipo de vida iriam levar, o que iriam fazer com eles mesmos, qual era a razão para tudo aquilo. Foi então que as drogas e, mais tarde, a religião, começaram a entrar em suas vidas. Eles quase se tornaram eremitas durante vários meses, vendo apenas uns aos outros.

Brian seguiu seu próprio caminho, um caminho que sempre havia sido completamente diferente, em muitos aspectos, do deles. Se ele não tivesse se tornado empresário da banda, é provável que eles jamais tivessem se tornado amigos. Ele era de uma idade diferente, de uma classe social diferente, com atitudes diferentes e, acima de tudo, gostos diferentes. Mas, por

cinco anos, sua vida havia sido seu trabalho para eles. Quando isso acabou, os Beatles tinham uns aos outros, além de suas esposas. Ele estava sozinho, obcecado, tomado por preocupações, preocupações sobre as quais não havia tido muito tempo para refletir durante aqueles cinco anos.

Os Beatles não tinham ideia do que ele fizera no último ano, da forma como ele havia se tornado cada vez mais dependente de comprimidos, ou do modo como suas preocupações reais e imaginárias tomaram conta de sua vida e o deixaram obcecado. Eles ficaram surpresos ao ouvir, muito tempo depois de sua morte, que ele quase não tinha estado em seu escritório por muitos meses, e raramente ficava acordado ou saía durante o dia. Eles também não sabiam nada sobre seus assuntos pessoais.

Eles ouviram falar que ele havia estado levemente deprimido no início de 1967, mas acharam que tivesse superado essa fase. Quando estava com eles, ele certamente se mostrava sempre feliz. Isso era verdade. Seu maior prazer era estar com eles. Ele amava fazer qualquer coisa para eles.

"Em 1966, ele convidou Patti e eu para passarmos uma semana com ele no sul da França", diz George. "Quando nós chegamos, ele havia planejado tudo: cada refeição, cada visita, cada lugar a que iríamos, durante a semana toda. Um dia, um avião particular, que tinha sido alugado para nos levar a uma tourada, chegou.

"Ele sempre foi assim. Ele queria tanto agradar às pessoas que planejava tudo, até o último detalhe." Quando ele dava um jantar, se esforçava para saber a marca de cigarro favorita de cada pessoa e colocava um maço ao lado de seus pratos à mesa.

Pattie diz que certa vez Joanne contou para ela a quantidade de comprimidos que Brian estava tomando. "Perguntei por que ela ou Peter não podiam fazê-lo parar com aquilo, mas ela disse que eles não conseguiram. Disse para George que ele devia conversar com Brian pessoalmente, mas ele disse que não adiantaria nada."

Naquela fase inicial, no Cavern, Brian havia se sentido mais atraído por John. John era o único com quem tinha passado férias sozinho, daquela vez que eles foram para a Espanha juntos, deixando Cyn em Liverpool.

Seu relacionamento com Paul era o mais sutil e complicado, ou pelo menos isso é o que Brian dizia. Ele sentia necessidade de supercompensação em relação a Paul. Ele admitiu isso uma vez. "Acho que Paul acredita que eu sou mais próximo de John do que dele. Não é verdade. No começo eu era, mas agora eu amo a todos eles igualmente." Ele sempre deu para Paul presentes particularmente generosos. Eles raramente o presenteavam.

"Paul era o único que o deixava preocupado quando ligava para reclamar de algo ou perguntar alguma coisa", diz Joanne. "Os outros podiam perguntar as mesmas coisas, mas ele sempre se preocupava em agradar ao Paul. Ele podia ficar chateado depois de falar com Paul ao telefone, mas nunca ficava depois de falar com os outros."

Provavelmente isso se devia ao fato de, em 1967, Paul ter se interessado pelos assuntos relacionados aos negócios pela primeira vez. Anteriormente, George havia sido o único a interrogar Brian sobre os contratos, ou quanto eles estavam ganhando e se ele não poderia conseguir nada melhor. Mas, depois de se interessar por religião, George parou completamente de se preocupar com coisas materialistas.

Brian estava sempre envolvido com tudo, mas, de vez em quando, não gostava da forma como eles faziam as coisas, como a capa (legal, financeira e artisticamente) complicada do *Sergeant Pepper*.

Na primavera de 1967, durante uma visita a Nova York, Nat Weiss diz que Brian teve uma premonição de que ia morrer. No aeroporto Kennedy, ele se convenceu de que seu avião ia cair sobre o Atlântico. Pouco antes da decolagem, escreveu um bilhete em um pedaço de papel e pediu que Nat Weiss o entregasse aos Beatles como seu último desejo. O bilhete, que Nat Weiss ainda tem, dizia: "Sacos de papel marrons para o *Sergeant Pepper*."

Como o avião não caiu, os Beatles nunca souberam o quão preocupado ele estava com as complicações da capa do *Sergeant Pepper*, assim como nunca souberam muitas coisas a respeito de seu último ano.

Em 8 de setembro de 1967, o tribunal de Westminster divulgou o laudo médico que concluiu que a morte de Brian Epstein foi acidental. Ele havia morrido em decorrência do efeito cumulativo do brometo em um remédio que estava tomando há algum tempo. O remédio se chamava Carbitral. O nível de brometo nele era apenas um "mínimo fatal", mas ele havia tido repetidas "overdoses automedicadas", que tiveram um efeito cumulativo, o suficiente para matá-lo.

Seu corpo mostrou que não houve uma única dose imensa, mas uma série de grandes doses. O tribunal foi informado de que ele usava drogas, na forma de comprimidos para dormir, já que sofria de insônia perpétua.

Em seu corpo encontraram um medicamento antidepressivo e barbitúricos, além de brometo. A polícia informou que, em sua casa, eles encontraram 17 frascos de comprimidos, sete em sua cabeceira, oito no banheiro e dois em uma maleta.

Especialistas médicos atestaram que a quantidade de brometo que ele estava ingerindo deve tê-lo deixado sonolento e, possivelmente, descuidado e imprudente. Ele havia morrido de uma overdose acidental.

Não há a menor razão para duvidar disso. As evidências médicas mostraram conclusivamente que ele estava se automedicando há três dias. No caso de uma tentativa de suicídio, a prática é tomar uma única dose grande.

É altamente improvável que ele tenha cometido suicídio, deliberadamente, naquela época, com sua mãe já desolada por conta da morte de seu pai. Um ou dois pequenos fatos ainda não são claros, mas não houve discussões ou razões específicas para a sua depressão naqueles dias,

até onde se sabe. Foi apenas um estado desencadeado pela decepção com o fim de semana que ele tanto almejara.

A cerimônia fúnebre de Brian Epstein foi realizada na New London Synagogue, em Abbey Road, St John's Wood, em 17 de outubro de 1967.

Era um cenário adequado, a poucos metros de distância dos estúdios da EMI, onde todos os discos dos Beatles até a morte de Brian haviam sido gravados, e na esquina da casa de Paul, na Cavendish Avenue.

Também não era muito longe da estação de metrô St John's Wood, onde ficam os telefones públicos mais próximos da casa de Paul. Brian usou esses telefones duas vezes em sua vida. A primeira vez em 1962, quando correu para fora dos estúdios da EMI para mandar um telegrama para os Beatles em Hamburgo com uma boa notícia sobre seu primeiro disco. A outra vez foi cinco anos mais tarde, pouco antes de sua morte. Ele havia ido até a casa de Paul, mas não conseguira entrar. Paul fora importunado por fãs o dia inteiro e havia parado de abrir a porta. Brian foi forçado a encontrar uma cabine de telefone e ligar para Paul para dizer quem era antes que permitissem que ele entrasse. Brian sempre achou que essa história era muito simbólica.

George, quando soube da morte de Brian, diz que ela o atingiu como em um filme antigo. "Você sabe, quando eles viram a última página de uma seção para mostrar a você que chegaram ao final dela, antes de ir para a próxima. A morte de Brian foi assim. O fim de um capítulo."

27

Os Beatles, das drogas ao Maharishi

Quando eles decidiram parar de fazer shows, não faziam ideia de qual seria o próximo capítulo. Estavam havia dez anos, de 1956 a 1966, não apenas vivendo em comunidade, mas também vivendo a mesma vida juntos. Ainda eram grandes amigos e ainda iam gravar discos juntos, mas, como indivíduos, sentiam que era hora de procurarem identidades individuais.

George foi o primeiro. No mês depois que a turnê acabou, em setembro de 1966, ele foi para a Índia com sua esposa. Pela primeira vez, havia encontrado um interesse sério que não era partilhado pelos outros.

John aceitou um papel no filme *How I Won the War* [*Como ganhei a guerra*]. Ele sempre gostou de Dick Lester, embora não tivesse gostado particularmente de fazer os dois filmes dos Beatles dirigidos por ele. Ele disse que se sentiu como um figurante, mas que ainda achava que talvez atuar fosse a coisa nova que estava procurando. Ele também gostava da ideia de um filme antiguerra, um assunto que sempre lhe instigou fortes opiniões.

Ringo, o mais caseiro de todos eles, começou a expandir sua família e sua casa. Paul foi o único que ficou perdido. Ele invejava George e desejava ter algo como música indiana para se ocupar. Ele fez algumas pinturas e decorou alguns móveis, mas sem muito interesse. Ele se esforçou para pensar sobre Deus, mas em vão. Então, decidiu compor a música de um filme, *The Family Way* [*Lua de mel ao meio-dia*], para ver se gostava de escrever música para cinema, mas isso não lhe agradou. Depois, ele fez uma longa viagem pela África.

A paixão de George cresceu, mas John logo descobriu que não gostava de atuar e não gostava da maioria dos atores. Ele e Paul estavam ambos à procura de algo de novo. Eles não tinham nenhuma intenção de se aposentarem da vida, como milionários de 25 anos de idade, mas, por terem evitado a disciplina e a educação formal, do tipo que uma universidade poderia ter proporcionado a eles, não sabiam por onde começar. Não que quisessem que alguém lhes

ensinasse nada. Material e emocionalmente, eles tinham 100 anos de idade. E é aí que as drogas entraram. Através das drogas, eles se encontraram por si mesmos.

Eles haviam tomado pílulas estimulantes, de intensidades variadas, desde seus dias em Hamburgo. Ocasionalmente, fumavam maconha, assim como outras pessoas tomam bebida alcoólica. Nenhum deles bebe, além de uma taça de vinho junto com as refeições de vez em quando.

George e John foram introduzidos ao LSD através de um amigo dentista, em 1965, sem saberem o que estavam tomando. "Era como se eu nunca tivesse saboreado, conversado, visto, pensado ou ouvido corretamente antes", diz George. "Pela primeira vez na minha vida, eu não estava consciente do ego."

Tomar drogas não atrapalhou sua produção musical. Agora que estavam todos juntos novamente, após terem constatado que coisas como atuar não eram para eles, começaram a trabalhar em seu álbum mais ambicioso até então, e que mostrava traços do seu interesse pelas drogas. Este era o *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*.

Foi durante as gravações deste álbum que eles tiveram a ideia de fazer um filme para a TV. Há mais de um ano, eles estavam adiando fazer seu terceiro filme, da mesma forma que estavam adiando fazer outras coisas de que não gostavam, como shows e aparições públicas. Muitos roteiros haviam sido escritos e então rejeitados, um deles de autoria do falecido Joe Orton (que era um fã apaixonado pelos Beatles – "A Day In The Life" tocou em seu velório). Finalmente, eles tiveram a ideia de escrever e filmar seu próprio filme, apenas para ver se conseguiam fazê-lo.

Paul teve a ideia de fazer um filme para a televisão em abril, durante um voo de volta para casa, depois de ter ido passar o aniversário de 21 anos de Jane nos Estados Unidos, onde ela estava em turnê com o grupo teatral do Old Vic. A ideia era que eles entrariam num ônibus e apenas veriam o que aconteceria. Seria Mágico: eles poderiam fazer o que quisessem. E Misterioso, já que ninguém saberia para onde eles estavam indo, nem o que iriam fazer. Sua ideia parou aí. Os outros concordaram com ele, mas nada mais foi feito por quase seis meses.

George, a essa altura, estava imerso na música indiana, o que também transparece no *Sergeant Pepper*, mas tinha adquirido ainda muitos conhecimentos sobre religião indiana. Sua esposa Pattie o acompanhou em tudo isso. Na verdade, foi ela quem teve o primeiro contato com o Maharishi.

Ela diz que o interesse deles por religião começou por acaso, durante a viagem para a Índia, em setembro de 1966. Eles tinham ido para lá simplesmente para estudar música indiana com Ravi Shankar, o que também havia começado por acaso. No filme *Help!* existe uma cena em que há alguns instrumentos musicais incomuns. George, entediado com a filmagem, estava se entretendo tentando tocar um deles, que acabou por ser um sitar.

Na Índia, além de estudar o sitar, George também conheceu o guru espiritual de Shankar, Tat Baba, que explicou a lei do Karma (lei de ação e reação). "Tê-lo conhecido e ler a *Autobiografia de um iogue*, assim como as sete semanas com Shankar, foi espiritualmente mais gratificante do que qualquer coisa que havia feito antes, até mais do que as drogas."

De volta à Inglaterra, George e Pattie leram muitos livros sobre religião, um interesse que foi despertado depois da primeira experiência de George com LSD. Ele começou com Aldous Huxley e foi gradualmente se interessando por conceitos orientais.

Em fevereiro de 1967, Pattie havia se tornado membro do Movimento de Regeneração Espiritual por conta própria. George foi uma vez, mais ou menos na mesma época, mas não foi iniciado, já que não achava que aquilo era para ele. "Estava tentando aprender meditação sozinha, através de livros, mas não estava indo muito bem", diz Pattie. "Um dia, uma amiga me falou sobre meditação transcendental e a acompanhei a uma palestra no Caxton Hall. O Maharishi não estava lá, apenas algumas pessoas falando sobre o seu trabalho, mas me juntei ao movimento ali mesmo. A palestra não foi muito inspiradora, mas a meditação transcendental parecia ser um processo óbvio e simples. Passei a receber a partir de então todos os informativos do movimento, de modo que fiquei sabendo sobre sua conferência de verão em Bangor."

George, entretanto, não estava apenas contando aos outros sobre o que estava lendo, ele também estava à procura, por todo o mundo, de algum homem sábio que pudesse explicar as coisas e colocá-lo no caminho certo.

George chegou a ir para uma parte deserta da Cornualha, depois de ler um livro sobre comunicação cósmica, e passou várias horas subindo um morro alto, mas nada aconteceu. Ele ouviu falar de muitas outras pessoas, indianos e ocidentais, e das suas ideias, mas ninguém lhe parecia a pessoa certa, até ele descobrir o Maharishi.

É importante ressaltar que todos eles já eram muito bem informados, muito antes de o Maharishi surgir. Ele não os converteu, nem se aproximou deles para encaminhá-los para uma certa direção, ou sequer lhes disse muito mais do que eles já sabiam. Ele apareceu por acaso em suas vidas no exato momento em que eles estavam à sua procura.

Todas essas tentativas espirituais não os impediram de fazer seu trabalho normal de Beatles. Eles tocaram uma música, "All You Need Is Love", em julho de 1967 para um programa transmitido ao redor do globo, chamado *Nosso mundo*, que foi assistido ao vivo por 150 milhões de pessoas.

Seu despertar espiritual teve um efeito concreto. Em agosto de 1967, eles haviam desistido das drogas. Ao pensar, ler e discutir constantemente assuntos espirituais, eles decidiram que estimulantes artificiais como drogas não os ajudavam verdadeiramente. Era melhor chegar lá sem elas. Eles não se arrependem de terem usado drogas e dizem que elas foram úteis para eles na época, mas que agora não são mais. No entanto, essa decisão não tem nada a ver com o

Maharishi – eles já haviam parado sozinhos antes de conhecê-lo. Ele simplesmente confirmou e forneceu mais razões claras para fundamentar a decisão deles.

É irônico que milhares de editoriais e advertências médicas os alertando sobre os perigos das drogas – depois que Paul e, em seguida, Brian admitiram ter tomado LSD – tenham sido ignorados por eles, mas a religião tenha surtido efeito.

Em meados de agosto de 1967, foi anunciado em diversos jornais que o Maharishi estava em Londres e iria dar uma palestra aberta ao público. "Parece que aquilo foi uma decisão repentina", diz Pattie. "Não constava em nenhum dos informativos que ele estava em Londres ou mesmo que iria para a conferência em Bangor. Quando ouvi falar, disse para George que tínhamos que ir."

Mas, a essa altura, George já havia ouvido de outras pessoas que o Maharishi estava na cidade. Ele entrou em contato com os outros e disse que todos deveriam ir à sua palestra no hotel Hilton.

Isso foi na noite de quinta-feira, dia 24 de agosto de 1967. Depois, o Maharishi os convidou para participar da conferência de verão de seu movimento em Bangor, no sábado. Eles disseram que sim.

Eles então contaram para Brian Epstein sobre o Maharishi e seu movimento de meditação transcendental, e sobre como estavam muito impressionados com tudo aquilo. Brian disse que estava interessado e que talvez fosse um pouco mais tarde para a conferência, que estava marcada para durar dez dias. Mas ele estava mais preocupado em se divertir durante o fim de semana prolongado de agosto, em sua casa de campo, com alguns amigos novos.

A notícia de que os Beatles estavam indo para Bangor com o Maharishi vazou. O que eles achavam que seria uma experiência espiritual privada virou um grande carnaval. Era quase como seus dias em turnê, que eles pensavam que tivessem deixado definitivamente para trás há um ano.

A estação de Euston estava lotada com milhares de fãs e jornalistas, que haviam aparecido para ver os Beatles pegarem o que o *Daily Mirror* chamou no dia seguinte de "especial místico", ou o trem das 15h50 para Bangor, norte de Gales.

O caos foi tal que Cynthia Lennon foi deixada para trás na plataforma da estação, sem conseguir atravessar a multidão para se juntar a John. Um policial a deteve achando que ela era uma fã.

No trem, apertados no vagão da primeira classe, estavam John, Paul, George, Pattie e Ringo, além de Mick Jagger, Marianne Faithfull e Jennie Boyd, irmã de Pattie. Ringo demorou a decidir se iria, pois sua esposa Maureen havia acabado de ter seu segundo filho e ainda estava no hospital. Não estava claro se ele iria com os outros. "Liguei para a Maureen no hospital. Ela disse que eu tinha que ir, que não podia perder aquilo."

A decisão de ir para Bangor foi muito repentina. Brian Epstein sabia a respeito, mas não estava envolvido naquilo de forma alguma. Até mesmo os sempre presentes Mal e Neil não foram chamados para irem com eles. Durante os últimos cinco anos, eles não tinham ido a lugar nenhum sem Brian Epstein ou alguém para tomar conta deles. "É como ir para algum lugar sem calças", diz John.

Eles ficaram sentados, petrificados, por horas, com medo de ir ao banheiro, caso fossem assediados. Não faziam ideia do que havia acontecido com sua bagagem. Ninguém parecia ter dinheiro algum. Eles se perguntavam o que o Maharishi diria para eles. John disse que talvez ele pudesse vir a ser apenas uma outra versão do que eles já conheciam, mas de um selo diferente. "Você sabe, como algumas pessoas são da EMI e outras são da Decca."

Muito sério, George disse que achava que não, que tinha certeza de que ele era o cara. Mick Jagger estava sentado muito quieto e sério. John disse que esperava que aquilo o salvasse de ter que continuar a trabalhar como Beatle, se o Maharishi lhe dissesse para ir se sentar em uma caverna na Índia para o resto de sua vida. "Mas ele não vai dizer isso, aposto. Ele vai apenas dizer para eu ir embora e escrever 'Lucy In The Sky With Diamonds'."

Em outro vagão, Maharishi estava sentado de pernas cruzadas sobre um lençol branco estendido sobre um assento por seus seguidores. Ele saltitava quando ria, o que acontecia na maior parte do tempo. Ele admitiu nunca ter ouvido a música dos Beatles, mas disse que haviam dito para ele que eles eram muito famosos, assim como Mick Jagger, mas ficou muito confuso sobre ele ser um Rolling Stone. Ele não sabia o que aquilo queria dizer.

Os Beatles foram, enfim, até seu vagão. Ele riu bastante enquanto conversava com eles. Ele ilustrou seu discurso segurando uma flor em sua mão e dizendo que ela era apenas seiva. As pétalas por si sós eram uma ilusão, assim como a vida física.

Ele disse que a meditação transcendental, em que ele iria doutriná-los em Bangor, era simplesmente um método de chegar de forma rápida e fácil a um estado espiritual. Suas meditações, uma vez aprendidas, precisariam apenas ser praticadas por meia hora todas as manhãs. Aquilo seria o suficiente para o dia todo. Ele disse que era como um banco – você não precisa carregar dinheiro consigo se tem uma conta em um banco, você só precisava ir lá de vez em quando pegar o que quer.

"E se você for ganancioso e meditar por outra meia hora depois do almoço e, depois, por mais meia hora depois do chá?", perguntou John.

Todos riram. O Maharishi quase bateu com a cabeça no teto dessa vez. Os Beatles fizeram um intervalo para tomar um chá, enquanto as garotas e Mick Jagger se reuniam com o Maharishi. O atendente tinha isolado uma parte do vagão de jantar para eles, mas algumas pessoas conseguiram passar para pedir autógrafos.

"O que vocês estão indo fazer em Bangor?", perguntou um adolescente, sem conseguir acreditar que alguém pudesse querer ir a Bangor, ainda mais os Beatles. "Vocês vão tocar lá?"

“Exatamente”, disse Ringo. “No Pier Head, às 20h30, na segunda casa. Vejo você lá.”

Na estação de Flint, Ringo disse que aquele havia sido o lugar mais distante de Dingle a que ele já fora de bicicleta.

Bangor foi um pandemônio. Os Beatles consideraram ir até a próxima estação e depois pegar um táxi de volta, mas o Maharishi disse que se eles ficassem ao seu lado, tudo ficaria bem.

Na plataforma, um tanto quanto perdidos e confusos no meio de tantos jovens gritando, havia um punhado de seguidores do Maharishi, esperando para dar-lhe as boas-vindas à conferência. Cada um deles segurava uma flor, pronto para entregá-la a ele. Eles foram empurrados para o lado pela multidão que gritava pelos Beatles.

Bangor é uma pequena cidade do litoral norte de Gales. Lá há uma grande faculdade profissionalizante, justamente onde a conferência iria acontecer. Mais de trezentos praticantes de meditação já estavam lá, todos sem saber da chegada dos Beatles.

O próprio Maharishi parecia estar gostando de toda aquela comoção e excitação. Ele foi muito gentil e atencioso com todos os jornalistas. Muito sabiamente, concordou em dar uma coletiva de imprensa depois de falar em particular com os membros da conferência.

A filosofia do Maharishi, muito simplesmente, é que a vida é composta de valores espirituais, bem como de materiais. Ele não é a favor de que os indivíduos se tornem reclusos espirituais, se isolando do mundo. Mas diz que, sem uma consciência espiritual, é impossível levar uma vida plena ou desfrutar plenamente o materialismo. De certa forma, é uma simples mistura de misticismo oriental e materialismo ocidental. Você não tem que desistir do dinheiro, ou nem mesmo dos prazeres da carne, até certo ponto, para se tornar um de seus seguidores, mas tem que aprender seus métodos de realização espiritual. Isso o ajuda a transcender a si mesmo, apesar de ainda continuar a viver uma vida comum.

Em seu encontro particular, ele perguntou a seus trezentos seguidores se eles estavam indo bem em suas meditações, e um homem então perguntou se era possível continuar ouvindo automóveis durante a meditação.

A coletiva de imprensa que se seguiu foi confusa e insatisfatória. A imprensa, na maioria jornalistas autônomos locais escrevendo para jornais nacionais, mal sabia o que estava acontecendo. Eles achavam que os Beatles estavam envolvidos em algum tipo de golpe publicitário, não podiam acreditar que estavam levando o Maharishi a sério, quem quer que ele fosse. Eles foram agressivos em suas perguntas, quase como se esperassem que os Beatles admitissem que aquilo tudo era uma piada. Os Beatles foram aplaudidos ruidosamente pela congregação quando deixaram claro, sublinhando a ignorância da imprensa, que eles estavam falando muito sério.

John achou as anotações de um repórter depois, em uma das cabines de telefone da faculdade. O título era “Paul, George, Ringo, John Lennon e Jagger”, ao lado de detalhes sobre

o que cada um estava vestindo. “Você tomou o meu lugar”, disse John para Mick Jagger, mostrando para ele como o repórter havia chamado cada um. “Eu costumava ser chamado de Lennon quando era malvado, agora sou John Lennon. Ainda não cheguei na próxima fase, de ser apenas John. Você ainda é Jagger.”

Ao meio-dia de domingo, todos haviam sido doutrinados. Eles estavam todos descansando, depois de seus esforços mentais, quando a notícia da morte de Brian Epstein chegou. O Maharishi encontrou com todos eles de novo para ajudá-los, confortá-los, animá-los e explicar que a morte não significa muita coisa. Depois, todos eles voltaram para Londres de carro, perdendo o resto da conferência.

Originalmente, eles haviam marcado de ir para a Índia encontrar com o Maharishi em setembro de 1967, mas isso foi adiado para fevereiro de 1968 por vários motivos, como o *Magical Mystery Tour*.

Eles e a NEMS estavam um pouco perturbados com a forma como várias organizações apareceram de repente e tentaram fazer com que eles dessem uma coletiva de imprensa. As pessoas começaram a falar sobre eles venderem os direitos da cobertura da viagem à Índia para a imprensa e a televisão e sobre a elaboração de um comunicado oficial à imprensa, muito antes de eles mesmos decidirem quando iriam. O pessoal de relações públicas do Maharishi estava muito interessado nisso tudo.

Um oficial indiano chegou à Inglaterra, enviado pelo governo de seu país, e foi para a NEMS, dizendo que havia organizado para os Beatles visitas a seis estados indianos e um encontro com a Sra. Gandhi, primeira-ministra da Índia. Os Beatles nunca quiseram receber qualquer tipo de atenção por causa de sua religião ou por qualquer outra coisa, embora ninguém nunca vá acreditar nisso.

Sempre houve um certo tipo de pessoa, muitas vezes até mesmo dos governos, que tentou tirar vantagem da presença ou do interesse dos Beatles. O mesmo tipo de coisa aconteceu com a Grécia, mais ou menos na mesma época, em 1967. Eles estavam pensando em comprar uma ilha grega. Eles a haviam visto durante um cruzeiro de férias e tinham até separado o dinheiro para comprá-la. Isso era muito difícil naquele momento por conta das restrições de circulação de dinheiro, mas o Tesouro concedeu uma dispensa especial para ajudá-los a tirar o dinheiro do país.

Foi acordado que, como eles haviam trazido tantos milhões para o país, deviam ser autorizados a comprar uma ilha como refúgio. O valor foi acordado e eles não se preocupavam com o regime militar que acabara de assumir a Grécia. Em uma viagem, um oficial perguntou se eles poderiam fazer a gentileza de visitar um pequeno e muito calmo vilarejo. Quando eles chegaram lá, encontraram hordas de jornalistas. Aquilo havia sido organizado pelo ministério do Turismo para usar os Beatles como propaganda. Eles decidiram esquecer a Grécia.

Pode parecer absurdo os governos desejarem cortejar quatro integrantes de uma banda *beat*. Muitos disseram que o governo trabalhista fez isso também, dando-lhes um MBE. Mas isso sempre aconteceu, desde o início, quando pessoas tentavam levá-los a festas na embaixada em visitas de Estado. A maioria dos governos vê os Beatles como uma forma de se manter em contato com os jovens eleitores.

Mas todas as jogadas e manobras que aconteceram em volta do Maharishi não os desanimaram. A maior parte não tinha nada a ver com o próprio Maharishi de qualquer maneira, embora seu entusiasmo natural em espalhar seus ensinamentos tivesse feito com que ele fosse convencido por seus assessores de imprensa a fazer muitas coisas. Mas os Beatles queriam ajudar, se fosse possível. George e John até participaram do programa de televisão de David Frost, a primeira vez em dois anos que concordaram em dar uma entrevista para um programa de televisão.

George e John passaram dois meses na Índia, estudando com Maharishi, na primavera de 1968. Paul passou um mês. Ringo aguentou ficar dez dias. Ele ficou com saudades de casa, embora, como os outros, ele tenha levado consigo um carregamento de *baked beans*.* Mas todos eles consideraram sua estadia espiritualmente gratificante.

Apesar de tudo, o ano de 1967, o ano do LSD e do Maharishi, acabou por ser o ano mais criativo deles até aquele momento. Nos primeiros seis meses, eles gravaram mais músicas novas do que nos primeiros seis meses de 1963 (16 ao todo). Isso equivalia a tudo que haviam feito durante o ano de 1966 *inteiro*, o que mostra o quanto eles ganharam ao desistirem de sair em turnê.

Mais tarde, em novembro de 1967, eles gravaram outro single, "Hello, Goodbye", e, em seguida, o *Magical Mystery Tour*, em dezembro. Trata-se de seu filme em cores de uma hora para a TV. Eles passaram mais tempo fazendo o filme do que as músicas para ele.

Eles não haviam feito nada para o filme entre abril – quando tiveram a ideia e gravaram a canção título – e setembro, quando começaram a filmar. Eles partiram para Devon em um ônibus com 43 pessoas a bordo, nenhuma das quais, incluindo os Beatles, sabia exatamente o que iria acontecer. Não havia roteiro.

Ao todo, filmaram por duas semanas. Eles esperavam filmar durante uma semana nos estúdios de Shepperton, depois de Devon, acreditando que podiam simplesmente aparecer por lá. Em vez disso, tiveram que usar um campo de pouso em Kent.

A maior parte do trabalho foi feita na fase de edição, que durou 11 semanas no total, 11 vezes mais longa do que eles esperavam. Paul, assim como na filmagem, era quem tinha mais inspiração e dirigiu cada minuto da edição, junto com o editor. Os outros estavam lá na maior parte do tempo, geralmente cantando com algum cantor de rua bêbado que havia entrado na ilha de edição.

Eles ignoraram todas as regras e convenções para fazer esse filme. Apenas foram em frente, despreocupados com sua falta de conhecimento e experiência em cinema. Era um meio completamente novo para eles, mas, acima de tudo, pela primeira vez, eles estavam fazendo algo por conta própria, sem Brian Epstein gerenciando as coisas ou George Martin para passar sua sabedoria adquirida.

O filme foi ao ar na época do Natal de 1967, na Grã-Bretanha, na BBC, e foi visto na maioria dos países da Europa, América do Sul, Austrália e Japão. A falta de enredo e de direção experiente eram aparentes, e o filme foi violentamente criticado pela maioria dos críticos de TV britânicos. O *Daily Express* o chamou de "lixo flagrante" e "bobagem de mau gosto". A publicidade prévia havia feito com que a maioria das pessoas esquecesse que se tratava de um filme experimental, e elas provavelmente criaram grandes expectativas. Foi a primeira vez que os Beatles foram criticados em cinco anos. A maioria dos críticos tirou proveito da situação.

Muito antes de ir ao ar, os Beatles já haviam praticamente esquecido do filme, tendo aprendido a lição, embora Paul talvez ainda tivesse esperança de que as pessoas gostassem dele. Mas eles ganharam experiência o suficiente para fazer com que se sentissem confiantes para tentarem fazer um outro longa-metragem.

Tirando o filme para a televisão, foi um bom ano. O *Sergeant Pepper*, particularmente, foi encarado como a maior evolução deles até então. O crítico de música do *The Times*, William Mann, gastou 75 centímetros de texto para dizer que o álbum era mais genuinamente criativo do que qualquer outra coisa da música pop.

O ano começou com eles individualmente à procura de algo e terminou com eles como um grupo mais uma vez, embora sem um empresário. Mas eles encontraram o Maharishi e, como indivíduos, haviam começado, finalmente, a colocar suas próprias mentes, casas e empresas em algum tipo de ordem. O que nos traz, mais ou menos, para onde eles estão hoje, em 1968.

Nota

* Feijão branco ao molho de tomate doce, prato tradicional no Reino Unido. (*N. da T.*)

Parte Três:

1968

28

Amigos e pais

Não há placas azuis na frente dos locais de nascimento dos Beatles em Liverpool hoje em dia, apesar de todas as suas antigas casas receberem milhares de fãs que fazem peregrinações todo ano para ver onde eles nasceram. Apenas os pais de um dos Beatles ainda moram em Liverpool, mas a cidade ainda tem um ex-Beatle: Pete Best.

Pete Best é casado e tem dois filhos. Mora em Liverpool com seus sogros e trabalha fatiando pão em uma padaria por 18 libras por semana. Ele tocou com outras bandas depois que saiu dos Beatles, mas em 1965 desistiu definitivamente do show business. Ele não fez nada por um ano, se recusando a ver pessoas e quase se tornando recluso. Também recusou grandes quantias de dinheiro pela história da sua vida. Suas memórias de Hamburgo, especialmente aquelas relacionadas a garotas, bebidas e drogas, teriam sido muito lucrativas.

"O que eu teria ganhado com isso, além de dinheiro? Ia parecer rancor. Queria tentar levar uma vida própria, mas isso demorou bastante tempo.

"O que eu mais temia era a crueldade das pessoas. Quando encontrava com alguém, sabia o que elas iam dizer ou pensar: eu era o cara que não era bom. Era o tipo de pensamento que me colocava para baixo. As pessoas eram grosseiras e diziam coisas horríveis para mim."

Ele perdeu um pouco de ânimo e parece cansado, jogado em frente à televisão na casa da sua mãe. Ele finalmente usa o penteado dos Beatles, mas ainda veste jaqueta de couro e jeans, como todos em seus dias de Hamburgo. A Sra. Best desistiu completamente de trabalhar no show business, mas ainda é tão opinativa quanto antes. E ainda sustenta que os Beatles demitiram seu filho porque tinham inveja dele.

Pete diz que sempre soube que eles eram bons e que, obviamente, iriam ser bem-sucedidos. "Isso é que foi muito decepcionante: saber o que eu ia perder. Me arrependi de tudo no começo. Quando eles me apunhalaram pelas costas, desejei nunca tê-los conhecido. Eu teria

tido um trabalho comum, talvez como professor, e nunca teria passado por toda aquela ansiedade.

"Mas agora não me sinto mais assim, estou contente de verdade. Tenho muitas memórias felizes, me diverti muito, sou grato a eles. Então, o Dia do Julgamento chegou."

Em Hamburgo, as boates ainda estão cheias de bandas britânicas, mas Klaus não está mais lá. Ele se juntou a uma dessas bandas, Manfred Mann. Sua fascinação pelos Beatles o levou a segui-los de volta para a Inglaterra e entrar para uma banda, mesmo que não soubesse tocar qualquer instrumento musical, à exceção do piano. Ele ainda é muito amigo deles e George inclusive compôs uma de suas músicas na casa de Klaus. Klaus também desenha um pouco – ele fez a capa do *Revolver*.

Astrid ainda está em Hamburgo, mas não é mais fotógrafa. Ela diz que ficou enojada com a imprensa e recusou todas as ofertas que fizeram por suas memórias dos Beatles.

Seu último trabalho foi como garçonete em uma das pequenas e estranhas casas noturnas de Hamburgo. Ela é casada com Gibson Kemp, um ex-integrante de banda *beat* nascido em Liverpool que, em um certo momento, tocou em um trio com Klaus. Astrid ainda mantém praticamente todo o quarto de Stu como era antes. É muito escuro e assustador, e ainda encontramos ali velas acesas.

Fred Lennon não teve nenhum contato com John, ou nem mesmo se preocupou em vê-lo ou saber dele, de 1945, quando John tinha 5 anos, até 1964. Fred estava então lavando pratos em um hotel em Esher. "Um dia uma mulher que trabalhava como lava-pratos disse para mim: 'Se esse menino não é seu filho, Freddy, então não sei de quem é.' Ela disse que tinha um menino numa banda que tinha o mesmo sobrenome que o meu e a voz igual a minha, embora não cantasse tão bem quanto eu. Nunca havia ouvido falar deles."

John deve ter passado pelo hotel em que seu pai lavava pratos muitas vezes, sem jamais saber disso, indo e voltando de sua casa em Weybridge.

Quando Fred percebeu que aquele era o seu filho, ele imediatamente apareceu em todos os jornais, dando entrevistas. Fred diz, é claro, que não procurou os jornais, que tudo aquilo simplesmente aconteceu. Parece ter também simplesmente acontecido de a revista *Tit Bits* lhe pagar quarenta libras por sua história de vida e de ele ter gravado um disco. Ele diz que não ganhou dinheiro algum por essa gravação. "Até perdi dinheiro. Eles me fizeram tratar dos dentes, o que custou 109 libras. Ainda estou pagando, dez libras por mês."

Ele teve um encontro curto, de vinte minutos, com John, e depois foi posto para fora. Tentou vê-lo de novo, simplesmente aparecendo na casa de John um dia, mas a porta foi batida em sua cara. Ele é surpreendentemente pequeno, mas quase elegante. Tem cabelos espessos, com as laterais penteadas para trás, como um antigo ator de teatro. Com 55 anos, é muito alegre e tem uma aparência jovial. "Ainda consigo conquistar garotas, sabe... Se elas me acham

fantástico, eu devo ser OK. Sei que John tem horror de envelhecer, mas diga isso para ele por mim: eu sou mais novo do que ele."

Ele tem observado o progresso de John atentamente. "Ele só me decepcionou duas vezes. Uma vez por ter aceitado o MBE, que eu não teria aceitado, pois a realeza não pode me comprar. A outra vez foi quando ele não falou durante o almoço literário da Foyles. Eu definitivamente teria feito um discurso e cantado uma música."

Desde 1964, ele disse que sua ambição era conhecer John de verdade. "Só para deixá-lo ver que tipo de cara eu *realmente* sou." E diria não para qualquer tipo de ajuda. "Se por acaso John oferecesse."

Quando John ficou sabendo que Fred Lennon tinha muitas memórias de Julia e de sua infância, a grande reconciliação aconteceu. Eles se encontraram e se tornaram amigos, para a alegria de Fred. Desde o início de 1968, ele não lava mais pratos, e agora mora em um elegante apartamento, subsidiado por John.

Mimi mora hoje em um bangalô de luxo perto de Bournemouth com seu gato Tim, um gato de rua que John trouxe para casa há muitos anos. A casa é muito branca e ensolarada, em uma localização maravilhosa, ao lado do mar. Ao fim do jardim, pequenos degraus levam ao mar. A propriedade custou 25 mil libras.

A parte da frente e a parte de trás da casa são completamente indevassáveis. Apenas durante o verão, quando barcos atravessam de um lado para o outro da baía de Poole, ela pode ser de alguma forma perturbada. Quando eles passam pela casa, ela consegue ouvir o megafone a bordo anunciar: "E esta, com as cortinas listradas, é a casa de John Lennon. Aquela sentada ali é a Mimi." A primeira vez que ela ouviu aquilo, ficou tão furiosa que correu até a parte inferior do jardim, parou na escada que leva ao mar e gritou: "Cala a boca!" Todo mundo no barco apenas riu.

Fora isso, sua vida é relativamente tranquila. Algumas lâmpadas da parte da frente da casa foram roubadas por fãs. De vez em quando, ela os vê tirando fotos dela e da casa, mas nada de mais. Ela diz que mantém em segredo seu número de telefone e endereço.

A maioria dos móveis é reprodução de antiguidades. Tudo parece muito novo, mas a maior parte foi trazida de sua antiga casa em Liverpool. Ela tinha algumas coisas boas lá, segundo diz. Quando um repórter veio vê-la uma vez, em sua antiga casa em Liverpool, ele olhou em volta e comentou o quão bons os móveis eram – "como John era bondoso de ter comprado tudo aquilo para ela..." Ela o pôs para fora imediatamente.

Há muitos livros pela casa, principalmente clássicos e biografias. Ela acabou de ler *Max*, de lorde David Cecil. Ela não liga para romances.

Sobre sua televisão fica a medalha de MBE de John, embora ela se preocupe um pouco que algumas pessoas possam pensar que isso é uma pequena afronta à realeza. John apareceu um dia e colocou a medalha nela, lhe dizendo que ela merecia mais do que ele.

No corredor e nas paredes dos quartos ela expõe alguns dos discos de ouro dos Beatles, embora não tantos quanto os que vemos nas casas dos outros pais. Ela tem ainda uma grande placa, um presente de John, na qual está gravada a frase que disse para ele em quase todos os dias de sua adolescência: "O violão é um bom hobby, John, mas você nunca vai ganhar dinheiro com isso."

Ela não tinha um grande desejo de deixar sua casa em Liverpool. "Estava muito feliz, era uma casa muito confortável. Gastei centenas de libras nela, mas John me atormentou por dois anos, e então ele disse: 'OK, fique aí'."

"Depois, ele começou a falar sobre isso de novo, quando os outros pais começaram a se mudar para suas novas casas. 'Seu grande bobo', eu disse para ele, 'não há necessidade nenhuma de me tirar da sarjeta'.

"Estava hospedada na casa dele, em Londres, depois da pré-estreia de seu primeiro filme. Ele desceu para tomar café da manhã e disse: 'OK, vou achar uma casa para você. Para onde você quer se mudar?'

"Eu disse 'Bournemouth' só para dizer alguma coisa. Ele pegou o telefone e ligou para Anthony, seu motorista, e falou para ele pegar uns mapas de Bournemouth, que nós iríamos para lá naquele momento.

"'Bom, é um bom passeio', pensei. Fomos até lá e pegamos uma lista de casas com a Rumsey's. Demos muitas voltas, mas eu queria uma casa perto do mar e não havia nenhuma disponível. Então, pensei que era isso, podíamos ir para casa agora. Então o homem da imobiliária se lembrou de uma casa que havia acabado de ser posta à venda.

"As pessoas ainda estavam morando nela e eu não queria entrar, especialmente por causa da forma como John estava vestido. Ele estava com um jeans velho, todo rasgado, e uma jaqueta de camurça que eu havia comprado para ele há muitos anos e que estava pequena demais. Ele também estava usando uma boina de iatismo ridícula.

"Disse que não devíamos ir, simplesmente aparecer na casa deles assim. John me disse que era apenas uma reles casa burguesa e que, se eu não tomasse cuidado, ficaria com uma cabeça igual.

"Ele entrou na casa e disse: 'Como vão? Vocês se importam se eu der uma olhada em volta?' O homem e sua esposa ficaram boquiabertos, olhando para ele. John disse: 'Você gosta, Mimi? Se você não gostar, eu vou ficar com ela.' Então ele ligou para o seu contador e comprou a casa."

Mimi se mudou em outubro de 1965. Ela vendeu sua antiga casa em Liverpool por 6 mil libras, um bom preço, embora, como ela mesma diz, fosse uma boa casa em uma boa área.

A casa de Bournemouth ainda está no nome de John, mas pertence à Mimi enquanto ela quiser morar lá. Ele paga todas as contas e disse para ela simplesmente gastar as 6 mil libras, mas ela disse para ele não ser tão idiota.

"É ótimo aqui. Sempre pensei vagamente em me mudar para o litoral sul quando George se aposentasse. Não senti frio desde que cheguei. Saí para beber com algumas pessoas, mas só isso. Nunca fui de fazer muitos amigos fora da família. Eu leio e caminho bastante; os dias são muito curtos, na verdade."

Todos os pais dos Beatles tiveram suas vidas materiais completamente alteradas por seus filhos, e todos eles reagiram às mudanças de formas ligeiramente diferentes. Mas Mimi e John são provavelmente os únicos cujo relacionamento não mudou de fato. Ela, em muitos aspectos, ainda trata John como sempre tratou, enquanto que, no caso dos outros, há uma pitada de culto ao herói, quase uma reverência. Mimi ainda critica as roupas de John e sua aparência, assim como fazia quando ele era adolescente. Ela diz para ele quando ele está parecendo mais gordo e o aconselha a não gastar muito. "Ele é muito frouxo com dinheiro, é muito bobo, generoso demais. Sempre digo isso para ele." Os outros pais nunca expressam qualquer crítica com relação aos seus filhos.

Mimi não gosta da forma como John fala. Ela diz que ele não fala direito, que nunca termina as frases. "E ele só piora. Frequentemente não consigo entender o que ele diz. Sua mente pula de galho em galho."

Ela não o vê muito regularmente, mas ele sempre escreve cartas engraçadas para ela quando está fora do país, com pequenos desenhos nos envelopes feitos especialmente para ela. Ela guarda tudo cuidadosamente em seu escritório. Quando John a visita, ele fuça todos os seus pertences, apenas para ver o que ela tem feito enquanto ele esteve fora. Ela ainda tem os livros que ele escrevia quando era criança e os lê de vez em quando.

"É a mesma coisa que ele publicou, apenas uns rabiscos. É como eu chamo aquilo que ele tem feito há anos. Acho que o primeiro livro era melhor, mas ainda dou gargalhada com alguns de seus poemas."

Seu modo de vida não é muito diferente, apesar de todo o luxo de sua residência. Ela diz que abriria mão de tudo, de sua casa e de todo o sucesso deles, apenas para ter John como seu pequeno menino novamente.

"Eu abriria mão de 2 milhões de libras para voltar no tempo. É muito egoísta, eu sei. Sempre penso nele como um pequeno menino. Sei que é estúpido, mas nada poderia compensar a felicidade que ele me deu quando era menino."

Ela obviamente gostaria de vê-lo muito mais, mas nunca, de forma alguma, deixaria isso transparecer ou se prenderia a ele. "Não é culpa dele que eu seja viúva. Não há nada pior para um menino do que sentir que alguém está preso a ele. Ele tem sua própria esposa e família para se preocupar. Ele sabe que estou aqui e vem me ver tanto quanto pode. Ele ficou sentado no

telhado por quatro dias no verão. Ficava correndo para cima e para baixo levando bebidas para ele. Ele nunca demonstra muita emoção e tem dificuldade em pedir desculpas.

"Mas certa noite ele me disse que, mesmo que ele não venha me ver todo dia, ou todo mês, todo dia pensa em mim em algum momento, não importa onde esteja. Isso significou muito para mim."

O dia mais feliz da vida de Jim McCartney, segundo ele mesmo, aconteceu em 1964, quando Paul disse para ele parar de trabalhar. Ao contrário de alguns dos outros pais, ele não precisou que Paul dissesse aquilo duas vezes. Ele tinha 62 anos na época, e faltavam três anos para se aposentar. Ele trabalhava para a mesma empresa de algodão desde os 14 anos, tempo que lhe parecia mais do que suficiente. Seu salário, apesar de todos os anos na empresa e de sua experiência, era de apenas dez libras por semana. A recessão no comércio de algodão havia tornado seus últimos anos muito desconfortáveis. Durante anos, ele teve medo de ser trocado por um funcionário mais jovem.

Paul achou uma casa para ele em Wirral, Cheshire, que custou 8.750 libras. Cerca de um ano depois, Jim encontrou uma nova esposa, depois de quase dez anos viúvo.

Ele havia se encontrado com Angela apenas três vezes quando lhe pediu em casamento. Ela era viúva, vários anos mais nova do que ele, com uma filha, Ruth, de 5 anos. Ela estava morando em um quarto em Kirby desde o falecimento de seu marido em um acidente de carro. "Nós éramos duas pessoas solitárias."

Eles são claramente muito felizes. Ele adora Ruth, uma jovem muito inteligente, que considera as meninas de sua escola, que tentam conversar com ela por causa de seu meio-irmão famoso, realmente bastante tolas. Angie é muito saltitante, espirituosa e alto-astral. Ela administra a grande casa com muita eficiência e dirige o carro de Jim, já que ele não sabe dirigir. Ela lhe deu uma segunda juventude: ele agora usa roupas da moda, suéteres apertados com gola polo e calças bem afuniladas, do tipo que costumava fazê-lo gritar com Paul há não muito tempo.

Michael, irmão de Paul, ainda mora com Jim.

"Acabei de levar para o Mike um colchão inflável e três folhas de papel carbono", diz Angie.

"Isso foi muito salutar de sua parte", diz Jim.

"Ele agora quer mais sacos de dois quilos de farinha. Ele está jogando a farinha em uma tábua de pão e gravando o som em uma fita. Um ótimo quarto, mas que bagunça... O que você acha que ele está tentando fazer?"

"Gravar o som de sacos de dois quilos de farinha caindo sobre uma tábua de pão", diz Jim.

Outras 8 mil libras foram gastas na casa, depois que Paul a comprou, colocando aquecimento central, mobiliando-a e decorando-a. A casa tem uma grande área ao ar livre, com vista na parte de trás, em direção ao estuário de Dee. Apesar de todas as instalações serem novas, ela é aconchegante e tem a atmosfera de uma casa habitada há muito tempo. Eles não têm medo de desfrutar de todo o luxo novo.

"Sinto saudades de Liverpool e de alguns velhos amigos, mas não muita. Estava ficando um pouco farto das pessoas falando: 'Você deve estar muito orgulhoso, como é ter um filho famoso?' Era tudo que eles me perguntavam, repetidas vezes. Eu me afastei de pessoas assim. Mas sempre ligo para os amigos próximos e parentes os convidando para virem aqui."

Jim ficou bastante íntimo de seu médico – e até o chama pelo apelido, Pip. Não de uma forma afetada, falsa, mas de modo perfeitamente natural. Ele pega o uísque no minuto em que Pip chega para visitar. Tem dois jardineiros trabalhando em meio período, mas cuida pessoalmente das videiras na grande estufa. Ele produz seu próprio vinho e sempre tem uma abundante oferta de bebidas em casa. Ele pega livros da biblioteca sobre ornitologia e sabe precisamente quais aves vivem em seu jardim. Também é especialista em esquilos.

Tirando seu sutil sotaque de Liverpool, quem vê sua vida, suas roupas e seus prazeres, não consegue imaginar que ele tenha passado mais de quarenta anos em quartos ou casas populares, ganhando menos de dez libras por semana. Mais ainda: quando você o vê em um hipódromo, é então que ele parece um verdadeiro *bon vivant*.

Ter largado o trabalho, ganhado uma casa nova e, mais do que tudo, ter se casado de novo, o fez muito feliz. No entanto, uma outra grande alegria aconteceu no seu aniversário de 62 anos. Foi na mesma noite da pré-estreia do primeiro filme dos Beatles, em 6 de julho de 1964.

"Fomos todos para o Dorchester depois, e a princesa Margaret estava lá. Vi Paul fazendo um sinal para alguém e recebendo um pacote. Ele me entregou o pacote e disse: 'Aqui, tudo de bom, pai.'

"Abri o embrulho e era uma foto de um cavalo. Eu disse 'Muito legal', mas estava pensando: 'O que diabos eu quero com a foto de um cavalo?'

"Paul deve ter visto a minha cara. Ele disse: 'Não é só uma foto, eu comprei o maldito cavalo. Ele é seu e vai correr em Chester no sábado.'"

O cavalo, chamado Drake's Drum, um capão bem conhecido, custou 1.050 libras. Paul também paga pelos custos de treinamento do animal, que chegam a cerca de sessenta libras por mês. Na temporada de 1966, ele ganhou mais de 3 mil libras em prêmios em dinheiro, incluindo uma corrida de mil libras em Newbury e a corrida antes do Grand National em Aintree.

Jim tem tudo que pode querer agora. Assim como todos os pais dos Beatles, tem uma conta da qual pode retirar quanto quiser. Ele não faz grandes ostentações, mas parece gostar da nova vida, desfrutando-a mais do que os outros.

"A mudança foi um pouco repentina, acontecendo daquele jeito quando eu tinha 62 anos. Levou um tempo para eu me acostumar. Agora estou adaptado como um pato na água. Não comecei a usar um sotaque de grã-fino, mas estou desfrutando tudo. É como se eu sempre estivesse acostumado a isso."

Michael McCartney, irmão de Paul, demorou mais tempo para se acostumar com todas as mudanças impostas em sua vida. Paul sempre foi muito próximo de seu irmão, tanto em idade quanto nos gostos, mais do que George era de seus irmãos, o que tornou as coisas piores para Michael. "Acho que não pude evitar ser afetado pelo nosso garoto. Ele sempre teve sucesso. Ele foi o primeiro filho, o mais bonito, aquele que conseguia todas as garotas, e depois toda a fama."

Há alguns anos, as pessoas em Liverpool pedem seu autógrafo por ele ser irmão de Paul. Ele obstinadamente assina 'Michael McGear', para a decepção de muitos. Normalmente, nega qualquer tipo de parentesco: "Não, querida, gostaria de ser irmão dele. Estaria cheio de dinheiro, né?"

Ele agora está fazendo com que Michael McGear seja bem mais conhecido, embora isso tenha levado muito tempo e grandes períodos de desemprego. Ele se tornou Michael McGear quando entrou para a banda Scaffold, em 1962. Eles começaram bem, com uma série de TV de 27 semanas, mas depois nada de mais aconteceu, além de alguns shows em teatros locais, até 1967, quando o disco deles (*Thank U Very Much*) chegou ao Top Dez. Isso levou a outros shows e discos. Ele é um bom cantor e sabe compor, mas sempre tentou se distanciar disso, preferindo tentar algo diferente.

"Não quero ser famoso, só quero ser bem-sucedido no meu trabalho, desde que seja por causa do meu talento. O que me preocupava era ser como o irmão do Sean Connery ou o irmão do Tommy Steele, que apenas tentaram seguir os passos dos irmãos deles."

Os Harrison agora moram no subúrbio de Warrington. Eles se mudaram de Liverpool em 1965, quando o Sr. Harrison deixou de ser motorista de ônibus. Warrington não é o tipo de lugar para o qual as pessoas de Liverpool se mudam quando se dão bem. Elas preferem se mudar para o outro lado do rio, para a parte elegante de Cheshire, assim como Jim McCartney fez. Warrington fica a 24 quilômetros de Liverpool, e mais ou menos à mesma distância de Manchester, uma das infinitas cidades industriais de Lancashire, em que, mesmo no dia mais ensolarado, a cor predominante é sempre o cinza.

Os Harrison, no entanto, não moram exatamente em Warrington, mas em um vilarejo chamado Appleton, a aproximadamente cinco quilômetros de distância. Sua casa é um oásis

rural esquecido, completamente cercado por campos, sem nenhuma outra casa por perto. De todas as casas dos pais, a dos Harrison é a mais isolada e a mais difícil de achar.

É um grande bangalô em forma de L, com um jardim de três hectares, que até recentemente era o campo de um fazendeiro. Um jardineiro trabalha dois dias por semana para colocá-lo em ordem. Eles chamam a casa de bangalô, mas ela tem um quarto no segundo andar. Eles o chamam de quarto, mas se trata, de fato, de um cômodo de dez metros de comprimento, que se estende pelo comprimento total da casa. Eles o usam para festas ou sessões de cinema.

George pagou 10 mil libras pela casa. Com todas as reformas e melhorias, como uma nova escada e um pátio interno, ela deve chegar a valer 20 mil hoje. A mesma casa em Bournemouth, perto de Mimi, provavelmente valeria 40 mil.

Dentro, ela está cheia de móveis novos e modernos, tapetes de pelo alto e bugigangas coloridas do mundo todo. A maioria desses presentes de vários lugares do mundo foi dada a eles não por seu filho, como na casa dos outros pais, mas pessoalmente por fãs. Ao contrário das outras casas, você não fica deslumbrado com o número de discos de ouro com inscrições em homenagem aos Beatles. Aqui, as paredes estão cobertas por placas com inscrições destinadas a Harold e Louise Harrison.

Em uma parede encontra-se uma enorme placa de ouro com a inscrição: "Dedicada a Harold e Louise Harrison pelo tempo e esforço que eles demonstraram para com os adoradores dos Beatles de todos os lugares. Fãs Unidos dos Beatles. Pomona, Califórnia, 1965."

Os outros pais acham que a Sra. Harrison deve ser um pouco tola, ou pelo menos não conseguem entender por que ela passa tanto tempo sendo gentil com os fãs. A Sra. Harrison simplesmente é fanática por eles. Ela é fã dos fãs.

Ela passa todos os minutos livres do dia respondendo às cartas de fãs. Na maioria das noites, ela fica acordada até as duas horas escrevendo sem parar. Ela escreve pessoalmente duzentas cartas por semana. Não são apenas bilhetes, mas cartas de verdade, de mais ou menos duas páginas cada. Isso além de assinar e enviar fotografias. Seu gasto com selos é enorme.

"Sempre respondi pessoalmente a todas as cartas, exceto às de pessoas ranzinzas. Se for em uma língua estrangeira, tipo espanhol, digamos, eu leio a carta toda cuidadosamente e pego palavras como 'admiro'. Então consigo entender mais ou menos o que está escrito, e mando uma foto autografada." A Sra. Harrison vai até a sede do fã-clube em Liverpool todo mês pegar um novo lote de fotografias. Eles imprimem umas duas mil por mês.

"Desde o início recebi cartas encantadoras das fãs e, mais frequentemente, das mães das fãs. 'Querida Sra. Harrison, você nunca vai saber o quanto a sua carta significou para mim. Depois de anos escrevendo para endereços de fã-clubes falsos sem nunca receber uma resposta, uma carta escrita pela mãe de George! Minha filha explodiu de emoção.' Então, você vê, eu simplesmente tenho que continuar a escrever.

"É claro que em certo momento era fisicamente impossível responder a todas as cartas. Em 1963 e 1964, estávamos recebendo 450 cartas por dia do mundo todo. No aniversário de 21 anos de George, recebemos 30 mil cartões e dezenas de fãs gritando. Eles tiveram que colocar um policial do lado de fora da nossa casa. Ele não conseguia acreditar que os jovens estavam beijando a maçaneta. 'Você tem que aguentar isso o tempo todo?', perguntou o policial. 'Eu enlouqueceria.' Durante anos os correios sempre mandavam uma van especial para fazer a entrega da nossa correspondência, mas agora as coisas acalmaram. Consigo lidar com duzentas cartas por semana, se eu não vacilar."

Os fãs com quem ela se correspondeu têm o hábito de aparecer em sua casa de repente. Ela tinha acabado de receber uma família americana, que tinha vindo para a Inglaterra especialmente para vê-la. "Eles estavam passando duas semanas viajando pela Europa e pela Cidade Santa. Eles não iam passar pela Grã-Bretanha, mas decidiram voar de Paris para Manchester, depois pegaram um táxi de Manchester até aqui apenas para nos ver. Ainda bem que estávamos em casa."

A Sra. Harrison sempre foi uma ávida redatora de cartas, bem antes de George se tornar um Beatle. Ela tem duas amigas com quem se correspondeu por mais de trinta anos. Ela entrou em contato com elas através da publicação *Woman's Companion*. Uma mora em Barnsley e a outra na Austrália. Com essas duas amigas por correspondência, ela dividiu todas as fofocas da família desde 1936. Quando os Beatles foram para a Austrália, fotos de George ainda menino começaram a aparecer na imprensa local. Ninguém conseguia descobrir de onde vieram. O próprio George nunca as tinha visto. Foi a amiga por correspondência da Sra. Harrison que desenterrou as fotos que havia recebido há muitos anos.

"As pessoas sempre acham que nós devemos agir de forma diferente agora por causa de George. Fomos para o casamento de uma fã outro dia e as pessoas disseram: 'Como vocês conseguem se divertir como pessoas comuns?' Elas esperam que a gente use pele de marta o tempo todo.

"Elas *querem* que você seja diferente, não sei por quê. Quando Harry ainda trabalhava, as pessoas sempre diziam para ele: 'Não me diga que *você* ainda está trabalhando.' Agora que ele não está mais, elas têm certeza de que nós mudamos. Você não consegue ganhar nunca."

O Sr. Harrison parou de trabalhar em 1965, depois de 31 anos nos ônibus. "Estava dirigindo o grande 500. Esse é o ônibus com limite de paradas que atravessa Liverpool, é muito rápido e útil para quando você não pode ficar parado no trânsito. 'Quanto você está ganhando para dirigir o 500?', George me perguntou um dia. 'Dez libras e dois xelins', eu disse. Ele perguntou se era por dia. Eu disse: 'Não, por semana'. Ele retrucou: 'Que maldição, eu te dou três vezes isso para você não fazer nada. Assim você vai ficar acabado'."

Todo verão ambos abrem festas de jardim por todo o país, em geral em igrejas católicas romanas. A Sra. Harrison não vai muito à igreja, mas nasceu católica e acha que deve ajudá-los

como pode.

"Já fomos até Salisbury, no sul. Qual era aquele lugar no norte de Londres, Harry? Ah, porcaria, esqueci. Harpenden, esse era o nome. Eles anunciaram no jornal local que nós íamos abrir a festa deles. Eles normalmente fazem isso.

"Nós julgamos concursos de beleza também. Fizemos isso para ajudar deficientes, cegos, assim como para igrejas. Não me importo para o que seja, na verdade.

"Normalmente falo no meu discurso inicial que estou muito feliz em poder ajudá-los, digo como George e os meninos gostariam de ser lembrados por eles e que mandam votos de felicidade. Então nós somos muito abordados quando passamos pelas barracas. Gostamos disso. Bom, qualquer coisa para ajudar."

O verdadeiro pai de Ringo, que também se chama Ritchie Starkey, viu o filho muito pouco desde que se separou de sua mãe, quando Ringo tinha 5 anos de idade.

Até onde Ringo se lembra, depois de sua primeira infância, ele viu seu pai apenas uma vez. Isso aconteceu em 1962, antes de ele se juntar aos Beatles, quando ainda estava tocando com a banda do Rory Storm.

"Ele estava na casa dos Starkey um dia quando fui visitá-los", diz Ringo. "Não era mais tão criança naquela época e não senti nada contra ele. Ele me disse: 'Vejo que você tem um carro.' Havia acabado de comprar o Zodiac. Eu respondi: 'Você quer ir lá fora dar uma olhada nele?' Ele disse que sim. Então fomos para o lado de fora e olhamos o meu carro. E foi só isso. Não o vi desde então, nem tive nenhum contato com ele."

Seu pai, mais tarde, se mudou de Liverpool. Ele agora vive em Crewe, onde trabalha como confeiteiro em uma padaria. Também tem um emprego de meio período como limpador de janelas. Ele se casou novamente, mas não teve mais filhos. Ringo é seu único filho, e os filhos de Ringo são seus únicos netos. Ele coleciona suas fotos, recortando-as de jornais toda vez que as publicam. Ele não sente nenhuma inveja do que seu filho fez, embora lamente que seu pai não esteja mais vivo, pois ele sempre gostou muito do pequeno Ritchie. As pessoas de sua família se referem a ele como Grande Ritchie e a Ringo como Pequeno Ritchie.

Desde que Ringo começou a ficar famoso, ele se manteve escondido dos jornais e do próprio Ringo, algo que é louvável. Nas ocasiões em que as pessoas notam seu nome e o perguntam se eles são parentes, ele diz que é um tio. No entanto, admite que gostaria de ver seu filho de novo. "Mas sou devagar, preciso de um chute no traseiro para fazer qualquer coisa." Ele fica chateado quando, vez por outra, Harry Graves, o padrasto de Ringo, aparece sem querer nos jornais simplesmente como 'o pai de Ringo'. Ele gostaria de corrigi-los, mas, por

outro lado, não quer que a imprensa descubra quem ele é e onde mora. Ele não tem nenhum interesse em se envolver na fama de Ringo.

Assim como Ringo, ele é quieto e humilde. Ele tem os mesmos traços que o filho, especialmente o nariz. E, assim como Ringo, odeia cebolas, algo que é estranho, considerando que eles não passaram a vida juntos.

Elsie, a mãe de Ringo, e seu padrasto, Harry Graves, agora moram em um bangalô de luxo em uma parte muito seleta de Woolton, em Liverpool. A casa custou 8 mil libras. Marie Maguire, a amiga de infância de Ringo de Dingle, ajudou seus pais a acharem o imóvel. Não fica muito longe da melhor parte de Woolton, onde os Epstein moravam. Elsie e Harry são os únicos dos pais que ainda moram em Liverpool.

O bangalô fica bem distante da rua, a quase um acre de distância, e é cercado por gramados verdejantes e roseiras. Fica no tipo de bairro chique de subúrbio onde todas as casas parecem desabitadas, como se fossem modelos de exposição, ao contrário de Dingle, onde você não consegue se mexer, com seres humanos pendurados para fora das janelas ou congregados na porta.

No interior, tudo é luxuosamente mobiliado, de bom gosto, com móveis no estilo G-plan, todos comprados por Ringo. Há três discos de ouro e dois de prata dos Beatles na parede, todos com molduras caras. Sobre a televisão está uma foto do casamento de Ritchie e Maureen, e outra das crianças.

"Olhando em retrospecto, acho que a maior emoção foi ir ao Palladium pela primeira vez, sentar na plateia e ouvir Londres inteira os aplaudindo", diz Elsie. "É claro que as duas pré-estreias dos filmes foram legais. E a recepção cívica em Liverpool. Todas essas ocasiões foram encantadoras. Tudo foi.

"Posso lhe afirmar: nada disso subiu à cabeça dele. Ele nunca mudou a sua vida. Maureen é muito sossegada, muito natural."

"Acho que prefiro a música do começo da carreira deles", diz Harry. "Aquela coisa rock and roll. Mas eles têm que mudar, não é mesmo? Você tem que mudar nessa indústria. Você tem que ouvir a música deles direito agora, mais de uma vez."

Os pais de Ringo foram os últimos a se mudarem para sua nova casa. "Sempre disse que nunca iria me mudar, gostava muito dos meus vizinhos em Dingle. Mesmo quando os meninos ficaram famosos, os vizinhos nunca agiram de modo diferente com a gente. Nunca nos sentimos deslocados. Mas os fãs se tornaram demais, não conseguia mais aguentá-los no final. Não é tão ruim agora, especialmente aqui.

"Ainda é muito difícil para os meninos, no entanto. Já vi Ritchie ficar sentado aqui até escurecer, porque tem medo de sair quando está claro. Não é terrível? Mas você não pode ter tudo, pode?

"Achei que fosse ter mais privacidade aqui. Sempre odiei toda aquela atenção, os repórteres vindo me ver, as pessoas me pedindo para ir a certos lugares, inaugurar coisas. Aqui é realmente muito sossegado. Ninguém sabe o nosso número de telefone aqui."

Nenhum dos pais gosta de atenção. Nenhum deles jamais deu uma entrevista. Eles não gostariam de dizer nada que pudesse irritar seus filhos de qualquer forma. Elsie e Harry particularmente, mas Ringo tinha que ligar e dizer para sua mãe não falar toda hora o quão perfeito ela acha que ele é.

Enquanto os Harrison adoram ser simpáticos com os fãs, Jim McCartney adora todas as boas novas coisas em sua vida e Mimi adora seu mundo imaginário, onde John é ainda um pequeno menino, Elsie e Harry de certa forma ainda não se acostumaram com tudo aquilo. Eles quase não conseguem acreditar, e ainda pensam duas vezes antes de fazer qualquer coisa, embora se divirtam.

Harry largou o emprego de pintor e decorador na Liverpool Corporation em 1965, aos 51 anos. "Podia ter trabalhado por mais 14 anos se quisesse. A prefeitura era muito boa, eles tinham quase tanto orgulho dos meninos quanto eu. Eu tinha que aguentar as piadas, é claro: '*Você* não tem que entrar na fila para receber seu salário, tem?' Esse tipo de coisa.

"Ritchie estava em cima de mim há muito tempo, falando para eu me aposentar, mas eu não achava que devia. Então, um dia, um de seus amigos me viu no alto de uma escada de 15 metros, pintando uma casa popular, e ele me forçou a largar o trabalho.

"O tempo demora a passar um pouco. Eu reformei a casa e talvez faça isso de novo agora, ou chame alguém para fazer, agora que podemos pagar. Tive que me acostumar com esse novo tipo de vida. Mas acho que estou me ajustando agora. Sempre vou ter o jardim ou as pequenas tarefas dentro de casa."

À noite, eles assistem à televisão, jogam bingo ou vão para jantares dançantes. Jantares dançantes são algo novo para eles, e eles vão em muitos. Eles fizeram amizade com vários empresários da área, que os chamam para os bailes de suas empresas. Geralmente, alguém descobre quem eles são e eles têm que dar autógrafos. Harry até que gosta disso, mas Elsie não.

"Quando eu estava em Romford recentemente, visitando um parente, fui para um evento da escola de meu sobrinho", diz Harry. "Era tipo um show. Eles descobriram quem eu sou, você sabe como é, e acabei tendo que assinar trezentos autógrafos. Não consegui chegar a ver o show."

Harry sempre cantou um pouco, em pubs, geralmente imitando Billy Daniels. Desde os Beatles, ele sempre canta algumas das músicas da banda.

“Choveu por três dias na outra semana e nós ficamos aqui sentados, olhando a chuva cair. Só para ter o que fazer, decidi escrever umas músicas. Você quer vê-las? Aqui está uma: ‘Eles ficam sentados o dia inteiro, pensando sozinhos, esperando pelo toque do telefone’. Escrevi umas cinco músicas até agora e as mandei para Ritchie, na esperança de que ele coloque melodias nelas. É tudo de que eu preciso, uma boa melodia para elas. Mas ele as mandou de volta. Ele disse que ele só sabe tocar um instrumento, então não pode compor uma melodia. Bom, é algo para me manter ocupado, não é?

“É engraçado, depois de todos esses anos sem precisarmos nos preocupar com dinheiro, seguindo em frente, nós ainda compramos passagens de trem na segunda classe. O assento é tão bom quanto na primeira.

“Sentimos saudades de nossos antigos amigos, mas vamos visitá-los com frequência. Às vezes, vou até as construções da prefeitura, se estiverem no meu caminho. Vou ver os rapazes e eles todos berram para mim. Eu grito de volta: ‘É assim que se faz, rapazes. Mantenham o pincel firme!’.”

“É tudo muito louco, não é?”, diz Elsie. “Não há mais muito o que eles possam fazer. Eles fizeram tudo. Os últimos cinco anos foram como um conto de fadas. Mas ainda me preocupo com ele, com sua saúde, depois de tudo que ele passou. Eu sei que ele é um homem, com seus próprios filhos, mas ainda me preocupo.”

29

O império dos Beatles

Depois da morte de Brian Epstein, houve uma reorganização na NEMS Enterprises. Até então, eles ainda eram um negócio em expansão, como empresários, agentes e donos de teatro. Tinha que ser decidido então se a empresa continuaria a se expandir ou se pararia por aí e consolidariam o que tinham. Com a morte de Brian, embora ele não tivesse trabalhado muito no último ano, o cabeça da empresa não existia mais. Ele fora o principal olheiro de talentos. Ele havia criado tudo, afinal.

Sua mãe, a Sra. Queenie Epstein, herdou a maior parte de sua fortuna, enquanto seu irmão mais novo, Clive, assumiu o cargo de presidente. Ele sempre teve ações da NEMS Enterprises, desde os primeiros dias de Liverpool. Das 10 mil ações de uma libra da NEMS Enterprises, Brian tinha 7 mil, Clive 2 mil e os Beatles 250 cada.

Mas Clive havia continuado no negócio de televisão, trabalhando pouco na divisão de show business da NEMS. Ele tem a boa aparência de Brian e muitos de seus maneirismos – seu hábito de olhar para longe enquanto fala com você –, mas é extremamente loiro, enquanto Brian tinha cabelos escuros.

Ao contrário de Brian, ele sempre levou uma vida muito mais sossegada e menos desgastante, tanto profissional quanto pessoalmente. Ele gosta de passar o máximo de tempo possível com sua esposa e seus dois filhos.

Robert Stigwood deixou a empresa logo após Clive assumir, o que, de certa forma, resolveu a dúvida sobre a expansão empresarial. Stigwood fora trazido para fazer exatamente isso: usar seu talento para achar novas bandas e promovê-las. Ele deixou a empresa e levou consigo as bandas que havia trazido.

A NEMS Enterprises é hoje basicamente uma agência de talentos, cujo diretor executivo é Vic Lewis. Geoffrey Ellis, o antigo amigo de Brian, ainda está lá como um dos diretores. A maior parte dos interesses e do dinheiro dos Beatles agora passa pela Apple, e não pela NEMS.

A Apple é a empresa que eles mesmos fundaram e que controlam sozinhos. Ela foi criada, principalmente graças a Paul, antes de Brian morrer, mas eles a organizaram de fato em 1968.

Peter Brown, que era o amigo mais próximo de Brian e seu assistente pessoal, assumiu a maior parte dos assuntos pessoais dos Beatles, embora Clive Epstein tenha baixado a ordem de que os Beatles estavam livres para decidir todos os seus próprios negócios de agora em diante. Nem ele nem a NEMS tentariam tomar o lugar de Brian nesse aspecto. Isso é o que os Beatles fazem agora. Eles administram a si mesmos. Mas Peter é o seu elo com a NEMS e com o mundo exterior. Qualquer pessoa que os queira, se não for imediatamente descartada, tem que passar por Peter. Ele organiza e resolve tudo que eles queiram. Ele também possui um telefone que não está na lista telefônica, seu número exclusivo para tratar dos Beatles, que apenas eles sabem.

Tony Barrow ainda é o assessor de imprensa sênior deles, embora também seja o presidente de sua empresa de assessoria independente – a Tony Barrow International. Ele ainda escreve a coluna Disker para o *Liverpool Echo*. Também continua trabalhando bastante coordenando o fã-clube, cuja secretária ainda é Freda Kelly. A admissão custa seis libras e seis xelins, valor pelo qual os membros recebem um boletim regular e um presente de Natal. Sempre houve um disco de Natal especial, gravado pelos Beatles exclusivamente para o fã-clube. Eles geralmente fazem pequenos esquetes e cantam algumas músicas bregas, como faziam em seus tempos de Cavern. O número de sócios do fã-clube agora chega a mais de 40 mil. Em 1965, no seu auge, ele tinha o dobro. Há quarenta secretárias regionais, todas voluntárias, e quarenta filiais no exterior.

O fã-clube funciona no prejuízo, como sempre. O custo de enviar 40 mil boletins e pôsteres várias vezes por ano já consome a maior parte da renda das assinaturas. Em cima disso, há o custo de produzir conteúdo – a foto especial do *Sergeant Pepper* a cores que todos receberam custou setecentas libras – mais o salário de dois funcionários em tempo integral.

A *Beatles Monthly* faz um bom lucro. Ela é separada do fã-clube, embora a maioria dos membros a compre, e muitas outras pessoas também. A assinatura custa dois xelins por mês, e a venda na Grã-Bretanha chega a 80 mil exemplares. Nos Estados Unidos, ela é um suplemento da revista *Datebook*.

Ela é publicada desde agosto de 1963 e é a revista para fãs de mais longa duração na Grã-Bretanha. Não é produzida pela NEMS, mas por uma empresa chamada Beat Publications, que paga para ter essa exclusividade. Em vez de lucrar bastante com ela, a NEMS insiste que ela seja de alta qualidade, tendo, por exemplo, muitas imagens coloridas. É uma publicação excelente. As melhores fotografias dos Beatles aparecem nela, muito melhores do que as que são publicadas em qualquer jornal.

Muito poucas pessoas entraram para o círculo mágico dos Beatles. Profissionalmente, eles ainda estão associados com aquelas pessoas que lhes deram uma chance quando chegaram a Londres em 1962.

Fora da NEMS e da Apple, seu conselheiro e amigo mais importante é George Martin. Mas, em cinco anos, a posição deles quase que se inverteu. Em 1962, ele era um deus da Parlophone, o grande gerente de A&R, de quem tudo dependia. Hoje, eles não dependem de ninguém.

George Martin saiu da EMI em agosto de 1965, depois de 15 longos anos. Durante esse tempo, ele viu a Parlophone ser salva e os lucros da própria EMI subirem às alturas.

"Nunca ganhei dinheiro com o sucesso dos Beatles. Só recebi o meu salário da EMI, o que teria recebido de qualquer forma, como estava sob contrato. Nunca tive participação nos lucros astronômicos deles. Fico feliz com isso, pois assim pude sempre falar abertamente. Ninguém pode dizer que eu montei nas costas dos Beatles.

"Mas, na EMI, todo mundo sempre achou que eu *tinha* que estar lucrando com eles de alguma forma, através de uma das muitas empresas deles. E os Beatles sempre acharam que eu devia estar bem, porque a EMI devia estar cuidando de mim."

Durante o primeiro ano fenomenal da Beatlemania, em 1963, ele foi provavelmente a única pessoa ligada aos Beatles que não ganhou muito dinheiro com eles. Dick James, seu editor musical, certamente ganhou.

Em 1963, George Martin era responsável por mais discos que alcançaram o número um que qualquer outro produtor musical na história da música pop britânica, que, é verdade, não tem uma história muito longa. A maioria dos seus sucessos, durante as 37 semanas com discos em primeiro lugar, é dos Beatles. Mas ele também foi responsável pelos discos de sucesso de Cilla Black, Gerry and the Pacemakers, Billy J. Kramer, Matt Monro e outros.

Em 1964, seu salário subiu para 3 mil libras, mas isso fazia parte de seu contrato com a EMI, assinado antes de os Beatles surgirem. Ele começou a tentar negociar algum tipo de sistema de incentivo. "Achava que a pessoa fazendo todo o trabalho pesado deveria ter o direito a uma recompensa. Mas a EMI ficou muito descontente com isso."

Então, ele decidiu ir embora, o que não fez a EMI ficar nem um pouco mais feliz, porque ele levou consigo dois outros gerentes de A&R, John Burgess e Ron Richards. Junto com um quarto produtor, Peter Sullivan, da Decca, eles abriram sua própria gravadora, a Associated Independent Recordings, AIR na sigla.

Era um grande risco a se tomar na época, como todos disseram para ele. Ele estava indo contra o padrão tradicional da indústria fonográfica. Produtores independentes precisam de apenas um fracasso para irem abaixo completamente, enquanto grandes gravadoras, com inúmeros funcionários, conseguem absorver um monte de fracassos.

Mas o maior risco que George Martin estava tomando dizia respeito a conseguir ou não reter os Beatles. Legalmente, eles ainda tinham um contrato com a EMI. George Martin era

apenas um funcionário de A&R da EMI designado para trabalhar nos discos dos Beatles. Se ele não fazia mais parte do seu quadro de funcionário e havia se tornado autônomo, a EMI não tinha mais nenhuma obrigação de lhe dar trabalho – a não ser que, é claro, os Beatles o escolhessem para ser seu produtor.

"Não consultei os meninos quando decidi pedir demissão. Simplesmente parti do princípio de que eles ainda me queriam." O que era verdade. E a EMI concordou. A EMI ainda produz os discos dos Beatles, mas George agora toma conta deles não como funcionário da EMI, mas como autônomo. E a empresa tem que pagar muitíssimo bem por seus serviços. "Suponho que agora estou ganhando mais do que o diretor executivo da EMI."

Hoje, a AIR transformou, à sua maneira, a indústria fonográfica britânica. Muitas das melhores e mais criativas mentes optaram por deixar as grandes corporações, vendendo seus serviços pelo dobro ou o triplo do que ganhavam antes.

No início de 1968, a AIR produziu artistas como os Beatles, Cilla Black, Gerry and the Pacemakers, Shirley Bassey, Adam Faith, Lulu, Tom Jones, Manfred Mann e muitos outros.

George Martin, com seus 23 discos de ouro, finalmente não tem com o que se preocupar financeiramente. Ele agora vive em grande estilo, em uma grande, nova e luxuosa casa perto de Hyde Park, e tem uma casa de campo em Wiltshire. Ele e sua mulher Judy têm uma filha bebê, chamada Lucy, o que não tem nenhuma ligação com "Lucy In The Sky". Ela tem uma babá em tempo integral para cuidar dela.

Ele está tentando diminuir sua carga de trabalho e compor mais, o que os Beatles acham engraçado, pois acreditam que apenas pessoas jovens podem escrever música pop. Ele compôs sozinho a trilha sonora de vários filmes e produziu a trilha de Paul para o filme *Lua de mel ao meio-dia*. Também compôs a assinatura sonora da BBC Radio One e tem contratos para compor a trilha sonora de mais filmes.

Quando o plano dos Beatles de terem seu próprio estúdio de gravação, com seu próprio produtor musical, através da Apple, se concretizar, isso talvez possa afetar a posição de George Martin. Mas seja lá o que acontecer, o sucesso de sua empresa parece sólido o suficiente. Eles têm interesse em fitas do tipo Playtape, um sistema que ele diz que vai substituir completamente os discos de vinil um dia.

Musicalmente, George Martin agora tende a ficar nos bastidores quando eles estão gravando seus novos discos, como vamos ver no Capítulo 30. Eles agora estão tão confiantes em si mesmos como compositores, e até mesmo como arranjadores, que fazem piada do Grande George.

Já Dick James, seu editor musical, não tem uma posição ambivalente. Seu relacionamento com eles é puramente profissional, embora eles gostem bastante dele.

Dick James, no papel, é um milionário graças não somente aos Beatles, mas também ao fato de ter construído sua empresa tão bem e atraído muitos outros artistas.

Hoje, seu escritório de apenas uma sala ficou para trás. Ele tem seu próprio prédio elegante na New Oxford Street – chamado de Dick James House, e não é para menos. O térreo tem uma filial do Banco Midland. Muito útil. Nesse prédio funcionam a Northern Songs, a Dick James Music e muitas outras empresas. Ele agora conta com uma equipe de 32 pessoas e quinhentos metros quadrados de espaço de escritório, em quatro andares.

James ainda tem muito a fazer pelos Beatles, promovendo e vendendo seus discos. Ele diz que ninguém é tão bom que o lançamento e a promoção de seu trabalho não precisem ser bem feitas. Mas seu trabalho principal é recolher *royalties*. Cabe a ele lutar por bons termos, apesar de muitas percentagens serem estabelecidas por acordos da indústria.

Quando eles lançaram seu disco *Magical Mystery Tour*, em uma embalagem única de dois discos dentro de um livro, ele teve que discutir bastante com a EMI sobre qual seriam os *royalties* deles pelo disco. Isso implicou discussões intermináveis sobre frações de centavo. Multiplicadas por milhões, frações de centavo são importantes.

Dick James também diversificou seus negócios, como a maioria dos antigos vendedores de partitura fez. Ele agora cuida de todos os aspectos da gravação de um disco, até mesmo contratando estúdios e produzindo seus próprios álbuns e, em seguida, os arrendando para que as grandes gravadoras os vendam. Assim como George Martin, ele foi incrivelmente afetado pelos Beatles e depois deixou sua própria marca na indústria do entretenimento.

Os amigos pessoais dos Beatles são todos rapazes de Liverpool como eles. Muitas pessoas apareceram ou se ligaram a eles em diferentes fases de suas vidas, mas apenas uma ou duas se mantiveram presentes. Alex Marda, especialista em eletrônicos, Robert Fraser, dono de uma galeria de arte, e Victor Spinetti, ator que participou do filme *Help!*, ainda são seus amigos, mas a maioria das pessoas é descartada completamente quando seus contratos acabam, depois de terem feito um filme ou gravado um disco. Até quando eles estão procurando por alguém novo para fazer algo, costumam desenterrar velhos amigos do passado, como Pete Shotton.

Pete Shotton era o melhor amigo de John quando ele tinha mais ou menos 3 anos de idade. Juntos, eram os meninos malvados de Quarry Bank. Mas Pete entrou para a polícia depois da escola e perdeu contato com John. Ele deixou a polícia depois de três anos, percebendo que aquilo era completamente contra a sua natureza, e acabou trabalhando em vários empregos que não deram em nada, como cuidar de um café que faliu.

Em 1965, quando Pete estava desempregado e sem dinheiro, ele encontrou com John de novo, por acaso, em Liverpool. John disse que apoiaria financeiramente qualquer negócio que ele quisesse começar. "Estava de férias em Hampshire quando notei esse supermercado na ilha de Hayling. Gostei muito dele. Então John o comprou para que eu o administrasse. Custou 20 mil libras."

Aparentemente, John estava tomando um grande risco, investindo tanto dinheiro em Pete, sem nenhuma prova de sua competência – muito pelo contrário. Mas Pete administrou o supermercado por quase dois anos, com muito sucesso, fazendo bons lucros. Ele aumentou seu valor e o expandiu, abrindo um departamento de moda masculina.

"Se John não tivesse aparecido então, talvez eu tivesse me tornado um vigarista. É isso que John diz que talvez ele tivesse se tornado também. Se não tivesse dinheiro algum, teria me metido em vários negócios desonestos e conhecido várias pessoas ruins nos cafés."

No outono de 1967, John pediu que Pete deixasse o supermercado na ilha de Hayling – a mãe de Pete o assumiu como gerente – e viesse para Londres para trabalhar na Apple. Ele abriu a primeira loja da Apple, em Baker Street, e se tornou gerente dela.

Terry Doran, um outro amigo de Liverpool, também foi contratado pela Apple. Ele administra o departamento de publicação de música. Terry originalmente é do círculo de amigos de Liverpool de Brian, mas os conheceu logo no início de suas carreiras. Quando eles começaram a fazer sucesso, Brian abriu uma empresa de carros para Terry – ele havia sido originalmente vendedor de carros em Liverpool. A empresa se chamava Brydor Cars (de Brian e Doran). Eles venderam carros para os Beatles, entre outros, mas eventualmente acabaram fechando as portas.

Alistair Taylor, que trabalhava na NEMS (a loja) em Liverpool e depois na NEMS Enterprises (a agência de talentos) e foi testemunha no contrato original dos Beatles, também trabalha agora para a Apple, como gerente do escritório.

O outro amigo de infância de John, Ivan Vaughan, não é de forma alguma um funcionário dos Beatles, mas ainda é um de seus amigos mais próximos. Ele estudou com Paul e foi ele quem o apresentou a John e sua banda Quarrymen. Ele agora está estudando para ser psiquiatra educacional.

Os dois ajudantes e amigos mais próximos dos Beatles, importantes e sempre presentes, são Neil e Mal. Neil (ou Nell) Aspinall foi seu primeiro gerente de produção. Mal Evans se juntou a eles mais tarde, depois de ter sido segurança do Cavern Club. Ambos, sozinhos, foram os gerentes de produção durante suas maiores turnês ao redor do mundo.

Até mesmo naqueles dias, eles não gostavam do termo "gerente de produção". Eles faziam toda e qualquer coisa. Agora, como os Beatles não fazem mais shows, o termo é ainda mais irrelevante. O relacionamento deles com a banda é muito sutil, quase medieval. Eles são funcionários pagos, que buscam e carregam coisas, mas ainda assim não há um relacionamento

do tipo mestre e serviçal. Eles são apenas amigos, que acabam sendo pagos para serem seus amigos, quando e onde um dos Beatles decide que quer um amigo.

Mal é grande e robusto, muito calmo e de boa índole, firme e sensato. Neil é menor, mais magro, inteligente e sincero. Ele claramente estaria preparado para desistir de tudo a qualquer momento e ir embora, se houvesse uma discussão séria. Ele diz não quando não quer fazer algo, embora só consiga se lembrar de ter dito que não queria ir para algum lugar uma vez. Foi quando John disse que queria que ele o acompanhasse para a Espanha para as filmagens de *Como eu ganhei a guerra*. No final, Neil cedeu e foi, passando vários dias no set de filmagem, de modo que John tivesse alguém com quem conversar depois das suas cenas, além dos atores, com quem ele não tinha nada em comum.

Mal, por outro lado, com sua experiência em trabalhos comuns, vê tudo como parte de seu trabalho e não tem nenhuma queixa sobre nada que tem que fazer.

"Nos Estados Unidos, nos perguntavam constantemente: 'O que você vai fazer quando a bolha estourar?'", diz Neil. "Isso nunca me preocupou na época e ainda não me preocupa. Vou fazer outra coisa, só isso. Não faço ideia do que vou fazer pelo resto da minha vida. Isso nunca me preocupou."

Quando eles pararam de organizar shows, em 1966, suas vidas passaram a ser menos extenuantes. Mas, durante as gravações de novos discos, programas de televisão ou filmes, Mal e Neil ainda voltavam à sua velha rotina, buscando-os e levando-os para o estúdio, se certificando de que todos os instrumentos e equipamentos estivessem prontos.

Ambos seguem a moda dos Beatles, deixando o bigode e a costeleta crescerem quando os outros deixaram, ou usando lenços longos. Eles de fato fazem parte da banda. Têm o mesmo visual e falam da mesma forma que os Beatles.

Quando os Beatles não estão gravando, então as vidas de Mal e Neil são muito mais irregulares, com longos períodos sem fazer nada, mas espera-se que eles estejam sempre a postos. "Nós deveríamos alternar as semanas, mas acabamos os dois estando por perto sempre."

Quando os Beatles individualmente vão para qualquer lugar sozinhos, Mal ou Neil os acompanham. Neil foi com John para o filme. Mal foi com Paul para os Estados Unidos visitar Jane e com Ringo para Roma para o seu filme. Em fevereiro de 1968, foi ele quem foi com os Beatles para a Índia para encontrar com o Maharishi.

Eles também trabalham mediando as relações dos Beatles com pessoas como Dick James, especialmente Neil. Faz parte do trabalho dele se certificar de que as palavras da letra de uma música são anotadas corretamente e enviadas para Dick James. Eles também ajudam, de vez em quando, tocando maracas, triângulos ou qualquer outra coisa. John frequentemente pede ideias para Neil para a última estrofe das músicas. Ambos apareceram no *Magical Mystery Tour*. Mal

era um dos cinco mágicos. Eles escrevem bate-papos regulares com os Beatles para a *Beatles Monthly*. Mal também é um bom fotógrafo.

Neil é solteiro e mora em um grande e luxuoso apartamento em um condomínio em Sloane Street, em frente ao Carlton Towers Hotel. Ele passa parte de seu tempo livre pintando, um hobby que ele tem em comum com os Beatles. Também tem um piano em seu apartamento, embora não saiba tocar, com um livro de exercícios para piano aberto na segunda lição.

Por muito tempo, Neil foi um pouco subutilizado – afinal, ele tem mais *O Levels* do que o resto deles juntos – simplesmente porque os Beatles o valorizavam muito e dependiam daquilo que ele vinha fazendo. Mas, desde 1968, ele trabalha como diretor da Apple Corps, a empresa central administrada pelos Beatles, que toma conta de todas as ramificações da Apple. Ele possui um grande e elegante escritório em Wigmore Street, onde ele se senta em estilo executivo.

Mal, que é casado e tem dois filhos, morou no apartamento de Neil por muito tempo quando eles se mudaram para Londres, indo para Liverpool sempre que podia. Em 1967, ele comprou uma casa em Sunbury e se mudou para lá com sua família. Escolheu-a por ficar a uma distância razoável da casa de John, Ringo e George. Ele agora também tem um cargo executivo – como gerente da Apple Records.

O que Mal e Neil nunca conseguiram entender é a imagem maravilhosa que os Beatles sempre tiveram. "Não foi realmente obra de Brian", diz Neil. "Ele os arrumou, os colocou em ternos e os organizou. Mas eles sempre pareceram ser muito bons, gentis e simpáticos, quando eles não são assim de verdade, pelo menos não mais do que qualquer outra pessoa. Acho que as pessoas *queriam* que eles fossem assim. Os próprios fãs criaram essa imagem. Não sei por quê. Era o que os fãs queriam.

"Eles agora se apresentam em público mais como realmente eram antes de Brian surgir, como indivíduos, fazendo e dizendo o que querem.

"O público ainda acha que eles são simpáticos, mas talvez eles sejam um pouco 'excêntricos' agora, só isso. É estranho, não é, como as pessoas se agarram a uma imagem."

"Sempre me perguntam de qual Beatle eu gosto mais", diz Mal. "Normalmente digo o nome daquele com quem eu estive recentemente."

30

Os Beatles e suas músicas

Foi tudo um desenvolvimento contínuo. De vez em quando eles pareciam estar marcando passo, mas não por muito tempo; então eles seguiam adiante e para longe de novo. Eles estão sempre entediados demais com o que acabaram de fazer para até mesmo considerar repeti-lo, não importa o quão bem-sucedido aquilo tenha sido.

Mas, a cada passo novo, eles amarravam o progressivo com o tradicional, como em "Eleanor Rigby" e "Yellow Submarine", ou em "I Am The Walrus" e "Hello, Goodbye".

Há muitos passos claramente demarcados, se você gosta de procurar por passos claramente demarcados. A primeira fase rock and roll acabou mais ou menos na primavera de 1964, depois de "Can't Buy Me Love". O fim da configuração simples de banda *beat* acabou em agosto de 1965, com "Yesterday" e a introdução de novos instrumentos. A experimentação realmente séria começou em agosto de 1966, com a última faixa do *Revolver*, e continuou no *Sergeant Pepper*.

Até anomalias aparentes podem ser explicadas, como "All You Need Is Love". Essa música foi lançada em meados de 1967 e parecia se encaixar perfeitamente no período de 1963-64. Mas não se encaixava, porque era uma sátira, em que eles zombavam de si mesmos, o que é uma fase que não alcançaram em sua música até 1967. "Lady Madonna", do início de 1968, não era retrocesso para 1963, mas um *mock-rock*.

Mas tentar explicar tudo dividindo em pedaços perfeitos é trabalho para musicistas. Não foi apenas o Sr. Mann do *Times* de Londres que se deleitou a cada fase de suas carreiras. Críticas americanas sérias sobre os Beatles podiam encher um livro, e provavelmente já fizeram isso.

A maneira mais simples de ver como eles fazem sua música, em vez de tentar analisá-la, é dividi-la em duas fases: a época de turnês e o período pós-turnês.

John e Paul haviam passado mais de seis anos juntos, escrevendo e tocando suas músicas, quando começaram a gravar seriamente em 1962. Naqueles anos pré-1962, eles escreveram

centenas de músicas, a maioria delas esquecidas ou perdidas. Paul ainda tem um caderno cheio delas, mas elas não mostram muita coisa. As letras são do padrão simples de versos como "*Love Me Do/You Know I Love You*". Para a melodia, tudo que escreveram foram alguns Dó Ré Mis. Só eles sabiam como a melodia deveria ser de fato. E agora já esqueceram.

Foi mais por vaidade, ou profissionalismo frustrado da parte de Paul, que eles escreveram todas as suas "de originais Lennon-McCartney". Eles sabiam todas de cor, de qualquer forma, de tanto tocá-las no Cavern.

Quando "Love Me Do" – uma música muito antiga, da época do *skiffle* com os Quarrymen – foi gravada, eles podiam ter usado suas velhas músicas, mas não o fizeram. Já haviam escrito tantas que era relativamente fácil para eles escreverem novas músicas para os próximos discos.

Elas eram compostas, naquela época, por Paul e John, tocando guitarra juntos, apenas para ver o que surgia, quando estavam nos hotéis ou na estrada. "She Loves You" foi escrita em um ônibus em Yorkshire. Cada um experimentava com acordes e trechos próprios, seguindo o que eles tinham em mente, até que gostassem de algo que o outro estava fazendo. Então, eles se juntavam, seguindo adiante para depois voltarem cada um a experimentar algo diferente.

Eles hoje negam que tenham se concentrado deliberadamente em palavras emotivas e simples como "*I* [Eu]" e "*Me* [Mim]" e "*You* [Você]". Foi simplesmente o que aconteceu. Eles acham que a letra de "Love Me Do" é tão filosófica e poética quanto, por exemplo, a de "Eleanor Rigby".

Mas suas músicas eram mais simples naquela fase. Os Beatles eram rapazes simples, escrevendo música e tocando para seus fãs em show de uma noite só e em busca de uma reação simples e imediata.

As músicas eram escritas, elaboradas e aperfeiçoadas durante a turnê. Quando eles chegavam ao estúdio de gravação, já sabiam tocá-las de olhos fechados.

"Nosso desenvolvimento foi retardado porque estávamos sempre no palco, com as mesmas guitarras, bateria e baixo", diz George. "Tínhamos que nos ater aos instrumentos básicos.

"Por muito tempo não sabíamos o que mais poderíamos fazer. Éramos apenas rapazes do norte que alguém deixou fazer música nos grandes estúdios da EMI. Tudo era feito muito depressa, de uma vez só, em uma faixa, como foi com 'Love Me Do'. Costumávamos tocar 'Love Me Do' melhor no palco do que tocamos no disco."

Seu primeiro LP, *Please Please Me*, levou apenas um dia para ser gravado e custou quatrocentas libras. O *Sergeant Pepper* levou quatro meses e custou 25 mil. Hoje, agora que eles pararam de fazer shows, suas sessões de gravação são longas e muito complicadas.

"Agora que só tocamos no estúdio e em nenhum outro lugar, não fazemos ideia do que estamos fazendo", diz George. "Temos que começar do zero, deixando tudo acontecer no estúdio, fazer da forma mais difícil. Se Paul escreve uma música, ele vem para o estúdio com ela na cabeça. É muito difícil para ele passá-la para a gente, para que a gente saiba o que fazer.

Quando sugerimos algo, pode ser que não seja o que ele quer, porque não é o que ele tem em mente. Então leva muito tempo. Ninguém sabe como as músicas vão soar até que nós as tenhamos gravado e ouvido depois."

Ninguém sabe também como as músicas surgem em suas cabeças, para começo de conversa. Eles não sabem, ou não se lembram, como e por que fizeram algo. Analisar a criação detidamente, a não ser que se trate de um álbum muito recente, é impossível, porque tudo foi esquecido. A única forma de saber como acontece é estando lá, exceto pelo fato de que, com esse método, você ainda assim não consegue ver dentro de suas mentes, tem acesso apenas ao que sai delas.

"A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS"

Em março de 1967, eles estavam chegando ao fim da gravação do álbum *Sergeant Pepper*. Eles estavam no meio de uma música para Ringo (do tipo de música de Ringo) que eles haviam começado no dia anterior.

Às duas horas da tarde, John chegou à casa de Paul em St John's Wood. Ambos foram para o escritório de Paul no andar de cima da casa. Era um cômodo estreito e retangular, cheio de equipamentos estereofônicos e amplificadores. Há um grande tríptico de Jane Asher na parede e uma grande escultura de prata de Paolozzi.

John começou a tocar sua guitarra e Paul começou a tocar piano. Por mais ou menos duas horas, os dois tocaram sem parar. Pareciam estar em transe até que um deles criava algo bom e o outro saía de sua massa de ruído e experimentava o que havia sido criado.

Eles já haviam arranjado a melodia na tarde anterior, uma melodia de cadência suave, de nome "A Little Help From My Friends". Agora estavam tentando poli-la e pensar em uma letra para se encaixar nela.

"*Are you afraid when you turn out the light* [Você tem medo quando apaga as luzes?]", cantou John. Paul cantou em seguida e assentiu. John disse então que eles poderiam usar essa ideia para todos os versos, se eles conseguissem pensar em algumas outras perguntas desse tipo.

"*Do you believe in love at first sight* [Você acredita em amor à primeira vista?]", cantou John. "Não", ele disse, parando de cantar. "Não tem o número certo de sílabas. O que você acha? Será que podemos dividi-la e dar uma pausa para ter uma sílaba extra?"

John então cantou a frase, quebrando-a ao meio: "*Do you believe – ugh – in love at first sight* [Você acredita – argh – em amor à primeira vista?]"

"Que tal '*Do you believe in a love at first sight* [Você acredita em um amor à primeira vista]'?", perguntou Paul.

John cantou o trecho e aceitou a solução. Ao cantar, ele acrescentou a próxima frase: "*Yes, I'm certain it happens all the time* [Sim, tenho certeza de que acontece sempre]".

Ambos cantaram os dois versos para si mesmos, fazendo lá lá lá nas frases seguintes. Fora isso, tudo que eles conseguiram criar foi o refrão. "*I'll get by with a little help from my friends* [Vou ficar bem com a ajuda de meus amigos]." John se pegou cantando "*Would you believe* [Você acreditaria]", que ele achou melhor.

Então, eles inverteram a ordem, cantando as duas frases "*Would you believe in a love at first sight/Yes, I'm certain it happens all the time*", antes de cantarem "*Are you afraid when you turn out the light*", mas ainda tiveram que fazer lá lá lá na quarta frase, que não conseguiam pensar no que seria.

Eram agora cinco horas. Cynthia, a esposa de John, havia chegado, usando óculos escuros, acompanhada por Terry Doran, um de seus velhos amigos de Liverpool (e de Brian Epstein). John e Paul continuaram tocando. Cyn pegou um livro e começou a ler. Terry achou uma revista sobre horóscopo.

John e Paul estavam cantando suas três frases repetidamente, procurando a quarta.

"O que rima com *time* [tempo]?", perguntou John. "'Y*es, I'm certain it happens all the time*'. Tem que rimar com essa frase."

* * *

"Que tal '*I just feel fine* [Eu apenas me sinto bem]'?", sugeriu Cyn.

"Não", disse John. "Você nunca usa a palavra *just* [apenas]. Ela não quer dizer nada. É apenas uma palavra para encher a frase."

John cantou "*I know it's mine* [eu sei que é meu]", mas ninguém prestou muita atenção. Não fazia muito sentido, vindo depois de "*Are you afraid when you turn out the light*". Alguém disse que aquilo soava obsceno.

Terry perguntou quando era o meu aniversário. Eu disse que era no dia 7 de janeiro. Paul parou de tocar, embora parecesse que ele estava completamente concentrado na música e disse: "Ei, esse é o dia do aniversário de nosso filho também." Ele escutou Terry ler o horóscopo em voz alta. Em seguida, voltou a dedilhar ao piano.

No meio do que estava dedilhando, Paul de repente começou a tocar "Can't Buy Me Love". John se juntou a ele, cantando muito alto, rindo e gritando. Então Paul começou a tocar outra

música ao piano, "Tequila". Ambos tocaram juntos de novo, gritando e rindo ainda mais alto. Terry e Cyn continuaram lendo.

"Lembra na Alemanha?", disse John. "Costumávamos gritar qualquer coisa."

Eles tocaram a música de novo. Desta vez, John gritou coisas diferentes a cada pausa na música. *Knickers,* [calcinha] e *duke of Edinburgh* [duque de Edimburgo] e, *tit* [peito] e Hitler.

Ambos pararam de gritar e fazer palhaçada tão repentinamente quanto quando haviam começado. Eles voltaram a tocar, bem silenciosamente, a canção na qual deviam estar trabalhando. "*What do you see when you turn out the light* [O que você vê quando apaga as luzes?]", cantou John, tentando adicionar algumas palavras um pouco diferentes, deixando de fora *afraid* [medo]. Então ele continuou com outra frase "*I can't tell you, but I know it's mine* [Não sei dizer, mas sei que é meu]". Ao trocar algumas poucas palavras, fez com que tudo se encaixasse.

Paul disse que sim, que isso era bom o suficiente. Ele escreveu as quatro frases em um papel pautado e colocou na frente do piano. Agora eles tinham um verso completo, além de um refrão. Paul se levantou e andou pela sala. John foi para o piano.

"Que tal um pedaço de um bolo incrível de Basingstoke?", disse Paul, pegando um pedaço de bolo duro como pedra da prateleira. "Eu comeria uma gelatina", diz John. Paul fez uma careta. Terry e Cynthia ainda estavam lendo silenciosamente.

Paul pegou um sitar do canto da sala, se sentou e começou a afiná-lo, mandando John ficar quieto por um minuto. John ficou sentado ao piano, olhando fixamente para a janela.

No lado de fora, no jardim em frente à casa de Paul, os olhos e testas de seis garotas podiam ser vistos olhando por cima do muro. Então as garotas caíram, exaustas, na calçada do outro lado. Alguns minutos depois, apareceram de novo, se segurando até não aguentarem mais. John olhou vagamente na direção delas através de seus óculos redondos de arame. Em seguida, começou a tocar um hino ao piano, inventando as palavras à medida que tocava.

"*Backs to the wall, if you want to see His Face* [De costas para o muro se você quer ver o Rosto Dele]." Então, ele deu um pulo no ar e começou a tocar músicas de *rugby*. "Vamos escrever uma música de *rugby*, ahn." Ninguém o escutou.

Paul havia terminado de afinar seu sitar e tocava algumas notas nele, as mesmas, repetidamente. Ele se levantou novamente e andou pela sala. John pegou o sitar desta vez, mas não conseguiu achar uma posição confortável para segurá-lo. Paul disse que ele devia se sentar no chão, com suas pernas cruzadas, e apoiá-lo na base dos seus pés. Paul disse que George fazia assim; parecia desconfortável no começo, mas, depois de alguns séculos, ele se acostumou. John tentou, depois desistiu e colocou o sitar apoiado em uma cadeira.

"Ei", disse John para Terry. "Você foi naquele lugar?"

"Aham, comprei três casacos para você iguais ao do George."

"Ótimo", disse John, muito animado. "Onde eles estão?"

"Paguei com cheque e eles só vão me deixar pegá-los amanhã."

"Ah", disse John. "Você não podia ter dito para quem eles eram? Você devia ter dito que eles eram para Godfrey Winn. Eu os quero agora."

"Não tem problema ser amanhã", disse Paul. "Tem outras coisas para pegar amanhã. Não se preocupe."

Paul voltou então para a sua guitarra e começou a cantar e a tocar, bem baixo, uma canção linda sobre um homem tolo sentado em uma colina. John ouviu em silêncio, olhando fixamente pela janela, quase como se não estivesse ouvindo. Paul cantou muitas vezes, fazendo lá lá lá nas palavras que ainda não havia descoberto. Quando enfim terminou, John disse que era melhor ele escrever a letra antes que esquecesse. Paul disse que não tinha problema, que não iria esquecê-la. Era a primeira vez que ele havia tocado aquela música para John. Não houve discussão.

Eram quase sete horas da noite, estava quase na hora de ir ao estúdio de gravação da EMI na esquina. Eles decidiram ligar para Ringo e dizer que a música estava pronta (o que não era verdade) e que eles iriam gravá-la naquela noite. John pegou o telefone e, depois de muita palhaçada, finalmente conseguiu ligar, mas deu ocupado. "Se eu ficar esperando, isso significa que uma hora eu consigo falar com ele?"

"Não, você tem que desligar", disse Paul.

"IT'S GETTING BETTER"

Em outra tarde (era a primeira tarde de primavera), Paul saiu para um passeio com sua cadela Martha. John ainda não havia chegado para sua mais recente sessão de gravação do *Sergeant Pepper*.

Ele empurrou Martha para dentro de seu Aston Martin, se sentou ao seu lado e deu a partida no carro, mas o carro não ligava. Ele deu uns socos no carro, na esperança de que aquilo resolvesse o problema, e então desistiu, saindo do Aston Martin e entrando no seu Mini Cooper preto. Ele acelerou de primeira. Seu caseiro abriu as grandes portas pretas e ele atravessou em velocidade, pegando todas as fãs de surpresa. Ele estava bem longe antes que elas tivessem notado que tinha saído.

Ele foi para Primrose Hill, onde parou e deixou o carro estacionado, sem trancá-lo. Ele nunca tranca seus carros.

Martha correu e o sol apareceu. Paul pensou que finalmente a primavera tinha chegado. "*It's getting better* [Está melhorando]", ele disse para si mesmo.

Ele quis falar sobre o tempo, mas a frase fez com que sorrisse, pois era um dos bordões de Jimmy Nichols, de quem eles zombavam o tempo todo na Austrália.

Quando Ringo ficou doente uma vez, sem poder tocar, Jimmy Nichols tocou em seu lugar durante parte da turnê australiana. Toda vez que um deles perguntava para Jimmy como ele estava, se estava gostando de tudo aquilo e aguentando aquela loucura, ele sempre respondia: "Está melhorando."

Naquele dia, às duas horas da tarde, quando John chegou para escrever uma música nova, Paul sugeriu: "Por que não escrevemos uma música chamada 'It's Getting Better'?" Então eles começaram a trabalhar nela, ambos tocando, cantando, improvisando e fazendo palhaçada. Quando a melodia enfim estava tomando forma, Paul disse: "*You've got to admit, it's getting better* [Você tem que admitir, está melhorando]."

"Você disse '*You've got to admit, it's getting better?*'"

Então John também cantou isso. E assim foi até as duas da manhã. Algumas pessoas vieram ver Paul, algumas com hora marcada, e ficavam esperando no andar de baixo, lendo, ou eram mandadas embora. Eles também pararam uma vez para comer uma fritada.

Na noite seguinte, Paul e John foram para o estúdio de gravação. Paul tocou a nova música ao piano, fazendo lá lá lá de acompanhamento ou batendo no ritmo das palavras para que os outros tivessem uma ideia de como deveria soar. Ringo e George disseram que gostavam dela, assim como George Martin.

A primeira etapa do sistema em camadas que eles usam agora para gravar suas músicas é gravar o fundo musical numa pista.

Eles discutem que tipos de sons estão procurando e quais instrumentos vão usar. Também conversam sobre outras coisas. Quando ficam entediados, vão tocar sozinhos outros instrumentos espalhados pelo estúdio. Tinha um piano eletrônico em um canto do estúdio, deixado por alguém que o havia usado ali. Alguém dedilhou algumas notas e eles decidiram usá-lo.

Ringo sentou-se na bateria e tocou o que achava que seria uma boa base, com Paul cantando a música no seu ouvido. Por causa do barulho, Paul tinha que gritar no ouvido de Ringo para explicar tudo.

Depois de umas duas horas de tentativa e erro, eles tinham todos os elementos do fundo musical. George Martin e dois técnicos de estúdio, que estavam sentados esperando por eles até então, foram para sua sala de controle com isolamento acústico, onde continuaram a esperar sentados até que os Beatles se organizassem.

Neil e Mal arrumaram os instrumentos e os microfones em um canto do estúdio e os quatro começaram a cantar e tocar "It's Getting Better". Ringo parecia um pouco perdido, sentado um pouco longe, sozinho, cercado por sua bateria. Os outros três estavam com suas cabeças juntas, dividindo o microfone.

Eles tocaram a música repetidamente umas dez vezes. Tudo que estava sendo gravado pela sala de controle eram os instrumentos, não suas vozes. De tempos em tempos, Paul dizia "Mais uma vez, vamos tentar desse jeito" ou "Vamos abaixar o baixo e aumentar a bateria". À meia-noite, eles haviam terminado de gravar os instrumentos.

No dia seguinte, John e George se reuniram na casa de Paul. Ringo não estava lá. Eles iam apenas cantar a letra de "It's Getting Better", e não precisariam dele. Ivan Vaughan, amigo de escola de John e Paul, também estava lá. Às 19h30, eles foram para a EMI, onde George Martin, como um coordenador escolar muito paciente, estava pronto esperando por eles.

Eles escutaram repetidamente a faixa instrumental de "It's Getting Better" gravada na noite anterior. George Harrison e Vaughan foram conversar num canto, mas Paul e John ficaram escutando atentamente. Paul dava instruções para os técnicos sobre quais botões apertar, dizendo para eles o que queria, como devia ser feito, e de que pedaços ele gostava mais. George Martin ficou observando, dando conselhos quando necessário. John ficava olhando para o espaço.

Dick James, seu editor musical, chegou vestindo um sobretudo bege. Ele disse olá para todos, sempre muito alegre e contente. E então fez uma piada sobre o boato de a Northern Songs estar sendo comprada pela EMI não ser verdade.

Ele escutou a faixa instrumental de "It's Getting Better" e não mostrou nenhum tipo de reação. Em seguida, eles tocaram para ele uma das outras músicas, sobre uma garota que está saindo de casa. George Martin disse que aquela o fazia ter vontade de chorar. Dick James escutou e disse que sim, era muito boa. Ele ficaria feliz em ter mais dessas. "Você quer dizer que não gosta das coisas malucas?" Dick James disse que não, não, não foi isso que ele quis dizer. E então foi embora.

Eles tocaram a faixa instrumental de "It's Getting Better" pelo que parecia ser a centésima vez, mas Paul disse que ainda não estava satisfeito. Era melhor eles chamarem Ringo para vir ao estúdio e tocarem de novo. Alguém foi ligar para ele.

Peter Brown chegou, acabara de voltar dos Estados Unidos. Ele lhes entregou uns LPs americanos novos, em que eles pularam em cima. Eles tocaram para ele "She's Leaving Home" e algumas outras músicas do *Sergeant Pepper*, que já haviam sido gravadas. Então, tocaram a faixa instrumental de "It's Getting Better". Enquanto estava tocando, Paul falou com um dos técnicos para tentar mais uma mixagem diferente. Ele fez o que foi pedido e Paul disse que assim era muito melhor. Que estava bom o suficiente e que não tinha necessidade de chamar Ringo para o estúdio no fim das contas.

"E acabamos de chamar o Ringo para nada", disse John. Mas conseguiram falar com ele antes que fosse tarde demais e o estúdio foi preparado para gravar a faixa com as vozes. Enquanto tudo estava sendo arrumado por Neil, Mal trouxe chá e suco de laranja em uma bandeja.

Paul deixou seu chá esfriar enquanto mexia em um sintetizador que achou jogado num canto. Mexendo nos botões do sintetizador, ele conseguiu produzir seis sons diferentes. Ele disse para o engenheiro de som que, se alguém conseguisse produzir um sintetizador com sons controlados e em ordem, aquilo seria um novo instrumento eletrônico.

Eles estavam finalmente prontos. Os três se posicionaram em volta do microfone e cantaram "It's Getting Better" enquanto, na sala de controle, George Martin e seus dois assistentes gravavam tudo. Os três Beatles cantando, não tocando, mas com fones de ouvidos para que pudessem escutar a gravação da faixa instrumental. Eles estavam simplesmente cantando para o acompanhamento já gravado.

Dentro do próprio estúdio, tudo que se podia escutar eram as vozes, a capela, dos Beatles, sem nenhum instrumento acompanhando-os. Tudo soava meio monótono e desafinado.

Eles cantaram a música umas quatro vezes e John disse que não estava se sentindo bem. Que o faria bem um pouco de ar fresco. Alguém foi abrir a porta dos fundos do estúdio. Era possível escutar o som de pessoas batendo na porta e berrando do outro lado. A porta começou a se mover para dentro, sob a pressão do grupo de fãs que, de alguma forma, conseguiu entrar no prédio.

George Martin desceu da cabine e falou para John que era melhor ele ir para o telhado respirar um pouco de ar fresco, em vez de sair do prédio.

"Como está John?", perguntou Paul a George Martin pelo microfone, na sala de controle.

"Ele está olhando para as estrelas", disse George Martin.

"Você quer dizer Vince Hill?", disse Paul. Ele e George começaram a cantar "Edelweiss" e a rir. Então John voltou.

No canto do estúdio, Mal, Neil e Vaughan, o amigo, não podiam ouvir as piadas por causa dos fones de ouvido. Eles terminaram de tomar seu chá. Ivan estava escrevendo uma carta para sua mãe. Neil estava escrevendo em seu diário. Ele havia criado esse hábito fazia apenas duas semanas, mas disse que deveria ter começado a escrever em um há cinco anos.

Um homem de camisa roxa chamado Norman chegou. Ele havia sido um dos engenheiros de som e agora tinha sua própria banda. O Pink Floyd. Muito educadamente, ele perguntou a George Martin se os seus garotos poderiam ver os Beatles trabalhando. George sorriu, inutilmente. Norman disse que talvez devesse perguntar a John pessoalmente, como um favor. George Martin disse que não, que isso não iria funcionar. Mas, se por acaso ele e seus garotos aparecessem umas 23 horas, ele veria o que podia fazer.

Eles de fato apareceram, por voltas das 23 horas, e trocaram algumas saudações tímidas. Os Beatles ainda estavam cantando "It's Getting Better" pelo que agora parecia ser a milésima vez. Às duas da manhã, tinham alcançado uma versão que pelo menos não os fazia infelizes.

“MAGICAL MYSTERY TOUR”

A melodia e toda a letra de “It’s Getting Better” estavam acertadas antes de eles chegarem ao estúdio para gravá-la, mas, quando eles chegaram ao estúdio da EMI certo dia, às 19h30, para gravar “Magical Mystery Tour”, tudo que eles tinham era o nome da música e algumas estrofes.

Como sempre, havia uma multidão de fãs esperando por eles. Ninguém gritando, todos silenciosos e contidos, como súditos humildes, reprimidos por sua presença. Quando eles foram entrando, uma menina muito tímida deu para George um broche que dizia “George para PM” (siga em inglês para primeiro-ministro).

“Por que Paul McCartney iria te querer?”, disse então John para George.

Paul tocou as primeiras notas de “Magical Mystery Tour” ao piano, mostrando para os outros como deveriam soar. Ele gesticulou bastante com as mãos e gritou “Flash, flash”, dizendo que seria como um comercial. John estava vestindo um cardigã laranja, calças de veludo roxas e uma *sporran* (pochete típica da Escócia, usada na frente do *kilt*). Ele abriu a *sporran*, pegou um cigarro e o acendeu. Alguém gritou que Anthony, o motorista de John, queria falar com ele ao telefone.

Eles se apoiaram em volta do piano enquanto Paul tocava, repetidamente, a abertura da música. Paul falou para Mal anotar a ordem em que eles iriam tocá-la. Com a mão lenta de um menino de escola, Mal escreveu o título e esperou as instruções de Paul. Paul disse trompetes, sim, eles iam ter uns trompetes no começo, uma espécie de fanfarra, para combinar com “*Roll up, roll up, for the Magical Mystery Tour* [Cheguem mais, cheguem mais, para a Turnê Mágica e Misteriosa]”. Mal devia anotar aquela frase também, já que era a única frase que eles tinham. Paul falou para Mal os três primeiros acordes da música. Mal mastigou seu lápis, esperando por mais palavras inspiradoras de Paul, mas nada veio.

Os instrumentos foram então organizados e eles se prepararam para gravar a faixa instrumental, que como sempre, era a primeira coisa a ser gravada. John voltou e perguntou se Mal já havia entrado em contato com Terry. Mal disse que ainda não conseguira encontrá-lo. John retrucou que era o trabalho dele encontrá-lo. “Apenas continue tentando até conseguir.”

Demoraram mais ou menos duas horas até que eles gravassem a primeira faixa instrumental. Depois que ela estava pronta, Paul foi falar com George Martin na sala de controle. Ele pediu para escutar a faixa, repetidamente.

No andar de baixo, no estúdio, enquanto Paul dava instruções aos técnicos no andar de cima, George pegou uns lápis de cera de sua jaqueta de pele de carneiro pintada e começou a fazer um desenho. Ringo ficou olhando para o nada, fumando, com uma aparência muito infeliz, que era sua expressão natural quando não estava falando. John estava ao piano, ora tocando calmamente, ora pulando e fingindo ser deficiente, ou tocando músicas bregas bem

alto. Ninguém estava prestando atenção nele. Ele sorriu diabolicamente para si mesmo através de seus óculos, como um gnomo japonês. Neil estava lendo uma pilha de *Occult Weeklies* que eles haviam folheado no início da noite. Mal havia desaparecido.

Paul estava enfim satisfeito com o som da primeira faixa. Ele voltou e disse que achava que agora eles podiam adicionar algumas outras coisas.

Mal reapareceu carregando um grande saco de papel marrom cheio de meias, todas de cores fortes. Ele deu o saco primeiro para John. Ele o agarrou com muito prazer. Ele escolheu vários pares de meias laranja de tecido atoalhado, e então passou o saco para os outros escolherem as deles. Na noite anterior, ele havia dito por alto "Meias, Mal".

Depois que as meias foram entregues, Paul perguntou a Mal se ele havia conseguido algum pôster de passeios secretos (as tais *mystery tours*) de verdade. Mal disse que tinha estado em várias estações de ônibus o dia inteiro procurando por eles, mas que não tinha conseguido encontrar nenhum.

Eles tinham esperança de achar algum pôster de verdade que os desse ideias para a letra da música. Em vez disso, tentaram pensar novamente em algumas frases, fora "*Roll up, roll up*", que ainda era tudo que eles tinham.

À medida que eles berravam ideias, Mal as anotava: *reservation* [reserva], *invitation* [convite], *trip of a lifetime* [viagem dos sonhos], *satisfaction guaranteed* [satisfação garantida]. Mas eles logo ficaram fartos e decidiram cantar qualquer letra que viesse às cabeças deles, apenas para ver o que acontecia. Então foi o que fizeram.

Quando terminaram de fazer isso, Paul decidiu que na próxima faixa ele incluiria um pouco de baixo. Ele pôs os fones de ouvido, para que pudesse escutar o que havia feito até agora, e pegou seu baixo. Depois disso, disse que eles deviam incluir ainda mais instrumentos. Todos eles (Paul, Ringo, John, George, Neil e Mal) pegaram qualquer instrumento jogado pelo estúdio – maracas, sinos, tamborins. George Martin não tocou nada, embora o tenha feito em muitos outros discos. Eles todos colocaram fones de ouvido e tocaram o que estavam segurando no ritmo da música.

Às duas da manhã, eles tinham gravado a base da música e tinham incluído uma faixa de baixo, muita gritaria e palavras desconexas, e alguns instrumentos de percussão. "Magical Mystery Tour" foi então esquecida por mais ou menos seis meses.

Os Beatles parecem gravar sua música em aparente caos. É certamente um método caro, de erros e acertos, inventando tudo na hora. Houve uma época em que suas músicas eram gravadas de uma só vez, em uma faixa ou no máximo em duas. Agora, elas são gravadas em pelo menos quatro faixas, à medida que eles continuamente pensam em novos instrumentos ou efeitos a adicionar. E, quando uma orquestra sinfônica é usada, como em "A Day In The Life", os custos são enormes.

Escutar cada etapa de seu processo de gravação, depois que eles já gravaram algumas faixas, faz com que seja muito difícil ver o que estão tentando fazer, pois se tem a impressão de que a música já está completa. Frequentemente, a versão final, supercomposta, parece ter afogado a melodia simples inicial. Mas eles sabem o que está faltando, mesmo que não saibam como verbalizar. A dedicação deles é impressionante, trabalhando na mesma música por períodos de até dez horas.

Paul frequentemente parece ser o líder em tudo isso. Isso se deve principalmente ao fato de que alguém tem que dizer que a música ainda não está boa o suficiente e que eles deveriam tocar de novo. Eles todos sabem disso, mas alguém tem que verbalizar as instruções. Paul é o melhor nisso, já que sempre foi bastante entusiasmado. Mas todos eles opinam em grandes decisões. Quando é uma música de John, ele é quem dirige a sessão, e a mesma coisa com George. George, mais do que os outros, mantém completamente o controle de suas músicas.

A gravação de todas as músicas segue mais ou menos o padrão descrito acima. Mas não há um padrão para escrever e criar as músicas, para início de conversa. Isso pode acontecer de várias formas.

"As últimas quatro músicas de um álbum são geralmente muito difíceis", diz Paul. "Se precisamos de mais quatro, temos simplesmente que nos concentrar e escrevê-las. Elas não são necessariamente piores do que aquelas que saíram da nossa imaginação. Elas são muitas vezes melhores, porque àquela altura de um LP, nós sabemos que tipo de música queremos."

Cerca de um terço das músicas dos Beatles são escritas dessa forma, porque eles têm que escrevê-las e não podem esperar por qualquer tipo de inspiração. John e Paul podem trabalhar arduamente nessas músicas sozinhos, mas na maioria das vezes eles trabalham juntos, começando às duas da tarde e se dando um dia inteiro para completá-las.

O resto de suas músicas deve algo (mesmo que muito pouco) a algum tipo de inspiração. Mas, mesmo quando uma ideia surge repentinamente, eles raramente se sentam para trabalhar nela. Muitas vezes, simplesmente a guardam na cabeça até que precisem dela. Mesmo que estejam no processo de gravar um álbum, eles ainda tendem a trazer a música para o outro ouvir, ou levá-la para o estúdio ainda inacabada. Isso se deve à preguiça tanto quanto a qualquer outra coisa. Eles querem que os outros os ajudem.

Paul teve a ideia para "Eleanor Rigby" quando estava olhando a vitrine de uma loja em Bristol e gostou do nome Daisy Hawkins. Brincando com as palavras, aquilo se transformou num ritmo, e depois em "Eleanor Rigby". Ele visualizou a melodia toda em sua cabeça, mas ainda não havia conseguido terminar a letra antes da sessão de gravação. O último verso foi composto por todos, através de sugestões de última hora no estúdio.

A única música que eles conseguem lembrar que foi criada de uma só vez e depois gravada sem nenhuma alteração foi "Nowhere Man", de John. Ele não se sente particularmente orgulhoso dela.

"Estava simplesmente sentado, tentando pensar em uma música, e pensei em mim, sentado ali, sem fazer nada, não indo a lugar nenhum. Depois que pensei nisso, foi fácil. Tudo veio de uma vez só. Não, agora eu me lembro, eu na verdade parei de tentar pensar em alguma coisa. Nada vinha na minha cabeça. Estava irritado e fui deitar, desistindo. Então pensei em mim mesmo como um *nowhere man sitting in his nowhere land*."

Muito pouca inspiração vem simplesmente de qualquer lugar indetectável. Mas um monte vem do ambiente que os cercam, seja ele passado (como em "Penny Lane") ou presente (caso de "Lovely Rita"). John particularmente pegou muitas ideias da mídia em torno dele quando estava procurando por uma música.

"'Mr. Kite' é baseada completamente em algo que eu vi. As palavras apareceram na minha frente, um dia, quando estava procurando uma música.

"Eram de um pôster velho que eu havia comprado em um antiquário. Fomos para Surrey ou para algum outro lugar filmar um segmento de TV para acompanhar "Strawberry Fields Forever". Tivemos um intervalo e eu entrei numa loja e comprei um pôster velho anunciando um show de variedades cuja principal atração era o Mr. Kite.

"Nele dizia que os Henderson estariam lá, recentemente chegados da Pablo Fanques Fair. Haveria aros e cavalos e também alguém passando por um tonel de fogo de verdade. Em seguida viria Henry, o cavalo. A banda começaria às dez para as seis. Tudo isso em Bishopsgate. Veja, ali está o cartaz, com Mr. Kite na parte de cima dele. Quase não inventei uma só palavra, apenas conectei a lista. Palavra por palavra, na verdade.

"Não fiquei muito orgulhoso disso. Na realidade, não tive que fazer nada. Estava apenas fazendo o necessário porque precisávamos de uma música nova para o *Sergeant Pepper* naquele momento."

Um tipo semelhante de inspiração resultou no que muitas pessoas consideram a melhor música do *Sergeant Pepper*, "A Day In The Life".

Essa foi a música censurada pela BBC, pois se acreditava que houvesse referências a drogas – como no verso "*I'd love to turn you on* [Adoraria te deixar excitado]". Até o próprio John gosta bastante dessa música.

A maioria das palavras na primeira seção – os versos que começam com "*I read the news today, oh boy* [Li as notícias hoje, que horror]" – foi tirada de um artigo que John estava lendo no dia em que escreveu a música.

"Estava escrevendo a música com o *Daily Mail* aberto na minha frente no piano. Tinha aberto na seção News in Brief [Notícias Curtas], ou Far and Near [Longe e Perto], sei lá como eles chamam. Tinha um parágrafo sobre 4 mil buracos em Blackburn, Lancashire, terem sido

descobertos. Ainda tinha uma palavra faltando naquele verso quando fomos gravar. Sabia que a frase tinha que ser "Now they know how many holes it takes to... alguma coisa, the Albert Hall [Agora eles sabem quantos buracos são necessários para... alguma coisa, o Albert Hall]". Era um verso sem sentido, na verdade, mas por algum motivo eu não conseguia pensar num verbo. O que os buracos tinham a ver com o Albert Hall?

"Foi Terry quem sugeriu *fill* [encher] o Albert Hall. E foi isso. Talvez eu estivesse procurando por aquela palavra o tempo todo, mas não conseguia me lembrar dela. As outras pessoas não necessariamente te *dão* a palavra ou a frase de que precisa, elas simplesmente jogam no ar uma palavra que você já estava procurando."

O filme mencionado na música não estava no jornal, mas era uma referência ao seu filme, aquele que ele havia acabado de filmar – *Como eu ganhei a guerra*. O filme mostra o exército inglês ganhando a guerra e se baseia em um livro.

"*The lucky man who made the grade* [O homem de sorte que passou dessa para melhor]" em um acidente de carro é inspirado, um tanto indiretamente, na morte de um amigo de John e de todos os outros Beatles – Tara Browne. Michael McCartney, irmão de Paul, era particularmente próximo a ele. Houve uma referência à sua morte no jornal no dia em que John estava escrevendo a música.

"Não copiei o acidente. Os miolos de Tara não estouraram. Mas estava com isso na cabeça enquanto escrevia o verso." Tara não era tampouco da Câmara dos Lordes, mas era filho de um nobre, lorde Oranmore e Browne, e membro da família Guinness, o que é quase a mesma coisa.

"Goodmorning, Goodmorning" foi inspirada por um anúncio de cereal matinal na TV. "Frequentemente me sento ao piano, trabalhando nas músicas, com a televisão com o som baixo ao fundo. Se estou um pouco devagar e não consigo fazer nada, acabo prestando atenção às palavras da televisão. Foi então que escutei 'Goodmorning, Goodmorning'."

Muitas vezes, o ponto de partida das músicas de John são pedaços básicos de ritmo, depois palavras que são encaixadas nesse ritmo, que originalmente consistia em apenas três ou quatro notas, e que então é desenvolvido ou na sua cabeça ou ao piano.

Um dia, em sua casa em Weybridge, John tinha acabado de ouvir o carro da polícia passando por perto com a sirene ligada. A sirene consiste em apenas duas notas, para cima e para baixo, repedidas inúmeras vezes, como um canto primitivo. O ritmo ficou na sua cabeça e ele começou a brincar com aquilo e a adicionar palavras ao ritmo. "*Mis-ter, Ci-ty, p'lice-man, sit-tin, pre-tty* [Se-nhor, p'li-cial, muni-cipal, senta-do, direi-to]."

Ele chegou até a mudar as palavras de ordem: "*sitting pretty, like a policeman*", mas não foi muito além disso. Disse que essa seria a base para uma música, mas que não precisava desenvolvê-la agora. Ela podia ser desenterrada da próxima vez que ele precisasse de uma música. "Anotei num pedaço de papel em algum lugar. Sempre tenho certeza de que vou esquecer aquilo, então anoto em algum lugar, mas nunca esqueço."

Ele tinha escrito algumas outras palavras naquele dia, apenas palavras bobas, para encaixar em um outro ritmo: "*Sitting on a cornflake, waiting for the man to come* [Sentado num cereal, esperando o homem vir]." Achei que ele havia dito "*van to come* [a van vir]", mas não era isso, embora ele tenha gostado mais da minha versão e acabado por usá-la no lugar da original.

Ele também tinha outro pedaço de melodia na cabeça. Ela surgira a partir da frase "*sitting in an English country garden* [sentado num jardim de campo inglês]". É isso que ele faz por pelo menos duas horas todos os dias: se senta nos degraus do lado de fora da sua casa e olha para seu jardim. Desta vez, quando estava pensando nele mesmo fazendo isso, repetiu a frase várias vezes, até que criou uma melodia para ela.

"Não sei como vai acabar ficando. Talvez acabem sendo partes de uma mesma música – '*sitting in an English country garden/ waiting for the van to come*'. Não sei."

E foi o que aconteceu. Ele colocou todos esses pedaços junto e escreveu "I Am The Walrus". No fundo da música pode-se ouvir a sirene de um carro de polícia, que foi o que inspirou tudo em primeiro lugar. Isso acontece frequentemente. Pedaços de músicas que começaram separadamente acabam na mesma canção, quando chega então a hora de esvaziar a mente e achar uma nova música.

John se inspira em ritmos, mas cada vez mais junta suas próprias poesias, ou muitas vezes simplesmente pensamentos desconexos, à música. Com Paul, a melodia normalmente vem primeiro. John acordou às sete da manhã e não conseguia voltar a dormir. Ele viu as palavras "*pools of sorrow, waves of joy* [piscinas de mágoas, ondas de alegria]" passando por sua cabeça. Então levantou, anotou-as e acabou escrevendo dez frases, que eventualmente se transformaram em "Across The Universe". Nessa primeira versão, escrita de manhã cedo, quando ele estava escrevendo algumas frases piegas e desleixadas apenas para chegar à próxima frase, sua caligrafia vai ficando cada vez pior e menos legível, pois ele está envergonhado e não quer que ninguém consiga ler as frases de que não gostou. Era isso que ele fazia em seus poemas quando garoto, ou em suas cartas para Stu, tentando esconder seu lado sentimental, no caso de Mimi ou alguma outra pessoa encontrar seus escritos.

Ele ficou muito satisfeito com a música, no final das contas. Disse que ela acabou sendo diferente da música que escutara na sua cabeça. Quando eles voltaram da Índia, em abril de 1968, ele decidiu tentar gravá-la de novo, após ter novas ideias.

Quando John fala com George Martin sobre uma de suas músicas, há muito sussurro e uou uou uou, pois ele tenta fazer com que George escute o que está na cabeça dele. Ele também não é tão resoluto quanto Paul, ou parece não ser, perguntando aos outros o que eles acham quando escutam a faixa que acabaram de gravar. Paul tende a dizer logo "vamos tocar de novo".

"Hey Bulldog" foi uma outra música de John que começou simplesmente com algumas palavras nas quais ele pôs melodia. Essa foi provavelmente uma das músicas que eles gravaram

mais rápido na fase pós-turnês. Ela foi gravada em fevereiro de 1968, em praticamente apenas um dia, do começo ao fim. Eles tinham que ir ao estúdio no domingo para gravarem o filme promocional de três minutos de "Lady Madonna", uma música de Paul, o lado A do single lançado em março de 1968.

"Paul disse que devíamos gravar uma música de verdade no estúdio, para não perdermos tempo. 'Será que eu conseguia escrever uma rápido?', ele me perguntou. Eu tinha algumas palavras soltas em casa, então as trouxe comigo." Junto com Neil e os outros, a letra foi terminada no estúdio. John disse para eles mais ou menos como achava que a música deveria soar e eles todos criaram a base juntos, simplesmente pegando seus instrumentos e tocando, no meio das filmagens.

A letra mudou, até mesmo enquanto eles cantavam, já que Paul não conseguia ler direito a caligrafia de John. Uma das frases era "*measured out in news*", que virou "*measured out in you*", pois eles concordaram que soava melhor. Não havia nenhuma referência a um buldogue quando eles começaram a gravar a música. A letra fazia menção a um sapo-boi (*bullfrog*, em inglês), o que fez Paul, de palhaçada, começar a latir para fazer John rir. Eles mantiveram os latidos e mudaram o nome da música. John disse que a ideia de um cachorro se encaixava muito bem. Podia ser um cachorro que late sem parar, preocupado com você, tentando chamar sua atenção, igual à garota na música. Ele então pegou um sitar e começou a cantar a letra com um sotaque de Lancashire, dedilhando o sitar como George Formby, mas eles não conseguiram encaixar isso na versão final.

A maior parte do processo de composição de John é feita ao piano, apenas dedilhando por horas, deixando sua mente vagar, quase que em transe, enquanto seus dedos procuram por pedaços de músicas. "Tenho outra aqui, algumas palavras, acho que as peguei de um anúncio – '*Cry baby cry, make your mother buy* [Chora bebê chora, faça sua mãe comprar]'. Tenho tocado repetidamente ao piano. Desisti dela, por enquanto. Vou voltar se estiver realmente com vontade de terminá-la. Eu realmente me levanto do piano como se estivesse em transe. Às vezes sei que deixei algumas coisas escaparem, que poderia ter conseguido agarrá-las se realmente quisesse alguma coisa."

Paul tende a trabalhar em músicas inteiras, e não em pequenos pedaços. Mas muitas vezes as músicas ficam inacabadas. E, até mesmo quando estão terminadas, elas às vezes ficam jogadas de lado por muito tempo. "When I'm Sixty-Four" (a idade é uma homenagem ao pai de Paul) foi escrita antes de eles começarem a tocar no Cavern, e depois foi escolhida como sendo ideal para o *Sergeant Pepper*.

Às vezes, quando ambos têm músicas pela metade, eles as juntam e criam uma música completa. O exemplo clássico é "A Day In The Life".

"Havia escrito a primeira parte e deixei Paul ouvir. Disse a ele que o que precisávamos agora era de uma terceira frase de oito compassos. Ele disse: 'Que tal isso: '*Woke up, fell out of*

bed, dragged a comb across my head [Acordei, caí da cama, passei um pente no cabelo]'? Ele havia escrito essa música sozinho, sem ter a menor ideia do que eu estava escrevendo. Eu disse: 'Aham, é isso!'

"Então achamos que precisávamos de algum pedaço que fizesse uma ponte, um barulho que se conectasse ao primeiro pedaço. Queríamos pensar em um bom final e tínhamos que decidir que tipo de instrumentos de apoio ficariam bons. Todas as nossas músicas nunca tomam uma forma individual clara até o final. Elas são desenvolvidas o tempo todo, à medida que a gente vai tocando.

"Em geral, a parte instrumental que eu pensei que fosse dar certo no começo é descartada. Com 'Tomorrow Never Knows', imaginei na minha cabeça que você ouviria milhares de monges cantando ao fundo. Isso não era muito prático, claro, e fizemos algo diferente. Devia ter tentado chegar perto da minha ideia original: monges cantando. Percebo agora que era isso que eu queria."

Sua longa estadia na Índia com o Maharishi, na primavera de 1968, acabou sendo um ambiente ideal para escrever músicas – e não apenas músicas indianas. O ambiente estranho, estrangeiro de Hamburgo trouxe de dentro deles um som de Liverpool (Marshall McLuhan, que se julga um especialista em Beatles, diz que isso prova sua teoria de que, quando um novo ambiente cerca um ambiente antigo, o velho torna-se uma forma de arte). A Índia teve um efeito semelhante, pelo menos em Paul, fazendo-o voltar para suas influências de infância, como musicais e faroestes de Hollywood.

De qualquer forma, quando eles voltaram, John e Paul haviam escrito cerca de seis ou sete músicas cada, o suficiente para um novo LP. Eles até voltaram com uma ideia para seu formato – o LP seria composto por canções da trilha sonora de um musical inexistente. Ele originalmente iria se chamar *Doll's House* – Doll sendo o nome de uma menina, e sua casa sendo uma casa de prazer, onde todas as pessoas do musical fictício se reuniam. Mas eles descobriram que *Doll's House* já havia sido usado como título.

Paul voltou e tocou suas canções, com Jane cantando um acompanhamento de lá-lá-lá, para todos os amigos que iam visitá-lo, especialmente quando eles estavam prestes a começar a contar alguma saga das coisas que haviam dado errado quando eles estiveram fora. "Não, não, não me conte, em vez disso, escute essa música." Ele começou uma música sobre Rocky Raccoon entrando no seu quarto e achando apenas uma Bíblia. Ao rimar "*Bible*" com "*rival*", deu um sorriso sem graça. Também escreveu uma música sobre lixo no ferro velho. Parou de cantar no meio da frase "*broken hearted jubilee mug*" para dizer que "*jubilee*" não era uma boa palavra de se cantar. Então, ele cantou uma música sobre uma menina sentada ao longe com um guarda-chuva vermelho. Tinha algumas palavras, mas muitos lá-lá-lás. Ele gostou mais do que tudo de cantar para todo mundo uma música jocosa meio *folk* americano sobre como era bom estar de volta na URSS. Ele fez uma voz parecida com as dos Beach Boys para cantar o

refrão. Mike, seu irmão, perguntou por que eles não chamavam os próprios Beach Boys para cantarem o refrão, mas Paul disse que não. Embora Paul ainda claramente tivesse que preencher muitas lacunas nas músicas, ele não as cantava para os outros em busca de sugestões, da forma como John podia ter feito, nem mesmo para se mostrar. Ele estava apenas compartilhando a felicidade de ter começado novas músicas, antes que as terminasse ou as esquecesse para sempre.

É muito difícil para John, Paul e George conseguirem o som que eles acham que conseguem ouvir em suas cabeças, mas é ainda mais difícil para George Martin. Eles o deixam com pedaços de faixas que às vezes não combinam ou lhe apresentam problemas que não podem ser resolvidos, pelo menos em curto prazo. Da mesma forma que eles achavam que podiam alugar os estúdios de Shepperton para a filmagem de *Magical Mystery Tour* com apenas uma semana de antecedência, eles decidiram da noite para o dia que queriam uma orquestra sinfônica na noite seguinte. E espera-se que George Martin arrume uma para eles.

Ele às vezes acha meio divertido a falta de conhecimento musical deles. "Eles pedem por coisas como violinos para tocar um Fá uma oitava abaixo do Dó, o que, é claro, os violinos não conseguem fazer."

Mas ele aprova e gosta do método deles de colocar uma faixa sobre a outra até que tenham conseguido o som que desejavam. Ele sempre gostou do lado eletrônico das gravações, desde a época em que tentava criar sons esquisitos para os discos de Peter Sellers. Ele acha que eles poderiam por vezes chegar a gravar 64 faixas, não apenas quatro, para conseguirem incluir tudo que eles imaginaram.

"Uma vez vi um filme do Picasso trabalhando. Ele começa com uma ideia, depois a sobrepõe com outra coisa. Ele ainda tem a mesma ideia básica, mas a transforma, colocando algo por cima dela. Às vezes a ideia original pode ser obliterada."

Algumas complicações surgem quando não é apenas uma questão de adicionar elementos a uma faixa existente, mas se trata de tirar elementos de duas faixas diferentes. "Strawberry Fields" foi uma das criações mais complicadas em termos técnicos. Eles gravaram as faixas-base da forma tradicional, e então John a ouviu em casa e decidiu que não era aquilo que queria.

"Ele queria uma música mais suave, um pouco como um sonho, mas disse que ficou muito estridente. Ele perguntou se eu podia criar uma nova faixa apenas com as cordas. Então escrevi uma nova partitura e gravamos só isso. Mas ele não gostou. Ainda não estava perfeito. O que ele queria agora era a primeira parte da primeira gravação mais a segunda metade da nova gravação. Será que eu podia juntá-las para ele? Eu disse que era impossível. Elas estavam em escalas e ritmos diferentes."

Enquanto George Martin estava tentando decifrar uma maneira de contornar isso sem ter que fazer toda a sessão de gravação de novo, ele percebeu que, acelerando a gravação mais lenta em cinco por cento, não só a trouxe para o mesmo ritmo da outra, como para a mesma escala. Por acidente, ele conseguiu juntá-las, sem ter tido muito trabalho.

Os Beatles nunca se preocupavam quando escutavam que algo era impossível, nem quando George lhes dizia que suas supostas novas ideias eram na verdade muito antiquadas. Eles tiveram uma ideia no fim de "She Loves You" que achavam que era realmente inovadora. Depois dos últimos iê-iês, entraria uma sexta aumentada. "Disse para eles que era brega, que Glenn Miller fez isso vinte anos atrás. Eles disseram e daí, era isso que eles queriam."

George Martin vê seu trabalho com eles dividido em duas fases. "Na primeira, eles precisavam muito de mim. Eles não sabiam nada e dependiam de mim para produzir o seu som, o som ensurdecedor que eles faziam no Cavern, mas que ninguém estava gravando. Pessoas como Cliff e os Shadows eram muito tranquilos e sutis.

"A segunda fase é agora, quando eles sabem o que querem colocar no disco, mas dependem de mim para organizar aquilo para eles.

"Nesse meio tempo, passei a ser alguém agarrado aos últimos vestígios de poder."

Isso é meio que brincadeira, ele espera. Há um pouco de provocação de ambos os lados. Os Beatles tendem a zombar um pouco dele. Ele, por sua vez, acha graça da inocência e ingenuidade deles. Ele se preocupa que um dia isso possa fazê-los ir longe demais, não na música, mas talvez nos filmes, se recusando a confiarem em alguém experiente, alguém como ele mesmo. Ele realmente achou que eles tinham se envolvido com mais do que podiam dar conta quando resolveram fazer seu filme para a TV. A julgar pela reação dos críticos britânicos de televisão, ele estava certo.

Ele acha que Paul tem o talento musical mais versátil, com uma capacidade de criar melodias quase que por encomenda. "Ele é tipo o Rodgers e Hart dos dois. Ele consegue criar músicas grudentas excelentes. Não acho que ele se orgulhe muito disso. Ele está sempre tentando se aprimorar, especialmente tentando igualar o talento de John com as palavras. Ter conhecido John fez com que ele se esforçasse a escrever letras mais profundas. Duvido que ele tivesse conseguido escrever "Eleanor Rigby" se não o tivesse conhecido.

"Paul precisa de uma plateia, John não. John é muito preguiçoso, ao contrário de Paul. Sem Paul, ele sempre largaria tudo inacabado. John escreve para seu próprio deleite. Ele ficaria feliz em tocar suas músicas para Cyn. Paul gosta de uma plateia.

"O conceito musical de John é muito interessante. Estava um dia tocando para ele 'Daphne e Chloë', de Ravel, e ele disse que não conseguia entender aquilo muito bem, porque as sequências melódicas eram muito longas. Ele disse que considerava escrever música algo que se fazia aos poucos, em pedaços, que depois você juntava."

Ambos, Paul e John, têm originalidade e um talento musical natural, mas de formas diferentes. Paul consegue produzir facilmente músicas adoráveis, como "Michelle" e "Yesterday", enquanto a música de John é mais irregular e agressiva, como "I Am The Walrus". De certa forma, isso vem de suas personalidades. Como pessoas, bem antes de começarem a escrever música, John sempre foi um pouco violento e agressivo, e Paul gentil e mais calmo.

Mas o mais interessante neles como compositores é que, embora tenham colaborado um com o outro por mais de dez anos, ainda têm personalidades fortes distintas. Cada um manteve seu próprio gosto.

Mais do que isso, a individualidade deles se tornou mais forte durante os anos. Durante a fase rock and roll, ambos estavam escrevendo o mesmo tipo de música, mas, desde "Yesterday" é fácil distinguir uma música de Paul de uma de John. Eles influenciam um ao outro – com isso Paul foi estimulado a se esforçar a escrever letras melhores, enquanto John foi estimulado por Paul a ser mais entusiasmado e dedicado. Mas eles ainda são muito diferentes.

Suas músicas têm sido constantemente analisadas, elogiadas e interpretadas desde o início, em 1963, quando o crítico de música do *The Times* admirou seus "acordes pandiatônicos". Dizem que eles foram influenciados por tudo, do blues às danças húngaras.

Quando foi descoberto que eles usaram drogas, as pessoas passaram a ver referências a elas por toda parte. Disseram até que a palavra *help* [ajuda] em "A Little Help From My Friends" significa maconha. Dizem que "Lucy In The Sky with Diamonds" é um acrônimo para LSD, o que é apenas uma coincidência. O filho de John, Julian, havia feito um desenho para ele de Lucy, uma menina da sua turma, no céu. Nos Estados Unidos, disseram que "*meeting a man from the motor trade* [conhecer um homem da indústria automobilística]" obviamente significava encontrar um aborteiro. Na verdade, era uma piada que fazia referência ao amigo Terry Doran, que havia sido vendedor de carros.

Eles usaram gírias de drogas em suas músicas, mas não tanto quanto as pessoas dizem. Estranhamente, várias gírias obscenas usadas deliberadamente nunca foram notadas. Em "Penny Lane", por exemplo, a expressão *finger pie* faz referência a uma velha gíria obscena de Liverpool, usada pelos rapazes locais em relação às garotas.

Eles se divertem com todas as interpretações. John deliberadamente deixou todos os jogos de palavras e besteiras em que ele tinha pensado em "I Am The Walrus", sabendo que um monte de gente iria se divertir tentando analisá-los.

Mas, se eles são os maiores compositores do mundo hoje, como alguns têm dito, ou se são ainda melhores do que Schubert, não lhes interessa. Eles nunca discutem ou tentam avaliar sua música. Quando é forçado a falar sobre isso, Paul diz simplesmente que é preciso melhorar sempre.

"Cada vez nós simplesmente queremos fazer algo diferente. Depois de 'Please Please Me', decidimos que tínhamos que fazer algo diferente na próxima música. Experimentamos um

chapéu engraçado, então o tiramos da cabeça e procuramos por outro diferente.

"Por que deveríamos querer voltar atrás? Isso seria uma besteira. Seria como vestir ternos cinza pelo resto da sua vida.

"Suponho que todo mundo gostaria de poder fazer isso, tentar coisas diferentes toda vez que vai trabalhar. Nós podemos, porque é apenas um hobby, só isso. Nós colocamos nossos pés para cima e desfrutamos isso o tempo todo."

George não acha que eles tenham feito muitas músicas que mereçam ser assunto de discussão (suas composições serão analisadas separadamente, mais tarde).

Mas, de vez em quando, George sente falta dos velhos tempos. "Frequentemente penso que seria legal tocarmos juntos de novo. Nunca mais tocamos todos juntos depois que paramos de fazer shows. Talvez um dia a gente alugue um estúdio e toque só para nós mesmos."

"As músicas são boas, mas não são brilhantes", diz John. Simplesmente me sinto indiferente quando as escuto no rádio. Nunca as escuto direito. Talvez se alguém estivesse atacando-as, dizendo que elas são podres, então talvez eu reagisse e as defendesse."

Eles nunca escutam seus próprios discos, exceto, talvez, quando estão prestes a começar um novo álbum. Então, eles colocam para tocar o anterior apenas para ver o que fizeram da última vez. Nenhum deles canta suas próprias canções, antes de gravá-las ou depois. Quando John ou os outros começam a cantar o refrão de "She Loves You", é como se estivessem ridicularizando uma música brega escrita por outra pessoa.

"Nós as escutamos várias vezes, quando as escrevemos", diz John. "Quando terminamos de gravá-las, não importa mais.

"Eu realmente detesto escutar pedaços delas que não saíram como queríamos. Há partes de 'Lucy In The Sky' que eu não gosto. Alguns dos barulhos em 'Mr Kite' não estão certos. Eu gosto de 'A Day In The Life', mas não é tão boa quanto imaginei que seria quando estávamos gravando. Acho que poderíamos ter nos esforçado mais. Mas eu não tinha mais vontade de continuar trabalhando nela.

"Não acho que as nossas músicas antigas sejam tão diferentes de nossas músicas novas, como as pessoas sempre dizem. As palavras são diferentes, mas isso é porque as escrevemos de forma diferente. As melodias são muito parecidas.

"Acho que sou tão indiferente com relação à nossa música porque outras pessoas a levam muito a sério. Pode ser agradável de certa forma, mas em geral me irrita.

"É bom quando as pessoas gostam delas, mas quando eles começam a 'apreciá-las', encontrando significados profundos em suas letras, fazendo delas algo que não são, então é um monte de merda. Isso prova o que sempre pensamos sobre a maioria dos tipos da chamada arte. É tudo uma grande merda. Odiávamos toda aquela merda que eles escreviam e falavam sobre Beethoven e balé, todos se enganando que era tudo muito importante. Agora está acontecendo conosco. Nada disso é importante. Só é preciso de algumas pessoas para fazer o

que fazemos e eles se convencem a pensar que é algo importante. Tudo se torna uma grande enganação.

"Somos uma grande enganação também. Sabemos que estamos enganando-os, porque sabemos que as pessoas querem ser enganadas. Eles nos deram a liberdade para enganá-las. Vamos colocar isso na letra, falamos um para outro, isso vai fazer com que eles tentem decifrar o que queremos dizer. Tenho certeza de que todos os artistas fazem isso quando percebem que é uma enganação. Tenho certeza de que Picasso coloca imagens idiotas em seus quadros só para intrigar as pessoas. Tenho certeza de que ele está rolando de rir há oitenta anos.

"Isso é triste, no entanto. Quando não estamos rindo, estamos enganando a nós mesmos ao pensar que somos importantes. As pessoas não levam nada na brincadeira. Se tivéssemos dito, quando escrevemos 'She's Leaving Home', que estávamos na verdade pensando sobre bananas, ninguém acreditaria. Eles não querem acreditar em você.

"É deprimente perceber que estávamos certos o tempo todo. Beethoven é um vigarista, assim como nós somos agora. Ele estava apenas trabalhando um pouco, só isso.

"A questão é: será que o Beethoven e esse tipo de gente se dão conta de que eles são vigaristas? Ou eles realmente acreditam que são importantes? Será que o primeiro-ministro percebe que ele é apenas um cara? Não sei. Talvez ele tenha se deixado levar demais por todo esse fingimento para saber o que está fazendo. O problema é que ele parece realmente acreditar que ele sabe o que está fazendo, quando não sabe.

"As pessoas acham que os Beatles sabem o que estão fazendo. Não sabemos. Estamos apenas fazendo qualquer coisa. As pessoas querem saber qual é o significado de 'Mr. Kite'. Não tem nenhum significado. Simplesmente escrevi aquela letra. Coloquei várias palavras juntas, depois coloquei vários barulhos para acompanhá-las. Não gostei daquela letra quando a escrevi. Não acreditei nela quando a gravamos. Mas ninguém vai acreditar nisso. Eles não querem acreditar. Eles querem que ela seja importante."

31

John

John mora em uma grande casa estilo Tudor em um condomínio fechado cheio de casas no mesmo estilo em Weybridge, em Surrey. Ringo mora no mesmo condomínio. A casa de John custou no total 60 mil libras, embora a propriedade em si só tenha custado 20 mil. Ele gastou os outros 40 mil em reformas, derrubando quartos, decorando, mobiliando, refazendo o jardim e construindo uma piscina. Ele gastou muito dinheiro nela e sabe disso. "Acho que só ganharia metade do dinheiro de volta se a colocasse à venda, umas 30 mil libras. Vou precisar achar um cantor pop para comprar, alguém frouxo."

No jardim ele tem uma Caravan com uma pintura psicodélica, feita para coincidir com a pintura de seu Rolls-Royce. A casa fica no topo de uma pequena colina, com terreno em volta. Eles têm um jardineiro, uma governanta chamada Dot e um motorista chamado Anthony. Nenhum deles mora na casa.

No interior da casa, o hall de entrada é escuro e cheio de livros, mas os outros cômodos são luminosos, grandes e luxuosamente decorados. Eles têm sofás longos e felpudos, carpetes de pelo alto e cortinas elegantes, todos com um aspecto de novo e pouco usado, como em um cenário de Hollywood. Mas entre eles estão ornamentos irrelevantes espalhados por todos os cômodos, cartazes velhos e pequenas antiguidades. Eles parecem muito utilizados e pessoais, obviamente escolhidos por John, em vez de por um decorador de interiores, mas apenas despejados e esquecidos uma vez que o ímpeto inicial tenha passado.

Essas salas podiam muito bem ser corredores. Ninguém nunca as usa, embora elas estejam sempre muito limpas e arrumadas. Eles apenas passam por elas para sair de casa. Tudo é feito em uma pequena sala retangular na parte de trás da casa. Uma das paredes é toda de vidro e tem vista para o jardim e as árvores mais além.

John, sua esposa Cynthia e seu filho Julian (nascido em 8 de abril de 1963) passam a maior parte do tempo nessa sala ou na cozinha. A opulência ao redor parece não ter nada a ver com

eles. Dot toma conta disso.

Dentro de seus aposentos, Cyn cuida de sua família sozinha, cozinhando para eles três – embora John faça o jantar de vez em quando. Ela toma conta de Julian sozinha. Ela nunca contratou uma babá, embora muitas vezes Dot tome conta de Julian quando ela precisa se ausentar. Foi ela que tomou conta de Julian enquanto John e Cyn estavam na Índia no início de 1968.

Cyn fica preocupada de vez em quando com os gastos de ter uma casa tão grande que eles nem usam. John, quando pensa a respeito, acha engraçado.

"Tudo parece custar uma fortuna", diz ela. "John gasta dinheiro de forma impetuosa e é contagiante. Sempre me sinto culpada. Tenho que me recompor de vez em quando, quando percebo o quanto algo significaria para algumas pessoas. Nossa conta de comida e bebidas é enorme. Só compramos basicamente pão, chá, açúcar, leite, comida para gato e refrigerante, como não tomamos bebida alcoólica. No entanto, de alguma forma gastamos 120 libras por mês. Não sei como."

Eles têm cinco gatos. Seus nomes mapeiam as fases da vida de John. Uma gata se chama Mimi, por causa de sua tia, e outros dois se chamam Neil e Mal, por causa de seus gerentes de produção. Um dos filhotes, nascido no verão de 1967, no auge do seu verão iogue, se chama Badidji.

Muitas de suas contas regulares, como gás e eletricidade, são pagas diretamente pelos seus contadores. Cyn paga o resto.

"Às vezes abro as contas quando elas chegam", diz John. "Se não gosto do que vejo, eu as guardo e esqueço que elas existem até que alguém comece a reclamar. De vez em quando, eu os interrogo, mas eles começam 'Bem, senhor, é assim, senhor'. Você nunca chega a lugar nenhum."

Todos os Beatles recebem uma quantia semanal de cinquenta libras em notas de cinco para cobrir qualquer despesa pessoal, como funcionários. Eles raramente carregam dinheiro consigo.

"Não sei quanto dinheiro tenho", diz John. "Não estou ciente de ter um baú de tesouros cheio na parte inferior do jardim. É tudo hipotético, mas eu sei que não é tanto quanto as pessoas pensam.

"Está tudo amarrado a outras coisas, de várias maneiras. Perguntei para o contador uma vez quanto era. Escrevi num pedaço de papel, mas o perdi."

A pequena sala de estar retangular deles está lotada de pôsteres, ornamentos e fotografias. Um grande bilhete pregado na parede diz "Leite é inofensivo".

Ele fazem as refeições nessa sala, assistem à televisão nessa sala e, quando está frio ou chovendo, John passa a maior parte do tempo, quando não está gravando ou compondo, encolhido num pequeno sofá nessa sala, sem fazer nada. O sofá é pequeno demais para ele. Ele

obviamente ficaria mais confortável em um dos grandes sofás felpudos da outra sala, mas ele encolhe as pernas e consegue ficar lá deitado por horas.

Quando o tempo está bom, ele abre as portas de vidro, sai e se senta nos degraus que levam ao jardim, olhando para a piscina em seu jardim inglês.

Anthony e Dot normalmente abrem a porta da frente, embora John também o faça quando lhe dá vontade. Ele raramente atende o telefone. É quase impossível conseguir falar com ele pelo telefone de qualquer forma, pois ele tem uma secretária eletrônica que grava recados. Isso faz com que a maioria das pessoas desista de falar com ele. Uma mensagem gravada diz: "Você ligou para o número quatro, cinco, Wubbleyoo, Dubbleyoo, em Weybridge, por favor, deixe sua mensagem agora."

Seu número de telefone que não está na lista telefônica está sempre mudando, o que é uma forma de mantê-lo secreto. É um segredo para John também. Ele nunca consegue lembrá-lo.

Uma noite comum na casa dos Lennon é comum. Nesta noite comum, particularmente, dois vendedores ambulantes bateram à sua porta, dizendo ser estudantes australianos vendendo revistas. John por acaso abriu a porta e os deixou entrar. Eles disseram que estavam participando de uma competição para ver quem conseguia vender o maior número de assinaturas. O prêmio os ajudaria em seus estudos. Essa, pelo menos, era a história deles. John disse: "Aham, muito bem, entrem então, o que vocês querem que eu faça?" Eles pegaram a lista de revistas e pediram que John marcasse aquelas que ele gostaria de ler. Ele marcou várias e os dois vendedores-estudantes disseram que o valor total era de 74 libras. John disse: "OK, espere um pouco até eu achar algum dinheiro." Ele só conseguiu achar o envelope com as cinquenta libras para gastos domésticos. Ele os entregou isso. Eles disseram que aquilo era o suficiente, agradeceram-lhe muito e foram embora.

Cyn cozinhou o jantar para a família. De entrada, eles comeram uma fatia de melão, seguida por um prato de frios e legumes. John não comeu a carne, pois havia se tornado vegetariano. Todos beberam leite frio com a refeição.

John estava com uma obturação solta, em que ele sempre ficava mexendo, fazendo um barulho de água de açude quando ele comia. Ele foi até a geladeira pegar mais leite e o bebeu direto da garrafa, gelado. Cyn disse que isso não seria bom para o dente dele.

Durante a refeição, a TV estava ligada. Eles todos viraram suas cadeiras para assistir a ela. De vez em quando, Cyn ou John mudavam de canal. Ele pareciam nunca assistir a nenhum programa por mais de dez minutos. John olhava fixamente, em silêncio, perdido e abstrato, através de seus óculos. Cyn estava lendo o *Daily Mirror* ao mesmo tempo. Julian assistia e batucava ao mesmo tempo. Então ele saiu da mesa, deitou no carpete e começou a desenhar. Cyn havia comprado umas canetas esferográficas coloridas para ele. Ambos o observaram, perguntando o que ele estava desenhando. Ele disse que era uma gaiola de pássaros, como a

que eles têm no jardim. Ele explicou tudo que estava acontecendo em seu desenho. John e Cyn sorriam para ele enquanto ele falava.

John então abriu uma das portas de correr e se sentou num degrau da escada para respirar um pouco de ar fresco, olhando para a piscina. Na superfície da piscina, o filtro automático zumbia, dando voltas e voltas, como uma nave espacial que acabara de pousar. Julian saiu e foi para a piscina. Ele jogou alguns remos na piscina, depois os tirou de lá e voltou para a casa. Cynthia tirou os pratos e lavou a louça.

Terry Doran chegou e foi recebido calorosamente por todos, inclusive por Julian, que sentou em seu colo.

"Você quer que seu pai te coloque para dormir?", perguntou Cyn, sorrindo para John, que sorriu de volta. "Ou você quer o Terry?" Julian disse que queria que Terry o colocasse para dormir, mas ela pegou Julian no colo e o pôs para dormir.

"Você vai enrolar um para a gente, então?" perguntou John para Terry. Terry disse que sim. John se levantou e pegou uma caixa de ferramentas que ele abriu para o Terry. Dentro havia um pouco de tabaco, embalado em papel alumínio, além de alguns papéis de cigarro. Terry enrolou dois cigarros, que eles fumaram, passando de um para o outro. Isso aconteceu durante o período em que eles fumavam maconha, que já passou.

Cyn voltou para a sala. A televisão ainda estava ligada. Eles continuaram a assistir, mudando de canal o tempo todo, até por volta da meia-noite, quando Cyn fez chocolate quente. Terry foi embora e John e Cyn foram dormir. John disse que ia ler um livro que alguém havia dado para eles. Cyn disse oh, ela queria ler antes.

"Fico feliz de ter feito sucesso jovem. Ter feito sucesso cedo significa que agora eu tenho o resto da minha vida para fazer o que eu quiser. Seria horrível ter vivido a vida toda antes de finalmente fazer sucesso, apenas para descobrir que não significa nada. Sabíamos disso de toda forma, mas tínhamos que ver com nossos próprios olhos.

"Por muito tempo, sempre tínhamos pequenas metas específicas, nunca olhamos muito para a frente. Era uma série de objetivos, de gravar um disco, de chegar a número um, de gravar um segundo disco, de fazer um filme, e por aí vai. Simplesmente planejávamos tudo por etapas. Nunca pensamos sobre qualquer coisa muito grande. Agora eu posso. Não estou mais interessado em pequenas conquistas agora. Ser ator não me interessa mais. Foi uma perda de tempo para mim. Escrever, já fiz isso. Queria escrever um livro e escrevi um, então é isso.

"Acho que agora estou interessado no Nirvana, o paraíso budista. Não sei muito a respeito, nem entendo o suficiente para tentar explicar o que é. George sabe mais.

"Estudar religião fez com que eu tentasse melhorar os meus relacionamentos, não ser tão desagradável. Não foi uma tentativa consciente de mudar a minha personalidade. Ou talvez seja, não sei. Estou apenas tentado ser como quero ser e como gostaria que os outros fossem.

“As drogas provavelmente me ajudaram a entender melhor quem eu sou, mas não muito. Não a maconha. Isso era apenas uma diversão inofensiva. O LSD foi o autoconhecimento que apontou o caminho em primeiro lugar. De repente fui tomado por visões incríveis quando tomei ácido pela primeira vez. Mas você tem que estar buscando isso, antes que você possa encontrar. Talvez eu estivesse buscando, sem perceber, e teria encontrado de qualquer forma. Só teria levado mais tempo.

“Aquela primeira vez que tomamos ácido de verdade foi um acidente. George e eu estávamos em um jantar e alguém nos ofereceu quando não sabíamos muito a respeito. Tínhamos fumado maconha, mas só isso. Não tínhamos ouvido falar dos horrores do LSD. E não fomos supervisionados, o que deveríamos ter sido. Achamos que estávamos ficando malucos.

“Mas há maneiras muito melhores de se chegar lá. Não tenho nada contra as ideias cristãs e seus hábitos. Acho que não teria feito aquele comentário sobre Jesus hoje. Vejo as coisas de forma diferente. Acho que o budismo é simples e mais lógico do que o cristianismo, mas não tenho nada contra Jesus. Vou deixar que Julian aprenda tudo sobre Jesus quando ele for para a escola, mas também vou falar para ele que houve muitos outros ‘Jesuses’, vou lhe contar sobre os budistas, que também são homens bons.

“Quando fiz aquele comentário sobre Jesus, várias pessoas me mandaram livros sobre ele. Li muitos deles e descobri várias coisas. Descobri, por exemplo, que a Igreja Anglicana não é muito religiosa. Há muita política envolvida. Você não pode ter os dois juntos. Você não pode ser poderoso e puro. Talvez eu descubra que os gurus também são assim, cheios de política. Não sei. Tudo que sei é que estou mais ciente de tudo isso. Quero apenas aprender mais.

“Não sei se você tem que ser pobre ou não. Sinto como se pudesse abrir mão de tudo isso, pois é realmente um grande desperdício de energia. Mas tenho que esperar e ver pelo que eu estaria trocando tudo isso, o que conseguiria em troca. Talvez eu abra mão de todas essas coisas materiais no final. Mas, no momento, eu quero me encontrar.”

Cyn diz ter notado uma diferença nele. Talvez ele tenha passado a ser mais agradável. Ele estava mais calmo e tolerante. Mas ainda não era muito comunicativo. “Talvez eu esteja sendo egoísta”, disse ela. “É apenas mais fácil para mim se ele me falar as coisas.”

John admitiu que ele nunca foi muito comunicativo. Ele leu uma entrevista de seu motorista em um suplemento em cores, na qual Anthony havia sido citado como dizendo que tinha dirigido John por horas e horas por toda a Espanha durante seu filme e John nunca tinha falado com ele. “Não tinha percebido até então que não tinha falado com ele.”

O recorde de John de não falar, simplesmente não fazer nada e não se comunicar com ninguém, é de três dias. Ele já fazia isso muito antes de começar a meditar. “Sou um especialista nisso. Eu posso me levantar e começar a não fazer nada imediatamente. Simplesmente sento nos degraus, olho para o nada e fico pensando até dar a hora de ir para a cama.”

Ele não considera estar desperdiçando o seu tempo. Ele desperdiçava ainda mais logo depois que pararam de fazer shows, quando não se levantava antes das três da tarde. Agora, pelo menos, ele se levanta e tenta ver um pouco da luz do dia. Ele diz que se não vai fazer nada, pelo menos pode não fazer nada enquanto ainda tem um pouco de sol do lado de fora.

Mesmo quando ele tenta se comunicar, Cyn, assim como sua tia Mimi, muitas vezes tem dificuldade de entendê-lo, embora ele se esforce mais hoje em dia, desde que o Maharishi apareceu, assumindo o lugar do budismo.

"Realmente tenho dificuldade de passar o dia com pessoas. Não há nenhum motivo para esse tipo de conversa. De vez em quando eu até participo, como se fosse um jogo, para ver se consigo. Como você está? Que horas são? Como você tem passado? Esse tipo de coisa sem sentido.

"A principal coisa é: não há nada para se falar a respeito. Eu *penso* em comunicação o tempo todo como um louco, mas verbalizar isso é uma perda de tempo.

"Falamos em códigos uns com os outros nos Beatles. Sempre fizemos isso quando tínhamos muitos estranhos ao nosso redor nas turnês. Nunca nos comunicamos de verdade com outras pessoas. Agora que não encontramos mais com pessoas estranhas, não há mais necessidade de se comunicar. Nós nos entendemos. O resto não importa.

"De vez em quando, mesmo que a gente sinta um ao outro, nós temos uma sessão de comunicação verbal, quando temos que dizer coisas em voz alta, caso contrário esquecemos o que sabemos ter decidido entre nós mesmos.

"Tenho muitos devaneios. Isso é parecido com jogar conversa fora, então acho que não deveria condenar jogar conversa fora. São devaneios normais: o que devo fazer hoje, devo me levantar ou não, devo escrever uma música ou não, não, não vou atender ao telefone.

"A fala é a forma mais lenta de comunicação, de qualquer forma. Música é muito melhor. Estamos nos comunicando com o mundo através das nossas músicas. O escritório nos Estados Unidos diz que escuta *Sergeant Pepper* repetidamente para saber o que estamos pensando em Londres.

"Tenho pequenos espasmos de fala. Vou e converso com Dot ou com Anthony, ou com o jardineiro, apenas para ver se consigo. Eles ficam surpresos."

A maior mudança em John foi o declínio de sua agressividade. Todos os seus amigos mais próximos notaram isso. Todos acreditam que é por causa do sucesso.

"Levou muito tempo", diz Ivan Vaughan, seu amigo de escola. "Até uns dois anos atrás, as velhas animosidades ainda estavam lá: se recusando a falar com as pessoas, sendo grosseiro, batendo portas. Agora é muito provável que ele chame as pessoas para entrarem e se sentarem."

Pete Shotton, seu outro amigo de escola, que abriu a loja da Apple, concorda que todas as farpas foram lixadas.

"O lado bom que sempre vi nele agora está aparente. Apenas pessoas como os diretores de escola acreditavam que ele era de todo mau. Ninguém acreditava no que eu via nele na época.

"É ótimo que ele esteja tão feliz. Ele passou toda sua infância e toda sua juventude tentando ser o número um. Ele sempre tinha que ser o líder, brigando com todo mundo ou, se eles fossem maiores que ele, os humilhando e sendo sarcástico.

"Hoje John não está mais tentado provar nada, ele não tem que ser o número um, por isso está feliz. Você pode *ver* a diferença. Ele costumava andar desse jeito na escola primária e na Escola de Artes: todo curvado, olhando para baixo, como um coelho assustado, andando pelos cantos, mas sempre pronto para atacar. Você pode ver isso em todas as suas fotos antigas. Agora ele sorri nas fotos. Agora ele está estudando porque quer estudar. Na escola, você era forçado a estudar porque você tem que se encaixar na sociedade.

"Mas John não mudou completamente. Ele não é convencido ou vaidoso e continua a ser muito generoso. Quando John tinha um saco com uma dúzia de balas e nós três estávamos em volta dele, ele dividia suas balas igualmente, três para cada. Ele me fez mais generoso, só por estar com ele."

John não vê por que o sucesso deveria ter subido à sua cabeça ou o transformado em uma pessoa diferente. Além de achar que sucesso não significa nada, ele também acha que qualquer pessoa pode ser bem-sucedida, algo em que Paul também acredita.

Ambos, ele e Paul, acreditam que a coisa mais importante para o sucesso é a força de vontade. "Todo mundo pode ter sucesso. Se você disser isso para si mesmo várias vezes, você consegue chegar lá. Não somos melhores do que ninguém. Somos todos iguais. Somos todos tão bons quanto Beethoven. Todo mundo é igual por dentro.

"Você precisa de força de vontade e das circunstâncias certas, mas não tem nada a ver com talento, ou com treino ou educação. Existem pintores e escritores primitivos, não existem? Ninguém disse para eles como deveria ser feito. Eles aprenderam sozinhos que podiam fazer aquilo e fizeram.

"O que é talento? Eu não sei. Você nasce com ele, você descobre que o tem mais tarde? O talento básico é acreditar que você pode ser alguma coisa. Paul e eu estávamos sempre desenhando, mas George nunca nem tentava, pois dizia que não sabia desenhar. Demorou muito tempo para convencê-lo de que ele sabia desenhar. Agora ele está sempre desenhando e ficando cada vez melhor.

"Sabíamos que o GCE [General Certificate of Education] não era a porta de entrada para nada. Podíamos ter passado por tudo aquilo e seguido adiante, mas não era para mim. Eu acreditava que algo ia acontecer, pelo qual eu tinha que passar. E sabia que não era o GCE.

"Até os 15 anos, eu não era diferente de nenhum dos outros idiotas da mesma idade. Então eu decidi escrever umas músicas, e fiz isso. Mas isso não fez com que eu fosse diferente de ninguém. É um monte de besteira essa história de que eu descobri que tinha um talento.

Simplesmente comecei a escrever música. Não tenho talento algum, exceto o talento de ser feliz ou o talento de não fazer nada.

"Alguém tem que acabar com esse mito do talento, alertar as pessoas. Políticos não têm talento. É tudo uma enganação.

"Talvez o meu guru me diga qual é o meu talento de verdade, outra coisa que eu devia estar fazendo.

"Nunca senti nenhum tipo de responsabilidade por ser um suposto ídolo. Acho errado que as pessoas esperem algo de mim. O que as pessoas estão fazendo é colocar suas responsabilidades sobre nós, como Paul disse para os jornais quando admitiu ter tomado LSD. Se eles estavam preocupados com ele ser responsável, deveriam ter sido responsáveis o suficiente e não ter publicado aquilo, se estavam genuinamente preocupados que algumas pessoas fossem copiá-lo.

"Só me sinto responsável em ser quem eu sou e não fingir ser alguém para o público. Nós vestíamos uma máscara social, mas era de se esperar. Mas, dadas as circunstâncias, éramos os mais naturais possíveis. Ter que responder à mesma pergunta nos mesmos tipos de lugares pelo mundo todo, sempre sobre nosso corte de cabelo, era muito entediante. E ter que ser sociável com tantas pessoas e lordes e primeiras-damas. Todas aquelas pessoas de mau gosto que determinam o gosto dos outros. Todas aquelas pessoas sem normas que estabeleciam normas.

"Até mesmo no começo eu odiava essas coisas de conhecer a esposa do promotor. As pessoas estavam sempre dizendo que você tinha que participar de todas essas coisas sociais falsas. Que você não podia ser você mesmo. Elas não entendiam quando você dizia o que queria dizer. Tudo que você podia fazer era contar piadas, o que as pessoas esperavam que eu fizesse de qualquer maneira, depois de um tempo. Não acredito que as pessoas sejam assim de verdade. No entanto, por que elas se submetem a tudo isso?

"Não tenho que ir a lugar nenhum agora, talvez para uma boate de vez em quando. Cyn me engana e me convence a ir. Fomos na noite de abertura de algum velho amigo outro dia. David Jacobs estava por toda a parte. Fui com George. Ele notou como a noite seria no minuto em que chegamos na porta, mas eu não. Olhei para o lado e ele já havia ido embora. Nem chegou a entrar. Mas eu estava encurralado. Foi horrível.

"Nunca tenho consciência de que sou um Beatle. Nunca. Sou apenas eu mesmo. Não sou famoso. São as outras pessoas que fazem isso. Até elas virem até você e reagirem, você esquece. Ah, sim, é por isso que elas estão agindo de forma tão esquisita, então me lembro que sou um Beatle. Estava mais acostumado com isso há um ano, quando estávamos no olho do furacão, indo de país em país, o tempo todo sendo apresentados para pessoas que eu sabia que iam ficar olhando fixamente para mim. Não saio muito hoje em dia, exceto com pessoas que eu conheço, então esqueço, até que vou para algum lugar novo e as pessoas ficam me olhando.

"As pessoas ficavam nos encarando antes de sermos famosos. Indo para o Cavern, vestidos de couro e carregando guitarras. Gostávamos disso naquela época. Era nossa pequena rebeldia, só para irritar todas as Annie Walkers sentadas no Kardomah.

"Sinto falta de pregar peças nas pessoas. Costumava fazer isso nos trens, ia até o vagão das pessoas e fingia ser burro, ou nas lojas. Ainda sinto vontade de fazer isso, mas não posso. Viraria 'Beatles Pregam Peça. Isso Vai te Fazer Rir'.

"Certa vez estávamos a caminho de Wembley na van. Escrevemos em um pedaço de papel 'Como faço para chegar em Wembley?'. Falamos uma língua estrangeira e apontamos para um mapa de Gales. Todo mundo enlouqueceu tentando nos explicar o caminho certo.

"Outra vez pensamos em usar disfarces para podermos sair por aí. George e eu passamos pela imigração usando casacos longos e barbas, achando que ninguém nos reconheceria, mas eles reconheceram. Paul era o melhor. Ele fingiu ser um fotógrafo esquisito, falando um monte de baboseira psicológica. Enganou até mesmo o Brian."

Mais do que tudo, John sente saudades de sair por aí e ser uma pessoa normal. Embora a Beatlemania tenha acabado há muito tempo, é impossível para ele ou para qualquer um dos Beatles irem a qualquer lugar sem serem reconhecidos. Cyn consegue sair sozinha. Seus anos evitando a imprensa valeram a pena. "Mas não conseguimos fazer nada juntos como uma família, tipo ir fazer uma caminhada. É horrível. Às vezes gostaria que nada disso tivesse acontecido."

De todos os Beatles, John é quem mais odeia não poder ser um cidadão comum. Quando ele pensa que talvez esteja condenado a ser famoso para sempre, não importa o que ele faça de agora em diante, tem vontade de gritar.

"Não! Você não acha que isso vai acontecer, acha? Ser famoso para sempre? E se sumíssemos por muitos e muitos anos, será que isso funcionaria? Acho que simplesmente ficaríamos famosos de outra maneira, como a Greta Garbo. Talvez uma nova banda surja e tire isso de nós? Seria tão bom ser esquecido completamente."

Por volta do fim do ano de 1967 e do início de 1968, eles começaram a tentar fazer contato com o mundo real de novo. Eles descobriram que seus rostos eram tão famosos, assim como a família real, que as pessoas não esperavam vê-los na rua ou num Wimpy Bar. Eles conseguiram frequentar pequenos cafés no Soho durante a edição de *Magical Mystery Tour*. Tantas pessoas na época se pareciam com os Beatles, de qualquer forma, com suas costeletas e bigodes, que poucos acreditavam que eram eles mesmos.

"Fiz um teste com Ringo outro dia. Fomos ao cinema, pela primeira vez em muitos, muitos, muitos anos, desde que morávamos em Liverpool. Fomos ver um filme do Morecambe e do Wise, em Esher. Escolhemos ir na matinê, achando que seria mais calmo, mas estava lotado porque nos esquecemos de que era época de férias escolares. Não vimos o filme todo.

Tomamos um sorvete e depois fomos embora. Ninguém nos atormentou. Foi apenas um teste. Talvez vá mais vezes agora.

"Brian costumava nos levar ao teatro em West End de vez em quando. Íamos em grupo e não tinha problema. As pessoas ficavam nos olhando, mas ninguém nos incomodava muito. Mas não gosto muito de teatro, então não me preocupo em não poder fazer isso. São apenas cinco caras no palco fingindo estar em outro lugar. Mas sinto falta de ir ao cinema. Vivia indo ao cinema em Liverpool.

"Ringo e eu também pegamos um ônibus. Decidimos tentar, ver se conseguíamos. Nunca havia andado de ônibus em Londres. Ficamos nele durante vinte minutos. Foi ótimo. Fomos reconhecidos, mas não importa muito. Estávamos com disposição para isso. Começamos a filmar todas as pessoas no ônibus. A trocadora nos contou piadas obscenas. A maioria das pessoas não acreditou que éramos nós de verdade.

"Alguns jornais ligaram para o escritório no dia seguinte. Eles disseram que uma mulher estava afirmando ter-nos visto em um ônibus. Disse para eles negarem, dizer que não éramos nós. No dia seguinte, algum outro jornal teria ligado perguntando: 'E então, John, como foi andar de ônibus depois de tantos anos?' Não estava com disposição para isso.

"O que eu queria é ser deixado em paz. Não gosto de me misturar. Tenho amigos o suficiente. Só quero que me deixem em paz.

"Minha personalidade extrovertida é uma falácia. Eu a mantive por muitos anos, mas não sou de falar muito. Era um papel que eu criei, como um mecanismo de defesa. Fiz alarde e agora estou pagando por isso. Sei que parece que estou me lamentando. Talvez esteja, porque a grama do vizinho é sempre mais verde."

Paul e George costumam sair e ver pessoas de vez em quando, mas John raramente tenta fazer qualquer coisa ou entrar em contato com alguém. As coisas têm que vir até ele ou então ele não se importa com elas. E, da forma como a sua vida é ordenada, é difícil para qualquer coisa chegar até ele, a não ser que esteja passando na televisão, que está sempre ligada.

"Algumas semanas assistindo à televisão é igual a fumar maconha. Quando costumava assistir uns anos atrás, não suportava pessoas tipo o Hughie Green; agora ele não me irrita mais. Ele me diverte. Ele e Michael Miles são meus favoritos. É tudo igual. É como um jornal. Você lê todas as histórias e elas entram na sua cabeça como se fossem uma só.

"Penso bastante quando estou assistindo à televisão. É como olhar para o fogo e sonhar acordado. Você está vendo, mas não está prestando atenção."

O único estímulo vivo que ele tem vem dos outros Beatles. Ninguém chega nem perto de tomar seus lugares na sua vida.

No começo, eles naturalmente se afastaram de qualquer tipo de pessoa, porque estavam muito ocupados traçando seu próprio caminho, fazendo suas próprias coisas. Quando eles

ficaram famosos as pessoas tentavam deliberadamente entrar para seu círculo de amizade, normalmente pelos motivos errados. Eles rejeitavam todos os avanços de maneira brutal.

A maioria das estrelas do show business troca de amigos à medida que o seu nome no cartaz muda de tamanho. Sem contar Mick Jagger, dos Rolling Stones, os Beatles nunca fizeram nenhuma amizade no mundo da música pop. Em sua vida diária normal, eles só são amigos uns dos outros ou de Mal, Neil e Terry.

"Conhecemos algumas pessoas novas desde que ficamos famosos, mas nunca fomos capazes de suportá-las por mais de dois dias. Algumas ficam por perto por mais tempo, talvez por algumas semanas, mas só isso. A maioria das pessoas não nos impressiona."

John se encontra com Ringo mais do que com os outros, pois eles são vizinhos. Ele vai até sua casa quando está entediado, para fazer bagunça no jardim de Ringo e brincar com seus brinquedos caros. Eles nunca marcam ou combinam de se encontrar. As coisas acontecem espontaneamente. Tudo à base do "se eu te vir mais tarde, te vejo mais tarde".

John, mais do que os outros, não consegue ficar sem vê-los por muito tempo, o que é difícil para Cyn. Ele não diz isso para magoá-la, da mesma forma que não falar com ela ou entrar em um estado de semitranse não tem o objetivo de insultá-la. Ele só é assim, o que ela tem que aceitar.

"Se eu passo três dias sozinho, sem fazer nada, praticamente saio do meu corpo. Não estou aqui. Cyn não percebe isso. Estou lá em cima, me observando, ou no fundo dos meus pensamentos. Posso ver as minhas mãos e perceber que elas estão se mexendo, mas é um robô que está fazendo aquilo.

"Ringo entende isso. Posso conversar sobre isso com ele. Preciso ver os outros para me ver. Então percebo que existem outras pessoas como eu, por isso é gratificante e reconfortante. É assustador, na verdade, quando fica muito ruim. Preciso vê-lo para voltar a ter contato comigo mesmo e voltar para o meu corpo.

"Às vezes não volto. Estávamos gravando numa noite dessas e eu não estava lá. O Paul também não. Éramos como robôs, funcionando no automático.

"Precisamos muito uns dos outros. Quando nos encontrávamos de novo, depois de um intervalo, sempre ficávamos sem graça de tocar um no outro. Dávamos um aperto de mão elaborado, apenas para esconder nossa vergonha. Ou fazíamos umas danças malucas. Então começamos a nos abraçar. Agora nós fazemos do jeito budista, com os braços em volta. É apenas uma forma de dizer oi, só isso."

De vez em quando, ele tem vontade de ir para algum lugar com Cyn e Julian, e, claro, com os Beatles também. A ideia da ilha grega, com a qual John estava particularmente entusiasmado, era muito atraente para ele na época. "Íamos todos morar lá, talvez para sempre, apenas vindo para casa visitar as pessoas. Ou talvez morássemos lá seis meses por ano. Teria

sido fantástico: todos nós na nossa própria ilha. Havia umas casas pequenas que nós íamos reformar e juntar e viver tipo uma vida comunal.

"Não estou preocupado com a situação política da Grécia, desde que não nos afete. Não me importo se o governo é completamente fascista ou comunista. Não me importo. Eles são tão ruins quanto o daqui, talvez em geral piores. Eu conheço a Inglaterra e os Estados Unidos e não gosto de nenhum dos dois governos. Eles são todos iguais. Olha o que eles fazem aqui. Eles censuraram a rádio Caroline e tentaram acabar com os Stones, enquanto estão gastando bilhões com armamentos nucleares e o lugar está cheio de bases americanas de que ninguém sabe a respeito. Elas estão por toda a parte no norte de Gales."

Mas a ideia da ilha grega não deu em nada, assim como outras ideias malucas que John tivera de tempos em tempos nos últimos dois anos. Um dia ele estava pronto para ir para a Índia na sua Caravan, embora ela não pareça forte o suficiente para ir até o centro de Weybridge. Ele, Cyn e Julian iam morar nela, segundo ele, enquanto Anthony, seu motorista, os puxaria com o Rolls. Outra ideia era ir morar em uma ilha na costa da Irlanda. Ele de fato comprou a ilha. "Não, não consigo me lembrar onde. Era em algum lugar na costa da Irlanda."

Mas a ideia da ilha grega foi debatida por muitas semanas. Eles chegaram até a discutir o que fazer com Julian e sua educação formal.

John tinha algumas opiniões fortes a respeito de que tipo de educação ele gostaria que Julian tivesse, mas geralmente se esquecia delas quando contemplava a ideia de morar por seis meses em uma ilha grega deserta.

"Ele podia ir para a escola na Grécia", disse ele para Cyn, que era obviamente muito mais realista sobre o problema do que John. "Qual o problema? Ele simplesmente passaria seis meses do ano lá e o resto na escola inglesa. Essas pequenas escolas de vilarejos gregos são muito boas, sabia? Por que Julian não poderia estudar em uma delas? Ele logo vai aprender a língua."

Cynthia disse que a constante mudança não iria ser boa para ele. John então pensou em mandá-lo para a escola inglesa em Atenas, onde os filhos dos diplomatas britânicos, entre outros, estudavam. Cyn mostrou para ele que isso queria dizer que Julian teria que morar na escola em Atenas. Eles eram ambos contra isso. Nenhum dos dois queria que ele estudasse numa escola interna.

John preferia uma escola pública, se possível. Ele tinha acabado de descobrir que a escola infantil em que Julian estudava não era pública, como ele achava que era. Cynthia explicou que não tinha nenhuma escola pública por perto em que ele pudesse estudar, e que por isso o havia matriculado lá.

"Não sei", disse John. "Suponho que escolas particulares sejam tão ruins quanto todas as outras. Desde que ele esteja feliz. O que me importa se eu tiver que pagar? Mas definitivamente não vou mandá-lo para uma escola interna. Nunca o mandaria para Eton. Eles o ensinariam a acreditar nessa merda toda se ele fosse para Eton. Talvez ele pudesse estudar em uma escola

budista, se é que existe uma. Ou em uma escola progressista, não muito longe de Weybridge, é só o que queremos.

"Estamos pensando na escola de Julian há algum tempo. Até peguei um livro sobre todas as escolas da Inglaterra. Tudo o que eles falam é que lá os alunos podem jogar futebol e tênis. Ridículo, não é? Eles têm as prioridades erradas. Ele tem que aprender a se preocupar com as outras pessoas, só isso. Ele não quer saber como Sir Francis Drake matou todos os espanhóis e que a Grã-Bretanha inventou a televisão e todas essas merdas idiotas nacionalistas. Ele quer saber como viver neste mundo.

"Se nós fôssemos morar fora, então eu teria que ser seu professor, mas teríamos que nos certificar de que haveria outras crianças com quem ele pudesse brincar. Tive uma infância feliz. Gostava de ir para a escola. O problema era que os professores me odiavam e eu odiava os professores. Mas eu gostava da escola. Quando falamos das nossas memórias, algumas vezes falamos de nós como Beatles, mas na maioria das vezes me lembro dos tempos de escola.

"Não acho que o Julian poderia estudar no tipo de escola em que eu estudei. Tenho que admitir que estudar numa escola pública pode ser difícil para ele agora, graças a mim. As outras crianças ririam dele, filho de um cantor pop milionário. Elas iam todas ficar apontando para ele. Pelo menos isso não importa tanto numa escola particular, onde a única coisa que importa é o dinheiro."

Cyn é mais forte do que parece ser. Ela já passou por tudo aquilo e sabe onde está. Ela entende a aparente falta de consideração de John. Ele pode ser egoísta, mas não faz de propósito, faz sem pensar.

Todas as brigas que eles tiveram no início de seu relacionamento em Liverpool ficaram para trás. Eles eram muito felizes, embora ela ainda diga que, se não tivesse ficado grávida, eles nunca teriam se casado. John concorda.

"John nunca havia pensando em se casar, da mesma forma que nunca havia pensado em arrumar um emprego de verdade. Se eu não tivesse ficado grávida e depois casado, nós teríamos nos separado quando ele saiu em turnê pelo mundo. Eu teria continuado na Escola de Artes e provavelmente teria me tornado professora. Se não fosse pelo Julian, nada disso teria acontecido. Ele nos manteve juntos."

Ela não acha que uma coisa como o amor poderia tê-los mantido junto, estando tão longe um do outro. "Seu amor é pelos Beatles. Sem o bebê, ele teria ido viajar com os Beatles para sempre."

Ambos dizem que ficam felizes que o bebê tenha acontecido e os mantido juntos. Eles também acham que isso estava predestinado a acontecer. Era o destino. John, particularmente, acredita em destino.

De vez em quando, Cyn tem vontade de tentar algo novo, ter um emprego, talvez usar o que ela aprendeu na Escola de Artes de alguma forma. Ela e Pattie, esposa de George,

conversaram sobre abrir juntas uma loja em Esher, mas isso nunca deu em nada.

"Estou ficando um pouco frustrada. Não quero ter outro filho no momento, agora que podemos sair mais. Eu sei que pode ser que fique tarde demais e que talvez eu nunca queira ter outro.

"Mas estou realmente frustrada porque gostaria de ter algo para *fazer*. Eu pinto um pouco e costuro, mas gostaria de ter um emprego. Não agora, mas um pouco mais para a frente. Nunca tive um emprego. Talvez eu vire designer ou professora."

Ela brinca com ele sobre sua dependência dos Beatles e é algo que claramente a magoa às vezes.

"Já notei que algumas vezes eu sugiro algo para ele e ele me ignora ou diz que estou errada. Então, algumas semanas depois, Ringo sugere a mesma coisa e ele aceita. Mas não me preocupo. Não consigo descrever com palavras, mas me sinto forte. É uma sensação. Eu entendo as coisas.

"O que eu gostaria é de sair de férias só nós, sem os Beatles. Apenas John, Julian e eu."

"Você o quê?", disse John, sorrindo. "Nem mesmo com nossos amigos dos Beatles?"

"Sim, John. Você se lembra de que estávamos falando sobre isso na semana passada?"

"O que nós falamos?"

"Falamos que nós três poderíamos ir para algum lugar, sem os seus amigos."

"Mas é bom ter os amigos por perto."

"Isso realmente me ofende. Ele realmente acha que não basta viajar só com a família dele."

Ele sorriu para ela. Ela balançou a cabeça para ele.

"Eles parecem precisar menos de você do que você deles", ela disse.

Antes que ele pudesse responder, ela logo deu um exemplo que havia preparado.

"George foi para Los Angeles, apenas com a Pattie, não foi? *Ele* não precisou que todo mundo fosse junto."

John sorriu. Ele concordou que parecia ser verdade. "Tentei seguir meu próprio caminho depois que paramos de fazer shows. Dei boas risadas e joguei Banco Imobiliário durante o meu filme, mas não funcionou. Nunca fiquei tão feliz em ver os outros. Vê-los fez com que eu me sentisse normal de novo." Cyn olhou para ele comovida.

"OK, eu sei, nós vamos todos nos aposentar em um chalé na Cornualha, não é?"

"Não, não posso me aposentar. Tenho essas malditas músicas que tenho que escrever. Tenho que trabalhar para justificar estar vivo."

32

Paul

Enquanto os outros se mudaram para o paraíso dos corretores de ações, Surrey, Paul continuou a ser o único Beatle em Londres. Ele escolheu uma grande casa de três andares em St John's Wood, perto do Lord's Cricket Ground e na esquina dos estúdios de gravação da EMI. Ele comprou a casa no fim de 1966 por 40 mil libras. Ele não fez muitas reformas se comparado a John e Ringo. O jardim virou uma selva, habitada apenas pela perambulante Martha. Quando ele se mudou, o jardim era muito bonito. Todos ficavam em cima dele, especialmente seu pai, para que fizesse algo a respeito. Ele parecia gostar de seu aspecto selvagem e de como isso parecia irritar as pessoas. Contudo, no fim de 1967, ele decidiu arrumá-lo. Teve a ideia de construir uma casa mágica nele, uma espécie de minitemplo em uma plataforma elevada com um telhado de vidro que se abre para os céus. Quando ficou pronto, ele e Jane começaram a pensar em se mudar para uma casa menor, no campo.

A casa é protegida por um muro de tijolos alto e dois portões pretos que são controlados de dentro da casa. Você fala em um microfone, alguém dentro da casa responde e, se você diz a coisa certa, as portas se abrem e depois se fecham novamente para manter os fãs do lado de fora.

Todas as casas dos Beatles têm fãs do lado de fora, mas a de Paul tem mais, por ele ser o Paul e também por ser em Londres. Eles mantêm uma vigília constante do lado de fora, geralmente sentados no muro da casa do outro lado da rua. De lá, eles mal conseguem ver o outro lado do muro de Paul, mas conseguem notar qualquer movimentação na porta da frente. É possível notar qual é a casa de Paul pela quantidade de garotas penduradas em seu muro, tentando ver do outro lado.

O porão da casa é um apartamento para os funcionários. Por muito tempo houve um casal, o Sr. e a Sra. Kelly, que trabalharam para ele e moraram lá. Ela cuidava da casa e ele era uma espécie de mordomo, mas ambos dividiam todas as tarefas e simplesmente estavam sempre lá.

Desde de que eles foram embora, Paul teve uma série de empregados. Eles parecem ser contratados aleatoriamente e ele os mantém mesmo que sejam inadequados. Seria realmente bom se ele tivesse uma secretária para organizar sua casa e suas visitas, mas ele diz que nunca conseguiria ter uma. Frequentemente ele não tem ninguém morando na casa e, quando está fora do país, seu pai, Jim, às vezes vem cuidar da casa e de Martha.

Não que Paul se preocupe com isso. Ele não se incomoda que as pessoas com quem ele combinou de encontrar cheguem em sua casa e ele tenha ido para a África ou para os Estados Unidos. Tudo que ele gosta de ter por perto é uma senhora do tipo maternal para lhe servir um bom café da manhã à uma hora da tarde e em outros momentos necessários. Quando Jane não está trabalhando, é ela quem cozinha – e o faz muito bem.

No térreo ficam a cozinha, que é ampla e bem equipada, uma grande e suntuosa sala de jantar, que parece nunca ter sido usada, e a sala de estar ao fundo, que é, de todos os cômodos dos Beatles, o mais usado. É uma sala bem grande e confortável com janelas francesas que se abrem para o jardim. Nela há um grande sofá eduardiano verde, desgastado, mas muito bonito. Há também uma grande mesa de madeira em que a maioria das refeições é feita, em vez de na sala de jantar. Normalmente a mesa está coberta por uma toalha branca de renda, um estilo elegante típico da classe trabalhadora. Geralmente a sala é um caos, cheia de coisas empilhadas por toda parte: ornamentos, lanternas, embrulhos, jornais e equipamento. É nela que os Beatles, Mal e Neil se reúnem antes das sessões de gravação e, de fato, sempre que estão em Londres. Ela tem um ar despretensioso de casa habitada. “Todos os lugares em que morei acabaram ficando desse jeito. A casa em Forthlin era igual. Algumas coisas são diferentes agora, como a grande televisão em cores, mas a atmosfera é a mesma.”

Seu quarto fica no primeiro andar, é um cômodo em forma de L com uma cama extravagante com uma cabeceira esculpida. Jane o ajudou a mobiliar esse quarto. Há outros dois quartos – o do último andar é seu escritório, onde ele e John trabalham juntos quando precisam de mais músicas para encher o álbum. É nele que fica a escultura de Paolozzi. É uma peça muito interessante. Paolozzi era o herói e professor de Stu Sutcliffe.

A famosa Martha (se você não acha que ela é famosa, deveria ler a *Beatles Monthly*) é uma cadela *sheepdog* muito grande, peluda e amável. Ela é amável até mesmo quando está cheia de pulgas. Ela tem sua própria portinhola que dá para o jardim para suas rondas regulares, mas Paul tenta levá-la para passear direito tanto quanto pode. Ele normalmente a leva para Primrose Hill ou para o Regent’s Park. Ele foi para Hampstead Heath uma vez, mas Martha teve um surto e teve que ser levada de volta para casa. Ele também tem vários gatos e filhotes de gatos, que variam de número a cada dia. Todos os Beatles têm gatos e o nascimento de cada um deles é fielmente noticiado na *Beatles Monthly*.

Surpreendentemente, Paul consegue sair para passear com Martha sem ser reconhecido. Os fãs nunca percebem para onde ele está indo quando ele sai correndo de carro. E, no parque, ele

em geral coloca o colarinho da jaqueta para cima e anda nas partes mais remotas com Martha, encontrando apenas idosos amantes de cachorros, que estão mais interessados na enorme Martha do que nele.

Ele tira alguns minutos de seu dia para conversar animadamente com as pessoas sobre cachorros. Ele até acena para pessoas que o reconhecem, algo que os outros Beatles não fariam, não sendo tão sociáveis quanto Paul. Ele estava no topo de Primrose Hill um dia quando viu um ator que conhecia. Ele o chamou, mas o ator passou reto, como se estivesse dizendo: "Não te conheço, então, por favor, não grite o meu nome, meu bom garoto." Era um ator inglês jovem terrivelmente esnobe. Ele deu um oi sem graça quando finalmente reconheceu Paul. Paul havia sido apresentado a ele uma vez por Jane. Ele estava no elenco da mesma peça que Jane e a convidou para jantar com Paul em sua casa.

Paul perguntou então como ele ia. O ator disse, muito timidamente, que havia recebido uma proposta para fazer uma peça em Nova York. "Oh, uau", disse Paul. "Qual?"

"Não posso falar", disse o ator, ainda mais sem jeito. "Desculpe-me, nunca falo para ninguém. Quando algo está prestes a acontecer, você pode estragar se falar muito a respeito, não é? Você não acha isso, hein?" Paul sorriu e disse que sim, que achava que sim. "Bom, tchau então", disse o ator. Ele foi embora rapidamente, balançando os braços, olhando para cima e dando um grande suspiro pelo dia agradável. Você quase podia vê-lo seguindo as direções de palco.

"É estranho, não é?", diz Paul, voltando para o carro. "Como alguém assim não consegue relaxar. É impossível para ele ser natural. Ainda assim, ele é OK, um cara bastante simpático depois que relaxa e toma uns drinques. Ao final daquele jantar na casa dele, ele estava quase normal. Sinto realmente pena de pessoas assim. Eles são condicionados a serem assim.

"Quando eu tinha 16 anos, era um típico adolescente esquisito e tímido, morria de vontade de ser um ator assim, charmoso e em controle, sempre parecendo bastante seguro de si mesmo. Mas foi bom ter passado por aquela fase desajeitada, só para ser natural agora. Jane tem um pouco do mesmo problema, por causa de sua origem. Ela não consegue evitar. Eles foram educados assim."

Jane e Paul são um casal muito amoroso e agradável. Todos concordam com isso. Desde o início, Jim disse que nada o faria mais feliz do que se eles se casassem.

Jane Asher vem de uma família londrina de classe média. Seu pai é médico. Sua mãe, professora de música, ensinou George Martin a tocar oboé. Jane começou a atuar em filmes e peças ainda criança. Ela conheceu Paul em maio de 1963 em um show no Albert Hall. Ela tinha então 17 anos e vinha aparecendo em um programa de televisão sobre música pop chamado *Juke Box Jury*. O jornal *Radio Times* pediu que ela fosse ao show como repórter e comentasse, do ponto de vista de uma adolescente, sobre as bandas. Ela disse que os únicos pelos quais valia

a pena gritar eram os Beatles. O Beatle que ela achou mais bonito, quando ela os viu no corredor mais tarde, foi George.

Mas foi Paul, que era quem reconhecia as celebridades, que a reconheceu e a chamou, o que fez todos os outros correrem para perto e começarem a flertar com ela. "Todos nós dissemos: 'Você quer casar comigo?'", diz Paul. "Era o que falávamos para todas as meninas na época." Eles a convidaram de volta para o hotel, o Royal Court, para beber algo com eles. "Um broto londrino selvagem, do tipo que sempre escutamos falar. Achamos que estávamos feitos."

Os outros deixaram Paul sozinho no quarto com Jane, depois de muitas piscadelas. Eles passaram a noite conversando sobre molho de carne e suas comidas favoritas. "Percebi que ela era a garota para mim. Não tentei agarrá-la ou forçá-la a me beijar. Eu disse para ela: 'Parece que você é uma boa garota'."

"Eles não podiam acreditar que eu era virgem", diz Jane. Eles se encontraram várias vezes nas semanas seguintes, muitas vezes apenas para caminhar pelo Soho juntos. Ninguém o reconhecia na época, no início de 1963, embora muitas pessoas conhecessem Jane. Quando ele voltou de umas férias curtas em Roma, Jane e sua mãe foram buscá-lo no aeroporto de Londres. Ele havia perdido a conexão para Liverpool, mas a Sra. Asher disse que ele podia passar a noite com eles. Paul não queria aceitar. Ele não gostava da ideia de ficar hospedado com a família de uma garota. É o tipo de coisa que os rapazes de classe trabalhadora não fazem. Mas acabou concordando a apenas passar a noite, por fim. Uma noite virou três dias, depois três semanas e, então, três anos. Sem que os fãs soubessem, Paul morou durante toda sua vida londrina na casa de Jane até que, no fim de 1966, comprou sua própria casa em St John's Wood.

Uma noite com eles é, mais uma vez, como uma noite na casa de qualquer jovem casal. Jane faz o jantar, tudo vegetariano; Paul, assim como John e George, também havia parado de comer carne. O primeiro prato foi uma vinagrete de abacate, seguido por um ensopado de legumes com nozes e especiarias.

Eles dividiram meia garrafa de vinho, que fora aberta para cozinhar. Estavam apenas terminando com ela.

Durante a refeição, fãs ficavam tocando a campainha. Isso foi na época em que Paul não tinha ninguém trabalhando na casa e, todas as vezes, Jane atendia, falando pelo interfone. Ela era muito educada e levantava calmamente toda vez, nada irritada, e perguntava se eles se importavam em esperar, pois eles ainda estavam jantando. Paul, a essa hora do dia, depois de dezenas de fãs terem tocado a campainha, não teria se dado o trabalho de responder. Ele teria parado de abrir a porta a essa altura, como havia feito quando Brian veio visitá-lo, mas não conseguiu entrar. No final, ela fez Paul ir até o portão antes mesmo de terminar de jantar. Ele deu um sorriso sem graça, mas assinou autógrafos para todas as meninas que estavam esperando.

Depois do jantar, eles pegaram as fotos das férias que haviam acabado de passar na Escócia. Paul tem uma casa numa parte remota de Argylshire, onde eles geralmente passam pelo menos uma semana por ano. Em seguida, eles assistiram à televisão a cores e depois foram para a cama.

Talvez tenha sido uma noite mais calma do que o normal. Paul frequentemente recebe alguns amigos. As pessoas tendem a simplesmente aparecer sem avisar na casa de Paul, o que ele encoraja. Aconteceu bastante durante os cinco meses de 1967 em que Jane esteve em turnê pelos Estados Unidos. Isso quase não acontece com os outros, em parte porque eles moram tão longe.

Durante a gravação de um novo álbum, pessoas estão sempre indo e vindo o tempo todo. Paul é uma espécie de líder agora, como já vinha sendo antes mesmo da morte de Brian, organizando muitos de seus compromissos, e a maioria das atividades acontece na sua casa.

Peter Blake, o artista, veio à casa de Paul durante as discussões sobre a capa do *Sergeant Pepper*. John geralmente também estava lá, assim como Terry Doran. Numa tarde, logo depois de Peter Blake ir embora, o funcionário de Paul, o que estava trabalhando na casa na época, entrou na sala e disse que um pastor estava no portão de entrada. Eles todos riram.

Alguém disse que devia ser uma brincadeira. Paul olhou para John; John obviamente não queria ver um pastor. Paul disse para seu funcionário se livrar dele. Terry disse que era provavelmente um ator de televisão fantasiado. Eles todos riram. Paul disse que talvez Terry devesse ir até o portão e falar educadamente que ele não estava em casa. Quando Terry estava no meio da sala, Paul disse: "Não, vamos deixá-lo entrar, ahn? Se ele parecer ser OK, talvez seja interessante." Terry voltou do portão e disse que ele era engraçado e honesto. Então os portões eletrônicos se abriram e o pastor entrou.

O pastor, um homem de meia-idade bem arrumado, entrou na sala muito nervoso. Todos sorriram educadamente para ele. Paul falou para ele se sentar e o pastor pediu desculpas por ter aparecido assim de surpresa, quando sabia que eles deviam estar ocupados, terrivelmente ocupados. Ele já estava dando as desculpas por eles, estava claramente surpreso de ter conseguido entrar. Ele sabia que não ia durar muito tempo e que seria posto para fora logo. Paul perguntou o que ele queria.

O pastor se virou para Paul, percebendo que ele devia ser o Sr. McCartney. Ele estava olhando em volta da sala, tentando reconhecer alguém, mas sem sucesso. Segurando as mãos, ele disse que eles estavam dando uma festa ao ar livre e queria saber se Paul poderia comparecer, só por alguns segundos. É claro que ele sabia o quão ocupados eles eram. Era maravilhoso tudo que eles haviam feito. Eles deviam ser pessoas muito ocupadas, ele sabia disso.

"Não, nunca faço esse tipo de coisa", disse Paul. "É claro, é claro, era o que eu esperava", disse o pastor apressadamente. "Você é muito ocupado, eu sabia. Muito ocupado..."

“Não, não somos”, disse Paul. “Não é isso, apenas não seria certo, seria? Já que eu não acredito na sua religião, você sabe?” Paul estava sorrindo. O pastor sorriu de volta, sem escutar, apenas assentindo a tudo que Paul dizia.

“Por que vocês não fazem um produto melhor, em vez de usarem artifícios como nós?”, disse Paul, ainda sorrindo gentilmente. “Oh, você está certo, bem certo. Estamos tentando. Estamos realmente tentando arranjar tudo. Teremos uma missa interdenominacional semana que vem.”

“Isso é bom, é um começo”, disse Paul. “Bem, se começarmos a falar sobre isso, vamos ficar aqui a noite inteira, não?”

“Você está certo”, disse o pastor. “E você é muito ocupado. Não esperava que você viesse, você é tão ocupado...”

Paul não se deu o trabalho de explicar novamente que esse não era o motivo de ele ter recusado o convite. O pastor começou a se levantar, sorrindo, assim como todo mundo na sala. Ele olhou para todos de novo, sorrindo sinceramente e agradecendo a todos por seu tempo. Olhou fixamente para todo mundo, tentando reconhecê-los, sabendo que eles deviam ser reconhecíveis. Paul o levou até a porta. Quando ele ia saindo da sala, se virou e disse: “Acho que vocês são *todos* mundialmente famosos.” Então foi embora.

Depois que ele foi embora, todo mundo comentou como ele era simpático. John, particularmente, ficou feliz em não ter sido reconhecido. Ele disse que era engraçado como as pessoas se preocupavam quando não te reconheciam imediatamente, como se você fosse ficar magoado, não percebendo que é exatamente o contrário.

Eram agora cinco horas. A Sra. Mills, governanta de Paul, serviu um lanche para todos. Ovos fritos, bacon e morcela. Ela trouxe uma grande pilha de torrada, já com manteiga, e uma infinidade de chá. George e Ringo, depois Neil e Mal, chegaram e todos tomaram uma xícara de chá. Em seguida, eles foram para o estúdio.

Fora os Beatles e seus funcionários, ou pessoas associadas de alguma forma ao disco que eles estão gravando, Paul sempre tem parentes de Liverpool hospedados em sua casa. Seu pai, sua madrasta Angie e sua meia-irmã, Ruth, além de seus tios e tias, frequentemente passam a semana com ele. Paul é quem mais vai a Liverpool de todos os Beatles. John não vai nunca, já que Mimi se mudou para Bournemouth. George vai bastante para Warrington ver seus pais, assim como Ringo. Mas Paul sempre vai passar o fim de semana lá, se Jane está fora e ele não tem que trabalhar. Jane muitas vezes vai com ele também.

Michael McCartney, irmão de Paul, é provavelmente a visita de Liverpool mais assídua, especialmente desde que seu disco e trabalho começaram a fazer sucesso em Londres.

O telefone parece nunca parar de tocar. Ele tem dois números, ambos secretos, mas não importa quantas vezes ele os troque, os fãs sempre descobrem quais são. Paul atende o telefone

pessoalmente, sempre fazendo uma voz engraçada. É fácil reconhecer um fã pelo silêncio assustado do outro lado da linha, então ele desliga sem falar nada.

"Oh, sim, oi", ele diz ao telefone, ainda com uma voz engraçada, mas deixando escapar quem é pelo jeito de falar. Era um DJ famoso convidando-o para ir visitá-lo no domingo e andar a cavalo. "Aham, talvez seja uma boa", disse Paul educadamente, mas sem prometer nada. Ele fez caretas enquanto escutava a pessoa ao telefone falar entusiasticamente sobre como os cavalos eram excelentes. "Aham, ótimo, aham. OK, então. Talvez te veja no domingo. Tchau-tchau."

O telefone tocou de novo e era seu pai perguntando se ele iria para Liverpool no fim de semana. "Que horas você acha que vai chegar, filho?", disse Jim. "Só para eu me preparar." "Se preparar para quê?", disse Paul.

"Oh, você sabe, apenas deixar as coisas prontas para você."

"Não seja bobo, pai. Não quero que você se prepare para nada. Vou chegar na hora que chegar."

Astrid, sua amiga alemã, desconfiou um pouco de Paul no começo, embora seu relacionamento com Stu a influenciasse. "Costumava me assustar que alguém pudesse ser tão simpático o tempo todo, o que é uma besteira. É ridículo se sentir confortável com pessoas horríveis só porque você pelo menos sabe o que elas acham de você. É uma besteira desconfiar de pessoas simpáticas."

Muito da amabilidade de Paul vem de seu pai. Seu irmão Michael também é assim. Aos 17 anos, quando os outros estavam se rebelando contra os pais, Paul era o único que ouvia seu pai e suas frases prontas e era zombado pelos outros por fazer isso.

Paul é o mais fácil de se aproximar, mas o mais difícil de conhecer. Há sempre uma sensação de que ele está escondendo alguma coisa, que ele está um passo à frente, ciente da impressão que as pessoas têm dele. Ele é inseguro, algo que os outros não são. John não se importa com o que as pessoas pensam dele, de uma forma ou de outra. Ringo é maduro demais para pensar sobre essas coisas e George, de certa forma, nem nota nada, está acima disso tudo.

O próprio Paul já se aceitou, tendo passado por uma fase em que tentou não ser tão simpático nem parecer tão entusiasmado. "Tenho que me esforçar mais quando tento *não* me esforçar, pois é mais falso para mim. Então, acho mais fácil me esforçar."

A maneira de Paul se esforçar, sendo educado e trabalhador, foi essencial para a banda. Foi sua abordagem de relações públicas que Brian Epstein trouxe à tona. Até antes disso, era Paul que os arrumava e dava brilho a suas apresentações, escrevendo pequenos folhetos e fazendo discursos.

A maneira como ele se esforça tem sido especialmente importante para eles desde que Brian Epstein morreu. Hoje em dia, é Paul quem os administra. Por isso é verdade dizer que, de certa maneira, Paul é o líder da banda hoje, não John, embora falar seriamente sobre um líder

dos Beatles seja tão sem sentido quanto sempre foi. Paul é um homem de negócios, ambicioso, é ele que faz as coisas funcionarem e carrega os outros consigo. Mas nenhuma grande decisão é tomada a não ser que todos estejam de acordo.

Uma vez que a decisão é tomada, Paul começa a se movimentar e não tolera ineficiências. Houve algum problema com a prova da capa do *Sergeant Pepper*. Ele não recebeu um cópia quando deveria ter recebido, então ligou para a EMI e passou de departamento em departamento até que descobriu de quem era a culpa. Ele falou para a pessoa exatamente o que pensava dela. A cópia foi entregue de carro em sua casa imediatamente, coberta de desculpas.

Em outra ocasião, durante alguma outra discussão com a EMI, o próprio Paul ligou para o chefão, o presidente da gravadora, Sir Joseph Lockwood. Sir Joseph disse para Paul aguardar um momento. Então, ele entrou em seu Rolls-Royce e foi até a casa de Paul pessoalmente resolver o problema. Ele diz que Paul tem o tipo de personalidade que teria feito dele um bom advogado.

Paul é muito entusiasmado, ele quer que as coisas deem certo. Ele também tem um pouco de rancor dentro dele, algo que todos eles tiveram em algum dado momento. Isso tem a ver com terem sido empurrados de um lado para o outro e considerados bastante ignorantes por serem apenas integrantes de uma banda *beat*. Ele odeia qualquer insinuação de que é burro. Ele voltou de uma reunião com o pessoal da NEMS um dia, depois de tentar persuadi-los de que a Apple seria uma boa ideia, furioso com a atitude deles. “Eles acham que somos todos burros”, ele disse, andando de um lado para o outro da sala.

A ideia e o ímpeto de criar a Apple foram de Paul. Ela começou a se desenvolver antes de Brian morrer, mas ainda assim era ideia sua. John e os outros concordavam com tudo e estavam presentes em todas as grandes reuniões. Paul a vê como uma grande corporação, com lojas, boates, estúdios e as melhores pessoas da indústria, de cinegrafistas e engenheiros a artistas, escritores e compositores.

“Queremos criar um ambiente onde as pessoas possam ir fazer o que quiserem. Há milhares e milhares de libras passando pela NEMS que não são adequadamente usadas. Eles amarraram todo o nosso dinheiro em fundos financeiros em Bingley ou não sei onde.

“Mas é tudo apenas um hobby, na verdade, assim como a nossa música. Fazemos isso sem preocupação. Quando a Apple estiver estabelecida, também vamos administrá-la sem nos preocupar. Você pode ter reuniões de negócio que são animadas, e não sacais.”

O *Magical Mystery Tour* nunca teria acontecido se não fosse por Paul. Ele concentrou toda a sua energia naquilo por 15 semanas, dirigindo cada etapa. Então, a princípio, foi uma decepção para ele quando as críticas britânicas foram ruins. “Sabíamos desde o começo que estávamos apenas treinando naquele meio, que não estávamos nos dedicando ou fazendo as coisas direito, mas, quando você passa muito tempo fazendo algo, mesmo quando não é algo muito bom, você começa a achar que é melhor do que sabe que é.

“Agora fico feliz que tenha sido mal recebido. Teria sido ruim ter ido bem naquilo. Agora é um desafio fazer algo direito.”

Depois do *Magical Mystery Tour*, Paul começou a pensar imediatamente em histórias para filmes de longa-metragem. Ele e Jane foram ver *O homem que não vendeu sua alma* e ficaram inspirados a fazer algo com um cenário grande e luxuoso. Então, ele pensou em fazer uma história de amor. Por que era sempre esperado que eles fizessem algo idiota? Depois, pensou em fazer algo realista, como Liverpool durante a Depressão.

Paul e Jane passam mais tempo juntos, sozinhos, do que a maioria dos outros casais dos Beatles. Eles de fato viajam juntos para lugares como sua casa na Escócia, graças a Jane. Eles foram os primeiros a quererem se mudar para o interior em definitivo, para uma casa menor e mais tranquila, algo que John e George também querem fazer agora.

“Sempre tentei ganhar de Jane”, diz Paul. “Queria que ela parasse de trabalhar completamente.”

“Eu recusei, fui educada a sempre estar fazendo alguma coisa. E gosto de ser atriz, não queria desistir disso.”

“Agora sei que estava sendo tolo”, diz Paul. “Era um jogo, só queria ganhar dela.”

Em vários momentos, um deles queria se casar, mas o outro não. Jane diz que geralmente algo estava acontecendo com os Beatles e, quando tudo parecia resolvido, ela mudava de ideia. Paul diz que é por causa de sua carreira de atriz, embora ele tenha concordado que ela deveria participar de uma grande turnê pelos Estados Unidos, quando a proposta surgiu.

“Quando voltei, depois de cinco meses, Paul havia mudado muito. Ele estava tomando LSD, algo que eu não compartilhava com ele. Tinha ciúmes de todas as experiências espirituais que ele dividiu com John. Umas 15 pessoas apareciam na nossa casa o dia inteiro, todo dia. A casa havia mudado e estava cheia de coisas que eu não conhecia.”

Sua vida é muito mais tranquila e organizada agora. Paul é muito aberto e comunicativo, ao contrário dos outros. Ele conversa sobre tudo com Jane. Ela sabe o que ele está pensando.

“Outro problema é que toda a minha existência era baseada na minha vida de solteiro”, diz Paul. “Não tratava as mulheres como a maioria das pessoas trata. Sempre tinha muitas meninas em volta de mim, mesmo quando estava namorando. Minha vida em geral foi muito relaxada e nada normal.

“Sabia que era egoísta da minha parte e isso causava algumas discussões. Jane me deixou uma vez e foi para Bristol trabalhar. Disse: ‘OK, então, vá embora, vou achar outra pessoa.’ Foi horrível ficar sem ela.”

Isso foi quando ele escreveu “I’m Looking Through You”. Jane inspirou diversas das músicas mais bonitas dele, como “And I Love Her”.

Quando eles ficaram noivos, no Natal de 1967, todos esses problemas ficaram no passado. O Maharishi, por muito tempo, foi o único motivo de discórdia entre eles, embora não

houvesse animosidade. Jane não ficou encantada com ele na mesma época em que os outros ficaram, embora ela entendesse a atração. Ela obviamente preferia tentar chegar a um estado espiritual sozinha. Paul não estava tão comprometido com tudo aquilo, como George e John, quando foi com Jane para a Índia em 1968, mas ele sentia que havia algo naquilo que podia ajudá-lo, que talvez aquela fosse a resposta para as suas perguntas. Então Jane concordou em ir com ele. Por fim, ambos tiveram uma experiência gratificante e feliz na Índia.

"Como Beatles, nós passamos por milhões de mudanças superficiais, que não significaram nada e não mudaram quem nós éramos de verdade", diz Paul.

"É como ir jantar em restaurantes finos: você gosta de abacate e de espinafre e de outras comidas chiques, então você as pede sempre. Você aprende sobre vinho e essa passa a ser a sua cena por um tempo. Quando você passou por tudo isso, então você volta a ser quem era. Você percebe que o garçom está ali apenas para perguntar o que você quer, não o que as pessoas esperam que você queira. Então, se você está com vontade de comer cereal no almoço, você pede isso, sem se sentir um palhaço.

"Esses tipos de ciclos estão indo e vindo o tempo todo. Como o bigode. Eu tinha um para entreter as pessoas, era algo divertido. Depois que me diverti bastante, um dia resolvi raspá-lo. Agora estou de volta a ser como era antes. Como com a comida, passei por aquela fase, me dei conta de quem eu era e voltei atrás.

"É como conhecer alguém famoso. Você passa pela fase de ficar surpreso quando você o encontra pela primeira vez, depois você descobre que ele é igual ao Zé das Couves. Você sabia o tempo todo que ele era apenas um Zé das Couves, mas você teve que passar por aquilo para descobrir.

"Sempre voltamos a ser quem somos porque nunca mudamos. Podemos ser A mais 1, quando 1 é igual a ternos cinza. Isso foi o ciclo dos ternos cinzas. Depois fomos A mais 2, quando 2 significava camisas floridas. Mas sempre fomos A o tempo todo. Então você termina como A mais Morte. Desculpe por falar de coisas profundas, acabo me deixando levar.

"Mas todas as mudanças, sabe, as físicas, são superficiais. Você entra em um ciclo, mas você não se deixa levar por ele para sempre porque, quanto mais você sabe, menos você sabe. E sempre temos um ao outro como válvulas de escape.

"A questão é que somos todos a mesma pessoa. Somos apenas quatro pedaços de uma mesma pessoa. Somos indivíduos, mas, juntos, formamos Os Amigos, que é uma pessoa só. Se um de nós, um lado dos amigos, se inclina para um lado, todos nós vamos junto com ele ou o puxamos de volta. Todos acrescentamos algo diferente ao todo.

"Ringo – ele tem uma coisa sentimental ótima. Ele gosta e sempre gostou de música *soul*, embora não tivéssemos notado aquela cena por muito tempo até que ele a mostrasse para a gente. Acho que é por isso que escrevemos esse tipo de canção para ele, coisas sentimentais como 'A Little Help From My Friends'.

"George – ele é muito resoluto sobre as coisas e dedicado quando toma uma decisão. Faz com que nós quatro sejamos mais resolutos também, só por causa dele. Adaptamos o que há dentro dele para o nosso próprio uso. Todos pegamos do outro o que queremos ou aquilo de que precisamos.

"John – ele tem movimento. Ele se move muito depressa. Ele vê coisas novas acontecendo e vai atrás delas.

"Eu – eu sou conservador. Tenho necessidade de checar as coisas. Fui o último a experimentar maconha, LSD e roupas floridas. Sou mais devagar que John, sou o 'menos propenso a ser bem-sucedido' da turma.

"Quando uma nova guitarra Fender é lançada, John e George correm para comprar uma. John porque é nova e George porque ele decidiu que definitivamente quer uma. Eu... eu fico pensando, vendo quanto dinheiro eu tenho, e depois espero um pouco.

"Sou simplesmente o mais conservador de nós quatro, mas não em comparação com as pessoas de fora. Em comparação com a minha família, eu sou um louco.

"Ainda temos os mesmos papéis básicos, porque é isso que somos. Mas vai sempre parecer que estamos todos mudando, só porque não nos conformamos. É por não nos conformarmos, por sempre querermos fazer algo diferente, que nossa música se mantém diferente.

"A geração passada trabalhou o tempo todo para obter status na vida, ter certas roupas e encaixar-se em uma determinada categoria. Nós tivemos sorte por, aos 25 anos, percebermos que poderíamos nos encaixar na categoria que desejássemos. Eu poderia agora me acomodar e ser um diretor de empresa até os 70 anos, mas eu não aprenderia tanto quanto aprendo ao tentar coisas novas. Você *pode* aprender muito sobre a vida seguindo seus próprios instintos, mas a tendência é que isso te deixe com uma visão estreita.

"Nós nunca nos conformamos. As pessoas nos diziam que precisávamos nos concentrar em algo, mas nunca acreditávamos nelas. Diziam que precisávamos vestir blazers escolares, mas, se você tiver confiança o bastante, não precisa vesti-los ao longo da vida, como muitos acreditam.

"Não estávamos aprendendo a ser arquitetos, pintores ou escritores. Estávamos aprendendo a ser. Só isso."

33

George

George tem um bangalô bem longo, baixo, de um andar só, pintado com cores vibrantes em Esher. Fica num condomínio fechado, de propriedade do National Trust, muito parecido com o condomínio onde John e Ringo moram. Você entra no condomínio por uma entrada na estrada, em seguida passa pelo que parecem ser uns jardins arborizados de uma casa feudal. Você não consegue ver nenhuma casa no começo. Elas ficam todas escondidas, todas bem isoladas e exuberantes. Elas têm nomes, não números, então é impossível achar qualquer uma delas. A casa de George é a mais difícil de achar. Ele não tem nenhuma placa na frente da casa ou no jardim com o nome da casa, Kinfauns. O caminho que leva até ela também parece a princípio fazer parte de outra casa.

O bangalô tem duas alas, que cercam um pátio retangular na parte de trás da propriedade. Nesse pátio, há uma piscina aquecida. Todas as paredes do lado de fora da casa foram pintadas por George, ou ao menos pichadas, com cores vibrantes e luminosas. Do jardim, a casa parece uma miragem psicodélica.

Na parte de dentro, a área da cozinha foi muito bem decorada com móveis de pinho-de-riga e utensílios ao estilo da loja Habitat. Parece que foi tirada de um catálogo de cozinhas de 1968. A sala de estar principal tem duas grandes janelas, completamente circulares. Elas vão do chão até o teto.

Ele não tem nenhum disco de ouro ou *souvenirs* dos Beatles à vista. A casa poderia pertencer a um jovem arquiteto contemporâneo ou a um estilista de moda que passou muito tempo no Oriente. No meio da sala de estar há mesas bem baixas. Ao redor, há algumas almofadas para as pessoas se sentarem, ao estilo árabe. Não há nenhuma cadeira à vista em lugar nenhum.

Há um narguilé ornamentado ao lado de uma mesa. George estava sentado no chão, de pernas cruzadas, colocando cordas em seu sitar. Estava vestido com uma longa camisa indiana.

Um incenso queimava em um suporte ornamental em cima da mesa, enchendo a sala de um cheiro doce.

"Pessoalmente, não gosto mais de ser um Beatle. Todas aquelas coisas dos Beatles são triviais e sem importância. Estou farto de tudo isso, de mim, de nós, das coisas e de tudo o mais sem importância que fazemos. Estou tentando achar soluções para as coisas mais importantes da vida.

"Pensar sobre ser um Beatle é retroceder. Estou mais preocupado com o futuro, mas levaria seis meses para explicar exatamente no que eu acredito – todas as teorias hindus, as filosofias orientais, reencarnação, meditação transcendental... É quando você começa a entender essas coisas que você percebe como as outras coisas são sem sentido. Para a pessoa comum que acredita em Deus, eu sei que parece muita loucura."

O telefone tocou. George atendeu. Alguém deu uma risada abafada do outro lado da linha. "Adega de Esher", disse George, com uma voz rouca e impaciente. "Não, desculpe." E desligou.

Na cozinha, Pattie e sua irmã Jennie, que havia acabado de chegar, estavam bordando. Ambas estavam vestidas com roupas orientais da loja da Apple. Estavam sentadas, meio sorrindo, bem quietas e solenes, trabalhando nos seus bordados. O barulho de George começando seus exercícios de sitar na sala ao lado podia ser ouvido. O ambiente era de alguma forma medieval.

De todas as esposas, Pattie é quem menos tem ajuda para tomar conta da casa, mas, quando tiver filhos, sem dúvida terá mais. Eles têm uma governanta, Margaret, que geralmente faz a maioria das refeições com eles, como parte da família.

Margaret faz a maior parte da limpeza e Pattie faz toda a comida. Pattie normalmente seca os pratos e também ajuda a arrumar a casa. "Não é uma casa tão grande quanto parece, mas é cheia de coisas. Se tivesse mais funcionários, eles incomodariam mais do que ajudariam."

Pattie também faz todas as compras em um supermercado local. Ela acabou de comprar uma barra de chocolate, que diz ter gosto de sabão. Ela a mandou de volta com uma carta de reclamação, mas não assinou seu próprio nome – ela pelo menos aprendeu com George a evitar qualquer tipo de publicidade, e usou o nome de Margaret. Pattie esperava receber algumas barras de chocolate como compensação.

De todas as esposas, ela é talvez a mais parecida com seu marido. Ambos são muito modernos em seu casamento, do jeito que as revistas estão sempre nos dizendo como casamentos modernos são. Mais que as outras mulheres dos Beatles, ela compartilha dos interesses do marido. Desde o início, se interessou por cultura indiana e compartilhou com ele todos aqueles acontecimentos.

Mas ela ainda tem alguma liberdade e independência, trabalhando como modelo de vez em quando.

Todo mundo que foi próximo dos Beatles ao longo dos anos diz que George é quem mais mudou. Até as fãs, que acompanharam o progresso de George num espaço relativamente curto de tempo, dizem que ele mudou. Ele era visto por muitas como o Beatle mais bonito durante uma época. Agora as fãs estão sempre reclamando por George ter deixado o cabelo crescer indisciplinadamente e estar sempre desarrumado.

Essa é uma mudança superficial. As mudanças internas são muito mais importantes. George, por ser o mais novo, foi, por muito tempo, considerado o mais jovem em todos os sentidos. Em comparação a John e Paul, a maioria das pessoas que os conheciam sempre viram George como apenas um menino. John e Paul eram precoces fisicamente, sexualmente e no seu talento. Eles estavam escrevendo músicas muito antes de George até mesmo pensar a respeito.

George tinha um leve complexo de inferioridade, embora nada sério. Cyn lembra de ele sempre estar por perto quando ela queria ficar sozinha com John. O mesmo acontecia com Astrid, quando ela estava tentando ficar a sós com Stu.

George não era estudioso na escola e não mostrava sinais de ser tão inteligente quanto Paul. Ter se tornado um aprendiz, em comparação a Paul, o aluno brilhante, e John, o estudante de artes, fazia com que as pessoas injustamente pensassem que ele não era tão bom quanto os outros.

Julia, mãe de John, ficou horrorizada quando seu filho arrastou outro amigo com cara de bebê para conhecê-la. Ela já considerava Paul apenas uma criança.

"Ele era um menino adorável", diz Astrid, falando sobre seus dias em Hamburgo. "Ele era apenas o pequeno George. Nunca o julgamos de forma alguma, da forma como costumávamos avaliar o quão inteligentes ou espertos Stu, John e Paul eram. Ele não se desenvolveu tão rápido quanto os outros.

"Mas ele não era burro. Ninguém pensou isso nem por um minuto. Ele fazia piadas adoráveis às suas próprias custas, zombando de si mesmo por ser jovem. Dei presentes de Natal para todos eles um ano, todos embrulhados em papel de presente. John abriu o dele primeiro e era uma versão da Olympia Press do Marquês de Sade. George pegou o dele e disse: 'O meu é o que então, uma revista em quadrinhos?'."

Se nada mais, George, claro, sempre teve a sua guitarra. Ele era ainda mais obcecado do que Paul e John em aprender a tocá-la bem, e era muito melhor do que eles. Ele quase nunca sorria no palco; estava sempre ocupado, se concentrando. Mas ele não tentou fazer mais nada por muito tempo, tipo desenhar. Ele achava que não era inteligente o suficiente para isso.

Mas agora, desde o fim de 1966, George é o que tem mais interesses. Ele foi o primeiro a conquistar novos horizontes, para além da Beatlemania. Eles todos invejavam as novas paixões de George, já que eles mesmos não tinham achado mais nada para fazer. Ele até mesmo se tornou o líder em muitas coisas. Não que se esforçasse para ser o líder, da forma como John

havia feito nos dias dos Quarrymen – os outros é que vinham até George, seguindo os seus interesses.

George hoje é o Beatle que precisa menos dos outros Beatles. Os outros admitem que sentiram falta uns dos outros durante aqueles meses pós-turnês, quando tentaram fazer coisas sozinhos. "Não senti saudade nenhuma deles", ele diz. "Mas foi ótimo voltar da Índia e contar para eles a respeito."

"George não sente saudades de ninguém", diz Pattie. "Ele é muito independente e está se isolando cada vez mais. Achou algo mais forte que os Beatles, embora ainda queira compartilhar isso com eles. Ele é a fonte, mas quer que os outros o acompanhem."

Porque as paixões permanentes da vida de George hoje em dia são a religião e a música indiana; todos os outros aspectos de ser um Beatles não o interessam mais. No entanto, houve uma época em que ele era o mais obcecado por todo o dinheiro e pelo negócio de ser um milionário. Foi ele que interrogou Brian Epstein a respeito de todos os contratos.

Mas ele não consegue evitar coisas como autógrafos e telefonemas. Quando isso acontece, é frequentemente o único que age de forma grosseira. Ele esquece por um minuto por que aquilo está acontecendo e simplesmente fica irritado por completos estranhos estarem interrompendo sua vida. No trem para Bangor, ele ficou muito irritado quando seu chá foi interrompido por uma mulher pedindo seu autógrafo. Os outros, que estavam resignadamente assinando vários autógrafos, tiveram que contê-lo e falar para ele não ficar com tanta raiva, não importando o quão agressivos os fãs fossem.

George é o único que é absolutamente obcecado com qualquer tipo de publicidade. Qualquer coisa que saia no jornal a seu respeito o deixa furioso, como Pattie bem vê quando sem querer deixa escapar qualquer coisa.

Mesmo depois de mais de dois anos de casados, Pattie ainda não está acostumada com toda a atenção dos fãs e da imprensa. "Fico pensando que dessa vez não vai ter problema, que ninguém vai saber e, mesmo que fiquem sabendo, não vão se importar. Aquela viagem para Los Angeles ano passado, achei que seria OK. Para o meu horror, havia câmeras de TV e centenas de garotas gritando quando chegamos lá.

"Em 1964, quando fomos para o Taiti, a Beatlemania estava no seu auge e nós esperávamos aquilo. Por isso, tomamos muito cuidado e fizemos tudo em segredo. Neil e eu fomos primeiro para Amsterdã, usando nomes falsos, depois voamos para o Taiti para encontrar com George. Mesmo assim as pessoas descobriram.

"As coisas estão um pouco melhores hoje, mas sempre parece ser pior fora da Inglaterra. Você pega o avião tranquilamente no aeroporto de Londres, mas a imprensa inglesa informa à imprensa do outro lado e todo mundo aparece.

"À noite não é tão ruim. Já saímos de restaurantes e andamos por algumas ruas sem sermos perseguidos.

"Mas não aguento os fãs sempre parados do lado de fora da casa, até mesmo agora. Eles entram no jardim e ficam andando por aí. Entram até na nossa casa. Outro dia, entraram no nosso quarto e roubaram uma calça minha e um pijama de George."

Embora George a tenha alertado, ela algumas vezes gerou publicidade inadvertidamente. Um dia, ela recebeu uma carta pelo correio de um homem de idade, pedindo para as pessoas mandarem para ele armações de óculos velhas. Ele disse que as estava colecionando para mandar para pessoas na África.

Ela achou que parecia uma boa causa, então foi às lojas de segunda mão procurar por armações de óculos velhas e comprou todas as que conseguiu achar. Ela retirou as lentes e mandou para o homem apenas as armações.

"Pouco tempo depois, apareceu uma história no *Daily Mirror* sobre o que eu havia feito. O homem até me escreveu agradecendo, ele disse que a publicidade gerada o ajudou muito. George ficou furioso."

Assim como as outras esposas, ela se deparou com perigos físicos simplesmente por ser a esposa de um Beatle.

A pior ocasião aconteceu durante o Natal de 1965. "Eles estavam tocando em um show de Natal em Hammersmith e fui com Terry. Penteei meu cabelo para trás para ficar com uma aparência completamente diferente e ninguém me reconhecer. Não sei como, mas algumas fãs conseguiram me reconhecer e começaram a me bater. Elas tiraram seus sapatos e gritaram: 'Vamos pegá-la.' Fui cercada e não conseguia me desvencilhar delas. Elas jogavam coisas em mim e gritavam. Terry conseguiu me puxar para a saída lateral. As garotas me chutavam enquanto tentávamos nos livrar delas. Algumas me seguiram e começaram a me chutar de novo. Falei para elas pararem. 'Quem você pensa que é?', elas disseram. Então começamos todos a brigar. Dei um soco na cara de uma delas e Terry segurou uma contra a parede. Elas estavam todas gritando e xingando. Por sorte, conseguimos fugir delas. Elas eram garotas horríveis. Eram tão novas, de apenas 13 ou 14 anos. Não sei de onde elas eram.

"Hoje em dia não é mais tão ruim, mas ainda acontece. Cyn foi atacada há pouco tempo, na rua. Uma garota chutou suas pernas e disse que ela tinha que deixar John em paz, caso contrário... Não é incrível, depois de John e Cyn serem casados há tantos anos?

"Ainda tenho muito medo quando vejo um grupo de meninas na rua. Não consigo encará-las. Tenho que mudar de direção. Sempre penso que talvez elas queiram me bater."

Ser a esposa de um Beatle, assim como ser um Beatle, gera certas dificuldades de relacionamento com antigos amigos, assim como com novos. Sua irmã Jennie (que trabalha na loja da Apple) é muito próxima a ela e passa muito tempo na casa deles. Ela também é muito interessada em religião e cultura indianas, mas, fora Jennie, Pattie tem muito poucos amigos próximos.

"As pessoas de repente fazem algum comentário maldoso: 'Para você não tem problema, você pode pagar por isso.' Coisas desse tipo são ditas por amigos antigos que você pensava não serem capazes de fazer comentários bobos.

"Também acontece com pessoas novas, que você acabou de conhecer. Você pensa ser uma pessoa legal, então ela diz algo que mostra que ela acha que eu sou diferente. Outro dia, estava fazendo umas fotos para a *Vogue* e a mulher disse: 'Não penso em você como uma modelo agora, você é mais uma celebridade'. Não sou uma atriz ou uma estrela, ou algo do tipo. Sou apenas eu mesma, sempre fui.

"As esposas têm que fazer algo quando eles passam horas e horas no estúdio de gravação. Temos ideias do que queremos fazer, mas de repente estamos todos deixando Esher, indo ao interior para uma propriedade de centenas de hectares, ou para a Grécia ou algum outro lugar. Essas ideias mirabolantes sempre estão nos rondando.

"Queria fazer algo por conta própria. Comecei a tocar piano e tive algumas aulas por algum tempo. Mas ia demorar muito para eu ser boa naquilo. Acredito que você possa fazer qualquer coisa que quiser, se você se dedica àquilo, mas era tarde demais.

"Então fui ver uma vidente e ela disse que a minha avó tocava violino e que era meu destino tocar também. Não sei como ela sabia que a minha avó era violinista, então achei que deveria tentar. Fiz algumas aulas por um tempo, mas foi pior do que piano. Você realmente tem que começar a tocar violino ainda criança.

"Agora estou aprendendo a tocar dilruba, um instrumento indiano. Também estou frequentando aulas de dança indiana ministradas por Ram Gopal. É ótimo, Jennie e eu vamos todos os dias antes dos ensaios de balé dele.

"Só não quero ser a esposa que fica sentada em casa sem fazer nada. Quero fazer algo que valha a pena."

Pattie está envolvida com tudo que diz respeito à Índia, mas George, assim como com tudo pelo qual se interessa, está obcecado pela cultura e religião desse país. Ele costumava praticar o violão até seus dedos sangrarem. Agora, ele às vezes toca sitar o dia inteiro. Quando não está fazendo isso, lê livro após livro sobre religião.

Ele não é ranzinza com relação a isso. À medida que progride e aprende mais, se torna mais humilde e mais leve. Ele não prega muito os ensinamentos, embora haja sempre o risco, quando é citado, de ele soar mais fanático do que é de verdade. Paul e John teriam sido os primeiros a questionar suas pretensões e zombar de suas ilusões, se ele tivesse de fato alguma.

Desde o início, antes de o Maharishi aparecer, quando George estava descobrindo o budismo e a ioga, os outros ficaram tão fascinados em escutar o que ele havia descoberto quanto ele.

"Olha este livro. Um indiano deu uma cópia para cada um de nós quando fomos para as Bahamas. Foi autografado no dia 25 de fevereiro de 1965, meu aniversário. Só o abri

recentemente, já que passei a me interessar pela Índia. É fantástico. Aquele indiano realmente era importante. Você pode ver pelo seu nome, é um título de nobreza de verdade, que mostra o quão sábio ele é.

"Agora sei que isso fazia parte de um grande esquema. Que tudo estava planejado para que eu lesse isso agora. Tudo segue um caminho, assim como o nosso caminho. John, Paul e George se uniram; então, um pouco depois, veio Ringo. Fizemos parte daquela ação, que levou à próxima reação. Somos todos apenas pequenas engrenagens em uma ação de que todo mundo faz parte.

"A única coisa que é importante na vida é o carma, que significa, a grosso modo, ações. Toda ação tem uma reação, que é igual e oposta. Tudo o que é feito tem uma reação, como deixar esta almofada cair. Veja, ela ficou amassada aqui.

"Seu *samsara* é a recorrência de todas as suas vidas e mortes. Nós estivemos aqui antes. Não sei como o quê, embora os amigos que você teve na vida anterior provavelmente sejam os amigos que você tem nesta vida. Você odeia todas as pessoas que sempre odiou. Enquanto você odiar, haverá pessoas para serem odiadas. Você continua a reencarnar até chegar à verdade absoluta. Mas o céu e o inferno são apenas um estado de espírito. Sejam o que forem, você é quem os cria.

"Fomos criados John, Paul, George e Ringo por causa do que fizemos da última vez. Tudo estava lá para nós, em uma bandeja. Estamos colhendo o que plantamos da última vez, seja lá o que tenha sido.

"A razão pela qual estamos todos aqui é para alcançar a perfeição, para nos tornarmos como Cristo. Cada alma é potencialmente divina. Este mundo real é uma ilusão. Foi criado pelo mundanismo e pela identificação com os objetos. Não importa nada o que acontece, o plano não pode ser afetado, nem mesmo as guerras ou bombas nucleares podem alterá-lo. Nada disso importa. É claro, *importa* para as pessoas envolvidas e uma explosão nuclear seria terrível, mas é só o que acontece dentro de nós que é fundamentalmente importante.

"Costumava rir quando lia sobre Cliff Richard ser cristão. Ainda tremo por dentro quando ouço falar disso, mas sei que a religião e Deus são as únicas coisas que existem. Sei que algumas pessoas acham que devo ser maluco. Acho difícil não pensar isso também, às vezes, porque ainda vejo tantas coisas de uma forma normal. Mas sei que, quando você acredita em algo, é real e bacana. Não acreditar em nada é confuso e vazio.

"A vida vai dar certo, desde que você não faça besteira. Isso é o que estou tentando fazer. Apaguei da memória a maioria das coisas que me aconteceram antes de ter uns 19 anos. Tenho tanta coisa por que esperar daqui para frente. Vejo tantas possibilidades. Estou começando a saber que tudo o que sei é que não sei nada."

A meditação transcendental surgiu nessa fase. Ele estava procurando por algo e alguém para amarrar todas as pontas. Ele nunca perdeu um dia de meditação desde que começou, ao

contrário dos outros que, de vez em quando, se esquecem, ou estão ocupados demais para isso.

* * *

A outra grande parte da vida de George é a sua música. John e Paul estavam escrevendo músicas juntos desde o dia em que se conheceram. Mas George nem tentou escrever nada por muito tempo, embora tenha ajudado com uma música instrumental que eles gravaram para seu disco de Hamburgo. Suas músicas são criadas separadamente das músicas de John e Paul. Ele as escreve completamente sozinho. Nisso, assim como em outras coisas recentes, ele também os influenciou – chamando sua atenção para ritmos e instrumentos orientais.

A primeira canção de George não apareceu até o segundo LP deles, *With The Beatles*, em novembro de 1963. O nome da música era "Don't Bother Me". Ele a escreveu no hotel em Bournemouth durante uma turnê. Estava doente e descansando.

"Estava um pouco desgastado e devia estar tomando algum tipo de tônico, descansando por alguns dias. Resolvi tentar escrever uma música, só de palhaçada. Peguei minha guitarra e fiquei tocando até que uma música apareceu. Esqueci dela até irmos gravar o próximo LP. Era uma música razoavelmente ruim. Esqueci completamente dela depois que a colocamos no álbum."

Depois disso, ele passou quase dois anos sem escrever músicas. "Estava envolvido com tantas outras coisas que não tive tempo de escrever nada."

George subestima suas músicas dos Beatles, considerando-as um pequeno detalhe paralelo. Ele não lembra quantas escreveu e não sabe para que álbuns as escreveu.

Suas próximas músicas apareceram no LP *Help!*, que foi lançado em agosto de 1965. Ele escreveu duas: "I Need You" e "You Like Me Too Much".

Também escreveu duas músicas para o *Rubber Soul* em dezembro de 1965 – "Think For Yourself" e "If I Needed Someone". Quando estava pensando nos LPs para os quais havia escrito músicas, ele se esqueceu de mencionar essas. Ambas eram tão boas quanto qualquer outra deste álbum.

Para o *Revolver*, que foi lançado em agosto de 1966, ele escreveu o maior número de músicas em um LP até hoje. Foram três: "Taxman", "I Want To Tell You" e "Love You To". Essa última foi a primeira música dos Beatles na qual usaram instrumentos indianos, nesse caso o tabla, algo que foi copiado por centenas de bandas pop britânicas e americanas.

Suas músicas depois disso são muito mais indianas, refletindo seu crescente conhecimento do sitar e de música indiana. "Within You, Without You", que tem uma boa letra, bem como

uma melodia assombrosa, talvez seja o melhor exemplo de música sua até o momento. Ela foi gravada para o *Sergeant Pepper* em junho de 1967. Em seguida, no Natal de 1967, ele gravou "Blue Jay Way" para a trilha do *Magical Mystery Tour* e, em março de 1968, ele escreveu sua primeira música para um single dos Beatles, "The Inner Light".

"Comecei a escrever mais músicas quando tive mais tempo, especialmente quando paramos de fazer turnês. Como tinha tanta coisa indiana na cabeça, uma hora elas iam ter que sair." Ele tem muita dificuldade para conseguir o tipo certo de músicos indianos para as sessões no estúdio em Londres. Para "Within You, Without You" e "Blue Jay Way", ele passou semanas fazendo testes para encontrar pessoas que soubessem tocar instrumentos indianos. Não havia músicos profissionais na Inglaterra tocando os instrumentos que ele queria.

"Eles têm empregos como motorista de ônibus durante o dia e só tocam à noite, por isso alguns deles simplesmente não eram bons o suficiente, mas ainda assim tivemos que usá-los. Ainda assim, eles eram muito melhores do que qualquer músico ocidental poderia ser, porque pelo menos seu estilo era natural, mas isso dificultou muito as coisas. Passamos horas apenas ensaiando e ensaiando."

As sessões de George demoram ainda mais do que as sessões das canções de Lennon-McCartney. Tal como acontece com as deles, George Martin também dá conselhos, mas George está no comando. Grupos indianos de aparência muito estranha, carregando instrumentos muito esquisitos, entram no estúdio, sentam-se de pernas cruzadas e tocam para George para que ele possa ouvir o que são capazes de fazer.

Até agora, também existia o problema de escrever música que eles pudessem tocar. A maioria deles não consegue ler partituras ocidentais.

Para as primeiras músicas indianas de George, um músico indiano tinha que aprender a tocar a melodia observado George tocá-la. Nem mesmo o Grande George Martin sabe ler partituras indianas.

Hoje, no entanto, ele sabe. George aprendeu sozinho a compor suas músicas na escrita indiana para que os músicos pudessem tocá-las.

"Em vez de colcheias e pontos escritos sobre as linhas, a música indiana é escrita de forma muito simples, como a nossa tônica sol-fá. Em vez de Dó, Ré, Mi e assim por diante, eles cantam Sa, Re, Ga, Ma, Pa, Dha, Ni, Sa. Muitas vezes as músicas não têm letras, eles apenas cantam aquelas notas. Você indica quão alto ou baixo ou quanto tempo cada uma leva colocando pequenas marcas em cada nota.

"As primeiras notas de 'Within You', que iam com as palavras '*We were talking* [Estávamos conversando]', eram Ga Ma Pa Ni. Você só precisa escrever a primeira letra, que é o suficiente. Agora posso ir até os músicos indianos, dar-lhes a partitura, tocá-la para que eles possam ouvi-la e eles conseguem tocar sozinhos."

George passa pelo menos três horas por dia praticando seu sitar, sentado de pernas cruzadas com a base apoiada no peito do seu pé esquerdo, à maneira indiana. Ele tem cadernos cheios de música indiana, escritas com as notas indianas. Esses são os exercícios que ele tem que praticar. Seu professor, Ravi Shankar, o enviou alguns gravados em fita, que George deixa tocando sempre que não está praticando, mesmo durante as refeições. Ele é obviamente muito dedicado e trabalhador, mas diz que levará anos e anos até que saiba tocar bem. Ele está tão ocupado aprendendo música indiana corretamente que suas canções para os Beatles são geralmente escritas depressa. Ele ainda se esquece de criar suas próprias composições até que um novo LP esteja se aproximando – e então ele acha que deve escrever alguma coisa.

"Within You, Without You" foi escrita em uma noite na casa de um amigo, depois do jantar – Klaus Voorman, o amigo da Alemanha, que agora toca com os Manfred Mann.

"Klaus tinha um harmônio em sua casa, que nunca havia tocado antes. Comecei a dedilhá-lo, tocando para me divertir, quando 'Within You' surgiu. A melodia veio primeiro, depois pensei na primeira frase. Ela surgiu do que estávamos fazendo naquela noite – '*We were talking* [Estávamos conversando]'. Só cheguei até aí naquela noite. Terminei o resto da letra em casa.

"As letras sempre me atrapalham um pouco, não sou muito poético. Minhas letras são muito pobres, na verdade. Mas não levo nada disso a sério, é apenas uma piada. Uma piada interna. É ótimo quando alguém gosta delas, mas não as levo muito a sério pessoalmente."

Muitos críticos não entenderam por que havia uma risada logo depois de 'Within You, Without You' no *Sergeant Pepper.* Alguns disseram que ela parecia ter sido colocada ali pelos outros, para zombar da música indiana de George. Mas isso foi completamente ideia de George.

"Bom, depois de uma longa canção indiana, você quer algo para aliviar o clima. É um alívio depois de cinco minutos de música triste. Você não tem que levar tudo tão a sério, sabe. Você tem que escutar o público de qualquer maneira, enquanto eles escutam o show do Sergeant Pepper. Esse era o estilo do álbum."

Sua música para o *Magical Mystery Tour*, "Blue Jay Way", foi escrita durante sua visita à Califórnia no início do verão de 1967. O nome vem de um rua em Los Angeles onde ele e Pattie alugaram uma casa. Eles haviam acabado de voar de Londres e estavam esperando seu amigo Derek Taylor (ex-assessor de imprensa dos Beatles, agora na Apple) vir vê-los.

"Derek se atrasou e ligou para dizer que ia chegar tarde. Disse para ele ao telefone que a casa ficava na Blue Jay Way. Ele disse que ia achá-la numa boa, que sempre podia perguntar para um policial.

"Fiquei esperando por horas. Estava exausto por causa do voo, mas não queria ir dormir até ele chegar. Havia um pouco de neblina e foi ficando cada vez mais tarde. Para me manter acordado, só de palhaçada e para passar o tempo, escrevi uma música sobre esperá-lo na Blue Jay Way.

"Havia um pequeno órgão Hammond num canto dessa casa alugada, que eu não havia notado. Comecei a brincar com ele e a música veio."

A letra toda está diretamente ligada a ele esperando por Derek Taylor – "*There's a fog upon LA, and my friends have lost their way...* [Há uma neblina sobre LA, e meus amigos se perderam...]". Quando ele voltou para casa em Esher, ele aperfeiçoou a música. Há ainda o efeito de um órgão, muito profundo e crescente, no fundo da canção.

Em janeiro de 1968, George concordou em escrever sua primeira trilha sonora, para o filme *O muro das maravilhas*. Ele também recebeu pedidos para escrever mais singles, mas geralmente se recusava. Um dia, estava escrevendo uma canção para Marianne Faithfull – ela havia lhe pedido para escrever uma música para ela cantar, algo parecido com "Within You, Without You". Ele não sabia como se sairia. Ele tinha a melodia na cabeça, mas a letra estava se tornando cada vez mais jocosa. Ele achou que ela podia acabar sendo muito boba e que teria que jogá-la fora.

"Havia escrito '*You can't love me with an artichoke heart* [Você não pode me amar com um coração de alcachofra]', que não é mal." Ele cantou e tocou a música no seu órgão Hammond. "Mas não tenho certeza se devo continuar com a piada – '*You can't listen with your cauliflower ear* [Você não pode me escutar com um ouvido de couve-flor]' ou '*Don't be an apricot fool* [Não seja um damasco tolo]'. Não sei, vou ver o que acontece.

"Não tenho nenhum alcance vocal, então tenho que manter todas as minhas músicas simples. Marianne é igual, então não tem problema."

Sua voz não tem muito alcance, mas tem um número considerável de fãs, a julgar pelas cartas recebidas pela *Beatles Monthly*. As fãs estão sempre perguntando por que John e Paul não o deixam cantar mais. "Não é verdade que eles não me deixam cantar. Se eu quisesse, cantaria mais. Só não tenho vontade."

Ele vê John e Paul como os compositores da banda. Ele acha que não precisa se preocupar com isso quando eles são tão bons, a não ser que tenha algo na cabeça.

"Não sei que caminho quero seguir agora. Músicas indianas clássicas de verdade são tão diferentes do tipo de música pop com influência indiana que foi lançado aqui. As daqui são apenas músicas pop comuns, com um pouco de música indiana no fundo.

"Não tenho certeza se isso se aplica às músicas que escrevi. Analisando do ponto de vista de outra pessoa, como músicas pop, eu gosto delas. Mas analisando do meu ponto de vista, do que eu realmente quero fazer, não gosto do que fiz até agora. Sempre pareço estar com pressa e depois percebo coisas que devia ter feito."

Ele acha graça das pessoas que levam as músicas dos Beatles muito a sério. Ele diz que a letra de "Within You, Without You" era sincera, mas ainda assim era uma piada. "É isso que as pessoas não entendem. Como 'I Am The Walrus' de John – '*I am he as you are he as you are me*

[Eu sou ele como você é ele como você sou eu]'. É verdade, mas ainda assim é uma piada. As pessoas ficam procurando por todo tipo de significado oculto. É sério e não é sério."

George acha que eles podiam ir muito além com suas melodias e letras, e que provavelmente irão. Ele acha que a frase de John sobre uma menina que deixa baixarem sua calcinha em "I Am The Walrus" é ótima.

"Por que você não pode ter as pessoas fodendo também? Está acontecendo em todo lugar pelo mundo, o tempo todo. Então por que você não pode mencionar isso? É só uma palavra, criada pelas pessoas, ela não tem significado nenhum em si mesma. Fique repetindo – foda, foda, foda, foda, foda, foda, foda. Viu, não quer dizer nada, então por que você não pode usá-la em uma música? Nós vamos um dia. Não fizemos isso ainda."

Isso seguiria a teoria de Kenneth Tynan de que as músicas dos Beatles estão diretamente ligadas às músicas medievais inglesas, que eram cheias de bundas, merda e fodas. Então, de certa forma, é verdade. Mas George, John e Paul ainda não fizeram nada disso em suas músicas.

Enquanto isso, de volta ao rancho de George Harrison – sua casa realmente se parece um pouco como um rancho, com todos aqueles móveis baixos de madeira branca –, o telefone tocou. Não era um fã, mas um ex-funcionário com uma longa e complicada história sobre como ele havia emprestado 250 libras a Jayne Mansfield e ela morrera sem pagá-lo de volta e ele estava prestes a ser despejado se George não pudesse ajudá-lo. George disse que sim, claro. Ele desligou o telefone e disse: "Bem, o que são 250 libras?"

George ainda é um Beatle. É seu trabalho e, assim como em qualquer trabalho, todo mundo tem que pensar a respeito dele e sobre o futuro de vez em quando. Ele agora está começando a achar que tem uma obrigação de fazê-lo bem e que pode até ter algum tipo de responsabilidade social como ídolo pop, que é algo em que nenhum deles pensava a respeito nem por um minuto pouco tempo atrás.

Ele ainda está umbilicalmente ligado aos outros, apesar de todos os exercícios de sitar e pensamentos mais elevados. Eles são seus melhores amigos. Assim como eles compartilham de seu interesse religioso, ele compartilha de todas as paixões deles, mesmo que mundanas, de lenços longos a câmeras.

"Se um deles experimenta algo, todos os outros têm que saber a respeito", diz Pattie. "Eles têm manias, igual você tem manias na escola. Mas elas os mantêm felizes.

"Eles desperdiçam muito dinheiro quando adotam uma nova mania. Eles compram muita coisa que nunca vão usar, mas sempre acaba sendo útil. Eles gastaram muito dinheiro com câmeras e equipamentos de filmagem, mas isso mostrou que eles podiam fazer filmes sem ter que saber muito a respeito.

"Agora sei que eles todos são parte de um todo. Não percebi isso assim que me casei. Eles todos pertencem um ao outro, nenhum deles pertence a uma outra pessoa. Não adianta tentar

se agarrar a eles, ou você acaba se tornando uma pessoa infeliz. George é meu marido, mas ele é livre para ir com eles se quiser. É importante para ele ser livre.

"George divide muita coisa com eles que eu nunca vou saber a respeito. Ninguém, nem mesmo as esposas, conseguem quebrar esse laço, e nem mesmo compreendê-lo.

"Costumava ficar magoada com isso no início, mas lentamente comecei a entender que havia uma parte dele de que eu nunca faria parte. Cyn conversou muito comigo, ela disse que eles sempre seriam parte um do outro."

Há apenas um outro aspecto menor da vida dos Beatles que Pattie critica de alguma forma. Ao contrário dos próprios Beatles, Pattie acha que eles deveriam fazer algo com seu dinheiro para ajudar alguma causa de caridade (desde o verão de 1968, eles começaram a doar o lucro de algumas de suas canções para certas instituições de caridade. A renda de "Across The Universe" foi doada para o World Wildlife Fund).

"Eu sei que eles dizem que muitas dessas causas usam o dinheiro só para pagar seus funcionários, mas deve haver algo que nós possamos fazer, algo como o que Marlon Brando faz para as crianças de rua.

"O problema dos Beatles é que eles foram atormentados por instituições de caridade no início de sua carreira, querendo que eles fizessem coisas. Toda aquela multidão de crianças aleijadas que foram levadas para vê-los em seus camarins, como se eles fossem curandeiros. Isso de alguma forma os deixou enojados.

"Não me importaria de começar uma instituição de caridade, mas, de novo, a imprensa ficaria sabendo e estragaria tudo, como diz George. Eles sempre estragam tudo. As pessoas iam achar que estávamos fazendo isso pelos motivos errados, da mesma forma que algumas pessoas não podiam acreditar que eles estavam realmente interessados em ouvir o Maharishi. É difícil saber o que fazer."

George diz saber o que vai fazer e não se preocupa com o futuro.

Seu interesse em assuntos espirituais vai durar para sempre, diz ele. Ele vai provar que os cínicos estavam errados, que seu interesse por cultura indiana não é passageiro.

"Chegar a um estado de felicidade plena é a coisa mais importante, mas eu ainda tenho que trabalhar como um Beatle.

"Temos que fazer esse trabalho porque agora *podemos* fazer as coisas. Ainda estamos em uma posição de experimentar coisas e mostrá-las para as pessoas. Podemos ficar pulando por aí e tentando coisas novas, o que outras pessoas não podem ou não querem fazer, como com as drogas. As pessoas com empregos normais não podem simplesmente gastar seu tempo experimentando isso.

"Se Mick [Jagger] fosse para a cadeia por fumar maconha, ele seria a melhor pessoa com quem isso poderia ter acontecido. Seria muito melhor do que se acontecesse com alguém sem

dinheiro, que seria arruinado por aquilo. Ser rico e famoso faz com que seja mais fácil passar por certas coisas.

"Acabamos de começar a fazer filmes. *Magical Mystery Tour* não foi nada, mas vamos mostrar que podemos fazer. Qualquer um pode fazer filmes, você não tem que fazer esse negócio de investidores e empresas e centenas de técnicos e roteiros que foram desenvolvidos até a última vírgula.

"Vamos fazer talvez um ou dois filmes por ano, mas não necessariamente vamos atuar neles. Vamos alugar um estúdio e contratar pessoas que queriam participar disso. Também vamos emprestar dinheiro. Se tivermos que usar investidores, vamos nos certificar de que eles não tenham nenhum poder de influência sobre o filme.

"Vamos sair por aí, fazendo filmes, experimentando novas coisas. Depois dos filmes, vamos tentar outra coisa nova, não sei o que ainda. Não sabíamos que íamos fazer filmes quando começamos a gravar discos.

"Vai ser o mesmo tipo de cena, cada vez tentando algo novo por algum tempo. Então um dia vamos morrer e ir para uma nova vida, onde vamos tentar de novo melhorar o tempo todo. Essa é a vida. Essa é a morte.

"Mas, no que diz respeito a essa vida, ainda não fizemos nada."

34

Ringo

Ringo mora muito próximo de John, no mesmo condomínio fechado em Weybridge, em Surrey. Sua casa também é no estilo Tudor. Ela foi construída em 1925 e se chama Sunny Heights. Ela custou 37 mil libras, mais 40 mil em reformas. Ele não tem uma piscina como John e George, mas seu terreno é muito maior, com muitas árvores e arbustos. Ela fica na parte de trás do campo de golfe St George's Hill. Nem ele nem John são sócios do clube e nunca foram convidados a ser. Mas, quando se mudaram, um repórter de um jornal perguntou ao clube se os Beatles poderiam ser sócios. Eles disseram que não, que havia uma longa lista de espera. Ringo diz que não gostaria de fazer parte do clube de qualquer maneira, já ele não gosta de caminhar.

Ringo gastou muito dinheiro com o paisagismo de seu jardim. Na parte de trás, a casa parece agora um enorme anfiteatro, cavado na terra. Ele tem muitos terraços de tijolos e lagos, e você pode acessá-los pelas janelas francesas da sala de estar principal. Há pequenos bosques em ambos os lados desse anfiteatro, ainda no jardim de Ringo. Na copa de uma das árvores há uma casa para as crianças.

Parte da reconstrução na parte de trás da casa, um muro semicircular, custou 10 mil libras, para espanto de Ringo. Como todos os Beatles, por anos, ele nunca pediu orçamentos, o que, é claro, os deixava completamente vulneráveis. Não é que as pessoas necessariamente tentassem passar a perna neles, elas simplesmente forneciam seus bens e serviços mais caros.

"Quando vou dar uma volta, penso muitas vezes: o que é que um cara mal-amanhado como eu está fazendo aqui?", disse Ringo, de pé olhando para seu vasto jardim. "Mas logo passa. Você se acostuma com as coisas. Você fica pronto para discutir com qualquer um que esteja tentando arrancar muito dinheiro seu."

No verão de 1967, ele mandou construir uma grande extensão na casa, contendo salas de estar extra, quartos de hóspedes, um escritório e uma sala muito longa, que é usada como

cinema ou sala de bilhar. A reforma foi feita por uma empresa de construção da qual ele é sócio. Esse foi o único investimento que ele fez por conta própria. Infelizmente, a construtora teve que ser fechada em meados de 1967, por conta dos cortes de crédito. "Construímos um monte de casas muito boas, mas ninguém tinha dinheiro para comprá-las. Não perdi dinheiro quando a empresa fechou, só fiquei com uma dúzia de novos apartamentos e casas, que ficaram vazios por muito tempo."

Na parte de dentro da casa, a principal sala de estar é talvez a mais bonita de todas as salas de estar dos Beatles, embora seja um pouco escura, por ficar do lado do jardim e um dos terraços impedir a luz de entrar. Ela é muito bem decorada e é coberta por um carpete marrom-escuro, fabricado pela Wilton. Só isso custou uma fortuna, pois foi feito especialmente para ele em um grande pedaço único – um dos motivos de ter sido tão caro. Ele agora treme ao lembrar o quanto pagou pelo carpete e não quer que o preço seja publicado. Mas custou cerca do dobro do preço normal que as pessoas pagam quando estão comprando carpetes para cobrir o chão de uma casa inteira.

Um dos cômodos é um bar bem excêntrico e brega, embora tenha acabamentos de bar de verdade. Ele tem um coldre de cowboy pendurado na parede que foi dado a ele por Elvis.

Há vários discos de ouro e outros prêmios espalhados por toda a casa, mas não muitos. Em seu quarto principal, ele tem algumas poucas estantes de livros. Elas contêm principalmente livros de bolso velhos, alguns livros novos sobre religião indiana, que já parecem usados, e alguns volumes que parecem inteiramente novos de história e Dickens. De todos os Beatles, John é o único com estantes de livros de verdade.

Ringo tem alguns cômodos dedicados aos seus próprios brinquedos. Eles são muito caros – a maioria, equipamentos de cinema. Ele fez alguns filmes excelentes e engenhosos, embora seja tímido demais para exibi-los e realmente não ache que são muito bons. Ele tem um filme de vinte minutos a cores que consiste principalmente de *close-ups* dos olhos de Maureen, com uma trilha de música eletrônica. Nele há uma cena filmada enquanto ele dirigia pela M1, com cenas filmadas através de uma janela, com a câmera apontada para os faróis de carros se aproximando. Há uma outra excelente sequência, em que ele filma a casa e o jardim enquanto está sentado em um balanço do jardim, se movimentando para cima e para baixo. Ele fez toda a filmagem, edição e montagem do filme sozinho. Ele usou equipamentos caros, mas mesmo assim os resultados são muito interessantes. Uma ou duas cenas de *Magical Mystery Tour* foram filmadas por Ringo, usando suas próprias câmeras.

Ele também pinta um pouco, mas não muito. Sua esposa Maureen passa horas fazendo estampas e desenhos muito complicados. Ela fez uma estampa baseada no símbolo do *Sergeant Pepper*, toda em lantejoulas, centenas e centenas delas. Levou seis semanas para completar, enquanto estava grávida de Jason.

Zak, seu primeiro filho, nasceu em setembro de 1965, e Jason em agosto de 1967. Ringo acha que eles não vão ter outro filho por algum tempo – ele quer dar um descanso para Maureen.

Eles têm uma babá que mora com eles para tomar conta das crianças e uma diarista para fazer a faxina, mas, como John e Cyn, Ringo e sua família vivem sua vida de forma autossuficiente no meio da casa. Não há sinais de que eles têm qualquer tipo de ajuda. Maureen cozinha todas as refeições de Ringo, mas, ao contrário da casa dos Lennon, a deles parece inteiramente habitada.

Ambos costumam passar o dia em casa, quando Ringo não está trabalhando. Assim como John, eles deixam o aparelho de som e a televisão ligadas o tempo todo, até mesmo nos cômodos onde não estão. Eles assistem muito à televisão e têm seis aparelhos espalhados pela casa. Do sofá principal, na sala de estar, Ringo pode mudar de canal sem se levantar, apenas apertando um botão no sofá.

Ringo dá um sorriso, ou acena com a cabeça, quando uma música dos Beatles toca na televisão ou no rádio, se alguém estiver com ele. John e Paul parecem não notar. George não assiste à televisão nem escuta música pop.

"Não escuto nossas próprias músicas. Maureen as coloca para tocar de vez em quando. Ela é fã de Beatles e de Frank Sinatra. Antigamente, comemorávamos como loucos toda vez que escutávamos nossa música no rádio.

"Não me importo que as pessoas nos assediem. Somos tão populares que não importa agora, mas os críticos podem enterrar alguns discos, mesmo que muitas pessoas tenham gostado deles.

"Quando você está a caminho do topo, todo mundo te apoia. Quando você chega lá, eles todos querem te puxar para baixo. Se apenas trinta pessoas aparecerem no aeroporto para te ver, as pessoas dizem que não tinha muita gente lá, que você, então, deve estar acabado. Elas esperam que as coisas sejam iguais a quando estávamos fazendo shows. Elas pensam: 'Ah, os Beatles têm que ter um milhão de pessoas em volta deles'."

Ele acha tanta graça quanto os outros das pessoas que tentam achar significados ocultos em seus discos, particularmente nos Estados Unidos. "Isso está sempre fadado a acontecer lá. Eles têm cem camaradas fazendo o que dez camaradas fazem aqui. Estão procurando por algo diferente."

Assim como os outros, ele está tentando viver uma vida mais privada para variar. Ele acha que, como eles pararam de sair em turnê e de ser propriedade pública, as pessoas deveriam deixá-los em paz. "Mas as pessoas continuam a olhar fixamente para a gente, como se fôssemos de um circo. Posso entender quando sou Ringo, o Beatle, mas quando sou Ritchie, a pessoa, gostaria de ter mais liberdade.

"Acho que você não pode esperar isso de verdade. Eles ouviram falar muita coisa de você e querem te ver. Fama é isso. Eles não percebem que paramos de tocar, eles ainda querem ficar boquiabertos."

Ele e John estavam voltando de Londres certa noite, sendo conduzidos pelo motorista de John em seu Rolls, quando passaram por um pub todo iluminado cheio de pessoas bebendo só de camiseta. Eles não podiam acreditar. Para eles, aquela era uma cena de conto de fadas que eles haviam esquecido.

"Parecia ótimo, mas já estávamos longe até notarmos de verdade. Estávamos de terno e nos sentimos meio formais, pois tínhamos ido visitar Queenie [a Sra. Epstein], mas isso foi muito depois de Brian ter morrido. Quando chegamos em casa, decidimos trocar de roupa e sair para beber. Levei Maureen para fazer companhia a Cyn enquanto John e eu íamos para o pub. Era como nos velhos tempos. Trouxemos de volta para elas salgadinhos e bebidas.

"O pub mesmo não havia mudado, era como os pubs que costumávamos frequentar, iguais aos da novela *Coronation Street*. O barman ficou muito feliz quando nos reconheceu. Tomamos uma garrafa de cerveja escura cada. Tivemos que assinar alguns autógrafos, mas não foi tão ruim."

Ele acha que, agora que foram uma vez, talvez pudessem ir mais vezes. Ele nunca tentou sair para caminhar sozinho, porque, é claro, não gosta de caminhar. Nenhum dos Beatles pratica qualquer tipo de exercício físico, exceto Paul, quando sai para passear com Martha.

Jogar bilhar ou brincar em máquinas de caça-níquel são o único tipo de exercício que Ringo faz. "Tenho um jardim, o que há de errado nisso? Frequentemente ando pelo jardim." Ele parece não precisar se exercitar para se manter em forma e tem mantido o mesmo peso (entre 57 e 59 quilos) pelos últimos seis anos. Considerando a vida nada saudável que levou durante as turnês e seus anos doentes quando era criança, é surpreendente. Mas todos eles estão em forma, de certa maneira, apesar de serem pálidos. Eles passam por exames médicos regulares antes de rodarem cada filme novo e de assinar outros contratos importantes, e nada de errado foi achado neles. John engordou quando eles pararam de fazer shows, mas logo emagreceu.

Ringo finalmente passou na prova da autoescola, depois de ter sido reprovado três vezes e dirigido sem carteira por dois anos. Ele agora tem três carros, um Mini Cooper, uma Land Rover e um Facel Vega. "Não me pergunte como se soletra o nome, estava fora da escola quando eles ensinaram ortografia."

Além de seus pais, ele ajudou outros parentes e amigos, emprestando dinheiro para que comprassem suas próprias casas.

"Eu realmente tenho um monte de entulho, saio por aí e acabo comprando alguma coisa, depois perco o interesse em menos de uma semana. Estou sempre comprando equipamentos de cinema. Quero algo melhor ou algo a mais, então mudo de câmera o tempo todo. Não sei

qual o valor do meu patrimônio. Se dissesse: 'Nos dê o nosso dinheiro amanhã, quero tudo na minha mão', não teria a menor ideia de quanto seria."

Ele não carrega dinheiro consigo. "Me diga, como é que as notas de libras se parecem? E eles ainda fazem aquelas moedas bonitinhas de meia coroa? Maureen faz as compras de supermercado, mas ela apenas usa um cartão que diz 'isto é dinheiro'."

Quando eles assinam uma conta em uma loja, ela é enviada para o escritório de seu contador. Ele manda a conta de volta para eles confirmarem o gasto antes de pagar. "Minhas despesas chegam a mil libras por mês. Mês passado foram 1.600, mas comprei lentes novas.

"Só tive problema uma vez. Maureen e eu estávamos na casa de Brian e decidimos voltar para casa mais cedo. Havíamos ido para lá no carro de alguém, então Peter [Brown] nos emprestou seu carro para voltarmos para casa.

"No meio do caminho, na autoestrada, a quilômetros de distância de qualquer lugar, no meio de uma noite de domingo, ficamos sem gasolina. Não havia nenhum posto por perto e, mesmo que houvesse, eu não tinha dinheiro.

"Consegui fazer um carro parar e disse que tínhamos ficado sem gasolina. Ele disse que podia nos emprestar cinco contos para que pudéssemos comprar um galão de gasolina para chegarmos em casa. Ele perguntou: 'Você é o Ringo?' Eu disse que sim. Ele disse que não ia adiantar nada me emprestar dinheiro, como não tinha nenhum posto por perto, mas que ele podia nos levar até em casa em seu carro, o que ele fez. Foi ótimo. Ele só acabou sendo um jornalista do *Daily Telegraph*. Bem, é esse tipo de coisa sem importância que sempre sai no jornal e que você não quer que saia. Convidei ele para entrar e lhe dei um LP. Ele nunca escreveu a respeito."

Eles todos receberam talões de cheque em um dado momento, há vários anos, para ajudá-los em caso de emergência, mas eles nunca os usam. "Nunca assinei um cheque na minha vida", diz Ringo. "Nem sei como fazer isso. Perdi meu talão no minuto em que o recebi.

"Nenhuma loja nunca recusou que eu assinasse a conta, nem mesmo lojas nas quais eu nunca havia estado antes. Ninguém nunca me pediu para provar que sou realmente o Ringo – ainda."

Ele não sente qualquer desejo ou necessidade de dar dinheiro para caridade e não vê por que deveria. "Brian fazia doações de vez em quando em nosso nome. John desenhou um cartão de Natal para a Oxfam, não foi? Eles ganharam muito dinheiro com isso.

"Realmente não gosto da ideia. Muitas pessoas que administram as instituições de caridade não são legais. O que o Aberfan Fund fez de bom, exceto para todos os advogados? Eles deram para cada pessoa 5 mil libras por terem perdido um filho. Ridículo. Cinco milhões de libras não é equivalente a perder um filho. Acho que muita gente ganha dinheiro com as instituições de caridade. Não, elas não são para mim.

“O governo fica com 90% de todo dinheiro que ganhamos de qualquer forma. O governo usa isso para ajudar as pessoas, não usa? Isso é como dar dinheiro para a caridade.

“Não que os governos sejam bons. Eles não conseguem fazer nada funcionar. Ônibus, trens, nada funciona. Estava no carro outro dia, indo para a cidade, e passei por cinco ônibus número 7, um atrás do outro, todos com apenas duas pessoas dentro. Por que elas não podiam estar todas no mesmo ônibus?

“O governo retém muitos impostos. Não há nenhum incentivo, você é tributado a vida inteira. Quando eles tiverem acabado com todas as pessoas ricas, ninguém mais vai ter dinheiro para dar ao governo.

“Tudo que o governo faz vira merda, não ouro. As ferrovias obtiveram lucro quando foram privatizadas, não foi? O nosso governo é como a Inglaterra Vitoriana: antiquado.

“Todos os partidos são iguais, trabalhista ou conservador. Nenhum dos dois me agrada. Tudo o que eles fazem é se opor um ao outro. Um diz uma coisa e o outro tem que dizer algo diferente. Ambos fazem isso e é tudo que fazem. Por que eles não podem se juntar e trabalhar pelo bem do país?”

Todos eles dizem que Ringo é o sentimental deles, embora todos tenham um pouco de Ringo dentro de si. Uma das coisas pelas quais Ringo é sentimental é sua preferência pela Inglaterra, que é algo que eles dizem não dar importância. Quando a ideia da ilha grega e outras desse tipo eram debatidas, Ringo era o único que não se entusiasmava muito em se mudar. Ele gostaria de morar com todos eles em um sítio de cem hectares em Devon, mas não gostaria de ir morar por muito tempo em um país estrangeiro. Os outros dizem que se mudariam facilmente.

“Não conseguiria morar em nenhum outro lugar que não fosse a Inglaterra. É daqui que eu venho, é aqui que minha família mora. A Inglaterra não é melhor que nenhum outro lugar, eu sei disso. Simplesmente me sinto confortável aqui.”

Ele passa férias no exterior e gosta de estar com os outros, geralmente com John. Ele e Maureen não iriam para a Califórnia impulsivamente, da forma como George e Pattie foram. Assim como John, ele prefere viajar com seus amigos dos Beatles. “É legal estar junto.”

Ele não perdeu nenhuma de suas noções nortistas antiquadas sobre casamento, como a ideia de que o homem é o mestre da casa. “É assim que deve ser. Meu avô (Starkey) sempre teve uma poltrona na casa dele, em que só ele se sentava. Eu sou igual eu acho.” Ambos, ele e John, têm um pouco de Andy Capp neles. Paul e George são mais classe média em seu ambiente doméstico.

Mas Ringo está um pouco preocupado com o fato de que parece ser o lorde e o mestre mais do que realmente é. “Maureen estava me dizendo outro dia que a faxineira tem medo de mim. Não planejo ou espero isso. Acho que isso acontece porque Maureen fica correndo de um lado para o outro dizendo temos que fazer isso e aquilo porque o Ritchie está chegando.”

Quando eles saem, ele acompanha Maureen da forma tradicional da classe trabalhadora. Alguns anos atrás, eles foram jantar na Woburn Abbey, a residência do duque de Bedford. Ringo era um pouco amigo de seu filho, Rudolph, um ávido fã de música pop. "Achei que ia ser engraçado ver como a outra metade mora, por isso resolvi ir."

Ele sentou-se à mesa de jantar grandiosa, a quilômetros de distância de sua esposa Maureen, da forma como a classe alta faz, para seu alarme.

"Eu disse: Ah, não, vem cá, querida, eles estão tentando nos separar. Que pessoas esquisitas!'

"Não acho que as mulheres gostem de serem tratadas de forma igual. Elas gostam de ser protegidas e, em troca, gostam de cuidar dos homens. E é assim que funciona."

Eles desistiram de Londres há algum tempo e raramente saem à noite. "O Swinging London era OK antes de se tornar tão chato. Quando estávamos ficando famosos, era legal sair por aí e ver que as pessoas nos reconheciam, que é o que todas as pessoas famosas devem fazer, mas era um saco."

Ringo e Maureen não recebem as pessoas de maneira formal em sua casa. Ele tem um ou dois amigos, como Roy Trafford, da época em que morava em Liverpool. John é a pessoa que aparece por lá mais frequentemente para tomar um chá ou o que quer que seja.

Maureen prefere a vida mais tranquila, embora sua vida realmente seja o Ringo. Qualquer coisa que ele queira fazer, ela quer fazer. Eles são muito felizes.

Ela é a única esposa dos Beatles que fica acordada esperando por seu marido, não importa o que ele esteja fazendo ou o quão tarde chegue.

"Quando ele está gravando, normalmente chega umas 4h30. Ele geralmente acordou tarde no dia anterior ou talvez não tenha comido direito antes de sair. Então, tento fazer alguma coisa para ele comer quando ele chega em casa, não importa a hora. Pelo menos assim eu sei que ele se alimentou. Eles só beliscam as coisas quando estão trabalhando.

"Se ele tiver comido uma refeição de verdade no trabalho, ou com os meninos, não tem importância. Eu posso facilmente reaproveitar as batatas cozidas, nada é desperdiçado. Mas normalmente dou algo para ele comer. Ele pode comer rapidamente, pois está cansado, mas gosta de encontrar algo quando chega em casa.

"Não me importo de ficar acordada esperando por ele. Às vezes eu mudo os móveis de lugar para fazer o tempo passar. Só faço isso para me ocupar. Uma noite dessas, passei duas horas decidindo onde colocar uma luminária. Às vezes costuro alguma coisa, cortinas ou roupas. Coloquei lantejoulas em um abajur antigo outro dia."

Ela passa muito tempo respondendo à correspondência. Maureen tem muito interesse nas cartas que Ringo recebe das fãs. Talvez, por ter sido uma fã, ela saiba o que aquilo significa. Além da Sra. Harrison, mãe de George, ela é a única no círculo dos Beatles que se preocupa

com isso. Ela não se envolve tanto quanto a Sra. Harrison, pois tem uma mansão e duas crianças para cuidar.

Quando as pessoas mandam cartões de aniversário, ela ainda manda de volta um bilhete de agradecimento, acrescentando que Ritchie está muito ocupado trabalhando para responder pessoalmente. Ela sempre o chama de Ritchie, nunca de Ringo, mesmo quando está escrevendo para pessoas que só o conhecem como Ringo. "Não sei por quê. Ringo soa esquisito, o nome dele é Ritchie."

Em certos momentos, ela faz com que ele assine grandes quantidades de autógrafos. Ela não os envia para todo mundo que escreve, porque tomaria muito tempo. Ela só inclui o autógrafo, no envelope de suas cartas, quando as pessoas foram realmente simpáticas e bem-educadas.

"Gosto de responder às cartas. Tenho feito isso há cinco anos. Recebo umas respostas lindas dos pais dos fãs.

"Às vezes não consigo dar conta. Quando estava prestes a ter Jason, fiquei sem ler ou responder por algumas semanas e quando voltei havia três sacolas de compras cheias delas.

"Não faço isso só porque as pessoas são educadas. Sei que, se eu tivesse escrito uma carta simpática para alguém que eu gosto, gostaria de receber algum tipo de resposta. Já li cartas de fãs dizendo que aquela era sua décima quinta carta. Eles devem se sentir horríveis. Deviam estar mandando as cartas para o escritório, e eles recebem milhares de cartas e não dão conta. Não que eu queira receber mais do que recebemos agora, obrigada."

Ela costura muitas roupas enquanto está fazendo hora esperando por seu marido. "Gosto de coisas espontâneas. Estou sempre com muita pressa para usar moldes. Às vezes, começo fazendo um vestido, mas vou fazendo errado, cortando mais e mais, até que acabo com um lenço."

Quando ela sabe que só vai costurar coisas espontâneas, compra restos de tecidos para evitar o desperdício. Ela é muito cuidadosa quando o assunto é dinheiro. Todas as compras são feitas no supermercado de Weybridge. Ela sempre pega as figurinhas de troca da Pink Shield com tudo que compra, o que parece sem sentido, quando se tem dinheiro para comprar qualquer coisa que se possa querer. Ela gosta de colá-las nas páginas. Ela pega seu álbum de figurinhas de vez em quando e vê quantas já tem.

Ringo acha muito engraçado, mas se orgulha da forma como ela administra a casa e cuida dele. Ele também gosta muito das coisas que ela faz, como a estampa do Sergeant Pepper com lantejoulas.

Eles ainda não começaram a pensar sobre onde Zak e Jason vão estudar, já que eles são muito novos. Assim como John, Ringo gostaria que eles fossem para uma escola pública comum. "Mas Zak não é comum, é? Eles não o deixariam em paz. Acho que as coisas são mais tranquilas hoje, mas as crianças ainda implicariam com ele. Se a única maneira de ele ter um

pouco de paz for pagando por isso, então é isso que vamos fazer. Se eles quiserem ir para uma escola interna, vou deixar eles irem. Mas gostaria que eles morassem em casa. Só quero que eles tenham liberdade e amem um ao outro.

"Eu digo tudo isso, claro, mas não sei como vou ser quando eles forem mais velhos. Só não quero que eles tenham as restrições que eu tive, você sabe, com a minha mãe me dizendo para não brincar perto da janela ou tomar cuidado para não quebrar nada. Você nunca sabe como vai ser, né, quando é a sua vez de ser pai."

Mas Ringo não gostaria que eles tivessem o tipo de educação que ele teve, ou pelo menos, a falta dela. Aqueles anos perdidos por causa das doenças o afetaram, não de maneira grave, pelo menos não o que ele chamaria de grave. Sua ortografia, por exemplo, é terrível, mas isso não o preocupa. Seu conhecimento sobre onde as cidades e lugares ficam também é muito estranho.

"Sei que não escrevo direito, mas posso ler qualquer coisa que você me der. Inglês é uma língua difícil de escrever para qualquer pessoa. Não sou ruim em matemática, mas sou melhor com as minhas mãos. Posso fazer a maioria das pequenas tarefas, se me deixarem em paz, e eventualmente consigo solucionar os problemas sozinho. É quando tenho que escrever as coisas que vou mal."

Ringo entrou para a banda por último, muito depois de os outros terem desenvolvido suas personalidades e achado seu espaço. Ele sempre achou que aquilo havia sido uma tacada de sorte. Ele entrou para a banda no segundo em que eles começaram a fazer sucesso. Os outros nunca acharam que aquilo aconteceu por sorte. Eles todos sempre souberam que iam fazer sucesso.

Quando estão todos juntos, ele tende a ficar um pouco isolado, preso na bateria enquanto os outros ficam em volta do microfone. Ele sempre disse que não era de conversar, mas suas piadas e observações são tão sagazes e espirituosas quanto as dos outros. A diferença é que ele não fica tagarelando, da forma como Paul consegue fazer, ou como George faz quando está obcecado por alguma coisa, ou do jeito que John fica fazendo piadas e observações bobas o tempo todo. Ringo fica em silêncio até que alguém fale com ele.

Por conta disso, ele realmente *parece* arredio e preocupado. Seus cabelos grisalhos agora estão ainda mais grisalhos. Além da parte lateral esquerda na sua cabeça, agora há fios brancos nas sobrancelhas também. Alguns médicos acreditam que há razões psicológicas para o nascimento precoce de cabelos grisalhos, mas a maioria concorda que isso não quer dizer nada.

Seu nariz não é tão grande quanto parece ser em fotos e, é claro, em caricaturas. Por causa de seu nariz, muitas pessoas acham que ele é judeu. "Nunca havia notado que meu nariz era grande até ficar famoso. Nunca pensei que as pessoas achassem que eu era judeu até que, um dia, um cara do *Jewish Chronicle* me ligou. Tive que dizer para ele que não sou.

"Estou começando a ver agora que sou o que sou por conta do tipo de educação que tive, sem pai e com minha mãe sempre fora, trabalhando. Isso me fez ser muito quieto e

introvertido. Só estou descobrindo quem sou agora, embora sempre tenha sido muito feliz. Vi um programa na televisão outro dia sobre o efeito que um longo período no hospital pode ter em uma criança. Isso pode fazer com que elas sejam muito arredias."

Ringo não é arredio. Ele é completamente aberto e simpático, o mais doce de todos eles, na verdade. Não é autocentrado de forma alguma. Sua esposa, Maureen, acha que ele podia fazer muito mais coisas se quisesse.

"Foi ideia dele usar as lantejoulas, ele não te disse? Sei que é besteira, mas ele nunca leva crédito pelas coisas.

"Acho que ele muitas vezes subestima a si mesmo. Ele realmente esquece as boas ideias que teve, porque acha que não é criativo. Ele diz que ter boas ideias é para os outros, mas ele é bom em muitas coisas. Ele é um bom pintor. Acho que os filmes vão fazer muito bem a ele, então espero que dê certo. Ele é ótimo em tudo. É um belo dançarino."

Ringo tem uma personalidade muito mais forte do que aparenta. Ele também é muito mais bonito ao vivo, com seus lindos olhos azuis. Ele não é de forma alguma o bufão do grupo ou seu mascote de estimação. Suas opiniões são tão válidas quanto as dos outros. Mas, à luz dos talentos mais evidentes de Paul e John, ele se manteve ainda mais quieto do que é. No entanto, os Beatles dependem muito dele. Ele é uma parte vital dos quatro, contribuindo com elementos de que eles precisam – aquele velho sentimentalismo de novo, mas também um forte bom senso, um toque humano. Ele tem algumas boas ideias e opiniões sobre os Beatles e sobre si mesmo.

"Acho que nós quatro juntos, todos iguais, formamos um todo. Somos diferentes uns dos outros, mas ainda assim parecidos.

"Quando você tem uma única estrela, ou um líder e um grupo de apoio, ou você gosta daquilo ou não. Com quatro, você pode se identificar com um de nós, mas ainda assim gostar dos outros. Se você não gosta do Elvis, acabou. Com quatro de nós, há mais opções.

"Nunca houve qualquer competição entre nós, seja em particular ou em público, embora todos tenhamos nossos fãs específicos.

"Se nós quatro tivéssemos que ficar lá em cima, na frente de um milhão de fãs, e eles tivessem que ficar atrás daquele de quem mais gostam, acho que Paul ganharia. John e George empatariam em segundo lugar e eu ficaria em último. É isso que eu acho. Você pode notar pelas cartas e pelos fãs gritando e nos assediando.

"Com John e Paul, seus fãs tendem a não gostar um do outro. Mas comigo, eu tenho fãs de John e de Paul também. Eles todos gostam de mim ao mesmo tempo em que gostam dos seus favoritos. Então, se você contasse os votos para o segundo favorito, talvez eu ganhasse.

"Elas todas querem cuidar de mim, eu sei disso. Essa coisa de pequeno Ritchie sentimental traz à tona o lado maternal delas. Sempre tive isso, desde criança. As mulheres mais velhas gostam de mim, assim como as garotas. Paul também tem um pouco disso.

“Esse sou eu, eu sei disso. Por que mudar? De vez em quando, sinto que gostaria de ser diferente. Quando as pessoas me chamam para fazer um filme, penso que escolheria o papel do vilão. Isso seria legal, apenas para ver a reação das pessoas.

“Não sou o cara criativo, eu sei disso. Mas as pessoas esperam que eu queira ser. Elas escrevem e perguntam por que eu não tento. Tentei escrever algumas músicas há uns dois anos, mas elas eram iguais a outras músicas, sem eu nem ter me dado conta.

“Às vezes, não ser criativo pode te deixar para baixo. Você sabe que as pessoas estão pensando que você não é o cara criativo. Mas, de quatro pessoas, você não espera que *todos* sejam criativos, espera? Cinquenta por cento é o suficiente. Pense em todas as bandas, bandas boas, que não conseguem escrever nada.

“Adoraria conseguir escrever, claro. É um pouco chato quando percebo que não consigo. Tenho um piano, mas não sei tocar de verdade. Muitas vezes sinto vontade, sinto que gostaria de escrever uma bela música hoje, mas tento e não consigo. Nem sei como fazer. Consigo tocar coisas em Dó, contanto que seja em um acorde progressivo de 12 notas. Essa é uma piada musical, não significa nada.

“Às vezes me sinto deslocado, sentado ali na bateria, tocando o que eles me falam para tocar. Muitas vezes, quando bateristas de outras bandas falam para mim que aquele pedaço ficou ótimo, sei que geralmente foram os outros que me falaram para fazer aquilo e eu levei o crédito.

“Fazer filmes é OK, mas fico aborrecido de vez em quando. Você está só supondo, não é, esperando que aquilo vá funcionar e que você acabe com algo bom.

“Mas me interesso bastante por filmes. Já que eu não escrevo ou crio nada, talvez possa me meter nisso.

“Sei que as pessoas disseram que eu estava bem em *Os reis do Iê Iê Iê*, mas eu não fazia ideia do que estava fazendo. Aquela cena com o menino no canal que as pessoas dizem ser boa, estava completamente chapado quando fiz aquilo. Eu era realmente um idiota. Havia passado a noite anterior acordado. Só saí com o meu casaco, morto de cansaço. Mal podia me mexer. Dick teve que gritar tudo para mim. Mas ficou OK. Aquela parte em que chutei uma pedra, foi ideia minha. Aham, foi. Mas o resto todo foi ideia do Dick. Eu ainda estava viajando.

“Depois disso, me ofereceram papéis em vários filmes, mas era para ser a estrela principal, eles esperavam que eu carregasse o filme. Quase concordei em fazer um sobre Sherlock Holmes, comigo no papel do Dr. Watson, mas achei que era muito grande. Não quero tentar carregar filme nenhum ainda. Seria horrível se fosse um fracasso. Se for um papel pequeno seria OK, pois o filme não seria minha responsabilidade. Se isso fosse bem, poderia tentar coisas maiores.

“Aceitei fazer *Candy* porque não era um papel grande e havia aquelas outras estrelas – Marlon Brando e Richard Burton. Pensei: ‘Eles vão carregar o filme, não eu, e vou aprender

com eles.' Era um papel de só dez dias, um jardineiro espanhol, sem muito diálogo.

"Não sei atuar, é claro. Nem sei como fazer isso. Assisto a atores na televisão: você pode *notar* que eles são atores porque eles sempre mudam de expressão facial. Você tem que ver os olhos deles. Não sei fazer isso. Simplesmente não faço nada. Não sei. Talvez isso seja atuar."

Ele diz que não se importaria se tudo simplesmente desaparecesse amanhã. Ele ainda se sente muito sortudo e acha que conseguiria ganhar um trocado de algum jeito, mesmo que tivesse que voltar a ser serralheiro.

"Não, provavelmente não seria serralheiro hoje. Desisti disso antes de terminar meu aprendizado para me juntar às bandas. Se Rory Storm não tivesse aparecido e, depois, os Beatles, eu teria continuado a me misturar com as gangues de *teddy boys*. Hoje, bem, talvez eu fosse apenas um operário.

"Fico feliz de não ser, é claro. Vai ser legal fazer parte da história, algum tipo de história de toda forma. Eu gostaria de estar nos livros de história e que as crianças lessem sobre mim."

Parte Final

Escrever a biografia de alguém vivo é difícil porque tudo ainda está acontecendo. É muito perigoso estabelecer fatos e opiniões, porque elas mudam o tempo todo. Eles provavelmente não vão acreditar mais na metade das coisas que disseram nos últimos quatro capítulos quando você estiver lendo isso. Talvez tenham se mudado para uma casa nova também.

Mas, pelo menos, com pessoas vivas, você é testemunha ocular dos acontecimentos, desde que eles estejam dispostos a te dar atenção. Neste caso, eles estavam, embora ter tido que pensar a respeito da Beatlemania tenha os entediado até a morte. Por sorte, essa é a fase mais registrada de suas vidas até agora, mas, como este livro tem o propósito de ser um registro, tentei resumir aqueles anos de Beatlemania.

Tentei me manter fora do livro o máximo possível, embora tenha certeza de que algumas das minhas ideias preconcebidas tenham se infiltrado nele. Também tentei resistir à tentação de analisar qualquer coisa, já que muitos milhões de palavras já foram escritas por seus intérpretes. Alguém pode escrever uma biografia crítica sobre eles daqui a cinquenta anos, se alguém se lembrar de quem eles são até lá.

É claro que eu acho que eles vão ser lembrados. Não teria escrito isso se achasse o contrário. Mas seu futuro imediato ainda é muito nebuloso. Será que eles irão fazer mais filmes sozinhos? Será que a Apple vai dar certo? O que vai acontecer com o Maharishi? Será que eles vão ficar entediados e desistir de tudo?

Talvez, até esse livro ser publicado, algumas dessas perguntas já tenham sido respondidas. Eles já passaram por tantas fases que não há razão para duvidar de que haja mais por vir.

Eles estão confiantes de que conseguirão ser bem-sucedidos fazendo filmes e em qualquer outra coisa que eles resolvam tentar, mas, na história do show business, ninguém ainda conseguiu repetir um fenômeno. Elvis Presley ficou petrificado quase que imediatamente.

Charlie Chaplin passou a dirigir alguns filmes muito profissionais, mas ninguém pode dizer que eles eram fenomenais. Assim como os Beatles, seu pequeno homem, perplexo com as novas corporações, era adequado para o seu tempo. Será que os Beatles conseguirão acertar de novo?

Só o tempo poderá dizer se os Beatles serão prejudicados por viverem vidas tão isoladas. Será que a arte é afetada pela falta de estímulos? Segundo alguns especialistas em arte, se Picasso tivesse saído por aí e visto novas pessoas e novos lugares, ele não teria brincado de fazer pequenos desenhos em cardápios.

Mas a Apple pelo menos é um novo estímulo, embora suas vidas particulares estejam mais particulares do que nunca. A Apple talvez seja sua fase mais construtiva até agora. Depois de anos sendo contra ajudar os outros e contra a maioria das organizações, como déspotas benevolentes, eles agora estão investindo seu dinheiro e poder para ajudar outras pessoas. E, seja lá qual for a sua opinião sobre meditação transcendental, o interesse deles em religião também é positivo e bem-intencionado, o que de novo vai contra suas atitudes do começo da carreira. Tendo desprezado a ideia de que ídolos pop devem ter certas responsabilidades, eles são agora quase missionários de questões espirituais e materiais. Se o que eles falaram sobre não estarem nem no começo ainda for verdade, seus biógrafos daqui a cinquenta anos terão muito mais do que apenas alguns discos para escrever a respeito.

Resta agora saber se, e de que forma, eles serão capazes de se virar sozinhos. Eles tinham Brian Epstein quando começaram a ficar famosos e George Martin quando se estabeleceram como compositores.

Todos os especialistas não conseguem vê-los fazendo sucesso de novo, não em uma nova mídia e sem ajuda de alguém.

"Em sua música, eles têm uma consciência instintiva do que fazer", diz George Martin. "Eles estão sempre à frente de todo mundo. Mas, em muitos outros aspectos de suas vidas, eles tendem a ser um tanto imaturos.

"Eles são como crianças em vários aspectos, eles gostam de qualquer coisa mágica. Se eu batesse palmas na frente de John e um vaso de flores aparecesse, John ficaria abismado e fantasticamente impressionado e eu seria capaz de fazer qualquer coisa com ele.

"Eles gostam de tudo que seja como café instantâneo. Eles querem gravações instantâneas, filmes instantâneos, tudo instantâneo.

"Acho que eles realmente precisam de alguém administrando as coisas em volta deles. Isso permitiria que eles fossem mais espalhafatosos. Se eles tentarem fazer tudo sozinhos, as coisas podem dar errado."

Eles são muito jovens, ninguém pode negar isso, o que é bom, pois eles ainda querem fazer muitas coisas e é de se esperar que continuem tentando.

Mas eles podem desistir de tudo amanhã e ficar vivendo dos seus milhões e contemplando seus próprios umbigos (e talvez façam isso). Eles não foram mal até agora. Eles nos deram bastante. E, em troca, receberam seus MBEs.

Hunter Davies
Gozo, maio de 1968

Pós-escrito 1985

Quando aquela parte final foi escrita, eu cuidadosamente não previ o que achava que iria acontecer com eles. Parecia haver tantas possibilidades excitantes, como filmes e novas criações interessantes como a Apple. Eles já haviam parado de aparecer em público e começado a seguir caminhos separados, vivendo vidas separadas, mas nunca pensei por um momento que a separação final era iminente. Não havia percebido isso, na verdade. Havia registrado o crescimento e a ascensão dos Beatles e os capturado no auge. Tudo aquilo estava por chegar ao fim, e de uma forma um tanto mesquinha e feia.

Nesse meio tempo, em 1968, me recompensei com um ano no exterior. Depois que o livro foi concluído, todas as discussões chatas com os executivos da Apple foram resolvidas e os Beatles e suas respectivas famílias foram apaziguados sobre o conteúdo, fui com minha esposa e família em primeiro lugar para Gozo, em Malta, e depois para Portugal. Tínhamos dois filhos na época, de 4 e 2 anos, então parecia um bom momento para viajar, antes de eles começarem a escola. Escrevi um romance no exterior, e minha esposa também. Nunca voltei a trabalhar no *Class of '68*, que era o que meu livro pré-Beatles havia se tornado. Os protestos estudantis e movimentos radicais haviam começado e todas as minhas entrevistas e matérias, coletadas em 1966, ficaram datadas.

Certa noite, em dezembro de 1968, enquanto estávamos morando em uma casa alugada na Praia da Luz, no Algarve, fomos acordados por batidas muito fortes e alguém berrando do lado de fora, no portão. A princípio, achamos que eram alguns pescadores voltando para casa, depois de beberem muito. Nossa casa, uma antiga fábrica de sardinhas, ficava na praia e tinha um grande jardim e um muro alto em volta. Então me dei conta de que era o meu nome que estavam chamando e que era alguém com um sotaque de Liverpool. "Acorda, Hunter Davies, seu chato." Achei no começo que poderia ser John, já que a voz era tão rouca. Me levantei, fui

até o jardim, abri os portões, e lá estava Paul, parado com uma mulher estranha, que nunca tinha visto antes, e uma menina de 5 ou 6 anos.

Naquela noite, em Londres, Paul simplesmente havia decidido que iria sair de férias comigo. Eu mantive contato com todos eles e mandei um cartão postal para Paul convidando-o para vir nos encontrar, então ele sabia onde estávamos, mas não havia falado com eles por telefone. Quando ele de repente teve a ideia, Neil foi chamado para checar o horário dos voos. Não havia nenhum naquela noite, então Paul, claro, não podia esperar pelo dia seguinte. Tendo tido a ideia, ele queria ir *agora*. Satisfação instantânea. Então, um avião particular foi alugado e colocado a postos para Paul. Ele pousou em Faro no meio da noite, para a surpresa de todos. O aeroporto de Faro fora aberto havia apenas um ano e ainda era muito primitivo, quase nunca usado por voos comerciais, muito menos por aviões particulares.

A decisão de Paul foi tão impulsiva que ele partiu sem ter nenhum dinheiro em moeda portuguesa, embora tenha trazido algumas garrafas de uísque no avião de presente para mim. No aeroporto de Faro, que estava praticamente deserto, ele finalmente achou um funcionário, lhe deu cinquenta libras e pediu que ele trocasse por escudos. Em seguida, ele se esqueceu de tudo isso, quando de repente viu um táxi, que por sorte estava por lá, entrou nele correndo e deu nosso endereço. Quando eles chegaram, eu paguei o motorista.

Acabou sendo uma chegada muito alegre. Nossos dois filhos, Caitlin e Jake, acordaram com todo o barulho. Caitlin ficou encantada em ver uma menina de sua idade, chamada Heather, que tinha vindo nos visitar. Minha esposa e eu, no entanto, estávamos um pouco confusos com a garota americana chamada Linda, de quem nunca tínhamos ouvido a respeito. Quando deixamos a Inglaterra, Jane Asher era a namorada de Paul e nos dávamos muito bem com ela. Será que essa Linda era um caso de uma noite, ou o relacionamento dele com Jane Asher havia acabado?

Demorou um tempo para sabermos a resposta, já que eles dormiram até tarde na manhã seguinte, apesar da chegada da imprensa local na hora do almoço. Não conseguia entender como eles poderiam saber que Paul havia chegado. Estávamos em uma parte muito remota do Algarve e no meio do inverno. Descobri mais tarde que o boato começou quando o funcionário do aeroporto, para quem Paul havia dado cinquenta libras, contou para todo mundo na manhã seguinte sobre um cara inglês esquisito de cabelo comprido que havia chegado no meio da noite dando dinheiro por aí.

No dia seguinte, a imprensa de Lisboa chegou (os caciques da capital) e Paul concordou em dar uma pequena coletiva de imprensa na praia. Então ele pediu para que eles não revelassem seu endereço e o deixassem em paz, já que ele estava de férias, algo que todos obedeceram. Durante alguns dos dias seguintes, comerciantes e hoteleiros de Lagos, a cidade mais próxima, vieram até nossa casa entregar presentes, cestas de frutas e comida, convites para festas e restaurantes. Eu realmente nunca havia assistido a esse efeito deles sobre as pessoas antes,

embora, na casa de John, tenha visto ele rasgar os pacotes que haviam chegado, à procura de coisas grátis. Era estranho ver aquilo acontecendo em um país remoto, o mais atrasado da Europa Ocidental. A fama tem suas próprias recompensas. Aqueles que a têm são regados com mais.

Linda estava, naturalmente, um tanto desconfiada de nós. Suponho que ela tenha percebido que éramos amigos de Jane e talvez fossemos críticos dela. Ela também queria ficar a sós com Paul, já que eles estavam no início de seu romance, enquanto Paul queria ter conversas e discussões filosóficas longas, até tarde da noite. Paul sempre gostou de conversar, explicar e dar suas opiniões.

No começo, nos parecia que Linda era uma garota fácil, que estava exagerando sua adoração por Paul, se agarrando a ele o tempo todo e acreditando em tudo que ele dizia. Não conseguimos ver aquilo durando muito tempo. Não conseguíamos ver o que ela estava dando a Paul. Às vezes, durante os cerca de dez dias em que eles ficaram conosco, houve alguns momentos desconfortáveis.

Muitas vezes saíamos para passear juntos em um grande grupo. Caitlin geralmente ia com Paul, Linda e Heather no carro que eles haviam alugado. Ficamos sabendo mais tarde que eles deixaram que Caitlin dirigisse, para nosso horror, sentada no colo de Paul. Isso iniciou várias pequenas discussões sobre a criação de filhos. Uma outra vez, Jake começou a brincar com uma faca enorme, então eu a tirei de sua mão. Paul disse que esse não era o jeito certo de treiná-los. Eles deviam descobrir o perigo por conta própria, e era assim que eles iriam aprender. Eu disse que, como pai, você tem que prever as coisas, antecipar as consequências das ações que as crianças não conseguem ver, caso contrário elas vão acabar sem alguns dedos. Pois bem, acabávamos tendo essas discussões triviais por horas.

Paul era muito bom com nossos filhos e com outras crianças que frequentavam a casa, e fez questão de ficar amigo de todos, deixando que eles fizessem as coisas sozinhos e se expressassem. Acho que nossos dois filhos pareciam muito treinados e contidos. Heather tivera uma infância complicada até agora, pelo que entendemos, sendo passada de um lado para o outro do Atlântico, entre Linda e seu pai, e podia fazer o que quisesse, pelo menos era o que parecia sob nossa ótica sóbria e conservadora.

Um dia, fomos até as montanhas em Monchique, estacionamos o carro em uma vila e estávamos descendo por uma trilha, quando Paul viu um homem com um burro vindo em nossa direção. Ele o convenceu a deixar que Caitlin e Heather dessem uma volta no burro, as levantando, cada uma na sua vez, e as colocando nas costas do animal. Caitlin havia dado uma volta e sido colocada no chão por Paul, quando o burro, de repente, deu um passo para trás – pisando no pé dela. Os gritos foram terríveis. Quando conseguimos tirar sua meia e seu sapato, pudemos ver que seu pé estava muito machucado e que a unha do seu dedão havia caído.

Estávamos a quilômetros de qualquer lugar, em uma trilha na encosta de um morro deserto. Paul decidiu imediatamente sair correndo, subindo a montanha até a vila de Monchique. Ele finalmente conseguiu parar um carro e voltar para nos buscar. Então, Paul e eu levamos Caitlin para o pequeno hospital local em Monchique, onde eles limparam seu pé e lhe deram uma vacina antitetânica, por via das dúvidas. Para animá-la por ser uma menina tão corajosa, Paul comprou um xale roxo para ela na vila. Quando nos encontramos de novo com Linda e minha esposa, Heather começou a chorar quando viu que Caitlin ganhara um presente. Então, Paul comprou um xale para ela também, só para tentar ser justo.

Por fim, nós passamos a conhecer e entender Linda melhor, depois de alguns momentos difíceis. Acho que foi uma fase dura para ela, não tendo certeza do que aconteceria com Paul e tendo que, de alguma forma, competir conosco. Nos ter por perto, naquela época, era provavelmente a última coisa que ela queria.

Eu estava, é claro, completamente enganado a seu respeito. Linda acabou sendo muito mais relaxada e simpática em nossos encontros subsequentes, e seu casamento com Paul tem sido um grande sucesso. Eles têm pequenas discussões, como todos nós temos, sobre coisas triviais comuns, como a criação dos filhos e outros assuntos de família, mas, depois de 16 anos, já que se casaram em 1969, o relacionamento deles parece bem sólido.

Linda deu a Paul o apoio moral que ele sempre precisou. John tinha, é claro, sido muito crítico em relação a Paul durante sua amizade e muitas vezes era bastante cruel. Jane Asher fora muito independente, tinha sua própria carreira. Linda estava preparada a dedicar todas as suas energias e emoções a Paul e sua família e, se necessário, ao trabalho dele, se ele precisasse disso.

Quando voltei para a Inglaterra, em 1969, ainda mantive contato com eles, indo para a casa de Paul, para Abbey Road e seus novos escritórios da Apple. Descobri que os impérios, tanto o antigo quanto o novo, estavam ruindo. Durante sua estadia em Portugal, conversei bastante com Paul sobre os Beatles e fiquei sabendo de vários desentendimentos que eles tiveram durante a gravação do *White Album*, o disco duplo. Paul ainda estava ocupado compondo, então presumi que eles continuariam gravando discos. Eu me lembro de uma música que ele tocou para mim em Portugal, que ele havia escrito no lavabo (ele raramente ia ao banheiro sem seu violão) e que se chamava "There You Go Eddie". Era apenas um verso curto e não acho que ele jamais tenha terminado essa música. Ele descobriu que meu primeiro nome é Edward, algo que sempre mantive em segredo.

Em Londres, logo ficou claro que fazer música havia se tornado uma prioridade secundária deles. A Apple estava um caos, assim como seus assuntos financeiros e profissionais, e eles estavam brigando entre si, um com o outro e discutindo sobre o que fazer em seguida.

Nunca havia imaginado que o fim dos Beatles, seja lá quando fosse acontecer, simplesmente viria atrelado a brigas judiciais, discussões financeiras, conflitos de personalidade triviais, recriminações ridículas, insultos juvenis e brigas bobas. No final, infelizmente, eles

terminaram da maneira como muitas parcerias do show business terminam – em *pathos*. Gilbert e Sullivan, uma outra grande parceria musical britânica, acabaram sucumbindo a discussões e insultos. Como é triste que Lennon e McCartney tenham terminado seus dias juntos como apenas mais uma dupla comum, arquetípica, de ex-parceiros rancorosos. Sua ascensão tem que ser chamada de fenomenal, como espero que o livro tenha demonstrado, mas o fim foi realmente bastante sórdido.

Como todo conto sórdido, nem sequer vale a pena recontar o que aconteceu. O fim se tornou muito complicado e confuso. Basicamente, tudo girava em torno de quem devia o quê para quem e, por quase uma década, eles mantiveram seus advogados muito caros ocupados e bibliotecas de jornais cheias de reportagens sobre o caso judicial mais recente. Muitos observadores da época viam essas brigas legais como o motivo da separação dos Beatles, mas elas foram uma consequência, não a causa, embora os conflitos de personalidade que seguiram por algum tempo fossem verdadeiros. Então, o que causou a separação?

Os próprios Beatles não ajudaram muito a achar motivos. Em certo momento, eles tinham teorias contraditórias – os outros estavam colocando a culpa em Paul por ter causado a separação, enquanto ele os culpava. Eles discutiam até sobre quem deixou de fato os Beatles primeiro. Minha teoria, que criei com o benefício de uma visão retrospectiva, é que a separação vinha acontecendo há muito tempo. Ao reler o livro, isso ficou muito claro, embora não tenha percebido na época. Se houve uma razão simples pela qual eles se separaram quando o fizeram, não era a discussão sobre quem deveria administrar seus negócios, mas a chegada de Yoko Ono à vida de John. Essa é a minha explicação, de qualquer forma.

Os Beatles começaram a se separar já em 1966, quando desistiram de fazer shows e pararam de viver uma vida em comum. Por passarem tanto tempo separados, as canções de Lennon-McCartney, embora bem-sucedidas, haviam se tornado uma espécie de fraude. Elas não eram mais músicas compostas por eles *juntos*, da forma como havia sido antigamente, compostas no banco de trás da van. Era muito fácil para os fãs reconhecerem uma música de Lennon ou uma de McCartney, apesar de elas receberem créditos iguais. Como as descrições do *Sergeant Pepper* mostraram, eles estavam, a essa altura, indo para o estúdio com quase todas as músicas prontas – pelo menos em suas cabeças.

Trabalhar dessa nova maneira foi tranquilo, enquanto eles ainda eram companheiros e ninguém estava ficando farto ou querendo seguir uma direção completamente diferente, mas discussões mesquinhas começaram a surgir por causa do tédio mais do que por qualquer outra coisa. Em 1968, Ringo abandonou os Beatles durante a gravação do disco duplo. Ele disse que estava farto de ser o baterista deles. Nas muitas vezes em que o observei no estúdio ao longo dos anos, notei que era um processo muito sacal para ele. No palco, ele estava envolvido igualmente e era tão importante quanto os outros; ele tinha seus pequenos solos e seus fãs fiéis. No estúdio, ele era praticamente ignorado. John e Paul se retiravam por horas algumas vezes,

trabalhando nos arranjos, nas letras ou na mixagem. Muitas vezes não havia necessidade de Ringo estar lá – sua contribuição podia ser gravada em qualquer outro momento. No entanto, ele ficou afastado apenas um dia e foi convencido a voltar.

Durante o *Let It Be*, foi George quem os abandonou, depois de uma discussão com os outros. Ele tinha um papel a exercer, embora não tão proeminente quanto John e Paul, trazendo suas próprias músicas para o estúdio, algo que fazia minuciosamente. Durante a fase indiana, ele também influenciou a natureza das composições dos outros. George sempre foi o integrante que menos gostava de ser um Beatle, e foi também o primeiro a colocar suas energias em outros interesses, como religião e música indiana. Ele, por sua vez, foi convencido a voltar.

Paul foi realmente o motor propulsor da banda durante esses últimos anos, de 1967 a 1969, os impulsionando a compor e ter novas ideias, como o *Magical Mystery Tour*. Ele tinha muitas ideias para filmes e para a expansão da Apple. Ele amava ser um Beatle e não queria mudar. Quando foi nos visitar em Portugal, em 1968, ele ainda estava cheio de planos para que eles voltassem a se apresentar em público de novo. Ele não estava pensando em sair em turnê – isso tinha se tornado obsoleto para eles –, mas sentia falta de aparecer em público: tocar músicas inteiras para variar, todos juntos, em frente a uma plateia, ao vivo, tentando resgatar um pouco da diversão que eles tiveram no início da carreira. George era contra tudo isso. Os outros também não estavam muito entusiasmados. Paul, na época, tinha esperança de que conseguiria persuadi-los.

John, enquanto isso, deixou que Paul continuasse a dirigir a maioria das atividades dos Beatles, já que ele não conseguia pensar em nada melhor para fazer. Ele estava bem entediado de ser um Beatle, mas não conseguia pensar em outra coisa que quisesse fazer com sua vida. Ficou bem claro, durante o tempo que passei com ele em sua casa (veja o Capítulo 31), quando ele ficava sentado por dias sonhando acordado e sem dizer nada, que ele estava muito entediado. Seu casamento havia se tornado um hábito. Cynthia, como ela mesma foi a primeira a admitir, nunca esteve em sintonia com John. Ela muito honestamente revelou no livro que, se não tivesse engravidado, John nunca teria se casado com ela (esse comentário foi quase completamente retirado do Capítulo 31 devido à pressão dos amigos da família e de assistentes profissionais). Ela sabia que ele sempre amaria mais os Beatles do que ela, pois eles haviam passado por tanta coisa juntos. John não conseguia pensar em outra coisa que ele gostaria de fazer com sua vida, nada melhor havia surgido.

Então, Yoko apareceu. Enfim, ele havia encontrado uma alma gêmea, mesmo que de um tipo muito incomum. John imediatamente acordou para a vida. Ele partiu para uma nova viagem, percebendo imediatamente que Paul, que fora até então seu amigo, sua alma gêmea, era de muitas maneiras tão convencional quanto Cynthia. Juntos, John e Yoko descobriram novos objetivos, que tomavam toda sua atenção. Os outros Beatles não importavam mais.

Quando Paul tinha uma ideia para algo como um programa de televisão ao vivo, John não estava muito interessado.

Yoko entrou na vida e no trabalho de John – sentando-se com ele durante as sessões finais dos Beatles. Os outros não estavam exatamente felizes com sua influência sobre John e sua presença contínua no estúdio. George e Ringo já estavam entediados e isso acabou com a diversão que sobrara. Já a diversão de John e Yoko estava seguindo por uma direção nova e diferente. A produção musical dos Beatles finalmente chegou ao fim em 1969. O *Let It Be* foi lançado em 1970, mas havia sido gravado quase um ano antes.

Mais ou menos na mesma época em que John estava seguindo uma nova e excitante vida com Yoko, Paul conheceu Linda. Ela surgiu no momento certo na vida de Paul, assim que John começou a se afastar, encorajando Paul a não se sentir inferior, a ser independente e a acreditar que ele podia fazer qualquer coisa que tentasse. Ela o abraçou sem nunca se tornar uma rival. Quando as discussões sobre a Apple começaram, as duas novas companheiras de John e Paul lhes deram apoio.

Os assuntos financeiros e profissionais dos Beatles estavam confusos desde a morte de Brian Epstein – embora a morte dele tenha apenas revelado a confusão, e não a causado. A criação da Apple havia tornado as coisas ainda mais complicadas. Era necessário que alguém a colocasse em ordem e organizasse suas vidas profissionais. Allen Klein, um contador americano, foi contratado por John e Yoko sem a aprovação de George e Ringo. Paul nunca gostou dele e queria que seus assuntos fossem tratados por Lee Eastman, um advogado eminente de Nova York, que por acaso vinha a ser o pai de Linda. Os outros achavam que Paul estava apenas tentando trazer seu sogro para os negócios, o que deixou Paul muito chateado. Ele sustentava que eles deveriam saber que aquilo não era do seu feitio. Para se desligar da Apple, Paul foi informado que não bastava processar Klein, ele teria que processar John, George e Ringo.

Paul havia descoberto que nenhum dos Beatles tinha controle sobre si mesmo. Eles eram propriedade, assim como suas músicas, de outras pessoas e empresas. Paul argumentava que ele estava fazendo tudo aquilo para o bem de todos – não só para o seu próprio bem. Para os outros três, parecia que Paul estava causando todo o problema. A essa altura, eles ainda acreditavam que Klein seria o seu salvador. Foram anos muito ruins.

A chegada de Klein foi o evento que final e oficialmente levou à separação dos Beatles, mas as diferenças entre John e Paul, trazidas à tona pela chegada de Yoko, já estavam aparentes antes.

Os processos judiciais tomaram muito de suas energias e os desgastaram tanto física quanto criativamente. Eles também tiveram seus próprios processos judiciais individuais em diferentes momentos – divórcios, prisões por posse de drogas, processos de outras gravadoras contra eles, problemas com imigração e coisas do tipo.

A única diversão, pelo menos para as pessoas de fora, era a loucura da Apple. Eles pareciam não se dar conta, ou até mesmo estar achando graça, do fato de estarem sendo roubados. Milhões de libras foram jogadas fora em esquemas idiotas, lojas e negócios favorecendo as noções excêntricas de pessoas estranhas. É quase uma fábula que mostra o quão sem sentido as grandes empresas são: recebendo e gastando nós desperdiçamos o poder, então vamos sair por aí gastando como loucos. Eles se mudaram para escritórios de luxo em Savile Row, Londres, encheram-nos de móveis e equipamentos caros e, é claro, metade do mundo *hippie* ocidental correu até lá para tentar tirar proveito deles, além de alguns assessores inteligentes que deveriam estar ajudando-os a organizarem tudo.

Depois da separação, John ocupou todas as manchetes nos primeiros anos. Ele fez algumas canções com Yoko, formando a Plastic Ono Band, e foi fotografado nu com Yoko para a capa do disco *Two Virgins* (1969), para o espanto e a diversão do mundo pop. Eles fizeram *bed-ins** em diferentes hotéis ao redor do mundo, dando entrevistas sobre as mazelas do mundo e como elas poderiam ser curadas. Ele abandonou os trocadilhos e as banalidades de algumas de suas canções dos Beatles e de seus textos anteriores e entrou de cabeça na vanguarda. Começou a defender causas de todos os tipos, como o caso do assassinato Hanratty, e encheu suas novas canções da era Yoko com declarações sentimentais, lutas de classe e slogans políticos. Os leigos, em geral, achavam graça das façanhas recentes de John, enquanto a crítica elogiava as canções que ele estava produzindo sozinho, como "Imagine" (1971).

John se casou com Yoko em 1969 e finalmente se mudou para Nova York permanentemente, depois de uma longa batalha legal para se tornar residente dos Estados Unidos. Falei com ele na época e ele negou que tenha sido a chegada de Yoko que provocou o fim de seu casamento com Cynthia. "Aquilo já tinha acabado", ele disse. É interessante que, quando a separação dos Beatles se tornou inevitável, ele tenha anunciado para Paul, George e Ringo: "Eu quero o divórcio – assim como fiz com Cynthia." Seu relacionamento com eles, especialmente com Paul, era de muitas maneiras parecido com um casamento.

Durante 1974, John deixou Yoko por mais ou menos um ano – um ano de drogas, bebidas e automutilação, que desde então foi bastante relatado. Mas, a partir de 1975, depois do nascimento de seu filho Sean, ele se ajustou à vida em família. Ele produziu dez álbuns no total, desde que deixou de ser um Beatle, mas, depois de *Shaved Fish*, de 1975, ele disse que ia tirar cinco anos de férias do trabalho e brincar com o seu bebê.

Ele havia acabado de voltar a trabalhar, no final de 1980, lançando um novo disco, *Double Fantasy*, a tempo para o aniversário de 5 anos de Sean, quando foi assassinado. Isso aconteceu em 8 de dezembro de 1980, na volta do estúdio de gravação, do lado de fora do prédio Dakota, em Nova York, onde ele morava.

O assassino, Mark David Chapman, havia esperado o dia inteiro do lado de fora do prédio. Quando John saiu para ir ao estúdio, Chapman enfiou na mão de John uma cópia do *Double*

Fantasy, que ele gentilmente assinou "John Lennon, 1980". Quando John voltou, bem mais tarde naquela noite, Chapman disparou cinco tiros contra ele, a um metro e meio de distância. O mundo ficou em choque.

Por algum tempo, a reação beirou a histeria, especialmente nos Estados Unidos, e especialmente quando Yoko pediu uma vigília silenciosa ao redor do mundo. A tristeza mundial era verdadeira. Na Grã-Bretanha, algumas pessoas ficaram bastante perplexas e surpresas com a intensidade do luto, sem saber que, desde o fim dos Beatles, haviam surgido dois John Lennons, cada um com uma personalidade e imagem diferente.

Na Grã-Bretanha, a percepção sobre John Lennon era de que ele havia se tornado um excêntrico inofensivo, um cara esquisito que fora embora com essa mulher engraçada e estava fazendo coisas engraçadas e produzindo ocasionalmente músicas engraçadas. Seus dias de líder da música pop, de moda ou de qualquer outra coisa pareciam ter chegado ao fim, parte de uma era que havia terminado – tratava-se de uma figura esquecida dos anos 1960, embora ele ainda fosse muito amado. Os artistas pop britânicos que visitavam os Estados Unidos sempre tentavam encontrá-lo, como se quisessem prestar homenagem a um Grande Senhor, agora aposentado e talvez um pouco maluco, mas ainda assim alguém que os havia influenciado em sua juventude.

Nos Estados Unidos, como todos ficamos sabendo assim que ele morreu, havia surgido um John Lennon diferente na última década, alguém que havia se tornado um líder espiritual ativo, um símbolo das dificuldades e esperanças de uma nova geração, que conseguia se comunicar com milhões de jovens, até mesmo quando, durante aqueles cinco anos, ele mal havia aparecido ou falado em público. "Give Peace a Chance", que ele escreveu praticamente de uma vez só, depois de um de seus *bed-ins*, em Montreal, em 1969, havia inspirado a geração do Vietnã e se tornado um hino permanente do movimento de paz, que ainda é cantado hoje, muito tempo depois de seus protestos contidos e campanhas do início dos anos 1970 terem sido esquecidos.

A morte de John evidenciou sua enorme contribuição para a música popular e a juventude ocidental. Também fez com que chegassem ao fim os boatos de que os Beatles um dia tocariam juntos de novo. Os Beatles morreram emocionalmente em 1970. Em 1980, houve o primeiro enterro.

Um dos efeitos da morte de John foi que os três ex-Beatles remanescentes imediatamente ficaram muito preocupados com sua segurança. Eles haviam tentado viver de forma relativamente privada depois da separação e seguido caminhos diversos. Desde 1980, eles perceberam que, até mesmo em suas vidas particulares, deveriam tomar muito cuidado.

Ringo hoje mora atrás dos portões bem vigiados de Tittenhurst Park, uma mansão do século XVII de 29 hectares, perto de Ascot, em Berkshire. Sua vida pessoal ficou bem complicada depois que os Beatles acabaram e ele mudou de casa e país várias vezes.

Pouco depois de o livro ter sido lançado, ele e sua esposa Maureen se mudaram de Weybridge para Highgate, no norte de Londres, e, enquanto moraram lá, eu os vi frequentemente. Mas, em 1975, eles se divorciaram, depois de terem tido seu terceiro filho, uma menina chamada Lee. Foi um divórcio bem complicado e litigioso e, depois dele, Ringo começou uma vida errante, parcialmente por causa do fim de seu casamento. Ele foi visto em vários países com várias garotas. Por muitos anos, ele tecnicamente morou em Monte Carlo, embora parecesse passar a maior parte de seu tempo nos Estados Unidos.

Ele voltou para a Inglaterra em 1981, depois de seis anos fora, chocado com a morte de John e preocupado com o que aconteceria com ele.

"No dia em que John foi assassinado, voei de Los Angeles para Nova York para ficar com a Yoko. Me deram dois guarda-costas e tinha outros dois da Yoko que deviam estar cuidando de mim, mas, naquele prédio enorme, me perdi de todos eles e acabei saindo sozinho para a rua pela porta errada.

"Depois, recebi várias ameaças de morte e tive que contratar seguranças para morarem na minha casa. Odiava aquilo. Sempre me senti seguro nos Estados Unidos até John ser baleado. Mas você não pode continuar vivendo com medo. Se o próprio presidente não pode ser protegido, qual a chance que os outros têm? Eles balearam até o papa."

Uma das atrações de voltar para a Inglaterra e morar em sua velha casa, Tittenhurst Park (a casa onde John e Yoko moraram antes de se mudarem para os Estados Unidos), era que ele estaria a quarenta minutos de distância de sua ex-mulher, Maureen, e de seus três filhos. Eles agora são amigos novamente, embora não sejam muito próximos.

Ringo voltou para a Inglaterra com uma nova mulher em sua vida, Barbara Bach, uma atriz americana com quem se casou em Londres, no cartório de Marylebone, em abril de 1981. George e Paul foram ao casamento, assim como sua mãe, Elsie.

Barbara Bach, que é sete anos mais nova que Ringo, fora casada com um italiano e tinha dois filhos, Gianni, de 13 anos, e Francesca, de 16. Ela havia aparecido na revista *Playboy* e teve um bom papel em um filme de James Bond, *O espião que me amava*. Ela havia trabalhado em trinta filmes no total, algumas grandes produções – como *O humanoide*, *Il maschio ruspante* e *O homem das cavernas* –, embora poucas delas tenham ganhado prêmios. Foi em *O homem das cavernas*, em 1980, que ela conheceu Ringo.

Em 1984, eles atuaram juntos no filme de Paul *Give My Regards To Broad Street*, ou pelo menos apareceram juntos no filme. Seus papéis não demandavam que eles se esforçassem muito. É notável como Ringo continuou sendo bastante amigo de Paul e George, mais amigo deles do que eles são um do outro, e que, quando John estava vivo, Ringo também tenha sido sempre próximo a ele.

Fui visitar Ringo em março de 1985, para fazer um lanche com ele e sua esposa, em sua casa de Londres, uma pequena casa em uma vila em Chelsea, que também funciona como seu

escritório. Ele parecia estar em forma e feliz, bem-arrumado, de terno e com a barba feita. Ele tinha acabado de raspar sua barba pela primeira vez em dez anos. Ele ficava alisando seu queixo liso, como se quisesse checar que ainda tinha um rosto.

Ele estava usando seus habituais anéis, como sempre o fez, desde os anos 1960, além de um brinco azul brilhante na orelha esquerda. Ele parecia um pouco incongruente: um homem de 45 anos de terno, usando um brinco meio punk. Também havia feito uma tatuagem recentemente, uma estrela e uma lua no seu braço esquerdo, que ele me mostrou. Sua esposa Barbara tinha uma tatuagem idêntica na coxa. "Na parte carnuda", disse Ringo, mas ela se recusou a mostrar. O telefone tocou e ela foi falar com o padastro de Ringo, Harry. A mãe de Ringo, Elsie, havia tido um ataque cardíaco alguns dias antes. Ringo e Barbara correram para Liverpool para visitá-la no hospital e ela agora parecia estar se recuperando. Elsie tem hoje 70 anos, a mesma idade de Harry, e eles moram no mesmo bangalô em que moravam em 1968, quando os visitei.

Ringo virou de um lado para o outro em sua pequena cozinha, abrindo armários, procurando algo para comer. Admirei sua cabeleira exuberante e escura, mas me perguntei onde todos os cabelos grisalhos foram parar, especialmente a mecha branca que ele sempre teve. "Pintei", disse ele, assim como havia pintado por anos todos os fios grisalhos de sua barba. Foi isso que fez com que raspasse a barba. Ele podia viver com alguns fios grisalhos, mas grandes mechas estavam aparecendo e ele estava farto de ter que pintá-las. Ele então puxou seu cabelo para trás para provar que era tudo de verdade, nenhum pedaço careca, nem mesmo entradas nas extremidades. "Não como algumas pessoas que eu poderia mencionar", disse. "Com quantos anos você está, Hunt, hein?"

Ele parecia mais em forma e saudável do que em 1968, apesar da cintura mais larga e de uma papada suspeita. Mais do que tudo, parecia realmente mais feliz e alegre. Em 1968, quando ia visitá-lo, ele parecia sempre nervoso, indo de um lado para o outro, sempre ansioso, como se algo o estivesse incomodando, talvez preocupado com o futuro de seu casamento ou dos Beatles.

Barbara terminou de falar ao telefone e veio até a cozinha ver o que ele estava preparando para o lanche. Ela passou a mão no seu queixo, mais uma avaliação de sua maciez. Ela nunca o tinha visto sem barba, pelo menos não de perto.

"Vi Ringo pela primeira vez em 1966, quando levei minha irmã mais nova para ver os Beatles no show do Shea Stadium. Eu tinha uns 19 anos na época. Minha irmã estava usando uma peruca dos Beatles e era fã de verdade, já eu não estava tão interessada. Tudo que me lembro do show é que foi bem curto – e bem barulhento."

Quando eles se conheceram em 1980, durante a filmagem de *O homem das cavernas*, Ringo diz que se apaixonou assim que a viu saindo do avião.

"Ela fez jogo duro por dois meses, implicando comigo. Ah, não sei, pequenas coisas. Dei uma festa de dia dos namorados e ela ficava perguntando qual era o motivo da festa, por que estava fazendo aquilo? Ela ficava me interrogando. Ou isso ou ela me ignorava.

"Quando decidimos nos casar, perguntei onde ela gostaria de morar."

"Eu queria voltar para a Europa", disse Barbara. "Mas Ritchie só sabe falar inglês, então isso significava morar na Inglaterra."

"Também queria ir para a Inglaterra, pois é o Estado menos repressivo que eu conheço, me sinto seguro aqui. Não tenho guarda-costas, me sinto inglês. Não britânico, apenas inglês. É o peixe com batata frita."

Ringo finalmente achou uma lata de salmão em um dos armários da cozinha e começou a abri-la. Depois colocou um pouco de vinagre para dar gosto, misturou tudo e serviu em três tigelas. "Não é salmão *defumado*?", eu disse. "Achei que vocês celebridades vivessem de salmão defumado."

"Te digo uma coisa sobre salmão defumado", ele disse, fazendo um sotaque forte de Liverpool. "Ele é cru...

"Me lembro da primeira vez que comi: foi quando Brian nos trouxe para Londres e insistiu para que provássemos salmão defumado pela primeira vez nas nossas vidas. Nunca havia comido aquilo em Dingle. Era um presente de Brian. Todos nós dissemos ugh, horrível, mas eu até que gostei."

De qualquer maneira, a julgar pelo lanche de Ringo e por todas as refeições que fiz na casa dos Beatles, nenhum deles pode ser descrito como um *gourmet*, embora, na casa de Ringo, ele goste de pensar que pelo menos faz a sua parte, preparando o café da manhã aos domingos para ele e Barbara.

Perguntei-a sobre seu ensaio para a *Playboy*. Tinha sido... é... o ensaio principal?

"Foi na *capa*, dá licença", ela disse.

"Ela ainda tem esperança de posar para o ensaio principal", diz Ringo. "Quando ela tiver 50 anos. Isso vai ser daqui a um ano."

"Ele mente o tempo todo sobre a minha idade."

"Bom, faz você as contas, Hunt. Ela tem 29 e tem um filho de 31. Você foi para a escola."

"Ainda tenho alguns anos até fazer 50", disse Barbara.

"Mal posso esperar. Elas estão na moda, as mulheres de 50. Quando ela fizer 50, ela vai ser a Joan Collins de Ascot... ai, não... para..."

Barbara o havia agarrado e batia nele com um pano de prato. Ah, essas cenas matrimoniais... Então pedi licença, saí da cozinha e fui dar uma volta pelo escritório, admirar a decoração. Em uma parede havia uma enorme foto de John e Paul, tirada e revelada por Ringo. Ambos tinham suíças e cabelo mais ou menos comprido. Na frente, podia-se ver a parte de cima das costas de Martha. A foto havia sido tirada em Cavendish Terrace, por volta de 1968.

Ringo era um fotógrafo em ascensão naquela época e tirou quatro das fotos que aparecem na quarta seção de fotos deste livro. Me lembro de que ele estava satisfeito com as fotos que tirou de John e Cyn, Paul e Jane, George e Pattie, mas sempre odiou sua foto com sua família. Ele havia feito uma confusão, usando o botão automático e tendo que correr para tomar seu lugar depois de ajustar a câmera.

Na parede, havia um bilhete impresso. "O problema de ter sempre os dois pés no chão é que você nunca consegue tirar suas calças."

Ringo ainda gosta de engenhocas e coisas engraçadas. Sua casa principal é cheia de equipamentos de TV e som dos mais avançados e ele tem ainda cinco carros, incluindo uma Mercedes Pullman especial, que tem três fileiras de assentos e é cinco centímetros mais curta que um ônibus londrino.

"Em 1965, vendi todos os meus cinco carros. Era ridículo, você só pode dirigir um por vez. Mas, depois, comecei a comprar carros de novo. Então, tenho cinco novamente. Não, temos seis. Esqueci do Jaguar da Barb."

Ele é o menos abastado dos Beatles remanescentes, pelo menos em termos de renda, mas diz que não tem problemas financeiros. "Sou louco por gastar e gasto o tempo todo. Mas não importa o quanto eu gaste, nunca vou ficar sem dinheiro, enquanto estiver vivo."

Nada realmente novo ou criativo aconteceu com Ringo desde a separação, não em um sentido artístico ou comercial. O único e mais incrível acontecimento em sua vida, que foi ser chamado a se juntar aos Beatles, provavelmente não irá se repetir. Ele tem uma horta, na qual emprega dez pessoas, ao lado de sua casa de campo. "Ando por lá apontando para os narcisos, dizendo que são narcisos, mas não sei de nada." Ele também investiu em uma empresa de televisão a cabo em Liverpool e em várias outras empresas menores.

Quanto à sua carreira musical, ele produziu alguns bons álbuns de música popular e singles após os Beatles se separarem, mas sua carreira gravando discos parece ter chegado ao fim por enquanto. Seu último álbum, *Old Wave*, foi lançado em 1984, mas apenas no Canadá. Ele foi rejeitado tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos, o primeiro fracasso musical de qualquer um dos Beatles.

"Como você acha que me senti? Fiquei furioso. Saio por aí dizendo que é um grande sucesso no Afeganistão ou em qualquer lugar, oh, sim, Canadá, sempre me esqueço, mas fiquei muito decepcionado. Gostava daquele álbum, achei que era o melhor que já havia feito. O chamei de *Old Wave* (velha onda) como uma piada, para ser o contrário de *New Wave* (nova onda). Acho que sou da geração da velha onda agora. Um cara de Los Angeles queria me encontrar recentemente para falar sobre lançar o disco nos Estados Unidos, mas cancelei porque minha mãe adoeceu."

Ao contrário de Paul, Ringo parece não precisar de adulação como músico e não parece estar tão deprimido por conta da pausa em sua carreira como cantor e baterista. "Acho que

Paul ainda ama isso. Escutei os aplausos, eles eram muito altos, mas eu os escutei e não acho que gostaria disso agora. Um dia as palmas têm que acabar."

Ele agora estava fazendo sua voz de Lawrence Olivier. Como ator, havia se saído surpreendentemente bem. Pelo menos, ele ainda tem trabalho constante, recebendo propostas para atuar em filmes 15 anos depois de os Beatles terem acabado, o que surpreendeu muitas pessoas. Depois de todos esses anos, ele provou que consegue sobreviver sozinho, não apenas da fama de ser um ex-Beatle. "Gosto de atuar porque sou exibido."

Seu papel em *O homem das cavernas* não foi muito desgastante, já que tudo que ele tinha que fazer era grunhir e gemer e o filme todo tem umas 15 palavras. Mas, em outros filmes, ele fez boas participações especiais, como em *Candy* (1968), *Um Beatle no paraíso* (1970), *That'll Be The Day* (1973), *Lisztomania* (1975), *Sextette – A grande estrela* (1977) e *Princess Daisy* (1983). Em 1984, ele foi o narrador da série de TV infantil *Thomas e seus amigos*. Em 1985, estava se preparando para o papel da Tartaruga Falsa em uma grande série de seis capítulos para a TV americana, uma releitura de *Alice no País das Maravilhas.*

"Quando nos casamos, realmente meio que nos aposentamos", disse Barbara. "Havia feito três filmes no ano em que o conheci. Fiz muito poucos desde então."

"Desde que nos casamos, não ficamos nem um dia longe um do outro, há mais de quatro anos", disse Ringo. "O máximo que já ficamos separados foram duas horas.

"Tivemos um acidente de carro horrível em 1981. Estávamos *indo* para uma festa, isso foi a parte patética, *voltando* de uma outra festa, você entende. Simplesmente perdi o controle do carro indo pela A3, acho que era essa a autoestrada. Nós dois quase morremos. Acordei no hospital me sentindo horrível. Barbara também estava em um estado péssimo. Uma enfermeira nos trouxe para perto um do outro e disse: 'Aqui, queridos, uma xícara de chá.' Isso é a Inglaterra: chá cura tudo. A estadia no hospital nos custou apenas 12,50 libras. Se fosse nos Estados Unidos, ainda estaríamos pagando a conta."

Ele também passou por uma grave operação no estômago por causa da mesma queixa que havia feito por tantos anos quando criança. Isso aconteceu quando ele morava em Monte Carlo e desmaiou com dores intestinais. "Eles me cortaram em pedaços e tiraram um metro e meio de intestino."

Apesar desses sustos, ele ainda vive uma vida bastante agitada, para um senhor em seus anos de maturidade, saindo regularmente para casas noturnas e festas.

"Eu *morei* em casas noturnas por vinte anos. Ainda fico acordado a noite inteira, porque não consigo dormir. Não tem nada a ver com aqueles anos de turnê ou tocando em Hamburgo. É simplesmente como sou. Até quando era criança, nunca fechava os olhos antes do amanhecer. Ainda não fecho. Acho que nunca dormi mais do que quatro horas em uma noite na minha vida. Barbara ficou horrorizada quando começamos a namorar. Quando escurece, ela

acha que está na hora de ir dormir, sendo a boa atriz que é. Quando escurece, eu acho que está na hora de sair. Prefiro ir dormir às quatro. Ela prefere ir dormir às dez.

"Então não saímos *tanto* agora. Sempre zombo de George porque ele supostamente é o 'recluso'. Quando George está na Inglaterra, ele sai para jantar quatro vezes por semana, mas ninguém nunca fica sabendo. Ele é provavelmente tão sociável quanto eu, mas faz tudo escondido. Eu faço publicamente. Adoro ir para coisas como pré-estreias, gosto de usar gravata borboleta. Não me sinto arrumado até colocar uma gravata borboleta."

"Acabamos de ir para o Havaí para ver a nova casa de George", disse Barbara. "É fantástica, ele tem milhares de hectares de floresta, que vai transformar em um jardim tropical. Ele nos mostrou tudo, dizendo onde ia colocar uma ponte e um lago. Ele é como um menino."

Se a nova paixão da vida de George é a jardinagem, qual é a de Ringo? Ele não sente falta de ter algo assim, ao qual dedicar suas energias?

"O que você quer dizer? Minha paixão está aqui: Barbara. Estou apaixonado, cara, e é incrível, melhor que jardinagem. Você não tem que regá-la todo dia. Nunca achei que isso fosse acontecer comigo de novo. É a melhor coisa na minha vida, nunca fui tão feliz."

Ele não se importava em falar dos anos dos Beatles e diz que foram felizes, mas não os quer de volta. "Me diverti bastante, não gostaria de apagá-los, mas não poderia fazer aquilo de novo. Foi ótimo fazer tudo aquilo aos 20 anos. Não poderia fazer isso aos 45. Foram apenas oito anos da minha vida, de qualquer forma. Só isso."

Sua ambição antigamente era que seu nome fizesse parte de livros didáticos e isso, basicamente, se tornou verdade. "A banda simplesmente passou a ser uma dessas bandas que passam de geração em geração. Você não tem como impedir isso agora, mas fico um pouco com nojo de toda comercialização atual dos Beatles. Fico com pena dos jovens gastando uma fortuna como os novos *souvenirs* que são fabricados. Então aparecem umas pessoas roubando velhos discos de ouro e vendendo-os no mercado negro no Japão por 13 mil libras.

"Me mandaram um livro outro dia que tinha as assinaturas de John, Paul e George. Eles queriam a minha. Então eu o autografei, depois coloquei '1985'. Sabia que isso acabaria com o preço. Eles não poderiam dizer que era um autógrafo original de 1960."

Ringo é o único dos três Beatles remanescentes que não escreveu nenhum tipo de livro ou permitiu que outros escrevessem sobre sua vida, experiências e música.

George lhe deu de presente recentemente um livro especial, com capa de couro, que dizia na capa: "Ringo Starr: o melhor baterista do mundo." Dentro, todas as páginas estavam em branco.

"George me disse para começar a escrever, para completá-lo. Ainda nem escrevi 1º de janeiro. Nunca vou escrever um livro sobre ser um Beatle, pois posso acabar escrevendo que nós tomamos três xícaras de chá um dia e, então, alguém vai dizer que não, que foram quatro xícaras de chá. Sei o que sei, e é isso. Por que me dar o trabalho?"

Ringo perdeu o crescimento de seus três filhos, já que estava viajando pelo mundo durante grande parte dos anos 1970, mas agora está mais próximo deles. Zak, seu filho mais velho, que está com 19, e seu outro filho, Jason, que está com 17, estudaram em escolas particulares inglesas de renome, a Haileybury e a Highgate. Lee, sua filha, que agora tem 14 anos, ainda está na escola, na Queen's College, em Harley Street, Londres. "Ah, eu paguei pelas melhores escolas, mas não adiantou nada. Os dois meninos quiseram sair da escola com 16 anos. O que eu podia falar? Queria que ele ficassem, mas deixei a escola com 13 anos."

Ambos os filhos são bateristas. Ele acha que Zak é muito bom e que Jason pode ser bom, mas é tímido. "Tenho dito para Jason que ele tem que superar isso se quer subir em um palco. Outro dia ele veio me falar que teve uma ideia, que ele tocaria a bateria em um quarto, sozinho, enquanto alguém o filmava e depois isso apareceria no palco com a banda. Ele resolveu tudo.

"Zak está sempre encontrando músicas novas que acha que eu nunca escutei antes. Ele acha uma fita de blues e diz 'Papai, escuta isso'. Ou alguma coisa *soul* e diz 'É ótimo, papai'. É claro que ele me chama de papai. É isso que eu sou. Outro dia ele colocou para tocar algo incrível que ele descobriu – e era Ray Charles. Não, não faz com que eu me sinta velho, embora Zak se refira a mim como um *hippie* velho, o que eu acho engraçado."

Atualmente (1985), Zak toca com uma banda chamada Night Flight, mas não está indo muito bem. No início, quando começou a tocar bateria, parecia que odiava ser filho de Ringo, ou pelo menos odiava que sempre fizessem essa conexão.

"Ele era citado no jornal como 'Zak Starr, filho de Ringo Starr' e ficava furioso. Eu disse para ele que não havia ligado para os jornais mandando que eles colocassem o meu nome lá, mas ele parecia achar que era *minha* culpa. Ele simplesmente não entendia como os jornais funcionam. Então ele veio até mim um dia e disse que achava que a banda estava usando ele, por causa do seu nome. 'Filho, você tem muito o que aprender', eu disse."

Por um tempo, Zak morou com Ringo e Barbara em Tittenhurst Park, na mesma casa, mas isso acabou causando desavenças.

"Ah, as discussões normais entre pais e filhos. Tenho certeza de que você passou por elas. Sempre o amei, eu sei disso, mas nem sempre gostei de suas atitudes. Não foi muito amigável morar junto. No final, acabei expulsando-o de casa depois de uma briga. Foi estúpido e trivial. Simplesmente começamos a nos sentir ignorados por esse adolescente. Ele comia e dormia em casa, mas não falava com a gente. Então, o coloquei para fora. Ele morou em outro lugar por seis meses, depois voltou. Agora ele mora em um chalé na propriedade e estamos mais próximos."

Em fevereiro de 1985, Zak ligou para Ringo em seu escritório, na casa de Londres, perguntando quando ele ia chegar em casa.

"Eu disse que não sabia, provavelmente umas 19h30. Ele disse para eu ir até o chalé para vê-lo, que ele tinha uma surpresa para mim. Achei que devia ser um contrato de gravação.

Quando cheguei em casa, descobri que ele tinha se casado naquela manhã...”

Ringo riu. Será que ele não estava nem um pouco preocupado, sendo pai de um rapaz de 19 anos, sem emprego fixo ou qualificação, que havia acabado de se casar com uma garota seis anos mais velha do que ele?

“Não, nem um pouco. Conhecíamos a menina, Sarah [Menikides], há algum tempo. Não *esperávamos* que eles se casassem, não naquela época, mas fiquei bem feliz que ele o tenha feito secretamente, sem alarde. Não podia estar mais feliz. Ela é muito simpática. Eles são como água e óleo, mas Barbara e eu também, e funcionamos. Barbara não é musical, não gosta de ficar acordada até tarde. Basicamente, ela é quieta, ainda assim se casou com um baterista de rock. Você sabe o quão barulhentos eles podem ser. Sarah fez a mesma coisa.”

Embora o casamento tenha sido secreto, sem nenhuma foto nos jornais, Ringo sabe que a próxima fase vai ser muito difícil de se manter secreta.

“Ontem à noite mesmo estava falando para ele que seu bebê vai ser ‘global’. Quando eles tiverem um, vai virar notícia pelo mundo todo. Acho que vai ser ótimo, fabuloso. Estou morrendo de vontade de ser avô, vou mimar muito meu neto. Claro que vai ser um menino, já disse isso para o Zak. E quero que ele se chame Richard, igual a mim. Eles não gostam muito do nome Richard.

“Quando Zak nasceu, queria mesmo chamá-lo de ‘XL’. Achava que nomes eram para pessoas sem graça. Letras seriam muito melhores, mas Maureen se recusou. Então concordamos em dar a ele um nome curto, que não poderia ser abreviado. Era o velho caubói dentro de mim, lhe chamando de Zak.

“Sim, eu sei que Jason tem duas sílabas, mas geralmente o chamo de Jay. Ele é uns dois centímetros mais alto do que eu agora – é o que ele diz, mas eu nego. Zak tem mais ou menos a minha altura, mas também nego isso. Sou maior do que os dois e sempre vou ser.”

Vai ser interessante ver se algum dos filhos de Ringo será bem-sucedido como músico. Paul tem três filhos, que ainda não apareceram sob os holofotes da vida pública, e talvez um deles herde seu talento musical, assim como ele o herdou de seu próprio pai. Em 1985, era Julian Lennon, da segunda geração dos Beatles, quem estava se dando melhor no mundo pop, com um álbum de sucesso e uma música que chegou ao Top Vinte. Sua voz se parece com a de John e ele sabe escrever boas músicas.

Mas, como Ringo sabe, será a chegada de uma terceira geração dos Beatles que vai divertir mais as pessoas como um todo. É difícil de imaginar, mas em breve uma pequena voz vai poder dizer: “Meu avô é um Beatle.”

George começou sua fase pós-Beatles em grande estilo, obviamente grato por estar finalmente sozinho, em controle de seu próprio destino, capaz de se concentrar em sua nova paixão, que era música e misticismo indiano. *All Things Must Pass*, de 1970, foi muito aclamado, assim como seu show em Bangladesh em 1971. Uma grande quantia de dinheiro foi

arrecadada para os refugiados, uns 10 milhões de dólares, embora não sem vários processos judiciais. Houve mais problemas legais quando foi alegado que ele havia "subconscientemente plagiado" pedaços de uma música de outra pessoa em "My Sweet Lord". Esse caso se arrastou por anos, na Grã-Bretanha e nos EUA, e George acabou tendo que pagar uma grande multa. A essa altura, oh terrível ironia, ele teve que pagar a multa para uma empresa dirigida por Allen Klein, de todas as pessoas, que havia comprado os direitos autorais da canção original, da qual George supostamente plagiara alguns pedaços.

George havia jurado que jamais faria uma turnê novamente, mas o fez em 1974, pelos Estados Unidos, e ela não foi muito bem-sucedida. Ele foi criticado por ser muito experimental, embora as pessoas tenham ficado desapontadas principalmente porque ele se recusou a tocar músicas dos Beatles. A turnê deixou George esgotado, mental e fisicamente, e em 1974 ele chegou perto de ter um colapso mental.

Ele havia começado sua carreira solo tão bem, em 1969, afastando-se rapidamente e livrando-se da pior fase de loucuras da Apple, mas estava bem deprimido e infeliz em meados dos anos 1970. Seu casamento com Pattie estava em ruínas, o que ele admite ter começado a vir à tona já em 1972, quando ele escreveu "Sad Song". "Realmente *é* muito triste", ele disse. "Foi nessa época que eu estava me separando da Pattie." Eles se divorciaram em 1977. Eles não tiveram filhos e Pattie mais tarde se casou com um amigo de George, o guitarrista Eric Clapton.

Em 1978, George se casou com Olivia Arrias, uma mexicana-californiana de família católica que trabalhava como secretária de sua gravadora, a Dark Horse Records. Eles moraram juntos durante quatro anos antes de se casarem (todos os quatro Beatles acabaram se casando com garotas estrangeiras que viviam nos Estados Unidos, três delas divorciadas. E três dos próprios Beatles se divorciaram e depois se casaram novamente).

Seu primeiro e, até agora, único filho nasceu em 1º de agosto de 1978, um menino chamado Dhani. Ele tem olhos e cabelos escuros assim como sua mãe. Foi o primeiro filho de George, nascido quando ele tinha 35 anos, uma idade um pouco avançada para se tornar pai pela primeira vez, mas George sempre foi sensato e esperou o tempo certo para fazer as coisas.

Eles moram em uma enorme mansão vitoriana gótica, Friar Park, em Henley-on-Thames, em Oxfordshire, para qual ele e Pattie se mudaram em 1969, tendo a comprado em uma época em que parecia que ela seria demolida, já que as freiras que moravam lá não podiam mais pagar por sua manutenção. Essa casa, nos últimos dez anos, se tornou uma grande paixão na sua vida. Ele construiu seu próprio estúdio de gravação nela, além de um templo, mas sua energia se voltou principalmente para o jardim de 14 hectares. Ele tem dez jardineiros trabalhando para ele, tomando conta de flores exóticas e plantas. Seus dois irmãos mais velhos, Harry e Peter, trabalham para ele na propriedade, supervisionando o jardim e a casa, um deles morando em um chalé na entrada e o outro próximo da casa. Na entrada há uma placa que diz "Propriedade particular: mantenha-se afastado" em dez línguas diferentes. A placa tem até uma

versão em inglês americano, que diz '*Get your ass outta here* [Leve seu traseiro pra longe daqui]'.

O livro de George *I Me Mine* (publicado em 1980 pela Genesis Publications e em 1982 pela W.H. Allen) foi dedicado aos "jardineiros do mundo" e, nele, ele diz que se vê como um jardineiro agora. "Sou realmente bem simples, não quero estar sempre na indústria, porque sou um jardineiro. Eu planto flores e as vejo crescerem. Não saio para casas noturnas e festas, fico em casa e vejo o rio fluir."

A última frase certamente é verdade, já que ele vive uma vida muito privada, mas ele não é um recluso como algumas pessoas o descrevem. Um recluso, como Howard Hughes, é alguém excêntrico, ou um pouco louco, o que George certamente não é. Ele é sensato, equilibrado, inteligente, consciente de si mesmo, consciente do mundo, honesto, franco, bondoso, generoso e idealista. Ele também pode ser mal-humorado, duro, injusto e rancoroso. De muitas maneiras, enfurnado naquela loucura gótica, ele leva uma vida mais "normal" do que Paul, já que, ao contrário de Paul, não desempenha mais o papel público de uma superestrela do rock and roll.

Ele se mantém longe dos holofotes porque sabe muito bem que a luz quer iluminar seus velhos tempos dos Beatles, um assunto de que ele odeia falar a respeito. Até mesmo na época, no final dos anos 1960, enquanto estava escrevendo meu livro, achei difícil conseguir que George falasse sobre ser um Beatle. Foi uma pena, já que ele tem a melhor memória dos quatro, e viu as coisas muito claramente.

Com John, muitas vezes sentia que ele falava mal de seus dias de Beatle só para causar uma reação, ser do contra; para ser provocante, e também para encobrir sua própria culpa. Com o entrevistador e a atmosfera certos, John podia sempre ser convencido a falar sobre tudo isso mais uma vez. Paul tem o hábito de falar abertamente sobre o passado. Mas George sempre foi logo ao ponto, rapidamente, e desconsiderando tudo que aconteceu. Quinze anos depois, ele tem muitos outros assuntos mais interessantes com os quais se preocupar. Nenhum estranho conseguiu convencer George a falar sobre seus dias de Beatle, nem a favor nem contra, nos últimos 15 anos. É apenas de passagem, em breves conversas, ou em comentários à parte, em que ele os menciona.

"Tivemos que fazer um monte de coisas juntos que não me agradou", ele escreveu em seu livro. "Nunca houve nada, em nenhuma das experiências dos Beatles, que foi realmente bom; até mesmo as melhores emoções logo se tornavam cansativas. Você de fato não ri duas vezes da mesma piada, ri? A não ser que você esteja sendo bem bobo.

"Havia mais coisas boas do que ruins sobre ser um Beatle, mas era horrível estar na capa dos jornais de todo o mundo todo dia. Aquilo era uma invasão das nossas vidas. A versão de Dick Lester fazia parecer que tudo era uma grande brincadeira. Isso era verdade nos filmes, mas, na vida real, nunca houve nenhuma dúvida: os Beatles estavam condenados a fracassar.

Sua privacidade, cara, é muito importante. É por isso que estávamos condenados a fracassar, porque nunca tivemos nenhuma privacidade. Você sabe, todo mundo precisa de espaço."

Qualquer sucesso na escala dos Beatles está, é claro, condenado a fracassar. Como é que se pode continuar naquela velocidade? Uma vez que você chega ao topo, para onde mais você pode ir? E, por definição, se tratando dos Beatles, até mesmo ficar parado no topo era um fracasso. George sempre soube que seus dias eram finitos, e queria abandonar o barco antes que alguém notasse.

A vida de George, depois daqueles problemas em meados de 1970, se beneficiou com sua casa e jardim, seu casamento e seu primeiro filho, e também por ele ter se divertido um pouco. Esse é um dos muitos paradoxos sobre George. Ele parece estar pregando para você, enchendo seu ouvido sobre filosofia indiana, jardinagem ou história e, quando você começa a pensar que ele está um pouco louco, se levando muito a sério, ele então para e ri de si mesmo.

Ele sempre foi fã do humor do grupo Monty Python, assim como milhões de pessoas nos anos 1970, tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos. Ele ficou amigo deles, especialmente de Eric Idle e Michael Palin. Os Python vêm de um mundo um tanto quanto diferente do dos Beatles, sendo garotos de classe média de verdade, a maioria educada em Oxbridge, muito mais sérios e eruditos do que sua imagem sugere, embora eles estivessem trabalhando contra o sistema, tentando fazer as coisas da sua própria maneira, assim como os Beatles fizeram.

George adora *Os Rutles*, uma paródia televisiva da história dos Beatles, que foi feita basicamente por Eric Idle. Ele fez até mesmo uma participação especial no programa, muito bem disfarçado como um repórter. Em 1978, George ouviu falar que os Python estavam tendo problemas com a EMI por causa de seu próximo filme, *A vida de Brian*. Lorde Delfon, o chefe da EMI, achava que era de muito mau gosto fazer piada sobre a vida de Jesus.

George perguntou a seu sócio, Denis O'Brien, que o estava ajudando com seus negócios desde o fiasco da Apple, se ele conseguia levantar os dois milhões de libras necessários para fazer o filme deslanchar. Eles conseguiram, e o filme foi um grande sucesso. O resultado foi a produtora Handmade Films. George deu esse nome à produtora por causa de algum papel feito à mão que tinham dado a ele quando foi visitar uma velha fábrica de papel em Somerset.

Desde 1978, a Handmade Films se tornou um dos maiores sucessos da indústria audiovisual britânica. Não que se tratasse exatamente de uma indústria, apesar de David Puttnam também ter se dado muito bem durante o mesmo período. Eles hoje já produziram ou apoiaram dez grandes filmes, incluindo *Caçada na noite*, *Os bandidos do tempo*, *Um missionário em apuros*, *Soldados em manobras*, *Water* e *Meu reino por um leitão*. Eles todos têm algo em comum – todos se passam na Grã-Bretanha ou são de inspiração britânica. Foi em parte tentando imitar os Estados Unidos, e fazer filmes que pudessem cruzar o Atlântico, que os lordes Grade e Delfont eventualmente vieram à tona.

George tem um papel ativo na empresa, com seu nome aparecendo frequentemente como "produtor", e há muito mais projetos, mas ele diz que Denis O'Brien é o verdadeiro homem de negócios, aquele com tino financeiro, que garante que os filmes sejam feitos dentro do prazo e do orçamento.

"É difícil ser produtor de cinema. Eu fui aquele que disse das pessoas com dinheiro: 'O que elas sabem?' E agora sou uma dessas pessoas. Mas sei que, a não ser que você dê ao artista o máximo de liberdade possível, não há motivo para usar aquele artista. Como um todo, a maioria dos nossos relacionamentos deu certo."

Falei com várias pessoas envolvidas na produção de filmes da Handmade e todos dizem que George tem sido um chefe ideal para se trabalhar, preocupado e útil, mas, ao mesmo tempo, ausente o suficiente. Apesar de ser "amigo" dos Python, ele não é um deles, não pertence a essa turma, nem está realmente em sintonia com as pretensões mais artísticas de alguns dos criadores. Ele os deixa trabalhar livremente.

Há de se admirar George pelo que ele fez com a Handmade Films, algo pelo qual ele deve se orgulhar e que deve dar a ele um imenso prazer. Ele fez isso sem usar de forma alguma sua credencial dos Beatles. Ele não insistiu em pré-estreias cheias de celebridades, nem emprestou seu nome para shows de gala ou foi pessoalmente promover seus filmes. Ele também não saiu em turnê divulgando seus investimentos. Ele tem sido um investidor quase anônimo, uma figura dos bastidores, feliz em deixar que o produto fale por si.

Não tenho certeza de que sua autobiografia *I Me Mine* tenha sido uma decisão tão admirável. Ele se esforçou muito para se distanciar dos Beatles, mas o foco da campanha de venda de seu livro foi, presumivelmente, sua infância, as memórias dos tempos de Beatle, e a publicação dos manuscritos originais de suas músicas. Foi tudo muito inofensivo e bastante breve, no que diz respeito às suas palavras, já que elas revelaram muito pouco. O preço é que foi ridículo. Cada livro, da edição limitada de 2 mil cópias assinadas, publicada em 1980, custava 148 libras. Nele, ele confessa seus motivos para escrever tal livro, mas nunca os explica satisfatoriamente, exceto quando diz que estava tentando manter viva a arte dos livros com capa de couro, terrivelmente caros, encadernados à mão.

Em suas buscas espirituais, George, até onde eu entendo, tem tentado superar a si mesmo, se relacionar com deuses maiores e verdades mais constantes, mas o conteúdo de seu livro foi um exercício de puro ego. O título deixa isso claro (*I, Me, Mine* [Eu, Mim, Meu]), embora isso pudesse ser uma ironia dupla.

Talvez devêssemos encarar isso como mais uma prova da natureza paradoxal de George. Enquanto ele renega sua fama, ele a alimenta. Enquanto renega os Beatles, parece estar chamando por eles. "Os *fab four* eram bons, porque se um deles estivesse de mau humor, o outro tomava o seu lugar. Nós protegíamos um ao outro. Agora, você tem que estar mais atento quando você está sozinho. Sinto saudades daquela época. Nos amávamos muito."

George descobriu, assim como eles todos o fizeram rapidamente, que ser famoso atrai pessoas que gostam de você por você ser famoso. É muito difícil achar pessoas em quem você pode confiar. As pessoas simpáticas se resguardam. Os bajuladores vêm à tona. Pelo menos com os outros três, todos na mesma posição, eles podiam contar com a honestidade brutal uns dos outros. Em seus atuais casamentos felizes, é de se esperar que George, Paul e Ringo estejam escutando a verdade *real*: conselhos brutais e críticas desagradáveis como as que John teria feito, ou como as que eles, por sua vez, faziam a John e um ao outro.

Também fiquei intrigado em saber, a partir do livro de George, que ele voltara a Liverpool. Foi quando ele conheceu sua nova esposa, Olivia, e quis mostrar-lhe a casa onde nasceu, em Arnold Grove e, depois, sua velha escola, o Institute, e levá-la até sua velha sala de aula. Um coisa bem normal de se fazer, se essa não fosse a escola que George passou a vida odiando, e que diz em seu livro ainda odiar. Será que ele protestou demais?

George ainda odeia voar, assim como odiava durante a época dos Beatles, quando passava mal no avião ou no aeroporto, e, ainda assim, começou a dirigir carros velozes, até mesmo participando de corridas. Ele ainda é vegetariano e ainda se interessa pela Índia, pelo Hare Krishna e por assuntos espirituais.

Assim como os outros, ele se tornou obcecado com sua segurança desde a morte de John. O medo de Paul é que haverá alguém à espreita nos arbustos, que pulará sobre ele, enquanto ele estiver correndo. Certa vez imaginou que alguém estava escondido em seu jardim, fumando um cigarro. Acabou por ser um poste de rua distante. O medo de George é que o perigo venha de um fotógrafo, apontando sua câmera para ele, motivo pelo qual ele odeia qualquer pessoa que, de repente, começa a tirar fotos dele.

No que diz respeito à música, George atualmente parece ter parado de compor e se apresentar publicamente. Nos últimos 15 anos, ele produziu álbuns regularmente, embora seu álbum de 1982, *Gone Troppo*, não tenha ido muito bem. Em 1984, ele disse ter se aposentado da música pop. Isso não significa que ele não faz mais música. Ele faz sim, em sua casa, mas para sua própria diversão.

Deve-se esperar que isso seja apenas uma situação temporária. George era diferente de John e Paul na forma como fazia música – enquanto eles escreviam canções, ele escrevia sentimentos. "Escrever músicas era como ir se confessar", ele escreveu em seu livro. Era quando seu espírito o encaminhava, para o bem ou para o mal, que George se sentia compelido a compor. Foi por isso que demorou tanto tempo para ele começar a compor e por isso que ele sempre se conteve, até que tivesse algo a dizer. Com Paul, fazer música é tão natural quanto acordar e andar, comer e dormir.

É difícil prever que caminho George vai seguir no futuro. Ter se tornado um produtor cinematográfico bem-sucedido foi uma grande surpresa, pelo menos para aqueles que o conheceram como o bebê da banda, tímido e acanhado, quando comparado a John e Paul.

Com George, podem ter mais surpresas por vir, novos empreendimentos artísticos ou comerciais. Ou talvez ele se mude de repente para o Havaí, para a propriedade que comprou recentemente, para cultivar seu jardim tropical para variar, algo que o manteria bem longe de qualquer fotógrafo perigoso.

Ao contrário dos outros três, Paul começou sua vida independente de forma muito acanhada. Sua esposa Linda não era exatamente amada por todos e Paul absorveu o impacto dos problemas legais, sendo odiado pelos outros três por ter iniciado esses conflitos e detestado pelos fãs, que erroneamente pensavam que ele causara o término da banda. Ele também se tornou um recluso, algo comum para as estrelas mundiais no começo dos anos 1970. Você tinha que ir embora e se encontrar, apenas para provar que existia. Houve boatos durante um tempo de que Paul estaria morto. Ele tinha, na verdade, se mudado para uma pequena fazenda que comprara, e que ainda possui, em Argyllshire, na Escócia.

"Quando os Beatles se separaram, me senti no fundo do poço. Fui acusado de tê-los abandonado, mas nunca fiz isso. Acho que nós estávamos todos muito esquisitos na época dos processos judiciais. Eu ligava para John e ele dizia para não perturbá-lo. Ligava para George e ele começava a berrar e a xingar, nem um pouco Hare Krishna."

Ele escreveu algumas músicas para outras pessoas e filmes, depois começou a perceber que deveria fazer o que sempre amou – tocar ao vivo com uma banda. Isso sempre havia sido sua ambição para os Beatles: fazer com que eles deixassem o estúdio, pelo menos para shows ocasionais. Ele decidiu formar a sua própria banda, Wings, com Linda, sua esposa, que tinha experiência musical prévia. O mundo pop deu muita risada disso. Eles começaram bem quietos, chegando sem serem anunciados em *campi* universitários, mas isso ainda assim não impedia que Linda fosse ridicularizada pelos especialistas por sua voz ruim e pela audácia de fazer parte da banda de Paul. Um dos primeiros singles dos Wings se chamava "Mary Had a Little Lamb", o que não era muito original. John foi citado dizendo que Paul soava como Engelbert Humperdinck, a comparação mais desagradável possível. Ele provocou Paul em vários de seus próprios álbuns, e em "Imagine" se refere a ele como "*Muzak to my ears* [Muzak para os meus ouvidos]", dizendo ainda que "*a pretty face may last a year or two* [um rosto bonito pode durar um ano ou dois]".

Muito lentamente, os Wings melhoraram. Em suas turnês, Paul não se sentia acima de tocar algumas músicas dos Beatles, o que todo mundo amava. Então, com *Band on the Run* e *Venus and Mars*, ele começou a produzir hits mundiais de novo e quase repetiu alguns de seus sucessos com os Beatles. Os ingressos de sua turnê, em 1976, pelos Estados Unidos, esgotaram, e finalmente ficou provado que os Wings, apesar de Linda, eram uma banda pop muito bem-sucedida.

As músicas de Paul talvez não tenham chegado à altura de "Yesterday" ou "Eleanor Rigby", mas, comercialmente, Paul é de longe o Beatle mais bem-sucedido. "Mull of Kintyre", de 1977,

bateu qualquer single dos Beatles. Paul diz que fez mais dinheiro com os Wings do que durante toda a sua carreira com os Beatles. Isso não é muito difícil de acreditar, já que tantas pessoas dividiam os lucros dos Beatles.

Os Wings agora acabaram, e várias pessoas que trabalharam com ele naquela banda estranha ganharam dinheiro desde então declarando como a experiência foi horrível, como ele era mandão, como ele podia ser mau. Há provavelmente alguma verdade nisso. Paul é perfeccionista e pode levar seus assistentes à loucura com seus pedidos. E trabalhar com Paul significa ser seu assistente, não um colíder, desde que os Beatles chegaram ao fim. Paul, por sua vez, diz que está farto de administrar uma banda. "Odeio bandas – é como estar preso em um relacionamento ruim."

Paul hoje ainda é um Beatle público, dando entrevistas em intervalos relativamente regulares, sendo aberto e honesto sobre si mesmo, seu passado, suas preocupações e felicidades. Naturalmente, como sempre, há aqueles que suspeitam de seus motivos, colocando-o para baixo por ser tão encantador. Paul talvez seja um ator, atuando no papel de Paul McCartney, a estrela encantadora, que ainda é amada por todas as mães, o que faz com que ele pareça um tanto quanto certinho às vezes, mas acredito que ele fale a verdade sobre si mesmo.

Ele deu inúmeras entrevistas durante 1984 para promover seu filme *Give My Regards to Broad Street*, que foi muito criticado, e até mesmo ridicularizado por muitos críticos. Sempre achei que a crítica a *Magical Mystery Tour* fora injusta – e foi Paul que levou a culpa por isso, tendo sido o instigador de tudo. Mas a trilha tinha algumas músicas boas e era uma produção modesta, feita para a televisão. Todos esperávamos tanto de *Broad Street*, um longa-metragem com um bom elenco, mas o roteiro de Paul era tão contido que acabou por se mostrar pouco abrangente. Talvez, agora que ele fez seu próprio filme, ele volte a compor e a cantar, e talvez até mesmo atue de vez em quando, e ache especialistas que possam ajudá-lo com coisas como roteiros. Me surpreende que ele não tenha tentado fazer um musical de teatro. Imagine o que diretores como Trevor Nunn não poderiam fazer com as músicas de Paul.

Paul continua a compor e a cantar sozinho, mesmo que os Wings tenham acabado, e terá muitos mais *hits* no Top Vinte. Seria impossível imaginar ele fazendo qualquer outra coisa. Ele é também um verdadeiro empresário, administrando sua própria empresa, a McCarney Promotions Limited, cujo escritório fica em Soho Square, em Londres. A empresa administra todas as suas criações, além de coisas que eles compraram, como os musicais *Annie* e *Grease: Nos tempos da brilhantina*, e dezenas de canções individuais. Ele pelo menos investiu seu dinheiro em música, em vez de em empresas sem graça como imobiliárias.

Ele disse ao mundo muitas vezes que sua vida familiar é o que há de mais importante para ele. Heather, sua filha mais velha (do primeiro casamento de Linda), tem agora 22 anos e trabalha como assistente de um fotógrafo. Então, há Mary, de 17 anos, uma bonita menina de cabelos escuros, Stella, que tem 15 anos e é ruiva, e James, que tem 7 anos e cabelos claros.

Todos estudaram em escolas públicas, o que é surpreendente, considerando a pressão que eles sofrem. Eles vivem, brincam e moram todos juntos como uma família comum, sem babás e outros empregados.

Vista pelo lado de fora, sua nova casa em Sussex pode parecer um pouco assustadora, com holofotes e cercas de segurança, mas tudo isso é compreensível depois do que aconteceu com John. Os residentes locais a chamam de Paulditz. Mas, por dentro, é surpreendentemente pequena, com apenas cinco quartos, e eles vivem uma vida modesta e relaxada como uma família normal. Linda nunca foi uma grande dona de casa, mas ela gosta de cozinhar.

Eles se mudaram para lá vindos de uma casa ainda menor nas redondezas, derrubando duas casas antigas para ter mais segurança. Eles ainda têm sua casa em Londres em St John's Wood, perto daqueles chatos da Apple e das *groupies* da Abbey Road dos anos 1960, além da fazenda em Argyll, na Escócia. Paul é vegetariano, não fuma cigarro, corre um pouco, faz cerâmica, adora desenhar e pintar e assiste à muita televisão. A forte influência de seus hábitos televisivos é notável em *Broad Street* – toda aquela coisa comercial e de estilo dickensiano do programa *Children's Hour*.

Assim como George, Paul é muito contraditório. Para uma pessoa inteligente e supostamente contestadora, ele foi muito tolo de ser preso quatro vezes nos últimos dez anos por posse de drogas leves. Ele ter sido pego entrando em um aeroporto japonês carregando mil libras de maconha foi incrivelmente imbecil. Para um pai supostamente dedicado, ser pego usando drogas, mesmo que leves, é difícil de conciliar.

Ele começou a deixar que seu cabelo fique grisalho e, se você observá-lo quando um fotógrafo está por perto, ele encolhe a barriga. Sua insegurança também se estende ao seu corpo. Muitas vezes reclama sobre o que as pessoas escrevem dele, mas ainda assim dá entrevistas. Ele deveria saber as consequências depois de todos esses anos. Ele fica chateado com a corrida maluca para comprar e vender memorabilia dos Beatles, mas ele mesmo deu um lance na Sotheby's (ele queria um cartão-postal que tinha mandado para John, mas alguém deu um lance maior). Ele e George, na verdade, contribuíram para a mania atual por artefatos do Beatles, ao lançarem *mais* material, como o livro de desenhos de Paul e o livro de George, contendo os manuscritos originais de suas músicas.

Ah, como ele é um homem complicado, cheio de convolações, autodefesas e medos; e como é vulnerável! Como podemos ter achado que Paul era uma alma simples, amável, ou aceitado que George era um menino quieto nos anos 1960? No final, acho que ambos são muito mais complexos e difíceis de compreender do que John. Ele era um cara honesto, a ponto de ser brutal, que revelava a si mesmo e expressava suas opiniões rapidamente. Paul e George têm muitas camadas. Ambos ficam chateados quando estranhos acham que os conhecem, ou quando são descritos de forma caricatural, o que, é claro, nunca reflete a verdade absoluta sobre nenhum de nós.

Pouco depois da morte de John, tive algumas conversas estranhas com Paul. Ele parecia muito triste com muitas coisas, especialmente com a tragédia. Isso foi em maio de 1981, e anotei em um diário algumas das coisas que ele me contou.

A morte de John passara a ser um tipo de culto, com livros instantâneos já aparecendo e os jornais ainda estavam cheios de matérias a respeito. Muitas pessoas, ao elogiarem John, criticavam Paul ao mesmo tempo, ou era o que parecia. Ele achava que já tinha sido criticado por um livro recém-lançado, escrito por Philip Norman, um antigo colega meu do *Sunday Times*. Eu tinha ajudado Norman, deixando que ele visse todos os meus arquivos e lhe dado coisas como o número de telefone de Mimi, quando ele veio falar comigo, dizendo que estava escrevendo um livro sobre os anos 1960 como um todo. Não sabia então que seria uma biografia dos Beatles. Nenhum dos Beatles tinha de fato dado entrevistas para o seu livro, que tinha o subtítulo *A verdadeira história dos Beatles*.

Paul me ligou em 3 de maio de 1981 e ficou falando por mais de uma hora sobre o quanto estava magoado. Ele já havia reclamado exaustivamente para a minha esposa, já que eu estava fora, caminhando em Hampstead Heath, quando ele ligou pela primeira vez. Ele disse que estava farto de todas essas pessoas falando dele e de John e entendendo tudo errado. Só ele sabia a verdade. E não era nada parecido com as coisas que estavam sendo ditas.

Paul me criticou por ter participado de alguns programas de TV depois da morte de John. No meu tributo a ele, eu disse que John era um homem mais duro e de vanguarda, enquanto Paul era mais dócil e melódico.

Mas o que realmente o chateou foi uma entrevista de Yoko, na qual ela foi citada dizendo que Paul havia magoado John mais do que qualquer outra pessoa. Paul achava que aquelas eram algumas das palavras mais cruéis que ele já havia lido na vida.

"Ninguém nunca fala das vezes que John *me* magoou", disse Paul. "Quando ele chamou a minha música de Muzak. As pessoas ficam falando que eu o magoei, mas cadê os exemplos, quando foi que eu o magoei? Ninguém nunca diz nada. É sempre a mesma coisa, me culpando. Será que eu poderia ter magoado John *mais* do que qualquer outra pessoa no mundo? Mais do que a pessoa que atropelou Julia?

"Estávamos sempre competindo, eu escrevia 'Penny Lane', então ele escrevia 'Strawberry Fields'. Era assim que era. Mas isso era com as composições. Não entendo por que Yoko disse isso. Da última vez que falei com ela, ela foi ótima. Ela me disse que ela e John haviam escutado um de meus álbuns recentemente e chorado."

"Então por que você não liga para ela e descobre se ela realmente fez esse comentário?", eu sugeri.

"Não vou ligar para ela por causa disso. É muito trivial, não é hora de fazer isso. Não ligaria para ela só por isso."

"O que você acha então que possa ter magoado John?", perguntei.

“Há apenas um único incidente que acho que John mencionou em público. Foi quando escrevi com Ringo ‘Why Don’t We Do It In The Road’. Não foi algo deliberado, John e George estavam ocupados terminando alguma coisa e Ringo e eu estávamos livres, esperando o tempo passar, então disse para Ringo: ‘Vamos lá fazer isso’.

“Ouvi ele cantando a música algum tempo depois; ele gostava dela e acho que gostaria de tê-la escrito comigo. Era o tipo de música que era a cara de John. Era por isso que ele gostava, eu acho. Era bem John a ideia da música. Não era meu estilo.

“Talvez tenha magoado as pessoas sem querer. Nunca imaginei na época que John se importaria com aquilo. No casamento de Ringo [na semana anterior], Neil me disse que Mimi estava chateada por eu não ter ligado para ela depois da morte de John. Nunca nem pensei nisso, não conheço Mimi, não a vejo há uns vinte anos, desde Menlove Avenue. Eu era apenas o menino que saía com John, não entrávamos na casa dela.

“De qualquer maneira, liguei para ela, caso ela realmente estivesse chateada, e pedi desculpas por não ter ligado antes, dizendo que não tinha o telefone dela. Ela foi ótima e tivemos uma boa conversa. Conversamos sobre o livro de Philip Norman e ela disse que também não havia gostado dele. Disse que eu deveria escrever uma carta reclamando. Respondi a ela que havia escrito muitas, mas as tinha rasgado. Ela falou também que eu deveria fazer algo para impedir esse tipo de coisa.

“‘Em um terremoto, você escuta muitas versões diferentes do que aconteceu, de todas as pessoas que passaram por ele. E todas são verdade.’ Foi isso que escrevi em uma das cartas. Mas como você consegue pegar a história toda a partir de alguém que *não* estava lá? Mas também rasguei essa.

“Ninguém sabe o quanto eu *ajudei* John. Linda e eu fomos para a Califórnia e conversamos com ele durante seu suposto fim de semana perdido, quando ele estava todo drogado. Falamos para ele voltar para Yoko, e pouco depois ele voltou. Fui até Los Angeles ver esse maldito. Ele nunca me deu nem um milímetro, mas tomou de mim muitos centímetros e metros.

“Ele sempre desconfiou de mim. Ele me acusou de planejar comprar a Northern Songs sem falar para ele. Estava pensando em algo em que eu pudesse investir o meu dinheiro e Peter Brown sugeriu a Northern Songs, que eu investisse em mim mesmo, então comprei algumas ações, umas mil eu acho. John ficou maluco, desconfiado de que era alguma trama. Então ele comprou algumas ações também. Ele sempre achou que eu era ardiloso e desonesto. Essa é a minha reputação: alguém que é encantador, mas um cara calculista.

“Aconteceu outro dia, no casamento de Ringo. Estava falando para Cilla [Black] que gosto de Bobby [seu marido]. Foi tudo que eu disse. ‘Bobby é um cara legal.’ ‘Ah, mas o que você *realmente* acha dele, Paul? Você não quer realmente dizer isso, quer? Você quer chegar a algum lugar com isso.’ Estava sendo absolutamente honesto, mas ela não conseguia acreditar. Ninguém nunca consegue. Eles acham que eu sou calculista o tempo todo.

"Eu paro e observo as coisas, ao contrário de John. Eu olho para a frente, sou cuidadoso. John sairia correndo e aceitaria uma guitarra grátis imediatamente. Eu pararia e pensaria: mas o que esse cara realmente quer, o que isso quer dizer? Eu sempre disse para Klein guardar algum dinheiro para pagar os impostos.

"Eu não *gosto* de ser o cuidadoso, preferiria ser um imediatista como John. Ele era ação pura. John era sempre o mais barulhento na multidão e tinha a voz mais alta. Ele era o galo que cantava mais alto. George e eu costumávamos chamá-lo de galo no estúdio. Nunca quis passá-lo para trás, jamais. Ele podia ser um porco manipulador, o que ninguém percebia. Agora, desde sua morte, ele se tornou Martin Luther Lennon. Mas esse também não era ele de verdade. Ele não era um santo. Era, na verdade, um desmistificador.

"Durante os nossos dez anos juntos, ele destruiu algumas das minhas músicas. Ele era paranoico com as minhas músicas, tínhamos várias brigas por causa delas.

"No começo, ele era tipo um herói de parque de diversões. Ele era o cara grande que brincava nos carrinhos de bate-bate e que achávamos ótimo. Nós éramos mais novos, George e eu, e isso era significativo. Era um culto de herói adolescente. Sempre falei como a primeira impressão que tive dele foi de seu bafo de álcool sobre mim, mas essa era apenas uma história engraçada. Isso era eu sendo engraçado. Era verdade, mas era apenas um oitavo da verdade. Dizia isso apenas mais tarde, quando as pessoas me perguntavam qual era minha primeira memória de John. Minha primeira reação foi muito simples: ele era ótimo, ele era um cara ótimo, um ótimo cantor. Minha *verdadeira* primeira impressão foi que era incrível como ele estava inventando as letras.

"Ele estava cantando 'Come Go With Me to the Penitentiary' e não sabia *nem uma* palavra da letra. Ele estava inventando a letra enquanto tocava. Achei aquilo ótimo.

"Ele ficou com tanta inveja no final... Você sabe que ele não me deixava nem tocar no seu bebê. Ele ficava maluco de inveja às vezes. Acho que herdei um pouco disso...

"É verdade que eu não gostava de Stu, mas não era nada contra ele pessoalmente. Ele simplesmente não sabia tocar baixo, era só isso que me incomodava. Eu tinha uma objeção funcional a ele, porque tinha muitas ambições para a banda. Ele sabia que não sabia tocar. Fui eu quem disse para ele ficar de costas para a plateia. Não queria que ele tivesse conseguido a vaga de baixista. O próprio Stu nos deixou para ficar em Hamburgo. John chamou George para tocar baixo primeiro, chequei isso com George outro dia, ele se lembra bem. George se recusou, então ele me chamou. Fiquei encarregado de tocar baixo. Não era o meu plano.

"Foi o mesmo com Pete Best. Não tinha inveja dele porque ele era bonito, ele simplesmente não sabia tocar bateria. Ringo era muito melhor. Queríamos ele fora da banda por causa disso.

"O boato do assassinato de Brian era loucura, mas aqueles problemas todos com *merchandising* eram verdade. Perdemos milhões, mas no final não valia a pena processar ninguém. Nunca reaveríamos tudo, levaria muito tempo e sabíamos que a maioria deles ia sair

ilesa no final. Não foi tudo culpa de Brian, ele era inexperiente. Sempre disse isso sobre Brian: inexperiente.

"Sabíamos que ele era gay, mas não importava. Por um tempo ele não sabia que sabíamos e fingíamos não saber. Isso não importava, nunca discutimos isso com ele. Ele mantinha aquilo em segredo e não importava. Talvez fizéssemos caretas um para o outro por trás de suas costas, você sabe, se alguém estivesse vestido de mulher. Tentávamos fazer contato visual com Brian, para ver se ele estava envergonhado. Mas nunca dissemos nada, era tudo com carinho. Quanto àquela caricatura de Brian no meio de uma fileira de crianças no Cavern, *salivando*, aquilo não é verdade. Já ouvi falar de licença artística, mas aquilo é ridículo. As outras caricaturas foram feitas para ser verdade, já que eles começaram se baseando em uma fotografia, então você tomava isso como sendo verdade. Era apenas parte da tentativa de construir essa imagem gay de Brian. Ele *nunca* ficou sentado no Cavern. Ele nunca se misturava de qualquer forma e ficava bem no fundo para que ninguém pudesse vê-lo ou soubesse que ele estava lá. Ele não ficava salivando.

"Ele idolatrava John. Ele era o peixe grande no lago, eu era o peixe pequeno. À medida que fui crescendo e amadurecendo, fui tendo coisas em comum com John. Cheguei ao seu nível, escrevi músicas como as dele, e às vezes elas eram tão boas quanto. Passamos a ser iguais e isso fez com que ele ficasse inseguro. Ele sempre foi, na verdade. Ele era inseguro com as mulheres. Você sabe, ele me pediu, quando viu Yoko pela primeira vez, para eu não flertar com ela.

"Li em algum lugar que ele me ajudou com 'Eleanor Rigby'. Aham, com meia frase. Ele também esqueceu completamente que eu escrevi a melodia de 'In My Life'. Aquela era a minha melodia, mas talvez ele tenha apenas se confundido com isso, esquecido.

"Entendi o que aconteceu quando ele conheceu Yoko. Ele tinha que se livrar de suas velhas emoções. Ele contou para ela de todos os seus antigos casos, confessou tudo. Linda e eu fizemos a mesma coisa quando nos conhecemos. Você prova o quanto ama alguém quando confessa todas as coisas antigas. O método de John era falar mal de mim.

"Nunca atacaria ele, jamais, mas não posso esconder a minha raiva por todas essas coisas que ele disse sobre mim, sobre Muzak, sobre eu cantar como Engelbert Humperdinck...

"Se tivéssemos que começar a listar todas as vezes que *ele* me magoou... Ter escrito aquela música sozinho, comparado ao que ele disse de *mim*...

"Quando você pensa a respeito, não fiz nada contra ele, comparado a isso. Enfim, ele fez a mesma coisa com 'Revolution 9'. Ele foi e escreveu essa música sem mim. Ninguém nunca fala tudo isso. John agora é o cara legal e eu sou o malvado. Isso é repetido o tempo todo."

Mas até a morte de John, eu disse, a imagem geral era de que ele era o cara legal e John o malvado. Nenhuma das duas versões é verdade, não inteiramente. "As coisas vão em breve se acalmar, não se preocupe, fique calmo."

"Mas as pessoas estão publicando *fatos* sobre John e eu. Eles *não* são fatos, mas vão ficar registrados como se fossem. Vão se tornar parte da história, vão ficar lá para sempre. As pessoas vão acreditar em tudo.

"Enfim, George, Ringo e eu prometemos ser legais uns com os outros de agora em diante. Quando nos encontramos e conversamos agora, nunca menciono a Apple. Aprendi isso. Qualquer menção à Apple gera brigas e alfinetadas...

"Aparentemente, magoei George Martin sem querer também, porque não o deixei produzir 'She's Leaving Home'. Não sabia disso até ler o livro dele. Liguei para ele, mas ele estava ocupado, não poderia trabalhar conosco por dois dias, ou duas semanas, ou algo do tipo, então pensei: 'Dane-se, se ele não pode me encaixar, vou encontrar outra pessoa.' *Eu* fiquei magoado na época, e por isso chamei outra pessoa. Agora ele diz que eu o magoei deliberadamente. Bem, se essa foi a única vez que eu o magoei...

"John e eu éramos realmente amigos de trincheira. Era isso que éramos de verdade. Percebo agora que nunca chegamos ao fundo da alma um do outro. Não sabíamos a verdade. Alguns pais acabam odiando seus filhos. Você nunca sabe.

"No casamento de Ringo, estava no banheiro e encontrei com ele lá por acaso, na mesma hora, só nós dois. Ele disse que eu havia feito coisas contra ele somente duas vezes em toda a sua vida. Então ele disse que havia feito coisas contra mim *três* vezes. Eu estava cuspindo algo e, por acaso, o cuspe caiu no seu paletó. Eu disse: 'Pronto, agora eu fiz algo contra você por três vezes. Estamos quites.' E rimos a respeito. Foi tudo com carinho. Não foi uma briga. Não foi falar mal. Ele apenas, de repente, falou aquilo e seguiu em frente. Mas, *agora*, eu fico pensando nisso o tempo todo: quais foram as duas vezes que Ringo acha que eu o passei para trás?

"Acho que todos nós fazemos isso. Nunca falamos publicamente das pequenas mágoas. George me contou outro dia de uma vez que eu o magoei. Ele fez pior, eu acho, como quando disse que nunca mais tocaria baixo comigo de novo.

"Fiquei chateado quando ele disse que eu estava tentando contratar Lee Eastman só porque ele era meu sogro. No final, eles contrataram Klein. Como se eu fosse simplesmente contratar um parente sem nenhum motivo. Eles me conhecem há vinte anos, eles deveriam saber disso. Não consegui acreditar. John disse que 'o *Magical Mystery Tour* foi apenas uma grande viagem egocêntrica do Paul'. Deus! Foi para o bem deles, para nos manter juntos, fazer com que seguíssemos adiante e tivéssemos algo novo para fazer.

"Legalmente, fomos enganados. Ainda tenho Lee Eastman como advogado e ele ganhou uma fortuna. Para mim. Ele me forçou a processar os Beatles para que eu provasse o que já sabia. Não queria fazer isso, fui para a Escócia e agonizei por três meses, me isolei, antes de decidir que era o único jeito. Processar os Beatles. Foi uma decisão terrível.

"Ainda falam mal de mim por causa disso. Nos livros de história, eu ainda sou o cara que fez com que os Beatles se separassem.

"Não odiava John. As pessoas vieram falar, quando ele colocou todas aquelas coisas sobre mim no disco dele: 'Você deve odiá-lo', mas eu não o odiava. Não o odeio. Estávamos tendo uma grande briga um dia e me lembro de como ele tirou seus óculos de vovó – ainda consigo vê-lo… Ele os tirou e disse: 'Sou só eu, Paul.' Então os colocou de volta e nós continuamos discutindo... Aquela frase sempre volta à minha cabeça: 'Sou só eu.' Se tornou um mantra para mim.

"Tenho algumas coisas escandalosas que poderia contar sobre John, mas não conto. Não enquanto Yoko estiver viva, ou Cynthia. John contaria, ele se deixaria levar e falaria a primeira coisa que viesse à sua cabeça. Nós o admirávamos por isso: ele era honesto, mas podia magoar. E, na verdade, não era assim *tão* honesto, pois ele *sabia* que podia magoar os outros. Ele podia ser mau. Mas eu sempre sou sensato, esse sou eu. Nunca diria as coisas que ele disse.

"Ninguém mais sabe a verdade, como ela é, esse é o problema. Estava falando com Neil outro dia, rindo e lembrando de alguns incidentes, uma história engraçada. Lembrávamos de tudo em detalhes: o que dissemos, o que eu estava vestindo, que alguém tinha uma fã. Estamos absolutamente de acordo em relação a 75%, exceto por um detalhe vital. Eu disse que aconteceu em Piccadilly e Neil disse que foi em Savile Row. Posso ver tão claramente, cada detalhe de como aconteceu – e Neil também. No entanto, lembramos de lugares diferentes.

"Até ter uns 30 anos, eu achava que o mundo era um lugar exato. Agora sei que a vida é incoerente. John sabia disso, ele era o grande desmistificador. Ele estaria desmistificando sua morte agora.

"Não me lembro dos anos 1960, de qualquer forma, passei por eles em uma espécie de névoa púrpura. Outro dia, estávamos num lugar, Linda e eu, e uma mulher loira linda se aproximou e me abraçou. 'Você se lembra de mim, Paul?' Eu disse: 'Hmmm... é... agora, deixe-me ver' Mas não me lembrava de jamais tê-la visto antes. 'Mas, Paul, nós fizemos amor em Los Angeles...' 'Oh', eu disse. 'Realmente. Deixe-me te apresentar a minha esposa, esta é a Linda... Nos dê licença, temos que ir...'

"Já aconteceu antes, é claro. Foi antes de me casar. Pode ser estranho, mas Linda tem casca grossa."

Sugeri que ele escrevesse tudo isso, ou gravasse, que registrasse com suas próprias palavras o que ele achava de seu relacionamento com John, exorcizasse aquilo de uma vez por todas, depois colocasse em uma gaveta e esquecesse a respeito.

"Talvez faça isso. Fiz isso depois de ser preso: escrevi o que senti sobre aquilo. Não podia ter papel e lápis na prisão e era tudo que eu queria, então, quando voltei para casa, escrevi tudo imediatamente. Não sei o que fazer com isso, não quero usar a cena editorial comum, não é para mim. Tem umas 20 mil palavras, Linda e uma ou duas outras pessoas leram e acharam que é bom. Pedi para uma gráfica independente imprimir apenas uma cópia para mim, só uma. Eu a tenho guardada. Queria apenas uma capa branca sem nada e, dentro, apenas palavras em

preto sobre o papel branco. Um papel branco barato. Queria que fosse como um livro da Olympia Press, algo barato. Ele cabe no meu bolso, tem apenas 15 centímetros por dez. Pensei por um tempo em publicar algumas cópias e vendê-las por aí com um carrinho de mão. Sem contar para ninguém, simplesmente vendendo-os na rua, por uns contos. Não quero algo grande. Então ouvi dizer que algum músico pop já fez isso e não queria que parecesse que eu o estava copiando. Então, tenho apenas uma única cópia. Te deixo ler um dia, daí você me diz o que acha.

"Quanto a John e eu, sim, talvez eu escreva algo. Você sabe que eu o ajudei com seu primeiro livro; isso nunca foi mencionado por ninguém. Não por John, de qualquer forma..."

Quanto aos outros personagens no drama dos Beatles, Neil Aspinall, seu *roadie*, se tornou executivo da Apple e produziu o filme *Let It Be*. Ele ainda está lá, embora a Apple hoje em dia pareça ter pouca coisa para fazer e produzir. Ele é casado e tem cinco filhos. Mal Evans, o outro *roadie*, que sempre parecia tão relaxado e contente, comparado a Neil, que estava sempre tão nervoso, teve um fim trágico. Ele abandonou sua esposa e família e se mudou para os Estados Unidos, onde foi baleado em um incidente com a polícia de Los Angeles em 1976. O pai de Paul também morreu, assim como o pai de John, Fred, e a mãe de George, Louise. Ivan Vaughan, o garoto que apresentou Paul para John (veja o Capítulo 2), agora é um semi-inválido, que sofre de mal de Parkinson.

George Martin se tornou um produtor musical independente de sucesso, algo que ainda é, embora não tenha descoberto ninguém do nível dos Beatles. Seu comentário no fim da parte final original, alertando que as coisas poderiam ir mal com eles tomando conta sozinhos de seus negócios, foi, de certa forma, profético.

Cynthia Lennon se casou com um italiano depois de se divorciar de John. Esse casamento também acabou em divórcio. Assim como seu terceiro casamento. Ela agora tem um novo homem em sua vida e vive sossegada em Cumbria, perto de Penrith. Também voltou a se interessar por arte, algo que ela havia negligenciado desde seus dias na Escola de Artes com John. Aos 45 anos, com seu filho Julian começando a se estabelecer no mundo da música pop, ela está considerando várias novas carreiras, como estilista e apresentadora de televisão.

Pete Best saiu do estado depressivo em que ele estava quando o encontrei, em 1968, na casa de sua mãe. Ele encontrou um emprego respeitável, trabalhando na agência de empregos de Liverpool. Depois de 16 anos, ele está ganhando 8.500 libras por ano. Seu livro sobre seus dias com os Beatles finalmente foi lançado em 1985. Ele conseguiu até uma boa reportagem no *The Times*.

Depois de ter feito muito pouco durante uma década para comemorar ou reconhecer seus filhos famosos, Liverpool se juntou à vida neo-Beatles com estátuas, exposições, *tours*, e outras atrações interessantes para os turistas (ver Apêndice).

Uma briga profissional e legal ainda continua – a batalha de Paul para obter o controle da Northern Songs. Realmente parece injusto que os Beatles ainda não sejam donos de si mesmos. Quando Paul estava fazendo *Broad Street*, ele teve até que pedir permissão para gravar "Yesterday". É uma história muito longa (veja o Capítulo 20 para saber sua origem), que começou com a empresa de Dick James se tornando dona de 50% das músicas dos Beatles. Ela então foi vendida para o império ATV, de Lew Grade, e depois para a empresa australiana Holmes a'Court. Paul tentou comprá-la de volta uma vez por 10 milhões de libras, mas não conseguiu, e no momento em que isto está sendo escrito, foi noticiado que ele fez uma oferta de 20 milhões. A Northern Songs é dona dos direitos autorais de mais de duzentas composições Lennon-McCartney, praticamente o cânone completo dos Beatles. Você pode entender a atração.

Se você alguma vez se sentir tentado a invejar milionários, então perceba como eles também podem ser contrariados e colocados para baixo, assim como o resto de nós. Mesmo todos os seus milhões não podem sempre lhes dar o que eles querem. O dinheiro pelo menos uniu Paul e Yoko, depois de muitos anos de uma relação um pouco tensa. Yoko é tão inteligente nos negócios quanto Paul, se não for ainda mais. Juntos, tenho certeza de que eles vão conseguir o que querem no final.

E sobre o futuro criativo de Paul, George e Ringo? Parece haver pouca evidência de que eles irão se manter atualizados com os novos desenvolvimentos em literatura, arte, teatro ou até mesmo música popular. Mas, dito isso, nunca houve. Eles se orgulhavam de serem ignorantes, intocados, não influenciados. Eles forneciam seus próprios estímulos, os quatro provocando um ao outro, tirando de dentro de si mesmos o que estava lá. Se quiserem permanecer como artistas independentes, trabalhando por conta própria, de onde é que o estímulo virá? O que vai fornecer as centelhas?

Eles agora são homens de meia-idade, então por que devemos esperar isso deles? Ringo este ano tem 45 anos, Paul tem 43 e George, o bebê, 42. Eles têm os seus filhos ou seus jardins para contemplar, tempo para colocar os pés para cima e relaxar, embora, no caso de Paul, ele não tenha sido feito para relaxar. Linda também sabe disso. Ela é quem o puxa mais para dentro, para o seio da família, mas há uma parte de Paul que ainda gostaria de estar lá em cima, de ainda ser uma estrela, cantando junto com Stevie Wonder ou Michael Jackson, ou quem quer que seja a próxima sensação do ano, só para mostrar que ele ainda pode fazê-lo. Os holofotes ainda o atraem, embora seu amor pela vida em família seja verdadeiro.

Em retrospecto, quando penso nos últimos 15 anos, me surpreendo que ninguém tenha tomado o lugar dos Beatles. Algumas pessoas não vão concordar, mas, sete anos atrás, disseram

que os Osmonds estavam ganhando mais dinheiro. Agora dizem que é o Michael Jackson. Talvez, dólar por dólar, isso seja verdade. Em cinco anos, alguma outra sensação da música vai surpreender o mundo, vender mais discos, e será dito que ela é maior do que os Beatles.

Haverá também compositores que vão escrever músicas individuais que vão ganhar mais dinheiro. Andrew Lloyd Webber já está provavelmente no caminho de fazer isso. Haverá estrelas pop que irão capturar a imaginação do seu tempo, terão amplos efeitos sociais, criarão novas modas, novas atitudes. Enquanto escrevo isso, Boy George está tocando no rádio no quarto da minha filha mais nova. Ele certamente causou um impacto no chamado mundo civilizado. Será que estaremos impressionados com ele daqui a 15 ou até mesmo cinco anos?

Como uma entidade, com uma banda que conseguia compor, se apresentar e influenciar uma geração, é difícil pensar em algum rival nos últimos 15 anos. Com os Beatles, nós temos esses três elementos em uma banda, e vai ser difícil ganhar deles.

Mas isso não quer dizer que seja uma competição, que eles tenham que provar que eram melhores e mais bem-sucedidos do que qualquer outra pessoa. Eles eram. Eles fizeram. Eles foram. Então, vamos celebrar. Vamos esquecer aquela época da Apple, aquelas brigas e picuinhas patéticas, e, mais do que isso, vamos tentar superar a tragédia horrível da morte de John. Ele e os Beatles nos deixaram mais do que o suficiente para nos alegrar.

A intenção deste livro era, e ainda é, capturá-los no seu auge, para explicar como eles chegaram lá, em suas próprias palavras e nas palavras daqueles que estiveram com eles durante aquela época. O que eles fizeram juntos foi único. Por alguma misteriosa alquimia, seus diferentes talentos e personalidades se misturaram e se sobrepuseram, de modo que o resultado foi uma mistura muito mais delicada, forte e original do que a soma de suas partes. O que eles produziram como Beatles, durante seu tempo relativamente curto juntos, é o que eu ainda fico feliz em lembrar e pelo qual sou grato. Os Beatles já morreram há muito tempo. Vida longa aos Beatles.

Hunter Davies
Londres, 1985

Nota

* Protesto pacífico em que John e Yoko ficavam deitados em uma cama por dias. (*N. da T.*)

Apêndice A

***Memento Mori*: 2009**

Tantas pessoas que apareceram neste livro em 1968 morreram desde então – ou, no caso de Brian Epstein, durante o curso do próprio livro. Mais tarde, vieram as mortes de John Lennon, em 1980, e de George Harrison, em 2001.

Olhando para trás, acho que é difícil acreditar que Brian Epstein tinha apenas 33 anos quando morreu, em 1967. Quando o conheci, não percebia como ele era jovem – apenas dois anos mais velho que eu – porque ele parecia tão maduro, sofisticado, elegante, bem-sucedido, metropolitano. Eu me senti como um caipira provinciano desarrumado em comparação. Lembro-me de ir à sua casa em Chapel Street, em Belgravia, e admirar suas pinturas de LS Lowry, os primeiros quadros verdadeiros dele que já vi. Em seguida, ir à sua casa de campo em Sussex, que era ainda mais impressionante. Não sabia na época, nem os Beatles, sobre sua vida particular e seus problemas psicológicos (algo que tentei capturar no Capítulo 26).

John e George, e também Brian, tiveram suas vidas bem lembradas e gravadas, e continuarão a ter livros escritos sobre eles, mas achei que deveria esclarecer alguns fatos e lembranças pessoais sobre alguns dos outros personagens, grandes ou menores, que conheci há tantos anos, enquanto escrevia este livro, e que, infelizmente, não estão mais vivos.

NEIL ASPINALL (1942–2008)

Neil morreu em março de 2008, aos 65 anos. Ele foi uma figura recorrente no livro de 1968 como o gerente de produção original e amigo dos Beatles e, mais tarde, veio a ter uma influência ainda maior sobre suas vidas. Ele foi a única pessoa de importância na saga dos Beatles que nunca escreveu um livro sobre sua vida com eles.

(A outra pessoa com uma história para contar, embora fosse mais um capítulo, na verdade, uma fatia de sua vida, é Jane Asher, que, em certa época, foi noiva de Paul McCartney e esteve com ele quando alguns de seus melhores trabalhos foram escritos. Ela sempre se recusou a contar qualquer coisa.)

Neil Aspinall estava lá o tempo todo, desde o início, um amigo e parceiro constante, nunca deixando o círculo misterioso e mágico, tornando-se presidente da Apple Corps e cuidando de seus interesses comerciais. Um trabalho e tanto, quando você pensa em todos os dramas legais quando os Beatles se separaram mais tarde e nas diferenças pessoais entre Paul e Yoko durante uma certa época.

Neil nasceu em Prestatyn em 1942 e era do mesmo ano que Paul no Liverpool Institute, e um ano acima de George. Sua primeira lembrança de George era dele lhe pedindo um trago do seu cigarro atrás do bicicletário.

Ele tinha nove GCEs e chegou a estudar contabilidade. Foi sua amizade com Pete Best, então baterista dos Beatles, que fez com que ele retomasse o contato com Paul e George.

Neil estava morando na casa de Pete. A mãe de Pete, Mona, era dona do Casbah, o pequeno bar onde os Beatles tocaram no início de suas carreiras como os Quarrymen. Neil começou a trabalhar para eles como *roadie* em 1961, os levando para shows locais em uma van velha por cinco xelins por pessoa por show – uma libra por noite.

Um dos eventos mais dramáticos da história do início dos Beatles, bem conhecido por todos os verdadeiros fãs, ocorreu em 1962, quando Pete Best foi demitido e Ringo assumiu seu lugar. Houve manifestações em Merseyside, fãs fazendo campanha por Pete, que era considerado o Beatle mais bonito. Os Beatles não fizeram o trabalho sujo eles mesmos, deixando para Brian Epstein, seu empresário, a tarefa de informar Pete. Pete então acabou cortando pão por algumas libras por semana, enquanto os Beatles vieram a ser a banda mais famosa do mundo.

O que nunca foi noticiado na época da demissão de Pete Best foi que Neil, amigo dos Beatles e de Pete Best, estava tendo um caso com Mona, a mãe de Pete. Eles inclusive tiveram um filho, que nasceu naquele mesmo ano. Neil, com apenas 19 anos, ficou no meio de um turbilhão emocional terrível, com Pete tendo sido demitido por seus novos melhores amigos, e Mona, sua amante, furiosa com a forma como seu filho fora tratado.

John me contou essa fofoca rindo, em 1967, quando eu estava escrevendo o livro, mas disse para eu não repeti-la. Assim, a relação de Neil com Mona não é citada no livro, apesar de ter sido um elemento vital em todo o drama com Pete Best. Na época, eu não acreditava muito em

John, de qualquer forma, assim como não tinha certeza sobre a sua história de que ele teve um caso de uma noite com Brian Epstein.

Mais recentemente, a relação de Neil com Mona tornou-se conhecida por muitas pessoas – e ele manteve contato com seu filho Roag, apesar de, mais tarde, ter se casado e tido outros filhos.

Nesse mesmo ano de 1962, Neil desistiu de estudar contabilidade e se juntou aos Beatles em tempo integral, uma coisa muito corajosa de se fazer quando ninguém sabia onde os Beatles iriam chegar. Mais tarde, quando eles começaram a fazes shows por toda a Inglaterra, a ele se juntou um outro *roadie*, Mal Evans.

Neil estava com eles durante todos os seus anos de fama, turnês e shows. Ele escutava gritos, recebia ordens para conseguir coisas impossíveis e organizar coisas ridículas, como alugar um avião naquela vez que Paul e Linda decidiram no calor do momento vir me visitar em Portugal.

Mas Neil era mais do que um *roadie* e assistente, ele era um amigo e confidente, ele ajudava com as letras das músicas quando os rapazes ficavam sem ideias e com as relações pessoais, quando eles queriam ficar livres.

Sua formação em contabilidade provou ser inestimável durante as décadas em que ele administrou a Apple, já que, é claro, nenhum dos Beatles sabia muito sobre dinheiro. Com o passar dos anos, ele planejou muitos dos assuntos profissionais da banda e os catálogos de suas músicas, lidando com algumas empresas internacionais poderosas, que eram capazes de contratar os melhores contadores e advogados. Em geral, Neil ganhou a maioria das batalhas, ajudando o grupo a fazer mais milhões. Ele também tinha uma veia criativa, atuando como produtor do filme *Let It Be* e organizando a *The Beatles Anthology*.

Neil era totalmente confiável: ele sabia de todos os esqueletos nos armários que eles tinham, era leal e fiel aos Beatles e ainda assim não era de todo tiete. Ele estava muito ciente de suas fraquezas, ganância, estupidez e irracionalidade, e prontamente falava mal deles e reclamava sobre seu mais recente comportamento ultrajante. Muitas vezes eu pensava, almoçando com ele ao longo dos anos, que na verdade ele não era realmente fã dos Beatles. Aquilo foi apenas algo em que ele acabou se prendendo. Mas era claro que ele fazia parte da família, parte deles para sempre. Assim, mesmo que reclamasse, como todos os membros da família fazem, nunca traiu seus segredos.

Ele era bem pago, é claro, por isso nunca precisava fazer fofoca. Quando eu o pressionava para me contar histórias dos bastidores ou dar sua opinião sobre os eventos em que nós dois tínhamos estado presentes, ele costumava dizer que não se lembrava de nada. Que é o mesmo que Mick Jagger sempre fala. No caso de Neil, era possivelmente porque ele não estava realmente muito interessado nos aspectos pessoais. Sua mente não funcionava dessa maneira. Ele tinha uma visão seca, austera, um tanto resignada e cínica da maioria das pessoas, estando

sempre mais interessado em fatos e números do que em intrigas. Então, talvez ele não pudesse ter escrito um livro revelador, afinal. Ele estava lá, sem dúvida, mas de alguma forma flutuou acima de tudo. Os Beatles tiveram muita sorte de tê-lo.

MAL EVANS (1935–1975)

Mal Evans se juntou aos Beatles em 1963 como *roadie* assistente, ajudando com a carga de trabalho cada vez mais pesada de Neil – carregando equipamentos cada vez maiores e numerosos, e logo indo viajar com a banda pelo mundo todo.

Ele trabalhou para os correios como engenheiro quando saiu da escola e, em seguida, tornou-se segurança do Cavern. Ele era grande (1,87 m) e corpulento, enquanto Neil era magro e esbelto. Neil sempre pareceu alguém que se preocupa demais, um tanto neurótico e talvez um pouco ressentido quando era colocado para fazer tarefas humilhantes, muito abaixo de seu intelecto. Mal, no entanto, parecia perfeitamente contente, um gigante afável, apenas feliz de estar com os meninos e trabalhando, fazendo tudo o que era exigido dele, de manter as fãs longe – de vez em quando deixando que as mais bonitas tivessem acesso aos bastidores, é claro – a trazer xícaras de chá e sair para comprar cigarros.

Posso vê-lo agora, chegando aos estúdios de Abbey Road numa noite com sacolas de meias e camisas, todas em seus pacotes, novinhas em folha. Um dos meninos falou para ele comprar algumas roupas novas, então os outros pediram para ele comprar para eles também e, por isso, ele tinha praticamente esvaziado a loja, comprando tudo que estava à vista. Os garotos subiram em cima dele, lutando para pegar a melhor camisa.

Ele estava sempre à disposição para tocar instrumentos ocasionais, batucando em um pandeiro em "Dear Prudence", batendo em uma bigorna em "Maxwell's Silver Hammer", e fez breves aparições em alguns de seus filmes, como *Help!*, em que podia ser visto fugazmente como um nadador de longa distância.

Os meninos experimentavam suas novas letras em Mal, o homem do povo, para ver o que ele achava delas, se ele as entendia, e também lhe pediam sugestões. Foi supostamente Mal que sugeriu o nome Sergeant Pepper primeiro. Tais contribuições têm que ser colocadas em contexto. Outras pessoas, como Pete Shotton, reivindicaram várias palavras e frases de letras dos Beatles, mas John e Paul, como muitas pessoas criativas, perguntavam a opinião de qualquer pessoa que estivesse por perto. Muitas vezes eles estavam apenas testando ideias que já haviam tido, algumas das quais foram usadas, outras descartadas.

Mal foi constantemente zombado porque todos sabiam que seu verdadeiro amor, seu primeiro ídolo no mundo do pop, não eram os Beatles, mas Elvis. Foi o melhor momento de sua vida quando ele conheceu Elvis, através do trabalho com os Beatles. Ele era um grande colecionador de discos e memorabilia de Elvis.

Quando os Beatles pararam de tocar, ele trabalhou para a Apple por um tempo, produzindo algumas coisas através do selo da empresa, notavelmente uma banda chamada Badfinger. Depois, se mudou para os Estados Unidos, tendo se afastado de sua esposa e seus dois filhos.

Ele estava, pelo que parece, à procura de um novo trabalho, não tendo sido capaz de se ajustar à vida atrás de uma mesa como Neil. Ele supostamente estava escrevendo um livro de memórias, e havia guardado algumas peças de memorabilia pessoais valiosas dos Beatles, quando foi morto em um tiroteio bizarro em Los Angeles, em 1975.

Ele havia, aparentemente, se trancado em um quarto com uma arma, em uma espécie de depressão, ou talvez induzido por drogas, e ameaçado se suicidar. A polícia foi chamada, tiros foram disparados, Mal morreu instantaneamente. Ele tinha 40 anos, a mesma idade de John quando foi morto a tiros.

DEREK TAYLOR (1934–1997)

Derek foi a mais divertida, mais simpática, mais urbana e, possivelmente, a mais talentosa de todas as pessoas que trabalharam próximas aos Beatles ao longo dos anos. Ele tinha o mesmo tipo de senso de humor e de ridículo deles, e a mesma habilidade escatológica que John tinha com as palavras.

Ele nasceu em Liverpool, trabalhou em jornais locais e, em seguida, mudou-se para Manchester, em 1962, como escritor de entretenimento da região norte para o *Daily Express*, com sede em Manchester. Na época, era um trabalho muito influente no que era ainda um grande jornal. Ele cobriu um dos primeiros shows dos Beatles em Manchester, em maio de 1963, e achou que eles eram incríveis e originais. Ele disse isso em sua coluna e começou a escrever sobre eles regularmente, sendo por um tempo o escritor-fantasma de uma coluna do *Daily Express* supostamente escrita por George.

Ele foi convidado por Brian a ser o escritor-fantasma de suas memórias, *A Cellarful of Noise*, que foi publicado em 1964. Ele tornou-se assistente pessoal de Brian e saiu em turnê com os Beatles ao redor do mundo. Isso durou até que ele e Brian tiveram uma discussão, supostamente porque, certa noite, depois de um compromisso social, Derek foi embora em

uma limusine elegante que Brian dizia ter sido pedida por ele. Brian ficou sem ter como ir embora.

Derek morou nos Estados Unidos por alguns anos, de 1965 a 1968, e trabalhou como assessor de imprensa para as principais bandas americanas. Foi por isso que, quando estava escrevendo a biografia, não tive muito contato com ele, já que ele raramente estava no Reino Unido.

Mas, por acaso, já o havia conhecido antes de ele começar a trabalhar para os Beatles. Em 1963, ele e eu fomos convidados do Galway Oyster Festival, na Irlanda, pois os organizadores estavam tentando obter publicidade no Reino Unido. Derek estava representando o *Daily Express* e eu era do *The Sunday Times*. Na época, assim como agora, jovens jornalistas estão sempre interessados em cobrir qualquer coisa que possa vir a ser uma boca-livre.

Achei que Derek era uma das pessoas mais espirituosas que já havia conhecido e não foi só por causa da influência da Guinness. Nós nos tornamos amigos a partir de então – embora ele tenha pregado uma peça horrível em mim e na minha esposa. Ela estava comigo naquele fim de semana, grávida de nosso primeiro filho, algo que Derek percebeu, embora ela estivesse grávida de apenas três meses.

Juntamente com vários outros jornalistas, Derek nos convidou para uma festa de despedida em seu quarto. Ele não estava lá quando chegamos, mas havia um bilhete dizendo que era para pegarmos o que quiséssemos do seu minibar até que ele voltasse. Nós o esvaziamos enquanto esperávamos por ele, mas ele nunca apareceu. Ele havia feito *check-out* bem cedo naquela manhã, sem dizer para ninguém e pagando sua conta. Nós tivemos que pagar a conta enorme dos extras.

Quando a Apple foi formada, Derek voltou para a Inglaterra com sua esposa e família, e tornou-se assessor de imprensa dos Beatles, se divertindo imensamente: uma voz sensata, espirituosa e autocrítica no meio da loucura e da falsidade de grande parte do regime Apple.

Fui buscá-lo um dia em Savile Row, antes de sair com ele para almoçar. Em seu escritório, ele anunciou que era seu aniversário, então eu tinha que comer um pedaço de seu bolo especial de aniversário. Uma jovem elegante com uma voz estridente entrou na sala com um bolo de gengibre, ainda fumegante, aparentemente assado lá mesmo. Derek cortou uma fatia para mim, estava delicioso, então comi outra.

Durante o almoço, praticamente tive um troço, primeiro rindo sem parar e, depois, quando minha cabeça começou a girar. Não tinha percebido que era um bolo de haxixe, não estando acostumado com esse tipo de coisa e sem nunca ter usado drogas conscientemente antes. Sim, uma confissão um tanto patética para alguém que viveu durante os anos 1960.

Derek voltou para os Estados Unidos, depois retornou nos anos 1990 para trabalhar com os Beatles, notavelmente no lançamento de *Anthology*.

Ao longo dos anos, ele escreveu três livros de memórias relacionados aos Beatles e também ajudou George com seu livro, *I, Me, Mine.* Derek deveria ter feito mais, já que tinha habilidades literárias e grande estilo, mas nunca chegou a escrever um grande livro ou romance, algo sobre o que ele sempre falava. Suas cartas, no entanto, são apreciadas por todos para quem ele as escreveu. Ele estava mais preocupado em se divertir e curtir a vida, sua família e seus amigos, do que em trabalhar arduamente em livros. Ele e sua esposa Joan tiveram seis filhos. Ele morreu de câncer em setembro de 1997, aos 63 anos.

MIMI SMITH (1903–1992)

Mimi, tia de John, continuou a morar em seu bangalô em Sandbanks, em Poole, até o fim de sua vida. A medalha de MBE de John, que ela tinha em cima da TV quando fui visitá-la, mais tarde foi devolvida a John, a pedido dele, pois ele queria enviá-la de volta ao palácio de Buckingham como forma de protesto. Ela também o devolveu seus cadernos e desenhos de quando era criança, que ela guardara cuidadosamente todos aqueles anos.

Três dias antes da morte de John, em 1980, ele ligou para Mimi dizendo que estava com saudades de casa e estava planejando uma viagem para a Inglaterra.

Mimi morreu em dezembro de 1992, em sua casa, aos 89 anos. Cynthia e Yoko compareceram a seu enterro.

FREDDIE LENNON (1912–1976)

O pai de John, que eu consegui rastrear pouco antes de o livro original ser publicado (ver Introdução) de fato se casou com sua nova namorada, Pauline Jones, uma estudante que conheceu quando ela tinha 18 anos e ele 54. O casamento aconteceu em Gretna Green, já que, por algum motivo, a família dela não gostava muito dele. Eles acabaram tendo dois filhos, David e Robin, que consequentemente são meios-irmãos de John, embora nunca o tenham conhecido.

Freddie morreu em Brighton, em 1º de abril de 1976, de câncer de estômago. Enquanto ele esteve doente, John mandou flores para ele, mesmo morando nos Estados Unidos. Depois da

morte de Freddie, John se ofereceu para pagar pelo enterro, mas Pauline recusou a oferta. Pauline se casou de novo.

Freddie era interessante e divertido, embora não fosse exatamente o marido ou o pai mais confiável. Ele era um bicho-carpinteiro que, depois de deixar o mar, nunca teve um emprego fixo, trabalhando apenas em cozinhas de hotel. Será que John teria acabado como seu pai se não tivesse se tornado um Beatle? Foi isso que John disse uma vez, mas certamente sua formação na Escola de Artes, tal como foi, teria lhe assegurado algum tipo de trabalho permanente. Ou talvez não.

JIM McCARTNEY (1902–1976)

O pai de Paul se mudou de sua casa em Wirral, onde o visitei, para um bangalô próximo. Durante os últimos anos de sua vida, ele sofreu de artrite grave. Ele morreu em 1976, aos 73 anos.

Jim era um cavalheiro por natureza, sempre bem-vestido, charmoso e afável. Sempre vou me lembrar da noite em que o disco de "When I'm Sixty-Four", escrita por Paul, chegou e eu por acaso estava hospedado com Jim e sua nova esposa, Angie. Eles tocaram a música repetidamente a noite toda.

LOUISE HARRISON (1911–1970)

A mãe de George era uma fã dos Beatles – sempre apoiando George e os Beatles em sua música, ao contrário de Mimi. No auge da Beatlemania, ela frequentemente se encarregava de responder a 2 mil cartas de fãs por mês. Quando a conheci, junto com seu marido Harold, em 1967, eles haviam se mudado para seu novo bangalô luxuoso perto de Warrington. Infelizmente, ela morreu apenas alguns anos mais tarde, em 1970, de câncer.

HAROLD HARRISON (1909–1978)

O pai de George continuou a morar no bangalô depois que sua esposa morreu, mas passou bastante tempo hospedado com George em sua casa, em Friar Park, perto de Henley. Em 1974, ele acompanhou George em sua turnê *Dark Horse*. Ele morreu em sua casa, em 1978, de enfisema.

ELSIE GRAVES (1914–1987)

O casamento da mãe de Ringo com o pai dele, Ritchie, acabou quando Ringo tinha cerca de 3 anos. Ela mais tarde se casou com Harry Graves. Ringo se dava muito bem com seu padrasto e foi ele quem comprou para Ringo sua primeira bateria. Elsie morreu em 1987. Harry morreu em 1994.

LINDA McCARTNEY (1941–1998)

A primeira esposa de Paul, com quem ele se casou em 1969, morreu em 1998, depois de sofrer com um câncer de mama por três anos. O casamento deles foi longo e feliz, apesar do que algumas pessoas acharam quando ela apareceu pela primeira vez nos braços de Paul (isto é: eu, quando a conheci no Algarve, em 1968, e pensei que ela seria simplesmente uma chama passageira). Ela acabou sendo talentosa e bem-sucedida em vários campos – fotógrafa, ativista dos direitos dos animais, empresária.

Talvez não seja de se surpreender que as duas filhas de Paul e Linda também tenham se tornado bem-sucedidas por mérito próprio. Mary (nascida em 1969) como fotógrafa, e Stella (nascida em 1971) como estilista de moda de renome internacional. O filho mais novo de Paul e Linda, James (nascido em 1977), manteve-se longe dos holofotes em seus primeiros anos, mas depois apareceu como músico, tocando guitarra e bateria. Ainda temos que esperar para ver como ele se desenvolverá musicalmente.

Os outros filhos dos Beatles – de John, George e Ringo – tentaram seguir os passos de seus pais, então claramente há alguns genes hereditários funcionando, assim como influências do meio em que cresceram. Afinal, o próprio pai de Paul, Jim, era um bom músico e Freddie, pai de John, sustentava que também era. Até agora, ninguém da próxima geração alcançou o sucesso de seus pais, mas como poderiam?

MAUREEN STARKEY (1946–1994)

Mulher de Ringo, com quem ele se casou em 1965 e teve três filhos. Eles se divorciaram em 1975. Apesar de seu breve caso amoroso com George, como descrito por Pattie Boyd em seu livro recente, Maureen e Ringo continuaram amigos e ele a sustentou financeiramente. Depois de seu divórcio, segundo Cynthia Lennon (em sua segunda autobiografia), Maureen ficou tão deprimida que bateu de moto contra um muro de tijolos deliberadamente, precisando de cirurgia plástica.

Maureen se casou com Isaac Tigrett em 1989 e teve outro filho, uma menina. Ela morreu de leucemia em Seattle, em Washington, em 1994, aos 48 anos. Ringo estava ao seu lado quando ela faleceu.

MONA BEST (1924–1988)

Mãe de Pete Best, e conhecida como Mo, ela teve um papel muito influente no início da carreira dos Quarrymen, quando a banda tocou no Casbah, o bar para adolescentes que ela havia criado no porão de sua grande casa vitoriana em Hayman's Green. Segundo a lenda da família, ela ganhou o dinheiro para comprar a casa apostando em Lester Piggott quando ele ganhou o Derby montando o cavalo Never Say Die.

Mo nasceu na Índia em uma família militar britânica. Ela se casou com um oficial inglês e voltou com ele para a Inglaterra. Ela deu o nome para o bar de Casbah e o decorou num estilo vagamente oriental para lembrá-la de sua infância na Índia.

Eu me lembro dela como uma mulher pequena, de cabelos escuros, voluptuosa, de personalidade muito forte e determinada. Posso imaginar Neil Aspinall ainda adolescente, quando estava alugando um quarto em sua casa, apaixonado por ela, mesmo ela sendo 19 anos mais velha do que ele.

Ela nunca perdoou os Beatles ou Brian Epstein por terem demitido seu filho, mas, em 1967, quando John perguntou a ela se ele poderia pegar emprestadas algumas das medalhas militares indianas de seu pai para usar na capa do *Sergeant Pepper*, ela prontamente concordou. Ela morreu em 1988, depois de uma longa doença. Sua casa é agora um patrimônio protegido.

BOB WOOLER (1926–2002)

Bob foi mestre de cerimônias do Cavern Club por sete anos, durante os quais ele apresentou os Beatles muitas vezes. Ele ajudou Brian Epstein a conhecer os Beatles e mais tarde casou com a secretária de Epstein, mas o casamento não durou muito. Ele tinha uma voz surpreendentemente grave, porém suave, considerando que era de Liverpool, e era inseguro por causa de sua idade – normalmente baixando dez anos dela para não parecer muito mais velho do que as bandas de Mersey com quem estava trabalhando –, mas ele era gentil, afável e útil. Ele nunca escreveu um livro de memórias, embora tivesse prometido fazê-lo. Ele trabalhou nos últimos anos como especialista e palestrante sobre os Beatles. Ele morreu em 2002, aos 76 anos.

CLIVE EPSTEIN (1936–1988)

Irmão mais novo de Brian, que assumiu a presidência da NEMS Enterprises depois da morte de Brian, em 1967, assumindo com isso a responsabilidade pelos Beatles e por muitas outras bandas e negócios. Até então, ele tomava conta do negócio de móveis e eletrodomésticos da família, em Liverpool. Então se viu tendo que lidar com o drama da Apple e de Allen Klein.

Ele morreu, em 1988, aos 51 anos, de um ataque cardíaco durante umas férias que havia tirado para esquiar com sua esposa.

Queenie Epstein, nascida em 1914, era a mãe de Brian e Clive. Tive que lidar com ela quando Brian morreu e, em teoria, ela herdou o contrato do meu livro. Ela insistia que Brian não era gay e que nenhuma menção devia ser feita a respeito de incidentes que aconteceram em Liverpool na juventude de Brian. Ela morreu em 1996, sobrevivendo ambos os seus filhos.

DICK JAMES (1920–1986)

Editor das músicas dos Beatles, através da empresa Northern Songs, em que ele, Brian Epstein e os Beatles tinham ações. Os Beatles tinham uma participação minoritária e, quando a empresa foi vendida por James (e depois revendida novamente), eles nunca conseguiram colocar suas

mãos no domínio de suas próprias canções. Atualmente, as músicas estão nas mãos da Sony e de Michael Jackson. Até hoje, isso deixa Paul muito aborrecido.

Dick James havia sido um cantor de baladas razoavelmente ruins antes de entrar para a editoração musical. Durante décadas, esse havia sido o sistema se imprimir e vender partituras de músicas populares, e as editoras, portanto, tinham um grande poder. Os Beatles não se ressentiam disso no início, mas depois passaram a se ressentir.

No entanto, eles pareciam gostar bastante de Dick como pessoa, provocando-o e zombando dele sempre que ele aparecia em Abbey Road. Quando ele chegava, eles costumavam cantar com uma voz boba: "*Robin Hood, Robin Hood, riding through the glen* [Robin Hood, Robin Hood, galopando pelo vale]", trecho de uma música que tinha sido um sucesso de Dick na década de 1950. Ele sabia que tinha tido muita sorte de ter se dado tão bem com os Beatles – e acabou se tornando um multimilionário, editando músicas para Elton John e outros. Ele morreu em 1986, aos 65 anos.

MAHARISHI (1917–2008)

Maharishi Mahesh Yogi se tornou conselheiro espiritual dos Beatles em 1967 e 1968, e por um tempo teve alguma influência sobre eles e sua música. Muitas outras celebridades *hippies* dos anos 1960 foram atraídas por sua mensagem de paz e amor aliada à meditação.

Em seu encontro, em 1967, em Bangor, ele deu a cada um dos Beatles, segundo eles me contaram, uma palavra ou som secreto especial, que eles tinham que repetir enquanto estivessem meditando para alcançar paz e tranquilidade, e que talvez pudesse levá-los à levitação, mas eles não conseguiram chegar a tanto. Os Beatles foram para a Índia por três meses para um estudo mais aprofundado sob a tutela do Maharishi. Ringo voltou mais cedo, não tendo gostado da comida.

John mais tarde repudiou o Maharishi, sugerindo que ele estava muito interessado em dinheiro e em algumas das meninas mais bonitas da comitiva. John zombou dele na letra de uma música: "*Sexy Sadie... you made a fool of everyone* [você fez todo mundo de bobo]".

No entanto, a atenção dada ao Maharishi por causa dos Beatles quase não diminuiu quando eles perderam a fé e o interesse nele. Ele estabeleceu uma filosofia mundial e um sistema de meditação transcendental (MT) com escolas, faculdades e milhares de seguidores, muito tempo depois de a conexão com os Beatles ter sido esquecida. George manteve seu interesse em espiritualismo indiano e meditou até o fim de sua vida. O Maharishi morreu em 2008, aos 91 anos.

OS QUARRYMEN (1956–1959)

A maioria dos Quarrymen ainda está muito viva, mas eles morreram, em um certo sentido, quando o nome do grupo foi alterado e os Beatles foram criados. Quando os Beatles entraram para a história, os outros integrantes originais do Quarrymen haviam deixado a cena há muito tempo e se tornado meras notas de rodapé. Então, eles desaparecem da nossa história após os primeiros capítulos.

Mas o que aconteceu com eles depois? O que cada um deles fez com o resto de suas vidas?

Pete Shotton (nascido em 1941) foi o melhor amigo de John na escola secundária, igualmente problemático: não fazia nenhum trabalho e ficava de palhaçada. Apesar de Pete não ter interesse em música, John o convenceu a se juntar a seu pequeno grupo de *skiffle*, os Quarrymen, quando o criou em algum momento de 1956. Pete recebeu uma tábua de lavar para esfregar, só para estar na banda, por ser amigo de John.

Rod Davis, nascido em 1941, também estava na Quarry Bank High School, mas, na verdade, sabia tocar um instrumento, o banjo. Ele também era inteligente e mais tarde foi representante de turma, e é o único dos Quarrymen originais que foi para a universidade – Trinity College, em Cambridge.

Eric Griffiths, nascido 1940, também estudava na Quarry Bank, e ele e John aprenderam a tocar violão juntos. Ou tentaram.

Len Garry, nascido em 1942, estudava no Liverpool Institute (a escola de Paul) e passou a integrar a banda depois que a pessoa do baixo improvisado nunca apareceu para os ensaios.

Colin Hanton, nascido em 1938 (e, portanto, um pouco mais velho), foi o único que não estudou em nenhuma das duas escolas. Ele já tinha começado a trabalhar como aprendiz de estofador, mas foi convencido a participar dos Quarrymen quando eles estavam desesperados por um baterista.

Esses cinco, além de John, estavam tocando em Woolton Parish Church naquele dia, 6 de julho de 1957, quando John conheceu Paul. Paul se juntou ao grupo, e em seguida George. Em meados de 1957, época em que eles já tinham produzido seu primeiro disco amador, todos esses cinco integrantes originais haviam deixado a banda e seguido seus próprios caminhos separados.

Pete – surpreendentemente, considerando seu comportamento e histórico escolar ruim – tornou-se um cadete de polícia. Ao contrário dos outros, ele manteve contato com John.

Em 1967, enquanto estava escrevendo o livro, encontrei Pete, anotei suas memórias, e estava lá quando John arranjou de lhe dar 20 mil libras para comprar uma loja. Pete parecia um cara divertido e afável, mas não achava que ele seria bem-sucedido com a loja, ou com qualquer coisa, na verdade. Disse para John que era um desperdício de dinheiro, que ele nunca

recuperaria o investimento. John disse que não se importava com isso, que Pete teria feito o mesmo por ele, se os papéis fossem inversos e Pete fosse o rico da situação.

Nunca soube o que aconteceu com a loja de Pete, ou o que aconteceu com qualquer um dos outros Quarrymen, até 1998, quando fui para Cuba trabalhar em um livro sobre o Caribe. Por acaso, cheguei no meio da Terceira Conferência Internacional dos Beatles. De algum jeito, perdi completamente as primeiras duas.

No avião havia conhecido Pete Nash, um famoso especialista em Beatles, que me convenceu a dar uma palestra. No programa, estava anunciado que os Quarrymen iriam se apresentar. Achei que devia ser um grupo de sósias cubano – mas não, eram os cinco Quarrymen originais, agora homens de meia-idade, como eu, quase completando 60 anos.

Em 1997, sem terem se encontrado por quarenta anos, eles foram convidados para o aniversário de quarenta anos do Cavern. Eles subiram ao palco, mas apenas fingiram tocar, já que haviam bebido demais. Eles gostaram tanto daquilo que depois decidiram pegar seus velhos instrumentos e ver se ainda conseguiam tocar juntos. Eles se juntaram novamente, e desde então estavam viajando pelo mundo e tocando em eventos sobre os Beatles – mas apenas em meio período, em paralelo a seus empregos e vidas. Todos tinham se casado e tido filhos.

Para minha surpresa, Pete tinha se tornado um multimilionário. Aquela primeira loja, um pequeno supermercado, havia sido um sucesso, e ele devolveu a John o dinheiro investido. Mais tarde, abriu uma cadeia de restaurantes de carne, Fatty Arbuckle, que recentemente foi vendida por uma grande quantia. Ele agora morava em Dublin e estava, apenas por prazer, investindo em imóveis, viajando pelo mundo e desfrutando a vida.

Ele tinha mantido contato com John e trabalhado para ele por um tempo no fim dos anos 1960, pré-Yoko, como seu assistente pessoal, e depois na Apple. Ele voltou a se concentrar em seus próprios negócios quando John se mudou para os EUA com Yoko.

Enquanto isso, Rod se formou em Cambridge, ficou um tempo desempregado e depois teve algumas aventuras, antes de se tornar um professor de turismo.

Depois de deixar a escola, Eric foi oficial da Marinha Mercante por oito anos, em seguida teve diversos empregos até se tornar funcionário público. Ele chegou a ser chefe de Planejamento e Produção para o Serviço Prisional Escocês, com sede em Edimburgo. Ele, então, se aposentou do serviço público e teve sua própria pequena cadeia de lojas de lavagem a seco.

Len tinha emigrado para a Nova Zelândia e depois voltado para Liverpool, trabalhando como profissional de saúde. Colin, o baterista, permaneceu o tempo todo em Liverpool, ainda trabalhando como estofador.

Fiquei tão fascinado por suas histórias quando os encontrei em Cuba (e, também, é claro, pelo conhecimento em primeira mão de Pete sobre John, dos 6 anos de idade até o fim de sua vida) que escrevi um livro sobre os Quarrymen, passado e presente, publicado em 2001.

De lá para cá, Eric Griffiths morreu (em Edimburgo, em 2005) deixando uma esposa, Relda, e três filhos. Pete Shotton, por sua vez, se aposentou de tocar com os Quarrymen atuais.

Na última vez que encontrei com Pete, em 2007, quando ele me visitou em Londres, ele parecia estar morando a maior parte do tempo em Chipre. Ele havia feito contato de novo com John, segundo dizia, através de uma médium americana. Isso não soava como Pete, que sempre pareceu um cético sem paciência para bobagens, mas ele jurou que John estava agora se comunicando com ele, conversando sobre os velhos tempos, e eles estavam fazendo música juntos.

No entanto, os outros três ainda estavam fazendo shows dos Quarrymen Originais em 2009, tocando música *skiffle* velha em eventos dos Beatles por todo o mundo, e tinham produzido vários CDs de sucesso. John Duff, que também tinha sido um dos primeiros integrantes dos Quarrymen – ele havia tocado piano naquele primeiro disco amador –, tinha então se juntado a eles. Durante todos aqueles anos seguintes, antes de encontrá-los de novo, Duff (como ele sempre foi chamado) tinha se estabelecido em Bristol e se tornado consultor financeiro.

Vamos torcer para que os Quarrymen continuem por mais alguns anos. Depois de um hiato de quatro décadas, eles finalmente chegaram lá, fazendo turnês mundiais e gravando discos, assim como os Beatles.

Eles até atraem tietes. “O problema é que todas elas têm uns 60 anos, mas na nossa idade não podemos ser exigentes...”, Pete me disse em Cuba.

Apêndice B

Discografia dos discos originais dos Beatles
Todas as composições são de Lennon e McCartney, exceto quando indicado de outra forma.

Alemanha, 1961
Como a banda de apoio para o cantor Tony Sheridan, eles gravaram oito músicas. Apenas uma era uma composição original, uma música instrumental chamada "Cry For A Shadow", escrita por Lennon e Harrison. Em uma outra, "Ain't She Sweet", John Lennon foi o cantor principal. Nas outras seis eles eram simplesmente a banda de apoio: "My Bonnie", "The Saints", "Sweet Georgia Brown", "Take Out Some Insurance On Me, Baby", "Why", "Nobody's Child".

Discos singles dos Beatles lançados pela Parlophone Records na Inglaterra

1962	*Out*	Love Me Do/PS I Love You
1963	*Jan*	Please Please Me/Ask Me Why
	Abr	From Me To You/Thank You Girl
	Ago	She Loves You/I'll Get You
	Nov	I Want To Hold Your Hand/This Boy
1964	*Mar*	Can't Buy Me Love/You Can't Do Th at

	Jul	A Hard Day's Night/Things We Said Today
	Nov	I Feel Fine/She's A Woman
1965	*Abr*	Ticket To Ride/Yes It Is
	Jul	Help!/I'm Down
	Dez	Day Tripper/We Can Work It Out
1966	*Jun*	Paperback Writer/Rain
	Ago	Yellow Submarine/Eleanor Rigby
1967	*Jan*	Penny Lane/Strawberry Fields Forever
	Jul	All You Need Is Love/Baby, You're a Rich Man
	Nov	Hello, Goodbye/I Am The Walrus
1968	*Mar*	Lady Madonna/The Inner Light (Harrison)

Discos singles lançados pela Apple Records

1968	*Ago*	Hey Jude/Revolution
1969	*Abr*	Get Back/Don't Let Me Down
	Mai	Th e Ballad of John and Yoko/Old Brown Shoe (Harrison)
	Out	Something (Harrison)/Come Together
1970	*Mar*	Let It Be/You Know My Name

LPs lançados pela Parlophone, Inglaterra

1963 *Mai* *PLEASE PLEASE ME*

I Saw Her Standing There; Misery; Ask Me Why; Please Please Me;
Love Me Do; PS I Love You; Do You Want to Know A Secret; There's A Place
Músicas não compostas pelos Beatles:
Anna; Chains; Boys; Baby It's You; A Taste of Honey; Twist and Shout

Dez *WITH THE BEATLES*

It Won't Be Long; All I've Got To Do; All My Loving; Don't Bother Me (Harrison); Little Child; Hold Me Tight; I Wanna Be Your Man; Not A Second Time
Músicas não compostas pelos Beatles:
Till There Was You; Please Mister Postman; Roll Over Beethoven; You Really Got A Hold On Me; Devil In Her Heart; Money

1964 *Jul* *A HARD DAY'S NIGHT*

A Hard Day's Night; I Should Have Known Better; If I Fell; I'm Happy Just To Dance With You; And I Love Her; Tell Me Why; Can't Buy Me Love; Any Time At All; I'll Cry Instead; Things We Said Today; When I Get Home; You Can't Do That; I'll Be Back

Dez *BEATLES FOR SALE*

No Reply; I'm A Loser; Baby's In Black; I'll Follow The Sun; Eight Days A Week; Every Little Thing; I Don't

Want To Spoil The Party; What You're Doing
Músicas não compostas pelos Beatles:
Rock And Roll Music; Mr Moonlight; Kansas City; Words Of Love; Honey Don't; Everybody's Trying To Be My Baby

1965 *Ago* *HELP!*
Help!; The Night Before; You've Got To Hide Your Love Away; I Need You (Harrison); Another Girl; You're Going To Lose That Girl; Ticket To Ride; It's Only Love; You Like Me Too Much (Harrison); Tell Me What You See; I've Just Seen A Face; Yesterday
Músicas não compostas pelos Beatles:
Act Naturally; Dizzy Miss Lizzy

Dez *RUBBER SOUL*
Drive My Car; Norwegian Wood; You Won't See Me; Nowhere Man; Think For Yourself (Harrison); The Word; Michelle; What Goes On (Lennon, McCartney e Starkey); Girl; I'm Looking Through You; In My Life; Wait; If I Needed Someone (Harrison); Run For Your Life

1966 *Set* *REVOLVER*
Taxman (Harrison); Eleanor Rigby; I'm Only Sleeping; Love You To (Harrison); Here, There And Everywhere; Yellow Submarine; She Said She Said; Good Day Sunshine; And Your Bird Can Sing; For No One; Dr

Robert; I Want To Tell You (Harrison); Got To Get You Into My Life; Tomorrow Never Knows

1967 *Jun* *SERGEANT PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND*
Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band; With A Little Help From My Friends; Lucy In The Sky With Diamonds; Getting Better; Fixing A Hole; She's Leaving Home; Being For The Benefit Of Mr Kite; Within You, Without You (Harrison); When I'm Sixty-Four; Lovely Rita; Good Morning, Good Morning; A Day In The Life

LPs lançados pela Apple Records

1968 *Nov* *THE BEATLES (ÁLBUM DUPLO)*
Back In The USSR; Dear Prudence; Glass Onion; Ob-la-di Ob-la-da; Wild Honey Pie; The Continuing Story of Bungalow Bill; While My Guitar Gently Weeps (Harrison); Happiness Is A Warm Gun; Martha My Dear; I'm So Tired;

Blackbird; Piggies (Harrison); Rocky Raccoon; Don't Pass Me By (Starkey); Why Don't We Do It In The Road; I Will; Julia; Birthday; Yer Blues; Mother Nature's Son; Everybody's Got Something To Hide Except Me And My Monkey; Sexy Sadie; Helter Skelter; Long Long

Long (Harrison); Revolution 1; Honey Pie; Savoy Truffle (Harrison); Cry Baby Cry; Revolution 9; Good Night

1969 *Jan* *YELLOW SUBMARINE*

Yellow Submarine; Only A Northern Song (Harrison); All Together Now; Hey Bulldog; It's All Too Much (Harrison); All You Need Is Love; Pepperland; Sea Of Time; Sea Of Holes; Sea Of Monsters; March Of The Meanies; Pepperland Laid Waste; Yellow Submarine In Pepperland

Out *ABBEY ROAD*

Come Together; Something (Harrison); Maxwell's Silver Hammer; Oh! Darling; Octopus's Garden (Starkey); I Want You (She's So Heavy); Here Comes the Sun (Harrison); Because; You Never Give Me Your Money; Sun King; Mean Mr Mustard; Polythene Pam; She Came in Through the Bathroom Window; Golden Slumbers; Carry That Weight; The End

1970 *Mai* *LET IT BE*

Two of Us; Dig a Pony; Across the Universe; I Me Mine (Harrison); Dig It (Lennon, McCartney, Harrison, Starkey); Let It Be (versão dois); Maggie Mae (arr. Lennon, McCartney, Harrison, Starkey); I've Got a Feeling; One After 909; The Long and Winding Road; For You Blue (Harrison); Get Back (versão dois)

EPs

1967 *Dez* *MAGICAL MYSTERY TOUR* (dois EPs)
Magical Mystery Tour; Your Mother Should Know; I Am The Walrus; The Fool On The Hill; Flying (Lennon, McCartney, Harrison, Starkey); Blue Jay Way (Harrison)

NOTA: Outros 12 EPs foram lançados, mas apenas um contém uma música ("I Call Your Name", no EP *Long Tall Sally*) que não faz parte de um LP ou single.

Músicas de Lennon e McCartney gravadas por outros artistas:
Até abril de 1968, havia mais de mil gravações diferentes de canções de Lennon-McCartney feitas por outros cantores, grupos, orquestras ou bandas. A música mais popular era "Yesterday", que havia sido gravada por 119 artistas diferentes, que vão desde Pat Boone, Johnny Mathis e Connie Francis a Kenneth McKellar, Big Ben Banjo Band e a Banda da Guarda Irlandesa.

O Top Dez em popularidade para gravação por outros artistas

Título	*Número de gravações diferentes*
Yesterday	119
Michelle	80
A Hard Day's Night	57
Can't Buy Me Love	52
I Want To Hold Your Hand	46
All My Loving	43
And I Love Her	42

She Loves You 39
Help! 32
Please Please Me 28

Créditos de imagens e agradecimentos

O autor gostaria de agradecer a Paul, Ringo, Yoko Ono, Olivia Harrison e à Apple por lhe permitirem continuar a usar material com direitos autorais.

A editora também gostaria de agradecer a outros indivíduos e agências pelo uso de suas fotografias. Todo cuidado foi tomado para estabelecer a propriedade exata de cada imagem, mas pedimos desculpas se omitimos qualquer pessoa e, se formos informados, faremos as correções em todas as edições futuras. A menos que indicado de outra forma, as fotografias são da Coleção Hunter Davies.

Créditos das imagens do encarte
Stanley Parkes
Sean Mahoney (Beat publications)
United Press
JL Davis
Peter Bruchmann
Yoko Ono
Cumbrian Newspapers Limited
Ringo Starr
John Lennon
Cheshire Observer – Mark Lewisohn Collection
Paul McCartney

Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

The Beatles

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/142597ED443586-the-beatles

Wikipédia do autor
http://pt.wikipedia.org/wiki/Hunter_Davies

Sobre os Beatles
http://www.thebeatles.com/

Wikipédia dos Beatles
http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Beatles